

# A Testemunha



**(Os Bastidores do Julgamento de Joana d'Arc)**

**Mário Cuervo**

# A Testemunha

(Os bastidores do julgamento de Joana d’Arc)

Mário Cuervo

Data da publicação: 7 de junho de 2019

**EVOC – Editora Virtual O Consolador**

Rua Senador Souza Naves, 2245 – CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

[www.oconsolador.com](http://www.oconsolador.com)

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

C972t	Cuervo, Mário A Testemunha (Os bastidores do julgamento de Joana d’Arc) Mário Cuervo. - Londrina, PR : EVOC, 2019. vii, 532 p. : il.
	Capa: tela <i>Joana d’Arc interrogada pelo Cardeal de Winchester na prisão</i> , de Paul Delaroche (1824).
	1. Religião. 2. Idade média. 3. Joana d’Arc, 1412-1431. 4. França-religião-história-1431. I. Título.
	CDD 200 19.ed.

Bibliotecária responsável: Maria Luiza Perez CRB9/703

Registrado no Escritório de Direitos Nacionais sob o nº 506.328, livro 1.161 folha 353.

## EM DEFESA PRÉVIA

Falar de *Joana d’Arc* é uma temeridade. Ainda mais para um ilustre desconhecido, que tem a ousadia de entrar num debate vivo e candente cujo foco é uma personalidade histórica responsável por uma das mais formidáveis polêmicas de todos os tempos, capaz de agregar, entre partidários e detratores, nomes da altura e grandeza de Shakespeare, Voltaire, Anatole France, Schiller, Mark Twain, Bernard Shaw, Érico Veríssimo (só para citar alguns), e que, mais de meio milênio depois, continua alimentando discussões e atiçando a imaginação de historiadores, escritores e artistas.

Na verdade, poucas figuras da História do Ocidente conseguiram semelhante façanha. *Sua* passagem pela Guerra dos Cem Anos, tão fugaz quanto surpreendente, ofuscou de tal forma *seus* contemporâneos que, desde o início, gerou, entre amigos e inimigos, partidários e detratores, juízos sempre ardentes e apaixonados. Apesar disso (ou talvez por isso),

*...bem se pode afirmar que, logo em seguida à sua reabilitação por Calisto III, e como se a França tivesse saldado a sua dívida para com a pastora, que por ela vivera e sofrera, Joana d’Arc começou a ser esquecida. A sua memória devia ser mesmo importuna à coroa e às classes nobres. Ter recebido um trono, e um trono hereditário, das mãos de uma guardadora de ovelhas, nunca pode ser uma recordação agradável para uma velha casa real. O clero, esse não tinha senão interesse em que se estabelecesse um pesado silêncio sobre aquela santa, que ele queimara por um desses enganos tão frequentes nos cleros constituídos, desde o pavoroso engano do Gólgota<sup>1</sup>.*

Em consequência desta conspiração de silêncio que se estendeu pelos séculos seguintes, *sua* história foi paulatinamente mergulhando num limbo nebuloso onde, por fim, acabou confundida com um sem-número de lendas piedosas, enquanto *seus* Julgamentos, tanto o de Condenação como o de Reabilitação, jaziam esquecidos entre mil outros alfarrábios em velhas bibliotecas de acesso restrito.

Por esta razão, os autores deste período (como Shakespeare na primeira parte da trilogia “*Henry VI*”, Voltaire em sua “*La Pucelle d’Orléans*” e Schiller em “*Die Jungfrau von Orleans*”), ao abordarem o tema, criaram obras tão presas a pontos de vista particulares que, por fim, pouco ou nada tinham em comum com a verdade histórica afora os nomes dos personagens.

Foi somente na primeira metade do século XIX, graças aos trabalhos de Jules Michelet e, sobretudo, de Jules Quicherat (o qual realizou a obra titânica de rever e verter para o francês moderno ambos os Processos), que, pela primeira vez, o público não especializado pôde ter acesso a fatos e informações até então sepultados sob a grossa poeira de quatro séculos de ignorância.

Se, por um lado, isto reavivou o interesse pela figura de Joana d’Arc, por outro, longe de encerrar as discussões, tornou-as mais vivas e acesas, de tal forma que, ainda hoje, como nos séculos anteriores, livros, peças teatrais e agora também filmes insistem em alterar e deturpar *sua* história visando à defesa das teses mais curiosas e originais, dificultando o se chegar a um juízo justo e equilibrado.

Por tudo isso, se alguém me dissesse, até setembro de 2004, que eu teria o atrevimento de escrever um romance a respeito *dela*, ter-lhe-ia respondido com um

<sup>1</sup> Eça de Queirós, Cartas Familiares de Paris.

educado sorriso incrédulo. De fato, apesar do fascínio que *sua* história me desperta desde a infância, por mim mesmo jamais teria tamanha audácia. Mas, desde a Grécia Antiga sabe-se que as Musas<sup>2</sup> são todas mulheres, e como tais, têm seus caprichos.

Esta obra temerária, com pretensões a romance histórico, tem por objetivo apresentar os fatos, as entrelinhas, os bastidores do Processo de Condenação de Joana d'Arc pelos olhos de seus Juizes, de modo a permitir ao leitor do século XXI a compreensão do modo de ver, sentir e pensar do século XV, sem o que, como bem disse Anatole France, torna-se impossível entender um tempo que não é mais o nosso.

Contudo, por mais que tenha me esforçado por seguir o mais perto possível da realidade, tentando conciliá-la com a inspiração artística (para mim, obrigação de todo romance histórico), admito que em determinadas partes pedi licença à História para tomar liberdades e fazer retoques literários. Não sem íntima apreensão, sabendo bem que historiadores competentes e sérios, caso se dessem ao trabalho, poderiam facilmente apontar a dedo onde me desviei da fria verdade dos fatos.

Nem penso em refutá-los. Antes, assino uma confissão completa. Quase toda a Primeira Parte bem poderia estar inclusa nas *Vidas Imaginárias*, de Marcel Schwob (se ele aceitasse). Igualmente, nas divergências entre as fontes consultadas, dei-me o direito de escolher aquilo que melhor atendia aos interesses da narrativa, e não me furtei de assinalar outros pontos nos quais sacrifiquei a verdade histórica no altar da criação artística.

Em minha defesa, invoco o argumento shakespeariano de que sou (ou antes, tenho a pretensão de ser) um romancista, não um biógrafo, menos ainda um historiador. E, se é verdade que a História é sempre escrita pelos vencedores, então retomo a tese de Vera Moll: *...a nós, escritores, cabe contar a história do vencido*.

Por motivos meramente literários, optei pelos tratamentos **tu** e **vós**, que, embora soem pedantes no Brasil de hoje, ainda são naturais na Europa e, portanto, mais próximos da época e da situação onde a história se passa. O primeiro tem caráter íntimo, familiar; o segundo, formal; e a forma **você** nos demais casos, geralmente em sentido desdenhoso. Pelas mesmas razões, mantive os nomes próprios na grafia dos seus idiomas originais, e para a acusada, a forma arcaica *Jehanne*, por ser assim que *ela* assinava (embora nunca aprendesse a ler, aprendeu, todavia, a assinar o próprio nome).

Ao transformar o discurso indireto do texto jurídico no direto do romance, deparei-me por vezes com respostas longas, que, à primeira vista, iam além do que fora perguntado. Levando em conta que, de acordo com as testemunhas, Joana d'Arc normalmente já era “circumspecta e pouco loquaz”, perante um tribunal que *seu* instinto segredava não ter outro objetivo senão condená-la, é pouco provável que falasse mais do que o estritamente necessário. Então, é lógico deduzir que os notários, a fim de facilitar seu trabalho sem falseá-lo, por vezes condensavam diversas respostas em um só bloco. Tendo em vista apresentar o momento da forma mais realista possível, desmembrei cada um destes blocos reproduzindo as prováveis perguntas que motivaram as respostas.

Embora nem por sonhos pretenda comparar este romance com as obras dos autores supracitados, reconheço que é o trabalho mais longo e pretensioso que completei até o presente, no qual empenhei o melhor do meu talento, da minha dedicação e do meu amor. Assim mesmo, não sei se os tive bastantes para fazer deste um romance pelo menos aceitável. Para meu consolo, serve lembrar que outros ilustres desconhecidos também um dia ousaram temas grandiosos, ainda que sem sucesso. Se for o caso, posso me alinhar com estes últimos e não ocuparei espaço indevidamente,

<sup>2</sup> Na Mitologia Grega, as nove filhas de Zeus e Mnemósine, personificam as Artes e a inspiração. Hoje, por extensão, qualquer figura feminina (real ou imaginária) que inspira o artista.

consolando-me com o mandamento do velho Jonathan Swift: *Bem-aventurados os que nada esperam, porque não se decepcionarão.*

Por tudo isso, não foram poucas as dúvidas e as hesitações que precisei vencer para aceitar o risco e enfrentar o debate, e se a coragem não me faltou, devo-o àqueles que me apoiaram no início deste trabalho (de outra forma, provavelmente teria ido juntar-se aos muitos esboços de romance que jazem até hoje esquecidos na gaveta). Em particular, à querida amiga Fabíola, primeira pessoa a incentivar a elaboração deste romance; à Kátia, pela valiosa ajuda na hora das traduções; ao amigo e Mestre Cel. Panizzutti (in memoriam), que revisou a terceira versão desta obra; por fim, à Lola, que, por um prodígio de paciência e de amor maternal, acompanhou todas as versões que esta obra sofreu, emprestando os ouvidos a todas as minhas ansiedades e incertezas sempre acudindo com uma palavra de bom ânimo e incentivo, oferecendo o apoio de uma opinião honesta e sincera.

Se o candidato a leitor aceitar estes argumentos, o resto dependerá unicamente da minha muita ou pouca habilidade em cativá-lo e envolvê-lo. Mas, quanto a isso, a ele pertence a palavra final.

*Mario Cuervo*

Resende, 19 de julho de 2009.

*Se levarmos em consideração... as circunstâncias de sua vida — sua origem e juventude, seu sexo, o fato de não ser letrada, o ambiente em que cresceu, os obstáculos que precisou superar contando apenas com seus dons, para ter as vitórias que teve nos campos de batalha e nas guerras diante da justiça — Joana d’Arc se nos apresenta, de longe, como a pessoa mais extraordinária que a espécie humana já produziu em todos os tempos...*

*...o ser mais nobre que já passou por esse mundo, à exceção de Um.*

Mark Twain

*Doentia, histérica, ignorante, Joana d’Arc, mesmo queimada pelos padres e traída pelo seu rei, não merece as nossas simpatias. Nenhum dos ideais, nenhum dos sentimentos que a Humanidade hoje inspira guiou a alucinada mística de Domrémy. Sustentando um Valois contra um Plantagenet, o que praticou de heroico, ou, sequer, de louvável?... Aquela virgem estéril só amava a religião e o exército, os santos-óleos e o arcabuz. O fato de haver expirado numa fogueira dá motivo para que dela nos compadeçamos, não para que admiremos. Portanto, abaixo o culto a Joana d’Arc! Abaixo a lenda da Pucela! Abaixo a histeria contrária à Natureza e à razão!...*

Henri Bérenguer

*Caso (Joana) tivesse idade suficiente para perceber o efeito que estava produzindo nos homens que humilhava por estar com a razão quando eles andavam errados, e tivesse aprendido a lisonjeá-los e a lidar com eles, decerto teria vivido tanto quanto a rainha Elizabeth (I)... podemos, pois, aceitar e admirar Joana como uma jovem camponesa sadia e perspicaz, dotada de fortaleza de espírito e resistência física extraordinárias. Tudo quanto fazia era rigorosamente calculado. Ainda que seu processo mental fosse tão rápido que mal lhe dava tempo para ter consciência dele... era mulher de reflexões e não de impulsos cegos... (mas) sua falta de educação escolar a tornava impotente quando se tratava de lidar com organizações de um artificialismo bem urdido como o eram as grandes instituições sociais e eclesiásticas da Idade Média...*

Bernard Shaw

*Quando Franz Hartmann visitou o templo da Boêmia, encontrou-se com Paracelso, Joana D’Arc e muitos outros Adeptos vivendo em carne e osso nesse monastério sagrado... Joana D’Arc é uma Mestra de Mistérios Maiores da Fraternidade Branca... Quando Joana D’Arc desencarnou na fogueira em que foi queimada viva, viu-se rodeada de Mestres que a levaram ao templo da Boêmia. Desde então, ela vive com seu corpo físico ultrassensível nesse templo na companhia de todos os Irmãos Maiores.*

Samael Aun Weor

## CENÁRIO HISTÓRICO

Para se entender o papel de Joana d'Arc dentro do contexto histórico do século XV, é preciso recuar alguns séculos. Tudo começa em 1066, quando Guilherme, o Conquistador, Duque da Normandia, conquista a Inglaterra e se torna seu rei, dando início a uma situação que, séculos depois, se tornaria deveras delicada: o Rei da Inglaterra era, ao mesmo tempo, Duque da Normandia, e como tal, vassalo do Rei da França.

Antes de tudo, porém, é preciso ter em conta que na Idade Média ainda não há Estados no sentido atual do termo. Os reinos são pouco mais que uma colcha de retalhos formada pelos feudos, cujos vínculos entre si e com o poder central é frouxo: cada senhor feudal tem plena soberania dentro de seu feudo e deve apenas limitada vassalagem a seu rei, cuja autoridade só é absoluta nos territórios diretamente sob sua suserania, e não em todo o reino como seria mais tarde na Idade Moderna (por isso, dizia-se então que *o vassalo do meu vassalo não é meu vassalo*). E, no seio do povo, ainda não existe o conceito de nação: pouco mais enxerga além dos arredores da paróquia onde vive, e sua lealdade é devida ao senhor feudal a quem está diretamente sujeito. Não havendo ainda o conceito de pátria (esta palavra seria empregada pela primeira vez no próprio reinado de Carlos VII), entende-se por que, no início da Guerra dos Cem Anos, alguns feudos alinham-se pela Inglaterra, outros pela França, outros ficam neutros, sem nenhum drama de consciência.

No entanto, se a autoridade legal do rei é limitada, a autoridade moral é tremenda. Afinal, dentro do espírito da Idade Média, o rei, **uma vez sagrado pela Igreja**, passa a ser o lugar-tenente de Deus no reino, e estar contra ele é estar contra o eleito de Deus. Daí a importância da sagração do rei em Reims, da qual Joana d'Arc fora a grande artífice e que foi um passo decisivo para a união nacional que permitiu à França emergir vitoriosa do conflito e tornar-se **de fato** uma nação.

No século XIV, os problemas latentes vêm à tona. Em 1328, morre o rei da França Carlos IV, último da dinastia dos Capetos, sem deixar sucessores diretos. É sucedido por seu primo, Felipe de Valois, como Felipe VI. Mas Eduardo III, rei da Inglaterra, reclama o trono como neto, por parte de mãe, de Felipe IV, o Belo, pai do finado. O verdadeiro motivo do conflito era a região de Flandres, verdadeiro “cachorro de dois donos”, pois era ligada comercialmente à Inglaterra e politicamente à França, e cobiçada por ambas as coroas por ser importante produtora de lã.

Por fim, em 1337, Felipe VI invade a Guyenne (feudo pertencente ao rei inglês), dando início oficial à Guerra dos Cem Anos. Após uma série de marchas e contramarchas pouco expressivas, em 1346 acontece a grande Batalha de Crécy, na qual os franceses são destruídos. Mas quase logo entra em cena a Peste Negra, que devasta a Europa (1349-1351), forçando a uma trégua não formalizada.

Em 1350, Morre Felipe VI, sucedido por seu filho João II, o Bom. Em 1356 o conflito reacende: em outra grande batalha, em Poitiers, os ingleses, sob o comando do Príncipe Eduardo, filho do rei inglês (chamado “Príncipe Negro”, pela cor de sua armadura), obtém outra esmagadora vitória e capturam o próprio rei francês. Mas, em 1360, pela Paz de Bretigny, Eduardo III abdica de suas pretensões à coroa francesa, recebendo em troca possessões equivalentes a um terço do território francês.

Em 1364, morre João II, sucedido por seu filho Carlos V, o Prudente. O Condestável Bertrand du Guesclin assume o comando das forças francesas, dando início a uma nova fase da guerra, na qual seu grande talento militar recupera para a França a maior parte dos territórios perdidos.

Uma série de mortes altera mais uma vez a balança do conflito. Em 1376 morrem o “Príncipe Negro”, e, no ano seguinte, Eduardo III, sucedido por seu neto menor de idade, Ricardo II. Quatro anos depois, é a vez de du Guesclin e Carlos V, privando a França de uma liderança bem sucedida. Herda o trono francês seu filho, Carlos VI.

Seguem-se 35 anos de trégua não oficializada, pois ambos os reinos mergulham em graves crises internas. Na Inglaterra, o fraco Ricardo II é deposto em 1399 por seu primo Henrique de Lancaster, que assume o trono como Henrique IV. Nem todos, contudo, aceitam de boamente a mudança, e levantes internos obrigam o monarca inglês a deixar de lado seus interesses na França. Esta, por sua vez, se defronta com a demência de Carlos VI, que obriga a Corte a nomear uma regência, cobiçada e ferozmente disputada numa luta de bastidores que polariza a nobreza da França: de um lado, Luís, Duque de Orléans e irmão do Rei, cujos partidários seriam mais tarde chamados *armagnacs*; de outro, João-sem-Medo, Duque de Borgonha e primo do Rei (seus seguidores são alcunhados *borguinhões*).

Neste ponto começa este romance.



## INTROITO

*Para sentir o espírito de um tempo que já não existe, para fazer-se contemporâneo dos homens de outrora [...] a dificuldade não está tanto no que é preciso saber do que no que é preciso não saber mais. Se nós quisermos verdadeiramente viver no século XV, quantas coisas devemos esquecer: ciências, métodos, todas as conquistas que fazem de nós modernos! Devemos esquecer que a terra é redonda e que as estrelas são sóis, e não lâmpadas suspensas em uma abóbada de cristal, esquecer o sistema do mundo de Laplace para só crer na ciência de São Tomás de Aquino, de Dante e daqueles cosmógrafos da Idade Média que nos ensinam a criação em sete dias...*

Anatole France

## Basílica de Latrão<sup>3</sup>, 1449

O homem idoso deslocava-se em passos que se arrastavam ao longo dos corredores luxuosos daquele palácio considerado o lugar mais sagrado do mundo, no qual reinava como senhor absoluto. O que não o impedia de senti-los, com o passar tempo, cada vez mais longos e sombrios. Suas vestes suntuosas pareciam por vezes vergá-lo, dando-lhe um ar ainda mais cansado e envelhecido que de costume. Jamais pudera supor que, depois de tão penosa escalada até o topo do poder e da glória, fosse-lhe possível afadigar-se ainda mais tão somente para manter-se nele.

Todos os dias era-lhe exigido olhos de lince e ouvidos de tísico, ininterruptamente atentos para tudo quanto o rodeava: desde as entrelinhas de uma mensagem aparentemente laudatória aos olhares e cochichos trocados por seus Cardeais; nomeações, petições e outros “ões” recheados de duplo, triplo sentido, cujas consequências, por mais imprevisíveis que fossem, tinham que ser medidas e avaliadas com o rigor de uma partida de xadrez, na qual bastava um único lance descuidado para que se perdesse vantagens arduamente conquistadas e se mergulhasse de cabeça na derrota.

“Estou velho e cansado”, pensou Sua Santidade, o Papa Nicolas V<sup>4</sup>. “Cansado de ser o gladiador que, para manter-se vivo, necessita matar um leão por dia todos os dias, sem descanso”. Todo aquele poder sem paralelo em toda a Cristandade, que sacralizara até seus próprios pés a tal ponto que beijá-los era um privilégio concedido unicamente a reis; que transformara cada palavra de seus lábios na própria voz de Deus na Terra; que fazia soar em seus ouvidos a música dos títulos de Sua Santidade, Bispo Universal, Vigário do Cristo, Sumo Pontífice, Sucessor do Príncipe dos Apóstolos; tudo isso, à força de se repetir diariamente ao longo de três anos, por fim havia se tornado tão insosso quanto uma iguaria que estivesse obrigado a comer dia após dia por todos os anos de vida que ainda lhe restassem. “*Por quanto tempo mais?*”, perguntava-se entre um suspiro e outro.

Por isso, sempre que vislumbrava nos olhos de seus Cardeais a mesma fagulha de inveja e ambição que tivera outrora, pensava maldosa e vingativamente que acabariam por descobrir por experiência própria o quanto pesava aquela tiara de tríplice coroa<sup>5</sup> que lhe apertava o crânio e lhe encurvava a espinha cansada do peso dos anos e das lutas, forçando-o a se apoiar na férula papal, mais como bengala do que como símbolo de seu poder absoluto.

E como se não bastassem tantos problemas graves, as milhares de coisas miúdas que era chamado a resolver. Olhou para o maçudo volume de pergaminhos que trazia na mão direita, fazendo-o curvar-se ainda mais. Agora, essa súplica feita por uma tal Isabelle Romée, simples camponesa de França, mãe de uma jovem queimada como herege e relapsa sob os auspícios daquele covil de raposas eclesiásticas chamado em todo o Ocidente “*a mãe dos estudos, o sol do conhecimento, a cidadela da fé Católica, a filha primogênita dos Reis*”, a Universidade de Paris. O fato em si seria uma banalidade, se não tivesse por pano de fundo uma guerra interminável entre França e Inglaterra que o forçava a manter-se em delicado equilíbrio entre ambos, já que há um século a luta prosseguia favorecendo ora um lado, ora outro, sem que ainda estivesse definido um vencedor.

---

<sup>3</sup> Sede da diocese do Bispado de Roma (cujo Bispo é o Papa) e, até a sagração da Basílica de São Pedro, em 1626, a sede do Papado.

<sup>4</sup> Tommaso Parentucelli, Papa de 1447 a 1455. Ajudou a reconstruir Roma, arruinada pelas muitas guerras, e a transformá-la num centro de cultura humanista do Renascimento na Itália.

<sup>5</sup> **Tiara Papal** ou **Triregnum**. Seu uso teve início no século XIV e foi um dos símbolos do poder do Papa. Mas, desde Paulo VI, seu uso, embora não abolido, encontra-se abandonado.

A quem interessava complicar algo tão simples? Afinal, o veredicto fora aprovado e louvado por aquela que, gostasse ou não gostasse, era a mais prestigiosa universidade do mundo cristão, e a última coisa no mundo que desejava era reacender as brasas mal extintas dos recentes conflitos da Santa Sé com aquele ninho de serpentes clericais. E, sobretudo, um dos Juizes devia há vários anos uma soma vultosa, que Sua Santidade ainda tinha a esperança de receber, embora o devedor já estivesse morto. Mais seguro era não tomar qualquer decisão, pelo menos enquanto a guerra não se definisse e o pagamento não chegasse.

Felizmente, o Rei francês, questionado a respeito, extraoficialmente deixou claro que, conquanto desejasse uma solução favorável, tinha interesse maior ainda em não se envolver diretamente. O que era um grande alívio, pois, do contrário, estaria no meio de uma briga entre dois leões sem saber qual o mais forte. Assim, podia dar-se ao luxo de protelar indefinidamente uma resposta até que as coisas se aclarassem ou o problema já houvesse passado às mãos de seu sucessor, quem quer que fosse.

Sua Santidade, por fim, alcançou o amplo dormitório, mal se apercebendo da rotineira maciez dos espessos tapetes que forravam o piso; do monótono colorido das grandes tapeçarias que cobriam as paredes; ou da quotidiana grandeza da cama de dossel cujas cortinas de seda bordadas com seu brasão protegiam de olhares indiscretos o vasto colchão de plumas, os lençóis de linho e os coxins de penugem que todas as noites acolhiam seu corpo. Apenas passou os olhos pelas diversas arcas<sup>6</sup> ricamente decoradas que se distribuíam regularmente pelo aposento, deixou-se cair sobre a grande cadeira acolchoada, colocou o maço de pergaminhos sobre os joelhos, tirou do cinto um grosso molho de chaves e com duas delas destrancou um baú ao seu lado, de cujo interior tirou uma jarra de vinho e uma taça, servindo-se quase de um trago só. A seguir, respirou fundo, apoiou os pés em outro grande baú próximo e tomou mais uma vez nas mãos o volume que o intrigava, olhando-o com atenção. Sim, se não fosse enviado por quem foi, jamais aquele calhamaço teria chegado às suas mãos e provavelmente nem sequer tomaria conhecimento de sua existência. O que, sem dúvida, teria sido uma canseira a menos.

De fato, por que esperava que um assunto de tão pouca importância merecesse a atenção do Vigário do Cristo, a cujas mãos chegavam, dia após dia, mil outros assuntos muito mais relevantes e inadiáveis? Afinal, que diferença faria para o Vaticano a reabilitação de uma camponesa a mais ou a menos queimada por heresia? Se se fosse perder tempo em estudar miudezas desse tipo caso a caso, séculos se passariam antes que se pudesse fazer qualquer outra coisa.

Enfim, suspirou fundo e passou a ler as primeiras linhas:

*Eu, Frei Martin l'Advenu, humilde e submisso filho da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, pertencente à Ordem dos Frades Pregadores, afirmo sob juramento que esta confissão, escrita e selada pelo finado Padre Nicolas l'Oiseleur, foi-me confiada pelas próprias mãos do mesmo com o objetivo de fazê-la chegar às mãos de Vossa Santidade a fim de revelar-vos a verdade sobre o conluio em que, contra a verdade, a justiça e a sã doutrina, todos nós nos enleamos para, à sombra da Igreja, condenarmos em julgamento eclesiástico a ré Jehanne d'Arc, chamada a Donzela, embora sabendo-a inocente dos crimes que lhe foram imputados, a fim de atendermos aos interesses políticos da Coroa da Inglaterra e, dessa forma, auferirmos vantagens mundanas e pessoais. Em benefício da verdade toda e inteira, acrescentei alguns reclamos<sup>7</sup> referentes às coisas de que fui testemunha ou tive conhecimento verdadeiro. Tudo isso afirmo e juro com a mão direita sobre as*

---

<sup>6</sup> O baú, ou arca, era o móvel por excelência numa época em que o mobiliário, mesmo entre as classes mais favorecidas, era muito escasso. Servia de guarda-roupa, de armário, de assento e até de mesa.

<sup>7</sup> Galicismo cuja ideia aproximada exprime anotações feitas com a intenção de serem re-escritas mais tarde de forma mais ordenada.

*Sagradas Escrituras como sendo a mais absoluta verdade, sob pena de danação eterna da minha alma...*

Sua Santidade leu e releu este primeiro parágrafo, inquieto. A curiosidade espicaçava-o a continuar. Mas fazê-lo obrigá-lo-ia a tomar uma decisão de risco. Não que não fosse capaz de tomá-la, caso contrário, nunca teria sido mais que um simples padre. No entanto, qual a necessidade de se comprometer com reinos poderosos por causa de tamanha insignificância? E, afinal, o que um simples padre entende das necessidades políticas em torno das quais gravitam Reis e Papas? Um campo onde, mesmo quando se quer, nem sempre é possível agir de acordo com os princípios da virtude e da justiça...

De onde tirara a inspiração para tal argumento? Depois de forçar a lembrança, veio clara a resposta. Era o mesmo usado por Caifás<sup>8</sup>. Sim, realmente devia estar mesmo ficando velho, por permitir que tais coisas pudessem perturbá-lo. Afinal, por mais que as Escrituras fossem santas, não podia esquecer, por questão de sobrevivência, que era preciso agir e viver num mundo que não era o delas, se é que algum havia sido alguma vez...

Olhou para os pergaminhos, enquanto a curiosidade que o levava a ler travava batalha com a conveniência política que o mandava deixar de lado. Sim, era mais cômodo deixar que tudo continuasse como estava até que se definisse por si mesmo. Não daria resposta definitiva. Havia mil maneiras de lentificar as coisas. Este era um problema que deixaria para seu sucessor resolver.

Quem seria? Seus Cardeais deitavam-lhe olhares de abutres para um animal moribundo. Sim, era um homem idoso, mas não tinha a menor dúvida de que muitos, senão todos, estariam perfeitamente dispostos a dar uma ajuda à Natureza. Afinal, já fora um deles. Por isso, cada vez que tocava num prato, ou se servia de uma taça de vinho, nunca deixava de pensar que poderiam conter o mesmo tempero especial que facultara ao seu irritadiço antecessor a paz do sono eterno.

Qual deles herdaria seu cetro e seus problemas? Examinava-os todos, particularmente aquele valenciano gentil e agradável, Alfonso de Borgia y Cavanilles<sup>9</sup>, astuto e perigoso precisamente porque não demonstrava sê-lo. Sempre que Sua Santidade pensava no assunto, seu instinto político segredava-lhe que aquele homem seria o próximo Papa. Quase logo parou de beber, ergueu a taça de vinho ao nível dos olhos e passou a olhá-la fixamente, tentando adivinhar se, apesar de todas as precauções, lhe teriam acrescentado umas tantas gotas próprias para antecipar a viagem àquilo que, eufemisticamente, chamavam Eternidade. Quanto àqueles papéis, o que fazer com eles enquanto isso?

Depois de algum tempo, depositou a taça no baú mais próximo, ajoelhou-se gemendo ao lado da vasta cama e puxou para fora um baú menor, que destoava dos demais pelo aspecto despojado. Destrancou-o, abriu-o, jogou dentro dele o maço de pergaminhos e trancou-o novamente, tornando a empurrá-lo para debaixo do leito e a guardar o molho de chaves dentro das vestes.

Em verdade, levaria mais de um lustro para que este baú fosse novamente aberto, e aqueles pergaminhos tornassem a ver a luz do dia...

---

<sup>8</sup> ...*Convém que morra um só homem pelo povo, e que não pereça a nação toda.* Novo Testamento, João, 11:50.

<sup>9</sup> Mais tarde Papa Calisto III (1455 a 1458). Em seu curto pontificado pregou uma cruzada contra os turcos, divulgou o Catolicismo na Escandinávia e canonizou São Vicente Ferrer, mas favoreceu pelo nepotismo sua família, (um seu sobrinho, Rodrigo Bórgia, foi mais tarde o tristemente célebre Papa Alexandre VI). Segundo biografias póstumas, teria excomungado o cometa de Halley em sua aparição de 1456, considerando-o um agente do Diabo, o que não passa de uma anedota histórica.

## Uma Aldeia Qualquer no sul da França, 1442.

*Em pancadas de bronze, lentas e cadenciadas, o sino anunciava ao povo do vilarejo o toque vespertino do Ângelus, e os camponeses, levando aos ombros enxadas e pás, voltavam aos seus casebres, aproveitando os últimos clarões vermelho-alaranjados do Sol para guardarem as ferramentas e se prepararem para a Santa Missa. Faziam-no quase sempre cantando, apesar de serem camponeses, o que significava dizer que conviviam familiarmente com todas as misérias da vida, contra as quais pouco mais podiam fazer além de clamar, muitas vezes em vão, na Ladainha de Todos os Santos: da fome, da peste e da guerra livrai-nos, Senhor!*

*Debruçado à janela de minha casa, espalhava os olhos em torno daquela movimentação ativa, mas discreta, à qual o céu cada vez mais escuro fazia parecer um formigueiro, enquanto tentava descobrir o que me parecia tão estranhamente melancólico e familiar naquele pôr-do-sol, ao ponto de me despertar tão forte sensação de algo que voltasse a acontecer depois de tanto tempo, de que tentava em vão lembrar-me.*

*Não lutei contra semelhante sentimento. Há muitos anos a melancolia é parte integrante de meus dias. Viver era uma luta que valia a pena ser travada quando eu era jovem, cheio de sonhos e disposto a enfrentá-la. No entanto, hoje sou um homem velho, já travei a grande batalha da minha vida, fui derrotado e sei que não haverá mais outra chance.*

*Talvez meu coração adivinhasse que aquele era o dia escolhido pelo Senhor para trazer mais uma vez para diante dos meus olhos os fantasmas do meu passado. Tive um vislumbre do que me esperava quando meus paroquianos adentraram a pequena igreja de nossa aldeia e escutei uma voz de mulher a chamar por um nome que quase me fez paralisar:*

*— Jehanne!*

*Estaquei, olhando imóvel, procurando em vão, enquanto voltava a mim. Afinal, aquele era um nome deveras vulgar. Já me sentia recuperado do susto, quando, ao passar os olhos pela congregação, durante o tempo de um piscar de olhos pareceu-me ter visto um vulto em hábito negro, cujo rosto vagamente familiar me fixava. Passei os olhos adiante e de súbito pareceu-me havê-lo reconhecido, um frio susto correu-me pela espinha e tornei depressa ao ponto onde o vira, mas apenas me deparei com os rostos conhecidos de meus camponeses a conversar discretamente entre si. Busquei com os olhos pelas vizinhanças, porém não o vi mais.*

*Celebrei a Missa da maneira habitual, e já tinha praticamente esquecido o episódio, quando, após o “missa finis est”, com a saída de meus paroquianos ficou a descoberto o vulto em hábito negro num assento da última fileira, rosto coberto por um chapéu e voltado para o chão. Dirigi-me a ele, incomodado por estranho misto de angústia e curiosidade.*

*O desconhecido percebeu minha atitude e se levantou, dirigindo-se a mim de rosto baixo, mas nos aproximamos um do outro tão lentamente que o último paroquiano já havia se retirado e apenas um acólito guardava os cálices, quando ficamos frente a frente e o visitante falou, de forma lenta e pausada:*

*— Um irmão da nossa Santa Madre Igreja pede-vos pousada por essa noite.*

*Meu coração disparou tão logo ouvi aquela voz que me pareceu terrivelmente familiar, mas não quis reconhecê-la e respondi no tom mais neutro que encontrei:*

— *Minha casa é pobre, porém jamais nega hospitalidade. Sê bem-vindo, irmão.*

*O estranho só então tirou o chapéu e levantou o rosto para mim, sorrindo. Olhei bem para ele, mas no primeiro momento foi com alívio que não reconheci aquela cara enorme, à qual o nariz e os lábios grossos, o queixo grande e a testa larga davam-lhe um ar bastante rústico. Mas, ao prestar atenção em seu sorriso, em seu olhar, meu coração outra vez disparou e minha testa cobriu-se de suor. Foi como voltar em instantes a um tempo que eu mais do que tudo queria desesperadamente esquecer.*

*Quase deixei escapar um murmúrio indiscreto de assombro, mal conseguindo acreditar no que se havia transformado aquele rosto no qual, apenas onze anos antes, a delicada harmonia quase feminil das linhas emoldurava um sorriso discreto e um tanto melancólico, por cujos lábios escapava a modéstia com que, em voz quente e adocicada, parecia desculpar-se pela sólida bagagem intelectual que vez por outra deixava entrever. Quem não o conhecesse, tomá-lo-ia facilmente por um noviço ou um padre recém-ordenado, ébrio de idealismo, e não hesitaria em lhe atribuir as mais nobres qualidades de alma.*

*Vendo-o mais uma vez depois de tantos anos, foi impossível não evocar de imediato a figura de seu senhor, mesmo porque quase sempre eram vistos juntos, formando um contraste gritante. “Lá vai Monsenhor com seu cão de guarda”, dizíamos então à socapa. Cheguei a olhar em volta, estranhando não vislumbrar o Bispo corpulento, queixo proeminente, nariz grosso, rosto gordo sanguíneo de tal forma dominado pelos olhos cinzentos que podia passar num átimo do pai afável e bonachão ao senhor poderoso e implacável.*

*O visitante estendeu-me os braços e saudou-me, com seu timbre de voz animado e inconfundível, mesclado com um laivo de ironia:*

— *Prezado irmão Martin l’Advenu!... Há quanto tempo!...*

*Ouvir meu próprio nome em seus lábios foi uma experiência mortificante, sobretudo por imaginar a razão que o trazia a mim. Com certeza não era uma visita afetuosa a um velho amigo. Tentei preparar-me interiormente para escutar de seus lábios uma ordem peremptória de retorno à mesma Rouen de onde saíra anos antes para dar cumprimento a uma missão ordenada pessoalmente pelo Reverendíssimo Senhor Arcebispo, da qual jamais voltei para apresentar-lhe resultados. Aquele seu sorriso escarinho parecia ler meus pensamentos, e para livrar-me dele, num tremendo esforço interior voltei minha atenção para o acólito, que já tinha terminado de guardar as coisas e, a uma distância respeitosa, mas cheio de curiosidade, aguardava a nossa saída para trancar as portas. Disse-lhe então:*

— *Hoje eu mesmo fecharei a igreja. Pode retirar-se.*

*Ele tratou de obedecer, um tanto lentamente, enquanto eu acompanhava-o até a saída. Quando ele finalmente desapareceu nas sombras, tranquei a grande entrada, voltei e fechei a pequena porta dos fundos por onde sairíamos, guardando as chaves com tão evidentes demonstrações de preocupação que o visitante finalmente rompeu o silêncio:*

— *Ainda receias ouvidos indiscretos, caro irmão? Os tempos mudaram...*

*A ironia das últimas palavras irritou-me bastante e respondi sem pensar:*

— *Os tempos mudaram e nós também, irmão Nicolas l’Oiseleur.*

*Assustei-me ao perceber, mas era tarde. Ele sorriu francamente ao falar, mais para si mesmo, embora olhando para mim:*

— *Sinto-me aliviado agora. Cheguei a crer que o irmão l’Advenu realmente não me houvera reconhecido.*

*Contrariado comigo mesmo, retruquei, áspero, querendo atingi-lo:*

— *Por um momento, foi mesmo verdade. O tempo tratou-te muito mal, irmão. Vi que fui bem sucedido ao ver aquela cara enorme crispar-se num sorriso amargo, enquanto respondia:*

— *Dize que foi o castigo de Deus, não me ofenderei.*

— *Ainda ousas falar em Deus? Ofendemo-Lo só por pronunciar Seu nome com nossos lábios! Só o Diabo ainda pode se interessar por pessoas como nós!*

*Incomodava-me deveras aquele sorriso, com o qual me respondeu:*

— *Meu irmão, para ter pão e teto por uma noite será preciso lembrar?...*

— *Consegues esquecer? — retruquei, cortando-o.*

— *Quisera ter essa felicidade!... Porém, o que ganharemos trocando acusações recíprocas? Podemos lavar as próprias culpas apontando para as de outrem?*

*Olhamo-nos vis-à-vis.*

— *Nem toda a água do Mosa ou do Loire seria bastante para lavar a menor parcela de nossa infâmia, ainda que, talvez, nem todos se mortifiquem por isso.*

*Somente então ele desfez o sorriso ao responder, em tom contido:*

— *Sim, podes me achar o último dos celerados, mas — por essa alma que começo a suspeitar que tenho! — se afixo ao rosto a máscara do cinismo, é tão somente para resistir à tentação de atentar contra a própria vida, juro-te!*

*Estive a pique de lhe perguntar que jura ainda seria sagrada para uma laia como a nossa, mas me contive. Contudo, se meus lábios se calaram, meus olhos devem tê-lo dito por eles, pois o visitante depressa continuou:*

— *Por caridade, l'Advenu! O que ganhamos em nos espicaçar na que, talvez, seja a última vez que nos vejamos?*

*Aquela frase, no tom angustioso com que foi pronunciada, atingiu-me mais do que eu esperaria. Mas, de fato, vários de nós havia já havia partido para a grande prestação de contas com o Tribunal Divino, e para mim e ele esta hora não devia andar longe. Mas eu devia também perante as leis eclesiásticas, o que, supunha, meu colega viera lembrar-me e, por mais que o temor me aconselhasse a protelar o quanto pudesse, optei por fazer frente o quanto antes ao inevitável:*

— *Sim, tens razão. Teremos no Inferno toda a Eternidade para trocarmos quantas acusações quisermos. Mas, como me descobriste nesta aldeia?*

*Outra vez aquele sorriso a me ferir como uma lâmina, ao responder:*

— *Meu caro l'Advenu, a Igreja é católica, ou seja, universal. Isto quer dizer que tem mais olhos do que Argos<sup>10</sup> e mais braços do que um polvo, que abarcam toda a extensão do mundo que geme sob o peso da Cruz. Se não viemos antes, não foi porque ignorássemos teu paradeiro.*

*Tentando manter uma calma que estava longe de sentir, desejando que meu hábito não me revelasse o suor frio que sentia escorrer pelo corpo, prossegui:*

— *Se é assim...*

— *É assim, e bem o sabes — cortou ele, mas me deixou continuar.*

— *Neste caso, o que te traz a mim, afinal?*

*Como não respondesse de imediato, insisti, num tom de amarga ironia:*

— *Deixa-me adivinhar! És portador de uma ordem peremptória do reverendíssimo senhor Arcebispo para me levar de volta a Rouen, e, por mais que teu coração sangre de dor pelo amigo, em nome da santa obediência tens que cumpri-la!*

---

<sup>10</sup> Na Mitologia Grega, gigante de cem olhos, os quais nunca se fechavam todos ao mesmo tempo, permitindo-lhe descansar sem deixar de ver o que acontecia. Foi morto por Hermes, (que conseguiu adormecê-lo tocando flauta) e transformado em pavão (em cujas asas estão desenhados seus inúmeros olhos). É a metáfora da vigilância que jamais relaxa.

*Ainda aquele sorriso ao me responder, sacudindo negativamente a cabeça:*

— *Então, achas que vim para isso! Que péssimo adivinho...*

*Retruquei, atordoado:*

— *Bem, se não é para isso... para quê, então?*

*Por mais difícil que pudesse parecer, seu sorriso tornou-se ainda mais escarinho ao responder:*

— *Definitivamente, não entendeste. É verdade que tua atitude não foi exatamente um modelo de obediência eclesiástica, pois ficaste devendo explicações em Rouen. No entanto, se tivéssemos real interesse em ti, achas mesmo que ainda estarias nesta aldeia? Na melhor das hipóteses há muito estarias numa cela a pão e água, com saudades da luz do sol. Então, tranquiliza-te, temos preocupações muito mais sérias do que dar-te o devido corretivo.*

*Tão funda a sensação da própria insignificância que, por um momento, teria preferido a volta a Rouen com todas as consequências. Depois de breve silêncio, ele retomou a palavra, sorrindo melancólico:*

— *Ah, e como temos! A dura verdade é que, agora e só agora, nos damos conta de que tudo o que fizemos foi tomar fezes de cavalo por figos<sup>11</sup>.*

*Por mais que eu não quisesse me interessar por nada do que se passasse fora de minha aldeia, aquele desvio de assunto vinha a calhar e, parte por isso, parte pela curiosidade, investi no tema:*

— *Isso quer dizer?...*

— *...que mais uma vez **ela** provou que tinha razão. A guerra está definitivamente perdida para a Inglaterra.*

*Surpreendi-me.*

— *É possível afirmá-lo? Ainda pode haver reviravoltas, lembra-te de Agincourt<sup>12</sup>...*

*Acenou negativamente ao responder:*

— *Nem mesmo se o próprio Henry V<sup>13</sup> ressuscitasse dos mortos. Positivamente, tudo quanto podemos fazer é protelar a derrota final, mas ela é tão inevitável quanto o nascer do sol amanhã.*

— *O que te dá tanta certeza? — perguntei, intrigado.*

— ***Ela...***

— *Nunca acrediteste **nela!** — murmurei, surpreso.*

— *Os tempos mudaram, e nossas convicções têm que mudar com eles... afinal, não há argumentos mais brutais, nem mais esmagadores, do que fatos. Lembra-te de que **ela** profetizou uma grande vitória francesa num prazo de sete anos?*

— *E assim foi. No fim desse prazo perdemos Paris, e, com ela, a Universidade.*

— *Até Monsenhor quase caiu prisioneiro, mas teve sorte e conseguiu sair de lá...*

— *Pela segunda vez<sup>14</sup>.*

*O visitante surpreendeu-se, depois sorriu melancolicamente ao prosseguir:*

---

<sup>11</sup> Referência ao provérbio da época (*fezes de cavalos não são figos*), tem o sentido de dar valor ao que não tem.

<sup>12</sup> Batalha travada em 25 de outubro de 1415, na qual os ingleses, apesar de em grande desvantagem numérica, graças ao hábil comando do rei Henrique V, obtiveram vitória tão esmagadora que deveria ter sido decisiva para a Guerra dos Cem Anos, mas foi a última grande vitória dos ingleses neste conflito.

<sup>13</sup> Rei inglês idealizado por Shakespeare na peça “Henrique V” (1387-1422).

<sup>14</sup> Vide páginas 70 e 469.



— Sim, é verdade. Mas, desta vez, sabendo que não vai voltar. Não haverá outra Agincourt. Sem ilusões, meu caro l'Advenu. Alguns anos a mais ou a menos e perderemos tudo quanto tínhamos ganho, e talvez até mais. Exatamente como *ela* disse.

— Desde então tudo anda tão parado... — murmurei.

— Para ti, para os que vivem ilhados numa aldeia perdida no meio do nada. Mas não para aqueles que sabem o que se passa no seio da política. Essa pausa é só uma aparência. *Ela* teve razão em tudo o que falou. Aliás, desde que *ela* entrou em cena, nunca mais tivemos uma vitória sequer...

— Tivemos. Esqueceste dos muros de Paris? E de la Charité?

— Essas vitórias não foram nossas! Devemo-las à camarilha de Charles VII<sup>15</sup>!

— Charles VII!... Poderíamos imaginar que um dia o então “rei de Bourges”<sup>16</sup> nos obrigaria a reconhecê-lo como o legítimo Rei da França?...

Sua resposta foi tão cínica quanto a minha pergunta:

— Bem... para podermos tirar algum proveito dos fatos, é preciso aceitá-los como tais. Afinal, é tolice tentar salvar navio que os ratos abandonam...

— Dizes... o tratado de Arras?

— E que mais?

— Estiveste lá? — perguntei timidamente, num sussurro.

Novamente aquele sorriso escarninho, à guisa de resposta.

— E... o que realmente aconteceu, lá dentro?

Ele sorriu, satisfeito com a minha curiosidade, assentou-se num dos bancos, ao que eu o imitei sem perceber, e respondeu:

— França, Borgonha e Inglaterra lá se reuniram para discutir a paz, na presença dos Legados do Papa. Muitos conhecidos nossos estavam lá, Monsenhor inclusive. Courcelles<sup>17</sup>, aliás, falou a favor da paz com o brilho de sempre, enquanto Erart respondeu-lhe de forma bem pouco gentil, também como sempre. Os ingleses tentaram fazer de conta que ainda estavam nos dias de Agincourt, fazendo exigências que não estavam em condições de impor; acabaram repreendidos pelos Legados Papais e retiraram-se da conferência. Assim que eles deram as costas, Philippe le Bon<sup>18</sup>...

— O bom de vasso, queres dizer, — interrompi — tem mais amantes do que dedos, e é o feliz pai de uma dezena e meia de bastardos! Ou é bom em algo mais?

— Política, por exemplo. Tanto assim que, na hora certa, livrou-se de um aliado inconveniente e de uma causa perdida, em troca de um tratado muito bom com a Coroa francesa...<sup>19</sup> — prosseguiu o visitante, sorrindo escarninho do trocadilho.

Ficamos um pouco em silêncio, depois ele prosseguiu:

— Em suma: Borgonha, como de costume, cruza os braços e assiste à luta na plateia, pronta para aplaudir o vencedor; e os ingleses que se arranjam sozinhos como possam, mas, para eles, a derrota final é simples questão de tempo.

— Quando *ela* o disse, parecia impossível. Como poderíamos supor?...

— Somos forçados a admitir que *ela* nos avisou em alto e bom som.

<sup>15</sup> Rei da França de 1422 a 1461, chamado O Vitorioso, ou O Bem-Servido.

<sup>16</sup> Assim os adversários, por escárnio, referiam-se ao Delfim Carlos, em alusão à nesga de território sob seu domínio antes da fulminante arrancada de Joana d'Arc, e de sua coroação como Carlos VII. Vide páginas 71-72 e 106.

<sup>17</sup> **Thomas de Courcelles:** Doutor em Teologia e uma das maiores luzes da Igreja francesa da época (1393-1469). **Guillaume Erart:** Doutor em Teologia. Não confundi-lo com Guillaume Evrard (vide nota 182) ou com Erart Emengart (Mestre em Artes e Bacharel em Teologia, vide página 315).

<sup>18</sup> Ou **Filipe III**, chamado **o Bom**, Duque de Borgonha de 1418 a 1467.

<sup>19</sup> Pelo Tratado de Arras, de 20 de setembro de 1435, a Borgonha abandonou a aliança com a Inglaterra.

Depois de um momento de silêncio, retomei a palavra:  
 — Mas não disseste ainda o que desejas. Ou devo acreditar que o Padre Nicolas l’Oiseleur, Mestre em Artes, Bacharel em Teologia, Cônego<sup>20</sup> de Rouen e Chartres, veio apenas fazer uma visita a um velho conhecido, só para matar saudades?  
 Seu sorriso tornou-se uma careta amarga quando me cortou:  
 — Corrigindo: *ex-Cônego de Rouen.*  
 Não pude conter o pasmo.  
 — Também tu perdeste!...  
 — Perdi — falou antes que eu terminasse. — Por que a surpresa? Política, vento e sorte têm esse mau costume de mudar sem dar aviso.  
 Respondi, relutante:  
 — Com *Beaupère*<sup>21</sup> aconteceu o mesmo, mas ouvi dizer que ele recuperou...  
 — Ouviste certo — interrompeu-me de novo, com um ríctus estranho à guisa de sorriso.  
 — ...então, talvez ele pudesse te ajudar...  
 — Mas ajudou, nem precisei pedir! Judas não teria ajudado melhor! Ajudou tão bem que recuperou seu posto em troca do meu! Contudo, não é disso que vim tratar. Preciso de um favor teu.  
 Estranhei e perguntei:  
 — Mas, o que um simples cura de aldeia pode fazer por alguém como a ti?  
 — Aquilo que uma grande autoridade não pode. Vim confiar-te um documento. Levantei-me do assento tão rápido quanto a coluna dolorida permitiu, dizendo-lhe a tremer:  
 — Não! Jurei nunca mais me envolver em nada que diga respeito à política!...  
 Ele sorriu e respondeu, com um gesto mole da mão que eu conhecera fina e delicada, e agora se assemelhava à de um britador de pedras:  
 — Acalma-te. Não é nada político. É puramente pessoal.  
 Tornei a me sentar, com algum alívio. Ele então abriu um alforje, tirou de dentro um grosso maço de pergaminhos e disse:  
 — São minhas memórias. Ou minha confissão, se preferires.  
 Vacilei antes de tomá-los nas mãos e perguntei:  
 — E por que a mim? Afinal, admitamos, “prezado irmão”, nunca houve nem sombra de amizade entre nós.  
 — Admito, claro. Por que a ti? Perdoa-me dizê-lo assim, mas é por absoluta falta de escolha. *Midi*<sup>22</sup> seria a pessoa ideal, mas morreu há dois anos...  
 — De quê? — perguntei por inércia.  
 O rosto do meu interlocutor ensombrou-se ao dizer:  
 — *Lepra.*  
 Tremi ao ouvi-lo.  
 — ...*Alespée, Pierre Maurice, Erart e d’Estivet*<sup>23</sup> — e sorriu ao pronunciar este último nome — também já foram prestar contas a *Messire Lúçifer*. Quanto aos demais... bem, desde quando perdi meu posto em Rouen os demais esqueceram o

<sup>20</sup> Sacerdote responsável pelas funções litúrgicas mais solenes da catedral de sua diocese.

<sup>21</sup> **Jean Beaupère**, Cônego da igreja de Notre-Dame de Paris e Doutor em Teologia.

<sup>22</sup> **Nicolas Midi**, Doutor em Teologia e Cônego de Rouen.

<sup>23</sup> **Jean Alespée**, Licenciado em Direito, Vigário-Geral (vide nota 345) de Rouen, Cônego de Évreux, Bayeux, da igreja de Andely e cura de Hautot le Valois (1357-1434). **Pierre Maurice**, Doutor em Teologia, Cura da Capela de Saint-Pierre na catedral de Rouen e Capelão de Saint-Mathurin. **Jean d’Estivet**, Cônego de Bayeux e Beauvais.

*endereço da minha casa, unicamente Monsenhor de Lisieux ainda me visita de vez em quando...*

*— Quem? — perguntei, estranhando.*

*— Monsenhor de Lisieux! — respondeu, estranhando ainda mais minha ignorância.*

*Antes que eu lhe dissesse não saber quem era, lembrei-me, e a lembrança causou-me tal susto que falei baixo, como se temesse até o eco:*

*— Dizes, Monsenhor... Pierre Cauchon?*

*— E quem mais?*

*Após um hiato de silêncio, retomei o assunto, ácido:*

*— Levando em conta que os ingleses não ficaram satisfeitos com o trabalho dele, não foi um mau prêmio de consolação.*

*— Prêmio de consolação?... — retrucou ele, novamente escarninho.*

*— Ora, convenhamos! Não é segredo algum que eles lhe haviam prometido o Arcebispado de Rouen!*

*— Diga-se dele o que disser, foi o único que não me abandonou.*

*Ficamos um pouco em silêncio, depois olhei para os papéis e lhe perguntei:*

*— Queres unicamente que eu guarde tuas memórias?*

*Ele olhou em volta, levantou-se e chegou bem perto, abaixando a voz para dizer quase em meus ouvidos:*

*— Faze com que estes pergaminhos cheguem às mãos de Sua Santidade.*

*Aquele pedido me assombrou a tal ponto que passei a falar-lhe no mesmo tom:*

*— Mas... por que eu? Afinal, tu vives no seio da política, tens contato com pessoas tão poderosas e influentes, muito mais capazes de fazê-lo...*

*— Por isso mesmo não o posso. No momento, estou sob a estreita vigilância dos cem olhos desse novo Argos chamado Política, que fiscalizam todos os meus passos e não há Hermes capaz de adormecê-los. Por outro lado, eles não perdem tempo em vigiar alguém como... — hesitou, como se não achasse a palavra.*

*— Alguém como eu — concluí.*

*Respondeu apenas com um aceno afirmativo de cabeça. Insisti, cada vez mais em suspense:*

*— O que contêm estes documentos? Já disse, não pretendo me envolver em mais nada que diga respeito à política!*

*— Lê-os e verás.*

*— Mas... o que estes documentos têm de tão importante?*

*Ele hesitou, olhou atentamente em volta, suspirou e baixou a voz ao responder:*

*— Tudo o que fizemos.*

*— Dizes... em relação ao julgamento **dela**?*

*— E o que mais seria de interesse?*

*Pensei sobre tudo aquilo e perguntei, incrédulo:*

*— E Monsenhor te autorizou?!*

*Sua voz fez-se tão baixa que quase não pude ouvi-lo:*

*— Ele não sabe.*

*— Mas... neste caso, vais traí-lo?! — perguntei, tão baixo quanto ele.*

*Ele calou-se, olhou para as janelas, depois novamente para mim:*

*— E qual a diferença entre a traição e o heroísmo? Política, meu caro l'Advenu, simplesmente Política. Mas coerência não é um dos atributos desta velha deusa que tanto veneramos, portanto, nada impede que o herói de hoje seja o traidor de amanhã, e vice-versa. **Ela** própria não passou de camponesa a heroína, e de heroína a herege,*

*em apenas dois anos? — e, após uma pausa, prosseguiu — Mas, no presente caso, depende exclusivamente de ti.*

*— De mim? — perguntei, com assombro.*

*— Sim, de ti. Para ser mais exato, de não fazeres nada antes que se passe um, ou no máximo, dois anos.*

*Olhei para ele, achando estranho, e lhe perguntei:*

*— Em que isso fará diferença?*

*Demorou a responder:*

*— Toda a diferença! Mas não posso responder-te, há muita coisa em jogo!*

*Todo aquele suspense me inquietava, e eu temia pela minha segurança:*

*— Afinal, por que isso agora é tão importante? O que realmente está acontecendo?*

*Ele se mostrou impaciente ao responder:*

*— Não mo<sup>24</sup> perguntes, já to disse! Não posso responder!... Apenas, faze-o por mim, por **ela**, por todos nós, peço-te encarecidamente!*

*De repente, como quem vence a hesitação, falou:*

*— Faze da seguinte forma: lê, atentamente, e faze os reclamos que julgares úteis e necessários para a verdade dos fatos. Estes escritos precisam chegar às mãos do Santo Padre, mas não antes de um, ou no máximo dois anos. Caso eu não volte...*

*— Voltar? Vais para onde?*

*— Basileia.*

*— Fazer o quê? O Concílio não foi transferido para Roma<sup>25</sup>?*

*Ele hesitou, olhou em volta com visível receio e depois respondeu:*

*— Por que insistes tanto em perguntar?! Já disse que não posso responder-te coisa alguma! E, no fundo, algo me diz que... há muito em jogo e não sei sequer...*

*De repente se interrompeu, olhou em volta outra vez e tornou a dizer:*

*— De qualquer forma, peço-te para guardares estes pergaminhos até que eu mande enviá-los, ou, o mais provável, que recebas notícias minhas.*

*— Notícias... quais notícias?*

*— As que te digam que nem eu, nem Monsenhor, poderemos mais ser mais prejudicados por este documento.*

*Estranhei aquelas reticências todas e lhe disse:*

*— Tudo isso é muito misterioso...*

*— Não o será quando souberes. Confio no teu discernimento.*

*Respirei fundo e lhe disse:*

*— Então, que seja. Guardarei teus escritos e hei de lê-los, já que mo autorizas. Mas eu não passo de um simples cura de aldeia...*

*— Como já fui um dia, e prouvera a Deus que nunca houvesse deixado de lê-lo.*

*— ...como esperas que eu faça com que cheguem às mãos do Papa?*

*Ele tirou de dentro do mesmo alforje um anel e pô-lo na minha mão:*

*— Entregarás estes pergaminhos a determinada pessoa, junto com este anel. Ela fará todo o resto.*

*Olhei para o anel. Era simples, de ouro em liga, com os nomes de Jesus e Maria. Embora fosse um anel bastante comum, por um instante voltei de imediato no*

---

<sup>24</sup> Os pronomes **–mo** e **–ma**, **–to** e **–ta** e **–lho** e **–lha**, são pronomes combinados (no texto, equivale a *não me perguntes isto*), hoje em desuso.

<sup>25</sup> O Concílio de Basileia foi marcado por feroz disputa com o Papa Eugênio IV (vide nota 250 e páginas 477). Em 1437 foi transferido para Ferrara, no ano seguinte para Florença, e em 1442 para Roma, onde terminou em 1445.

*tempo àquele longínquo 1º de março de 1431, no Château de Rouen. Pareceu-me ouvir novamente a voz forte e imperiosa de Beaupère a questionar a prisioneira:*

“— Você tinha algum anel?

*Ela respondeu-lhe:*

— Tenho dois anéis, que me foram tomados quando fui presa. Um deles está com os borguinhões. O outro, em vosso poder. Este vos peço que me seja devolvido. Caso contrário, encarrego-vos de doá-lo à Igreja.

*Trouxeram um anel bastante comum e apresentaram a ela:*

— Por acaso é este?

— Sim.

*Mas quando fez menção de tomá-lo, mandaram guardá-lo de novo. O rosto da prisioneira mostrou decepção. Perguntaram-lhe a seguir:*

— E o outro anel, o que está com os borguinhões? Quem *lhe* deu?

— Meus pais.

— Há algo escrito nele?

— Sim, os nomes de Jesus e Maria.

— Quem os escreveu? — perguntou o inquiridor, em tom sarcástico.

— Não sei.

— Tinha alguma pedra nele?

— Não que eu me lembre.

— Quantas pessoas você curou com este anel?

— Jamais usei anel algum para curar ninguém.”

— *Sim, é o dela.*

*As palavras do visitante me assustaram, trazendo-me de volta à realidade.*

— *Tentei achá-lo tanto, sempre em vão! Como o conseguiste? — murmurei, perplexo.*

*À guisa de resposta, apenas aquele sorriso que tanto me irritava, ao qual retruquei, fazendo menção de devolver-lhe o objeto:*

— *Já que és tão astuto, por que tu mesmo não o fazes?*

— *Porque não posso ser visto com esta pessoa! — respondeu aflito, empurrando gentilmente a minha mão de volta — Quantas vezes terei que te dizer, não posso responder às tuas perguntas! Apenas, faze o que te peço! Não de imediato. Um ou dois anos podem esperar sem prejuízos. Porém, por ela, por todos nós, entrega-os, sem falta!*

— *E... se eu me recusar?*

*Olhamo-nos vis-à-vis por um tempo, e por fim ele me respondeu, afável:*

— *Concluiria que estás com saudades de Rouen...*

*Engoli em seco. Depois de longa hesitação, retomei o anel e perguntei:*

— *Entrego-os a quem?*

*Ele olhou em volta e cochichou o nome ao meu ouvido. Embora tantos anos tenham se passado desde então, ainda hoje tremo vivamente só de me lembrar, e a coragem me falta sempre que tento escrever este nome. Desta vez, o seu sorriso era cansado ao perguntar-me:*

— *Entendes, agora?*

*Apenas consegui fazer que sim com a cabeça, enquanto travava uma luta brutal para voltar a mim e raciocinar outra vez. Por fim, consegui-o perguntei-lhe:*

— *Porém..... por que tamanho empenho em fazer isto agora, depois de tantos anos, quando mal se lembram dela?*

*Ele fez menção de responder, mas vacilou e sacudiu a cabeça em negativa:*

— *Não, não haverias de crer em mim, e mesmo que a língua não diga, teus olhos me dirão que em boca de mentiroso até a verdade é suspeita.*

*Aquela hesitação não lhe era normal. De repente, ele pareceu-me subitamente envelhecido e cansado. Lembrei-me então de minhas obrigações como hospedeiro e, saindo pela pequena porta dos fundos, conduzi-o até minha casa. Em lá chegando, chamei o criado a fim de providenciar ao hóspede refeição e um leito. Suponho que um homem de gostos tão requintados deve ter apreciado pouco a simplicidade do que eu tinha para oferecer, mas, se assim foi, ao menos não se queixou.*

*Depois da ceia, ele ficou em silêncio até que dispensei o criado e vim-nos a sós de novo, em minha sala. Então, ele finalmente deixou de sorrir e disse-me, num tom que me surpreendeu deveras:*

— *L'Advenu, meu irmão... como foi que chegamos aonde chegamos? Como pudemos descer tanto?*

*Olhei-o, surpreso, enquanto ele continuava, nervosamente:*

— *Houve um tempo em que acreditaste, não? Também tiveste tuas ilusões, sonhaste com uma vida de santidade, eras Padre e tinhas orgulho em sê-lo, não?... Pois eu também...*

*Não sei o que ele leu em meus olhos que o levou a prosseguir como se estivesse em desespero:*

— *Sim, sei que, olhando para este que tens diante dos olhos, é difícil acreditar que um dia eu fui... aquele que já não sou mais!... Por que isto tinha que acabar assim? Ah, se era para me tornar isso que me tornei, era melhor não ter sobrevivido àquele dia...*

*Por um momento, ele pareceu mergulhar nas próprias lembranças e ficamos em silêncio por um tempo, até que ele como que voltou à realidade, encarou-me longamente e perguntou, sorrindo amargo:*

— *É mesmo bem difícil crer em mim, não? Não crês que o homem pode mudar com o tempo?*

*Hesitei em responder. Tentava em vão conciliar o caráter do homem que eu conhecia com a dolorosa sinceridade que sua voz expressava, e por fim respondi:*

— *Deveria crer, mas realmente é bem difícil. Não obstante, estou tentando...*

*E de repente, ele começou a falar, sem que eu o interrompesse. Talvez ele necessitasse disso desesperadamente, e minha curiosidade ajudou a satisfazê-lo...*

## **PARTE I**

### **O Padre**

*E o que foi semeado nos lugares pedregosos, este é o que ouve a palavra, e logo a recebe com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração; e sobrevindo a angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza.*

Mateus, 13:20-21

## Uma Vocação Sacerdotal

Nasci nos arredores de Chartres, filho cadete<sup>26</sup> de um dos muitos nobres a quem a guerra eterna deixara na ruína. Nunca cheguei a saber se ele possuía outras propriedades além do solar onde passei minha primeira infância, o qual, apesar de seu amplo tamanho, de seus numerosos cômodos e da imponência da torre que dominava a visão do entorno, tinha um interior cujo fausto e riqueza pouco se diferenciariam dos da habitação de qualquer lavrador.

Todavia, quer possuísse, quer não, isso em nada mudava o bom e velho princípio feudal: ao filho mais velho, o título e as propriedades; às filhas, marido ou claustro, dependendo do dote ou dos interesses da família; os filhos cadetes cuidassem de vencer os estreitos caminhos das armas ou da Igreja, únicas possibilidades reais de ascensão social; caso contrário, se arranjassem como pudessem. Talvez isso tivesse alguma relação com os estranhos acidentes e as doenças misteriosas que, à semelhança da décima praga do Egito<sup>27</sup>, vitimavam com inusitada frequência os filhos primogênitos justamente quando se aproximavam da vida adulta.

Minha mais remota lembrança vem de um dia em que todos choravam e se lamentavam a tal ponto que acabei por participar do coro, embora não tivesse idade ou entendimento para compreender por mim próprio o que se passava, tampouco aparecia alguém para me dar alguma explicação, até que, de repente, um vulto gigantesco, de chicote na mão, entrou na sala de tal forma que me assustei com o brusco silêncio que se fez, entrecortado apenas por soluços abafados com as mãos. Como eu ainda continuasse a soluçar, aquela coisa imensa dirigiu-se para mim, esmagando-me com um olhar tão irado que tratei de enxugar as lágrimas, e foi então que a tempestade doméstica teve início. A chibata ergueu-se no ar e atingiu meu corpo com tamanha força que cheguei a temer que me houvesse partido em dois, enquanto minha ama cobria-me com seu corpo, gritando-lhe:

— Messire, Messire, por quem sois!... Quereis matar o vosso filho?

Então, aquela voz de trovão encheu o ar:

— Meu filho?! Esse monstro não é meu filho, e sim de Satanás!

— O que dizeis, Messire?!

— Ele tem a marca de Satanás!

— Como assim? O que ele fez de errado, Messire?

— Está cega?! Não viu como ele enxugou as lágrimas? Com a mão esquerda, a mão do Diabo! Ela morreu por culpa desse canhoto filho do Demônio!

A ama ajoelhou-se diante dele, unindo as mãos em rogativa:

— Messire, ele é apenas uma criança!...

— Judas também foi criança um dia!

— Misericórdia, Messire!... É um inocente!...

Novamente, olhou-me do alto com aquele olhar que me esmagava, depois para a ama, gritando-lhe:

— Se fosse inocente, não traria a marca do Demônio!

— Piedade, Messire! Nós podemos corrigi-lo...

---

<sup>26</sup> Na época, filho não primogênito de família nobre. Hoje, aluno de escola militar de formação de oficiais de carreira.

<sup>27</sup> Morte dos primogênitos. Vide Velho Testamento, Êxodo, 11:05 e 12:29.



Olhou-me de novo de tal forma que, se olhar matasse, a história da minha vida, ao invés de ser o que foi, teria sido um modelo de brevidade e pureza digna dos Santos Inocentes<sup>28</sup>; e gritou para ela:

— Corrija-o você, antes que eu mande esse canhoto de volta para o pai dele!

Ao que ela obedeceu prontamente, levando-me para o seu dormitório, onde me deitou em seu catre, chorando e beijando-me. Somente anos depois, viria a saber que, naquele dia, minha mãe tinha acabado de morrer de parto, levando consigo meu irmão recém-nascido. A partir desse dia, minha ama procurava deixar-me o máximo possível fora das vistas dele, o que nem sempre era possível, pois, antes de dormir, tínhamos que lhe pedir a bênção. Das primeiras vezes, por que hesitei em fazê-lo, os lanhos da chibata ensinaram-me de forma prática a maneira pela qual ele interpretava o quarto mandamento do Decálogo; mas, quando o fazia, a tremer, ele trovejava inevitavelmente, carregando no olhar:

— Não sou seu pai, canhoto! Peça a bênção a Satanás, que é seu pai!

E, por mais que a ordem me horrorizasse, afora as hesitações iniciais prontamente corrigidas por seu instrumento favorito, jamais ele precisou mandar uma segunda vez: a chibata, por sua simples presença, pregava eloquente sermão acerca dos altos méritos desta sublime virtude cristã chamada obediência. Afora isso, bastava que acontecesse alguma coisa fora do seu agrado, fosse o que fosse, e ele mandava levar-me à sua presença, a fim de me educar segundo o versículo bíblico: *quem ama ao próprio filho, usa bastante o chicote para no fim se alegrar*<sup>29</sup>. Minha ama intervinha, suplicando, e ele então às vezes parava, mandando-me pedir perdão por minhas maldades.

Ela passava parte do tempo tentando corrigir-me, sempre que possível amarrando-me a mão esquerda<sup>30</sup>, e quando eu lhe perguntava, chorando, se era mesmo filho do Diabo, punha-me no colo dizendo-me que não, pois no batismo o pecado fora tirado de mim, mas que era muito importante usar a mão certa, senão eu poderia atraí-lo de volta. Ao mesmo tempo, me ensinava as orações, dizendo-me para rezá-las com frequência, a fim de espantá-lo. Quando ela não podia fazê-lo, Thomasse, minha irmã pouco mais velha do que eu, tomava a tarefa a seu encargo: vigiava até que a capela estivesse vazia para levar-me até lá, ajoelhava-se comigo, unia as minhas mãos e dizia as frases devagar para que eu pudesse repeti-las, e sempre que eu conseguia memorizá-las premiava-me com um mimo: uma flor, um pedaço de algum doce, ou um beijo no rosto, coisas que, para mim, valiam mais que todos os tesouros da Terra.

A melhor parte da minha infância transcorria na escola paroquial, onde, em companhia de uns três ou quatro meninos, recebia as primeiras instruções. Suponho que fossem filhos de burgueses, pois eram mais bem vestidos e nutridos do que eu. Evitavam-me, olhando-me de soslaio e, sempre que eu me aproximava por qualquer razão, faziam o sinal-da-cruz. Por vezes, ouvia em surdina a palavra “canhoto”, ao que respondia dizendo-lhes, também em surdina, “burgueses”. Mas, tivessem sangue nobre ou não, aprendíamos igualmente os rudimentos de gramática e aritmética sob o olhar sonolento de um velho padre que compensava o escasso dom de ensinar com generosas aplicações de sua vara sempre mais ativa que sua atenção.

---

<sup>28</sup> Referência às crianças massacradas em Belém de Judá, por ordem de Herodes, o Grande. Vide Novo Testamento, Mateus, 2:16-18.

<sup>29</sup> Velho Testamento, Eclesiástico, 30:1.

<sup>30</sup> Até relativamente pouco tempo atrás, nossas mães e avós ainda insistiam em “corrigir” este hábito, com métodos mais ou menos semelhantes.

Sempre que podia, às escondidas ensinava a Thomasse o que havia aprendido, tanto quanto me era possível, e sempre encontrava uma razão para também premiá-la com algum mimo, geralmente uma flor, uma pedra ou qualquer coisa chamativa que encontrasse no caminho. Eram horas bem agradáveis, comparadas com as demais que transcorriam no tédio quase monacal do solar, quebrado apenas pela voz do senhor meu pai a gritar ordens, ou pelo estalar do chicote, do qual jamais se separava (cheguei mesmo a pensar por um tempo que fazia parte do seu corpo).

Veza que outra, quando ele saía, os demais se reuniam no salão a fim de catar pulgas e piolhos das roupas<sup>31</sup>, aproveitando para conversar, rir e contar estórias que eu escutava deitando a cabeça no colo de minha ama (talvez o único privilégio do filho caçula) para que ela limpasse-a dos desagradáveis bichinhos. Gozava aquelas poucas horas com o coração oprimido, prometendo a Deus um número cada vez maior de Pai Nossos, Ave Marias e Credos para que meu pai se demorasse bastante, ou mesmo, se possível, não voltasse. No entanto, fossem quantas fossem as orações que eu promettesse, de repente alguém nos avisava que ele estava chegando. Então, agarrávamos as roupas e corríamos para guardá-las nos baús tão rápida e silenciosamente quanto possível, e a seguir cada qual procurava algo para fazer ou algum aposento para ir.

Esta rotina se estendeu por alguns anos, durante os quais tentava imaginar o que seria quando crescesse. Era ainda muito criança para saber que escolha é um privilégio dado a poucos. Empolgado pelas narrativas de meu irmão mais velho, havia mesmo sonhado por um curto tempo em ser um bravo Cavaleiro, até o dia em que me deparei com um destes heróis sentado na rua a pedir esmolas, mutilado numa das muitas escaramuças da época.

Assim correram os anos de infância, até que minha vocação religiosa se revelou de maneira deveras comum em nossa época: um belo dia, meu pai nos avisou que iria se aprontar para sair, ordenando à minha ama que me aprontasse para acompanhá-lo. Aquilo causou contida comoção em todos os presentes e despertou minha mais viva mescla de curiosidade e medo, pois ele não costumava lembrar-se de mim senão quando buscava um alvo para seu chicote. E, por mais que, aos cochichos, insistisse em perguntar à minha ama o significado de tudo aquilo, ela limitava-se a me beijar em prantos enquanto me arrumava. Quando terminou, olhou atentamente em volta, receosa, tomou um velho crucifixo que eu nunca vira antes, mandou-me beijá-lo e guardou-o nas minhas coisas, fazendo-me prometer que o guardaria com cuidado para sempre, pois era uma relíquia sagrada. Tão logo o fiz, meus irmãos entraram cheios de precauções, os olhos vermelhos cheios de lágrimas, para a seguir jogarem-se em meus braços, Thomasse a beijar-me o rosto seguidamente. No entanto, antes que me refizesse e perguntasse qualquer coisa, saíram às pressas como se fugissem de algo.

Dirigi-me à saída, vendo, receoso, que meu pai já estava ali, mostrando no rosto o quanto estava aborrecido por terem-no feito esperar. No entanto, fiquei bastante aliviado ao ver que desta vez trazia o indefectível chicote na cintura, e não nas mãos. Sem uma palavra, dirigimo-nos para a morosa e velha viatura que deveria nos levar ao destino, fosse qual fosse. Fizemos todo o trajeto sem que ele ao menos ele se desse ao trabalho de me dizer, ou eu me atrevesse a lhe perguntar, para onde estávamos indo, mas foi com visível alívio que, por fim, estacionamos diante do Mosteiro.

---

<sup>31</sup> As roupas eram lavadas no máximo duas ou três vezes por ano, pois o preço do sabão tornava-o artigo de luxo. Assim, viviam infestadas de pulgas e piolhos, e catá-los das roupas e das cabeças era uma atividade de lazer que reunia as famílias da época.

Com o coração aos pulos, cruzei os portões enormes e adentrei aqueles corredores, tão sombrios e silenciosos quanto os monges que passaram por nós sem emitir sequer um monossílabo. Assustado, curioso, excitado ante a ideia de que passaria a morar naquela construção tão grande que parecia prestes a me engolir, mal consegui prestar atenção à conversa entre o pai e o Prior até a hora em que pronunciaram meu nome. Voltei-me então, pensando que me dirigiam a palavra, porém, vi-me apenas olhado de alto a baixo por aquele desconhecido cujas linhas de rosto eram tais que, por um rápido momento, cheguei a confundi-lo com o genitor. A seguir, voltaram a falar entre si, ignorando-me de novo.

Sentimentos desencontrados me afetavam. Por menos que lamentasse deixar a casa em que vivera até então, excitado com a novidade e aliviado por me imaginar livre da assídua atenção da minha velha conhecida, a chibata, mas já saudoso das carícias da ama e de Thomasse, não sabia exatamente o que deveria falar ou fazer em termos de despedida. Julgava que meu pai estenderia a mão para que eu a beijasse e me desse uma última palavra, provavelmente em forma de ordem. Preocupação inútil, nem precisei mostrar meus talvez então escassos dotes de ator, pois ele, tão logo terminou de falar com o Prior, pediu-lhe a bênção, deu-me as costas, cruzou a porta e desapareceu.

Minha instrução monacal começou quase de imediato. Em parte aliviado com aquela partida, em parte temeroso ante aquele olhar gelado que me examinava de alto a baixo, sorri timidamente ensaiando uma saudação, mas, antes que chegasse a pronunciar um monossílabo, o primeiro ensinamento zurziu no meu rosto em forma de bofetada, tão sonora que ouvi entre zumbidos a ordem de jamais dirigir a palavra a um superior sem antes lhe pedir permissão, exceto se este o inquirisse. A seguir, voltou-se para um padre tão imóvel e silencioso que nem me havia dado pela sua presença (cheguei a me assustar quando ele se mexeu) e ordenou-lhe conduzir-me, ficando eu a me perguntar aonde.

Consegui mesmo sorrir ao incidente. O Prior tinha a mão pesada, é certo, mas o chicote paterno era-o muito mais. Estive a ponto de comentá-lo em tom de gracejo com meu acompanhante, mas me detive a tempo e baixei a cabeça. O outro, levantando a sua, sem, contudo, deixar ver o rosto, falou em tom seco:

— Aprendeu a primeira lição.

Andamos por alguns corredores, enquanto olhava para tudo, curioso, impressionado com a escuridão dos corredores, tentando entender para onde iam. Em dado momento, demorei-me a olhar para a extremidade de outro corredor por onde alguns monges seguiam. Outro tapa fez-me voltar à realidade, e enquanto me recompunha do susto, meu companheiro falou, soturno:

— O que o Reverendíssimo Prior lhe ordenou?

— Que vos acompanhasse... — falei à meia voz, baixando os olhos.

— Então obedeça e pare de contemplações fúteis! — disse com rispidez.

Chegamos à cela, que o outro abriu mandando-me entrar, dizendo:

— Quando for chamado, esteja pronto.

Olhando em volta da cela, esqueci-me e perguntei, distraído:

— E quando será?

Lembrei-me de súbito, mas era tarde e mais uma bofetada me atingiu um ouvido, enquanto tentava ouvir, aturdido, zozzo, o que o padre dizia:

— Você está aqui para obedecer, não para perguntar.

O simpático padre saiu a seguir, em passos tão silenciosos que contrastaram com o som da bofetada que ainda zumbia em meu ouvido. Aproximei-me do corredor, e vendo-o vazio, senti alívio e fechei a porta, passando a olhar atentamente para a cela

que seria minha pelos próximos meses. Deitei-me no catre forrado de palha e concluí que não era menos confortável que aquele em que dormira até então. Ao lado, um banco. Na parede, um gancho onde penduraria as roupas. Um pequeno baú contendo um hábito, o cilício<sup>32</sup> e um crucifixo. Um vaso destinado a aliviar o ventre. Provavelmente seria a mesma coisa em qualquer outro Mosteiro do mundo.

Olhei novamente para o baú, e meu primeiro impulso foi despir-me para vestir o hábito. Era para vesti-lo desde já, ou aguardar ordens para isso? Uma vez que já tinha sentido na cara o tipo de resposta que as perguntas recebiam, depois de alguma hesitação, concluí que vestes seculares dentro de um Mosteiro atrairiam indesejada atenção, e troquei de roupa.

Sentia o mais vivo desejo de saber como estava, mas certamente morreria sem que jamais viesse a possuir algo tão luxuoso quanto um espelho. Por isso contentava-me em me imaginar dentro daquelas vestes negras, enquanto me olhava ora de um lado ora de outro, dando alguns passos, gozando a sensação de ter sobre a pele, pela primeira vez, uma roupa consagrada a Deus. Ardia em desejos de sair assim pelos corredores, mas concluí pela prudência de refrear sensações e sentimentos.

Assim começou minha vida de postulante<sup>33</sup>. Não, em sã consciência não poderia dizer que estava insatisfeito. Excitado pelo sabor da novidade, conseguia rir-me intimamente mesmo das bofetadas recebidas, verdadeiras carícias se comparadas com o chicote do pai. Contudo, apesar da pouca idade, tinha a nítida consciência de que estava num mundo novo, diferente, a cujas regras ainda desconhecidas precisava me adaptar o quanto antes, se quisesse sobreviver.

Iria descobri-las por experiência própria nos meses seguintes. Uma das mais importantes é que o sino era o grande regedor da rotina diária. Antes mesmo do nascer do Sol, seus badalos despertavam-nos para as *Matinas*<sup>34</sup>, regulando, a partir de então, as horas de mais um dia a ser preenchido com ofícios religiosos, missas e trabalhos diversos, até o soar das *Completas*, quando terminava o último ofício e retornávamos no breu dos corredores ao silêncio de nossas celas.

À semelhança da casa de meu pai, as refeições transcorriam dentro do mais rigoroso silêncio, quebrado apenas pela voz de trovão do Prior, ou de outro padre por este indicado, para ler ou pregar; mesmo assim, pareciam sempre muito curtas, pois quando dois ou três tinham que compartilhar o mesmo copo, a mesma colher e a mesma tigela<sup>35</sup>, nem sempre os que estavam usando-os tinham pressa em passá-los aos que estavam à espera, e quando o Prior (por sinal bastante morigerado em termos de alimentação) levantava-se e saía, todos tínhamos que imitá-lo.

Duas vezes por ano (geralmente na Páscoa e no Natal) recebíamos ordem para tomar um banho. Mais do que isso não apenas faria mal à saúde<sup>36</sup>, como os físicos<sup>37</sup>

---

<sup>32</sup> Túnica, cinto ou cordão de crina, usado diretamente sobre a pele para fins de penitência ou mortificação do corpo.

<sup>33</sup> O candidato ao sacerdócio católico ingressa num mosteiro como **postulante**. Depois de seis meses, passa a **noviço** durante um ano ou dois. Ao fim do período, faz os votos solenes de pobreza, castidade e obediência, que o tornam padre.

<sup>34</sup> A vida diária em mosteiros e conventos ainda hoje é regida pelas **horas canônicas**, estabelecidas por São Bento no século VI. Sua aplicabilidade variava segundo o local e a época do ano, mas, em geral, o dia canônico tinha início com as **Matinas** (à meia-noite); vinham a seguir, em intervalos de aproximadamente três horas: as **Laudes**, as **Primas** (ao nascer do Sol); a **Terça**, a **Sexta**, a **Nona** (ou **Noa**), as **Vésperas** (ao pôr do Sol); e terminava com as **Completas**, aproximadamente às 21h00min.

<sup>35</sup> A escassez destes utensílios tornava este um hábito bastante comum às refeições, mesmo nas classes mais favorecidas. Vide nota 79.

<sup>36</sup> Crença da época. Vide nota 283.

<sup>37</sup> Antiga denominação dos médicos formados pelas Universidades.

eram unânimes em repetir; pior ainda, estaríamos imitando os detestáveis hábitos dos sarracenos<sup>38</sup>, cujos cuidados excessivos com o corpo eram prova do quanto desprezavam a alma; antes, imitássemos os santos anacoretas do deserto, que para tais luxos não tinham senão palavras de desprezo.

Naturalmente, por mais santas que fossem nossas vestes, nem por isso deixavam de hospedar pulgas, percevejos e piolhos como quaisquer outras. Em consequência, uma das provas mais difíceis era manter-se imóvel durante as missas, um dos momentos mais escolhidos pelos miseráveis bichinhos para fazerem sua festa particular. Por menos que nos coçássemos, sempre tinha alguém para ver e delatar ao Prior ou a um dos padres, os quais nunca se esqueciam, ao nos punir, de nos lembrar que *ter piolhos, conviver com pulgas e percevejos era uma das mais virtuosas manifestações de humildade, de santa conformação com a vontade de Deus*. O que não impedia-os de usar, às ocultas, tomilho ou infusão de folhas de beterraba para afastá-los, por mais que o Prior nos repetisse que *pulgas e piolhos foram também criados por Deus, e como não podem gozar a bem-aventurança do Céu, era crueldade privá-los dos poucos prazeres carnis ao seu alcance*.

Todas as noites, ao deitar-me, agradecia em prece os esforços de minha ama para corrigir-me o uso da mão. Caso contrário, agora certamente estaria sofrendo em acréscimo o mesmo tratamento dispensado a outros colegas menos felizes que eu sob este aspecto, aos quais, não obstante, evitava, receoso da influência do Maligno.

De toda forma, por mais ríspida e severa que fosse a disciplina, não me esquecia de que estava na Casa de Deus, para viver entre os ungidos do Altíssimo com o objetivo de tornar-me um deles, quem sabe mesmo um Santo. Em minha infância, sonhara algumas vezes com uma figura de mulher ou Anjo (parecia-me as duas coisas ao mesmo tempo), a me consolar sempre que era açoitado com mais força que a de costume. Acordava destes sonhos com as lágrimas ainda correndo pelos olhos, desejando ser levado por este ser maravilhoso que julgava ser ninguém menos que a própria Virgem Santíssima.

Estranho, o recordar-me dos sonhos da minha infância num momento assim... talvez fosse para me lembrar que minha presença ali era um claro sinal de que o Todo-Poderoso queria-me como um de Seus sacerdotes, dera-me a honra de ser um de Seus escolhidos. Portanto, me adaptaria a tudo o que fosse preciso para mostrar-me digno d'Ele, para servi-Lo com todas as forças, por mais difícil que fosse, e certamente seria...

Sim, apesar de tudo, mesmo que a escolha pudesse ter sido apenas minha, teria mesmo escolhido o claustro. Afinal, teria todas as vantagens: na Igreja, dentro da Casa de Deus, ser-me-ia mais fácil realizar os sonhos de estudar, aprender... e, sobretudo, ficar ao abrigo não só da violência que permeava o quotidiano de nossos dias, como também das armadilhas de Satanás. Quê de melhor e mais importante poderia conceber que a salvação de minha alma imortal? Teria, é claro, que fazer os votos de pobreza, obediência e castidade, o que, em última análise, não seria tanto sacrifício assim: com a primeira, convivia desde quando abri os olhos para a vida; para a segunda tive, na chibata do pai e na palmatória do padre, excelentes mestres; quanto à terceira, era a melhor forma de ficar a salvo daquele ser pecaminoso cujas perfídias e seduções converteram Adão de habitante do Paraíso Terrestre a errante nas selvas do mundo...

Passaram-se rápidos os meses de postulante, e o noviciado revelou-me algo mais daquele mundo ao qual, apesar de todas as dificuldades, me adaptava com rapidez. Divertia-me em marcar de uma forma só por mim percebida o número cada vez menor de lições que me eram ministradas no dia-a-dia por meio de tratamentos adequados,

---

<sup>38</sup> O fiel muçulmano deve limpar-se, na medida do possível, antes de orar. Vide O Alcorão, 5:6.

porém variáveis: ora bofetadas, ora atos públicos de penitência, ora privação das refeições, ora lavar os urinóis do Mosteiro...

(Fosse qual fosse a punição, era sempre justificada e santificada, nas palavras do Prior, pelo indefectível acompanhamento de algum versículo das Escrituras Sagradas: *Reprende o sábio, e ele te amará*<sup>39</sup>. *A vara foi feita para as costas dos insensatos*<sup>40</sup>. *Filho meu, não rejeites a disciplina do Senhor, nem te enojas da sua repreensão; porque o Senhor repreende aquele a quem ama, assim como o pai ao filho a quem quer bem...*<sup>41</sup> E se de fato *vara e repreensão produzem sabedoria*<sup>42</sup>, tive em criança grandes educadores e o Mosteiro forçosamente faria de mim um verdadeiro sábio.)

Uma das grandes felicidades que tive então foi a visita que fizemos à catedral de Chartres, um dos lugares mais santos da Cristandade, não só pela sua cripta com seu poço de águas milagrosas; mas, sobretudo, por guardar uma das mais veneradas relíquias do mundo cristão: a Túnica Sagrada, o vestido da Virgem Maria por ocasião da Natividade. Tão santa que salvou a cidade dos então ferozes pagãos normandos no cerco de 911, e se manteve incólume no terrível incêndio de 1194, que destruíra a catedral anterior e quase toda a cidade. Tão grande a nossa emoção ante a perspectiva de vermos com os próprios olhos coisa tão sagrada, quanto a decepção de saber que era privilégio exclusivo do Bispo e dos cônegos da Sé. Mas, à guisa de consolo, visitamos a cripta, onde nós e os peregrinos da ocasião tivemos o privilégio de ouvir missa e beber das águas santas do poço. E pudemos comprovar a santidade da catedral, tão forte que diversos de nós sentimo-nos tontear, não só na cripta como a seguir diante da imagem de Nossa Senhora do Pilar.

(Teria sido, talvez, o momento mais místico, mais espiritualizante de nossas vidas até então. Pena, contudo, que um dos noviços tenha observado à meia-voz, cheio de assombro, a cor negra da Virgem. Pois, tão logo pusemos os pés fora da catedral, o Prior chamou-o diante de nós para vibrar-lhe no rosto aquela resposta que tão bem sabia dar a todos os questionamentos, sob o olhar edificado dos cônegos presentes.)

Outra foi descobrir nos livros um mundo novo, imenso, antes apenas suspeitado, que eu começava a desbravar a um custo ao qual me adaptava, todavia: se errava uma lição, minhas mãos logo acolhiam o didático impacto da palmatória; e se acertasse (o que acontecia cada vez mais) então era esbofetado a fim de mortificar o orgulho e não me envaidecer. Embora os mestres nunca me elogiassem, pois elogios excitavam a vaidade, seu silêncio e a frequência cada vez menor de punições levavam-me a pensar que deviam estar satisfeitos, quiçá impressionados com o meu desempenho.

Aprendia, também, a me dominar, reprimindo todo e qualquer impulso emotivo. Se nos primeiros meses lágrimas ainda teimavam em visitar meu rosto, logo me faziam entender que qualquer expressão de desagrado, angústia ou tristeza dentro da Casa de Deus equivalia a rebelar-se contra Ele, e a rebelião era o pecado de Lúcifer, por isso merecedor dos mais severos corretivos, os quais, ao cabo de algum tempo, tinham me ensinado a guardar as lágrimas para o segredo da cela.

Aprendia, sobretudo, que não havia ordem errada ou impossível. Por mais difícil ou dolorosa que fosse, era para ser obedecida ao pé da letra. Afinal, por menos amáveis que fossem, ali eram todos ungidos de Deus, como eu próprio seria mais tarde, todos inspirados pelo Espírito Santo, e não ordenariam algo que não pudesse e não devesse ser

---

<sup>39</sup> Velho Testamento, Provérbios, 9:8.

<sup>40</sup> Velho Testamento, Provérbios, 10:13.

<sup>41</sup> Velho Testamento, Provérbios, 3:11.

<sup>42</sup> Velho Testamento, Provérbios, 29:15.

cumprido com a mais rigorosa exatidão. Apenas pecados horríveis como a falta de fé e a desobediência poderiam levar alguém a questionar a ordem de um superior.

No entanto, se quase todos os instrutores timbravam em mostrar sempre a mesma face austera, havia uma exceção importante. Padre Bernard, mestre dos noviços, sabia envolver a todos os discípulos com sua maneira encantadora de transmitir conhecimentos. Quando conversávamos, o velho padre tinha prazer em nos contar as mais formosas passagens das Escrituras, onde o amor do Cristo pela Humanidade era palpável e patente. Não era raro que voltássemos em lágrimas para a sua cela, a fim de meditarmos no imenso amor d'Aquele que se devotou a salvar, à custa de Seu próprio sangue, os homens do Pecado Original.

A doce emoção destes raros momentos não me impedia, contudo, de observar que em presença dos outros monges o velho sacerdote retraía-se em silêncio ou respondia por monossílabos. Não fosse absurdo, e julgaria que aquele mestre tão amorável não era estimado pelos demais. O que poderia haver de errado com ele? Afinal, por mais que o terceiro mandamento de misericórdia espiritual segundo Saint-Thomas d'Aquin<sup>43</sup> fosse *castigar os que erram*, o ensino do velho Padre falava-me ao coração muito mais do que as bofetadas, palmatórias e humilhações consideradas tão necessárias pelos demais para mortificar as imundas inclinações da carne.

Não que fosse indulgente ou condescendesse com nossas falhas, isso não. No entanto, sua maneira de nos falar e corrigir era tal que chorávamos, mais pela dor de termos decepcionado mestre tão amorável, do que pela penitência que nos fosse imposta, em geral por nós considerada tão branda que antes aumentava em nós a vergonha de ter pecado. Dizia-nos que a penitência pela penitência não passava de tortura, e tortura inútil enquanto o pecador não se arrependesse de haver caído em erro.

Por tudo isso, não era de se estranhar que os noviços dessem-lhe preferência quase absoluta para o momento da confissão, em detrimento dos demais padres, que, naturalmente, não viam o fato com bons olhos. Depois de algum tempo de ásperas advertências por parte do Prior (de início, acatadas graças ao medo, mas pouco a pouco novamente relaxadas), por fim este passou a sempre encontrar uma tarefa para o mestre dos noviços que o impedia de estar presente no momento de nos confessarmos.

Corriam aos cochichos lendas sobre lendas acerca dele, cada qual mais edificante do que a outra. Não tínhamos como saber, nem ousaríamos perguntar, mas dizia-se, entre outras coisas, que era filho da alta nobreza e fora um valente Cavaleiro cujas proezas na guerra cobriram-no de glórias, mas também de culpa pelo sangue derramado; segundo outros, filho primogênito, fora vítima de uma tentativa de envenenamento por parte de um seu irmão a quem muito amava, pelo que abraçou a Igreja, renunciando aos seus direitos para evitar um fratricídio; outros ainda atribuíam-lhe um amor infeliz, cujo desgosto quase levou-o a atentar contra a própria vida. Fosse qual fosse a história, todas tinham por desfecho um milagre ou uma visão que fê-lo renunciar às glórias do mundo a fim de se dedicar exclusivamente ao serviço do Senhor.

Os dois anos de noviciado quase voaram. Já um tanto próximo do dia de meus votos solenes, vendo certa vez o velho mestre trabalhando a sós na grande horta, criei coragem e me dirigi a ele, que, tão logo ouviu meus passos, voltou-se para mim, sorrindo e limpando a batina da terra:

— Sê bem-vindo, jovem Nicolas. Posso ajudar-te em algo?

Olhei em volta e, tendo certeza de que não havia ninguém a nos ouvir, comecei:

---

<sup>43</sup> Ou **São Tomás de Aquino**, considerado o mais alto expoente da Escolástica medieval. Reavivou a obra de Aristóteles, demonstrando ser possível conciliar a fé e a razão. Canonizado pela Igreja Católica, é um dos Doutores da Igreja, cognominado *Doutor Angélico* (1225-1274).

— Padre Bernard, vossa permissão para falar-vos — e, tendo recebido um gesto de aquiescência, prossegui, emocionado. — Poderíeis me ouvir em confissão?

— Certamente — disse o velho Padre, que, depois de um rápido olhar perscrutador ao redor, apoiou-se na enxada e voltou para mim seu rosto, onde o azul dos olhos fazia o mais vivo contraste com a neve dos cabelos e barba e a melancolia do sorriso: — Dize-me, que tens?

Aquilo me surpreendeu:

— Vós me ouvireis aqui... não no confessionário?

— A confissão sincera do pecador arrependido será ouvida pelo Senhor, mesmo que dita no meio do monturo.

Falou de forma tão afável que, em vez de usar as frases sacramentais, disse-lhe:

— Eu não sei se estou em pecado... contudo...

— Contudo?...

— O que aprendo de vossos lábios mostra-me uma realidade tão profunda e tão encantadora... não obstante, ao mesmo tempo parece-me que os demais não veem assim. Não que pretenda questionar-vos, mas o medo de errar angustia a minha alma e não consigo encontrar resposta...

Como eu demorasse a concluir, insistiu:

— Para o que não consegues encontrar resposta?

— Parece-me... perdoai-me, mas parece-me que o que vós me ensinai é uma coisa, e o que o Prior e os demais me dizem é outra completamente oposta e não estou conseguindo conciliá-las!

— E o que diz teu coração?

— Meu... coração, Padre?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Mas o coração humano é a fonte do pecado! Como é de carne, tem forçosamente a podridão da carne!

— Terá Deus dado coração ao homem tão só para de perdê-lo?

Não encontrei resposta. Senti-me aflito, angustiado, mas retruquei tentando manter a voz no mesmo tom:

— Não sei, Padre, estou confuso, não tenho resposta!

Foi a vez de o velho suspirar e olhar mais uma vez em volta, cauteloso:

— Verdade, meu jovem. Embora estejamos todos no mesmo Mosteiro, servindo à mesma Igreja, o que cada um vê com os olhos retrata segundo o que tem no coração, de forma que a mesma cena, vista por diferentes olhos, terá tantas versões quantas forem os olhos que a verem. No grande dia da Crucificação, a multidão dos curiosos terá enxergado apenas uma novidade para quebrar a rotina; os soldados, serviço extra; os políticos, a solução de seus interesses materiais; os desiludidos, a fraqueza do bem e a vitória do mal; mas muito poucos terão ali enxergado a redenção do Homem.

— Sim, mas... como conciliar minhas dúvidas e chegar à verdade?

— O que te diz a razão?

— Mas a razão não é inimiga da Fé?

— Não é o que diz Saint-Thomas d'Aquin. Pois, se assim fosse, o Senhor ter-nos-ia criado como os animais do campo, salvo se crês que foi o Diabo quem deu raciocínio ao Homem...

— No entanto, Saint-Augustin<sup>44</sup> disse que *se conhece melhor a Deus na ignorância*, e que *é preciso crer naquilo que não se entende...*

---

<sup>44</sup> Ou **Santo Agostinho**, teólogo, filósofo, autor e pregador de justificado renome, considerado um dos Pais da Igreja, punha a revelação e a fé acima da razão. (354-430).



— Uma frase fora de seu contexto é pasto para o sofisma, tal como a ovelha fora do redil é pasto para o lobo.

Por um momento, entrei em pânico e apressei-me em lhe dizer:

— Perdão, mestre, não tive a pretensão de refutar-vos, é que!...

Ele sorriu como meu pai jamais sorrisse para mim e, sem qualquer mostra de melindre, prosseguiu:

— Meu jovem Nicolas, por meio de Sua Palavra, o Senhor fala a todos os homens; mas cada qual ouve apenas aquilo que quer ouvir. Lembras-te da parábola do semeador<sup>45</sup>? As sementes são as leis de Deus, e nossos corações são onde elas caem. As sementes são sempre ótimas; no entanto, os resultados não dependem delas. Podem até germinar entre pedras e sobreviver entre espinhos, mas não poderão dar frutos a não ser em terra chã.

— Sim, mas aqui estamos na casa de Deus, sois todos ungidos do Senhor...

O velho Padre olhou em volta ainda outra vez ao dizer-me, quase aos cochichos:

— Filho, vou dizer-te algo que não deve ser dito a mais ninguém. Mesmo num mosteiro Satanás não fica todo o tempo do lado de fora. Mesmo aqui dentro, se há os que se esforçam por servir a Igreja para a glória de Deus, há também os que pretendem servir-se da Igreja para a glória de si mesmos. E entre esses dois grupos formiga a legião dos timoratos, nem bons o bastante para Deus, nem maus o bastante para o Diabo.

Aquilo me horrorizou, e murmurei num fio de voz:

— Como? Um padre não é o ungido de Deus, iluminado pela graça divina?

— Tomando ordens e vestindo o hábito sagrado, ele é chamado para sê-lo. Mas é a velha questão dos muitos chamados e poucos escolhidos<sup>46</sup>. *Filho, vai trabalhar na minha vinha*<sup>47</sup>, lembra-te?

Precisei de um longo silêncio para absorver a informação. Por fim, disse num fio de voz, fazendo o sinal-da-cruz:

— Se nem dentro da Casa de Deus estamos a salvo das tentações, onde estaremos?

— Em parte alguma.

Empalideci, enquanto o velho Padre continuava, sereno:

— *Não há Ordem religiosa tão santa nem lugar tão retirado onde não haja tentações e adversidades*<sup>48</sup>. E nem pode ser de outro modo, porque o sacerdote não provado pela tentação é como o soldado que não passou pela vivência dos combates. Para ensinarmos os homens a vencer suas tentações, temos primeiro que vencer as nossas...

— Padre, vós me assustais!...

— A verdade assusta por ser verdade, meu filho.

— E o que devo fazer, então?

— Jovem Nicolas, o bom soldado aprende antes da batalha quando e como usar as armas. Busco preparar-te da melhor maneira que sei para as lutas que Deus te reservou, mas não poderei, nem ninguém poderá travá-las por ti. O testemunho que o Senhor te exigir não poderá ser dado por ninguém mais...

— Tenho lido e estudado tanto quanto posso.

---

<sup>45</sup> Novo Testamento, Mateus, 13:03-23.

<sup>46</sup> *Porque muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.* Novo Testamento, Mateus, 22:14.

<sup>47</sup> Novo Testamento, Mateus, 21-28.

<sup>48</sup> *Imitação de Cristo*, atribuído a Frei Tomás de Kempis (1379-1471), Livro I, 13:02.

— Essencial, mas por si só, insuficiente. Pois muitos passam a vida a recitar as Santas Escrituras cheios de alarido, mas vazios de essência. Como bem disse o Apóstolo, *são como o bronze que soa ou como o címbalo que retine*<sup>49</sup>. Não se tornam mais sábios nem mais santos, embora se achem ambos. E é fácil reconhecê-los, pois se enfurecerão se alguém lhes disser isso.

— Então, o que mais preciso fazer, Padre?

— O que digo em todas as lições: *Faze o melhor que possas a tua parte, e Deus se encarregará da d'Ele.*

— Mesmo assim, posso errar...

— Tu, como o mais santo dos homens. Esqueceste que muitos santos alcançaram a santidade só depois de trilharem os caminhos do pecado? Só nunca errou Aquele que morreu na cruz por nossa redenção. Errar é próprio do homem; mas podes ver no mesmo erro uma desgraça a lamentar, ou uma chance de aprender. É o que diferencia o tolo do sábio.

Então, seu rosto ganhou um ar estranho enquanto me olhava fixamente em silêncio por quase um minuto, depois voltou ao normal e então recomeçou:

— Filho, também a ti, como a todo ser humano, chegará o momento decisivo em que enfrentarás a mais terrível guerra interior: de um lado, a Tentação te acenará com as flores coloridas de teus mais caros sonhos; e de outro, a Salvação te apontará para os frutos amargos do cumprimento do dever. Quando esse dia chegar (pois cedo ou tarde chegará, é inevitável!), desconfia das soluções fáceis e agradáveis: não raro, são atalhos para a porta larga<sup>50</sup> da perdição, e a estrada que vai dar no Inferno é sempre a mais convidativa. Se algo aprendi com a vida, é que ninguém jamais realizou nada grande ou meritório aos olhos do Senhor por meios cômodos.

Naquele momento, dois ou três padres surgiram em silêncio na porta da cozinha, olhando para nós como que surpresos. Meu confessor saudou-os com um aceno de cabeça, eles retribuíram com o mesmo gesto e tornaram a entrar. Observei, com alívio, que o Prior não se encontrava entre eles. O velho Padre baixou a voz e, fazendo sobre mim o sinal-da-cruz, disse:

— Melhor que te vás agora, meu filho. Que o Senhor te abençoe e te inspire.

Por um instante senti o desejo de resistir, apenas para prolongar um pouco mais aquele momento, mas cedi, cumprimentei-o e me retirei tão lentamente quanto possível, enquanto ele dava-me as costas e voltava a empunhar a enxada. Não obstante, algo me oprimia o coração, como um pressentimento vago ao qual não soube dar nome, mas que me perturbou a tal ponto que percebi apenas vagamente a bofetada com que Prior dali a pouco me castigou por ter perturbado o silêncio de um servo de Deus dirigindo-me a ele sem ter sido chamado.

Não teríamos mais outra chance para nos falarmos. Alguns dias mais tarde, os sinos do Mosteiro soaram o dobre de Finados, fazendo meu coração bater descompassadamente. Dirigimo-nos à igreja e alguns minutos depois, o Prior comunicou à congregação, no tom seco de sempre, que naquela noite Padre Bernard fora chamado pelo Senhor ao Seu seio.

Para nós, noviços, aquilo foi um choque formidável, mas conseguíamos manter a compostura exigida e os olhos secos em presença dos demais, guardando as lágrimas para o interior de nossas celas, quando, de repente, o silêncio foi quebrado por um dos noviços ao meu lado, que soluçou e caiu em prantos. O Prior e mais um padre

---

<sup>49</sup> Novo Testamento, I Coríntios, 13:1.

<sup>50</sup> *Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela.* Novo Testamento, Mateus, 07:13.

prontamente abriram caminho entre nós e se puseram diante do jovem, que, ao vê-los, tapou a boca tentando conter os soluços. O padre ajudou-o com um tapa tão violento que teriam sido desnecessários os que o Prior ministrou-lhe a seguir, aos gritos:

— Chorar a morte de quem quer que seja é revoltar-se contra os desígnios do Senhor e nivelar-se a Lúcifer!

Nos dias que se seguiram, consolava-me em visitar a sepultura simples do padre morto nos momentos de intervalo. Ajoelhava-me diante dela, orava e por vezes evocava suas palavras, e era como se ele estivesse a me falar como outrora, fazendo com que uma lágrima me caísse dos olhos.

Nem me ocorreu que algo assim poderia ser julgado digno de censura. Por isso, foi com extrema surpresa que, estando a orar e a cismar junto à cruz em madeira negra alinhada entre outras tantas sepulturas anônimas, ouvi passos pesados atrás de mim. Voltei-me rapidamente e meu coração quase saltou pela boca ao me deparar com o semblante fechado e severo do Prior, a quem prestei depressa a reverência.

— Por que tem vindo sempre aqui?! — perguntou este, com a gentileza usual.

Por mais que o peso daquele olhar me esmagasse, venci o nó na garganta e consegui responder-lhe:

— Peço-vos perdão, Reverendíssimo Prior, se estou em erro... é que votava a mais viva amizade a ele...

E estendi a mão para a cruz negra mais próxima, ao que ele me interrompeu:

— Você sabe que está! Conforme os rigorosos princípios da Ordem a que pertence, é necessário recalcar toda e qualquer expansão afetiva que não seja voltada unicamente para o Senhor Deus!

— ...e orando ao pé de sua sepultura, era como se pudesse sentir-lhe a presença...

As palavras haviam fluído espontaneamente. Dei-me conta então e tapei a boca, mas era tarde demais e a bofetada me atingiu o ouvido em cheio, de forma que foi entre fortes zumbidos que escutei as palavras iradas do Prior:

— Ainda ousa argumentar ao seu superior?! Assim fez Lúcifer, pretendendo ter mais razão que o próprio Deus, e assim perdeu sua glória! A única presença a ser sentida aqui é a do Diabo, já que Padre Bernard está no Reino de Deus e não terá por que voltar seus olhos para este vale de lágrimas e pecados!

Baixei a cabeça em silêncio, enquanto o Prior continuou:

— Portanto, a fim de evitar que Satanás possa perverter-lhe o juízo, eu lhe ordeno por santa obediência que se retire daqui e nunca mais torne a voltar!

A ordem soou como uma punhalada, mas não havia direito a réplica, mesmo que em forma de súplica. Apenas baixei a cabeça, assentindo, quase sufocado pelo nó que me fechava a garganta. Não obstante, movia-me tão lentamente quanto possível, tentando reter as lágrimas, enquanto olhava de soslaio para aquela sepultura. O Prior reagiu de imediato, gritando-me de dedo em riste:

— Por que você ainda está aqui? Protelar o cumprimento de uma ordem é o mesmo que desobedecê-la!

Apressei o passo, tratando de me retirar para a cela. Ao menos lá, poderia prantear à vontade enquanto estivesse a sós.

## Um Cura de Aldeia

Passado algum tempo, chegou o momento de fazer os juramentos definitivos que tinham por finalidade fazer-me deixar de ser homem, para ser padre. Foi com a mais viva emoção e reverência na alma que vivenciei aquele esperado e solene momento. Mas, nos dias que se seguiram, esperei em vão entre preces e meditações, e, por fim, suspirei fundo ao me dar conta de que ter me tornado Padre não trouxera qualquer transformação mágica em meu interior. Trazia na alma os mesmos anseios, as mesmas dúvidas, agora acrescidas pelo desejo, misturado ao medo, de assumir o quanto antes as novas responsabilidades.

Estas não tardaram. De início, depois de muitas súplicas e humilhações, obtive permissão para estudar durante mais algum tempo. Recebi a notícia com júbilo tão indescritível que foi com verdadeira gratidão que agradei ao Padre Prior, com um discreto sorriso nos lábios que a seguir receberam o impacto da mão pesada de meu superior. Por mais que aquilo me surpreendesse, consegui me manter calado, enquanto ele sorriu por sua vez, secamente, dizendo com evidente satisfação:

— Você agora é um sacerdote, tem a obrigação de manter um mínimo de dignidade e compostura, ao invés de ficar de risos frouxos como um saltimbanco de feira! Rir é próprio dos tolos, e o religioso, sabedor de que está no mundo para mortificar as imundas tendências da carne, não pode se manifestar de maneira tão imprópria! Você é indigno do que pediu, mostrou tendências para a vanglória e para a soberba, por isso eu lhe darei tarefas mais apropriadas a fim de mortificar este orgulho e despertar em seu coração a humildade agradável ao Senhor!

Aquilo me doeu mais do que se houvesse antes negado, pura e simplesmente. Depois de uma semana limpando latrinas, e mais outra fazendo ato público de contrição, recebi a notícia de que fora nomeado cura de uma pequena aldeia pertencente a diocese de N... No primeiro momento, a notícia teve um gosto de amarga decepção, mas não permiti que este sentimento transparecesse e me despedi com alívio e prazer do Mosteiro, a fim de me dirigir ao lugar onde exerceria o curato.

Chegando ao local, encontrei recepção acolhedora por parte dos paroquianos, graças a qual em pouco tempo senti-me conformado com a sorte que me coubera. No fundo, via-me um verdadeiro senhor feudal ao ver a deferência com que aquela gente simples e rude tirava o chapéu para chamar-me de Vossa Paternidade, e a sensação de ter pela primeira vez a **minha** paróquia, a **minha** igreja e a **minha** casa fez com que nos primeiros anos eu atendesse às minhas obrigações com motivação e ardor. As missas, os sermões, os sacramentos, tudo merecia um cuidado especial.

Não tinha do que reclamar. Aquela população humilde dava-me tudo o de que necessitasse. A companhia de um jovem pajem bastava-me. Era um rapazola de quinze anos, porém vivaz e falante, que sabia me divertir contando casos com graça e animação. Com ele, era possível falar e ouvir sem preocupações. Ao mesmo tempo, lutava por manter distância prudente das mulheres, sobretudo daquelas que insistiam em me oferecer lenços bordados com galhos de tomilho<sup>51</sup>, que jamais aceitava. Olhava-as de soslaio, desejando e temendo o momento em que teria que enfrentá-las na confissão.

Ao redor a guerra prosseguia, como não deixava de ser desde quase um século, com pausas mais ou menos prolongadas. A população temia, mas não eu. Seguro de minha posição, julgava-me a salvo dentro daquele hábito que me tornava membro da

---

<sup>51</sup> Acreditava-se que o tomilho também servia para dar coragem. Por isso, as damas costumavam bordar lenços com galhos de tomilho para oferecê-los aos seus cavaleiros.

organização mais poderosa e sagrada do mundo. E em função deste sentimento, meus sermões lembravam aos paroquianos que, desde que cumprissem fielmente seus deveres para com Deus e Sua Igreja, embora as chamas devorassem tudo em volta, seriam poupados e salvos.

— *Ah, l'Advenu, como reconhecerias no miserável que tens diante dos olhos aquele que já fui um dia? Como eu me lembro! Era meu tema preferido então... Com quanta convicção eu lhes dizia: Meu pequeno rebanho, não tema! Pois está escrito: "Mil cairão à tua esquerda, e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido. Somente com teus olhos, verás a calamidade dos ímpios, porque disseste: "O Senhor é o meu refúgio"<sup>52</sup>”*.

A dificuldade é que no meio de uma guerra não há neutralidade possível. À sombra de Charles VI, amado pelo povo, mas mentalmente perturbado, o reino de França era uma casa dividida contra si mesma, numa luta feroz entre borguinhões<sup>53</sup> e armagnacs<sup>54</sup>, na qual a conspiração, o punhal, o veneno e as emboscadas se multiplicavam trazendo desastres ainda maiores que o campo de batalha, situação da qual os ingleses poderiam servir-se às mil maravilhas caso não estivessem às voltas com suas próprias guerras internas.

Desde a morte do Condestável du Guesclin<sup>55</sup>, os dois lados, esgotados e às voltas com seus próprios problemas, haviam



Charles VI

suspendido as campanhas regulares e a guerra andava numa fase de trégua. Trégua, contudo, entenda-se para os grandes interesses dinásticos, pois para os habitantes de aldeias, vilas e cidades, a guerra iniciada em 1337 fazia pender continuamente sobre suas cabeças a expectativa de ataques, pilhagens e chacinas. Partidários de um lado e de outro, movidos pelos conflitos de mil interesses particulares e locais, organizavam troços guerreiros que, a qualquer pretexto ou mesmo sem pretexto algum, caíam furiosamente sobre tudo quanto estivesse ao seu alcance, ávidos de saque.

Não obstante, procurava não me envolver nessa questão. Pouco entendia disso e menos ainda tinha interesse em entender. Para mim, havia um único senhor, Aquele que reinava soberano nos Céus, representado na Terra por Sua Santidade, o Papa. Pouco se me dava se o Rei da França fosse da Casa de Borgonha, Orléans ou mesmo da Inglaterra, e fingia não perceber que os paroquianos consideravam tal assunto importante, insistindo em lembrar-lhes que os reis da Terra vêm e vão, apenas o dos Céus era eterno e todo-poderoso. Não me ocorria pensar que também os membros do clero estariam no meio do conflito, entendendo que, antes de inglês ou francês, um membro do clero, acima de tudo, era súdito de Sua Santidade e não de um reles monarca terreno.

Certa vez, bateram à minha porta com força não usual. O pajem abriu-a, deparando-se com um desconhecido em vistosa libré, ainda que empoeirada. O visitante anunciou-se como emissário do Reverendíssimo Bispo de N..., o qual em algumas horas

<sup>52</sup> Salmo 91, 7-9.

<sup>53</sup> Partidários do Duque de Borgonha. Vide nota 103.

<sup>54</sup> Designação dada inicialmente aos partidários do Duque de Orleans, e depois, do Delfim Carlos.

<sup>55</sup> **Condestável**: título hoje equivalente a Marechal. **Bertrand du Guesclin**, comandante francês, cujo grande talento militar recuperara para a França quase todo o território perdido após as derrotas de Crécy e Poitiers.

honraria a aldeia com sua presença. Senti-me feliz e emocionado ao imaginar que meu trabalho dedicado, mas despretensioso, merecera a atenção de meu superior eclesiástico, e convidei o mensageiro para tomar um pouco de vinho.

Pareceu-me longo o tempo, até que chegou a comitiva, atraindo a atenção geral. Dois cavaleiros, seguidos de alguns lanceiros e besteiros<sup>56</sup>, ostentavam flâmulas de armas<sup>57</sup> inglesas de permeio com as da Igreja, para surpresa minha e dos paroquianos. A seguir, uma pesada carroça em cujo pátio o brasão do Bispo da diocese aparecia em grande destaque. Dela desceu um vulto alto e corpulento, de batina roxa, báculo e cruz peitoral de ouro, rosto grande e severo. Olhou em volta, impassível, e fez um sinal-da-cruz pouco expansivo. Seguiu-o um pajem alto e magro a abaná-lo continuamente, e quase logo o emissário correu para junto de seu amo, que não lhe dirigiu sequer um olhar. Com o coração aos pulos, dobrei um joelho diante do Bispo, que me estendeu imperiosamente seu anel, ao qual beijeí prontamente sem que seu rosto demonstrasse a menor alteração.

Conduzi-o ao interior de minha casa, dizendo-lhe quão grandemente honrado me sentia, o quanto lamentava não ter condições de oferecer-lhe algo realmente digno de sua autoridade e grandeza, e pedi permissão para oferecer-lhe vinho.

— Onde está sua cadeira? — perguntou-me severamente, olhando em volta.

Aquilo me assustou. Esperaria ele que um simples cura dispusesse de algo tão luxuoso<sup>58</sup>? Enquanto o pajem trazia-me a jarra de vinho e um copo, ambos de argila, respondi, lutando contra a garganta, enquanto servia-lhe o vinho:

— Perdoai minha pobreza, que não me permite oferecer a Vossa Reverendíssima senão uma recepção humilde, mas nem por isso menos sincera...

Não pude concluir. Ao invés de estender a mão para a o copo que lhe estendi, olhou para ele, e a seguir para mim, como se houvesse recebido um insulto. Diante do pesado silêncio que se seguiu, devolvi a bebida ao pajem e, a custo vencendo o nó da garganta, propus a Monsenhor que honrasse a pequena igreja visitando-a. Ele replicou:

— Nosso<sup>59</sup> tempo é valioso demais para ser desperdiçado com tais ninharias! Demo-nos ao trabalho de vir até aqui unicamente a fim de transmitir ordens que o Grande Chanceler Bispo de Winchester<sup>60</sup> exige sejam cumpridas dentro do mais curto prazo. Teríamos mandado um emissário, mas o Grande Chanceler julgou necessária a nossa presença pessoal nessas aldeias (falou com evidente desagrado)...

A seguir, tratou de transmitir as ordens, no mesmo tom. Era-me ordenado, por santa obediência, que exigisse de meus paroquianos um juramento de fidelidade a Henry IV<sup>61</sup>. Deveria fazê-lo em dois dias, no máximo, e mandar uma ata selada para ele, Monsenhor.

Tomado pela surpresa, pedi permissão e prontamente principiei a retratar os sentimentos de meus paroquianos e as dificuldades que uma exigência tão imediata poderia trazer. Quase logo percebi, contudo, que ele me ouvia sem que em seu rosto se movesse uma linha sequer, e sem saber como interpretar esta reação, passei a dizer

---

<sup>56</sup> Soldados que usavam a besta, que era um arco montado sobre uma coronha.

<sup>57</sup> Nesta e em passagens semelhantes, armas ou escudo têm o sentido de brasão (desenho heráldico distintivo de nobreza, que permitia identificar um nobre e ao partido que servia).

<sup>58</sup> Sentava-se geralmente em bancos, tamboretas ou baús. Cadeira era móvel do mais alto luxo, e por isso reservado ao dono da casa ou a alguma visita socialmente mais importante.

<sup>59</sup> Na Europa, sobretudo no Antigo Regime, era de praxe que autoridades da realeza e do alto clero se referissem a si próprios usando o pronome “nós”, como manifestação de grandeza.

<sup>60</sup> **Henry**, ou **Henrique Beaufort**, meio-irmão de Henrique IV, Grande Chanceler de Henrique V e VI, mais tarde Cardeal de Winchester (1374-1447).

<sup>61</sup> Rei da Inglaterra (1399-1413), pai do famoso Henrique V.

apenas o que julgava estritamente necessário, com o menor número possível de palavras, e por fim supliquei-lhe que nos fosse dado algum tempo para realizar um trabalho útil de persuasão, cujos resultados antecipava que seriam do mais perfeito agrado dos Reverendíssimos senhores Bispos. Quando terminei, Monsenhor retrucou-me num tom ainda mais incisivo que o anterior:

— Por acaso lhe demos permissão para falar de seus problemas ou nos dar conselho que não pedimos, padre (a última palavra foi dita bem devagar)? Considere-se feliz em ter em nós alguém mais caridoso que justo. Caso contrário, fá-lo-íamos sofrer sérios dissabores por ousar discutir nossas ordens. Vamos perdoá-lo por essa vez, mas fique bem claro que não viemos para ouvi-lo, e sim para dar-lhe ordens que devem ser rigorosamente cumpridas... a não ser que prefira abusar de nossa generosidade e misericórdia, o que lhe acarretará momentos bem pouco agradáveis. E posso lhe assegurar que o Grande Chanceler Bispo de Winchester é, sem dúvida, muito menos tolerante e piedoso do que nós.

Aquilo me esmagou. Nem o chicote do pai nem as bofetadas no Mosteiro me houveram atingido com tamanho rigor. Tentei falar, desculpar-me explicando que minhas palavras não tinham a menor intenção de questionar as ordens, apenas transmitir a preocupação por meus paroquianos. No entanto, a garganta simplesmente não me obedeceu, e foi melhor assim. O Bispo me olhou de alto a baixo, sempre de rosto fechado mas visivelmente satisfeito, e continuou:

— Vejo que entendeu perfeitamente. Agora, trate de cumprir nossa ordem exatamente como lhe foi mandado. Assim, quando nossas forças passarem por aqui, talvez não seja preciso agir com o justo rigor.

A expressão “nossas forças” chocou-me. O que afinal teriam os Bispos da Igreja em relação com esta guerra? Mal tive tempo, contudo, para pensar, pois a seguir Monsenhor deu-me as costas e dirigiu-se à saída, ao que eu, embora pálido, esgotado e atônito, apressei-me a abri-la e prestar reverência, que ele ignorou. Enquanto ele desaparecia de minhas vistas, procurei pensar que, embora ríspido nas palavras, o reverendíssimo Bispo estaria sendo piedoso nas intenções. A época era de violência, aldeias eram atacadas e saqueadas, e provavelmente o objetivo de tão grande senhor era evitar que o pequeno rebanho fosse atingido e aviltado pelas forças combatentes.

Assim, enxuguei o suor do rosto, esperei mais dois dias e então transmiti aos meus paroquianos a notícia, que, como previa, não foi recebida com agrado. Fi-los ver que aquilo era uma mostra de como eu tinha razão, a Divina Providência velava por eles ao ponto de um Bispo vir especialmente a fim de cuidar para que nada sofressem, e seria ingratidão e tolice da parte deles recusar a ajuda enviada pelo Senhor através de um de Seus representantes.

Ao fim do sermão e do ato de fidelidade a que todos se prestaram, de joelhos repetindo surdamente as palavras ordenadas, dispersaram-se com rapidez e em silêncio sepulcral, quando o usual era permanecerem um pouco mais em volta da igreja conversando com animação em pequenos grupos. Era uma forma de deixar claro o que achavam, embora não ousassem desobedecer.

No caminho para a casa, eu e meu pajem voltávamos em silêncio, eu mergulhado nos próprios pensamentos, quando o rapaz, como se os lesse, disse em voz baixa:

- Hoje as pessoas sentiram pressa de ir pra casa, não?
- Sentiram... — respondi sem perceber.
- Foram obedientes...
- Foram...

— É uma grande virtude, a obediência, não é verdade, Padre?  
— Uma das mais importantes virtudes cristãs.  
O pajem sorriu discretamente e disse:  
— Por isso as galinhas não podem ser cristãs. Quando é preciso pô-las na panela, elas correm pra lá e pra cá. Muito, muito desobedientes.  
Desta vez olhei-o com atenção antes de perguntar:  
— Está comparando esse povo com as galinhas, maroto?  
— Não, Padre. Nunca. As galinhas não podem ser cristãs. Elas tentam correr da faca.  
Aquilo me irritou e retruquei:  
— Você entendeu errado. Isso é para nos salvar. Veja bem, o Bispo veio em pessoa para nos orientar a fim de que não sejamos vítimas nessa guerra sangrenta e cruel. A ordem dele é para o bem de todos nós.  
O jovem me olhou de soslaio e disse:  
— É o que eu diria para uma galinha, se ela entendesse. Assim, não precisaria ficar correndo atrás dela até agarrá-la.  
Respondi, cada vez mais incomodado:  
— Você nada entende da Igreja! Uma ordem de um superior tem que ser cumprida, não importa quão difícil ela seja! Por isso a Igreja é inspirada pelo Espírito Santo, para que não haja erros! Por isso a ordem de um superior tem que ser cumprida, e não só isso: é preciso que eu entenda que ela está certa, mesmo quando não me parece!  
O jovem pajem me olhava de uma maneira indefinível ao replicar:  
— Mas eu só estou falando de galinhas, Padre...  
Ficamos por quase um minuto em silêncio, tão profundo que me assustei quando o pajem quebrou-o, perguntando outra vez em voz baixa:  
— Vós realmente achais que é assim?  
— Tem que ser — respondi, mais para mim mesmo que para ele.  
— E se não for?  
Estava tão distraído que ouvi sem responder. O pajem repetiu, mais alto:  
— E se não for?  
— Tem que ser! — repeti também, incisivo, mas inquieto.  
— E o que a gente faz quando descobre que as coisas não são como nos ensinaram?  
Entrávamos na casa quando veio a pergunta, que me perturbou tanto que apanhei o chicote na parede e disse-lhe:  
— A gente aceita a correção de Deus como sendo o melhor para nós! E vou começar por corrigi-lo, se não parar de falar daquilo que não entende!  
O jovem se assustou desta vez, uniu as mãos e gritou:  
— Não, senhor, eu me calo! Por caridade! Eu me calo!  
— Então, cale-se e me traga um pouco de vinho, maroto!  
O jovem pajem saiu correndo, enquanto me deixava cair pesadamente em um banco, enxugando o rosto e suspirando. Dali a pouco, ele voltava devagar, trazendo uma ânfora com uma caneca, não sem antes ter provado na cozinha o vinho de seu amo, costume que eu fingia ignorar. Encheu a caneca e me estendeu. Esvaziei-a quase de um trago só, o que só me acontecia quando muito nervoso ou muito distraído.  
Novamente ele quebrou o silêncio, à meio-tom, como se falasse para si mesmo:  
— As pessoas não gostaram...  
— Não... não gostaram. Mas era preciso — concordei do mesmo jeito, sem olhar para o jovem que estava bem próximo.



— Nem vós...

— Nem eu, tampouco...

De repente, dei-me conta do que disse e me levantei do assento, voltando-me contra o rapaz:

— A ordem de Monsenhor é como se fosse minha! Passa a ser minha! E ele certamente sabe o que está fazendo! Senão, Deus não o teria feito Bispo!

— Amém, Padre! Amém!

— Sua Santidade, o Papa, é o sucessor de Saint-Pierre<sup>62</sup>! E um Bispo é nada menos que o sucessor dos Santos Apóstolos!

— Amém, Padre! Amém!

Fiz menção de me sentar outra vez quando o pajem me perguntou de chofre:

— Judas também não era Apóstolo, Padre?

Ergui-me prontamente, antes mesmo de encostar no banco. Novamente voltei-me, furioso, para o rapaz, procurando com os olhos o chicote, enquanto o outro dizia:

— Mas eu só fiz uma pergunta!...

— Saia daqui! Saia, e só volte quando eu o chamar!

O jovem obedeceu depressa, correndo para seu alojamento, falando em voz baixa, mas o suficiente para ser escutado:

— Só porque eu perguntei sobre galinhas...

Aquilo era o correto, era o melhor, tinha que ser... *“Filho meu, não te enojas da repreensão do Senhor...”* e, no entanto, a dúvida me perturbava. Tomei mais uma caneca de vinho com rapidez e passei a caminhar de um lado a outro do aposento. Olhei para o interior da casa, percebendo que o rapaz me olhava através do reposteiro.

— Maroto, vem cá!

O jovem obedeceu depressa.

— E se não for assim, maroto? O que fazer se não for assim?

Por um momento, ele pareceu que responderia de imediato, mas de repente se deteve e a resposta veio num tom hesitante:

— Como posso saber? Vós é que sois o padre. Porém, acredito que mais cedo ou mais tarde vamos saber.

Fiquei sem saber o que contestar. Tomei mais vinho e devolvi a ânfora para o pajem, mandando guardá-la e trazer-me pergaminho, tinteiro e pena, enquanto eu puxava o banco até a arca e sentava-me diante dela, a fim de redigir a ata que seria remetida no dia seguinte por um emissário.

---

<sup>62</sup> Ou **São Pedro**, considerado pela Igreja Católica o primeiro Papa e por ela chamado *Príncipe dos Apóstolos*. Como era pescador, a Igreja Católica é também chamada *A Barca de São Pedro*.

## Vede e Julgai, Senhor!...

Passadas algumas semanas, eu saberia. Bateram-me à porta com violência desesperada e ininterrupta. Como o pajem demorasse, fui eu mesmo abri-la, irritado, e fiquei surpreso ao me deparar com um conhecido de aldeia vizinha, ofegante, sujo e rasgado, todo coberto de suor e poeira, tentando falar sem conseguir. Nisso, o pajem também chegou, mas antes que perguntasse o motivo daquela atitude, o homem, depois de se obrigar a respirar em haustos fortes, finalmente conseguiu falar:

— Eles vêm para cá, Padre! Fugamos enquanto é tempo! Eles vêm para cá!

— Eles quem, homem?

— Os goddams<sup>63</sup>! Já passaram por várias aldeias!

— E o que tem isso?

— Padre, em nome dos Céus!... Eles estão destruindo e saqueando tudo!

Os gritos do homem chamavam a atenção e em questão de minutos estávamos rodeados de pessoas desesperadas. Senti frio nas entranhas, mas retruquei tentando acalmar a mim mesmo e aos demais:

— Não há por que temermos. Fizemos voto de fidelidade ao Rei da Inglaterra, não há por que fazerem violência conosco.

O homem respirou fundo e prosseguiu com aflição:

— Nas outras aldeias o juramento também foi feito! Mesmo assim foram saqueadas e incendiadas, as mulheres violentadas e mortas depois! É preciso fugir, Padre, esses pagãos não respeitam ninguém nem nada!

— São armagnacs, então!

— São goddams, usam o estandarte deles, eu vi!

As mulheres puseram-se a gritar, mas logo ordenei que se calassem. Chamei alguns aldeões mais fortes e mandei-lhes reunir os demais e conduzi-los a algum lugar afastado, sem delongas nem discussões. Rapidamente, a aldeia mobilizou-se e em minutos uma coluna seguia para um bosque próximo onde contava obter refúgio.

Só então dei pela presença de meu jovem pajem, mas já era tarde para mandá-lo seguir com os demais. Seu rosto estava cheio de expectativa e medo quando disse:

— Padre, tomara que o senhor tenha estado certo!

— Assim queira Deus... — murmurei, falando a seguir com vigor: Maroto, suba até o sino! Ao primeiro sinal de gente estranha se aproximando, badale com vontade e depois fique fora das vistas até eu mandar descer!

— Sim, Padre! — retrucou o jovem, excitado, obedecendo prontamente.

Vendo a aldeia finalmente vazia, dirigi-me ao interior do templo e surpreendi-me ao ver ali alguns velhos, ajoelhados em oração. Perguntei-lhes:

— O que vocês estão fazendo aqui? Por que não se foram com os demais?

— Somos muito velhos para conseguirmos acompanhar os mais moços. Ficaríamos para trás, e com isso os outros acabariam sendo achados — disse um deles.

— Já não fazemos mais diferença — emendou outro.

Aquela resignação me emocionou, e disse-lhes:

— Já que nos resta apenas esperar, oremos, e que o Todo-Poderoso nos proteja!

Ajoelhamo-nos então perante a imagem do Senhor crucificado, cheios de ansiedade no coração. Recitava o Pai Nosso, a Ave Maria e o Credo, e os demais repetiam, e ao terminar, começávamos. Dali a poucos minutos, o sino badalou vigorosamente, e cada repique foi sentido dentro de nossos peitos, anunciando a coluna

<sup>63</sup>

Termo pejorativo pelo qual os franceses denominavam os ingleses.

que avançava e cujo galope já se fazia ouvir, enchendo a praça de alarido de metais tinindo e patas de cavalos.

Meu coração se apertou mais forte no peito. Tirei o crucifixo de minha ama e beijei-o. A seguir, procurando aparentar serenidade, levantei-me e saí para enfrentar os invasores, cujas vozes enchiam o ar. Os velhos continuaram lá dentro, ajoelhados. Conseguiria me impor aos forasteiros por minha condição, e assim salvar a aldeia, ou então esta era a hora do martírio? Lá fora, deparei-me com uma coluna organizada de dezenas de homens, a pé e a cavalo, cujas flâmulas ostentavam insígnias inglesas, se agrupando ao redor de um Cavaleiro de barbas negras e ar selvagem, a quem me dirigi fazendo o sinal-da-cruz.

— *Benedicite*<sup>64</sup>.

O peito se me apertou ainda mais quando ele, ao invés de corresponder à saudação, perguntou de volta, rudemente.

— Quem foi que mandou tocar o sino?

— Eu, Messire.

— Com ordem de quem?

— Chegou a nós a notícia de que um grupo armado avançava para esta aldeia depois de cometer atrocidades em várias outras. Tememos que pudessem ser os armagnacs... — falei, olhando de soslaio para as flâmulas.

O Cavaleiro riu-se grosseiramente e se dirigiu à tropa, apontando para mim, sem que eu pudesse entender uma só palavra, pois fê-lo em língua inglesa. Não obstante, a forma como me olhavam e caíam na gargalhada era suficiente para que eu esperasse pelo pior. Então, o líder voltou-se novamente para mim falando outra vez em francês:

— E por acaso vocês não são todos armagnacs?

— Fizemos juramento de fidelidade a Sua Alteza Henry IV.

— Ah, sim, fizeram juramento — disse com um riso estranho entre dentes.

— Sim, fizemos. Sendo assim, como súditos fiéis, contamos com vossa proteção contra as atrocidades de que vos falei.

O Cavaleiro dirigiu-se novamente em inglês aos seus, que romperam em outra e assustadora gargalhada, para depois retomar o diálogo comigo:

— Então, vocês contam com a nossa proteção?! (Quanta ingenuidade, Padre, quanta inocência!...) Mas, se é assim, fiquem tranquilos, vocês terão toda a que têm direito! Vamos protegê-los tão bem quanto a raposa ao galinheiro!

Empalideci e fiz menção de dizer algo, mas o Cavaleiro me interrompeu:

— Padre, você é cínico, ou apenas idiota? Sabe muito bem que não há armagnacs por aqui! Fomos nós que fizemos isso tudo, e vamos fazê-lo aqui também!

Vencendo o nó da garganta, uni as mãos em rogativa:

— Tende misericórdia, não nos façais mal! Não somos vossos inimigos, somos súditos do mesmo Rei e fiéis da mesma Igreja! Em nome de Deus e da Igreja, aos quais aqui represento, lembrai-vos de que vosso juramento de Cavaleiro manda defender a Igreja e proteger o fraco contra o forte! Temei a Deus, vingador dos fracos e dos inocentes, lembrai-vos de que um pecado tão hediondo bradará diante de Seu trono clamando por Sua justa vingança!

O Cavaleiro sorriu ao responder:

— Bobagem. É só pingar umas boas moedas nas mãos de meu confessor que ele nos absolverá, como sempre. Ele mesmo me diz: peque à vontade, pois não há pecado que uma boa confissão não possa apagar.

<sup>64</sup>

*Bendito seja*, em latim. Uma das saudações usuais da época, sobretudo de ou para religiosos.

Nisso, outro Cavaleiro chamou a atenção de um arqueiro e apontou para o alto da torre. Olhei para lá e vi, cheio de susto, meu pajem que havia se debruçado para olhar a cena. O arqueiro rapidamente armou o arco e apontou-o para o local.

— Não o façais! Temei a cólera de Deus!

Meu grito partiu ao mesmo tempo em que a flecha, que sibilou no ar. Alguns instantes após, o corpo do meu pajem despencava da torre, atravessado por uma seta. Os soldados se afastaram rapidamente, deixando o corpo se chocar em cheio contra o chão, no que a flecha se partiu. Corri para ele, o sangue escorria a borbotões da ferida e da boca do rapaz, que tentava falar em vão. Ergui-me, olhei para a cruz no topo da torre da igreja e gritei-lhes, cego de ira:

— Malditos! Pagãos! Eu vos amaldiçoo!

O riso desapareceu do rosto do Cavaleiro, que se mostrou chocado. Desmontou, e de olhos baixos, foi se aproximando de mim, que o fitava com ódio, e então bruscamente ergueu ao mesmo tempo a cabeça e a mão enluvada de ferro, dando-me violenta bofetada. Foi o último instante de compreensão que tive, pois quase de imediato o mundo inteiro pareceu-me entrar numa convulsão em que pés de homens e cavalos se misturavam levantando poeira, homens gritavam ao mesmo tempo em inglês e francês, enquanto eu tentava às cegas me defender do caos, tossindo com a boca cheia de sangue.

Antes que pudesse entender o que se passava, fui agarrado com violência e imobilizado no chão. Um peso brutal desabou sobre minhas costas, enquanto levantavam-me a batina e rasgavam-me as vestes de baixo. Adivinhando o que iam fazer comigo, debati-me com todas as forças do desespero, até que uma dor agudíssima no ânus fez-me dar um urro abafado e fechar os olhos à espera do golpe fatal, que me teria sido menos terrível do que aquele corpo a se mexer em cima e dentro de mim, enquanto os demais me rodeavam, falando e gritando sem parar. Dali a pouco, o peso aliviou e tentei me levantar. Contudo, mais um peso desceu sobre minhas costas recomeçando tudo, até que perdi os sentidos.

Nunca soube ao certo por quanto tempo fiquei desacordado. Ao me voltar a consciência, ainda atordoado, estranhei a dificuldade para me levantar diante das dores agudas que sentia por todo o corpo, sobretudo no ânus, que me pareceu que sangrava, e cuspi na terra um misto de saliva e sangue.

Porém, ao olhar em volta, a visão logo se aclarou com o que vi, fazendo-me acabar de me ergueu como pude, abismado, olhar perdido. Simplesmente não reconhecia mais a própria aldeia em que vivia. Afora a igreja, aparentemente intacta, tudo ao redor era um amontoado de cinzas quentes, no meio das quais uma ou outra madeira mais grossa, ainda que torta e queimada, conseguia se manter erguida evoluando um tênue vestígio de fumaça.

Nisso, uma nova coluna entrava silenciosamente na aldeia, a passos lentos, à semelhança de um enterro. Eram os aldeões que voltavam. Olhei para minhas roupas sujas de terra e sacudi-as, antes de encarar mais uma vez meus paroquianos, que olhavam para mim e para as ruínas de tudo em volta. O silêncio foi interrompido quando uma mulher correu para um conjunto de escombros que havia sido a sua casa, erguendo os restos retorcidos de alguma coisa que havia sido sua há poucas horas, gritando e chorando. Outros logo a imitaram e em poucos minutos, um coro de gritos, maldições, choros e lamentos enchia o ar.

Olhei em volta. Os velhos que haviam ficado no interior da igreja estavam caídos perto de mim, em decúbito ventral e quase nus, barba e cabelos arrancados. Haviam feito a eles o mesmo que a mim. Adiante, o corpo de meu jovem pajem, na

mesma situação e no mesmo estado. Virei-lhe o corpo. O rosto estava crispado, os olhos abertos mas vítreos. No chão, uma ponta de flecha manchada de sangue. Agarrei-a com o punho crispado, olhando para o tempo. Meus olhos deviam estar cheios e ódio.

Entrei na igreja, sentindo algo estranho dentro de mim. Não me reconhecia mais, eu era outra pessoa, diferente da que julgava ser até umas poucas horas antes. Sentimentos contraditórios me agitavam, algo que até então nunca suspeitara existir de repente parecia ganhar vida, emergir de meu íntimo como um leviatã que de chofre erguesse a cabeça de dentro de um lago plácido.

Entrei na igreja, aparentemente quase indene, embora um olhar atento desse falta dos vasos sagrados, do turibulário, dos panos que ornavam o altar. Entre alguns assentos estava um tamanco. Algumas gotas de sangue manchavam o chão. Mais adiante, uma bengala caída sem dono. Algo mais chamou minha atenção, abaixei-me para ver e levantei entre os dedos um tufo ralo de cabelos brancos.

Andei em passos lentos para o altar, ajoelhei-me e ergui as mãos, na direita, exibindo a ponta da flecha, na outra os cabelos que recolhera, mostrando-os à imagem do Senhor Crucificado, enquanto começava a falar lentamente:

— Vede, Senhor, o sofrimento destes inocentes. Vede a maldade daqueles que hoje profanaram o Vosso santuário, saquearam e mataram as Vossas ovelhas e ultrajaram o Vosso sacerdote. Vede e julgai, Senhor (e a voz começou a crescer progressivamente), julgai e vingai o sangue dos inocentes supliciados diante de Vossos olhos! Estas vítimas, Senhor, repousem em Vosso seio na mansão dos justos e dos mártires! Mas aqueles infames que profanaram a Vossa casa e o Vosso sacerdote, Senhor!... Contra eles clamo por Vossa justa vingança! Como Vosso sacerdote, eu os amaldiçoo! Que colham o fruto de suas obras e bebam o vinho da Vossa cólera até que amaldiçoem o dia em que nasceram! Que tenham Satanás à sua direita! Malditos sejam eles, suas mulheres, seus filhos e seus parentes! Malditos o pão que comam, a água que bebam, os animais que montem e o lugar onde repousem! Que cheguem a ser velhos, como eram velhos os que foram ultrajados e mortos diante de Vossos olhos, para que façam com eles o que eles fizeram hoje aqui! Que supliquem misericórdia em vão, uivando de dor ao ver suas casas queimadas, suas esposas e filhas violentadas! Que seus próprios filhos os amaldiçoem por tê-los gerado e os abandonem em sua velhice! Que fiquem cegos e aleijados, que padeçam fome e frio, que tenham que pedir esmolas e ninguém lhas dê! Se se arrependem e suplicarem Vosso perdão, sede surdo às suas súplicas e cego aos seus remorsos! Se Vos trouxerem oferendas, rejeitai-as como rejeitastes as de Caim! Sejam malditos enquanto viverem, e depois de morrerem recebam por morada o Inferno, onde Satanás os torture noite e dia, pelos séculos dos séculos!

Calei-me, sufocado pelas próprias palavras.

— Amém! Amém! Amém! — dezenas de vozes responderam atrás de mim, assustando-me.

Olhei para trás, e por um momento não reconheci as pessoas que tinha atrás de mim. Eram alguns de meus aldeões, que haviam me seguido. Ouvíamos claramente os gritos, lamentos e maldições que os demais soltavam lá fora. Os que aqui estavam traziam o semblante tenso, os olhos secos despedindo raios, os lábios silenciosos crispados num ríctus que dizia mais que qualquer palavra.

Tornei a olhar para a imagem, e coloquei aquele tufo de cabelos sobre o altar, fazendo a seguir o sinal-da-cruz. Os demais me imitaram.

— ...não reconheci meus aldeões, mas eles tampouco devem ter me reconhecido naquele instante. O jovem l'Oiseleur, capaz de rir mesmo das bofetadas do Prior, não era mais aquele que tinham diante de si. Deve mesmo existir dentro do coração de cada ser humano um anjo que se alimenta de amor, e um demônio que se nutre de ódio. Até aquele dia, julgava-me crente e bom, incapaz de odiar. Entretanto, agora este sentimento medrava na minha alma com uma intensidade que eu jamais suspeitara pudesse existir no íntimo de mim, e mais, amava esse ódio que me dava a feroz sensação de que dali por diante eu teria uma arma para responder a todo o mal que me fosse feito.

Não, eu não era mais o mesmo. E, se algo me entristecia em tudo isso não era tanto o sofrimento, meu ou de meus paroquianos. Essa dor, por mais acerba que fosse no primeiro instante, ao cabo de alguns meses estava curada. A aldeia foi reconstruída, os mortos enterrados... essas dores muito violentas, ou nos matam de pronto ou desaparecem sem deixar rastros, como essas febres violentas que vêm de repente e se vão com a mesma rapidez. A mágoa mais amarga da minha alma era saber que nunca, nunca mais na vida, voltaria a ser a pessoa que tinha sido até então. A parte mais bonita e boa de meu ser estava tão morta quanto o meu pajem e os pobres velhos...

## Secaram, Porque Não Tinham Raízes...

*Mateus, 13:06*

Mais um ano se passou. Nesse ínterim, a aldeia se reergueu das cinzas e, pouco a pouco, a vida retomou sua rotina tanto quanto possível, pois há coisas que, uma vez destruídas, nenhum poder humano pode mais reconstruir. Em meus sermões, nunca mais voltei a falar sobre o Salmo 91. O tema favorito de agora era o Apocalipse, no qual apresentava, para o prazer de meus paroquianos, o lago de fogo e enxofre que seria a morada dos perversos pelos séculos dos séculos, e de como as vítimas e os mártires poderiam, mesmo do Céu, contemplar os sofrimentos de seus antigos algozes.

Da mesma forma, os paroquianos já não ficavam mais à porta da igreja ao fim da missa, conversando. Chegavam em silêncio e se retiravam da mesma forma, seguindo prontamente para as suas casas. Um novo pajem passou a me servir, mas totalmente oposto ao anterior. Era neto de um dos velhos assassinados. Cumpria rigorosamente as ordens dadas, mas sempre quieto e de cenho fechado. Quando nada lhe era ordenado, ficava no seu alojamento em completo silêncio. Nada pedia, de nada se queixava.

Um dia, de repente, bateram-me à porta. Tremendo interiormente, mandei que o pajem atendesse e fui prontamente obedecido. O coração bateu mais forte ao me deparar com o mesmo vistoso emissário do ano anterior, a me prevenir para que tomasse todas as providências para recepção condigna a Monsenhor, o qual daria a honra de passar mais uma vez pela aldeia. Agradei e a seguir saí a dar as ordens necessárias, procurando convencer-me de que o Bispo tomara conhecimento do acontecido e vinha dar algum tipo de satisfação, quem sabe garantir que os fatos seriam rigorosamente apurados, e os criminosos, devidamente punidos.

Passou-se quase uma hora até que a comitiva de fato chegou. A entrada de escolta armada, com as mesmas flâmulas do ano anterior, fez correr entre o povo um frêmito de terror no primeiro momento. Logo atrás vinha a mesma carroça, do qual desceu o Bispo e dois criados encarregados de abaná-lo. Mais atrás, outro veículo onde provavelmente os serviçais cuidavam dos pertences de seu amo.

Apressei-me em prestar as saudações formais ao meu superior, deparando-me com a mesma fâcies de pedra do ano anterior a me olhar de cima a baixo, enquanto me estendia a destra como da outra vez, ao que presto dobrei um joelho e beijei o anel. Esperei que dissesse algo, mas, como não mostrasse intenção de fazê-lo, criei coragem e pedi-lhe permissão para falar. O Bispo não deu resposta. Sem saber se aquilo era ou não um sinal de consentimento, comecei a falar entre a esperança e o medo:

— Decerto Vossa Reverendíssima tomou conhecimento de que vossas ordens foram rigorosamente cumpridas, e mesmo assim, uma coluna inglesa passou por esta aldeia e pelas outras em redor, incendiando, saqueando e cometendo crimes dignos dos bárbaros e dos pagãos. Eu mesmo fui vítima de indignidades tais que receio mesmo ofender vossos ouvidos contando-vos...

— Sim, e daí? — perguntou o visitante, sem se alterar.

Hesitei. Entretanto, uma vez que havia começado, era preciso prosseguir:

— Julguei que essa fosse a razão de vossa visita...

Monsenhor me interrompeu, ríspido, olhando-me de alto a baixo:

— Visita?! Quem você pensa que é, padre? Por acaso imaginou que nos daríamos ao incômodo de passar por aqui apenas porque uma aldeia a mais ou a menos deixou de existir? Pensa que não temos mais o que fazer?

Cada frase do Bispo era como uma pancada em meu peito. Mesmo assim, dominei-me e medi as palavras ao responder:

— Perdoai-me o termo impróprio, Reverendíssimo. Não obstante, cumprimos rigorosamente a ordem dada por ocasião de vossa... (hesitei, buscando a palavra certa) presença no ano anterior...

— Não fizeram mais do que a obrigação!

— ...e mesmo assim, a coluna inglesa cometeu atrocidades horrendas...

— E em que isso poderia nos importar?

Angustiado, medindo cuidadosamente cada palavra, repliquei:

— Supus que Vossa Reverendíssima, tendo acesso ao Grande Chanceler Bispo de Winchester e outros grandes nomes de nossa Santa Igreja, talvez pudesse conceder a mim e a esse vosso pequeno rebanho a graça de algum consolo, alguma orientação, quem sabe a esperança de que esses criminosos fossem punidos com o justo rigor...

O rosto do Bispo contraiu-se:

— Você está louco! Acha que iríamos incomodar o Reverendíssimo Bispo de Winchester por uma ninharia dessas? Você realmente espera que o Grande Chanceler, tendo uma guerra em curso para se preocupar, vá punir preciosos soldados de seu exército por causa de simples aldeões e de um reles cura de aldeia!? Padre, você é idiota e inconveniente!

Lutando contra mim mesmo, engoli em seco e juntei as mãos:

— Reverendíssimo, vós sois um Bispo da Igreja, e eu não passo de um pobre padre. Por isso, rogo para mim e para esse pequeno rebanho a vossa caridade de não tomar nossa aflição por insolência...

Antes que pudesse continuar, o Bispo me interrompeu:

— Basta! Você que terá ciência de nossas determinações quando retornarmos!

Empalideci. Porém, antes que tivesse tempo de me recuperar, meu superior deu-me as costas, subiu na carroça e gritou aos condutores:

— Vamos embora! Tem gente aqui se dando importâncias que não tem!

E seguiram, deixando-me estático, pálido, o rosto crispado e os lábios contraídos, olhando na direção da comitiva que desaparecia. Os paroquianos, que me rodeavam, trataram de se afastar silenciosamente.

Nos dias que se seguiram, remoía todo o tempo a última frase que o Bispo me dirigira. Meu coração permanecia inquieto, pressagiando más notícias. De toda forma, preferi não comentar esse assunto, nem ninguém o comentou comigo. Não ousava tecer nenhum prognóstico.

Três meses se passaram assim, quando, numa tarde, mais uma vez bateram-me à porta. Quando o pajem abriu, deparou-se com um estranho, alto, espigado, barba e bigodes curtos, embora sua vistosa libré apresentasse as armas de Monsenhor. Exigia a presença do padre, mas recusando-se formalmente a entrar. Prevenido, logo me apresentei cumprimentando o visitante, que, à guisa de resposta, apenas ergueu a cabeça e me entregou um pergaminho lacrado, em silêncio.

Tremi ao receber o documento. Enquanto quebrava o lacre, convidei o visitante a entrar para descansar e beber algo, todavia, este se empinou ainda mais e secamente limitou-se a me dizer que **lesse**, no tom de um grande senhor cheio de pressa, que estivesse a ouvir ponderações impertinentes de um laçaió.

Por isso, antes mesmo que abrisse e lesse, intuía o conteúdo desagradável que me aguardava. O pajem, movido pela curiosidade, esticou o pescoço o máximo que pôde para o pergaminho, mas as letras nada lhe disseram, já que, como a maioria esmagadora das pessoas, não sabia ler. Naquele instante, desejei ardentemente desfrutar da mesma ignorância, sentindo-me empalidecer enquanto corria os olhos pelo papel,



lendo e relendo numa tentativa fútil de me convencer de que não era aquilo que estava escrito, que estava sendo vítima de uma ilusão de meus sentidos.

Era uma ordem do Bispo, removendo-me de minha aldeia. Meu novo destino era Paris. Mais precisamente, a abadia de Saint-Germain-des-Prés<sup>65</sup> (outrora prestigioso centro cultural, hoje tão decadente que fora deixada de fora quando da construção da muralha do Rei Philippe Auguste), cujo abade, meu futuro amo, já estava à espera de minha apresentação. Portanto, era-me ordenado partir o mais tardar já na manhã seguinte. Olhei para o visitante, que me olhava de alto a baixo com uma risota, e uma onda de ódio quase me fez agredi-lo, rasgar a missiva e atirá-la em cima dele. Uma sensação fria me apunhalava o íntimo da alma e respirei fundo seguidas vezes tentando absorver o golpe a fim de responder de maneira adequada.

— Leu? — perguntou o emissário, impaciente, estendendo a mão como se quisesse a mensagem de volta — Posso fazê-lo, caso não saiba.

— Sim, li — respondi, lutando por recuperar o autodomínio e parecer natural.

— Entendeu, então, que a ordem do reverendíssimo senhor Bispo deve cumprida rigorosamente, sem delongas nem apelações de qualquer ordem...

— Sim, já li!

— ...sob pena de...

— Sim, eu já li! — retruquei desta vez de forma brusca.

— Qual resposta devo levar ao reverendíssimo senhor Bispo?

Hesitei por um momento, buscando encontrar as palavras certas, mas, antes que conseguisse articular dois pensamentos, o visitante tornou a falar:

— Então? Devo dizer ao reverendíssimo senhor Bispo que não há resposta?

A insolência daquele reles criado a se pavonear com a autoridade de seu amo me irritava; no entanto, consegui dominar-me e respondi no tom mais neutro que consegui:

— Deve dizer-lhe que a ordem será cumprida rigorosamente...

Não pude prosseguir. O outro retomo a palavra, em tom condescendente:

— É a resposta que o reverendíssimo senhor Bispo espera ouvir. Qualquer outra lhe seria altamente ofensiva, e, embora deveras afável e misericordioso, sua honra não lhe permite tolerância alguma com o desrespeito.

Lutando contra mim próprio, perguntei ao emissário:

— Guardando a devida reverência, posso perguntar se já foi nomeado um substituto para mim?

— O reverendíssimo senhor Bispo não tem satisfações a lhe dar... — respondeu o visitante, como que degustando a frase, para quase logo prosseguir — ...todavia, estou autorizado a dizer que sim, você já tem um substituto.

— Graças a Deus... ao menos não ficarão sem um sacerdote — murmurei mais para mim mesmo do que para o outro, que se esticou ainda mais ao responder:

— Por ordem e graça do reverendíssimo senhor Bispo, desde hoje eles têm um novo padre: eu.

Encarei o visitante, perplexo. Este aguardou um pouco e continuou:

— Sendo assim, você não é mais o padre dessa aldeia, e, portanto, é sua obrigação desocupar imediatamente a casa paroquial, que de ora em diante me pertence.

---

<sup>65</sup> A mais antiga abadia beneditina de Paris, fundada no século VI, em cuja igreja foram enterrados alguns dos reis merovíngios. A partir do século XII seu grande prestígio inicial decaiu; mas, do século XVI em diante, tornou-se mais uma vez ativo centro da vida intelectual católica na França, até ser extinta durante a Revolução Francesa, mas a igreja ainda subsiste.

Senti-me empalidecer. O outro, após breve pausa, sorriu ao prosseguir, conseguindo o milagre de empinar ainda mais a cabeça:

— Todavia, como o sol deve descer logo, e levando em conta que somos irmãos da mesma santa Igreja, e a fim de não obrigar o irmão a dormir ao relento, eu, optando pela caridade ao invés da rigorosa execução de meus direitos, consinto em aguardar até amanhã pela manhã, contanto que o irmão não abuse. O reverendíssimo senhor Bispo não iria gostar de abusos desse tipo.

A seguir, virou-se sem ao menos me saudar e retirou-se, empinando o tronco ao perceber-se olhado com admiração pelos aldeões que passavam.

Durante alguns minutos, eu e meu pajem ficamos imóveis, eu olhando na direção que o visitante tomara, o segundo me olhava fixamente, ambos sem dizer palavra. Ao cabo de algum tempo, voltei a mim e ordenei ao jovem:

— Ouviu o que ele disse. Chame algumas pessoas e prepare minhas coisas.

A seguir, entrei de novo, passando a olhar para cada detalhe da casa, a primeira em toda a vida que sentira como minha. Ah, esquecera que um religioso faz voto de pobreza e nada lhe pertence, nem sequer sua própria vida. Depois de algum tempo, o silêncio foi quebrado pelo pajem, que trouxera mais algumas pessoas para ajudá-lo, e quase logo as paredes começaram a ficar vazias.

Como aquilo me doesse na alma, deixei-me ficar à porta, prestando a mais viva atenção a cada detalhe daquela aldeia que considerava minha, a qual, na manhã seguinte, teria que deixar por simples capricho de um... fiquei longo tempo nessa muda contemplação, e quando o silêncio atrás de mim avisou que o trabalho havia terminado, voltei-me para o interior e me deparei com o pajem, a me fitar silenciosa e interrogativamente. Em volta, as paredes nuas da sala, em cujo canto dois baús não muito grandes guardavam todas as coisas que me pertenciam. À custa de grande autodomínio, venci as lágrimas e o nó na garganta, e me dirigi ao jovem:

— Amanhã partirei.

— Sim, Vossa Paternidade — respondeu, aparentemente sem se alterar.

— Caso deseje ser meu criado de quarto, posso levá-lo comigo.

O jovem baixou os olhos e não respondeu. Julguei compreender e não falei mais nada. Sentei-me em um dos baús, mergulhado nos próprios pensamentos, e quando voltei a mim, ele já havia se retirado. Deixei-me então ficar ali mesmo, pensando em tudo quanto havia acontecido naqueles poucos anos que ali permanecera, minha primeira paróquia, que teria que deixar sem ter tempo sequer para se despedir. Em meu coração, sentia-me como se fosse entregar o pequeno rebanho aos cuidados do lobo.

Levantei-me na manhã seguinte, nebulosa e fria, dirigi-me lentamente à cozinha e tirei da ucha<sup>66</sup> o pão e a jarra de vinho, os quais se misturaram em minha boca ao sal das minhas lágrimas. Então, deixei a casa, apressando o passo antes que perdesse a coragem. Ao sair, senti frio no coração ao me deparar com um minguido grupo de pessoas em volta de minha mula, que o jovem criado albardava. Olhei em volta, a me perguntar onde estariam os demais. Todavia, pude ao menos gozar um único momento de alívio naquela manhã ao constatar que meu substituto não estava presente.

Enquanto eu me aproximava a passos lentos, olhando para as pessoas próximas, que baixavam os olhos, o pajem terminou seu trabalho e afastou-se a seguir, juntando-se aos demais, sempre olhando para o chão.

Julguei ser preciso dizer alguma coisa, no entanto, nada me ocorria. Abri a boca, mas a garganta como que se fechou. Depois de lutar contra mim mesmo, por fim ergui a destra fazendo o sinal-da-cruz bem devagar. Não houve reação. De repente, sem aviso

---

<sup>66</sup> Espécie de baú onde se guardava o pão e gêneros alimentícios.

montei a mula e toquei-a para a saída, olhando volta e meia para trás, vendo todo o mundo que fora meu ficando cada vez menor, até que a aldeia desapareceu completamente de minhas vistas. Somente então me detive um pouco para chorar...

— *Parti então. Daquilo que fora a parte mais bonita e boa do meu ser, levava no meu peito apenas um tremendo desespero interior. Olhava para o Céu a perguntar que pecado havia cometido, para passar por tudo o que passei sem que em momento algum o Todo-Poderoso viesse em defesa do Seu sacerdote...*

*Durante uma pausa no trajeto, amarrei a mula a uma árvore, tomei o crucifixo de minha ama e me ajoelhei tentando orar a Deus, pedindo-Lhe para mostrar-me que eu estava errado, que tudo aquilo que pensava e sentia não era verdade, e sim fruto da tentação de Satanás. Não demorou muito para que eu me sentasse, sacudindo a cabeça, a sorrir de mim mesmo, tão infantil, tão patético, tão ridículo. Definitivamente, nada viria do céu além de sol e chuva, e as únicas mãos amigas com as quais poderia contar estavam nas extremidades de meus próprios braços. Dali a pouco, levantei-me, desamarrei a mula e montei, continuando meu caminho, tratando de pensar em coisas mais concretas. Quanto àquele crucifixo... bem, eu não tinha mais a menor intenção de perder mais tempo mais tempo a jogar plumas ao vento<sup>67</sup>; portanto, para nada mais me servia e larguei-o ali mesmo, como peso inútil que era...*

*Ah, l'Advenu, não se destroem as ilusões de alguém impunemente. Mata um homem, mas não mates seus ideais, pois ele se tornará um monstro, pior que o mais renegado demônio do Inferno.*

*Foi nesse estado de espírito que entrei pela primeira vez em Paris...*

*Então, l'Oiseleur calou-se. Esperei que ele continuasse, mas não o fez. Decerto, sabia que tivera sucesso em captar a atenção de sua solitária plateia. E, por mais que não quisesse admitir, eu queria saber o restante. De repente, ele continuou:*

*— Crês em mim, l'Advenu?*

*Quis dizer-lhe que não, para espicaçá-lo, mas afora o prazer de contrariá-lo, não vi finalidade em tal.*

*— Sim, creio. Ainda que... eu tivesse motivos para duvidar.*

*— Como eu disse ainda há pouco: Em boca de mentiroso, até a verdade é suspeita. Não crês muito na Humanidade, pelo que vejo. Se o fato não estivesse relatado nas Escrituras, duvidarias até mesmo da conversão de Saint-Paul...*

*— As experiências que vivemos juntos não foram apropriadas para desenvolver a crença na bondade humana. Mas, o que se seguiu depois?*

*Ele sorriu de minha curiosidade, irônico, e prosseguiu...*

---

<sup>67</sup> Provérbio da época, tinha o sentido de fazer trabalho inútil. Hoje se diz *secar gelo*, ou *malhar em ferro frio*.

## PARTE II

### O CÉTICO

*Um homem pode sorrir, e sorrir, e  
continuar sendo um patife.*

Shakespeare

*Condeno (mas estou salvo!).  
Para mim, só é verdade  
Aquilo que me convém.*

Cecília Meireles

## Alea Jacta Est

Foi o início de uma nova vida, tão diferente da anterior que mal se poderia acreditar terem sido vividas pela mesma pessoa. Bem, e de fato, ao cruzar os portões da tão famosa capital do reino de França, nela estava entrando uma pessoa em tudo diferente daquela que vivera e sofrera na pequena aldeia nas cercanias de N...

O alívio que sentira ao ver de longe a muralha e o grande portão cedeu lugar ao pânico assim que os cruzei e me vi no meio daquele verdadeiro labirinto de ruelas de terra batida, cujo traçado, tão irregular quanto os passos de um bêbado, não permitia saber para onde se estava indo; tão estreitas, por vezes, que era quase impossível desviar-me do povo que passava aos atropelos; dos carros com suas cargas; dos rebanhos que, por vezes, ocupavam todo o espaço disponível; ou da valeta central, coberta de lixo e excrementos onde porcos e cachorros refocilavam, e de onde emanava um odor nauseabundo.

Meus ouvidos pareciam prestes a explodir. Batidas de martelos, limas gemendo, aguadeiros, carros de carvão e lenha, mercadores, homens a praguejar, mendigos, tudo aquilo formava um coral alucinante em que mal conseguia entender uma palavra. Sentia perigo no ar, tinha consciência do quão fácil seria tornar-me vítima de qualquer malfeitor que conhecesse bem o terreno onde estava pisando. Assim, continha o impulso de pedir informações, receoso de que o medo e a ignorância transparecessem em minhas palavras, procurando esconder meus sentimentos sob uma máscara de impassibilidade. Olhava para frente, sem responder aos insultos nem aos pedidos, tangendo a mula para adiante, embora a esmo, tentando achar o caminho para uma igreja qualquer como quem seguisse às pressas em busca de um refúgio.

Em dado momento, encostei-me à parede de um prédio alto interpondo meu animal entre eu e os passantes, olhando em volta, julgando ver uma ameaça em todos os rostos que me encaravam. As torres das igrejas, antes visíveis de longe, agora pareciam haver mergulhado naquele mar de construções que pareciam prestes a me engolir, e durante um tempo em que o próprio tempo parecia ter parado ali fiquei, imóvel, vigiando, até que um movimento familiar chamou a atenção de todos e fez meu coração bater de forma diferente.

Um grupo de padres apareceu na extremidade da rua, vindo na minha direção, mas, à medida que se aproximavam, pude ver que não se tratava de simples curas como eu. Usavam vestes talaes<sup>68</sup> escarlates ou negras, alguns portavam boinas de arminho, contudo um deles, de corpo volumoso, a quem todos rodeavam com visível deferência, vestia túnica roxa coberta pelo mantelet<sup>69</sup> real, e na cabeça um barrete quadrado da mesma cor da túnica. Se eu ainda pudesse ter alguma dúvida, teria sido dissipada ao ouvir os outros gritarem, obrigando os passantes a abrirem caminho:

— Lugar para o Digníssimo<sup>70</sup> Reitor! Lugar para o Digníssimo Reitor!

Olhava-os passar, ralado de inveja e do desejo de ser um deles. Meu primeiro impulso foi me dirigir ao grupo, implorando para ser aceito. No entanto, estava seguro de uma resposta negativa, se é que se dariam ao trabalho de responder a um reles cura de aldeia que ousasse dirigir-lhes a palavra sem prévia apresentação e aquiescência. Foi então que uma ideia louca, atrevida, passou pela minha cabeça. Meu primeiro impulso

---

<sup>68</sup> Vestes que iam até os tornozelos (talões), de uso obrigatório para os membros das Universidades, com diferenças que indicavam a condição (Reitor, Doutor, Mestre, etc.). A Universidade de Paris foi a primeira a formalizar o cerimonial rígido e o uso obrigatório destas vestes, no século XIII.

<sup>69</sup> Casaco de eclesiástico, sem mangas, aberto e caindo até os joelhos.

<sup>70</sup> A partir de meados do século XIV o título foi substituído por Magnífico, o qual vigora até hoje.

foi rejeitá-la como fruto do desespero, mas, uma vez que eu já estava mesmo em desgraça, disse a mim mesmo que *desgraça pouca é bobagem*, e tão logo passaram por mim sem sequer tomarem conhecimento da minha saudação, puxei minha montaria e tratei de segui-los, longe o bastante para não parecer desrespeitoso, todavia perto o suficiente para ser notado.

A princípio me ignoraram, embora com certeza não houvera passado despercebido. Depois de certo tempo, alguns passaram a olhar para mim, a princípio de soslaio, aos poucos mais diretamente, mas de forma nenhuma amistosa. Por fim, começou a desfilar diante de meus olhos deslumbrados os prédios severos dos colégios da Universidade: Séz, Narbonne, Bayeux, Trésourier, e, finalmente, a tão famosa Sorbonne. Abriram uma larga corrente, cruzaram-na e se prepararam para fechá-la, enquanto me observavam à espera de alguma reação. Agora ou nunca, pensei. Murmurando entre dentes que *a sorte favorece os audazes*, acelerei o passo e fui rápido o bastante para entrar com metade do corpo. Fizeram menção de me barrar, mas o padre de túnica violeta fez um gesto e disse algo que não ouvi, ao que se detiveram tempo bastante para que eu cruzasse a corrente como o próprio César o rio Rubicon<sup>71</sup>.

Tão logo o fiz, a corrente foi fechada e me vi cercado por aquela chusma de Mestres e Doutores, mal tendo tempo de interpor minha mula entre eles e eu. No entanto, já esperava por isso. Saudei-os em silêncio, enquanto perguntavam-me, em tom hostil:

— Quem é você, intruso?

— Como ousou perturbar a marcha do Digníssimo Reitor?

Era o momento para o qual me preparara ao longo de todo o trajeto. Buscando aparentar a máxima tranquilidade possível, sabendo embora que uma atitude equivocada apressaria o meu fim ali mesmo, sorri levemente ao responder com tranquila convicção:

— O Digníssimo Reitor espera por mim.

E me voltei para o padre de túnica roxa, prestando-lhe a reverência adequada, de olhos baixos como era meu dever, mas de soslaio tentando entender aquele rosto meditativo e grave, cujas grossas sobrancelhas guardavam um olhar compenetrado e sério, embora os cantos dos lábios esboçassem discreto sorriso. Diante de mim, ninguém menos que Pierre Cauchon, Doutor em Teologia e na ocasião Reitor da Universidade de Paris.

Este, como os demais, num primeiro momento pareceu surpreender-se com a minha atitude, mas quase logo correspondeu ao meu cumprimento, ao que, conforme o protocolo, mantive os olhos baixos à espera de que me dirigissem a palavra. Suponho que movido pela curiosidade, sorrindo como um pai diante das traquinagens de um filho, mas agora me observando com decidida atenção, perguntou-me em tom afável:

— Quem é você, e por que diz que estou à sua espera?

— Padre Nicolas l’Oiseleur. Ao vosso serviço, se me julgardes digno desta honra — disse-lhe, fazendo uma mesura. — Meu antigo superior, o reverendíssimo senhor Bispo de N..., ordenou-me que me apresentasse a vós no dia de hoje.

*Alea jacta est*<sup>72</sup>, pensei, aguardando os próximos instantes como o acusado a sentença. Então, fui eu quem me surpreendi quando o Padre Reitor levou a mão à testa, fazendo expressão de quem acabasse de recordar algo, dizendo:

---

<sup>71</sup> *Audaces fortuna juvat, a sorte favorece os audazes*; Virgílio, Eneida Livro X verso 280. César cruzando o Rubicon, vide nota seguinte.

<sup>72</sup> *A sorte está lançada*, frase de Júlio César ao atravessar o rio Rubicon, dando início à terrível guerra civil contra Pompeu. Refere-se a situações em que se assume um alto risco, do qual não há mais volta.

— Ah, sim, é verdade!

A seguir, fez um sinal discreto, pelo qual os padres começaram lentamente a se retirar, enquanto eu amarrava o animal a uma trave próxima, suspirando de alívio. Ficamos em silêncio, eu igual a antes, ele a me observar atentamente, até que por fim não havia mais ninguém à volta. Num átimo parou de sorrir, seu rosto fez-se sanguíneo e duro e suas sobrancelhas pareceram mais grossas quando me olhou bem nos olhos como se me devassasse o íntimo, prosseguindo em voz baixa, mas de tal forma que pareceu tropejar em meus ouvidos:

— Ouça-me bem, *Padre Nicolas l’Oiseleur*: você não foi feito em pedaços até agora graças a um gesto meu. Da mesma forma, com apenas um gesto posso muito bem mandar que o façam nesse instante. Portanto, pare de representar e veja bem como vai me responder. Mais uma vez: quem é você, e por que disse que estou à sua espera?

Mais do que suas palavras, a expressão de seu rosto, o tom de sua voz, fizeram-me sentir, mais do que saber, toda a extensão do risco a que me expusera, e o alívio de um instante atrás deu lugar ao pânico. Dobrei então um joelho, trêmulo, estendendo-lhe a destra, palma para cima, e respondi, com os olhos rasos d’água:

— Digníssimo Reitor, tudo o que vos disse é verdade... exceto que deveria me apresentar ao abade de Saint-Germain-des-Prés. Sei que foi um pecado abominável mentir para vós, mas a esperança de pertencer à Universidade de Paris ou morrer tentando foi o móvel da minha atitude infame. Se me castigardes ao vosso talante, não sereis senão justo. No entanto, se por trás da insolência da minha atitude enxergardes o desespero deste infeliz, vossa generosidade será o instrumento da misericórdia divina, *que não quer a morte do pecador*. Pequei, senhor, e rogo vosso perdão se minha atitude ofendeu-vos. Todavia, é graças a ela que já estou falando pessoalmente ao Digníssimo Reitor da mui célebre Universidade de Paris.

O instante que se seguiu pareceu-me uma eternidade, até que ele novamente sorriu e me estendeu a destra, que beijei com os olhos úmidos da mais emocionada gratidão, depois do que, à sua ordem, levantei-me e segui-o ao interior de sua moradia. Mais tranquilo, e, sobretudo, convicto de tê-lo agradado mais com minha ousadia do que com meu discurso, convenci-me, a partir deste momento, de que jovens ambiciosos, quando têm um objetivo em vista, conseguem muito mais pela audácia do que pela virtude.

Foi com evidente e completo deslumbramento que fui apreciando a beleza e a opulência do interior daquilo que me parecia um verdadeiro palácio. Evitava tecer quaisquer comentários, mas meu olhar embevecido certamente dizia a meu novo senhor que aquele jovem diante de seus olhos, tendo vivido a maior parte da vida no solar de um nobre arruinado, a seguir num mosteiro, e depois numa mesquinha aldeia, nunca tinha visto nem mesmo em sonhos nada igual em toda a vida.

— Será meu hóspede até que eu defina a sua situação — disse meu senhor com bonomia, e quando fiz menção de perguntar-lhe, respondeu-me antes, como se houvesse lido meu pensamento: — Quanto à Saint-Germain-des-Prés, não se preocupe. Eu resolvo isto.

Minha gratidão por este oferecimento chegou às raias do êxtase. Teria sido menor a minha empolgação se me fosse prometida a entrada no Reino dos Céus, que, se não se parecesse com a maravilha que tinha diante dos olhos, ter-me-ia parecido coisa pálida e mesquinha. Quase não consegui falar, e quando pude, foi somente para emitir palavras banais de gratidão. Mas meu novo amo teria que ser cego para não perceber tudo o que se passava dentro de seu mais recente protegido.



Ele convidou-me para jantar<sup>73</sup> em sua companhia, transformando o simples fato de comer em um evento de desconcertante magnitude. Ao toque do sino, dirigimo-nos para a mesa já montada<sup>74</sup>, descomunal para meus hábitos de pão preto, sopa de legumes, queijo, frutas e vinho, pois me deparei com uma verdadeira orgia gastronômica, a qual, ao par do deslumbramento, fez-me pensar que um banquete opíparo como aquele não seria muito apropriado a um sacerdote que fizera votos de pobreza. Às ordens do Padre Reitor, para minha maior emoção, um criado trouxe para meu uso um aquamanil<sup>75</sup> de prata com água de rosas. Sentei-me, a seguir, não num banco ou numa arca, mas, pela primeira vez na vida, numa cadeira, ao lado da de meu novo amo, tendo diante de mim não o trincho<sup>76</sup>, mas um verdadeiro prato de estanho<sup>77</sup> só para mim. Sem saber por onde começar, saboreava, também pela primeira vez na vida, pão branco, e bebia um vinho maravilhoso que um criado me trouxe (não num copo de argila, mas numa verdadeira taça, também de estanho), enquanto olhava de soslaio para meu senhor procurando imitá-lo, percebendo que ele se divertia com isso.

Assim, aprendi a usar pedaços de pão amanhecido<sup>78</sup> para tomar os alimentos, enquanto observava meu amo a provar, numa escudela de prata, uma das sopas com uma colher que era uma verdadeira obra de arte. A seguir, empunhou um longo instrumento de dois dentes para prender a carne enquanto cortava-a com a faca, também estes talheres trabalhados com um requinte até então desconhecido para mim. Enquanto meus olhos derramavam-se em êxtase, em meus ouvidos parecia ecoar a voz do meu antigo Prior a trovejar durante as refeições:

— *O alimento é uma dádiva de Deus, e por isso, a fim de honrá-Lo e agradecer-Lhe, todo verdadeiro católico tem a obrigação de levar o alimento à boca diretamente pelas suas próprias mãos, sem a intermediação destes luxuosos e inúteis utensílios pagãos que os efeminados gregos tanto amam! Deus, em Sua suprema sabedoria, já deu ao homem todos os talheres de que verdadeiramente precisa: seus dedos! Aquele que se envergonha de usá-los contamina o alimento que come, mostrando-se indigno dele, e insulta o próprio Deus!*

Claro que tinha comigo minhas próprias faca e colher<sup>79</sup>, mas não ousava pô-las ao par daquelas preciosidades que por si sós bastavam para dar à refeição o conceito de banquete, ardendo em desejos de que meu amo terminasse de usá-las para que eu também pudesse fazê-lo, sem saber se ousaria tocá-las.

— Venezianos — disse meu amo, trazendo-me de volta à realidade.

— Como, Messire? — perguntei sem entender.

— São talheres venezianos — falou-me, enquanto acabava de mastigar.

— Nunca... jamais em minha vida tinha visto algo assim!... — murmurei.

---

<sup>73</sup> Na Idade Média havia duas grandes refeições diárias: o **jantar**, que acontecia no final da manhã ou começo da tarde; e a **ceia**, no final do dia. Outras, como o **desjejum**, eram leves e variáveis.

<sup>74</sup> Mesmo nas casas mais requintadas não havia sala de jantar, e as mesas eram simples pranchas de madeira, cobertas com toalhas e apoiadas em cavaletes, montadas para as refeições e desmontadas a seguir.

<sup>75</sup> Ou *aquamanilla*, espécie de bacia de água aromatizada para se lavar as mãos durante as refeições.

<sup>76</sup> Ou *trincer*, fatia larga e grossa de pão preto amanhecido que servia de prato.

<sup>77</sup> Pratos e copos de estanho eram muito caros, e tê-los era sinal de status social elevado. Os menos favorecidos teriam que se contentar com os de argila, madeira ou ferro.

<sup>78</sup> Em função da escassez de talheres, o alimento era apanhado com as mãos, ou com pedaços de pão amanhecido nas casas de maior requinte.

<sup>79</sup> Nos banquetes medievais, cada convidado deveria levar seus próprios talheres, os quais, por serem poucos, seriam compartilhados com os demais convivas (convém lembrar que, na Idade Média higiene não era coisa que merecesse grande consideração).

Vendo meu êxtase, estendeu-os para mim, dizendo:

— São muito práticos. Experimente-os.

Não soube o que responder. A curiosidade fez minha mão se aproximar, a timidez fê-la recuar. Meu amo sorriu e disse, autoritário, mas amistoso:

— Vamos, experimente-os! Eu o autorizo!

Aproximei devagar a mão, tomando o talher com a ponta dos dedos. Meu senhor riu-se e falou:

— Ora, vamos! Isto é um garfo, tem dentes, mas não morde! Fixe com ele a carne e poderá cortá-la mais facilmente!

Obedeci, a princípio com medo, como se receasse ter outra vez diante dos olhos o Prior a sacudir na mão esquerda um instrumento semelhante, todavia, escuro e sujo, enquanto apontava-o com a mão direita, gritando:

— *Vede aquilo que seduz os ímpios! Vede, um instrumento digno de Satã, uma miniatura do forcado dos demônios! É com isto que comem os pagãos, é com isto que comem os cismáticos gregos! É com isto que o Demônio deseja que comais, com um forcado semelhante ao que ele empunha contra o próprio Deus! Aquele que faz uso dele morrerá leproso ou de peste, igual à princesa grega que escandalizou Veneza usando-o, como bem disse o Bem-Aventurado Bonaventure de Bagnorea<sup>80</sup>, pois não se insulta Deus impunemente! Vede e horrorizai-vos, para que a tentação se aparte de vós para todo o sempre!*

Em alguns minutos já dominava o novo instrumento, para satisfação do meu senhor. Pude, assim com mais calma, deliciar-me com os alimentos e o vinho, cujo sabor jamais houvera sentido em toda a vida, cada prato despertava um tal prazer que precisava lutar entre o desejo de saboreá-lo até a saciedade e o de provar de tudo. Meu amo falou de novo:

— É possível se comer em quase todas as casas da França e da Inglaterra sem jamais se desfrutar de tais preciosidades. São especiarias que mando vir de Veneza. Depois que se prova o vinho ou a comida com elas, tudo o mais se torna insosso. Ah, sim, os venezianos sabem viver.

Surpreendeu-me o vasto apetite de meu amo, que ainda saboreava com prazer os diversos pratos, ao passo que eu, depois de haver provado um pouco de cada coisa, já me sentia enfasiado, lamentando mesmo o não ser dotado de três estômagos, como os ruminantes, mas à insistência dele, arrumei lugar no ventre para as sobremesas, e só se deu por satisfeito quando lhe assegurei minha mais plena satisfação, ousando mesmo gracejar pedindo-lhe sua absolvição para pecado da gula. Levantamo-nos, então, ao que, com imponência, ele deu aos criados uma ordem que me impressionou deveras:

— Levem as sobras para os pobres do Hospital<sup>81</sup>.

Vivi uma noite de celestes gozos ao me deitar pela primeira vez na vida sobre um colchão de plumas com lençóis de linho, e os dias que se seguiram foram o mais perto que pude chegar do Paraíso até aquele momento. Quando a sós (ou pelo menos assim supunha), ficava a contemplar cada detalhe da moradia de meu protetor: as

---

<sup>80</sup> Ou **São Boaventura**, renomado teólogo franciscano e um dos Doutores da Igreja, cognominado “*Doutor Seráfico*”, canonizado em 1482 (1218-1274).

<sup>81</sup> Hospitais, na Idade Média, eram estabelecimentos religiosos que nenhuma relação tinham com o conceito atual, pois tinham por fim a caridade, e não o tratamento de doenças. Acolhiam os peregrinos e os doentes abandonados e/ou socialmente excluídos, a fim de oferecer-lhes pão, leite e assistência religiosa (daí a origem do termo “hospitalidade”). Na França eram também conhecidos pelo nome genérico de **Hotel-Dieu**. O gesto em questão era comum entre os membros ricos da nobreza, do clero e da burguesia, como forma de ostentar caridade.

tapeçarias, os cortinados, as arcas, as taças, os talheres, a comida e a bebida, mesmo a libré dos criados, e nas mais ínfimas coisas descobria um quê de fascinante e maravilhoso.

Passados alguns dias, meu amo chamou-me à sua capela particular. Senti-me emocionado, imaginando mil motivos para tal. Recebeu-me com um sorriso afável e mandou-me fechar a porta. Uma vez a sós, ele tomou uma Bíblia ricamente adornada, pô-la sob a minha mão direita e me disse:

— Meu amigo, julgo-te digno da minha estima e terei prazer em tomar-te sob minha proteção. Mas, para isso, é preciso que eu possa confiar completamente em ti.

O fato de o Padre Reitor dar-me agora o tratamento de “tu” me emocionou deveras. Esperei, enquanto ele prosseguia:

— Portanto, peço-te que te confesses, que me digas tudo quanto vai em teu coração. Não tenhas receio de dizer algo que consideres errado ou pecaminoso. Para que eu possa confiar em ti, faz-se necessário que confies completamente em mim. Sê verdadeiro em todas as tuas palavras, e, ou muito me engano, ou nós ambos poderemos realizar grandes coisas juntos...

Até ali, as palavras do Padre Reitor tinham me causado a mais viva emoção, porém, à última frase, um estranho sentimento de alerta mais uma vez abalou o contínuo deslumbramento daqueles dias, convidando-me a desconfiar de algo que eu mesmo não era capaz de definir.

Porém, deixei de lado a desconfiança, e me abri completamente. Por vezes, as lágrimas e os soluços sufocavam-me, e era então que ele sabia dizer magníficas palavras de reconforto, pronto para me escutar quando novamente via-me em condições de falar. Nada lhe ocultei, nem mesmo os sentimentos de ódio e de quase descrença em tudo quanto outrora fora motivo de uma fé sem reservas. Aquela foi uma verdadeira confissão, e — por que não admitir? — a última digna desse nome em décadas.

Naquele momento, por mais estranho que hoje possa parecer, o que eu queria e desejava com todas as forças da minha alma era uma palavra que me restituísse a fé, que me devolvesse a crença em tudo aquilo de bonito e bom que outrora amava mais do que a própria vida; que aquela esplêndida Bíblia sob a qual tinha a destra pousada voltasse a ser, em meu coração, a Palavra de Deus, e não apenas lendas piedosas postas em pergaminhos ricamente adornados.

Ele ouviu-me com grande atenção e simpatia. Ao terminar, esperei que ele abrisse a Bíblia a fim de me mostrar o versículo sagrado que expressasse a vontade de Deus e respondesse às minhas dúvidas, reacendendo a chama da fé dentro do meu coração. Para minha surpresa, todavia, ele simplesmente retirou-a de sob minha mão e pô-la de lado, limitando-se a dizer-me:

— Sim, compreendo-te. Meditarei sobre tudo quanto me disseste e dentro de alguns dias tornarei a chamar-te, a fim de decidirmos teu futuro.

A seguir, ordenou-me que me retirasse e aguardasse em meus aposentos a hora da ceia. Obedeci, cheio de medo, a me perguntar se teria dito alguma inconveniência, ou se, pelo contrário, minha sinceridade tinha sido útil. Contudo, ele não tocou mais no assunto e tampouco me atrevi a abordá-lo.

Os dias seguintes diminuíram a minha ansiedade e aumentaram meu deslumbramento. Em companhia de meu amo, não apenas vi, como adentrei os vetustos prédios da Universidade de Paris, a mais alta instituição eclesiástica de toda a França, cujas opiniões eram solicitadas e acatadas em todo o mundo católico. Vislumbrei as grandes bibliotecas, entrevi alguns daqueles célebres professores que até então eram apenas nomes escutados com reverência, e me senti no ápice da felicidade quando o

Padre Reitor fez questão de me apresentar a tão brilhantes luminares pedindo-lhes sua especial atenção para mim, afirmando-lhes que, ou muito se enganava, ou havia descoberto uma valiosa inteligência digna de ser guiada e burilada pela luz da mais célebre universidade do mundo cristão.

Responderam-lhe que um parecer do Reitor bastava-lhes por valiosa recomendação. Que eu retornasse na época conveniente, e após um exame do qual não duvidavam do resultado, seria recebido com todo o prazer. Ouvir aquilo foi como a realização de um sonho adiado tantas vezes que já nem tinha mais coragem de sonhar.

Porém, naquele dourado mundo havia um lado menos fascinante o qual me vi na obrigação de conhecer. A interminável guerra afetava nossas relações com o mundo à nossa volta. Na roda volúvel da política, aliados de ontem eram inimigos hoje e vice-versa. De acordo com as instáveis necessidades políticas, era por vezes necessário sacrificar-se um partidário leal para agradar a alguém importante ainda que hostil.

Foi na ocasião em que desci pela primeira vez a um calabouço em companhia do Padre Reitor e do Vigário da Inquisição da diocese. Precisei de um tremendo esforço para dominar-me. Falava apenas o indispensável, receoso de que a voz me traísse. Aquilo me pareceu a própria caverna do Horror. A pedido do Padre Reitor, o Vigário da Inquisição fazia questão de me mostrar detalhadamente tudo: cada instrumento de tortura, cujo funcionamento era explicado pelo carrasco; cada cela; e por fim, cada um dos prisioneiros.

Olhava para aquelas criaturas ali aprisionadas, às quais tão só por eufemismo ainda poderiam ser chamadas de pessoas. De início, a piedade quase fez meus olhos se encherem de lágrimas. Era inconcebível que um animal pudesse viver (?) naquelas condições, quanto mais um ser humano. Aos poucos, a precisão dos detalhes foi trazendo a mais um sentimento de nojo, de asco, e essa mistura de sentimentos contraditórios tornou minhas horas ali algumas das piores que senti em toda a vida.

O vocabulário humano ainda não criou palavras fortes o suficiente para descrever o que senti diante daqueles cubículos úmidos e escuros cujo odor de urina e fezes beirava o insuportável, dentro dos quais criaturas com as vestes reduzidas a farrapos estendiam garras de grandes unhas negras e roídas, a grunhir “pão!” e “água!”, vivos ainda por acréscimo de tortura quando qualquer gênero de morte seria uma bênção.

Alguns me pareceram mulheres, mas preferi não acreditar. Simplesmente não era crível imaginar que aquelas monstruosidades dignas de um pesadelo, capazes de fazer um réptil parecer mais próximo da humanidade, um dia haviam sido criaturas humanas, com emoções, desejos e ambições.

E eu apenas olhava... não ousei suplicar a meu senhor, mas sentia-me sufocar e cada instante que passava ali era um autêntico suplício. Eu, que não acreditava mais no Inferno, tinha a certeza de que não só existia, como estava a visitá-lo em vida. E percebia que nada daquilo escapava ao Padre Reitor, o qual, decerto propositalmente, sempre descobria algo mais para me mostrar, prolongando aquele tormento.

Parecia-me que aquilo nunca mais ia terminar. Mal acreditei quando saímos e nos despedimos do Vigário da Inquisição a fim de retornarmos. Naquele momento, ao respirar novamente ao ar livre, nenhuma das maravilhas com que me extasiara me encantou tanto quanto voltar a ver o céu azul e a luz do sol. Fizemos o trajeto de volta em silêncio. Tão logo entrarmos, meu amo mandou que nos trouxessem vinho e bebi, sofregamente no início. Desejava chorar, mas consegui manter-me firme. Então ele tomou a palavra:

— Não é preciso dizer nada. Eu também senti a mesma coisa da primeira vez. Fizeste bem ao não demonstrar nenhum sentimento. Hoje, lutaste por não chorar. Com o tempo, lutarás para não rir quando te lembrares que, se não estás **lá**, é tão somente porque alguém está, em teu lugar. Se desejas realmente adentrar o mundo que tenho te mostrado, saibas que só há duas escolhas e nenhum meio-termo: estar **lá**, ou mandar alguém em teu lugar.

— Eles... eles nem sequer parecem humanos, Messire!

Ele sorriu e disse:

— Claro! O objetivo é precisamente este! Não podes, não podemos vê-los como tais! Se nos deixarmos levar pela compaixão, estaremos perdidos e eles alegremente trocarão de lugar conosco. O jogo do poder é cruel, não se compadece dos vencidos nem conhece meio-termo entre a glória e a desgraça. Quem quiser jogá-lo tem que banir de si todo e qualquer sentimento de piedade, pois ou se cobrirá de glórias ou acabará num lugar como aquele, e a única forma de evitar este último é fazer com que outro seja atirado ali em seu lugar.

Senti um calafrio, bebi mais vinho e perguntei:

— Mas, Digníssimo Reitor... de que são culpados, para merecerem isso?

— De algo que não deviam ter feito — respondeu com indiferença.

— Certamente, mas... de quê?

O sorriso de meu amo pareceu-me assustador ao responder:

— De um pecado mortal no mundo do poder: escolheram o lado errado e perderam.

Fiquei atordoado com a resposta e ele prosseguiu sorrindo do mesmo jeito:

— O que realmente importa não é o que fizeram, mas de que lado estavam. Afinal, inocência ou culpa é uma simples questão de conveniência. Eles apostaram contra nós e perderam. Se houvessem vencido, então nós estaríamos onde eles estão, porque alguém terá que estar lá e isso diz tudo. Quem quer o poder precisa ser implacável, não pode dar-se ao luxo de assumir compromissos com abstrações.

— Abstrações?...

— Abstrações como justiça, piedade, misericórdia. Abstrações apenas, que põem a perder quem crê que sejam mais do que isto: abstrações, que podemos e, por vezes, até devemos demonstrar, porém jamais sentir. Se queres o poder, jamais te esqueças de que a única verdadeira virtude em política é a conveniência.

Respirei fundo e perguntei:

— Mas, afinal, quem são eles?

— Eram, queres dizer.

A colocação me chocou; no entanto, correspondia perfeitamente à realidade. Reformulei a pergunta:

— Quem eram eles? Porventura alguém... da nobreza? — perguntei, receoso de estar sujeito a tal coisa.

Ele respondeu me olhando atentamente, como que lendo meu pensamento:

— Quando as unhas são arrancadas, o sangue azul dos mais nobres homens escorre tão vermelho quanto o meu de filho de burgueses.

Aquela resposta me abalou tremendamente. Seria capaz de jurar que ele era nobre, pois não me corrigira quando o tratei por Messire. No primeiro momento, tão grande foi minha decepção que poderia ter-me feito olhá-lo de maneira imprópria, se não houvesse visto em seu rosto um poder capaz de esmagar quem quer que ousasse atravessar o seu caminho, fosse quem fosse. Ele prosseguiu, agora friamente:

— Quem eram? Alguns, simples casos de bruxaria ou sodomia. Um ou outro marido por demais zeloso da honra da esposa ou filha, alguma mulher que desejou valorizar demais sua virgindade ou se julgou no direito de escolher homem. Mas a grande maioria cometeu o pecado mortal de não escolher o lado certo.

Estremeci ao perceber que não me havia enganado. Entre aqueles mortos-vivos, havia também mulheres. Tudo aquilo me horrorizava, e tomei mais vinho com aflição, quase engasgando. Perguntei:

— Todavia, quando alguém consegue sair dali...

Ele quase gritou:

— Sair, como? Não conseguiriam fugir mesmo que escancarássemos as portas! Eles mal têm forças para evacuar as próprias fezes!

— Naturalmente. Mas quando alguém é absolvido, não é libertado?

— Esta hipótese não existe!

Olhei para ele sem entender. A conclusão veio sem demora:

— Tem em mente uma coisa: a Santa Inquisição existe para condenar, não para absolver. Por isso, onde ela se implanta, brotam como cogumelo em tronco podre esses maravilhosos serviçais que são os caluniadores, os espiões e os delatores, pois basta o inquisidor querer para encontrar indícios de heresia nas palavras mais simples do crente mais devoto. Portanto, quem quer que seja denunciado ao Tribunal do Santo Ofício — ainda que fosse o próprio Saint-Joseph! — dificilmente escapará da tortura e, jamais, de uma sentença...

## Uma Nova Vida

Mais alguns dias se passaram, e eu, ainda perturbado pela diversidade das experiências vividas em tão poucos dias, julgava que meu senhor havia se esquecido do que me falara na época de minha confissão, quando mais uma vez mandou chamar-me à sua capela particular. Meu coração bateu mais forte, segredando-me que eu me aproximava de um momento decisivo em minha vida e dirigi-me ao local a imaginar o melhor meio de manter as boas graças de meu poderoso amo.

Recebeu-me afavelmente. Desta vez, ao invés da bonita Bíblia da vez anterior, vi uma salva de prata, onde um jarro de vinho e duas taças de ouro ricamente trabalhadas repousavam. Ordenou-me afavelmente sentar-me diante dele e começou por lembrar minha confissão anterior, dizendo-me em continuidade:

— Digo-te que é possível realizar tudo quanto desejas. Eu tenho o poder de tornar todos estes teus sonhos realidade, e mais talvez... quem sabe até mesmo fazer com que aqueles que te injustiçaram venham a colher os frutos de tudo o que te fizeram... porém, da mesma forma, àqueles que traem a minha confiança, faço-os chegar ao mais fundo da desgraça, ao ponto de maldizerem o dia em que nasceram.

Estas palavras trouxeram-me uma ânsia, um medo que não soube definir no primeiro instante, mas no seguinte captei o sentido por trás delas, e me alegrei deveras. Disse a mim mesmo que, após as tantas injustiças que sofrera, a grande oportunidade surgira em meu caminho. A possibilidade de realizar tanta coisa que antes me parecera impossível encheu meu coração de um júbilo indizível, uma alegria de criança a quem se lhe promete um brinquedo com o qual tanto havia sonhado.

— Sim, meu jovem, todos esses desejos que palpitam em teu coração feito miragem fantástica, posso pôr ao teu alcance, e mais ainda. Tens a necessária audácia, como já vi. Desde que eu possa contar com a tua absoluta lealdade, eu te asseguro que realizarás estes sonhos e subir ainda mais alto, conforme tua ambição. Minha generosidade será conforme a tua lealdade.

O Padre Reitor fez uma pausa, olhou-me nos olhos e continuou:

— Vê que estou pondo teu destino em tuas mãos. Jura-me tua lealdade absoluta, e absoluta será minha generosidade. Estou destinado à grandeza, e posso alçar tua carreira em paralelo à minha. Tenho poder para tanto. Não obstante, num mundo como este em que vivemos, previno-te que não é possível ascensão tamanha unicamente através da bondade e da virtude. Se aceitares o que te proponho, terás que realizar coisas que talvez te repugnem, terás que condicionar tua piedade e tua virtude aos interesses da Igreja, e por consequência, aos nossos. Para isso será preciso não somente que sejas intrépido, mas também frio e implacável com quantos possam perturbar nossa ascensão, caso contrário, a queda será tão formidável quanto fragorosa.

Depois de mais uma pausa, como eu nada dissesse, prosseguiu:

— Vê bem se te sentes em condições de assumir este compromisso. Caso contrário, dize-me com a máxima franqueza. Se assim for, arrumarei para ti uma pequena aldeia nos arredores, semelhante àquela que era tua, onde poderás viver em paz como simples cura. Não incorrerás em meu desagrado por isso. Porém, neste caso, deverás esquecer para sempre todos os teus sonhos e desejos, que continuarão a ser o que têm sido até o momento: fantasias irrealizáveis.

Mais uma vez, um sentimento de alarme sacudiu fortemente meu coração e, por um momento, vacilei. Sempre as decisões fundamentais da minha vida tinham sido tomadas por outrem, cabendo-me somente obedecer. No entanto, naquele momento

estava em uma encruzilhada de ideais inconciliáveis, e a decisão estava toda em minhas mãos. Ainda que eu não compreendesse toda a extensão do compromisso ao qual meu amo me atraía, era claro como água não haver meio-termo possível entre a paz na mediocridade e a guerra pelo poder e glória: como dizia o povo, *não há como se ter o toucinho e o porco*. E o olhar de meu amo cobrava uma resposta a ser dada aqui e agora.

Porém, a hesitação foi breve. Toda a força dos sentimentos daquele tempo acudia como se fizesse um último esforço, o bastante para me abalar, mas sem a menor chance de me fazer mudar de ideia, porque, no íntimo, eu já tinha tomado a decisão. Afinal — por que não confessar? — minha vida na aldeia, e tudo quanto amava então, tinham perdido todos os encantos para mim. Eu não queria mais ser um mísero cura, sujeito ao arbítrio de um superior como os que eu conhecia, um cordeiro sujeito aos caprichos dos lobos. Não depois de ver aquele mundo novo que desejava conhecer em toda a plenitude. Ainda que meu amo me assegurasse que não cairia em seu desagrado, poderia ter certeza?... Não, eu não mendigaria mais a incerta boa vontade alheia para dar um simples passo.

— Pois seja a vossa generosidade segundo a minha lealdade, Digníssimo Reitor.

Ele então sorriu ao me estender a sua mão direita, ao que eu dobrei um joelho para beijá-la. A seguir tomou as taças de ouro, encheu-as ele mesmo e me estendeu uma. Brindamos então, eu sorvendo aquele delicioso vinho o mais lentamente possível, tentando prolongar ao máximo aquele momento que me soava como o prenúncio de uma nova era de triunfos e glórias.

Em minha imaginação, via-me obtendo os mais gloriosos lauréis que o estudo poderia conferir a um sacerdote: Licenciatura, Bacharelado, Mestrado, quem sabe Doutor em Teologia ou Direito... e, cheio desses louros, retornaria à minha antiga paróquia e seria recebido com alegria e orgulho pelo pequeno rebanho, o qual, sob a proteção de meu amo, iria ver aquele padre insolente que me substituíra vir beijar a minha mão... e aquele bispo velho, decrepito, decadente, ir até lá de cabeça baixa a fim de cobrir-me de lisonjas tentando obter as boas graças de meu amo por meu intermédio...

Mergulhei então de corpo e alma (entenda-se a última palavra apenas como força de expressão, é claro!) nessa vida nova, álcacre e vivaz, que transcorria naquele prédio austero da Rue du Fouarre, entregando-me aos estudos com a devoção de um verdadeiro crente. Para quem até então pouco mais conhecera que a gramática dos *donatos*<sup>82</sup>, aquilo era mergulhar num mundo inteiramente novo e maravilhoso.

Eu, ainda há pouco simples padrego de aldeia, começava a dar os primeiros passos para tomar parte na elite intelectual do mundo e do tempo em que vivia. Estudava, estudava com o desespero de um sedento diante de uma fonte de água pura, feliz em perceber o quanto minha memória se ampliava e meu raciocínio se desenvolvia. Naquele século em que a quase totalidade do mundo cristão vivia mergulhada nas trevas da mais completa ignorância, eu era um dos poucos eleitos a folhear livros que a maior parte do Orbe nem sequer sabia existir, a ver com meus próprios olhos a beleza colorida de suas iluminuras e, o mais importante, a entender cada vez mais e melhor o real sentido de todo aquele conhecimento que me era dado absorver.

E não era só isso. Nomes pronunciados com fervorosa admiração, Pais, Doutores e Mestres da Igreja, através de seus escritos, passaram a ser mais do que apenas nomes

---

<sup>82</sup> Referência a Elio Donato, gramático latino (310-380). Sua *Ars Grammatica* foi considerada modelo no gênero até o Renascimento, e as obras baseadas nela eram por isso conhecidas como *donatos*.



pronunciados com augusta reverência, eram quase meus conhecidos, e por vezes, alguns luminares contemporâneos passavam por mim entre os corredores e nas bibliotecas, não raro me honrando com um aceno ou um olhar.

Nestas horas, arrebatava-me o desejo de me dirigir a eles, a pretexto de pedir alguma orientação, unicamente para ter tido a glória de lhes ter falado. Não obstante, aquilo não deixava de ser um teste e, fazendo-o, incorreria no desgosto de homens tão doutos e sábios, o que poderia trazer-me sérios aborrecimentos. Afinal, eram muito ciosos da glória de seus nomes e consideravam grande impertinência um monge desconhecido dirigir-lhes a palavra sem prévia apresentação e aquiescência.

Certamente que ser protegido do Reitor facilitou em muito a minha entrada na Universidade, sobretudo no que diz respeito às inúmeras taxas referentes aos direitos de matrícula, pelo que minha gratidão chegou às raias da idolatria. Este fato, mais a minha origem nobre, também me poupou de grande parte, ainda que não de todos os dissabores reservados aos *béjaunes*<sup>83</sup>, pois havia outros estudantes pobres sobre os quais o “abade dos béjaunes” poderia exercer plena autoridade sem maiores riscos.

Não obstante, uma vez lá dentro, era preciso mostrar méritos próprios, mesmo porque o reitor, ao menos em Paris, era mudado após apenas alguns meses e a proteção de hoje poderia tornar-se a perseguição de amanhã. Era preciso muito estudo, e não apenas dos livros, como da natureza humana (no que tive o privilégio de ter o Padre Reitor como mestre na magna ciência da vida, que os livros não ensinam). Também era um verdadeiro curso de diplomacia. Afinal, o aluno deveria aprender a ser hábil para decidir quando e como responder. Havia momento para acatar a autoridade do mestre, e momento para discordar, debater e discutir.

Uma surpresa que tive, boa ainda que um tanto decepcionante, é que a vida de clérigo<sup>84</sup> estava longe de ser tão austera quanto a de meus dias de mosteiro. O que aquela tivera de silêncio e sisudez tinha esta em animação e movimento. Se dentro dos muros tomávamos parte em debates vivos e apaixonantes, também não ficávamos enclausurados dentro deles. Eram tantas as procissões, festejos e dias santos que não faltavam oportunidades para as escapadas, e logo aprendíamos a aproveitá-las. Por vezes, um ou outro chegava a ficar longe por bastante tempo, vivendo quem sabe mil aventuras que, na pior das hipóteses, seriam depois levadas ao confessionário, onde ficariam guardadas para sempre.

Numa situação dessas, era preciso ter agudo senso crítico para escolher os companheiros, pois alguns tinham prazer em delatar mesmo as faltas mais inocentes; sobretudo, aqueles que não conseguiam se destacar por méritos intelectuais. Por mais que tal atitude fosse louvada pelos mestres e exigida de nós sob juramento, nem por isso deixávamos de detestar os que se prestavam a ela, e, sempre que podíamos, vingávamo-nos pelos meios ao nosso alcance. Entre os delatores, um dos que mais me causava repulsa era Pierre de Gouda<sup>85</sup>, o qual sempre vinha depois em prantos alegar ao delatado que o fizera unicamente por devoção à Igreja e amor ao faltante, uma vez que o castigo predispõe o pecador à regeneração.

Entre os colegas de mais próximo convívio destacava-se Thomas de Courcelles, o qual, embora um dos mais jovens, já dava mostras do brilhante retórico que se tornaria mais tarde. Nicolas Midi era outro constante parceiro de escapadas, cujas consequências

---

<sup>83</sup> Pássaros recém-saídos dos ninhos. Por extensão, calouros. O “abade dos calouros” era eleito entre os veteranos para coordenar os “troles” típicos da época.

<sup>84</sup> Os alunos das universidades medievais tinham o título de clérigos e estavam sob a jurisdição eclesiástica, embora não necessariamente fossem ou se tornassem mais tarde religiosos.

<sup>85</sup> Licenciado, e mais tarde Mestre em Artes.

poderiam ser mais ou menos severas, dependendo dos resultados e, sobretudo, de quem fosse o nosso mestre (dos poderes laicos pouco tínhamos a temer, já que a condição de clérigos dava-nos não poucas imunidades). Alguns, como Jean Beaupère, eram fartos e generosos na distribuição de punições e penitências, o que me levou a transferir-lhe a mesma afeição e simpatia outrora consagradas ao meu antigo Prior, tornando-se cada vez mais difícil para mim acatar o repetido adágio: *sejam eles ou não merecidos, suportes com paciência os castigos, pois deles ficará sempre algo de bom para ti*. Outros afetavam austeridade apenas para manter as aparências, sobretudo os que se permitiam os mesmos prazeres. Mas em nenhum deles, por mais que tenha intimamente buscado, encontrei alguém que me ressuscitasse a lembrança cada vez mais fugidia do Padre Bernard.

Lembro-me particularmente da primeira vez que eu participei de algo assim. Midi convidou-me em surdina para “tomar uma sopa” com ele e Courcelles, tal era a senha combinada. Com o coração aos pulos, à noite, saímos cobertos com mantos negros, a fim de que a escuridão nos camuflasse, e, uma vez na rua, tiramo-los a fim de passarmos despercebidos em vestes leigas, e pusemos um chapéu para disfarçar a tonsura. Caminhamos a princípio calados, cheios de ansiedade, até que, longes o bastante, quebrei o silêncio e disse a Midi:

— Não sabíamos que eras contado entre os goliardos<sup>86</sup>.

Rimo-nos, e ele nos respondeu:

— Lembrai-vos do conselho do santo Apóstolo: *Experimentai tudo. Retende o bem*<sup>87</sup>.

De repente, ele nos deteve e disse:

— Mas, falando assim, lembraste-me de algo muito importante que vos falta.

Aguardamos, curiosos, enquanto ele metia a mão na bolsa e dizia:

— Nossos irmãos da Universidade de Mérida têm um símbolo de classe extremamente importante, que passo às vossas mãos agora.

E nos estendeu uma colher de pau a cada um, enquanto nos dizia, solene:

— Os goliardos de Mérida são chamados *sopistas*, pois sempre carregam uma destas para que possam comer seja lá onde for. Em nome dos poderes que me foram conferidos, passo às vossas mãos o símbolo de nossa confraria admitindo-vos como membros.

Aquele gesto, meio sério, meio cômico, me sensibilizou deveras, e desde então passei a nutrir por ele a mais viva simpatia.

— Toda confraria tem um lema. Qual é o nosso? — perguntou Courcelles

— Em castelhano: *Señor dat al escolar que vos viene a demandar. Dat limosna o ración faré por vos oración*<sup>88</sup>.

A seguir, tocamos nossas colheres como se brindássemos com taças e fizemos juras de honrar a instituição e defender nossos símbolos com a própria vida se necessário, seguidas de entusiásticos votos de que nossa amizade duraria para sempre. A seguir, conversando e cantarolando, seguimos para a taberna.

Mal entramos e o taverneiro quase nos atropelou ao dirigir-se a nós. Midi conversou desembaraçadamente com ele, dando-nos a perceber que o conhecia de algum tempo, e logo uma mesa foi posta à nossa disposição, junto com um jarro de vinho de qualidade, na melhor das hipóteses, discutível. Enquanto bebíamos, disse:

---

<sup>86</sup> Estudantes pobres das Universidades medievais europeias, que levavam vida boêmia.

<sup>87</sup> Novo Testamento, Tessalonicenses, 5:21.

<sup>88</sup> *Senhor, dai ao clérigo que vos vem rogar. Dai-me esmola ou remuneração, que farei por vós oração.*

— Bem que podíamos ter autorização para fazer algo assim mais vezes.  
Midi olhou bem para nós. Seus lábios sorriam, mas seu rosto estava bastante sério ao nos dizer:

— Concordo. Eu o autorizarei quando reitor.

— Tu, reitor? — perguntou-lhe Courcelles, sorrindo.

— E por que não? Reitor. De preferência, da própria Universidade de Paris.

Erguemos então nossos púcaros<sup>89</sup>, enquanto eu falava à meia voz:

— Um brinde a Nicolas Midi, Digníssimo Reitor da Universidade de Paris!

Enquanto bebíamos com grande satisfação, percebi que éramos vivamente observados por um homem ainda jovem afastado num canto, cabeça apoiada sobre o alaúde que segurava com as mãos, a olhar para nós como um cão à espera de um chamado. Suas vestes encardidas e surradas mostravam vestígios de cores vivas. Chamei a atenção de Midi, que, para minha surpresa, logo acenou para ele, dizendo-nos em voz baixa, de bom humor:

— Clérigos, é hora de conhecerdes um pouco de diversão mundana.

O jovem se aproximou de nós com a celeridade alegre de um cachorro ao ver o dono, dizendo-nos:

— É um prazer vê-los, reverendos Padres.

Por um momento meu coração pareceu que ia parar de bater, mas Midi logo mostrou bonomia:

— Meu caro trovador, que trazes para nós?

O jovem riu e disse:

— Minhas musas e damas favoritas: a fome e a sede, ainda que sejam as únicas que não se comovam com minhas cantigas provençais.

— E estas musas porventura te inspiram, trovador? — perguntou Courcelles, entre o gracejo e a timidez.

— Como não? Caso contrário, não como nem bebo. Na verdade, elas são tão inspiradoras que inspiram também o coração dos bons e pios padres, para que até numa taberna encontrem chances de prestar a caridade, dando de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede.

— Com certeza, meu bravo menestrel. São os primeiros mandamentos da misericórdia corporal segundo Saint-Thomas d'Aquin. Por isso, não será em minha companhia que sofrerás fome e sede. Pede todo o pão e água que te baste! — falou-lhe Midi, aparentando seriedade.

O jovem trovador fez uma careta e replicou, apontando para si mesmo:

— Pão e água? Isto é como oferecer a um lobo faminto uma gamela de aveia! Quereis a morte do vosso abade?

Rimo-nos, começando a nos descontrair, enquanto Midi passou a prestar-lhe a reverência devida a um superior, afetando humildade e surpresa:

— Reverendo senhor, perdão! Como poderíamos saber que sois abade?

Aquilo nos surpreendeu e nos fez rir, enquanto o trovador continuava, solene:

— Como padres que sois, cometestes um grave pecado em não reconhecerdes o Superior desta pia congregação consagrada a Saint-Dèce<sup>90</sup>! Não obstante, como vosso abade, não somente perdorei vossos pecados como vos dedicarei uma canção, pela simbólica penitência de uma moeda de prata.

Olhamos instintivamente para Midi, que tirou uma e jogou-a no ar, dizendo com troça:

---

<sup>89</sup> Antiga caneca de lata com asa, usada para tirar bebidas de um recipiente maior.

<sup>90</sup> Décio, ou “São Décio”, “santo padroeiro” dos jogadores e beberrões na Idade Média.

— Pois bem, reverendo senhor Abade, esta moeda é vossa, desde que a canção seja boa.

O trovador tomou-a no ar antes que caísse na mesa. Tomou o alaúde e pigarreou, olhando de soslaio para o púcaro de Midi, que prontamente segurou-o. Mais que depressa, tomou então o de Courcelles antes que este esboçasse qualquer reação e tomou-o quase até a metade de um só trago, com tamanha rapidez que parte do vinho escorreu pelos cantos da boca; pigarreou, agradeceu cinicamente ao meu colega, dedilhou o instrumento e começou a cantarem tom de litania<sup>91</sup>:

*Eu sou o abade do país de Cucany*<sup>92</sup>,  
*celebro meu concílio entre os irmãos de púcaro,*  
*sou devoto de Dèce.*

*Quem me buscar pela manhã*  
*na taberna pra jogar*  
*à tarde já terá perdido as próprias roupas*  
*e clamará por elas, todo nu:*  
*“Às armas, às armas!*  
*Mui torpe sorte, o que fizeste!*  
*Arrebataste todos os prazeres*  
*de nossa vida!”*

Aplaudimo-lo então, no que fomos acompanhados vivamente pelos demais presentes, para alegria do trovador, que se sentou conosco enquanto Midi lhe dizia:

— Sim, a moeda não foi desperdiçada.

— Jamais ouvi falar deste reino — disse, olhando para Courcelles buscando socorro em sua cultura invulgar, mas ele igualmente olhou para mim com ar de desentendido.

— Cucany, meus jovens clérigos, é o Céu na Terra — disse-nos o menestrel, voltando para junto de nós. — É o país dos prazeres sem fim, onde as casas são feitas de bolos, gansos assados passeiam pelas ruas, e os rios e fontes são de vinho. E para se chegar lá, o salvo-conduto é este!

E antes que um de nós pudesse mexer-se, tomou meu púcaro, esvaziando-o quase até a metade e recolocando-o no lugar com a mesma rapidez.

— A propósito, quem é Dèce? — perguntou Courcelles, antes que eu o fizesse.

— Saint-Dèce, jovem! Mais respeito. — corrigiu-o o menestrel.

— Saint-Dèce, que seja, mas... quem é? — insistiu meu colega.

O trovador fez um truanesco ar de horrorizado e murmurou:

— Como não conheces nosso santo padroeiro?! Ateu! Ímpio! Herege! Apóstata!

Surpresos, esboçamos um sorriso sem graça, e olhamos para Midi, que se ria com vontade. O trovador se aproveitou para esvaziar o púcaro de Courcelles, limpou os lábios e concluiu, satisfeito:

— É o nome de batismo que Baco<sup>93</sup> adotou depois de sua conversão!

— Cante algo em homenagem a nós outros, trovador — disse um bebedor.

---

<sup>91</sup> Os poemas deste capítulo, aqui em tradução livre, foram extraídos de *Carmina Burana*, coletânea de poemas profanos medievais datados entre 1220 a 1250, magistralmente musicados por Carl Orff na suíte homônima, em 1937.

<sup>92</sup> País imaginário dos prazeres e dos vagabundos.

<sup>93</sup> Deus romano do vinho, em cuja honra celebravam-se as bacanais.

— Por que só a vocês? Também merecemos! — gritaram outros que jogavam dados.

Outros mais começaram a pedir, e o trovador respondeu-lhes sorrindo:

— Senhores, por algumas míseras moedas, o trovador que recita nos mais nobres castelos da França cantará uma canção louvada pelo próprio Duque de Borgonha.

Uns poucos protestaram, mas vários homens já um tanto alterados pela bebida jogaram-lhe pequenas moedas de deniers, que o menestrel catou com a agilidade de um macaco. Quando viu que não havia mais nenhuma e que todos o esperavam, apoiou um dos pés no banco onde se sentara, dedilhou o alaúde e começou, voltando-se para a assistência:

— Irmãos, em louvor a Saint-Dèce dedico-vos um cantochão que teria feito a beatitude do Santo Padre Grégoire<sup>94</sup>.

*Quando estamos na taberna  
nem pensamos em quando morreremos,  
e sim corremos às mesas de jogo  
sobre as quais suamos.  
Se queres saber o que acontece na taberna,  
onde o dono da casa é o dinheiro,  
ouve então o que te digo:*

*Uns homens jogam, outros bebem  
e outros escancaradamente se divertem.  
E entre aqueles que ficam jogando  
alguns perdem as próprias roupas para outros,  
e se vestem com sacos.  
Porém, por Baco, ninguém teme a morte e joga...*

Os jogadores de dados brindaram e deram vivas, enquanto o menestrel, depois de brevíssima interrupção para tomar vinho (do púcaro de Midi, que se distraiu), continuou a cantar andando por entre as mesas e como que dirigindo-se diretamente a alguns dos presentes, que erguiam seus púcaros à guisa de resposta.

Conforme a canção prosseguia, uns marcavam o ritmo vivaz batendo os púcaros na mesa ou batendo palmas ou tentando acompanhar. De repente, senti-me tomado por uma onda de melancolia que me fez perder a canção. Aquele trovador trazia à minha memória a lembrança de meu primeiro pajem. Tratei de combater tais pensamentos tomando mais vinho e tentando voltar à música, da qual perdera grande parte:

*...bebem os homens e as mulheres,  
as centenas e aos milhares,  
seis centenas de moedas  
logo se gastam  
neste beber sem rumo e imoderado  
que mesmo assim é sempre alegre.  
Quanto àqueles que censuram e alertam  
que ficaremos bem mais pobres:*

---

<sup>94</sup> **Gregório I**, o Magno, Papa de 590 a 604. Entre outros atos, divulgou e adaptou o **cantochão**, ou **canto gregoriano**, para ser utilizado nas celebrações religiosas da Igreja Católica. Considerado um dos quatro Pais da Igreja (os outros são Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Jerônimo) e canonizado.

*Sejam malditos os censuradores  
e riscados do livro dos justos.*

Ao fim da canção, todos aplaudimos, alguns pediram novas canções, enquanto os jogadores de dados voltavam a se entreter no jogo, entre gritos, vivas e palavrões. Nesse ínterim chegou para nós um cisne assado (mais provavelmente um ganso promovido a cisne) que Midi havia pedido. Vinha em bom momento, pois a bebida, com o estômago vazio, começava a me causar enjojo. O jovem menestrel não esperou convite: sentou-se conosco, tomou mais vinho e comeu com uma voracidade que não se preocupou em disfarçar, limpando as mãos engorduradas nas próprias roupas.

Aquilo me incomodou um pouco, e olhei de soslaio em volta, mas Midi percebeu e sussurrou para mim:

— Aqui é uma espelunca, não há desses luxos. Lavar as mãos, só se for no vinho.

Senti-me acanhado, mas de fato não havia em parte alguma os panos que deveriam estar pregados às paredes para que limpássemos as mãos. Aquamanil, nem sequer de cerâmica, o que havia de mais parecido com um eram os próprios púcaros.

— Tens coragem de chamar esta zurrapa de vinho? — sussurrei também.

— Esperavas o quê? Vinho de Borgonha com especiarias? — respondeu no mesmo tom.

Notei que também Courcelles sentia-se embaraçado, mas acabamos tendo que fazer o mesmo que o menestrel e os demais. Naquele momento me ocorreu que a vida em casa de meu amo estava me deixando mal acostumado.

Tendo restado apenas os ossos na mesa, o trovador limpou o mais que pôde as mãos e nos disse:

— Reverendos senhores, uma vez que este belo cisne tão graciosamente sacrificou-se por nós, permiti-me reverenciá-lo com mais uma canção.

A seguir, cantou em ritmo lento e em tom ironicamente lamentoso:

*Outrora eu morava nos lagos,  
outrora eu era belo,  
eu era um cisne.  
Mísero! Mísero que sou,  
agora estou preto e tostado!*

*O cozinheiro gira-me no espeto,  
o fogo me assa sem piedade  
e sou levado para ser servido.  
Mísero! Mísero que sou,  
agora estou preto e tostado!*

*Sou levado num prato,  
já não posso mais voar  
e dentes rangem pra me devorar.  
Mísero! Mísero que sou,  
agora estou preto e tostado!*

Após os aplausos, que deliciavam o trovador, tomamos uma sopa quente, com a qual estreamos prazerosamente nossas colheres. Terminada esta, o menestrel pediu

licença para ir à noite, a fim de aliviar-se. Contudo, passado algum tempo, estranhei que ele não voltasse. Courcelles mesmo disse:

— Se aquele menestrel está aliviando o ventre, deve ter engolido uma alabarda.

— Ele está se aliviando do que nos deve — disse Midi.

— Como assim? — perguntamos.

— Ele se foi. Assim, a moeda que eu lhe dei durará um pouco mais.

— Ou seja, comeu nossa comida, bebeu nosso vinho e não pagou nada? — perguntei.

— Ele considera que pagou. Com suas canções. Cada um sobrevive como pode.

Achei aquilo estranho e tomei mais vinho, tentando entender. De fato, há coisas da própria vida que não se aprende vivendo apenas dentro dos muros de uma universidade, mesmo que seja a própria Universidade de Paris.

Contudo, não há por que esconder que os prazeres do mundo, cujas portas se abriram para mim, não se limitavam aos do intelecto ou do estômago. Graças ao sacramento da confissão, que me franqueava o acesso aos mais recônditos segredos da alma humana, os quais de outra forma teriam que ser adivinhados, logo descobri o quanto a beleza melancólica e delicada de meu rosto era tentadora para mulheres as mais diversas, e que, para obter seus favores carnis, bastava prometer-lhes aquilo que mais desejassem. Dessa forma, aprendi que, usando as palavras certas no tom adequado, quanta coisa concreta podia obter em troca de algo tão etéreo e vago quanto uma promessa! Afinal, também as mulheres acreditam naquilo que querem acreditar!

Foi assim que os corpos femininos, outrora causas de tão grande misto de excitação e receio, transformaram-se numa manancial abundante de gozos, que num primeiro momento usufruí com o desespero de um sedento diante da fonte, para depois saborear com o prazer de um enólogo diante de vinhos preciosos. Afinal, como bem dizia o poema de um colega,

*...machado afiado, cliente honesto e mulher casta  
em Paris nunca, ou muito raramente, se acha...*

já que

*...aqui, se o próprio Hipólito passasse a noite  
pela manhã já não seria mais Hipólito<sup>95</sup>...*

Para as sequiosas de aventura, acenava com o sabor do prazer furtivo e perigoso, e a santidade do sacramento matrimonial não impedia que muitas esposas mimosassem seus maridos com vistosas capas azuis<sup>96</sup>. Às devotas, garantia-lhes a plena absolvição de todos os pecados. As ambiciosas confiavam usufruir os poderes reais ou imaginários que julgavam conferidos a mim pela Igreja. As apaixonadas ouviam ardentes promessas de que eu pediria a Roma a resilição<sup>97</sup> de meus votos. Algumas se renderam à sensação de estarem seduzindo o ungido do Senhor. As recalitrantes, se eram imunes às promessas, não o eram às ameaças e em geral acabavam por se render, pois todas

---

<sup>95</sup> Na Mitologia Grega, filho de Teseu, célebre por sua castidade e seu desprezo pelo amor.

<sup>96</sup> O azul era então considerado a cor dos tolos. *Dar capa azul ao marido* equivalia ao atual *por-lhe chifres*.

<sup>97</sup> No sentido desta passagem, anulação dos votos religiosos a pedido do interessado.

tinham um pai ou uma mãe, um irmão ou irmã, um marido ou um filho sobre o qual eu fazia pender as garras do Inferno ou da Inquisição.

Interessante observar que mais virgindades foram conquistadas graças à curiosidade ou ao desejo de aventura, do que por essa coisa tola inventada pelos trovadores chamada amor. E se de quando em vez lembrava-me daquele que tinha sido outrora, era somente para lamentar tanto tempo e tantas oportunidades perdidas por causa de simples fábulas piedosas.

Naturalmente, algumas acabaram concebendo de mim. Um reagiram com desespero, outras passaram a sentir-se no direito de exigir mais do que eu estava disposto a dar. Da primeira vez entrei em pânico, mas logo descobri que não era o primeiro nem seria o último a me ver nesta situação. É verdade que, em circunstâncias bem particulares, tínhamos meios de transformar filhos bastardos em legítimos... sobrinhos; no entanto, bem depressa aprendi que a maioria esmagadora dos casos podia ser solucionada por meios muito mais simples. Boas palavras no tom certo desfaziam dramas e ameaças e criavam um clima de perfeito entendimento entre elas e eu, celebrado com uma taça de vinho preparada de modo a garantir que o silêncio dos túmulos guardasse todos os escândalos que uma descendência espúria poderia provocar.

Depois de vários anos de estudos, chegou finalmente a hora de comparecer à basílica de Sainte-Geneviève, a fim de enfrentar os Mestres e Doutores da Universidade. Foi em 1403, por coincidência quando meu amo era novamente Reitor. O que não me impediu de enfrentar um árduo debate prenhe de sutilezas, no qual a cada questionamento o coração batia mais forte e depressa dentro do peito, mas mantive o rosto sereno e o melhor autodomínio. Em consequência, ao fim do certame já não era mais um simples clérigo: ascendi os primeiros degraus na ascensão do conhecimento superior, ganhando o direito de trocar minha antiga batina pelas vestes talares negras de Mestre em Artes, bem como, igual a meus colegas, passei a usar a forma latina de meu nome de família: Aucupis<sup>98</sup>.

Não obstante, por mais orgulho que me desse tal conquista, nem vagamente recordava a longínqua emoção que me comoveu outrora ao vestir pela primeira vez o hábito do qual agora me desfazia como de uma roupa velha e gasta. Por um momento, a melancolia do desencanto ameaçou me tirar o prazer da conquista recente, mas por outro lado tinha que aceitar o fato de que por mais marcantes que sejam as nossas emoções de outros tempos, estão fadados a nunca mais se repetirem. Por mais tristonha que possa ser esta verdade, Heráclito<sup>99</sup> tinha razão ao afirmar que é impossível nos banharmos duas vezes no mesmo rio.

---

<sup>98</sup> As Artes eram: o **Trivium** (Dialética, Gramática e Retórica) e o **Quadrivium** (Aritmética, Geometria, Astronomia (entenda-se Astrologia) e Música (entenda-se o estudo de princípios musicais, como a harmonia, não a prática musical)). O curso de Artes era pré-requisito básico para prosseguir nos estudos considerados superiores (Teologia, Direito e Medicina). Quanto aos nomes latinos, ...*No seio da Universidade, a pretensão à cultura latina provoca esse pedantismo da tradução de sobrenomes, devidamente colocados no genitivo...* (Jean Favier), vide notas 196, 199 e outras.

<sup>99</sup> Filósofo da Grécia Antiga, que afirmava ser o movimento a única verdade (540 a.C. - 470 a.C.).



## O Cigano

*Tudo o que o Henry nato em Monmouth conquistar  
O Henry nato em Windsor perderá*<sup>100</sup>.

Shakespeare

De resto, contudo, as coisas seguiram rumo favorável para nós. Era a época do Cisma do Ocidente, a grande ruptura na Igreja em que dois Papas disputavam o supremo poder<sup>101</sup> como abelhas-rainhas na colmeia, negociando alianças políticas e trocando excomunhões recíprocas que acabaram por excomungar a cristandade inteira, e dentro deste vendaval político a Universidade fizera-se peça-chave, cortejada e temida por reis, papas e cardeais, justificando o orgulho com que assinamos o documento enviado a Benoit XIII (a quem até então aceitávamos como Sumo Pontífice), no qual afirmávamos, entre outras coisas, que

*...Assim como Deus suscitou a Daniel para defender Suzanne, Mathatias e seus filhos contra Jason e Ménélas<sup>102</sup>, do mesmo modo, a fim de conservar à Igreja sua pureza, suscitou a Universidade de Paris, fonte inesgotável de toda sabedoria, verdadeira luz da Igreja. Jamais conheceu o crepúsculo, jamais sofreu eclipse, é um espelho da fé, sempre nítido e polido... não há nuvem que o obscureça nem hausto que o deslustre... pois esta casa ainda está ao abrigo do Cisma e das heresias...*

Ao mesmo tempo, a situação interna do reino ia de mal a pior com a progressiva demência do Rei Charles VI, para a qual não deve ter contribuído pouco o ver morrerem um por um, por doença ou por veneno, seus filhos e herdeiros da coroa. Por isso, os conflitos que opunham borguinhões e armagnacs atingiam níveis cada vez mais alarmantes, transformando a regência da França numa carniça que os Duques Louis de Orléans e Jean-sans-Peur<sup>103</sup> de Borgonha disputavam com a fúria de chacais numa guerra surda onde a calúnia e o sequestro, o punhal e o veneno, tinham larga serventia.

Em Paris, a situação política podia ser acompanhada pela moda. Ao primeiro, irmão do Rei e amante da cunhada, bastaria sair pelas ruas para ter fácil noção de sua preponderância vendo Paris em peso vestida de casacas violetas com cruz branca, símbolo da Casa de Orléans (por noção de conveniência, não de popularidade, pois o peso dos impostos e da mão de ferro com que controlava o reino jamais dariam popularidade a governante algum. Ele, contudo, preferia guiar-se pelo princípio do imperador Calígula: *oderint dum metuant*<sup>104</sup>).

Mas não pretendíamos que as coisas continuassem assim. Afinal, se os tolos e moralistas como Boniface Ferrer<sup>105</sup> achavam uma coisa horrenda que “*a medida da fé fossem os benefícios*”, para nós outros isto era a mais nítida e límpida verdade do século,

<sup>100</sup> Henrique V nasceu no Castelo de Monmouth, em Gales. Seu filho, Henrique VI, no de Windsor.

<sup>101</sup> Benoit (Bento ou Benedito) XIII, eleito pelos Cardeais de Avignon; e Gregório XII, apoiado pelos Cardeais de Roma.

<sup>102</sup> Velho Testamento, Daniel 13:44-60; e I Macabeus 2:27.

<sup>103</sup> Ou **João-sem-Medo**, Duque de Borgonha, primo do Rei Charles VI e pai de Filipe o Bom.

<sup>104</sup> *Que me odeiem, mas que me temam*. Caio Júlio César Augusto Germânico, chamado **Calígula**, imperador romano de 37 a 41 A.D., célebre por sua devassidão e loucura. Acabou trucidado numa conjuração palaciana.

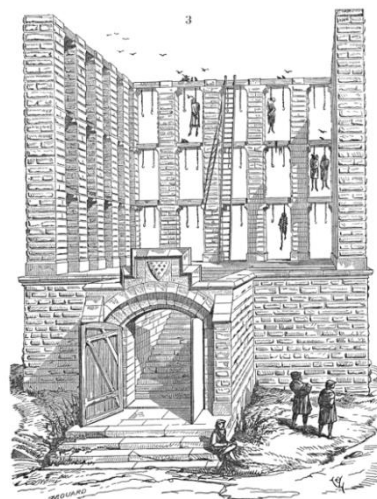
<sup>105</sup> Irmão de São Vicente Ferrer e Prior da Cartuxa do Val de Cristo, autor de uma tradução da Bíblia para o catalão, e do *Tractatus pro Defensione Benedicti XIV* (1355-1417).

e neste sentido o Duque de Orléans, para nosso desgosto, não apenas mostrava pouco interesse em fomentar a fé no âmbito da Universidade, como era pouco sensível aos conselhos que porfiávamos em lhe dar para a política do reino.

Pelo mesmo princípio, se de início havíamos apoiado Benoit XIII, nossa fé nele havia arrefecido bastante. Assim mesmo, o Duque de Orléans acabou por impô-lo a todo o reino. Bem que tentamos discutir a questão com ele por meio de uma embaixada, à qual, no entanto, limitou-se a responder: *Em questões de fé, seguramente não tomaria conselho numa assembleia de Cavaleiros; igualmente, em questões de guerra, não sois vós quem me deveis aconselhar. Voltai aos vossos estudos, a fim de que possais exercer bem a função que vos compete.* Dessa forma, teve início a corte entre a Universidade e o Duque de Borgonha. Afinal, nada como um inimigo comum para aproximar dois estranhos.

Quando soubemos que os dois Papas haviam feito contato, a fim de avaliarem a possibilidade de, em comum acordo, abdicarem em favor da unidade da Igreja, tratamos de nos mobilizar. Meu amo sabia que os tumultos políticos são tão perigosos para os tímidos e prudentes quanto propícios para os ousados, e nesse ínterim, tratou de manter-se tão ativo politicamente quanto possível. No ano de 1406, defendeu com sucesso a posição de retirarmos a obediência a Benoit XIII, considerando que, aos olhos da Universidade (...*fonte inesgotável de toda sabedoria, verdadeira luz da Igreja...*), ambos os pontífices eram cismáticos e, no mínimo, suspeitos de heresia. No ano seguinte foi um dos membros da grande embaixada cujo objetivo teórico era pressionar o supracitado a renunciar ao título de Sumo Pontífice, na prática agitar ainda mais o turbilhão político e não permitir que se asserenasse enquanto nossos interesses e privilégios não estivessem firmemente assentados.

Em outubro de 1407 tivemos oportunidade de fazermos uma demonstração de força. Jacques Blondel e Cardin Cabre, dois eméritos ladrões e assassinos, foram capturados pelo Preboste<sup>106</sup> de Paris, Guillaume de Tignonville, e, ante a perspectiva da forca, prontamente puseram-se a gritar que eram clérigos da Universidade de Paris. Pelo sim, pelo não, os tribunais civis não esperaram resposta nossa e os dois acabaram balançando ao vento em Montfaucon<sup>107</sup> como qualquer leigo, com o que não se perdeu nada que se lamentasse; mas quando chegaram aos nossos ouvidos os clamores do povo, de que *doravante os clérigos e os religiosos passariam a ser castigados como quaisquer outros*, tomamos de imediato a defesa das vítimas, aos gritos de que nossos privilégios haviam sido violados. Em sinal de protesto, suspendemos prontamente sermões e atividades e passamos a exigir a degradação do preboste, o qual, contudo, gozava alto conceito na Corte e contava com o apoio do próprio Duque de Orléans, pelo que as coisas prometiam ficar num impasse. Mas a deusa Política logo viria em socorro de seus mais ardentes devotos.



Patíbulo de Montfaucon

<sup>106</sup> Agente do Rei (ou de um senhor feudal, dentro de seu feudo) encarregado da justiça e da administração de um **prebostado** (vide nota 254). Os prebostes eram subordinados aos **bailios**, exceto o de Paris, que respondia diretamente ao rei.

<sup>107</sup> Célebre patíbulo parisiense, formados por dezesseis pilares de pedra de doze metros de altura interligados por traves de madeira que formavam inúmeras forcas, nas quais os corpos dos condenados, após a execução, permaneciam até que secassem ou apodrecessem. Demolido em 1790.

Enquanto isso, graças aos bons ofícios do Duque de Berry<sup>108</sup>, Louis de Orléans e Jean-sans-Peur concordaram com uma reconciliação, na qual seus lábios trocaram os mais solenes beijos<sup>109</sup> e juras de amizade, renegando as desavenças anteriores em nome do bem do reino, e em 20 de novembro de 1407 oficializaram o fato entrando juntos em Paris sob a aclamação do povo e o bimbalar dos sinos.

Três dias depois, na Rue Barbette, à plena luz do dia, o Duque de Orléans, tal como Calígula, era emboscado e feito em pedaços por assassinos a mando do rival, que, apesar do apelido, tratou de fugir, tendo-o conseguido graças ao Duque de Berry, a quem confessou tudo alegando-se vítima de possessão demoníaca (afinal, para que serve o livre arbítrio, se não para fazermos o que bem quisermos, atirando a culpa a Messire Lúifer depois?).

Foi uma tragédia apenas para fins de retórica. O povo recebeu a notícia com alívio, e nós, com alvíssaras (à gentil carta que Jean-sans-Peur nos enviou algumas semanas depois, respondemos-lhe por uma embaixada que não só lhe garantia nosso apoio, mas também solicitava o seu, tanto em favor daquilo que denominávamos “a união da Igreja”, como para a solução do *caso Tignonville*). Isto deve tê-lo reanimado, pois, frente aos dolorosos protestos da viúva Valentine Visconti, da Rainha Isabeau de Bavière, e de membros da Corte, Jean-sans-Peur desta vez justificou o apelido voltando em pessoa a Paris dois meses depois a fim de prestar satisfações acerca de seu ato. Fê-lo, contudo, à frente de suas tropas, no momento exato em que, *por coincidência*, a capital do reino não tinha condição de oferecer a mínima resistência. Trouxe também nosso colega Jean Petit, o qual fez galas de grande eloquência ao engendrar e defender a engenhosa tese de “tiranocídio”, segundo a qual o ato de seu senhor, eliminando aquele verdadeiro Holofernes francês, ao invés de crime, era antes um gesto heroico semelhante ao da intemorata Judite<sup>110</sup>.

Os argumentos foram tão convincentes quanto a presença das tropas borgonhesas, e o sucesso, completo. A Corte submeteu-se e a cruz de Saint-André, símbolo da Casa de Borgonha, passou a ornamentar Paris inteira, principalmente o leito da Rainha (famosa pela habilidade em adequar sua vida íntima às conveniências políticas do momento), enquanto Jean-sans-Peur passava a ser o homem forte do Reino, para nossa grande satisfação.

Tratamos de não desperdiçar a oportunidade. Por ocasião da Páscoa, a Universidade lançou sua cartada final no *caso Tignonville*, enviando uma embaixada ao Rei a fim de despedir-se: uma vez que seus privilégios eram violados e não lhe era feita justiça, a célebre instituição (...*fonte inesgotável de toda sabedoria, verdadeira luz da Igreja...*) deixaria Paris em definitivo. Felizmente, não foi preciso honrarmos nossa palavra, pois Jean-sans-Peur honrou a sua e não tivemos do que nos queixar: o preboste, antes de ser demitido, viu-se obrigado em ato público a descer das cordas os corpos dos dois patifes, beijar seus lábios e conduzi-los em carruagem de luto (à qual seguiu a pé entre sargentos, archeiros e religiosos de toda Paris, numa solene procissão) até a

---

<sup>108</sup> **Jean de Valois**, tio de Carlos VI, de Luís de Orleans e de João-sem-Medo. Respeitado e conciliador, exerceu crucial papel como mediador entre as casas de Orleans e de Borgonha, retardando a guerra civil até sua morte (1340-1416). Chamado por seus contemporâneos *o Magnífico* por seu luxo, seus hábitos dispendiosos e por ter sido grande protetor das letras e artes.

<sup>109</sup> Na etiqueta medieval, o beijo na boca não deveria ter qualquer conotação amorosa ou sensual: era uma das maneiras de se formalizar compromissos de honra (o beijador figuradamente oferecia a própria palavra como penhor para com o beijado). Também era aceito como saudação entre pessoas da nobreza e do clero, até o século XVII.

<sup>110</sup> Heroína hebraica, que salvou a cidade sitiada de Betúlia seduzindo e assassinando o comandante inimigo, Holofernes. Vide Velho Testamento, Judite 13:7-10.

catedral de Notre-Dame, onde entregou formalmente ao Bispo os corpos, que seguiram em um esplêndido enterro até o mosteiro de Mathurin, onde foram sepultados. Certamente, jamais aqueles ratos da sarjeta sonharam com tão grande glória, nem que a própria Universidade de Paris, para manter seus privilégios, teria o dom de santificar um par de ladrões de rua.

Ao mesmo tempo, no seio da Igreja o turbilhão político tornava-se um autêntico terremoto. Em 1409, sob pressão do Rei (leia-se Duque de Borgonha, entreleia-se Universidade de Paris), realizou-se em Pisa um Concílio o qual, em nome da “união da Igreja”, declarou depostos ambos os Pontífices e nomeou o idoso e afável Cardeal Pietro Filargi Papa Alexandre V. No entanto, no ano seguinte, ficou claro que o pobre velhinho, talvez em função da idade, não havia entendido (ou querido entender) o que se esperava dele, de modo que, a fim de poupar a ele e a nós de maiores atritos, cuidamos de aliviá-lo do fardo das obrigações terrenas, e três semanas depois sua tiara papal já ornava a cabeça de um dos nossos, Baldassarre Cossa, agora Papa Jean XXIII<sup>111</sup>. E, como previsivelmente os outros se recusaram a se considerar depostos, ao invés de dois, agora a Cristandade precisava haver-se com a realidade de três Papas, um dos quais era cria nossa, e os outros dois, por mais que nos detestassem, temiam-nos ainda mais.

Para meu amo, as recompensas caíam como o maná do céu. Em 1408 foi nomeado Capelão-mor de Saint-Étienne de Toulouse; no ano seguinte, Cônego de Reims; e em 1410, representante do Arcebispo de Reims e Cônego de Beauvais. Naturalmente, esses cargos eram incompatíveis em conjunto; mas a Universidade resolveu esse pequeno detalhe enviando uma carta ao novo Papa, citando meu amo como *homem de grande bondade e prudência e dotado de grande saber... enfatizando ...a coragem e as canseiras que ele tivera trabalhando em prol dos interesses da Igreja*, pleiteando (e obtendo) que meu amo pudesse manter todas estas benesses.

(É verdade que Jean Gerson<sup>112</sup>, aquela pedra em nosso alforje, fazia galas de sua retórica, tão brilhante quanto ingênuo: *Para que serve, qual a utilidade, para a Igreja... desta supérflua pompa de prelados e cardeais que os torna como que esquecidos de que são homens? E que abominação que um tenha duzentos ou trezentos benefícios!... E que maus exemplos são dados aos fiéis... vede se hoje os claustros das monjas não são como as câmaras das cortesãs; se os sagrados mosteiros dos frades diferem dos mercados e das lojas, se as catedrais não se tornaram antros de ladrões?... Felizmente, contudo, era então pouco mais que uma voz clamando no deserto*).



Jean Gerson

Porém, em 1413, mal o Duque de Borgonha retornou com suas tropas a seus domínios a fim de resolver problemas internos, a situação se inverteu graças ao jovem Charles, novo Duque de Orléans<sup>113</sup>, e seu tutor Bernard VII, Conde de Armagnac, os quais, à frente de novas forças, entraram novamente em Paris. Em consequência, a Cruz

<sup>111</sup> Considerado antipapa pela Igreja. Não confundi-lo com o verdadeiro Papa João XXIII, do século XX.

<sup>112</sup> Grande teólogo francês e Chanceler (representante do Bispo da diocese) da Universidade de Paris, chamado Doutor Cristianíssimo. Possuidor de notável eloquência, bagagem intelectual e força moral, empenhou-se com todas as forças em obter o fim do Cisma do Ocidente e a reforma moral da Igreja (1363-1429).

<sup>113</sup> Filho de Luís de Orléans. Capturado na batalha de Agincourt, ficaria prisioneiro na Inglaterra até 1440, tendo se tornado célebre poeta (1394-1465).

de Saint-André saiu de moda, as casacas violetas de cruz branca vestiram novamente a capital do reino e, em nova assembleia realizada em fevereiro, a tese de Jean Petit voltou à baila e desta vez foi condenada pelo Inquisidor do Reino, Jean Polet, e pelo Bispo de Paris, Gérard de Montaigu, graças à desagradável influência do velho Chanceler, o qual, apesar dos nossos esforços, ficou a exigir que o Duque de Borgonha fizesse penitência. Diante disso, este (atendendo às nossas sugestões) apelou para o Concílio de Constança, oficialmente em defesa do Padre Petit, na verdade, em favor de si mesmo, objetivando que o assassinato de Louis de Orléans não entrasse em debate.

1413, contudo, foi o ano que marcou o início de uma série de mudanças ainda mais surpreendentes e radicais. Na Inglaterra, morreu o envelhecido e doente Henry IV, sucedido pelo seu jovem primogênito, o qual assumiu o trono como Henry V. Não demorou muito para que meu amo tomasse parte numa série de contatos não-oficiais entre Borgonha e Inglaterra, depois dos quais, julgando propício o momento, fez-se figura-chave nos planos de uma revolução que visava expulsar de Paris os armagnacs. Quando me pôs a par de seus projetos, alertei-o para os riscos, ao que ele me questionou:

— Não te perguntei acerca dos perigos, mas se posso contar contigo.

— Sem dúvida, qualquer que seja o resultado! Não obstante, receio possais perder tudo quanto conseguistes...

— Correrei os riscos. Como disse o sublime Virgílio: *A sorte favorece os audazes.*

— Porém, qual a vantagem de vos arriscardes tanto?

Ele me olhou firmemente e disse sorrindo:

— Meu caro, por acaso crês que posso conquistar a mitra de bispo unicamente por mercê de virtudes apostólicas?

— Não é mais seguro continuarmos aparentando neutralidade enquanto agimos na sombra, como temos feito?

— Num conflito, mais cedo ou mais tarde é preciso arriscar e escolher um lado. Neutralidade serve apenas para ganhar tempo, e não por muito tempo. Com o fito de manter-se fora da luta, é a suprema estupidez política: será odiada pelos dois lados, portanto, não poderá contar com alianças; e, sem elas, é aguentar-se a sós como puder na hora amarga, pois ao primeiro pretexto será tratada como a jovem que conta salvar sua honra fiando-se em promessas de homens lúbricos.

— E... na hipótese de fracassardes?...

— Não pretendo que aconteça, mas estou preparado também para isto. Que me importa perder uma batalha, desde que ganhe a guerra? Se leva à vitória, nenhum sacrifício é demais.

— Porventura pode advir benefícios de uma derrota?

— Ganharei depois muito mais do que me arrisco a perder agora, pois Henry V recompensará regiamente os riscos de quem se arriscar para servi-lo.

Aquilo me deixou perturbado.

— Julgai digno de tamanha confiança um jovem que mal assumiu o trono?

— Sim, pois na verdade, seu pai vivia tão doente que há três anos é ele quem governa de fato a Inglaterra.

O fato me surpreendeu. Ele prosseguiu:

— Tudo quanto te tenho dito acerca das conveniências políticas é tão eterno quanto a Terra, e assim será enquanto os homens forem homens e não anjos. Henry V é jovem, e como tal, enérgico e ousado; por outro lado, porém, é idealista, ou seja, tolo o bastante para acreditar em abstrações como lealdade e gratidão. Assim sendo, se eu

vencer, venci. Se for derrotado, ele me dará refúgio e me cobrirá de benesses quando desembarcar na França.

Eu ia de surpresa em surpresa:

— Desembarcar?

— Sim, ele vai atacar a França. Como a paz tem prejudicado nossos interesses, o clero da Inglaterra convenceu-o a reiniciar as hostilidades financiando a expedição. E *o jovem que mal assumiu o trono* soube cortejar tão bem nosso amigo Jean-sans-Peur que este já nos acenou com a promessa de apoio.

— Isto parece bom, mas *promessas e taças quebram-se facilmente...* julgais o Duque confiável?

— Confio que ele aguardará até que o campo de batalha mostre para qual lado sopra o vento da Fortuna. Mas, no momento, a simples neutralidade dele já nos será de grande serventia, pois é uma força de peso que não precisaremos enfrentar, ao menos por ora.

— Sim, desde que ele não mude de ideia...

— Não se pode negar que o risco existe. Mesmo assim, em política, aliados são um mal necessário. Se confiar neles é perigoso, desprezá-los é loucura: alianças são como naus guiadas pelos ventos instáveis do Interesse; mas, num mundo como o nosso, onde a paz é apenas um intervalo entre uma guerra e outra, é um risco inevitável.

Em abril estourou o sangrento levante, mais tarde conhecido como “Revolta dos Cabochien” por ter sido desencadeada por um testa-de-ferro chamado Simon Caboche. Num piscar de olhos, as casacas violetas de cruz branca desapareceram das vistas e toda Paris vestiu-se de capuz branco, símbolo da cidade e adotado pelos insurgentes. No entanto, após o sucesso inicial, as coisas aconteceram como eu temia: os armagnacs reagiram, o prometido apoio borgonhês não foi além da promessa, a repressão foi igualmente sangrenta e meu amo, citado na lista dos proscritos pelo decreto real *Enormes et détestables forfaits, crimes et délits* de 18 de setembro, foi forçado a fugir da capital. Apoiei-o sem hesitar por todos os meios e modos, mesmo que não inteiramente convicto, por mais que o sorriso escondido por trás do ar de compunção devesse me alertar. Conquanto desejasse, não conseguia acreditar plenamente quando ele me assegurava:

— Não nos perturbemos com isso! Eu voltarei coberto de glórias!

Mas assim foi. Enquanto os capuzes brancos se escondiam no fundo dos baús e as casacas violetas eram deles resgatadas, em 25 de outubro de 1415 travava-se a épica batalha de Agincourt, na qual Henry V, contra todos os prognósticos, à frente de um exército minguado e acometido pela disenteria, massacrou a nata da cavalaria dos armagnacs, alterando radicalmente todo o quadro político do reino. A começar pelo Duque de Borgonha, o qual, enquanto em público lamentava não ter tomado parte na batalha, apressou-se em firmar com o rei inglês um pacto secreto pelo qual o reconhecia, e a seus descendentes, como os legítimos herdeiros do trono francês<sup>114</sup>.

A conselho de seu novo aliado, Jean-sans-Peur nomeou no mesmo ano meu amo como um de seus representantes no Concílio, o que se revelou escolha das mais acertadas, pois embora Pierre Cauchon não tivesse a eloquência nem a força moral de Jean Gerson, superava-o largamente na arte de negociar nos bastidores — que é em política o que a água é para o peixe —, graças a qual, se não pôde evitar a



Henry V

<sup>114</sup>

Pacto de Calais.

condenação da tese de “tiranicídio”, evitou a punição do Padre Petit (não sei se alguém levou-lhe a boa notícia até o túmulo onde jaz desde 1411) e, o mais importante, conseguiu que o gesto do Duque de Borgonha nem sequer fosse trazido à baila.

(Este fato deixou Jean-sans-Peur numa felicidade tal que não apenas enviou a meu amo oito tambores do melhor vinho de Borgonha, como também deu ao derrotado Gerson um tratamento tal que acabou por convencê-lo de quão arriscado ser-lhe-ia voltar a Paris. Graças a isso, vimo-nos livres de sua desagradável presença, e pudemos substituí-lo por Jean Chuffart<sup>115</sup>, um colega particularmente útil por sua capacidade de noticiar os fatos ao povo da cidade segundo nossos melhores interesses políticos.)

Porém, a participação de meu amo não se limitou a isto, tendo-se tornado figura importante nas demais realizações deste Concílio, que no mesmo ano condenou as teses de John Wycliff e Jan Huss<sup>116</sup>, mandando-os ambos para a fogueira, apesar de o primeiro já estar morto e o segundo ser portador de um salvo-conduto; e em 1417, terminou com o Cisma do Ocidente depondo os três Papas e elegendo para Sumo Pontífice o Cardeal Oddonne Colonna, que assumiu como Martin V<sup>117</sup> (manifestando sua gratidão a meu amo numa carta gentil, na qual lhe afirmava, entre outras coisas, que *...sempre nos encontrarás propício e benevolente*). Todavia, o Concílio resolveu uma ruptura dentro da Igreja criando outra, já que passou a haver nova discussão acerca de qual seria a máxima autoridade dentro da Igreja: se o Papa ou o Concílio Geral.

Nesse ínterim, a Fortuna definitivamente parecia ter dado as costas à França. Enquanto o Rei inglês recuperava a Normandia, em junho de 1416 morria o idoso Duque de Berry, e com ele as melhores esperanças de conciliação entre as facções (curiosamente, depois de uma vida de luxo e dissipação, o faustoso mecenas deixava aos seus contemporâneos como derradeira mensagem os seguintes versos em sua lápide:

*Queres saber o que é um nascimento ilustre,  
riqueza, glória? Olha: apenas há um instante  
eu tinha tudo isto, e agora nada tenho.)*

Seu corpo nem bem tinha esfriado, e o conflito surdo irrompeu em guerra civil. Na corrida pela posse de Paris, o Conde de Armagnac se antecipou ao Duque de Borgonha e ocupou a cidade (que ficou cercada pelo decepcionado rival), e, a título de “proteger a família real”, impôs à capital do reino um regime de terror, enquanto o já bastante perturbado Charles VI sofria novos e terríveis golpes com a morte de seus filhos Louis, por doença, em 1415; e Jean, por envenenamento, em 1417. Com isso, restava-lhe como último herdeiro o jovem de quatorze anos que tinha o seu nome, o qual foi nomeado Delfim<sup>118</sup>, embora não inspirasse grandes esperanças quanto ao seu futuro. Em maio do ano seguinte, Jean-sans-Peur, julgando azado o momento, avançou

---

<sup>115</sup> Mestre em Artes, Licenciado em Leis, Confessor da Rainha Isabel de Baviera e violentamente anti-armagnac, sucedeu a Gerson como Chanceler da Universidade de Paris. Pesquisas realizadas por Alexandre Tuetey (dos Archives Nationales de France) apontam-no como o provável autor anônimo do *Journal d'un Bourgeois de Paris* (vide nota 165).

<sup>116</sup> **John Wycliff**: reformista inglês. Fez a primeira tradução completa do Novo Testamento para a língua inglesa. Condenado post-mortem pelo Concílio de Constança, teve seu corpo desenterrado e cremado (1328-1384). **Jan Huss**: reformador checo (1369-1415). Padre e Reitor da Universidade de Praga, criticou a venda de indulgências; adepto das ideias de Wycliff, foi excomungado em 1412 e queimado vivo pelo Concílio de Constança, apesar do salvo-conduto do imperador Sigismundo. Vide página 386.

<sup>117</sup> Ou **Martinho V**, Papa de 1417 a 1431.

<sup>118</sup> Título dado ao príncipe herdeiro da coroa francesa.



sobre Paris a fim de aliviar seu oponente da pesada tarefa de “proteger” a família real. Foi bem sucedido, massacrando os armagnacs e seu líder, e previsivelmente a Corte e a cidade mais uma vez se tomaram de amores pela cruz de Saint-André, graças ao que meu amo não apenas recebeu o indulto, como foi nomeado membro do Conselho Real.

Não obstante, o sucesso do Duque não foi completo, pois o Delfim, desconfiado e não sem razão, escapou antes e preferiu apostar nos armagnacs, que o nomearam seu líder à falta de outro melhor. Apressou-se então a mostrar-se digno da escolha, fazendo Jean-sans-Peur provar de seu próprio remédio: com a tomada de Rouen pelos ingleses em começo de 1419, sob a alegação de que somente a união de forças poderia salvar a França, promoveu em julho uma reconciliação entre ambos na ponte de Pouilly, tão festejada e tão sincera quanto a de 1407. Em setembro, com Paris já sob cerco, o jovem Delfim marcou uma nova entrevista em setembro na ponte de Montereau, da qual o Duque se retirou livre para sempre de toda e qualquer preocupação com a vida material.

Mas este gesto, pessoalmente astuto, foi política e militarmente desastroso para o jovem Príncipe, e esplêndido para seus inimigos, incluindo o próprio defunto. Na verdade, foi o que de melhor poderia ter acontecido, para este e para nós. Afinal, sua grande popularidade inicial vinha decaindo sensivelmente graças a exibição de apatia mostrada frente aos acontecimentos da guerra, permitindo a queda de Rouen e o cerco a Paris (afinal, ainda não era hora de oficializar sua ligação com a Inglaterra). Sua morte violenta não só nos livrou de um aliado que começava a se tornar inconveniente, como lhe deu aura de mártir no conceito do povo (para a qual a Universidade não contribuiu pouco). Tantas foram as missas fúnebres por sua alma, que não houve grande exagero em dizer, com aliás foi dito, que *...nem o Imperador nem o Papa os teriam mais numerosos ou mais solenes*. Creio mesmo que não teria sido surpresa alguma se surgisse proposta para sua canonização.

Serviu também para fornecer o pretexto que permitiu entregar Paris numa bandeja às mãos de Henry V e por finalmente as coisas em pratos limpos, oficializando a aliança entre Borgonha e Inglaterra. No ano seguinte, apoiado pelo novo Duque de Borgonha, Philippe le Bon, e com a ajuda dos préstimos diplomáticos do meu senhor, o Rei inglês formalizou seu triunfo obrigando a Coroa francesa à assinatura do Tratado de Troyes, que atirava uma piedosa pá de cal na dinastia dos Valois e, aos olhos dos derrotados, fazia do Reino de França *...o escabelo da humanidade, a lagariça dos ingleses, um capacho para os bandoleiros*. Pois, segundo o acordo, Charles VI, a troco de fazer de conta que continuava sendo o rei, entregava não apenas a mão de sua filha, a Princesa Catherine, como também

*...a faculdade e o direito de governar e organizar o bem público do reino de França, durante a nossa vida, ao nosso dito filho, o Rei Henry... ao qual será lícito... convocar, defender e dar ordens aos nossos súditos, por si e por nós, sob o título de Regente...*

sendo que

*...depois de nossa morte, a coroa e o citado reino continuarão a pertencer e pertencerão perpetuamente ao nosso dito filho, o Rei Henry, e aos seus herdeiros...*

Quanto ao Delfim, o texto concluía que



*...considerando os crimes horríveis e os enormes delitos perpetrados contra o dito reino de França por Charles, pretense Delfim... fica acertado que nós, nosso dito filho o Rei Henry e também o nosso prezadíssimo filho Philippe, Duque de Borgonha, não trataremos absolutamente de paz nem de concórdia com o dito Charles...*

Dessa forma, o que antes era apenas um conveniente boato espalhado por sua própria mãe passava a ter foro de verdade indiscutível. Dois reis, um Duque e os mais altos dignitários eclesiásticos do reino apuseram seus selos no pergaminho cujas entrelinhas mimoseavam Isabeau de Bavière com uma segunda coroa real, a de rainha das prostitutas; o que oficializava o Rei da França no papel de corno e transformava Charles de Valois de Príncipe Delfim em um reles bastardo filho de uma grandessíssima... rainha.

O apoio dado por meu amo ao Rei inglês não foi menos poderoso que o que resultara na eleição do novo Pontífice, e ambos lhe retribuíram por meio de um rosário de benesses e recompensas: Arquidiácono<sup>119</sup> de Reims, Cônego de Chartres, Châlons e Beauvais e Capelão do Duque de Borgonha. A Universidade, por sua vez, não mostrou menos interesse. Quando em 1420 Philippe le Maréchal e Jean Basset<sup>120</sup> dirigiram-se, como Procuradores da instituição, ao Rei da Inglaterra e ao Duque de Borgonha para solicitarem a manutenção dos privilégios deste vetusto estabelecimento, não pouparam elogios nem recomendações a meu amo perante estas augustas autoridades.

Por fim, em fevereiro do mesmo ano, a diocese de Beauvais tornou-se vaga com a morte de seu último titular, Bernard de Chevenon, o que despertou as atenções de meu amo, que, como cônego, era um candidato em potencial. Ele, contudo, sabendo que uma das melhores maneiras de lutar pelos próprios interesses é afetar desinteresse, pediu e obteve o apoio da Universidade e de seus colegas não para si mesmo, e sim para o Chanceler do Reino, Eustache de Laistre, o qual, envelhecido, viúvo e doente, prometia ser-lhe um excelente testa-de-ferro. No entanto, estes planos sofreram surpreendente, mas excelente reviravolta: antes que o eleito chegasse a empalmar a cobiçada mitra, foi empalmado por uma epidemia que grassava em Sens, onde se encontrava, e lá morreu.

Quase logo, a Universidade enviou uma carta aos membros do Capítulo<sup>121</sup> de Beauvais, *com coração maternal* agradecendo-lhes a amabilidade de terem aceito o candidato por ela indicado, o qual, infelizmente, fora colhido pela morte, impondo à Universidade a obrigação de renovar seus préstimos na escolha de um novo sucessor, *a fim de evitar distúrbios e divisões que a ambição desperta com demasiada frequência em situações deste tipo*. A seguir, informava que

*...nosso senhor, o Rei, o senhor Regente do Reino e o altíssimo Duque de Borgonha haviam, de comum acordo, recomendado por escrito a Sua Santidade para o púlpito episcopal de Beauvais a venerável e perspicaz pessoa de Mestre Pierre Cauchon, o qual já é membro de vosso Capítulo... e Sua Santidade conhece o dito Mestre Pierre... como um homem bondoso e gentil, um grande sábio e dotado de rara prudência... pelo que tinha aceito com muito prazer semelhante petição... assim, mui sábios e prudentes*

<sup>119</sup> Ou **Arcediogo**, na época diácono incumbido de funções litúrgicas e administrativas; hoje, dignitário eclesiástico que recebe do bispo certos poderes junto aos párocos, curas, abades etc. de uma diocese.

<sup>120</sup> **Philippe le Maréchal**: Licenciado em Direito Canônico, não tomou parte no Julgamento. **Jean Basset**: Mestre em Artes e Licenciado em Direito Canônico.

<sup>121</sup> **Capítulo**, ou **Cabido**, colegiado composto pelos cônegos de uma diocese.

*votantes, rogamos com urgência vossa Caridade, exortamo-vos no Senhor, a concordar com as opiniões do Rei, de todos os Príncipes e do Conselheiro Real... pois, ao favorecer Mestre Pierre, estareis trabalhando pela paz e pela tranquilidade da Igreja e de todos os reinos que a obedecem...*

Diante de tais argumentos, o Capítulo não relutou em aceitar a *sugestão*, a diocese de Beauvais ganhou um novo Bispo e o antigo filho de burgueses, que passava a ostentar também o título de Conde, teve o próprio Duque de Borgonha como um dos presentes à sua assunção, em agosto do mesmo ano, à qual assisti com indisfarçado orgulho ao vê-lo de mitra, báculo e vestes litúrgicas violetas que lhe davam a imponência de um príncipe. Ainda mais depois que coube a mim, em particular, a honra de ser o primeiro a beijar o anel episcopal de meu amo e dar-lhe os tratamentos de Monsenhor e Vossa Reverendíssima.

Alguns dias depois, um incidente me ocorreu. Saí às ruas, em trajes leigos para não ser reconhecido, em direção a bairros mais afastados, onde encontrava ocasiões para pasto aos meus desejos. Andava a esmo, quando minha curiosidade foi despertada pela multidão que se agrupava em torno de uma grande carroça postada na praça, e me dirigi para lá, ouvindo as pessoas a dizerem umas às outras:

— Egípcios.

Sorri. Não era a primeira vez que encontrava ciganos, nem desconhecia a exótica origem que se atribuíam. A carroça estava cheia de enfeites coloridos e estranhos e a multidão se juntava em torno dela. Uma mulher e dois jovens de pele trigueira e roupas vistosas levavam e traziam objetos desconhecidos, enquanto um homem de voz possante atraía para si as atenções gerais. Musculoso, trigueiro como os outros, vestia chamativa camisa vermelha cheia de enfeites, e calças fortes em cujo cinto grosso era visível a grande fivela de cobre e um curioso punhal recurvado cheios de desenhos estranhos. Um lenço de várias cores prendia-lhe os cabelos, exceto à retaguarda, onde um rabo-de-cavalo deixava ver o negrume também visível no bigode grande e grosso e nos olhos vivos e argutos. A curiosidade me atraiu e também cheguei mais perto, buscando observar atentamente.

Dizia em voz alta haver viajado por todos os países do mundo, contava detalhes exóticos dos reinos do Oriente e narrava fatos provavelmente fantasiosos, prendendo a atenção geral. Dizia-se mago, e para provar seus poderes apresentou alguns truques de prestidigitação com a ajuda de um dos jovens. De repente, um homem baixinho, de rosto pletórico, nariz carnudo e ventre proeminente, destacou-se da multidão, se aproximou e perguntou entre a galhofa e a respeitosa curiosidade:

— Ó poderoso mago, sabe como transformar os vis metais em ouro?

O homem encarou-o firmemente por um instante e lhe respondeu, rindo:

— O seu milagre é muito maior! Transforma em cerveja e vinho toda a moeda em que consegue pôr a mão!

As pessoas em volta explodiram em riso:

— Bem se vê que é um mago de verdade, Joseph! Conhece até teu vício!

O homenzinho fez cara de ofendido virou-se de costas e abriu caminho rudemente para se afastar, mas tão logo a atenção geral voltou-se para o cigano, fez meia-volta e juntou-se à retaguarda da multidão, enquanto aquele dizia:

— Eu sei ler o passado e o futuro! As cartas mágicas que trouxe dos templos sagrados de Babilônia revelam aos que conhecem seus segredos o passado, o presente e



Pierre Cauchon, Bispo de Beauvais

o futuro! Quem deseja conhecê-los por apenas um quarto de libra? Apenas cinco sol<sup>122</sup> para conhecer o futuro, pois o passado revelarei de graça como prova do meu poder!

Houve um “frisson” na multidão, pessoas discutiam contando moedas, mas a maior parte logo desistia. Então eu abri caminho e erguendo as minhas com a ponta dos dedos à altura dos olhos, pus-me diante dele. O homem sorriu ao vê-las, mas, ao tomá-las, pareceu sentir um choque, olhou-me fixamente e seu sorriso ficou menor, tendo eu percebido uma sombra de medo em seu rosto. Assim mesmo, dominou-se e pediu-me para acompanhá-lo, guiando-me à barraca enfeitada e colorida que fora montada perto da carroça, enquanto, a um sinal seu, os dois rapazes distraíam a multidão fazendo exhibições com facas.

Entramos na barraca. O interior era revestido de todos os lados pelos mais variados símbolos exóticos e ícones de animais, a maior parte estranhos (ou seria representação de demônios?). Uma fumaça de odor agradável, mas diferente do incenso, evolava ali dentro. Por mais que estivesse longe de ter a fé de outros tempos, fiz por instinto o sinal-da-cruz, ao que o cigano me imitou, dizendo-me em tom servil:

— Nada receie Vossa Paternidade, pois o Diabo não pode entrar nesta barraca.

No primeiro instante assenti, aliviado, enquanto ele punha uma banquetta para que eu me sentasse. No seguinte, olhei-o assustado, enquanto ele igualmente se assentava e me olhava entre servil e zombeteiro:

— Como sabe?... — perguntei, olhando em volta, receoso.

— Que sois padre? Por que não sou um reles prestidigitador — respondeu.

— Mas isto é magia... não é coisa demoníaca?

O cigano olhou bem para mim e respondeu, irônico e menos humilde:

— Quão grande a vossa fé... e porventura os primeiros a reverenciar Nosso Senhor Jesus Cristo não foram três Reis Magos?

Não soube o que responder. O cigano olhava fixamente para mim, enquanto retirava de dentro das vestes um baralho ensebado que ele abria e expunha na pequena mesa de metal posta entre nós. Aquele olhar me incomodava, e por isso tentei me desviar prestando atenção nas imagens um tanto desbotadas, mas ainda assim impressionantes. De repente, ele me olhou de forma zombeteira e falou:

— Ah, sinto o vosso ceticismo. Posso demonstrar meus poderes falando de vosso passado. Que tal falar acerca do ataque à aldeia, e do tratamento que recebestes?

Devo ter empalidecido e respondi com voz sumida:

— Como soube disso?

— Isto basta para o passado ou é preciso algo mais?

— Basta — respondi no mesmo tom de antes. — Prossiga.

Ficamos em silêncio por tempo suficiente para que eu começasse a recear, quando a voz do cigano fez-se estranha ao me dizer:

— O Henry que é, mas não será, quebrou a espada dos mais audazes; no entanto, o Henry que vai ser, mas ainda não é, terá a sua quebrada por uma donzela!

Achei aquilo estranho e perguntei:

— O que isto quer dizer?

Ele continuou sem me responder e sem me olhar.

— O pai tomou a coroa do rei, mas morrerá sem cingi-la. E o filho, que nascerá com as duas coroas, morrerá sem nenhuma.

---

<sup>122</sup> Grafia antiga, mais tarde **sou**. A base monetária da época era a **libra tornesa**, dividida em 20 **sol** (ou **sou**), e cada sou equivalia a 12 **denier**. Mas na época havia outras moedas correntes, como a **libra parisiense**, o **franco**, o **escudo** e o **salut**.

Não só aquele palavreado não fazia nenhum sentido para mim, como também tão estranha era a voz a me falar, que senti uma certeza interior, assustadora e inexplicável, de que este que me falava agora, fosse quem fosse, não era mais o cigano sentado à minha frente, o que me trouxe forte sensação de medo. A voz prosseguiu:

— Dois reis que ainda não são reis disputarão a coroa, que estará na ponta da espada que Donzela empunhará, pois é a própria espada de Saint-Michael!

De repente, o cigano (ou quem quer que ele fosse) passou a me olhar nos olhos e quase gritou ao dizer:

— Cuidado com a Donzela! Frágil, derrotará os fortes; ignorante, confundirá os sábios; derrotada, vencerá seus vencedores, e morrendo, viverá para sempre!

Fez uma pausa e tornou a dizer com voz cavernosa:

— Cuidado com a Donzela! Não luteis contra *ela*, pois ai daqueles que *a* ferirem no corpo! Serão feridos na alma, estarão marcados com o ferrete de Caím até o Juízo Final e mais um dia!

Aquilo me assustou de tal forma que estive ao ponto de sair correndo, mas suas palavras pareciam dominar minha vontade, obrigando-me a ficar. Então, mais uma vez a entonação mudou bruscamente, a voz do cigano fez-se familiar e suave, e quase de pronto a reconheci antes que tivesse tempo para dominar minhas emoções. Meus olhos se encheram de lágrimas e quase caí de joelhos ao ouvi-la:

— Jovem Nicolas, lembra-te de mim, de minhas palavras, enquanto há tempo! Não atraveses a porta larga, pois séculos de prantos e ranger de dentes aguardam os que a cruzarem, até que consigam fazer todo o doloroso caminho de volta. Perdoa o mal que te fizeram, como o Senhor tem perdoado nossos pecados, e encontrarás a paz. “*A vingança a mim pertence, diz o Senhor*<sup>123</sup>”.

Lutando contra a garganta, entre soluços consegui responder:

— Agora é tarde, não posso mais!

— A boca diz “não posso” quando o coração diz “não quero”, pois nunca é tarde para Deus, mas sempre o é para aquele que não quer.

— Senhor, vós estais no Céu, mas eu estou na Terra! — gritei, sufocado. — O que será de mim, se o fizer? Deus não me protegeu antes, por que me protegeria agora e só agora?

— *Quem quiser salvar a sua vida, perder-se-á; mas aquele que perder a sua vida por amor de Mim e do Evangelho, salvar-se-á*<sup>124</sup>.

Repeti, desesperado, em prantos:

— Não posso! É tarde, não posso mais!

Depois de breve silêncio, a voz continuou, infinitamente triste:

— Se é assim, meus filho, só me resta chorar por ti, pois, para salvar o corpo, que hoje é e amanhã voltará ao pó, sacrificarás a alma, teu verdadeiro ser eterno, e no fim, perderás ambos. Arma-te, então, de toda a coragem que tiveres, pois no caminho que escolheste haverá prantos e ranger de dentes por mais da metade de mil anos. Que o Senhor se compadeça de ti.

O corpo do cigano estremeceu e novamente a voz estranha de antes retornou, ácida, escarninha:

— Vê-se que Ele tinha razão ao dizer que, *se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco acreditarão ainda que alguém dentre os mortos ressuscite*<sup>125</sup>!

Com extrema força de vontade, obriguei minha boca a se mover:

---

<sup>123</sup> Novo Testamento, Romanos, 12:19.

<sup>124</sup> Novo Testamento, Marcos, 8: 34-35.

<sup>125</sup> Novo Testamento. Lucas, 16:31.

— Quem é a Donzela? Quem é?

— Mas vós já *a* conheceis, já *a* vistes antes — respondeu no mesmo tom.

— Onde?

— Havereis de lembrar-vos quando reconhecê-la.

— Onde *ela* está **agora**?

Depois de alguma hesitação, prosseguiu:

— Nesse momento, numa casa de camponeses, os pais vêm apenas uma juvenzinha a fiar, empunhando a roca. Alguns anos mais e toda a França há-de vê-la a cavalo, empunhando a espada de Saint-Michael!

— Onde posso encontrá-la? — repeti, enfático.

De repente, o corpo do cigano estremeceu e quase caiu para trás. Ao me olhar de novo, não era mais aquele ser estranho fosse quem fosse, mas sim apenas o próprio zíngaro. Assim mesmo insisti:

— Onde posso encontrar a Donzela?

Ele parecia exausto, mas me olhou de forma irônica ao responder:

— Entre as moçoilas camponesas de alguma aldeia lorena.

Respirei fundo, também exausto, mas retruquei:

— Há centenas de aldeias na Lorena.

Respondeu-me tal como antes:

— Poupai-vos de pesquisas inúteis: não *a* encontrareis senão quando chegar a hora.

E, num gesto de macarrônica reverência, apontou-me a saída.

## Do Capitólio à Rocha Tarpeia

Indiscutivelmente senti-me bastante impressionado com o acontecido. A tal ponto que acabei contando a Monsenhor (chamarei meu amo assim doravante) o que havia se passado, na esperança de que ele conseguisse acalmar os meus temores. Para minha surpresa, contudo, ele me ouviu com a mais extrema atenção, cenho franzido e o olhar preocupado, e quando terminei, ao invés de alguma expressão desdenhosa que retratasse o pouco caso que dava ao assunto (o que me deixaria deveras tranquilo), continuou em silêncio. Depois de alguma hesitação, como ele nada dissesse, aventei a possibilidade de uma pesquisa pessoal nas aldeias lorenas, intimamente esperando mais uma vez que ele tratasse a ideia com o sarcasmo que de praxe mimoseava as sugestões estultas. Sua expressão, contudo, expressou outra coisa:

— Há centenas de aldeias entre o Mosa e o Loire — retrucou-me, continuando: convenhamos que as possibilidades de êxito não são muito maiores do que as de encontrar uma agulha no palheiro.

— Devo desconsiderar o projeto então, Reverendíssimo?

Ao invés de responder, fechou o rosto ainda mais em meditação, e só depois de um tempo que me pareceu longo disse-me:

— No momento não tenho tarefa específica para ti. Se obtiveres êxito, ótimo. Caso contrário, não será nenhuma grande surpresa. De qualquer forma, serás meus olhos e é possível que vejas algo de interesse para nós.

A seguir, afastou-se alegando a necessidade de tratar outro assunto, deixando implícita a minha responsabilidade de levar o projeto adiante. Cogitei por um momento a ideia de deixar o assunto morrer por si mesmo, no entanto, conhecia Monsenhor o suficiente para saber que ele cobraria uma resposta no devido tempo.

Nos meses seguintes tornei-me um autêntico perito na geografia lorena. Perdi a conta do número de aldeias que visitei nos meses seguintes com uma perseverança digna de Herodes à caça do bebê Jesus; mas, ao invés do soldado de faca na mão e morte nos olhos, as crianças locais se deparavam com o padre gentil e bonachão que as mimoseava com estórias e guloseimas. No entanto não descobri nenhuma criança que me parecesse apta para receber os doces aos quais acrescentara certo ingrediente especial. Com o passar das semanas, o empenho inicial foi dando lugar à sensação de estar semeando na areia e agora buscava apenas um ótimo pretexto para dar por encerrada essa pesquisa que ia se mostrando cada vez mais cansativa sem nenhum resultado palpável.

Estava em Neufchâteau, criando ânimo para visitar as aldeias de Greux, Maxey e Domrémy, quando um emissário de Monsenhor me alcançou avisando que meu amo reclamava minha presença com urgência, notícia esta que recebi com o mais fervoroso alívio.

Em meu último dia na região, deparei-me com um grupo de crianças vindas precisamente de uma das aldeias que pretendia visitar. Julguei oportuna a possibilidade de resolver dois problemas com um só gesto e, como já era relativamente conhecido, logo os petizes buscaram um pretexto para me rodear, enquanto eu ajustava um sorriso ao rosto a fim de bem interpretar o meu papel pela última vez. Quando as percebi com o espírito saciado das minhas histórias e o estômago de minhas gulodices, passei a perguntar sobre suas aldeias, ao que uma das meninas, de vivos olhos azuis, respondeu sem responder:

— Pena que Jehannette<sup>126</sup> não esteja aqui! *Ela* iria adorar estes doces tão gostosos...

— Quem é Jehannette? — perguntei.

— Minha melhor amiga — respondeu.

— E minha! — se adiantou outra, de cabelos negros lisos.

— Minha também! — contestou vivamente outra menina loura.

— Mas eu sou a melhor amiga *dela*! — a primeira voltou à carga.

— *Ela* nunca disse isso! — gritou a segunda.

— Não disse, mas eu sei!

— Sabe nada! *Ela* gosta de mim tanto quanto de vocês! — retrucou a terceira.

— Padre, ralhe com Hauviette! — quase exigiu a segunda.

— Isabellette! Pensei que fosses minha amiga!

— Queres Jeannette só para ti! Isto está certo, Padre? — contestou a loirinha.

— Menguette! Não é verdade! Mas foi do **meu** irmão que *ela* cuidou quando ele teve febre! — Rebateu a primeira.

— E foi da **minha** prima que *ela* cuidou!

— Cuidou do filho do **meu** padrinho também quando ele quebrou a perna!

— Que menina tão boa! Tão prestativa... — disse com um laivo de ironia.

— E *ela* nos dá sorte! Todo mundo de quem *ela* cuidou, ficou bom de novo.

— E porque *ela* não veio com vocês? — perguntei, curioso.

— Ficou cuidando da irmã, que vai ter um bebê — disse a de cabelos negros.

Por alguma razão que eu mesmo não entendi, fiquei deveras curioso acerca desta menina desconhecida. Cogitei mesmo por um momento adiar meu retorno. Contudo, logo a razão acudiu. Não era a primeira vez que se falava de um criança que parecia ter algo mais, e contudo, quando vista de perto, não mostrava nada que justificasse tal impressão. Não seria conveniente arriscar-me a desagradar Monsenhor por causa de uma ideia que tinha uma chance de dar certo contra dezenas de outras de se mostrar fútil.

Então uma solução bastante prática me ocorreu. Embrulhei dois doces, um quais devidamente *temperado*, e lhes disse:

— Já que vocês gostam tanto *dela*, levem esses doces para *ela*!

Numa fração de instante, a discussão recomeçou:

— Eu levo!

— Não, eu levo!

— Padre, deixa que eu leve!

— E porque não eu?

— E porque não eu?

— Crianças o que vocês acham que *ela* diria dessa discussão tão pouco católica?

— Tomei a palavra, gentilmente sério.

Elas se calaram como se houvessem recebido uma reprimenda e a de olhos azuis respondeu à meia voz:

— Diria para não fazermos mais isto, porque ama a nós todas.

— Então façam de conta que *ela* disse isso, parem de brigar, que é uma coisa muito feia, e entreguem os doces para *ela*, todos vocês juntas.

— Mas quem leva?

— Cada uma leva um pouco e na hora de entregar entreguem todas juntas. E **me prometam** que vão dar os doces a *ela*! Façam isso, e darei os doces que sobraram pra vocês levarem!

<sup>126</sup>

Forma diminutiva do nome “Jehanne”.

Não precisei de mais argumentos para convencê-las. Enquanto elas juravam, os pais delas chegaram, temerosos, apresentaram-me seus respeitos e pediram permissão para levá-las de volta. Aquelas pediram-me a bênção e se afastaram, agitadas e bulhentas, enquanto pensava comigo mesmo: *se eu estiver certo, a lenda desaparecerá antes mesmo que apareça; caso contrário, uma criança igual a tantas será poupada das agruras da vida adulta...*

Tão logo voltei, Monsenhor convocou-me à sua presença. Encontrei-o em seu escritório a degustar um vinho que, por sua expressão, parecia dos melhores. Ouviu com atenção o meu relato, aprovou a minha ideia, mas quase logo dirigiu o assunto para outro objetivo, guardando um discreto sorriso no canto dos lábios, dizendo:

— Chegaste num momento bastante oportuno. Tenho uma missão para ti.

Recebi a notícia com um calafrio na espinha. Estas palavras geralmente significavam viagens, e as estradas do reino, em sua maior parte, viviam sob os cuidados dos assaz conhecidos “Cavaleiros do Punhal<sup>127</sup>”, gente com quem qualquer um que tivesse amor à vida, ou noção do perigo, não teria o menor desejo de travar contato. Ele, ao que parece, percebeu-o, pois logo continuou, enquanto me estendia uma taça:

— Sei que a notícia não te agradou, mas mudarás de ideia quando eu te informar sobre a natureza da missão que te confio, pois diz respeito a um velho conhecido teu.

Fiquei intrigado. De quem estaria falando? Continuei em silêncio, a fim de que ele dissesse logo. No entanto, ele, saboreando a minha curiosidade com o mesmo prazer do vinho, encheu minha taça e prosseguiu:

— Sim, um velho conhecido teu (e meu também, diga-se de passagem!), está passando por um momento particularmente difícil, e pensei ser adequado mandar-lhe um emissário capaz de lhe levar nossas melhores palavras de conforto e bom ânimo.

E olhava para mim, divertindo-se com a minha ânsia mal disfarçada:

— Não crês que numa situação dessas é preciso mostrar-se solidário?

— Certamente que sim, Monsenhor. Sobretudo se for um membro da Igreja, o qual deve ser para nós como um verdadeiro irmão... — respondi, especulando, e, ante o significativo sorriso de meu amo, esvaziei minha taça num só trago e prossegui, excitado: — Estarei errado em supor que esse irmão... porventura seria um Bispo?

Monsenhor sorriu ainda mais ao responder, tornando a me servir:

— És muito perspicaz, meu amigo. Muito perspicaz.

Pus no rosto a máscara da compunção e retruquei:

— Lamento por meu antigo amo, o reverendíssimo senhor Bispo de N...

— **Ex-Bispo** de N..., queres dizer — e, ante o meu sorriso, continuou. — Pois este baluarte da Igreja Militante foi afetado por uma paralisia que lhe tirou a fala e os movimentos. Assim, não pode mais exercer as suas funções, e naturalmente foi necessário nomear outro para o seu lugar. Por isso, mais do que nunca necessita da mais afetuosa solidariedade de seus irmãos em Cristo.

— Dissestes que também vós o conhecesteis?

— É verdade. Tivemos no passado alguns atritos, por disputa de cargos. Nada, contudo, que não possa ser relevado em favor do sentimento de ágape que deve marcar as relações entre os irmãos em Cristo — respondeu com um sorriso semelhante ao meu com que, o peito quase a explodir de alegria, repliquei:

— Porventura será esta a missão que vós me confiais?

---

<sup>127</sup> Ou **Conqueville**, célebre quadrilha da época, definida como “...*malta demoníaca de gatunos, trapaceiros, arrombadores, batedores de carteiras, salteadores de estradas, assassinos e rufiões, que fizeram daquele período uma época de terror*” (Iosito Aguiar e Pedro J. Bondaczuk). Por extensão, bandidos de toda espécie, cuja arma favorita era o punhal.



— Naturalmente. Julgo-te capaz de transmitir-lhe nossos melhores sentimentos, avisando-o de que celebraremos muitas missas em seu benefício, nas quais rogaremos a Deus que lhe dê forças para suportar seus sofrimentos com resignação cristã... no entanto, se ainda não te agrada, não pretendo obrigar-te, posso mandar outro emissário...

Meus olhos provavelmente estariam luzindo quando respondi, solene:

— Reverendíssimo, terei especial prazer e grande honra em cumprir esta missão.

Depois de um breve silêncio, a curiosidade me levou a perguntar:

— A propósito... devo supor que o Grande Chanceler Bispo de Winchester esteja particularmente compungido pela situação?

— Manda a caridade supormos que sim, embora a falta de informações não me permita afirmá-lo categoricamente. Devo mesmo sugerir que, não estivesse ele assoberbado de tantas tarefas e obrigações ingratas, certamente já o teria visitado ou mandado um emissário... mas é preciso que o homem se dedique primeiro aos seus deveres, depois aos seus afetos, por maiores que sejam estes...

Rimo-nos, então, e Monsenhor estendeu-me sua taça vazia, e enquanto o servia, disse-me então:

— Mas este pobre irmão atualmente reside na cidade de S..., o que é uma distância considerável...

Esta frase paralisou-me. Teria entornado o vinho no chão se não tivesse terminado de servi-lo, e foi com frio na alma e tremor na voz que perguntei-lhe:

— Suponho que me mandareis sob escolta...

— Não mais que uns três ou quatro, **pro forma**...

Empalideci. Pretenderia meu amo me entregar aos salteadores de estrada? Diante de minha testa coberta de suor, Monsenhor sorriu, tirou um dos anéis do dedo, estendeu-me e disse, enquanto eu tomava-o, a tremer:

— Nada de temores. Afinal, não é minha intenção expor-te aos eventos desagradáveis de nossas estradas. Leva contigo este anel. Verás que, embora não seja mágico, tem mais poder que o próprio anel de Merlin...

Alguns dias depois, viajava em uma carroça acolchoada, do mesmo estilo daquelas que outrora haviam alvoroçado minha antiga aldeia. Passado algum tempo, fui avisado de que um grupo de homens a cavalo se aproximava de armas na mão. Tratei de ficar à vista e ordenei à pequena escolta que não fizesse o menor gesto de resistência. Após alguns gritos e impropérios, os cavaleiros olharam para o escudo em campo azul, faixa branca e três conchas amarelas, que eram as armas de meu amo, e se aproximaram numa atitude mais festiva que belicosa. Ao me verem, todavia, o comportamento deles fez-se outra vez ameaçador:

— Não é Monsenhor de Beauvais!

— Como não? As armas são as dele! — gritou um deles, que apresentava uma grande cicatriz na face à direita, a quem logo identifiquei como o chefe.

— Mesmo assim não é ele, Messire!

Nos primeiros instantes, sentimentos de ódio e medo se misturaram, cheguei a me sentir de volta ao dia do ataque à aldeia que fora minha, mas olhei para o anel que o Bispo me dera e consegui me dominar. Os cavaleiros se aproximaram e se mostraram surpresos ao me ver, enquanto eu sorria para eles fazendo um sinal-da-cruz. O chefe do bando chegou bem perto, interpelando-me brutalmente, de espada na mão:

— Quem sois vós, Padre? Sabei que aqui a mentira não é bem recebida!



Armas do Bispo de Beauvais

Saudei-o tranquilamente e retruquei com orgulho:

— Saúdo-vos, Messire Gigollotti! Sou o Padre Nicolas l'Oiseleur, leal vassalo do Reverendíssimo senhor Bispo Pierre de Beauvais, que vos transmite suas saudações.

E fiz sobre ele o sinal da cruz, enquanto, com o polegar, movia o anel de meu amo. O cavaleiro olhou-o com assombro e perguntou com menos desconfiança:

— Monsenhor tem algum recado para mim, Padre?

— Vós sabeis que sempre tem. Ele pergunta se os porqueiros estão tomando conta do chiqueiro<sup>128</sup>.

Então ele sorriu, completamente tranquilo, mandou que os homens guardassem as armas e respondeu-me como a um velho conhecido:

— Dizei-lhe que sim, e tão bem que de vez em quando fazem jus a uma gratificação.

Sorri de volta e disse-lhe:

— Monsenhor reconhece isso e manda-me entregar-vos uma alegria para os porqueiros.

E joguei-lhe uma bolsa bem recheada. O cavaleiro tomou-a no ar, abriu-a e deixou algumas moedas rolarem entre os dedos com visível prazer.

— Monsenhor é bastante compreensivo...

A seguir peguei outra bolsa de moedas, menor que a primeira, sacudi-a diante dos olhos dele e perguntei-lhe:

— Por algumas moedas os porqueiros fariam um pequeno serviço extra?

O cavaleiro sorriu e disse:

— Dependendo do serviço e das moedas (abriu a bolsa e examinou o conteúdo, poucas moedas, mas sorriu ainda mais ao ver que algumas eram de ouro)... de que se trata? Visitar um chiqueiro?

Por um instante hesitei. As palavras que ouvira da boca daquele cigano voltaram em catadupa ao meu pensamento com toda a força. Quase podia ouvir dentro do crânio a voz do Padre Bernard, como se me fizesse um pedido desesperado. Mas ri de mim mesmo, era uma suprema tolice desperdiçar uma oportunidade de ouro como aquela por sentimentalismos ditados pelo excesso de imaginação. Voltei-me para meu interlocutor e respondi:

— É o serviço certo para um bom porqueiro.

— Abater leitões?

— Não. Não é o caso de abater. Apenas amaciar a carne.

Ele riu e disse:

— Pode ser mais divertido que abater... a propósito, onde?

Falei-lhe em voz baixa. O cavaleiro disse:

— Sei bem onde fica. E onde encontro o leitão?

— Perguntai ao padre, que vos dirá.

O cavaleiro sorriu, um sorriso que me pareceu terrivelmente familiar, mas que agora não me assustava mais, pois o anel de meu amo realmente mostrou-se digno da minha fé, ao contrário de todos os ensinamentos da Igreja em que eu tanto cria outrora. Messire Gigollotti guardou as moedas e fez menção de se afastar enquanto me olhava fixamente a dizer:

— Garanto-vos boa viagem, Padre.

Eu sabia o que ele esperava de mim. Fiz sobre ele o sinal-da-cruz, dizendo-lhe:

— Obrigado, meu filho. Eu vos absolvo.

<sup>128</sup>

Convém saber que Cauchon tem a mesma pronúncia que *cochon* (porco, em francês), daí as expressões de duplo sentido deste diálogo.

Monsenhor me informara que era algo de que ele fazia questão. Afinal, bem me fora dito outrora que *não há pecado que uma boa confissão não possa apagar*.

De fato, o restante da viagem foi sem incidentes. Cheguei à S... no fim da tarde. Por isso, apesar de meu desejo ardente, tratei de arrumar pouso num mosteiro, onde comi e dormi. Na verdade, custei a dormir, imaginando tanto quanto me era possível todos os detalhes da entrevista do dia seguinte. Ah, certamente nenhuma das mulheres que se entregaram a mim foi capaz de me dar tanto prazer quanto os devaneios que fantasiei naquela noite.

No outro dia, busquei o local e encontrei uma casa modesta. Precisei bater palmas com insistência, para que finalmente um servo com cara de idiota viesse me atender e me exigisse um verdadeiro prodígio de paciência: precisei dizer-lhe mais de uma vez quem eu era, o que vinha fazer, e depois esperar quase uma eternidade até que ele finalmente abrisse a porta e me conduzisse ao quarto daquele que fora meu senhor.

Enquanto caminhava, observei, num rápido olhar, todo o interior da casa. Uma ucha, alguns baús, uma cadeira deitada. Entrei no quarto, e o cheiro de urina quase me sufocou. Sorri, vendo ao lado da cama a mitra deitada sobre as vestes episcopais amarrotadas, dentro de um grande baú aberto. “Eis o Palácio Episcopal do Reverendíssimo senhor Bispo de N...”, murmurei com desusada alegria.

Este, voltado para a janela fechada com pergaminho oleado<sup>129</sup>, pareceu não dar pela nossa entrada. O criado falou-lhe em tom apático e aquele rosto voltou-se para mim. Por um instante, não reconheci aquela figura macilenta e esquelética na cama onde as cobertas e os lençóis se entrelaçavam em promíscua intimidade. Os olhos mortiços ganharam vida, angústia, aflição. Os lábios, murchos e puxados para um lado, por onde a saliva escorria e as moscas pousavam sem que sequer tentasse espantá-las, mexeram-se tentando dizer algo, mas apenas conseguiram grunhir algo ininteligível. Tentou levantar uma das mãos, que não lhe obedeceu a contento. Aquela cena me despertava uma sensação ainda mais particularmente deliciosa do que todos os meus devaneios da noite anterior. Dobrando um joelho, pedi-lhe permissão para falar, levantei-me outra vez, e principiei:

— Eu, Padre Aucupis, Cônego de Rouen e Chartres, Mestre em Artes pela Universidade de Paris, trago a Vossa Reverendíssima os cumprimentos do vosso irmão em Cristo e meu reverendíssimo senhor Pierre, por graça divina Bispo e Conde de Beauvais. Não obstante, como vosso antigo diocesano, valho-me desta oportunidade para manifestar a vós, meu tão grande benfeitor, minha profunda e eterna gratidão por me haverdes transferido para Paris. Sem isso, não teria tido a chance de conhecê-lo e merecer sua proteção. Reconheço que fostes inspirado pelo Deus Altíssimo, e tudo o que sou hoje, devo a vós.

Seu rosto fez-se ainda mais pálido e redobrou-se em grunhidos e esforços inúteis. Saboreando aquele momento com prazer inominável, afivelei a máscara da humildade e falei como se estivesse grandemente surpreso:

— Como, uma cadeira para mim? Oh, não, Reverendíssimo, de forma alguma! Diante de vós ficarei em pé! Não hei de ofender-vos dando-me importâncias que não tenho! Afinal, sois um Bispo da Igreja, e eu não passo de um pobre padre! — e, como anos antes, uni as mãos para prosseguir com ares de compunção — Por isto mesmo, rogo-vos a caridade de não tomar minha aflição por insolência. Pois, embora entenda que Deus é justo e santo em todos os Seus desígnios, punge-me o coração ver meu

---

<sup>129</sup> As janelas das casas comuns eram geralmente fechadas com pergaminho oleado, que tornava o interior das construções pouco iluminado. Só os mais ricos podiam se dar ao luxo das vidraças.

benfeitor em tão doloroso transe. Conforta-me, contudo, a certeza de que minha aflição é maior que a vossa, a qual certamente estará sendo mitigada pela verdadeira resignação cristã. Afinal, um homem da grandeza e com a experiência de Vossa Reverendíssima sabe quão fugaz e enganoso é o incenso das glórias humanas e que, como diziam os antigos romanos, *do Capitólio à Rocha Tarpeia não vai mais que um passo*<sup>130</sup>...

Suas tentativas só lhe resultaram grunhir chorando e bagunçar ainda mais sua cama. Solicitei-lhe permissão para falar mais uma vez e prossegui:

— Suponho que o Grande Chanceler, o Reverendíssimo Bispo de Winchester, a quem tão bem conheceis, já vos tenha visitado a fim de manifestar-vos solidariedade. A não ser, claro, que as inúmeras obrigações de seu elevado cargo o retenham, mas Vossa Reverendíssima bem sabe que o homem responsável sempre está onde deve, não onde quer, e por isso tereis certamente a devida compreensão. Mas, para que não vos sintais em abandono, tão logo retorne darei notícias vossas a Monsenhor de Beauvais, o qual certamente ordenará celebremos muitas missas em vosso favor, nas quais instruiremos nossos diocesanos a pedirem para que Deus conceda a Vossa Reverendíssima o dom divino da humildade, que vos faculte vencer com galhardia esta prova com a qual Ele, justo e santo em tudo o que faz, vos está experimentando a fim de que maior seja vosso galardão no Céu.

A seguir, chamei o criado, tomei uma bolsa de moedas (sim, viajava bem provido) e disse-lhe, sacudindo-a de modo a que o doente ouvisse:

— Vejo com tristeza que o reverendíssimo senhor Bispo seu amo não tem tido o tratamento adequado à dignidade que lhe é devida. Uma vez que ele está tão necessitado, deixo este donativo para que lhe seja dado um tratamento condigno. Seria muita ingratidão de minha parte não fazê-lo, quando lhe devo tantos favores e benesses — e, voltando-me para o paralítico, sorrindo e prestando ampla reverência, concluí — Tenho para tanto vosso consentimento, Reverendíssimo?

A nudez da mais bela jovem não me excitaria tanto quanto aquele rosto flácido a crispar-se em caretas, os lábios frouxos a emitir grunhidos que eram música em meus ouvidos, os olhos a chorar nervosamente num esforço tão desesperado quanto inútil para gesticular e falar. Tudo o que conseguiu foi virar o rosto para a janela e escarrar nos próprios lençóis. Voltei-me então para o criado e prossegui:

— Como vê, seu amo aprova o que faço. Cuide dele com mais atenção, pois sempre que possível visitarei o reverendíssimo senhor Bispo, a fim de ver se está sendo tratado como deve.

O servo tomou as moedas com tamanha indiferença que se diria estar recebendo um saco de carvões. A seguir, pedi ao doente permissão para me retirar e saí, com feroz satisfação na alma que passei o resto do dia saboreando. Sim, pretendia saborear momentos como aquele tantas vezes quantas pudesse.

No dia seguinte, durante a viagem de retorno, fiz um desvio e passei pela aldeia que fora minha outrora. Conforme o meu desejo, a pomposa viatura chamou a atenção geral, mas não do jeito que eu esperava. Tão logo viam as armas desenhadas, tratavam de avisar uns aos outros e se afastavam discretamente, de forma que, quando a viatura parou e desci, estava praticamente só diante da igreja. Olhei então em volta, e, por um momento, quis mesmo duvidar que houvesse voltado para a mesma aldeia de outrora, porque, por mais que reconhecesse tudo em volta, nem sequer a menor fibra do meu coração acusava o mínimo abalo.

---

<sup>130</sup> Na Roma Antiga, os vitoriosos eram consagrados no templo do monte **Capitólio**, cuja encosta sul terminava num precipício, a **Rocha Tarpeia**, de onde eram atirados os traidores. Daí o dito supra: passa-se da glória à desgraça rapidamente.

Por fim, saí de minha muda contemplação e me dirigi para a casa paroquial. Bati e logo um criado veio atender. Apesar dos anos passados, reconheci aquele que fora meu jovem serviçal de outros tempos. Este, mal viu minhas vestes talares, baixou os olhos como convinha a um simples criado. Ergui então a cabeça e disse-lhe que vinha em nome do reverendíssimo senhor Bispo de Beauvais para falar ao padre.

O criado vacilou, e por fim respondeu em voz sumida que este não estava em condições de receber-me. Retruquei-lhe, imperioso, que alertasse a seu amo que Monsenhor de Beauvais dera uma ordem e ela tinha que ser cumprida, sob pena de receber semelhante resposta por uma afronta pessoal. O jovem baixou ainda mais a cabeça ao dizer que um grupo de cavaleiros invadiu a aldeia na véspera, seviciando e humilhando o padre na presença dos fiéis com tão grande violência que este não tinha sequer condições de deixar o leito.

Afetei surpresa e consternação, dizendo-lhe que, neste caso, eu iria até seu amo e lhe ordenei que me conduzisse a ele. O criado ergueu timidamente os olhos e quase ficou paralisado de assombro ao me reconhecer. Estendi-lhe então a destra, onde o anel do Bispo reluzia, ao qual ele, por inércia, beijou cheio de medo. Pediu-me a seguir que aguardasse um pouco, entrou na casa e alguns minutos depois retornou, pedindo-me para que o acompanhasse. Entrei então, olhando com tranquila curiosidade para o interior aquela coisa medíocre e mesquinha que era a casa em que eu vivera outrora. O criado conduziu-me ao quarto, que estava em penumbra, a janela escurecida com pano preto. Olhei-o, mas não distingui bem seu rosto.

— Boas tardes, irmão.

Ele falou com extrema dificuldade, gemendo muito a cada palavra:

— Boas tardes, irmão. Grato pela visita! Nem imaginei que algum superior se lembraria de um simples cura de aldeia...

Lembrei-me de imediato da chegada do Bispo de N... em sua primeira visita àquela aldeia, e repliquei:

— Vim visitar-te, irmão, em nome do Reverendíssimo senhor Pierre, por graça divina Bispo de Beauvais. Soube que sofreste uma grande infelicidade...

Gemendo, ele disse:

— Mais do que isso, irmão. Fossem apenas as pancadas... mas as humilhações e as indignidades que me fizeram, sem que eu tivesse dado razão para tal...

— Indignidades? — perguntei, afetando simpatia — Que indignidades?

— Tais que manchariam meus lábios se as contasse e teus ouvidos se as ouvisses...

Quase não resisti ao desejo de tranquilizá-lo dizendo-lhe que não temesse por isso, antes receberia tais notícias com imenso prazer. Mas contive-me e retruquei-lhe:

— Peço-te aceitar meus sentimentos e minha solidariedade. Lamento reencontrar o prezado irmão em um momento de tamanha dor.

— Grato, mas há certamente engano. Não tive o prazer de conhecer-te, irmão.

Achei estranho o que ele dizia. Repliquei:

— Não te lembras de mim, irmão? Padre Aucupis...

Ele replicou sorrindo e gemendo:

— Certamente não te conheço. Mas isto não me impede de agradecer-te, e a Monsenhor de Beauvais, que nem ao menos é o meu bispo, a gentil lembrança de uma visita num momento tão doloroso, jamais vos esquecerei.

— ...eu era o cura desta aldeia, antes de ti.

— Há um equívoco, irmão...

Não o deixei terminar. Ele podia tentar fingir o quanto quisesse, mas eu tinha como avivar sua memória:

— ...vieste comunicar-me que eu estava transferido e irias assumir o meu lugar. Bem, isto já faz alguns anos isso, todavia...

Gemendo, ele replicou, afável:

— Estás enganado, irmão. Estou nesta paróquia há menos de dois anos, e não cheguei a conhecer meu antecessor, que já havia morrido e a aldeia estava sem cura...

— Morreu, disseste?!...

Nisto, o criado voltou com uma vela que iluminava melhor o ambiente sem ferir muito os olhos do doente. Olhei então para o rosto completamente desconhecido, cheio de equimoses e feridas, que me fitava com simpatia, enquanto me falava:

— Sim, morreu...

Com indizível mal-estar, senti que o chão me fugiu dos pés gelados, enquanto ele prosseguia, gemendo a cada palavra:

— ... que o Senhor me perdoe se estou julgando errado, mas dizem que ele não era particularmente benquisto, há mesmo boatos de que tenha sido envenenado...

Apesar da minha grande perturbação, percebi que o rosto do criado crispou-se antes de se voltar para a parte escura do quarto. Por fim, despedi-me do padre deixando-lhe algum dinheiro e palavras de simpatia. O serviçal me acompanhou até o portão. Assim que me vi a sós com ele, tirei uma moeda de ouro e lhe estendi, sorrindo. Ele hesitou em tomá-la, surpreso, mas, ao me encarar, o tolo deixou-a cair, dando um grito de horror, e voltou-se correndo sobre os próprios passos. Assim, recolhi de volta a moeda e segui meu caminho.

Durante as diversas viagens que precisei fazer naquele período, sempre que possível passava por S..., não apenas para visitar meu antigo senhor Bispo de N... e lhe prestar minhas reverências: ali também era um excelente lugar para dar pasto aos meus apetites, pois fácil me era entrar e sair de cena conforme a minha conveniência. Monsenhor tinha conhecimento de tais coisas e não se opunha, apenas me censurava quando lhe parecia que eu dava maiores atenções aos meus prazeres do que à conjuntura política.

Nesta ocasião em particular, passava pelas ruas em vestes talaras, mantendo, como sempre, o rosto parcialmente coberto. Naquele dia, sem nenhuma razão para tal, prestava atenção ao quadro quotidiano das cidades: ruelas estreitas e irregulares, cobertas de lixo e excrementos, onde porcos e cachorros disputavam com os mendigos algum resto de comida; bêbados caídos na sarjeta; mulheres gordas e fedorentas que sorriam grotescamente, oferecendo-se a troco de qualquer moeda; pessoas que se engalfinhavam em lutas corporais observadas com curiosidade pelos passantes; crianças nuas e sujas que corriam de um lado para outro; mendigos exibindo chagas ou mutilações de guerra (verdadeiras ou falsas), pedindo esmolas...

Não sei por que mórbido interesse aquilo chamava minha atenção. Em Paris, em Rouen, em qualquer outra cidade do reino o cenário era exatamente o mesmo, apenas em maior ou menor escala. As pessoas viam minhas vestes de clérigo e descobriam a cabeça, um ou outro murmurava algum dito espirituoso, mas eu seguia por entre eles entre o asco e o riso, quando uma voz forte, que me pareceu familiar, fez-me estacar, apavorado:

— Por caridade, meus irmãos! Uma esmola a um bravo cavaleiro cujas feridas foram adquiridas a serviço do Rei e da Santa Igreja!

Dominei-me, contudo, rindo de mim mesmo ao ver que não passava de um mendigo como tantos outros. Por alguma razão quis vê-lo mais de perto e me aproximei, sem, contudo, voltar-lhe diretamente o rosto, mesmo porque quando a brisa soprava em minha direção o odor que emanava era de uma repugnância indescritível. Molambos sujos de vinho e vômito cobriam apenas parte de um corpo que deveria ter sido musculoso em outros tempos, mas do qual agora as carnes despencavam flácidas. A perna esquerda estava amputada à altura do joelho, e quando mudava de posição agarrava a muleta encardida com a mão sinistra, ajudada pelo coto que lhe restava no outro braço. A barba negra era ainda mais suja que o restante e lhe dava um ar selvagem que me também pareceu familiar, e quando numa fração de momento olhei para seus olhos logo entendi por quê, fazendo-me sorrir de um gozo intenso e indescritível.

Ele me estendeu o coto do braço fazendo a súplica habitual, mas eu apenas fiz rapidamente sobre ele o sinal-da-cruz e voltei o rosto para frente, seguindo adiante, enquanto reformulava meus planos. Dirigi-me a seguir para a igreja mais próxima, onde, ante os primeiros esboços de empecilho expostas por um reles servo, as simples palavras “enviado do Reverendíssimo senhor Bispo de Beauvais”, mais o anel de Monsenhor, tiveram o condão de chamar à minha presença em tempo célere o padre local. Era um homem simplório, mas não tanto que se fizesse de cego àquele anel, o qual, diga-se de passagem, inspirou-lhe a mais afetuosa boa vontade.

Ao meu pedido, informou-me que aquele era um mendigo bastante conhecido nos arredores. Dizia-se nobre, antigo comandante de um troço guerreiro que, num confronto com uma força maior, recebeu os ferimentos que o reduziram ao que era agora. Apesar disso, ou talvez por causa disso, não passava de um pedinte inofensivo, pronto para alardear façanhas guerreiras ao primeiro que se dispusesse a lhe pagar um púcaro de vinho ou cerveja. Apenas mais um de muitos a quem a guerra sem fim fez *passar de cavalo a burro*<sup>131</sup> (e burro bichado, disse escarninho), e eu poderia encontrar facilmente quantos herois quisesse dos dois lados em situações semelhantes.

Expliquei-lhe então que havia muito mais do que apenas isso. Meu amo havia me encarregado de escutar pessoalmente a confissão daquele mendigo, pois havia evidências de que ele possuía informações do mais alto interesse para a Santa Igreja. E o reverendíssimo senhor Bispo certamente olharia com especial atenção para a carreira daqueles que, mesmo na mais humilde condição, colaborassem tão magna tarefa. Ao que ele prontamente pôs-me à minha inteira disposição, sorrindo de forma tão abjeta que, sem dúvida, se eu lhe pedisse para deitar-me com sua irmã, ou sua filha, ou ainda com ele próprio, teria aceitado com o mais ardente entusiasmo.

Dispôs-se mesmo a trazê-lo a fim de pô-lo sob confissão, cujo conteúdo me revelaria mais tarde. “Sabendo que normalmente não seria correto, mas em atenção aos altos interesses da Igreja, que tudo justificam”, enfatizou. Aceitei que o trouxesse, mas para eu mesmo confessá-lo, “a fim de não sobrecarregar o irmão já tão cheio de tarefas tão árduas quanto magnas”. Ele ficou menos satisfeito, mas não demorou em mandar alguns criados buscarem o mendigo, enquanto esperávamos conversando de tal forma que ele deve ter tido a certeza de uma promoção num prazo de dias.

Alguns minutos depois, aqueles voltaram trazendo, sem disfarçar o nojo, aquele que eu tanto queria ver. O padre ofereceu-se para testemunhar, mas pedi-lhe que aguardasse junto aos serviçais em local próximo até que eu os chamasse, pois era absolutamente imperioso que eu lhe falasse a sós. Por menos que a resposta o tenha

---

<sup>131</sup> Na Antiguidade e Idade Média o cavalo era símbolo das altas classe sociais, enquanto o asno ou burro o eram das classes servis. O dito, de origem latina (*ab equis ad asinus transire*), refere-se a alguém que foi rebaixado, perdeu prestígio financeiro ou social.

agradado, soube retirar-se afetando a mais autêntica subserviência. Puxei ainda mais o capuz de forma a encobrir melhor o rosto, enquanto o mendigo se abaixava, tentando manter-se de joelhos aos meus pés com a ajuda do bordão encardido, apavorado, sem imaginar a razão de tudo aquilo, sorrindo como um tolo, um sorriso bem diferente do que lhe vira no rosto anos antes.

Virei-me um pouco de lado, por causa do cheiro que exalava, e lhe disse em voz severa:

— Sabe por que está aqui, pecador?

— Não, Vossa Paternidade — respondeu trêmulo. — Não passo de um infeliz a rogar a caridade alheia para pôr um pedaço de pão na boca.

— Verdade, Messire?

O último termo foi visivelmente irônico. O mendigo se surpreendeu de tal forma que ergueu o rosto tentando ver quem eu era, mas voltei-me um tanto mais e ele tornou a olhar para o chão, respondeu visivelmente assustado:

— Não me chameis mais Messire, Vossa Paternidade. É verdade que tenho sangue nobre, e outrora fui um Cavaleiro a serviço do Rei e da Santa Igreja. Mas hoje sou apenas mais um mendigo a implorar a misericórdia de Deus e a caridade dos homens.

Sorri, antegozando, e lhe repliquei, ríspido:

— Você mente, desgraçado! E a mentira, dentro da casa de Deus, durante o sacramento da confissão, é um gravíssimo pecado!

Ele pareceu chocado e murmurou:

— Padre...

Prosegui, antes que ele pudesse dizer algo mais:

— Seus feitos de armas não foram a serviço nem do Rei, nem da Igreja, mas sim um amontoado dos mais hediondos crimes a mando de Satã! Seus múltiplos e horrendos pecados bradaram aos Céus clamando pela vingança de Deus com tão grande alarido que Ele escutou este clamor e trouxe-o aqui para o ajuste de contas com a Sua justiça!

O pobre-coitado tentou beijar meus pés, mas perdeu o bordão, desequilibrou-se e caiu de rosto no piso, enquanto eu me afastei ainda mais, apontando-lhe o dedo, mas de forma a que o capuz continuasse a manter meu rosto encoberto:

— Como ousa erguer de novo as mãos contra o ungido de Deus, pecador?!

Ele levantou o rosto para mim, horrorizado, erguendo o coto do braço:

— Misericórdia, Padre! Juro-vos, não foi essa minha intenção, eu não o faria!..

— Mas fez, miserável! Achou que seus pecados estariam ocultos dos olhos do Onipresente?! Deus viu tudo aquilo que você fez nas infelizes aldeias por onde passou, e estendeu a mão para castigá-lo! Confesse! Confesse! A não ser que prefira confessar seus crimes diante do juiz da Santa Inquisição!

Ele rojou-se com o rosto no chão e ululou, desesperado:

— A Inquisição não, Padre! Piedade para o último dos miseráveis! Eu confesso!... Misericórdia, Senhor! O Diabo me seduziu, a paixão pelo ouro me enlouqueceu!... Mas eu sempre me confessava!...

Contive-me para não gargalhar, ao interrompê-lo com voz austera:

— E achou que a justiça do Deus puro e santo podia ser comprada por meio de confissões espúrias pagas com ouro maldito, obtido à custa do sangue e das lágrimas dos inocentes!?

Arregalou os olhos e os soluços calaram-no por um instante, depois prosseguiu lutando contra a garganta, batendo no peito:



— Sim, confesso! Cometi pecados horrendos contra Deus, contra a Igreja e contra os homens! Eu me arrependo, Padre! Por piedade, imponde-me a penitência que devo cumprir para que a maldição de Deus saia de sobre mim, mesmo que seja a tortura e a morte! Ofereço a minha própria vida como expiação dos meus pecados!

Por uma fração de instante, as súplicas daquele infeliz me pareceram verdadeiras e sinceras, algo dentro de meu pensamento gritava que a Justiça Divina já o havia castigado o bastante. “Que me importa a Justiça de Deus? Quero a minha vingança!” retruquei intimamente. *Perdoa, que o Senhor te perdoará os pecados!*... insistia o pensamento estranho, ao qual por fim respondi, fazendo figa por dentro das vestes: Perdo, sim... *cum mula peperit*<sup>132</sup>! Impressionado com o meu silêncio, o mendigo ergueu o rosto tentando novamente olhar para o meu, sem conseguir. Disse-lhe então:

— E o que pode valer a sua vida abjeta? Acha mesmo que pode fazer algo digno da misericórdia do Deus eterno? Olhe para si mesmo, está tão sujo que mesmo um porco teria nojo! Fede tanto que o próprio Satanás hesitaria em recebê-lo, pois você empestaria o ar do próprio Inferno! Acha que Deus há-de se lembrar de alguém como você a não ser para cobri-lo de pústulas e maldições?

Ele tornou a colar o rosto no chão, tentando beijar-me os pés enquanto repetia:

— Piedade, Padre, tende piedade de um infeliz que não tem como ser mais miserável! Submeto-me ao que me seja imposto para o perdão dos meus pecados, ainda que seja morrer sob todas as torturas da Inquisição!

Chutei seu rosto e descobri o meu, respondendo-lhe em tom dramático:

— Não! Para você não haverá perdão nas leis do Eterno! Está escrito que todo aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não receberá misericórdia, nem neste século nem no outro<sup>133</sup>! E você cometeu este pecado quando violentou o representante da Santa Igreja, o ungido de Deus, o sacerdote de Jesus Cristo!

Como ele colasse a testa no chão, soluçando, prossegui:

— Hoje é o dia da vingança, maldito! Olhe para mim e veja quem sou eu!

Ele obedeceu, e ao fazê-lo, petrificou-se. Tenho certeza de que a presença do próprio Satanás teria lhe causado menos pavor. Lutando contra o terror que o imobilizava, fez menção de tomar a muleta, que chutei para longe e, deliciado com aquilo, fui me aproximando lentamente, obrigando-o a recuar rastejando, e falei-lhe agora em tom quase normal, jogando um denier em sua cara:

— Tome, e trate de usá-la bem, pois será a última esmola que receberá na vida! Não tema a Inquisição, verme! Matá-lo, mesmo com requintes de tortura, seria caridade! Acha mesmo que não tem como ser mais miserável? Pois eu lhe provarei que tem, há-de sentir saudades da vida que viveu até agora! A fome queimará suas entranhas todos os dias, pois ninguém dá esmolos a um excomungado, e aleijado como está, nem mesmo poderá roubar, terá que disputar o lixo das ruas com porcos e cachorros para ter o que comer! Dormirá na sarjeta e acordará com o povo a lhe atirar os dejetos de seus penicos e o esterco de seus animais! Nem tema Satanás e seu Inferno, tema antes a mim, pois **eu** seu serei seu Satanás e farei de seus dias o Inferno em vida por todo o tempo de vida que lhe restar!

Ante os olhos horrorizados do mendigo, incapaz de qualquer reação, tirei meu crucifixo do peito, escarrei nele e sorri, satisfeito. Gritei então com todas as forças. Acudiram o padre e os criados. Tomei então o braço do primeiro, apontando para o espectro de homem rojado ao chão, e falei como que presa do mais santo horror:

---

<sup>132</sup> Quando a mula parir. A mula é produto do cruzamento de um jumento com uma égua, mas é estéril. O dito, de origem romana, equivale ao moderno *dia de São Nunca*.

<sup>133</sup> Novo Testamento, Mateus, 12:32; Marcos, 3:29 e Lucas, 12:10.

— Jamais poderia imaginar coisa mais horrenda do que a alma desse homem! Às minhas súplicas e exortações para que se arrependesse de seus pecados, respondeu rindo e oferecendo uma figa para cada Pessoa da Santíssima Trindade! Apresentei-lhe o crucifixo, mas ao invés de beijá-lo, vede! Vede com os próprios olhos o que ele fez ao símbolo de nosso Deus e Salvador!

Os demais se persignaram enquanto eu falava sem parar, sempre apontando para o mendigo e tapando os olhos dramaticamente:

— Assim sendo, tomo todos vós por testemunhas! Anátema! Excomunhão! Expulsai o excomungado, pois não é digno de estar dentro do templo do Senhor! Expulsai-o, pois meus olhos não podem suportar a vista de Satã! Satanás, Belial, Belzebu, eu vos repilo! Expulsai-o da casa de Deus, pois ele polui o templo dos verdadeiros católicos! Expulsai-o, e que nunca mais torne a entrar nem mais receba os santos sacramentos até que morra e Satã, seu amo, venha a cobrar-lhe a alma vendida!

Minhas palavras vinham aos lábios com tamanha fluência que nem lhes dava tempo de pensar. Os servos nem se preocuparam com isso, antes pareceram divertir-se em cumprir a ordem, enxotando o mendigo a pontapés, enquanto chutavam para fora o bordão onde se apoiava e insultavam-no com termos que eram delícia para os meus ouvidos. Fiquei feliz ao imaginar quão depressa a notícia se espalharia e como os demais passariam a tratá-lo doravante.

Olhei então mais uma vez, sorrindo, para o anel de Monsenhor. Sem ele, a maldição que proferira outrora juntos aos meus antigos camponeses, na qual acreditara com toda a minha alma, não passou de frases, vazias de qualquer poder. Agora, apenas por tê-lo no dedo, as mesmas frases, nas quais agora cria tanto quanto nos deuses da Roma Antiga, transformavam-se em ferramentas capazes de dar vazão aos meus mais íntimos desejos de vingança.

— Irmão, um pecado desse talante não mereceria as atenções da Santa Inquisição?

Aquilo fez com que eu voltasse a mim a tempo de desfazer o sorriso e afetar novamente compunção. Pensei rápido e respondi:

— Certamente que sim, irmão. Contudo, não é esta a vontade do reverendíssimo senhor Bispo, e conquanto não entenda seus motivos, não vejo motivos para duvidar de sua sabedoria e piedade. E como ele recomendou enfaticamente para que não o fizéssemos, julgo mais correto atendê-lo segundo a santa obediência, mesmo porque não desejaríamos cair de suas boas graças, não é verdade?

O padre sorriu e disse:

— Se Monsenhor de Beauvais entende assim, quem sou eu para ter outra opinião?

Ele interrompeu sua narrativa, com ar cansado. Perguntei-lhe então:

— E o que se passou depois?

— Não é preciso que eu conte. Tudo o mais está nesses escritos.

Olhei em seus olhos, o que o perturbou, e lhe perguntei:

— Sentes remorsos, l'Oiseleur?

Ele tentou me responder, mas depois disse de outra forma:

— Hás-de me crer se eu te responder que sim?

Foi a minha vez de não ter resposta. Então, perguntei-lhe:

— É o primeiro passo. Mas ele ajuda a fazer de ti alguém melhor?

Ele pareceu picado com a pergunta e retrucou, ferino:

— Em que o **teu** remorso te faz melhor?

Respirei fundo e respondi:

— Dando-me a consciência de mim mesmo. Assim, humilho-me diante de Deus confessando-me que era, e ainda sou, invejoso, covarde e mesquinho. Mas a própria grandeza de meus crimes fez-me encontrá-Lo novamente (e, como ele sorrisse, incrédulo, prossegui com mais ênfase). Sim, ri se o desejares, mas voltei a orar, a jejuar, a manter a castidade...

— Em nossa idade isso não chega a ser nenhuma virtude — retrucou em tom de mofo.

Ignorei a interrupção e prossegui:

— ...em suma, voltei a ser realmente padre, o que nunca deveríamos ter deixado de ser!

Ele sorria com um ar de troça que me pareceu teatral, pois seus olhos demonstravam inquietude:

— Estás apenas tentando barganhar a própria salvação! Por medo, não por virtude!

Sorri, melancólico, e respondi:

— Barganhar, com o quê? Nada tenho a oferecer, que valha alguma coisa aos olhos d'Ele. Por medo? Tens razão, ainda não me sinto capaz de ser virtuoso por amor à virtude, mas é melhor fazer o bem por temor ao castigo, do que simplesmente não fazê-lo.

Ficamos nos olhando em silêncio, e então me disse, sorrindo como eu:

— Não creio que me creias, mas eu te invejo. Sinceramente.

De fato, parecia-me incrível que eu pudesse ser objeto desse sentimento:

— A mim? Por que alguém haveria de invejar a mim?

— Porque eu vejo em ti aquele que já fui um dia, alguém que não consigo ser de novo, por mais que o queira!

Sempre sorrindo melancolicamente, retruquei:

— Sempre me desprezaste outrora. Não me ponhas agora num pedestal, para que eu não te decepcione...

— Como assim?

— Crês que descobri uma esponja celeste capaz de apagar meu passado, como se nunca houvesse acontecido. Não te iludas, o rio Lethes não corre neste mundo<sup>134</sup>. Não é possível apagar o passado. Mas mudar o presente, sim. Não sou capaz de voltar àquele que já fui, mas posso deixar de ser este que sou, para tornar-me aquele que espero ser.

<sup>134</sup> Rio lendário da mitologia pagã, no qual as almas bebiam para apagar as lembranças da vida terrena. Na Divina Comédia, as almas saídas do Purgatório dele bebiam para esquecer os pecados cometidos, a fim de poderem subir ao Paraíso.

*Depois de longa hesitação ele me disse, triste:*

*— Ah, quem me dera ser capaz de fazer outro tanto...*

*— Unicamente porque não queres. O que te impede?*

*Ele sorriu com um laivo de ironia ao responder:*

*— Como explicar a ti, que nunca sentiste o gosto do poder? É algo mais inebriante que o hipocraz<sup>135</sup>, vicia mais que os dados. A princípio queremos apenas atingir determinado objetivo, mas quando o alcançamos, então buscamos outro, e depois outro e mais outro, porque, no fim de tudo, um objetivo torna-se apenas um pretexto para continuar jogando. E quem pode me garantir que não estarei renunciando a tudo isso em nome de simples lendas piedosas? Tu, porventura?*

*Sacudi a cabeça em negativa, respondendo sem me incomodar com sua ironia:*

*— Ela. Podes imaginar alguém igual a ela morrendo por nada?*

*Ele ficou em silêncio, pensativo. Esperei um pouco e disse-lhe:*

*— Se ela não puder provar-te isso, quem poderá? Mas é preciso buscar, l'Oiseleur, pois só podemos encontrar aquilo que realmente estamos procurando. Batei à porta e ela se-vos abrirá<sup>136</sup>, lembra-te? Não crês que seja uma verdade em extremo consoladora?*

*— E um compromisso muito grave, também.*

*— E um compromisso muito grave, sim.*

*Mais um minuto de silêncio e ele me disse:*

*— És mais feliz do que eu, por isso...*

*Suspirei fundo ao responder-lhe:*

*— Nesse caso, imagino o quanto deves ser desgraçado, pois me sinto obrigado a suportar a mim mesmo dia após dia, lembrando tudo aquilo que quero e não consigo esquecer, e a consciência da minha própria indignidade não me permite tréguas nem alegrias. Mas não será esse um bom motivo para mudar? Afinal, nossos cabelos embranquecem e convém pensar em para onde iremos quando a morte chamar, o que não deve andar muito longe... afinal, estamos falando de Eternidade...*

*— Tu estás falando de Eternidade... quanto a mim, sei que estou perdendo o jogo e que, se não sair agora, seguirei de derrota em derrota até não ter mais nada para perder. Apesar disso, não acho que consiga mais parar...*

*Então ele bocejou, desculpando-se com o cansaço da viagem. Levantei-me então a fim de conduzi-lo até seu leito, apontando para o colchão e dizendo-lhe como se pedisse desculpas:*

*— Não é de plumas, mas também não é de palha...*

*— A boa e velha felpa<sup>137</sup> — disse ele depois de apalpá-lo, voltando-se para mim sorrindo estranha e melancolicamente. — Era sobre um desses que eu dormia em minha aldeia...*

*Receando algo que não sabia definir, despedi-me dele depressa e fui para meu catre, onde custei a conciliar o sono, passando boa parte da noite a pensar naqueles meses que passamos juntos naquele ano distante e tão presente de 1431. Na manhã seguinte, depois de um breve desjejum, ele seguiu seu caminho. E só na hora de nos despedirmos é que tornou a falar uma última vez sobre o assunto da véspera:*

*— Peço-te que cuides dos meus escritos.*

<sup>135</sup> Vinho com especiarias, receita típica da época, tipo o vinho quente de nossas festas de São João.

<sup>136</sup> Novo Testamento, Mateus, 7:7.

<sup>137</sup> Tecido com fios levantados à maneira de pelos, do qual se origina o adjetivo *felpudo*. Os colchões dos pobres da época eram forrados de palha ou de felpa; as classes mais ricas e suntuosas usavam plumas ou penugem.

— *Estarão bem guardados.*

— *Peço-te antes que os leias, leias atentamente! É como se fosse a minha confissão. Lê em teu confessionário, e se possível, dá-me a absolvição! E lembra-te, nunca antes de um ano ou dois, mas é preciso que chegue às mãos do Santo Padre!*

— *Todavia...*

— *Enquanto isso guarda bem e lê com a máxima atenção! Adeus!*

*E montou tão ligeiro quanto pôde em seu jumento, tocando-o rapidamente para a estrada antes que eu tivesse tempo para retrucar qualquer coisa. Por um momento, ergui a destra para traçar uma cruz, mas quase logo me detive, hesitando. Enquanto via-o desaparecer, uma estranha melancolia passava por meu coração. Não por qualquer sentimento afetivo, que jamais tive por ele. Talvez aquilo que pudesse unir, ainda que a contragosto, os cúmplices de um crime. Mas, à medida que seu vulto diminuía progressivamente até desaparecer, parecia-me que uma parte de meu mundo estava desaparecendo com ele...*

*Custei muito a fazer o que ele me pediu. Durante longo tempo, guardei aqueles papéis dentro de meu travesseiro, embora a curiosidade me espicaçasse quase todos os dias, lutando contra meu desejo de esquecer aquilo que era inesquecível. Até que um evento inesperado fez com que eu enfrentasse novamente meus fantasmas...*

## **A Mesma Aldeia, Algum Tempo Depois**

*A tarde já caía quando meus aldeões, obedecendo às minhas ordens, trouxeram o esperado fardo até a porta da igreja, fardo este que era um Cavaleiro doente ou ferido, ainda em armas, debruçado sobre o cavalo. Uma vez diante da porta da pequena igreja, foi necessário que vários daqueles robustos camponeses juntassem forças para conseguir tirá-lo da montaria e deitá-lo quase junto ao altar, onde fizeram uma pausa para recuperar as forças, para a seguir tornar a levantá-lo a fim de o conduzir até a casa paroquial, onde o depuseram sobre uma tosca maca, improvisada para atender situações como essas.*

*Eventos tais não eram nenhuma raridade numa época igual a esta, na qual a guerra havia se tornado parte do cotidiano da vida. Mesmo assim, como de outras vezes, o coração bateu de ansiedade. Afinal, meus conhecimentos não eram de monta a dar garantias de ajudar nestes casos. Como de outras vezes, suspirei fundo e, como de costume, dispus-me a fazer o que pudesse, entregando o resto a Deus.*

*Procurava prestar atenção ao que me diziam os paroquianos, buscando compreender a situação a fim de tentar remediá-la como fosse possível. Mas, ao retirarem o elmo, algo no rosto da vítima chamou tão poderosamente minha atenção que por um momento esqueci quem era, onde estava e o que deveria fazer. A idade não me ajudava a memória, em vão evoquei todos os vultos masculinos que passaram ao longo dos meus muitos anos, mas nenhum deles respondia por algo ligado a este Cavaleiro que certamente não era jovem, mas, sem dúvida, ainda mais longe estava da velhice. “Estarei tão velho assim, que já confundo as pessoas?”, indaguei-me.*

*Aquilo causou estranheza aos paroquianos, que por fim precisaram falar mais diretamente para que eu sáísse daquela contemplação insólita a fim de dar as ordens e tentar de alguma forma atender o ferido, cujo rosto continuava, não obstante, a chamar minha atenção..*

*Tiraram com dificuldade a armadura, já que o Cavaleiro não estava em condições de ajudar, e se depararam com um ferimento na coxa, provavelmente já por alguns dias. O aspecto falava por si. Comecei a orar em silêncio, como sempre numa situação semelhante, buscando que a inspiração de Deus suprisse minha falta de conhecimentos.*

*Durante os dias que se seguiram, o Cavaleiro foi aos poucos se recuperando, mais em função de sua robusta constituição que por meus escassos conhecimentos de saúde, como de bom humor, aliás admiti, ao meu paciente alguns dias depois, quando este, visivelmente recuperado, me agradecia.*

*— Talvez meu maior mérito foi o que deixei de fazer, ao invés do que pudesse ter feito.*

*— Como assim, padre?*

*— É que, embora tenha pensado em sangrar-vos, acabei não fazendo.*

*— Contudo, a maior parte dos padres e barbeiros o fazem...*

*— É verdade, e a maior parte dos pacientes acaba morrendo.*

*— É um raciocínio inteligente, e não pretendo ter a sabedoria de Vossa Paternidade. Contudo, há uma observação em favor do que acabais de dizer.*

*— Sim? E qual é?*

— Quando os animais do campo adoecem, nenhum deles se recupera sendo sangrado. Se deve ser assim com eles, deve valer para nós também. Meu finado pai entendia muito de animais e dizia que sangue é vida e não deve ser desperdiçado.

Sorri ao comentar:

— De fato, deve ser assim. Por outro lado, Messire, não é comum que alguém da nobreza entenda das coisas do campo.

— Meu pai era camponês, padre.

Por um instante, estremecei. Seria este homem simpático e bem apessoado um desses camponeses que, à força de ter seus haveres tantas vezes saqueados e destruídos, terminava por juntar-se a um desses bandos que grassavam por toda parte como praga, passando a pilhar na mesma intensidade com que fora pilhado? Teria assaltado a um senhor? Não seria caso raro. O convalescente percebeu minha perturbação e ergueu meio corpo para replicar, sorrindo:

— Não se assuste Vossa Paternidade, pois não sou salteador de estrada. Meu finado pai, que o Senhor o tenha em Sua glória, era de fato um simples camponês, mas o Rei, por sua graça, concedeu brasão à minha família. Sou o Cavaleiro Pierre du Lys.

Mal refeito do primeiro susto, estremecei uma segunda vez ao ouvir este título, um forte estremecimento interior me abalou de tal forma que quase não pude ouvir o pedido que ele me fez:

— Padre, muito vos devo, mas ainda necessito incomodar Vossa Paternidade com mais um pedido que reputo importante.

— Às vossas ordens, Messire.

Passado um breve intervalo de silêncio, este respondeu:

— Tenho passado anos a fio na guerra, e bem sabeis que a guerra praticamente nos obriga a pecar. Assim, peço-vos ouvir-me em confissão. Não é bom que eu me arrisque a cair na luta sem estar em dia com os santos Sacramentos.

— Naturalmente, Messire. Como bem o dissestes, em vosso caso é realmente muito necessária essa precaução, já que num tempo como este tudo é incerto. No entanto, como ainda não vos encontrais em condições de caminhar até o confessionário, não há necessidade de vos levantardes. Posso ouvir vossa confissão aqui mesmo, pois o Senhor Deus não exige do pecador nada mais que o real sentimento de remorso pelo pecado.

— Obrigado, padre.

A seguir, o ferido juntou as mãos batendo-as no peito, para dizer, como de praxe:

— “Eu, Pierre d’Arc, pecador, confesso-me a Deus e a vós que pequei...”<sup>138</sup>”

Não pude continuar. Desgraçadamente, eu não havia me enganado, e a dor que me punziu o peito foi tal que acreditei estar prestes a dar o último suspiro. Não vi e mal escutei a pergunta aflita de meu interlocutor:

— Padre... Padre, o que Vossa Paternidade sente, em nome dos Céus?!

Tentei falar, mas a garganta como que me travou. Quando consegui abrir os olhos, o Cavaleiro estava a ponto de gritar por socorro, quando num fio de voz afinal consegui arrancar algumas palavras do fundo da garganta:

— Por caridade... por piedade... não chameis ninguém...

O Cavaleiro retrucou, visivelmente aflito:



Armas da família Du Lys

<sup>138</sup> Em 29 de dezembro de 1429, Carlos VII concedeu a Joana d’Arc e sua família (cujo sobrenome passou a ser oficialmente **du Lys**) brasão e título de nobreza, dos quais, no entanto, ela jamais fez uso. Vide páginas 121 e 222.

— *Padre, o que tendes? Estais passando mal?!  
Travando visível luta interior, mal pude dizer-lhe:  
— Mal da alma, e não do corpo!... é o espinho que Satanás enviou para castigar  
minha alma, para esbofeteá-la...*

*A seguir, comecei a chorar e a soluçar como uma criança, para completo  
choque do convalescente. Ficamos em silêncio, esperando por minutos que me  
pareceram horas, até que recuperei o autodomínio, Deus sabe como:*

— *Minha memória não me traiu, para minha desgraça. Bem achei que vos  
conhecia de algum lugar...*

*Nova crise de choros e soluços, até que pude falar novamente:*

— *Meu filho, deveis estar achando que a idade me prejudica, mas daria todos os  
anos da minha vida para que fosse isso. Nunca estive tão lúcido em toda a vida, mas a  
minha lucidez é para que Satanás lembre-me a todo instante da minha maldade, da  
minha perfídia, sempre que esse povo humilde e bom começa a me julgar e a me tratar  
melhor do que mereço. Senhor Jesus, tende misericórdia de mim, que não passo de um  
criminoso, de um malfeitor!*

*Solucei ainda um pouco, de repente ajoelhei-me ao pé da cama do doente e  
disse:*

— *Meu filho, não posso confessar-vos. Fazei antes um gesto sublime em favor  
deste verme da terra, deste miserável indigno de ostentar esta veste sagrada. Por  
caridade, por piedade, eu vos suplico que me ouçais vós em confissão!*

*Suspirei fundo, hesitei e fechei os olhos, falando num tom quase inaudível,  
batendo no peito com quantas forças tinha:*

— *“Eu, pecador, me confesso. Confesso-me a Deus e a vós...”*

*Atônito, o Cavaleiro por fim conseguiu retrucar:*

— *Mas... não sou padre, com que direito posso ouvir-vos em confissão?*

— *As Escrituras ordenam, simplesmente: Confessai-vos uns aos outros<sup>139</sup>, sem  
fazer diferenças! Por caridade, meu filho, mais que tudo nessa vida preciso que me  
escuteis! Por tudo aquilo que vos for mais sagrado, eu vos suplico de rastros... pois  
preciso do vosso perdão!*

— *Do meu perdão?! Mas... quem sou eu para isso, Padre?*

*Desta vez conseguiu responder em tom normal:*

— *Sois Pierre d’Arc.*

*Pelo olhar que ele me deu, deve ter pressentido algo que fê-lo estremecer ao  
perguntar-me:*

— *E o que pode vos importar quem sou, Padre?*

— *Importar-me-ia mais que a minha própria vida, se algo valesse — retruquei.*

— *Eu vos suplico, não negueis essa caridade a um criminoso... pela sagrada memória  
de vossa irmã!...*

*O convalescente estremeceu mais uma vez, e um pensamento sombrio fê-lo  
perguntar, num tom menos amistoso:*

— *Conheceste Jehannette, Padre?*

*Querendo e não querendo, tentei responder em palavras, mas apenas consegui  
sacudir positivamente a cabeça, enquanto as lágrimas desciam-me pelos olhos, uma  
após outra.*

— *Vós conheceste Jehannette, Padre? — perguntou novamente o Cavaleiro,  
num tom mais alto e rude.*

*Finalmente a voz me voltou, entrecortada por soluços:*

<sup>139</sup>

Novo Testamento, Tiago, 5:16.



— *Sim, meu filho. Eu a conheci.*

— *Onde? Quando?*

*Enquanto perguntava, os olhos do convalescente corriam em volta, supus que procurando por sua espada e sua adaga.*

— *Durante o seu Julgamento... em Rouen...*

*A voz agora soava incisiva, ao perguntar:*

— *Quem sois vós, Padre?*

*Depois de longa hesitação, respondi com voz sumida:*

— *Padre Martin... Martin... l'Advenu...*

*O Cavaleiro levantou-se abruptamente do leito, trincando os dentes para abafar os gemidos, e começou a procurar suas armas e peças em silêncio. Conforme ia encontrando-as, vestia-se apressadamente e se ajazava o mais rápido que podia, e me assustei. Por um momento ocorreu-me que o Cavaleiro iria matar-me. Mas como ele continuasse, armado, a ajazar-se, concluí, aflito, que ele se preparava para ir embora.*

— *Por caridade, meu filho! Não vos vades sem me ouvirdes!*

*Ele deteve-se por um instante e respondeu, entre dentes:*

— *Não me faleis, Padre! Vossas vestes são sagradas e é isto unicamente que vos salva da minha espada! Mas não me faleis, ou posso me esquecer disso, e nesse caso não respondo por mim!*

*O que li nos olhos dele fez-me estremecer, mas prossegui:*

— *Não há espada mais impiedosa para a alma do que o remorso, Messire! Ouvi-me, por piedade! Minha alma necessita do vosso perdão!...*

— *Então, ela arderá no fundo do Inferno pelos séculos dos séculos!... — e o Cavaleiro calou-se, sufocado pela dor e pela ira.*

*Naquele momento, uma tremenda indignação interior fez-me erguer a cabeça e deixei de suplicar, para também invectivar:*

— *E também vós fostes impolutos em tudo isso? Não pecastes vós também?*

*O Cavaleiro surpreendeu-se e deteve-se, replicando:*

— *Que quereis dizer com isso?*

— *Porventura vós e vosso digno irmão não reconhecestes publicamente como vossa irmã alguém que sabíeis ser uma reles impostora<sup>140</sup>?*

*O Cavaleiro parou, trêmulo por um instante. Chegou a quase desembainhar o punhal, depois tornou a guardá-lo, respondendo entre dentes:*

— *Estais bem informado, pelo visto.*

— *E por que fizestes isso? Qual a razão desta fraude?*

— *Isto é algo que não vos diz respeito!*

*Continuei na investida:*

— *E credes que uma alma pura e santa como vossa irmã teria aprovado semelhante proceder?*

*O Cavaleiro baixou a cabeça por um momento, mas quase logo ergueu-a de novo, respondendo aos gritos:*

— *Sim, é verdade! Eu e Jean o fizemos, sim! E que importa isso agora? Por acaso isto vos torna menos culpado da morte de Jehannette? Acaso um erro meu, ou de quem quer que seja, torna vossa infâmia menos infame? Credes aplacar vossa consciência esmiuçando os erros de outrem?*

*Aquela resposta dura fez-me novamente baixar a cabeça para responder:*

---

140

Vide página 459, mais detalhes sobre o episódio.

— Quero apenas dizer que ninguém é tão puro, tão perfeito, que não tenha a necessidade de pedir perdão. Somos ambos culpados, podemos nos perdoar mutuamente, em nome **dela**...

— Sois vós que estais a pedir perdão, não eu! Sois vós que tendes as mãos manchadas pelo sangue mais puro que este século de infâmias pôde gerar! Sois vós que tendes o remorso a vos pungir!

Mais uma vez supliquei, lutando contra o travo da garganta:

— Ouvi-me, apenas por um pouco!... sabeis a minha infâmia, mas conheceis igualmente o que fiz e tenho feito... Juro por Deus, naquele dia eu mesmo confessei-a e ministrei-**lhe** a Santa Comunhão!...

— E credes que isto basta para vos redimir de toda a culpa? Contentai-vos com eu não me vingar atravessando-vos com a minha espada! Estou violentando a minha alma ao não fazê-lo! Mas o sangue e as lágrimas de toda a minha família, e não apenas de Jehannette, estão em vossas mãos! Assassinaastes meu pai, que era forte como um touro, a quem prostrastes num catre para morrer de dor e desgosto! Também Jacques, meu irmão mais velho, morreu da mesma forma! Deveis ainda a Deus as lágrimas que minha boa mãe vem derramando todos os dias desde então, ela, que, por vossa causa, nunca mais sorriu, nunca mais soube o que era um dia de felicidade! Malditos sejais todos vós que condenastes minha irmã! E maldito seja eu também por dever a vida a um de vós!

Aquilo acabou com toda a minha resistência moral e caí de joelhos, chorando e batendo no peito, murmurando algo inaudível. O Cavaleiro disse-me com um esgar nos lábios à guisa de sorriso:

— Sim, Padre, chorai. Tendes muito que chorar e vos arrepender, pois tudo isso deveis a Deus. E, como se diz, quem deve a Deus paga ao Diabo.

A seguir, tendo terminado de se aprestar, abaixou a cabeça num cumprimento meramente formal e se retirou o mais rápido que pôde. Vi-o desaparecer, mas não tive forças para levantar e continuei ajoelhado, abatido, soluçando, deixando que as lágrimas rolassem, e não fiz nenhum gesto para interrompê-las.

Depois de largo tempo, levantei-me e dirigi-me em passadas vagarosas à minha cela. Sentei-me no catre, tomei o velho travesseiro e descosturei-o cuidadosamente, tirando de dentro dele um maço de papéis. Com o dia escurecendo, fui à cozinha e acendi uma vela, prendendo-a num castiçal. Por um momento fiquei a olhar para os papéis e para as chamas, em luta comigo mesmo, mas finalmente me decidi. Tomei ambos, um em cada mão, e caminhei a passos lentos em direção do confessionário. Uma vez ali, pus o castiçal de forma a iluminar o cubículo, abri o maço de papéis e suspirei fundo, buscando coragem para enfrentar os fantasmas do meu passado que me aguardavam naqueles pergaminhos...

## PARTE III

### O JUIZ

*Entro toda a tremer nest'árdua escuridade!  
Seja feita, ó meu Deus, Tua santa vontade!*

Paul Allard

*Sei que ficareis todos contentes se eu for  
queimada. Mas se isto acontecer, ficai  
certos de que, através das chamas, entrarei  
para sempre no coração do povo.*

Bernard Shaw

*Mesmo o Diabo cita a Bíblia em seu favor.*

Shakespeare

*O mundo gosta de empanar tudo o que  
brilha; de arrastar ao pó o que é elevado.*

Schiller

*u, Padre Nicolas l'Oiseleur, o último e o mais indigno filho da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana neste século, imploro para minha alma corrupta a misericórdia do Deus Todo-Poderoso, da qual não sou merecedor, e suplico a atenção de*  
**E** *Vossa Santidade para este documento, que contém a confissão que vos faço para a máxima humilhação dos mais sórdidos e vis pecadores que já se abrigaram à sombra da Igreja até o dia de hoje, revelando a verdade inteira e nua sobre a infâmia da mais infame conspiração levada a cabo sob os auspícios da Santa Igreja Católica.*

*Sabei, Sombra de Deus na Terra, que desde quando Nosso Senhor Jesus Cristo confiou Sua Igreja ao Bem-Aventurado Saint-Pierre, Príncipe dos Apóstolos, e a seus sucessores, jamais houve no mundo tão grande número de corvos e de hienas a se abrigarem sob o pálido sagrado da batina, entre os quais se inclui o desgraçado autor destas linhas. E nunca tão grande número destes sacerdotes falsos e ímpios se juntou em um só ponto (à sombra protetora da Igreja, edificada para ser o porto seguro aos naufragos do pecado), para levarem a cabo uma conspiração de tão grande envergadura contra a Verdade, a Justiça e a Santidade.*

*Este filho espúrio e infame da Santa Igreja confessa-vos que participou, não sob coação, mas de livre vontade e por desejo de seu coração corrupto, do mais infame conluio levado a termo neste século, cujo objetivo foi ceifar a vida, a fé e a honra da criatura mais verdadeiramente santa que esta época infeliz e desgraçada pôde conceber. Para maior ofensa a Deus e degradação moral nossa, arrastamos ao erro a mãe dos estudos, o sol do conhecimento, a cidadela da fé Católica, a filha primogênita dos Reis: a Universidade de Paris, bem como propositalmente mantivemos a Santa Sé e o Sagrado Concílio na mais absoluta ignorância dos fatos, apesar dos desesperados apelos da infeliz inocente a ambos mais de uma vez, tudo com o fito de atingirmos nossos nefandos propósitos, que eram os de agradar poderosos príncipes do mundo para melhor desfrutarmos favores materiais.*

*Ponho esta confissão horrenda firmada com meu selo aos sagrados pés de Vossa Santidade, suplicando-vos que seja tratada conforme, em vossa experiência e sabedoria, consideréis a melhor e mais católica forma, para o restabelecimento da verdade e da justiça por nós conspiradas. **Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa.** Amém. Amém.*

**N.L.**

## Novembro de 1428

*No entanto, à vista do fracasso deplorável  
Que fazia fatal a perda de Orleães  
Charles, por duro golpe o espírito arrasado  
Sente de imensa dor opresso o coração.  
Para que ponto há de volver agora a vista?  
Em sua situação, onde encontrar saída?  
Precipitado sente-se ao mais baixo nível  
E crê chegado ao fim seu reino, sem retorno.*

Jean Chapelain

A década de 1420 foi excepcionalmente feliz para nós. Depois do esmagador triunfo inglês em Agincourt, à medida que Henry V avançava de vitória em vitória, as forças francesas recuavam de contínuo, e não apenas as militares, como as espirituais, pois os prelados, inseguros quanto à própria sorte, fugiam em busca de refúgio, abandonando paróquias e dioceses, e não sem razão. Por experiência própria, bem sabia quão pouca proteção proporcionava a batina no meio da violência de uma guerra.

Não era o que queria o rei inglês. Da parte deste havia o máximo interesse em pacificar as regiões conquistadas, e por isso timbrava sempre em oferecer tratamento respeitoso aos religiosos franceses, visando ganhá-los para a sua causa a fim de que mantivessem seus rebanhos tranquilos e submissos.

Todavia, de outra forma pensavam o Grande Chanceler Bispo de Winchester (*posso lhe assegurar que ele é, sem dúvida, muito menos tolerante e piedoso do que nós..*) e seus pares e assessores, os quais haviam financiado a expedição e ansiavam por recuperar, o quanto antes e com lucros, o investimento feito. Para eles, quanto maior o êxodo, mais cargos e rendimentos os fugitivos deixariam atrás de si para serem açambarcados e redistribuídos a seu bel-prazer, e para atingir este objetivo, sempre que o jovem monarca não estava por perto, faziam questão de tratar da pior forma possível os padres das guarnições que se rendiam.

Em consequência, por mais que Henry V insistisse em convocar os fugitivos para que retornassem, ameaçando confiscar seus postos e rendas e prometendo-lhes garantias desde que lhe jurassem fidelidade, nenhum deles ousava voltar. Naturalmente, endossamos vivamente as palavras de nossos colegas Jean Secard e Robert le Barbier<sup>141</sup> em assembleia realizada na capela arquiépiscopal de Rouen, quando propuseram que *nossos confrades que estão vivendo em território sujeito ao Delfim devem ser privados de seus benefícios*, graças ao que um verdadeiro maná de cargos, rendimentos e prebendas caiu sobre nós, e foi assim que “herdei” do Padre Martin Ravenet o rendoso cargo de Cônego de Rouen, e, de quebra, também o de Chartres.

Pouco tempo depois, achei por bem fazer uma visita à cidade onde nasci, a fim de, ao menos uma vez na vida, me apresentar ao Bispo da Sé ao qual, como cônego, estava nominalmente subordinado. Ele recebeu-me com grande gentileza, falando de meu amo em termos bastante efusivos; apresentou-me aos cônegos presentes, que me encararam como a um intruso num banquete; e, por fim, fui apresentado à famosa Túnica Sagrada que tanto sonhara ver em minha juventude. Tão santa, dizia ele com

<sup>141</sup>

Mestres em Artes e Cônegos de Rouen, mais tarde Assessores no Julgamento.

entusiasmo, que, apesar dos séculos passados não apresentava o menor sinal do desgaste do tempo.

“Naturalmente”, respondi em pensamento. Não havia catedral que não contasse com pelo menos uma relíquia sagrada para alimentar a fé das pessoas simples, a peregrinação dos penitentes, o comércio das feiras e as arcas das igrejas. Afinal, quando as pessoas querem crer que uma simples lasca de madeira é da própria Vera Cruz, a fé sacraliza-a independente de sua autenticidade. Enquanto curvava-me para beijar aquele vestido, tão novo que parecia ter sido feito na véspera, concluí que Deus certamente operava aquele milagre por intermédio de simples costureiras terrenas.

Visitei a seguir a velha escola paroquial de minha infância, e tive a primeira surpresa ao ver, em lugar do velho padre de outrora, outro, mais jovem, lendo em voz alta e animada as mesmas lições que eu tão bem conhecia, para umas cinco crianças que repetiam em coro com vivacidade. Procurei, mas não vi a palmatória que era tão usada em meu tempo. A visão daquele sacerdote jovem e parecendo tão satisfeito com o que fazia causou-me estranho mal-estar, do qual tentei me livrar entrando na sala e me apresentando. O colega saudou-me, os alunos puseram-se em pé e, a uma ordem do professor, vieram pedir-me a bênção, o que me causou tão vivo constrangimento que, por minha vontade, teria encurtado a visita. Mas o jovem padre insistiu de tal forma para que jantasse com ele que me vi forçado a atendê-lo, ouvindo estoicamente sua conversa entusiástica sobre o ensino ministrado às crianças e os cuidados que lhe davam seu rebanho. Por mais que encontrasse mil maneiras sutis de exibir o anel de meu amo, estranhamente ele não mostrou o menor interesse, preferindo ouvir sobre meus tempos nesta escola e como cura de aldeia.

De minha parte, foi com grande alívio que por fim nos despedimos e pude conduzir a viatura de meu amo para o solar da minha infância, antegozando o prazer de obrigar aquela mão, que tantas vezes me açoitara, a tomar a minha a fim de beijá-la com respeito e temor. Tão logo vislumbrei a casa, passei a exibir o veículo de tal forma que vi com a mais viva satisfação um pequeno, mas atônito grupo juntar-se à porta principal. Nele estavam meu irmão mais velho, minha irmã Thomasse e alguns serviçais idosos. Ao não ver meu pai nem minha ama, entendi que, naturalmente, havia acontecido coisas durante aqueles anos em que estivera ausente.

A curiosidade deu lugar ao susto ao verem quem descia de tão imponente veículo. Tão surpresos ficaram que se viram incapazes de decidir entre abraçar o irmão que voltava, ou prestar reverência ao padre. Diante disso, tomei eu a iniciativa, abrindo os braços e sorrindo ao dizer-lhes, tentando forçar bonomia:

— Então, meus irmãos! Sou bem-vindo?

— Claro que sim... — replicou meu irmão tentando sorrir, sem saber se me chamava de mano e me abraçava, ou beijava minha mão tratando-me por Vossa Paternidade — por favor, entra.

Ao atender, prestei atenção a tudo o que me rodeava. Os móveis, as cortinas, tudo me era familiar, no entanto, arrumados com uma graça e delicadeza que atribuí ao toque feminino de minha irmã. Meu irmão tentava ao mesmo tempo conversar e medir cuidadosamente cada palavra, sempre hesitando entre a intimidade do “tu” e o formalismo do “vós”. Thomasse mostrava-se ansiosa por tomar parte na conversa enquanto me trazia frutas e vinho, desculpando-se por não ter algo melhor para oferecer, ao que lhe respondi:

— A casa pode continuar tão pobre quanto antes, mas com certeza está muito menos austera e mais acolhedora.

— Seja como for, ao menos sobrevivemos, o que não é pouca coisa num tempo como esses — respondeu meu irmão, constrangido e provavelmente receoso de que eu corrigisse o tratamento familiar.

Suponho que eles tenham estranhada minha ausência de perguntas, pois foi com muito cuidado que a mana por fim, me dirigiu a palavra:

— Talvez estranhes a ausência do senhor nosso pai...

— Sim, uma vez que ele não veio nem receber a visita do padre — repliquei, tranquilo. — Morreu, suponho?

Eles se entreolharam e meu irmão prosseguiu:

— Há alguns anos. Mas teve toda a assistência religiosa e foi enterrado em solo consagrado. Posso levar-te ao local, se desejares...

— Tão logo queira, eu to pedirei. E nossa ama? Suponho que também morreu...

Thomasse respondeu, suspirando:

— Ela ainda está entre nós...

Foi com alívio que senti meu coração se abalar e repliquei, num tom mais vivo:

— Levai-me até ela, então, por favor!

Estranhei o acanhamento de ambos e perguntei:

— O que aconteceu?

Minha irmã hesitou em dizer:

— Bem, ela está viva... contudo, a idade afetou seu juízo...

— Não importa! Levai-me até ela!

Constrangidos, pediram-me para acompanhá-los, e segui-os por dentro do solar de meus primeiros anos, até que chegamos ao velho quarto onde tantas vezes houvera buscado refúgio da chibata de meu pai. Um sentimento indescritível me avassalou ao ver aquela velhinha sentada em seu catre, tão magra, curvada, mãos trêmulas e cantarolando uma canção da minha infância. Pareceu nem ter dado pela nossa presença. Ajoelhei-me, tomei-lhe as mãos e beijei-as, dizendo-lhe suavemente:

— Ama... ama, sou eu, Nicolas! Lembra-te?

Ela continuou cantarolando, sem dar por mim. Thomasse repetiu-lhe:

— Ama querida, é Nicolas! O pequeno Nicolas voltou, como disseste!

Ela voltou-se para minha irmã e falou-lhe, em tom aflito:

— Nicolas? Traga-o para cá, antes que o senhor bata nele de novo! Pobre do meu menino!...

Tomei seu rosto em minhas mãos fazendo-a olhar para mim, repetindo:

— Ama, não me reconhecetes? Sou eu, o pequeno Nicolas!

Só então ela olhou para mim, falando mais alto:

— Conhecetes Nicolas? Então, diga ao senhor para não bater nele! É um menino tão bom, tem o coração de um anjo...

Olhei para minha irmã, que me disse, pesarosa:

— Ela não reconhece mais ninguém, só a mim, às vezes...

Minha ama voltou-se com mais vivacidade para Thomasse e lhe disse, animada:

— Sabes para onde levaram o pequeno Nicolas? Não? Pois eu sei. O senhor levou-o para o mosteiro, para ser padre. Pobre do meu menino, deve estar se sentindo tão só...

E voltou a cantarolar, mas de repente se interrompeu dizendo para si mesma:

— Mas ele estará bem protegido. Dei-lhe o crucifixo de sua mãe...

Senti um brusco aperto no peito ao me lembrar daquele objeto que havia largado na estrada há tantos anos. Depois de uma pausa breve, ela voltou a falar:

— Sim, Nicolas vai ser padre. Ele é tão bom que será um verdadeiro homem santo. Cuidará dos pobres, consolará os tristes, converterá os incrédulos, e quando morrer, vai direto para o Céu, para o seio de Nosso Senhor Jesus Cristo...

Afastei-me então, conseguindo vencer as lágrimas enquanto perguntava:

— Desde quando ela está assim?

Eles se entreolharam e Thomasse respondeu:

— Ela nunca mais foi a mesma desde que te foste. Nos primeiros tempos ainda se animava ao falar que voltarias e seríamos muito felizes juntos. Até que um dia o pai ameaçou mandá-la embora se ela continuasse a falar de ti. Acho que isto a impressionou tanto que começou a ficar alterada.

— Foi um milagre que ele não a tenha mandado embora.

Meu irmão sorriu e estufou levemente o peito ao tomar a palavra:

— Sim, foi um milagre. Um dia, ele levantou-se e, mal a viu, passou a gritar-lhe que éramos muito pobres para ficar sustentando gente que comia sem trabalhar, e expulsou-a. Ela me olhou de tal forma que não pude me conter e enfrentei-o, dizendo-lhe que não permitiria que o fizesse. Ele pegou no chicote, mas assim que levantou o braço ela gritou que Deus o castigaria... e ele largou o chicote, apertou o peito gritando de dor, e caiu. Ficou vários dias acamado, gritando que éramos filhos malditos, que o estávamos matando sufocado, até que Deus se apiedou dos sofrimentos dele...

— Dele ou dos vossos? — interrompi, escarninho, em voz baixa, prosseguindo quase logo em tom normal: — A propósito, o que foi feito do chicote?

Meu irmão respondeu com um discreto sorriso no canto dos lábios:

— Enterramo-lo com ele. Apreciava-o tanto, que não saberia passar sem ele.

Sorri também, menos discretamente, enquanto Thomasse um tanto chocada, prosseguiu, apontando para a idosa:

— Ficamos então cuidando dela, como ela cuidou de nós na infância.

Perguntei então:

— E os médicos, o que dizem a respeito?

Eles baixaram os olhos e meu irmão respondeu, com voz sumida:

— Não temos recursos para isso.

Por um momento me enchi de cólera, depois me contive olhando para o interior do solar, suspirando. Fizeram menção de se retirar do aposento e tratei de acompanhá-los, olhando ainda uma última vez para a velhinha que cantarolava um acalanto para as cobertas dobradas que embalava nos braços chamando-as de pequeno Nicolas.

De volta à sala, tirei das vestes uma bolsa de moedas e dei-a ao meu irmão:

— Toma. Chama os médicos para ela, e tudo o que gastares a mais eu pagarei.

Ele hesitou, mas por fim tomou-a com um misto de vergonha e ansiedade, enquanto minha irmã dizia, tentando quebrar a tensão do ambiente:

— É apenas uma visita, mano, ou foste transferido para Chartres?

Ergui a cabeça ao responder:

— Fui nomeado Cônego da diocese.

Ela respondeu-me, empolgada:

— Neste caso, poderemos estar juntos novamente, como nossa ama tanto sonhava!

A perspectiva não me pareceu risonha, e afetando melancolia, respondi:

— Poderíamos, se eu não tivesse outros encargos, pois sou também Cônego de Rouen, e as exigências deste cargo são imensas...

— És cônego de duas dioceses?! Mas, como fazes para estar em ambas ao mesmo tempo? — interrompeu minha irmã, surpresa.



Pobre e ingênua Thomasse! Quem lhe disse que era preciso estar em qualquer uma delas para gozar seus benefícios? Monsenhor mesmo passava mais tempo em Rouen e Paris do que em Beauvais! Talvez ela não acreditasse, caso eu lhe dissesse que poderia ter cargos em uma dúzia e meia de dioceses, gozando todos os rendimentos, sem precisar nem mesmo pôr os pés numa só delas. Pensei e respondi gravemente:

— São as exigências que a Igreja nos impõe, às quais não podemos nos furtar. Monsenhor de Beauvais tem-me na conta de valioso assistente e não abre mão da minha presença, mormente numa época tão tumultuada em que crises se sucedem exigindo decisões acertadas.

Ela mostrou-se impressionada, enquanto meu irmão hesitava ao dizer:

— Ao menos para ti Deus foi mais generoso...

Aquele assunto me incomodava e tratei de mudá-lo. Só então me dei conta de que a Thomasse pequena e magrela de minha infância era agora uma jovem de rosto bonito e formas encorpadas, e perguntei-lhe em tom jovial:

— E tu, minha irmã, já estás noiva, porventura? Já que meu estado não me permite ter filhos, tens que me dar sobrinhos!

A pergunta deixou-a rubra, e respondeu em voz baixa:

— Sem dote, nem a filha de um camponês consegue marido...

Aquilo me doeu, ao mesmo tempo me irritou. Teria obrigação de sustentar o peso da família agora? Meu pensamento vagou entre ideias desencontradas durante não sei quanto tempo, até que voltei a mim ouvindo a própria voz respondendo:

— Não será por isso. Eu cuidarei deste assunto para ti.

Ela pareceu surpresa, inquieta, ansiosa e envergonhada ao me responder:

— Por favor, mano! Não deveria ter dito tal, parece-me que estou a querer tirar proveito de tua situação!...

“Então não dissesse”, pensei, enquanto evocava o carinho que a vi dispensar à minha velha ama. Por fim, foi sorrindo que retruquei:

— Não te preocupes com isso, mana, isto não me pesará. Posso fazê-lo e o farei. Se não o fizer por ti, por quem mais o faria?

Os olhos dela se encheram de lágrimas e não pôde falar. De repente, correu para mim, tomou minhas mãos molhando-as com beijos e lágrimas, o que me perturbou deveras.

Mas meu amo deixava claro que dormir sobre os louros era o meio mais seguro de perdê-los. Era preciso conhecer bem as pessoas, a fim de pesá-las e avaliá-las com precisão. Foi assim que comecei a travar contato com nomes influentes que ocupavam cargos de relevância, com o objetivo primordial de me manter informado. Monsenhor insistia que mesmo aquilo que aparentemente ou no momento não me dissesse respeito poderia ser importante quando menos se esperasse. Por mais aborrecido que isso fosse, meu amo lembrava-me que a mobilidade era a própria essência da política e somente venciam os que podiam se adaptar a todas as mudanças.

Ele bem sabia do que estava falando, pois em 1422, de um momento para outro, tudo quanto tínhamos de ligações políticas a nos servir de esteio teve que ser reavaliado. Em fins de agosto, apesar de todas as missas celebradas em benefício de sua saúde, o jovem monarca inglês faleceu subitamente, vítima de uma disenteria, deixando como herdeiro o filho que não tinha sequer um ano de idade. Por ordem do finado, foi então oferecida ao Duque de Borgonha a regência da França: uma lisonjeira embalagem de poder e glória cujo conteúdo era a responsabilidade pela condução e pelas despesas da guerra. Phillippe le Bon, contudo, nada lisonjeado com a perspectiva de aliviar os cofres

ingleses à custa dos seus, teve um conveniente acesso de modéstia e declarou-se indigno de tão alto título. Em consequência, o poder foi dividido entre os dois irmãos do defunto rei: John de Lancaster, Duque de Bedford<sup>142</sup>, recebeu a Regência de França, enquanto seu irmão mais novo, Humphrey, Duque de Gloucester, foi nomeado Regente de Inglaterra. Por ironia do destino, apenas dois meses depois finalmente aconteceu a previsível morte do velho Charles VI. Estava escrito que Henry V não seria rei da França...

Naturalmente, o “pretense Delfim” recusou-se a sancionar o Tratado de Troyes, e assim que seu pai morreu, ergueu a cabeça em desafio, proclamando-se rei com o apoio dos armagnacs e de mercenários<sup>143</sup> escoceses, estes últimos tradicionais adversários da Inglaterra e adeptos do princípio de que *os inimigos dos meus inimigos são meus amigos*. Todavia, o Duque de Bedford mostrou-se à altura da situação: mesmo em inferioridade numérica, em 1423 derrotou-os em Cravant; e no ano seguinte, em Verneuil (“a segunda Agincourt”), massacrou-os de forma tão contundente que, daí para diante, pouco mais puderam fazer além de desfiar um rosário de derrotas sucessivas.

Nessa época, tive o desprazer de re-encontrar Jean Beaupère, de quem guardava lembranças bem pouco agradáveis, sobretudo dos meses em que fora Reitor da Universidade, em 1412; e que, também à semelhança de meu amo, fora representante do Duque de Borgonha no Concílio de Constança. Em 1422, com Basset e la Fontaine<sup>144</sup>, pleiteou e obteve do Duque de Bedford a confirmação dos privilégios da Universidade, solicitados em 1420.

Todavia, no ano seguinte, durante uma viagem entre Paris e Beauvais, ele teve um encontro (inesperado?) com nossos conhecidos da Conqueville. No entanto, ao contrário de mim, ele não tinha bons amigos entre eles, nem tato diplomático era a sua grande virtude, o que ocasionou um desentendimento que lhe custou a perda da mão direita (tornando esses cavalheiros credores de minha mais sincera estima). Foi consolado por Sua Santidade Martin V com os cargos de Cônego de Besançon, Sens, Paris, Beauvais e Arquidiácono de Salins, cumulativamente ao de Cônego de Notre-Dame, que já tinha.

Em 1424, Zanon de Castiglione recebeu o título de Bispo de Lisieux e Jean Graverent foi nomeado Inquisidor da Fé para o reino de França; e este, por sua vez, nomeou o Prior do Mosteiro dos Dominicanos de Rouen, Jean le Maistre, Vigário-Geral da Inquisição<sup>145</sup> nesta cidade. Dois anos depois, o Grande Chanceler Bispo de Winchester foi promovido a Cardeal. Sabedor do fato, senti algum receio de ser apresentado a tão temível personagem (“...*posso lhe assegurar que ele é bem menos tolerante e piedoso do que nós...*”), embora do ponto de vista político a nomeação nos beneficiasse em muito, já que mantinha excelente relacionamento com Monsenhor, o

---

<sup>142</sup> Político sagaz e hábil comandante militar, foi a alma do esforço inglês para a conquista da França (1389-1435).

<sup>143</sup> Até a Idade Moderna, praticamente não existia nos estados europeus o Exército como instituição nacional e permanente: embora os reis e os grandes senhores feudais possuíssem forças próprias, eram, todavia, insuficientes para uma guerra, e seus vassalos estavam obrigados a servi-los militarmente apenas durante um tempo fixo a cada ano, de modo que, durante as guerras de então, as tropas eram compostas em grande parte por **mercenários**, que lutavam segundo seus próprios interesses ou a soldo de quem os alugasse, deixando sempre um rastro de saques e vandalismos por onde passavam (Joana d’Arc, no entanto, por escassez de recursos e por vontade própria, prescindiu deles). Daí a ênfase dada, adiante, à necessidade de dinheiro para se levantar um exército.

<sup>144</sup> **Jean de la Fontaine**, Mestre em Artes e Licenciado em Direito Canônico.

<sup>145</sup> Ou **Vice-Inquisidor**, representante legal do Inquisidor do Reino na diocese, por isso fazendo jus ao título de Monsenhor enquanto no cargo (vide nota 345).

qual, por sua vez, sabia fazer-se cada vez mais necessário nas negociações referentes à guerra.

Por isso, em novembro de 1428 recebemos com relativa tranquilidade as últimas notícias referentes ao próximo fim do conflito, graças às quais pudemos dar início a novas manobras tendo em vista o próximo Concílio, previsto para dali a três anos em Basileia com o objetivo de sanar a forte pendência criada pelo de Constança, que dividira a Igreja: de um lado os papistas, defensores do Papa como a suprema autoridade do mundo católico; de outro os conciliares, que atribuíam este poder ao Concílio Geral. O resultado poderia trazer mudanças radicais e era preciso estar atento para ver a direção para qual sopraria o vento, uma vez que, ao que tudo indicava, a guerra visivelmente se encaminhava para o fim.

Com o fito de discutir estas questões, Monsenhor promoveu uma reunião em seu palácio, chamando especialmente Zanon de Castiglione, Beaupère, Graverent, le Maistre, o velho Alespée e mais alguns de quem não me recordo, a fim de elaborarem políticas novas. Findas as amenidades de praxe, meu amo, de início, conduziu o assunto inevitavelmente para a guerra:

— Bem, Messires, se não sabeis, posso informar-vos positivamente que, desde o mês último, Talbot<sup>146</sup> deu início ao cerco a Orléans. E em Paris já está em fase de preparativos uma coluna de cinco mil homens, para se unir a ele.

A surpresa foi tão agradável que mesmo le Maistre, que só falava acerca do óbvio e quando tinha chances de não ser ouvido, arriscou-se a uma interrogação:

— Podemos então concluir que a guerra realmente está no fim?

— É evidente — respondeu o Inquisidor do Reino a este, como um mestre a instruir o discípulo. — Orléans é a porta de entrada para o sul, nominalmente ainda fiel ao Delfim, na prática, terra de ninguém. Temos apenas que arrombar a porta, e o primeiro troço guerreiro que cruzá-la fará com qualquer eventual resistência o mesmo que a primavera faz com a neve.

Mas a alegre surpresa da notícia foi quebrada por uma réplica inesperada:

— A verdade é que este reforço vem na hora certa, pois soube de fonte segura que os borgonheses se retiraram, deixando Talbot e seus homens sós diante da cidade — retrucou o Bispo de Lisieux, orgulhoso de mostrar que também estava bem informado.

— Deveras? Qual o motivo? — perguntou-lhe Graverent.

Meu amo, contrariado com a informação ter vindo de outra fonte que não ele, antecipou-se ao colega:

— Os orleanenses, temendo o cair em mãos inglesas, propuseram-se a se render ao Duque de Borgonha, e ele, é claro, gostou da ideia. Mas o Regente, também é óbvio, recusou-se a aceitar, retrucando que não caçava para outro ficar com a presa. Aquele se irritou e retirou suas forças.

— No lugar do Regente, faria o mesmo. A queda de Orléans é só uma questão de tempo, deveria ele favorecer um concorrente? — retomou Zanon de Castiglione.

— Concorrente? Pensei que fôssemos aliados! — retrucou Beaupère.

— Meu caro, as alianças duram o tempo da conveniência. Uma vez morta a presa, os predadores disputam a carcaça — respondeu meu amo.

— Reverendíssimos senhores, perdoai-me a ousadia, mas lembrai-vos que a presa ainda não está morta... — retrucou, temeroso, o velho Alespée.

— E o que julgas que ela ainda possa fazer a essa altura, afora dar o último suspiro? — perguntou-lhe meu amo, dirigindo-se diretamente a ele.

<sup>146</sup>

**John Talbot**, conde de Shrewsbury, veterano comandante inglês (1388-1453).

— Receio estejamos vendendo a pele do urso antes de matá-lo — obrigou-se Alespée a responder, visivelmente amedrontado. — Isso fizeram os armagnacs em Agincourt, e sabemos bem com que resultados. Afinal, com Talbot apenas com seus homens diante de Orléans, os armagnacs não têm uma chance de ouro para tentar socorrê-la?

Monsenhor retrucou-lhe:

— **Teriam**, meu caro Alespée, teriam, não fosse um pequeno detalhe: eles não têm mais exércitos, nem dinheiro para levantar um, e só os Anjos e os tolos vão à guerra por outra causa que não dinheiro. Então, socorrê-la com o quê? Na França não restam tantos tolos assim. Os borgonheses se foram? Pior para eles, que se tornam dispensáveis. Em breve a lacuna que criaram estará sanada e o Regente somará mais **cinco mil homens** às portas de Orléans. E ela **cairá**, meu caro, a não ser que os Anjos desçam do Céu para salvá-la.

— Quem estará no comando da coluna? — perguntou Zanon de Castiglione.

— Sir John Falstolf <sup>147</sup> —, disse Monsenhor, satisfeito em mostrar que sabia algo que seu par ignorava.

Monsenhor de Lisieux fez uma careta, ao que meu amo contrapôs com bonomia:

— Certo, ele não é nenhum Henry V, mas porventura ainda há necessidade de um? Os armagnacs estão desmoralizados a tal ponto que recuarão diante de um rebanho de carneiros com insígnias inglesas! Caída Orléans, o mais pacóvio chefe militar precisará de apenas duas armas — uma grande espada na mão e gentis promessas nos lábios — pra que cidades e castelos rendam-se aos molhos, e isto será o fim da guerra.

Graverent fez-nos sorrir com sua resposta veemente mas alegre:

— Axiomático! Posso até admitir que o Bastardo é um comandante razoavelmente capaz, porém não mais do que isto. E, nas atuais circunstâncias, nem Alexandre, Aníbal ou César <sup>148</sup> ressuscitados seriam capazes de mudar o curso da guerra.

Meu amo prosseguia, irônico:

— Eles não têm praticamente mais nada, nem sequer esperança! O retrato que temos da “Corte” em Chinon é verdadeiramente de dar pena!

— Estais bem informado a respeito! — disse Graverent, surpreso.

— Graças a la Trémoille <sup>149</sup>, “Camareiro do Rei”... — respondeu meu amo.

— ...aquela massa de banha cuja gordura só é menor do que a ganância — completou o Bispo de Lisieux. — E o que fazer com ele quando tudo acabar?

— Aquilo que se faz com os traidores quando deixam de ser úteis, Monsenhor de Lisieux! — exclamou Beaupère. — Quem trai a um, trai a qualquer um, depende apenas das circunstâncias!

— Grande verdade. A História bem mostra isso — arriscou le Maistre outra de suas sussurradas observações.

---

<sup>147</sup> Comandante inglês em quem se acredita tenha Shakespeare se inspirado para criar seu imortal personagem Falstaff, da peça “Henrique IV”.

<sup>148</sup> Jean d’Orléans, conde de Dunois, filho natural de Luís d’Orléans e por isso conhecido como o **Bastardo de Orléans** (1403-1468). Lutou sob o comando de Joana d’Arc e testemunhou no Tribunal de Reabilitação. **Alexandre**, **Aníbal**, **César**: os maiores gênios militares da Antiguidade Clássica. **Alexandre Magno**, rei da Macedônia, conquistou a Grécia, o Império Persa e a Índia, sem jamais conhecer a derrota; **Aníbal**, cartaginês, derrotou os romanos em sucessivas batalhas e esteve a pique de conquistar a própria Roma, porém, por falta de apoio de seu próprio país, acabou batido; **Júlio César**, o gênio máximo do Império Romano e talvez de toda a Antiguidade, seus muitos feitos brilhantes não cabem em um resumo.

<sup>149</sup> **George la Trémoille** (1385-1446), favorito do Delfim (sobre o qual exerceu nefasta influência) e mancomunado com os borgonheses, combateu politicamente a influência de Joana d’Arc.

— E quanto ao Arcebispo de Reims<sup>150</sup>, que vive tentando se chegar a nós? — perguntou Zanon de Castiglione.

— Um mau exemplo de pastor de almas: arcebispo há quinze anos, e nem uma só vez cuidou de visitar a própria diocese... — murmurei em tom de irônica censura.

— Bem, a culpa é nossa. Afinal, há tanto a cidade está em nosso poder e jamais lembramo-nos de convidá-lo. Talvez receie não ser bem-vindo... — replicou o Inquisidor do Reino, fazendo-se de envergonhado.

— Não, a culpa é dele mesmo! Por acaso somos bárbaros? Recebê-lo-íamos com todas as honras a que tem direito, e só depois enforcá-lo-íamos! — retrucou Zanon de Castiglione, ao que nos rimos, mais para agradá-lo.

— Lidar com ele não será difícil. É mais um dos que acendem uma vela para Deus e outra para o Diabo. — disse Monsenhor.

— Pobre Charles de Valois, não tem nada! — retomou Graverent, empolgado. — Nem dinheiro, nem exércitos, nem sequer lealdade da corja que o rodeia! Não entendo o que ele está esperando para se pôr ao fresco<sup>151</sup> na Espanha ou na Escócia!

— Talvez esteja à espera de um milagre — murmurou Alespée.

Por alguma razão, a frase causou um estranho mal-estar entre nós, disfarçado por uma risada geral quando meu amo completou:

— Só se Deus Pai mandar o Arcanjo Saint-Michael em seu socorro!

Insólito calafrio subiu-me pela espinha. Para não senti-lo, acrescentei, irônico:

— Pensando bem, Reverendíssimo, não é uma ideia despropositada. Afinal, diz-se que *é quando nada mais resta ao homem que Deus opera os milagres*.

Todos se voltaram então para mim, ao que prossegui:

— A propósito, não há uma profecia atribuída a Merlin acerca de uma virgem que salvará a França?

Graverent riu ao responder:

— Ah, sim, já ouvi falar a respeito. *A França, arruinada por uma mulher, será restaurada por uma virgem da Lorena*, ou qualquer coisa assim.

— *Do Bosque de Carvalhos surgirá uma Virgem que cavalgará sobre os centauros mantendo incólume a flor de sua pureza...*<sup>152</sup> — declamou Alespée em voz baixa.

— Que seja! — comentou o Inquisidor do Reino. — Deixemos que o “pretense Delfim” defenda Orléans com donzelas e profecias, e vejamos do que tais armas são capazes diante das flechas e bombardas de Talbot.

— Sim, que “o rei de Bourges” se agarre a isso enquanto pode, se lhe serve de consolo, pois todas as virgens da Lorena juntas não impedirão que Talbot o mimoseie com um belo pontapé na bunda e ele não será mais rei nem mesmo de uma aldeia. Quanto à tal Virgem da Lorena, capturemo-la viva, deixemo-la uma noite com nossos soldados e vejamos na manhã seguinte se ela é mesmo virgem — completou Monsenhor de Lisieux, alto e satisfeito.

— Só se houver nascido em setembro — concluí, sob os sorrisos de alguns.

---

<sup>150</sup> **Regnault** (ou Reinaldo) **de Chartres**, Arcebispo de Reims e Grande Chanceler de Charles VII, adepto de uma política de negociação com ingleses e borgonheses, e por isso adversário político de Joana d’Arc (1380-1444).

<sup>151</sup> Expressão antiga que tem o sentido de ir embora, fugir.

<sup>152</sup> Bosque de Carvalhos, ou *Bois-Chesnu*, vide página 180. As profecias atribuídas a Merlin encontram-se na obra de Geoffrey de Monmouth, do século XII. Mas o dito supra (*a França, arruinada por uma mulher, será restaurada por uma virgem*), é atribuído à visionária Maria d’Avignon, que o teria revelado ao rei Carlos VI.

— Não ficaríamos tristes se essa guerra durasse um pouco mais, pois trouxe-nos largos benefícios. Quase temos vontade de mandar algum dinheiro para aquele coitado, a fim de estimulá-lo a prosseguir na luta — disse meu senhor, afetando bonomia.

— Independente do resultado da guerra, o que ela me trouxe não foi especialmente agradável — retrucou Beaupére, erguendo o membro amputado.

Alespée novamente fez-nos sorrir com outra de suas amedrontadas intervenções:

— Messires, a verdade é que nunca se sabe. Afinal, as Escrituras Sagradas citam diversas profecias das quais riram e desacreditaram, e mais tarde foram cumpridas...

Beaupére retrucou, a meu ver estranhamente irritado:

— Absurdo, comparar os Santos Profetas com um bruxo pagão que, se vivesse hoje, há muito estaria expiando suas heresias na fogueira!

— Ouso lembrar-vos que Merlin não era pagão... — retrucou Alespée.

— Era um bruxo, um feiticeiro, e todo aquele que lida com coisas desse tipo é herege de alma, é inimigo de Deus, que odeia toda e qualquer forma de bruxaria! — interrompeu-o Beaupére, num tom ainda mais ríspido.

— É fascinante ver como a imaginação do povo cresce como fermento na massa, mormente num tempo como este em que vivemos! Logo transforma vadias à cauda das tropas numa donzela comandando exércitos! — disse Monsenhor meu amo.

Beaupére novamente interveio com veemência:

— O que é mais uma prova do paganismo dessa tal profecia, pois na Bíblia nenhum relato há de mulheres comandando exércitos em obediência a Deus! Não há, nem poderia haver! pois desde quando o Onisciente confiaria uma missão desse quilate a uma **mulher**? Uma criatura feita, não à imagem e semelhança de Deus como o homem, mas a partir de um osso torto, e que, por isso mesmo, forçosamente tem uma alma torta!...

— Irmão, não vos esqueçais de que mesmo Nosso Senhor necessitou do ventre da Virgem Santíssima para que o Verbo se fizesse carne e habitasse entre nós<sup>153</sup> — disse Alespée, cauteloso.

A partir daí a conversa tornou-se uma polêmica entre ambos, à qual começamos a assistir com divertido interesse:

— Uma única exceção que confirma a regra! As mulheres são todas filhas de Eva, não da Virgem Santíssima! Desde que foram postas no mundo, não fazem outra coisa senão usar de seduções e mentiras para nos desviar para o pecado e não descansam enquanto não nos fazem chafurdar na animalidade que lhes é própria! — gritava Beaupére, elevando a voz e o coto onde terminava o braço direito.

— Uma vez que Deus as criou... — tentou falar Alespée, mas foi interrompido.

— Uma vez que Ele as criou (no que acredito unicamente porque as Escrituras o dizem!) foi tão somente para nos servir, como os animais do campo! É nosso dever e obrigação sujeitá-las e castigá-las (pois é por culpa delas que o pecado entrou no mundo!), sob pena de nos degradarmos, nos pervertermos e nos conspurcarmos, desviando o amor devido unicamente ao Deus Todo-Poderoso para criaturas que, nas palavras de Odon de Cluny<sup>154</sup>, não passam de sacos de excrementos! de fêmeas em permanente estado de cio, tão diabólicas que *pintam as faces de vermelho, alteram a*

---

<sup>153</sup> Novo Testamento: João, 1:14.

<sup>154</sup> Abade de Cluny, exerceu relevante papel na moralização da vida monástica por seu exemplo, sendo por isso mais tarde canonizado pela Igreja. Autor também de diversas obras, sobretudo referente à música, para a qual criou uma nomenclatura para as notas musicais, até hoje usadas em países anglo-saxônicos (878-942).

*cor dos cabelos e escondem os sinais de envelhecimento sob cosméticos e perucas a fim de, como Lúcifer, contestar e pretender melhorar a imagem que Deus lhes deu!*

A veemência exagerada fez-nos rir discretamente, ao que ele reagiu investindo com redobrado vigor:

— Sim, vós podeis rir, mas estais rindo não de mim, mas da própria Bíblia Sagrada, segundo a qual *a mulher é mais amarga do que a morte... e aquele que é agradável a Deus fugirá dela*<sup>155</sup>! Rides dos próprios Pais da Igreja, de Jérôme de Strídon<sup>156</sup>, por afirmar que *a mulher é uma ferramenta de Satã e um caminho para o Inferno*; e de Saint-Augustin, por nos lembrar que *...é Eva, a tentadora, que devemos ver em todas as mulheres... mesmo as velhas, doentes e frágeis... pois ...são causas de horrendas e involuntárias ereções em santos homens!*

Alespée aproveitou para retrucar:

— Se Deus criou-as foi porque as julgou necessárias, irmão. Lembrai-vos de que foi uma criatura assim que vos recebeu no ventre e vos amamentou...

Beaupère olhou-o com um ódio furioso e despropositado, cuja razão entenderia somente tempos depois, e retrucou, cáustico:

— Vossa apaixonada defesa delas levar-me-ia a suspeitar de vosso voto de castidade, não fosse a respeitabilidade de vossas cãs, “irmão”!

Senti-me empalidecer, mas não fui o único. Tão generalizado o mal-estar causado por esta frase que mesmo Beaupère aquietou-se de súbito, olhando em volta, receoso do efeito de suas palavras frente a tão augustas autoridades. Alespée aproveitou para retrucar, com a voz mansa de sempre:

— Obrigado pela confiança, irmão. Acontece unicamente que não as odeio.

— E quem disse que as odeio?! Julgo-as unicamente com a mais estrita justiça, não tenho culpa se elas são o que são! E não estou só neste julgamento: Pierre de la Palu<sup>157</sup> afirma que *...não fosse a presença da mulher e o homem não se afastaria de Deus sequer no momento da cópula.*

Intervim, tentando mudar o curso da conversa:

— De onde se conclui que, se alguma Virgem da Lorena aparecer...

Beaupère voltou-se para mim e interrompeu, áspero e incisivo:

— É coisa do Diabo, já que foi profetizada por um bruxo, não pelas Sagradas Escrituras! Além do quê, Deus já mostrou claramente de que lado está em Agincourt!

— Pensaria em algo muito mais simples: uma reles vadia de acampamentos querendo ser o que não é — falou Zanon de Castiglione.

— Ou um truque desesperado de Charles de Valois — completou Graverent.

Depois de uma pausa, Monsenhor continuou:

— Seja qualquer um destes casos, ou todos juntos, temos a Santa Inquisição, brilhantemente aqui representada pelo irmão Graverent, para tratar de qualquer Virgem da Lorena que apareça...

Sorrimos todos, concordando, apenas Alespée murmurava para si mesmo:

— Sim, é só uma lenda... mas, se mesmo assim, acontecer?...

Assustou-se, contudo, ao ver que todas as cabeças se voltaram para ele, susto este que beirou o pânico quando Monsenhor lhe perguntou em tom afável:

---

<sup>155</sup> Velho Testamento, Eclesiastes, 7:26.

<sup>156</sup> Ou **São Jerônimo**. Tradutor e profundo conhecedor do grego e hebraico, unificou as várias versões das Escrituras Sagradas na versão em latim conhecida como *Vulgata*, aceita como oficial até 1975. Pai e Doutor da Igreja e padroeiro dos bibliotecários e tradutores (347-420). Canonizado em 1767.

<sup>157</sup> Ou **Pedro Palude**, teólogo, filósofo e autor francês da Ordem Dominicana, Patriarca de Jerusalém. (1280-1342).

— Acreditais mesmo que tal coisa possa acontecer, meu caro?

Eu já aprendera que quando Monsenhor chamava alguém de “meu caro”, em verdade estava taxando-o de imbecil. Por isso Alespée vacilou e respondeu gaguejando:

— Não sei, Reverendíssimo. Para nós certamente não é possível. Mas para Deus...

— Como se a mulher pudesse ter alguma importância aos olhos d’Ele — cortou-o Beaupère com desprezo.

Mas meu amo não pretendia perder mais tempo com a polêmica que nos divertia, e tratou de guiar a conversa para o Concílio que se preparava.



## Reviravolta

...Em 1429

A luz do sol voltou a refulgir.

...

Oh! Venturosa a hora em que nasceste,  
Bendito seja Aquele que te fez!

...

...uma jovem donzela,  
A quem concede Deus força e poder  
Para ser a mulher e o campeão,  
A que oferece à França o gentil seio,  
Doce leite da paz, e a que castiga  
Os rebeldes até à submissão:  
É mais do que é capaz a natureza.

Christine de Pisan<sup>158</sup>

Em meados de maio do ano seguinte, chegaram até nós as primeiras notícias de um fato surpreendente: uma força armagnac, fosse de Anjos ou de tolos, havia derrotado Talbot em torno de Orléans. Surpreendente, mas nada alarmante. Afinal, o Bastardo não deixava de ter algum talento como chefe militar, e num rosário de vitórias uma derrota ocasional é pouco mais que um incidente de percurso. Para nós, qualquer adiamento do fim da guerra poderia trazer-nos mais poder e prestígio, e a notícia antes nos agradou, sobretudo a Monsenhor, que vinha há alguns anos cortejando objetivo mais alto:

Embora a diocese de Beauvais fosse diretamente subordinada ao Arcebispado de Reims, era óbvio que meu amo pouco tinha a ganhar de um Regnault de Chartres a fazer jogo duplo entre o Delfim e o Cardeal de Winchester sem nada ter para barganhar (já que, na prática, era tão Arcebispo de Reims quanto seu amo era Rei da França). Sendo assim, quando, em 1426, recebeu a grata notícia de que Jean de la Roche-Taillée, Arcebispo de Rouen, fora contemplado com o galero e trocara as vestes violetas por vermelhas<sup>159</sup>, prontamente se



Galero



Regnault de Chartres,  
Arcebispo de Reims

candidatou a sucedê-lo na mitra a qual, supunha-se, em pouco tempo estaria vaga.

Não obstante, a questão mostrou-se muito mais espinhosa do que parecia, pois estava em jogo a mitra de arcebispo da sede administrativa inglesa na França; e o supracitado, muito bem disposto a empalmar as duas dignidades, rosnava aos pretendentes como um cão a defender seus ossos. Meu amo então me fez entrar em cena no papel de negociador. Todo o meu empenho não impediu que o caso se arrastasse até 1429, quando o dito

<sup>158</sup>

Poetisa medieval de grande cultura, nasceu em Veneza, mas viveu quase toda a vida na França. Foi a primeira mulher a se impor no misógino meio literário francês da época. Em suas obras defendeu a importância da mulher na sociedade, o que, no ambiente machista da época, provocou acirradas polêmicas que sustentou com fortes argumentos, sendo por isso hoje considerada precursora do feminismo. Os versos citados (aqui em tradução livre) são de sua última obra, *Ditié de Jeanne d'Arc*, única obra literária sobre *ela* escrita ainda durante *sua* vida (1364-1430).

<sup>159</sup>

Ou seja, fora promovido a Cardeal: bispos e arcebispos usam vestes cor violeta; cardeais, vermelho. O **galero** era um chapéu vermelho com borlas laterais e foi o símbolo máximo do cardinalato até ser abolido pelo Papa Paulo VI.

cujo, somente depois de nomeado também Arcebispo de Besançon, não sem relutância largou finalmente a cobiçada mitra; no entanto, demonstrei tais qualidades diplomáticas, que passei a ser requisitado em casos similares.

Vi-me, em consequência, entre os anos de 1427 e 1428, na obrigação de viajar mais assiduamente do que seria recomendável, o que me despertou receios mais do que justificados; no entanto, graças ao bom relacionamento que conquistara junto a Messire Gigollotti (e, por seu intermédio, com seus pares da Conqueville), pude gozar de rara e invejável segurança nas estradas.

Uma vez vago o cargo, o Cardeal de Winchester, que estimava meu amo como elemento valioso na diplomacia da guerra, não regateou para indicá-lo a Sua Santidade. Sabedor disto, eu, como membro do Capítulo de Rouen (que dirigia a arquidiocese na vacância do titular), pus-me ativamente em ação no sentido de aliciar apoio para meu amo. Não esperávamos encontrar grandes dificuldades, visto que o Capítulo encontrava-se dividido: uma facção apoiava as pretensões de Nicolas de Vendères, Arquidiácono d'Eu; a outra, a Raoul de Roussel, Tesoureiro da Sé.

Não contávamos, contudo, que a velha rixa entre Rouen e a Universidade de Paris fosse capaz de unir ambas as facções, e a reação foi veemente o bastante para deixar claro como o dia que o prestígio do Bispo junto ao Capítulo não era maior que o de Lúcifer no Céu. Em consequência, Sua Santidade, apesar de toda a sua gratidão por meu amo (...*sempre nos encontrarás propício e benevolente...*), achou melhor deixar o assunto em suspense, e assim o Arcebispado de Rouen continuou vago, atizando ambições e alimentando esperanças.

Nesse ínterim, não descuidávamos dos assuntos da guerra, pois era a fonte de nossos mais expressivos triunfos políticos. É certo que a derrota de Talbot em Orléans foi uma surpresa e tanto, pois não tínhamos a menor ideia de por qual mágica o “rei de Bourges” conseguira o milagre de levantar um exército capaz de semelhante façanha. Naturalmente, graças a la Trémoille, fomos informados de que certa jovem — uma reles camponesa! — fora recebida em Chinon, causando sensação entre o povaréu ignaro (que de imediato achou que *ela* seria a tal Virgem da Lorena) e impressionando o “pretense Delfim” a tal ponto que este confiou-lhe mesmo um comando, notícia essa que recebemos com risotas de comiseração.

De fato, naqueles dias não relacionamos um fato a outro. Afinal, com tantas coisas sérias para pensarmos, não víamos razão para desperdiçarmos nosso precioso tempo com o que pudesse fazer uma simples camponesa (*parva volucris non ova magna parit*<sup>160</sup>, diziam os antigos romanos), até que chegaram a nós os mais incríveis detalhes: não fora o Bastardo, e sim esta jovem, uma tal *Jehanne, a Donzela*, a causa da derrota, que não fora apenas um recontro mal-sucedido: com rapidez absurda, *ela* despedaçou o poderoso anel de fortificações que estrangulava a cidade, *cada qual capaz de, com um punhado de homens, resistir ao ataque de um exército*, forçando o experiente Talbot à retirada.

Foi a primeira vez que eu ouvi aquele nome, o qual marcaria nossas existências muito mais do que seríamos capazes de imaginar, e confesso ter sentido o coração bater mais forte, mau grado meu. Uma sensação em forma de pressentimento me invadiu sem que eu conseguisse dominá-la por completo, embora a lógica mais elementar dissesse-



Jean Dunois, o Bastardo de Orléans

<sup>160</sup>

*Ave pequena não põe ovo grande.*

nos que a Virgem da Lorena não passava de uma lenda e que mulheres não comandavam exércitos desde Boadiceia<sup>161</sup>.

Contudo, apesar de toda a lógica, as más notícias continuaram. Aquele velho trambolho Gerson, mesmo doente e exilado, achou meios de nos causar um último incômodo, publicando uma obra em defesa da moçoila<sup>162</sup>, afirmando, entre outras coisas, que

*Nas práticas desta jovem, nada se vê dos sortilégios condenados pela Igreja, das superstições desaprovadas; nem a fraude, nem traição; nada se vê de interesse pessoal; nada de equívocos; provando a fé em sua missão, ela expõe a vida aos supremos perigos ...*

*Sua finalidade é toda justa: a restauração do rei em seu reino, com a derrota muito justa e a expulsão dos inimigos...*

*Inconfundíveis sinais mostram que o Rei do Céu a escolheu, e colocou as mãos em seu estandarte, para esmagar os inimigos da justiça e aliviar os defensores da lei. Pela mão de uma mulher, uma criança, uma virgem, Ele quer confundir as poderosas armas de iniquidade...*

Enquanto *ela*, por sua vez, insistia em ser mais do que uma lenda. Por mais absurdo que pudéssemos achar (e achávamos!), nossos informantes asseguravam que *ela* efetivamente comandava, ao ponto de levar lutadores como o Bastardo, la Hire e Xaintrailles<sup>163</sup>, que tinham mais anos de guerra do que *ela* de idade, a obedecerem-na entusiasticamente. Aqueles veteranos leões seguiam as ordens de uma garota que apenas um ano antes sequer havia montado um cavalo!

E foi sob as ordens *dela* que nosso esquema defensivo no baixo Loire foi desmantelado no mês seguinte. A cidadela de Jargeau, ao comando do Conde de Suffolk, um chefe experiente e corajoso, caiu após breve, mas dura luta; e sem esperar, em flagrante desrespeito aos princípios tácitos da guerra cavalheiresca, a campesina atacou e tomou a ponte de Meung, forçando Talbot e os restos de suas forças a baterem em retirada com os inimigos nos calcanhares, abandonando o Château de Beaugency e sua guarnição, a qual, posta sob cerco, rendeu-se.

Mas, a esperada coluna inglesa finalmente chegou. Talbot e Falstolf uniram forças e ofereceram combate em campo raso, a fim de dar um ‘basta!’ a tão insolente fortuna no melhor estilo de Agincourt e Verneuil. Todavia, em Patay aconteceu o impensável: as forças inglesas foram desbaratadas, e seus veteranos comandantes, facilmente superados pelas manobras de uma garota que um ano antes comandava apenas ovelhas; justo corolário de uma campanha covarde e suja e, por isso mesmo, bem digna de uma rapariga criada entre lavradores e vacas. Talbot, lutando como um leão, caiu prisioneiro, enquanto seu camarada Falstolf, ao invés de acudi-lo, deu serviço às esporas e tratou de se pôr ao fresco, o que lhe custou uma terrível imprecação por parte do Regente, ao fim da qual cassou-lhe a sua Jarreteira<sup>164</sup>. Felizmente, nosso bom amigo Chuffart fez-nos o favor de retratar aos parisienses a luta como

---

<sup>161</sup> Célebre rainha celta, que liderou a grande revolta das tribos bretãs contra os romanos em 61 d.C.

<sup>162</sup> *De Mirabili Victoria*, sua última obra. Morreu pouco depois, em 12 de julho, de causas naturais.

<sup>163</sup> Veteranos comandantes franceses que lutaram sob o comando de Joana d’Arc. Étienne de Vignoles, conhecido como **la Hire**, mais tarde Capitão Geral da Normandia (1390-1444). **Jean Poton de Xaintrailles**, mais tarde Marechal da França. (1390?- 1461).

<sup>164</sup> A mais antiga Ordem de Cavalaria da Inglaterra e, na época, a mais elevada honraria do sistema britânico (hoje, inferior apenas à **Victoria Cross** (para militares) e a **George Cross** (para civis)).

*...uma feroz carnificina de ambos os lados, mas, por fim, os ingleses não puderam mais aparar os golpes dos armagnacs, já que estes tinham mais que o dobro de homens*<sup>165</sup>.

Enquanto essas notícias ainda chegavam, os fatos continuaram a se precipitar de tal forma que, antes mesmo que pudéssemos festejar a morte daquele estorvo chamado Gerson, *ela*, numa arrancada sem precedentes, comandou uma marcha na qual capturou Troyes, Châlons e Reims sem gastar sequer uma flecha. E, para culminar o rol de desgraças, uma notícia ainda mais desastrosa: Regnault de Chartres, aquele camaleão rápido em mudar de cores conforme a conveniência própria, afinal pôde celebrar em 17 de julho sua primeira missa na diocese da qual era arcebispo há quinze anos, jogando na cabeça do “rei de Bourges” uma coroa de ouro que o transformou em Charles VII, Rei da França<sup>166</sup>!

Porém, todos estes fatos chegaram quando eu não estava presente. Ao contrário dos boatos, notícias sempre demoram a chegar, e naquele mesmo mês eu, Baudribosc<sup>167</sup> e Basset<sup>168</sup> fomos enviados à Inglaterra como representantes da Sé de Rouen para opinar acerca de uma embaixada prestes a seguir para Roma. Havíamos considerado a guerra como praticamente terminada, e voltáramos nossas atenções para o Concílio, enquanto eu cabalava tanto quanto podia, tendo por objetivo fazer com que o simples cura de aldeia de outrora fosse um dos escolhidos para tomar assento na mais poderosa assembleia de todo o Ocidente!



Charles VII

E enquanto discutíamos as questões entre papistas e conciliares, as notícias se espalhavam por toda a França. A camponesa havia desbaratado todas as forças em campanha de que dispúnhamos naquele momento, e por isso pouco mais podíamos fazer além de assistir passivamente às cidades se amotinando, expulsando nossas guarnições e autoridades. Mas só percebi a extensão da catástrofe quando em fins de agosto recebi uma visita completamente inesperada.

Estranhei ao ouvir a voz sonora e rude de Monsenhor vinda do pátio, pois ele não costumava aparecer sem avisar previamente a fim de receber recepção condigna. Dirigi-me rapidamente para o local, e, para minha surpresa, lá estava a carroça de meu amo, bem como sua escolta, cobertas de lama e todo tipo de sujeira. Pareciam ter acabado de sair de um campo de batalha. Meu amo dirigiu-se a mim, esbaforido, exausto, coberto de poeira. Ao seu lado, para meu desprazer, Jean d’Estivet, Cônego de Bayeux e Beauvais. Conhecia-o desde a nomeação de Monsenhor graças aos seus esforços em disputar comigo as graças de meu amo. Ele me cumprimentou como a um velho amigo, mas eu me dirigi direto ao Bispo:

— Monsenhor!! O que traz Vossa Reverendíssima a Rouen neste estado?!!

Ele respondeu em voz alta, com irritada ironia, juntando as mãos em grotesca paródia de pedinte:

<sup>165</sup> Conforme o *Journal d’un Bourgeois de Paris*, talvez a mais importante crônica da época sobre a vida parisiense. Começou a circular em 1409 e, apesar do título, teria por autor e redator, até 1449, o Padre Jean Chuffart (vide nota 115).

<sup>166</sup> Desde Clóvis, primeiro rei cristão da França, em 816, Reims tornou-se a cidade onde os reis franceses eram coroados. Esta tradição persistiu até 1825, quando foi coroado Carlos X.

<sup>167</sup> **Guillaume de Baudribosc**, Mestre em Artes e Bacharel em Teologia, também assessor no Processo.

<sup>168</sup> Vide nota 120.

— O que nos traz? Estamos passando necessidades! Por caridade, irmão, um colchão de palha para dormir, pão e água!

— Como assim, Reverendíssimo!? O que significa isso?!

Ele respirou fundo e começou a falar de um jato só:

— O que significa!? Maldita seja a ribalda, a vaqueira, a meretriz dos armagnacs<sup>169</sup>! Que o Diabo reserve para *ela* o pior lugar do Inferno, se é que ele existe!

Fiquei em expectativa, quando ele prosseguiu aos gritos:

— Escute aqui, meu caro, o que imagina que significa isso? Fui expulso de Beauvais! Eu, o Bispo de Beauvais, fui expulso de minha diocese por aquela escória de burgueses, vilões<sup>170</sup> e camponeses a dar vivas ao rei! E quando tentei falar-lhes, gritaram mais alto, chamando-me de traidor! Miseráveis, quem eles pensam que são para insultar e expulsar um Bispo de seu sólio?!

Mal conseguindo acreditar no que escutava, perguntei:

— Mas a guarnição da cidade, o que fez?

— Metade aderiu à ralé, a outra metade desertou. E para sair, ainda precisei negociar com burgueses (com burgueses!) como se fossem gente! Vês como está a minha escolta! Enquanto saíamos, atiravam insultos, lama e sujeira na viatura de um Bispo e na sua escolta! Cães, filhos de cadelas!...

— Felizmente não atiraram em Vossa Reverendíssima...

— Eles não ousariam! Mesmo assim pagarão caro, muito caro, quando eu retornar! Eu me vingarei dessa escória fedida, e dessa campesina ordinária que provocou tudo isso! Não me importo com mais nada, dou minha alma ao Diabo, desde que ele dê essa vadia de soldados em minhas mãos!

Há muito que estas lendas piedosas não me impressionavam mais, e, mesmo assim, um forte calafrio subiu por minhas costas quando ele olhou para cima e ergueu o punho fechado, gritando:

— Ouviste, Satanás?! Prova-me que existes! Se queres tanto assim minha alma, toma-a, é tua, toda tua, mas depois! Primeiro, a minha vingança! Quero essa rapariga em minhas mãos! Entrega-a para mim, que eu me entregarei a ti, mas só depois!...

Antes que eu dissesse algo, d'Estivet se antecipou e lhe disse, a meio-tom:

— Reverendíssimo! Por quem sois!...

Ele olhou para nós e explodiu num riso seco:

— Ora, ora o que é isso? Deixai que eu grite o quanto queira! Porventura pensais que ainda acredito nessas coisas? Ou vós acreditais nelas?

Sorrimos então, constrangidos. A seguir, saudei d'Estivet com um sorriso amável, desculpando-me por não tê-lo cumprimentado antes, aflito que estava por meu senhor, ao que ele retribuiu com a mesma amabilidade. De imediato tratei de dar ordens aos criados para que atendessem a Monsenhor e encaminhassem a escolta às cavaliças a fim de lhes providenciar alojamento e comida, enquanto este me dizia:

— Cada vez que me lembro que, por causa dessa vadia de soldados, eu me verei privado dos preciosos rendimentos de meu bispado, só consigo pensar numa coisa: eu *a* farei pagar com usura cada moeda na própria carne, custe o que custar!... Para o *seu* próprio bem, tomara que *ela* seja mesmo protegida de Deus Pai, pois do contrário, ai *dela*! Ai *dela* se eu vier a pôr-lhe as mãos!...

---

<sup>169</sup> Insultos da época, do mais baixo calão, com que os ingleses frequentemente a mimoseavam. O primeiro é um galicismo com a conotação de vadia tratante.

<sup>170</sup> Assim eram chamadas, na época, as pessoas do povo das vilas e cidades. Tinha o sentido pejorativo de gente pobre, miserável, mas não o atual de bandido.

A partir de então, passamos a desenvolver intensa atividade a fim de neutralizar a camponesa a qualquer preço. Distribuíamos dinheiro a mancheias para garantir a colaboração de quantos nos pudessem ser úteis, enquanto o Duque de Borgonha — hábil diplomata, ou seja, mestre emérito na arte de insinuar e prometer o que não se sentia obrigado a cumprir — abria negociações com os armagnacs usando como isca a possibilidade de devolver-lhes Paris sem luta, assim ganhando duplamente: por um lado, arrancava dos ingleses — inseguros quanto aos seus reais intentos — preciosas concessões; por outro, retardava a óbvia marcha dos armagnacs sobre a cidade, obtendo para nós o tempo necessário para levantarmos forças em número suficiente para defendê-la; forças estas que obtivemos graças ao Cardeal, que, tendo declarado a Sua Santidade o propósito de organizar uma cruzada contra os hereges hussitas da Boêmia<sup>171</sup>, dele obteve o dinheiro necessário, com o qual de fato levantou um exército. Não, todavia, para a prometida cruzada, e sim para a guarnição da capital francesa. Por seu turno, Regnault de Chartres e la Trémoille tratavam de esvaziar a iniciativa de nossos inimigos: este sutilmente convencia o fraco e influenciável rei francês de quão grande o risco de uma general invicta cuja popularidade era maior que a dele próprio, enquanto aquele enfatizava as despesas e os perigos das batalhas, induzindo-o a assinar uma trégua de seis meses com o Duque de Borgonha em fins de agosto, a qual, entre outras coisa, estabelecia que:



Filipe, o Bom,  
Duque de Borgonha

*...reservamos ao nosso primo de Borgonha, à sua preferência, o direito de empregar, durante a trégua, sua gente na defesa de Paris contra aqueles que fizerem guerra...*<sup>172</sup>

Não obstante semanas de protelações e adiamentos, finalmente a esperada e temida marcha para Paris teve lugar no mês seguinte (pois os armagnacs *esqueceram-se* de contar da trégua à sua *heroína*) e, como seria de se esperar em todas as ocasiões do gênero, a nesse tempo já quase esquecida Sainte-Geneviève<sup>173</sup> voltou a ser de súbito invocada em numerosas missas que os nossos celebravam em prol daquilo que chamavam “a salvação da cidade contra os novos hunos e seu Átila ressuscitado em corpo de mulher”.

Desta vez, contudo, a padroeira de Paris não impediu que “o novo Átila em formas femininas” chegasse aos muros e desencadeasse um vigoroso ataque à porta de Saint-Honoré; e, apesar dos cuidados e precauções que todos (inclusive o próprio rei francês) havíamos tomado para que toda a operação resultasse num retumbante fracasso, fiquei deveras aliviado por não estar lá compartilhando com meus colegas da

<sup>171</sup> Seguidores de Jan Huss (vide nota 116). Boêmia era o antigo nome da atual República Tcheca.

<sup>172</sup> Segundo a *Cronique de les Cordeliers de Paris*, pró-borgonhesa. Convém saber que, na época, os nobres tinham autonomia para *fazer guerra* com suas próprias forças por sua conta e risco, sem depender da autorização real. Por isso o rei, apesar de chamado diversas vezes por Joana d’Arc para se apresentar às tropas (a fim de aumentar-lhes o moral e aticar as simpatias pró-armagnac dentro da Paris), recusou-se a fazê-lo. Assim, o ataque a Paris poderia ser considerado como uma iniciativa particular da Donzela, com a qual ele nada teria a ver.

<sup>173</sup> Ou **Santa Genoveva**, padroeira de Paris (423-512). Por ocasião da arrancada do até então invicto rei huno Átila, que devastava a França sem que nada parecesse capaz de detê-lo, ela, embora quase linchada por parte da população em pânico, logrou convencer os parisienses a não fugirem, profetizando que ele não chegaria à cidade. De fato, Átila foi a seguir derrotado (pela primeira e única vez) e teve que se retirar.



Universidade aqueles dias de tensão e medo, pois o fato é que *ela* esteve a um passo da vitória.

Nós, no entanto, púnhamos nossa devoção numa santa mais expedita e objetiva, e, felizmente, Santa Política mais uma vez não decepcionou seus devotos. O ataque foi detido graças a apenas uma flecha. De um de *seus* próprios besteiros, que no fragor da luta *acidentalmente* atingiu-*a* na coxa, e *seus* capitães (que não eram seus fiéis companheiros de Orleans e Patay e tampouco morriam de amores por *ela*) apressaram-se em retirá-*la* à força do campo de batalha. E no dia seguinte, quando a camponesa, já refeita do ferimento, estava prestes a desencadear um novo e mais furioso ataque, cujos resultados tínhamos toda razão para temer, uma ordem daquele mesmo a quem *ela* fizera rei impôs a retirada. Sim, fizemo-*la* amargar a derrota, o que me deu a certeza de que Deus não podia mesmo existir, a não ser que pudéssemos nos gabar de havê-Lo derrotado também.

Nosso amigo Chuffart soube dramatizar o evento, descrevendo como eles, os armagnacs,

*...chegaram inspirados pelo mal, movidos pelas palavras selvagens de uma criatura em forma de mulher, a quem chamam A Donzela — a qual, se o é, só Deus sabe — para atacar Paris no próprio dia da Natividade de Nossa Senhora... O ataque foi muito cruel... e os atacantes gritavam palavras chulas... ali estava a sua Donzela, erguendo seu estandarte sobre os fossos, bradando: “Rendam-se imediatamente, em nome de Jesus! Caso contrário, invadiremos a cidade antes que a noite caia, queiram vocês ou não, e serão todos mortos sem misericórdia!”; mas os habitantes de Paris carregaram contra os atacantes de tal forma... que os que puderam fugir foram os mais felizes... e amaldiçoaram a sua Donzela que lhes havia prometido, sem falta, que invadiriam a cidade*<sup>174</sup>.

Sim, havíamos quebrado o encanto de *sua* invencibilidade, e, com isso, contávamos que todos os problemas logo estariam resolvidos. Uma vez provado que a camponesa não era mais milagrosa do que la Hire ou o Bastardo, nossos soldados não teriam motivos para temê-*la* mais do que a estes; e os *seus*, de vê-*la* como alguém melhor do que eles. *Seu* rei, pelo menos, pareceu concordar conosco, pois, de fato, nunca mais *lhe* confiou um comando de real importância, permitindo-*lhe* apenas pequenas escaramuças aqui e ali, mas pronto para impedi-*la* de obter alguma vitória de peso. Mesmo assim, *ela* ainda pode vencer em Saint-Pierre-le-Moutier e liquidar em Lagny nosso aliado Franquet d’Arras; todavia, por falta de meios, prometidos e nunca enviados, fracassou no cerco a Charité-sur-Loire.

Logo, contudo, ficou claro que havíamos festejado cedo demais. Por mais que, ao menos por ora, *ela* estivesse militarmente neutralizada, *seu* nome ainda bastava para atemorizar nossos soldados, os quais, como bons mercenários que eram, apesar dos decretos reais<sup>175</sup> e de todas as ofertas e ameaças, quando não se recusavam a marchar, simplesmente desertavam. Era preciso algo mais.

---

<sup>174</sup> *Journal d’un Bourgeois de Paris.*

<sup>175</sup> Michelet, Murray e outros autores citam o édito *Contra Terrificatos Incantationibus Puellae*, de maio de 1430, que tentava coibir as deserções dos soldados ingleses, redescoberto e publicado no século XVII pelo historiador inglês Thomas Rymer (no entanto, segundo Frances Gies, o título foi dado por Rymer e o documento não faz qualquer menção específica a Joana d’Arc).





## Captura

*...sabei que me traíram e me venderam.*  
Joana d'Arc (em Compiègne,  
pouco antes de sua captura).

*Contra todo grande missionário, tramando-lhe  
a perda, haverá sempre, agachado na  
sombra, um traidor.*

Léon Denis.

Em fins de maio de 1430, Monsenhor foi surpreendido por uma visita do Cardeal de Winchester, na qual tiveram uma longa entrevista a portas fechadas, que não tive permissão para assistir. Naturalmente, fiquei em extremo curioso e preocupado. Uma visita assim poderia significar algo muito bom ou muito ruim (*...posso lhe assegurar que ele é bem menos tolerante e piedoso do que nós...*). Mas me senti mais tranquilo ao ver que, no momento da partida, o visitante mostrava-se visivelmente satisfeito, enquanto Monsenhor fazia esforço para conter sua mais viva felicidade.

Minha curiosidade não precisou esperar muito. Logo ele mandou chamar-me à biblioteca, onde já me esperava, de cenho fechado, o que indicava um assunto de alta importância. Ao mesmo tempo, guardava um discreto sorriso no canto dos lábios enquanto enchia de vinho duas taças ricamente trabalhadas. Assim que me viu, estendeu-me uma enquanto me dizia:

— Brindemos, Cônego de Rouen! Brindemos com o nosso melhor vinho a um grande e fausto acontecimento, e que os sinos de Rouen bimbalem até gastar os badalos!

Ele tocou na minha taça e bebeu, ao que eu o imitei, curioso. Ele prosseguiu:

— Notícias, notícias muito importantes, que nos dizem respeito!

Fiquei excitado com a expectativa, mas esperei. Ele continuou:

— Sua Eminência me encarregou de um trabalho de suma importância, o qual nos renderá muito se for bem cumprido. E nós, particularmente, temos excelentes motivos para fazê-lo.

Ele falava pausadamente, como o fazia sempre que estava muito empolgado ou muito preocupado. Aquilo me interessou vivamente.

— É algo que havíamos desejado tanto!... Não adivinhas?

Pensei, mas nada me ocorreu. Enquanto isso, ele bebeu mais um pouco e falou:

— É algo que finalmente fará de mim Arcebispo de Rouen!

Seus olhos brilhavam, mas eu continuava sem entender. Ele então me falou:

— Trata-se de montar um Julgamento em matéria de fé, cuja finalidade é condenar uma jovem à fogueira.

Num primeiro momento desiludi-me, logo a seguir achei que havia algo errado. Fazíamos aquilo de rotina e não me pareceu que o Arcebispado de Rouen pudesse estar tão barato assim. Um tanto enfadado, retruquei:

— O que pode haver de tão importante em mandar uma pessoa a mais para a fogueira?

— Ah, não entendeste coisa alguma. Isto é novo, é delicado, é muitíssimo importante!...

Tentei pensar, e de repente julguei ter adivinhado, mas pareceu-me bom demais para ser verdade e não me atrevi a dizer. Meu rosto devia estar cheio de expectativa, pois meu senhor degustava minha curiosidade junto com o vinho, mas, como eu nada dissesse, retomou a palavra:

— Não tens ideia do que poderia ser tão tremendamente importante num momento destes?

Fez uma pausa proposital, a fim de me deixar mais ansioso, e logo prosseguiu:

— Tens razão, é um processo como todos os outros do gênero. A única diferença é que, desta vez, a acusada é a Dama du Lys, mais conhecida por *Jehanne, a Donzela*.

Senti um choque formidável ao ver que havia adivinhado! Aquela camponesa que obrigou um Bispo da Igreja a fugir da própria diocese como um ladrão, aquela garota que deveria estar antes empenhada em conseguir marido, ao invés de complicar o curso de uma guerra praticamente decidida, a famosa mística que se afirmava guiada por Deus, havia caído em nossas mãos! Por mais que pudesse parecer fantástico, era verdade! Um tremendo misto de prazer e pânico fez meu coração bater depressa, sem que pudesse definir qual deles era o mais forte. Sem perceber passei a falar à meia voz para mim mesmo, contente e ao mesmo tempo incrédulo:

— *Ela* foi capturada! Qual o milagre que tornou isto possível?...

E bebi todo o resto da taça de um só trago. Mas Monsenhor me ouviu, pois me fez voltar a mim ao responder, sorrindo:

— Um punhado de moedas entregues às mãos certas faz mais milagres do que a própria vara de Moisés<sup>176</sup>.

Olhei para o Bispo, cheio de curiosidade, e ele continuou com evidente prazer, enquanto enchia novamente a minha taça:

— *Ela* atacou os borgonheses que cercavam Compiègne, e quando a vitória parecia certa, não se sabe como nem por quê, vários soldados seus devem ter entrado em pânico, pois começaram a gritar aos companheiros para que fugissem, pois estavam sendo cercados. Então, a tropa inteira entrou em desespero e debandou com os inimigos nos calcanhares. Mesmo assim, *ela* e os seus ainda conseguiram alcançar a cidade...

— Mas, nesse caso, como foi possível capturá-la?

Enquanto eu bebia, agora mais devagar, ele respondeu:

— Foi *o naufrágio à vista do porto*. Guillaume de Flavy, comandante da praça (e, *por coincidência*, meio-irmão do nosso velho conhecido Regnault de Chartres), deve ter também entrado em pânico, pois mandou arriar os portões no exato momento em que *ela* ia pôr-se a salvo, e dessa forma o Bastardo de Vendômme (um soldado do Conde de Luxemburgo) pôde capturá-la sem maiores problemas.

— Tão bela vitória, ao custo de apenas um punhado de moedas?...

— Naturalmente. Afinal, há duas maneiras de se abrir os portões de um castelo: uma, é usar um aríete; a outra é subornar o porteiro. O bom negociante sabe escolher o

---

<sup>176</sup>

Vide Velho Testamento, Êxodo, 4:17.

comprador e a ocasião. Assim, aquilo que o Diabo não conseguiu oferecendo todos os reinos da Terra, Caifás obteve ao preço de apenas trinta moedas de prata<sup>177</sup>.

Tão embevecido estava que custei a entender de início quando Monsenhor falou:

— Sim, Cônego de Rouen! É verdade que Compiègne não caiu, mas a campesina foi capturada, e isso vale vinte Compiègnes! Finalmente, *ela* é nossa! Ou melhor, será, se corrermos na frente!...

A última frase tirou-me de meus devaneios e perguntei-lhe:

— Como assim, Monsenhor? Qual é o problema?

Ele suspirou e disse:

— Bem... *ela* está em poder do Conde de Luxemburgo<sup>178</sup>.

Sorri, então, e disse, ingenuamente:

— Nesse caso, qual o problema? Ele não é nosso aliado?

Ele olhou bem para mim do jeito que sempre olhava quando ouvia uma estupidez, enquanto retrucava, irônico:

— Sim, meu caro, é nosso aliado. Acontece que ele é mais aliado ainda de suas próprias arcas! O miserável se encontra à beira da ruína, quase afogado num mar de dívidas, e bem sabe que teve uma sorte dessas que só acontecem uma vez na vida, pois não desconhece que a prisioneira vale um tesouro, e é tão certo que ele pretende transformá-la em um, quanto pretendo transformar-me em Arcebispo de Rouen!

— De fato, o resgate de alguém como *ela* deve valer mesmo um tesouro... — disse por inércia, tomando mais vinho.

— Precisamente dez mil libras tornesas!

Aquela soma enorme fez-me engasgar com a bebida. Quem imaginaria que uma simples camponesa chegaria a valer tanto? Enquanto lutava contra a tosse, meu amo prosseguia:

— Toda a questão agora se resume a dinheiro, e muito dinheiro!... E num caso desses há que se apressar, pois *quem chega primeiro se serve primeiro*...

Respirei fundo, pensei um pouco e retruquei:

— Nosso interesse é grande, mas o dos ingleses é maior. Que o Duque<sup>179</sup> resolva-o!

Ele olhou bem para mim e disse em voz alta:

— Acho que não me ouviste bem! Eu disse dez mil libras tornesas! Sabes o que isto significa? Nada menos que o resgate de um príncipe! Sabias que a situação é tal que em Paris (em Paris!) a administração está paralisada, por falta de pergaminho? Na capital do reino não há dinheiro nem sequer para o pergaminho, mas o condezinho duma figa, “nosso fiel aliado”, exige *apenas* dez mil libras tornesas!

Ele repetia aquela quantidade como que fascinado. Ficamos em silêncio por um instante, até que eu disse:

— Monsenhor, o interesse também é da Igreja... e se o Cardeal?...



Jean de Ligny, Conde de Luxemburgo

<sup>177</sup> Vide Novo Testamento, Mateus 4:8-9 (tentação do Cristo) e 26:15 (traição de Judas).

<sup>178</sup> Jean II, Conde de Guise, Ligny e Luxemburgo e vassalo do Duque de Borgonha (1392-1441)

<sup>179</sup> Nesta e em passagens semelhantes, refere-se ao Duque de Bedford. Vide nota 143.

Ele me interrompeu:

— Não! Não podemos devolver-lhe a responsabilidade. Afinal de contas, por que achas que ele se deu ao trabalho de vir pessoalmente? Por carinho? Ele quer que **eu** resolva o problema. Ele garantiu-me que o Arcebispado de Rouen continuará vago, e me prometeu que essa mitra será minha (**minha**, ele disse!), desde que **eu** resolva este problema sem que ele tenha que se envolver diretamente!

Ficamos um pouco em silêncio, pensando, e falei, hesitante:

— Receio que Vossa Reverendíssima não possa julgá-la...

Ele me olhou, interrogativamente. Prossegui:

— Para que vós pudésseis fazê-lo, seria preciso que a captura houvesse acontecido dentro de vossa diocese de Beauvais...

— E qual o problema?

— *Ela* foi capturada em Compiègne, que pertence à diocese de Noyon<sup>180</sup>...

— Repito: onde está o problema?

Surpreso, perguntei-lhe:

— E a troco de quê Jean de Mailly<sup>181</sup> aceitará cedê-la de bom grado?

Ele olhou-me como para um aluno difícil, enquanto dizia:

— Tu me decepionas...

Olhei-o, sem entender. Ele prosseguiu:

— Estamos falando de política, não de geografia. Eu **afirmo** que *ela* foi capturada dentro dos limites de minha diocese e o **Cardeal** concorda comigo. Alguém ousará manifestar outra opinião?

Refiz-me da surpresa e tornei a falar:

— E Beauvais está nas mãos dos armagnacs!

— Sim, e daí?

— Daí que somente em vossa diocese teríeis autoridade para determinar a criação de um tribunal eclesiástico!

Ele sacudiu negativamente a cabeça, sorrindo, para logo responder:

— Como a Sé de Rouen está sem Arcebispo e estou sem diocese, posso pleitear ao Capítulo o direito de usá-la como se fosse minha para fins de realização deste Julgamento. Será o primeiro passo para eu conquistar essa mitra.

Suspirei ao responder:

— Sim, se o Capítulo de Rouen concordar...

— Concordará. Muito a contragosto, é verdade, mas a situação política agora é tão séria que desta vez não vai correr o risco de se indispor com o Cardeal. Sendo assim, meu pedido não passará de mera formalidade oficial.

Suspirei, desta vez de alívio, enquanto dizia:

— De forma que o único problema pendente, de fato, é o do resgate. E se enviásseis um emissário aos borgonheses reclamando a prisioneira em nome da Igreja? Assim, não ousarão resistir e se contentarão com uma quantia bem mais razoável...

---

<sup>180</sup> Segundo a quase totalidade dos historiadores, Joana d'Arc foi capturada próximo à ponte que separava as dioceses de Beauvais e Noyon, dentro, contudo, dos limites desta, e não daquela.

<sup>181</sup> Bispo de Noyon. Vide nota 302.

— Considera-o como feito, pois hoje mesmo irás a Paris a fim de ordenar, de minha parte, a Billorin e a Evrard<sup>182</sup> requisitá-la para mim o quanto antes. Mas, se com isso crês realmente que não ousarão, então nada entendes deste assunto! O condezinho, “nosso fiel aliado”, receberia a excomunhão vinte vezes antes de no-la entregar sem pagamento!...

— Monsenhor, não devemos censurá-lo por fazer o mesmo que faríamos nós em seu lugar...

O Bispo me olhou contrariado com a graça fora de hora. Antes que se encolerizasse, tratei de continuar:

— Reverendíssimo, não estais obrigado a firmar qualquer compromisso; mas, salvo mais alto entendimento vosso, penso deveis deixar claro que de vossa parte há interesse e, sobretudo, o poder e a disposição para negociar. Conforme respondam, estudareis o melhor rumo a dar às negociações. Ganhareis tempo, e o tempo, num caso assim, pode ser tão importante quanto o próprio dinheiro.

— Sim, é verdade. Não obstante, é preciso arranjar um meio de obter uma soma tão alta... dez mil libras tornesas!...

Pensei um pouco e disse-lhe, cautelosamente:

— Sua Santidade sempre vos manifestou gratidão. Talvez ele pudesse ajudar-vos...

Ele olhou rápido para mim e disse:

— É uma sugestão para que eu peça à Santa Sé uma fortuna dessas? Estás louco!

— E porventura a mitra de Arcebispo de Rouen não compensaria o sacrifício?

Olhou-me de tal maneira que me senti um idiota, antes mesmo que me respondesse:

— Sim, meu caro, **para mim** compensaria! O único problema é que, diante de uma soma dessas, decerto *não encontrarei o Santo Padre tão propício e benevolente* assim...

Ficamos em silêncio então, eu envergonhado, ele remoendo as próprias ideias. Por fim, apesar do medo de dizer outra impropriedade, venci a própria hesitação e disse-lhe:

— Vossa Revendíssima bem disse que esta é uma corrida que será ganha por dinheiro. Neste caso, por mais custoso que seja abrir mão de tão bela quantia, ainda assim julgo melhor aos vossos propósitos que vos mostreis disposto até mesmo a isto, se necessário.

Ele assentiu, mas em silêncio, e continuou mergulhado em seus próprios pensamentos. De repente, ocorreu-me uma ideia e falei, desta vez com maior animação:

— Reverendíssimo, há um jeito simples de se arrumar o dinheiro! Se a Inglaterra não o tem, então que a França pague!

— Como assim? — perguntou Monsenhor, mas imediatamente seus olhos brilharam, entendendo antes mesmo que eu completasse:

— Os ingleses dominam território francês. E, afinal, eles podem criar tantos impostos quantos desejarem...

---

<sup>182</sup>

**Martin Billorin**, Vigário da Inquisição em Paris; **Guillaume Evrard**, Licenciado em Teologia, Reitor da Universidade na ocasião e mais tarde figura de destaque no Concílio de Basileia, por vezes confundido, mesmo em documentos oficiais, com Guillaume Erart (vide nota 16).

— E a suprema ironia é que os ingleses hão de comprá-*la* com dinheiro francês! Ah, o Duque vai amar essa ideia!... — disse ele, degustando cada palavra ao mesmo tempo em que enchia novamente as taças para que brindássemos mais uma vez...

## Cartas

Seguimos por este caminho, dando início a uma verdadeira messe de cartas recheadas de medidas, propostas e ameaças veladas que iam e vinham, buscando dessa forma ganhar tempo para a obtenção do dinheiro. De início, obedecendo às instruções que lhe levei por parte de meu amo, Martin Billorin escreveu a Philippe le Bon como segue:

**P**ara o Altíssimo e Poderosíssimo Príncipe Philippe, Duque de Borgonha, Conde de Flandres, de Artois, de Borgonha e Namur, e para todos aqueles a quem interessar possa, Irmão Martin, Mestre em Teologia Sagrada e Vigário-Geral do Inquisidor da fé no reino de França, cumprimento em Jesus Cristo, verdadeiro Salvador.

Considerando que todos os leais príncipes Cristãos e todos os demais verdadeiros Católicos têm responsabilidades para com a extirpação do nascimento de erros que se insurjam contra a fé, tais como os escândalos resultantes no seio do povo Cristão; e considerando que nesse momento há sido pública e notoriamente dito que por causa de certa mulher chamada Jehanne, a quem os adversários do reino chamam A Donzela, em muitas cidades, bons vilarejos e outros lugares desse reino, muitos e diversos erros vinham sendo propagados, expressados, noticiados e espalhados amplamente; e que ainda prosseguia até então, decorrendo disto que muitos danos e escândalos contra a honra divina e contra a fé sagrada têm sido e ainda continuam sendo feitos, causando a perdição de almas e particularmente de muito Cristãos: são fatos que não podemos e não devemos ignorar nem deixar passar sem justa e apropriada reparação.

Agora ocorreu que, pela graça de Deus, a dita Jehanne está nesse momento sob poder e jugo vosso, ou de seus vossos leais vassallos: Por estas razões, poderoso Príncipe, nós mui cordialmente rogamos a vós e a vossos nobres vassallos que nos entreguem a dita Jehanne, da maneira mais rápida e segura para vós e para eles; e nós confiamos que vós o fareis como verdadeiro defensor da fé e protetor da honra de Deus, e que ninguém possa perturbar ou retardar-vos (o que Deus previna!). E com os direitos de nosso ofício e da autoridade conferida a nós através da Sagrada Sé de Roma, nós urgentemente intimamos e ordenamos, em nome da fé Católica e sob as penalidades da lei, tudo o que acima dito enunciamos, a todas as pessoas de qualquer origem, condição, proeminência e autoridade permanente, tão logo quanto possível com segurança e conveniência enviar e trazer-nos cativa para nós a dita Jehanne, veementemente suspeita de muitos crimes e maculada por heresia, permitindo assim que ela compareça diante do Vigário-Geral da Santa Inquisição e possa responder e proceder corretamente de acordo com o conselho, favor e ajuda dos bons Doutores e Mestres e outros notáveis conselheiros da Universidade de Paris.

Escrito em Paris sob nosso selo da Santa Inquisição, no vigésimo-sexto dia do mês de Maio de Mil CCCCXXX.

Como, contudo, o Duque não mostrasse a menor pressa em corresponder à confiança que lhe fora depositada como *verdadeiro defensor da fé e protetor da honra de Deus* (já que nem sequer deu-se ao trabalho de responder), Monsenhor encaminhou-me novamente a Paris. Voltei pela segunda vez à Universidade, cujo reitor, ciente dos desejos de meu amo, não precisou de muitos argumentos para empunhar mais uma vez a pluma. Assim foi que voltei com duas cartas: a primeira, para Philippe le Bon, a qual dizia:

*ltíssimo e Poderosíssimo Príncipe e nosso mui temido e honrado Senhor, recomendamos-nos com toda humildade a Vossa Alteza.*

**A** *Apesar, mui temido e honrado Senhor, de nossa recente missiva suplicar a Vossa Alteza com toda a nossa humildade que certa mulher conhecida como A Donzela, pela graça de Deus sob vossa guarda, deva ser transferida às mãos da Justiça da Igreja, que possui o dever de julgá-la por suas idolatrias e outras matérias de interesse de nossa fé sagrada, e para reparar os escândalos que se abateram sobre o nosso Reino, bem como os inúmeros males e inconvenientes disso resultantes; não obstante, nós não tivemos resposta alguma nem conhecimento de que qualquer providência tenha sido tomada com o objetivo de se realizar uma adequada discussão a respeito dessa mulher.*

*Porém, nós grandemente tememos que, através de falsidades e seduções do Inimigo infernal e por meio de malícia e sutileza de pessoas malignas, vossos inimigos e adversários conjuguem esforços, como foi dito, para libertar esta mulher por meio de subterfúgios, permitindo que de alguma forma ela escape de vosso jugo (que Deus não o permita!). Pois, em verdade, no juízo de todo bom e prudente Católico, jamais ocorreu dentro da memória humana tão grave lesão à nossa fé sagrada, ou, em toda a extensão desse Reino, perigo, estorvo ou prejuízo tão grande que se compare ao risco de que esta mulher escape através de meios detestáveis sem adequada reparação; isto seria em verdade uma imensa desgraça à honra vossa e dos Cristianíssimos nomes da casa de França, dos quais vós e vossos nobilíssimos progenitores não são e ainda são leais protetores e os mais nobres representantes.*

*Por estas razões, mui temido e soberano Senhor, humildemente suplicamos-vos novamente, em nome da fé de Nosso Salvador, pela conservação da Santa Igreja e da proteção à honra de Deus, e também para grande benefício do Reino Cristianíssimo, que apraza a Vossa Alteza transferir essa mulher às mãos do Inquisidor da Fé, e despachá-la com toda segurança, como formalmente rogamos nós; ou ainda encaminhá-la para o reverendo Pai em Deus, o senhor Bispo de Beauvais, em cuja diocese ela foi aprisionada, a fim de que possa interrogá-la em matéria de fé da maneira mais adequada e digna, para glória de Deus, a exaltação de nossa fé sagrada, e o benefício dos bons e leais Católicos e de toda a extensão deste Reino, e também para a honra e glorificação de Vossa Alteza, a quem permita Deus guardar em prosperidade e no fim lhe conceda Sua glória.*

*Escrito em Paris, no décimo-quarto dia do mês de julho de Mil CCCCXXX.*

E a seguinte, para o Conde de Luxemburgo:

*ui nobre, honrado e poderoso Senhor, recomendamos-nos cordialmente à vossa alta nobreza.*

**M** *Vossa nobre prudência bem sabe e reconhece como verdade que todo bom Cavaleiro Católico deve empregar suas forças e seu poderio primeiramente ao serviço de Deus, e a seguir, em benefício das terras sob sua suserania. E, mui especialmente, o primeiro juramento da Ordem da Cavalaria é guardar e proteger a honra de Deus, da fé Católica e Sua sagrada Igreja. Vós bem vos lembrastes deste juramento ao empregardes vosso poder e vossa presença pessoal na captura desta mulher chamada A Donzela, a qual vem ofendendo imensamente a honra de Deus, ferindo a fé Católica e altamente desonrando a Igreja por meio de suas idolatrias, erros, falsas doutrinas, e outros malignos e inavaliáveis danos que espalhou ao longo de todo o Reino.*

*Em verdade, todo leal Cristão tem o dever de agradecer-vos cordialmente por haverdes prestado tão grande serviço à nossa fé sagrada e a todo o Reino. De nossa parte agradecemos-vos de todo coração por vossa bravura.*

*Porém, isso poderia tornar-se pouca coisa caso não se desse o necessário seguimento para remediar a ofensa perpetrada por esta mulher contra nosso gentil Criador, Sua fé e Sua sagrada Igreja*



*devido a outros inúmeros crimes supracitados. Isto poderia tornar-se um grande infortúnio e, mais que tudo, um erro terrível capaz de persistir no seio do povo. Seria intolerável ofensa contra a Majestade Divina que esta mulher pudesse sair livre, perdida para nós, o que certamente nossos adversários, como o dissemos, empenhar-se-ão por conseguir, aplicando para este fim todos os seus conhecimentos pelo meio de astúcias e, o pior de tudo, por meio de dinheiro ou resgate.*

*Mas nós temos esperanças de que Deus não consentirá que tamanho infortúnio atinja Seu povo, ou que vossas boas e nobres providências não o sofram, antes sejam capazes de agir no momento certo, pois seria irreparável desonra à vossa nobreza e a todos a quem ela diga respeito caso esta mulher conquistasse a liberdade sem a justa reparação. Tamanho escândalo tem que cessar o quanto antes.*

*E, já que qualquer demora neste assunto é de extremo perigo e prejuízo ao Reino, em nome da honra de Deus, da preservação da sagrada fé Católica, e para a grandeza e exaltação de todo o Reino, nós mui humilde e cordialmente rogamos ao favor de Vossa Altíssima Nobreza que encaminheis esta mulher para o Inquisidor da Fé, o qual urgentemente tem-na pedido e reclamado para julgar as acusações que pesam sobre ela, a fim de atender à vontade de Deus e à adequada edificação do povo, conforme a boa e sagrada doutrina; ou que possais fazer o favor de cedê-la e entregá-la ao reverendo Pai em Deus, nosso honradíssimo senhor Bispo de Beauvais, que a reclama por ter sido capturada em sua diocese. Ambos, o prelado e o Inquisidor, são seus Juizes em matéria de fé e todos os Cristãos estão obrigados neste caso a acatá-los, qualquer que seja sua posição, sob as penas da Lei.*

*Agindo assim, ganhais a graça do amor de Deus, tornais-vos o instrumento da exaltação da Fé Sagrada, e incrementais a glória do vosso altíssimo e nobre nome, tanto quanto o do elevado e mui poderoso Príncipe e mui temido senhor nosso e vosso, o Duque de Borgonha. E todos serão incumbidos de elevar grande número de orações em favor da prosperidade de vossa nobilíssima pessoa, à qual queira Nosso Salvador, por Sua graça, guiar e sustentar-vos em todos os vossos empreendimentos e no fim recompensar-vos com eterna felicidade.*

*Escrito em Paris, no décimo-quarto dia do mês de julho de Mil CCCCXXX.*

Sabedor de o quanto o Conde valorizaria a oferta contida no fim da carta, Monsenhor concluiu que o momento exigia sua presença pessoal. Assim, ao invés de enviar um emissário, dirigiu-se neste mesmo dia ao acampamento borgonhês próximo a Compiègne, onde se encontravam o Duque de Borgonha e o Conde de Luxemburgo, a fim de lhes entregar pessoalmente as duas cartas e pleitear perante eles a nossa causa. Depois de muitas insinuações de minha parte, por fim permitiu que eu, mas também d'Estivet (infelizmente), o acompanhássemos.

Por mais que afetassem surpresa, a acolhida foi impecável, com todos os requisitos exigidos a uma recepção desse porte. Ao fim do longo ato de protocolo, teve início um verdadeiro torneio de negociações do mais alto nível, a exigir de meu amo todo o seu talento em diplomacia, pois, se ele era mestre no assunto, nossos bons amigos borgonheses tampouco eram principiantes. Ambas as partes faziam galas nessa arte, engastando nas mais polidas e gentis palavras de amizade e apreço insinuações, ameaças veladas, barganhas e promessas com o requinte e a precisão de um fino joalheiro.

Em silêncio, assistindo em posição privilegiada, pude apreciar as altas personalidades que nos acolhiam, cujo aspecto físico faziam gritante contraste. Não fosse pelas vestes suntuosas, os ricos anéis e o colar da Ordem do Tosão de Ouro, ninguém diria que aquele homem alto e magro, tão cordial e afável que parecia justificar o título de “o

Bom”, era o poderoso e opulento Duque. Somente um olhar acurado perceberia em momentos fugidios a ameaça no sorriso ameno, o cinismo nas palavras gentis, a matreirice na limpidez do olhar com que fitava diretamente o interlocutor.

No entanto, vindo a seu lado, por vezes mais falante e enfático do que seu suserano, aquele a quem *...todo leal Cristão tinha o dever de agradecer cordialmente por haver prestado tão grande serviço à nossa fé sagrada e a todo o Reino... ao empregar seu poder e sua presença pessoal na captura desta mulher chamada A Donzela...* seu físico encorpado, seu rosto inchado e doentio fez-me julgá-lo mais experiente no manuseio de taças que de espadas, e seus modos por vezes afetados davam-lhe um ar, na melhor das hipóteses, equívoco.

Logo ficou claro que, se de nossa parte havia o máximo interesse em resolver o assunto o mais rápido possível, o Duque e o Conde não tinham pressa alguma em tomar decisões definitivas, por razões nem tão obscuras assim: estariam à espera de alguma proposta dos armagnacs, ou, quem sabe, cortejando a possibilidade de convencer a valiosa prisioneira a trocar de suserano e fazer de Philippe le Bon o novo escolhido de Deus para o trono da França. Se quiséssemos conquistar a presa, naturalmente teríamos que oferecer algo mais material e palpável do que *um grande número de orações*. Por fim, Monsenhor apresentou aos senhores borgonheses o documento que se segue abaixo:

*sta é a convocação que faz o Bispo de Beauvais para meu senhor o Duque de Borgonha, ao Conde Jean de Luxemburgo e ao Bastardo de Vendôme, em nome de nosso soberano, o Rei, e dele próprio Bispo de Beauvais:*

**E** Permite que esta mulher, mui conhecida como A Donzela, seja enviada como prisioneira ao Rei para ser entregue à Igreja, a fim de que seja julgada como suspeita de muitos crimes tais como feitiçarias, idolatrias, evocação de demônios e muitos outros fatos contrários à fé. E, ainda que ela não deva ser considerada prisioneira de guerra (como parece ter sido dito), não obstante, a fim de recompensar sua captura e prisão, o Rei generosamente oferece em gratificação a soma de seis mil libras tornesas, e ao dito Bastardo, que a capturou, assinala-lhe uma pensão de 200 a 300 libras tornesas.

E o Bispo roga aos acima citados, a todos e a cada um, dado que esta mulher foi capturada em sua diocese e sob sua jurisdição espiritual, que lhe enviem para que possa ser convenientemente julgada. Para tanto, ele está em condições de contar com a assistência do Inquisidor da fé, e se necessário, com a assessoria de Doutores em Teologia e Direito, bem como de pessoas notáveis e versadas em Leis, conforme se faça necessário ao andamento do Processo, da maneira mais santa e correta para a exaltação da nossa fé e para o esclarecimento das muitas pessoas que foram enganadas e corrompidas por esta mulher.

E finalmente, se os acima citados não desejarem ou consentirem em obedecer a esta injunção, e ainda que a captura dessa mulher não se compare à captura de um Rei, de um Príncipe ou outros de elevada nobreza (pois ainda que a pessoa capturada seja Rei, Delfim ou outro Príncipe, o Rei pode por sua vontade resgatá-lo enviando ao captor dez mil libras tornesas, de acordo com a lei e os costumes da França) o Bispo convoca e requer os supracitados em seu nome e em nome do Rei para que lhe entreguem a Donzela, garantindo-lhes de qualquer modo o total da soma acima citada de dez mil libras tornesas.

E o dito Bispo, em seu próprio nome e de acordo com as penalidades da lei, requer que ela seja-lhe enviada por essa forma.

Este argumento pesou de tal forma que, embora voltássemos a Rouen ainda sem a camponesa, em troca levávamos conosco não pequena bagagem de palavras gentis, declarações de boa vontade, votos de bom sucesso e a garantia de que seríamos prontamente atendidos tão logo o dinheiro chegasse. Monsenhor levou estas informações ao Conselho Real, que, alguns dias depois, achou por bem incentivar nossos aliados através de um decreto que obrigava os comerciantes ingleses a boicotarem o comércio com a região de Flandres, a fim de que Philippe le Bon (que, além de Duque de Borgonha era também Conde de Flandres), menos absorvido por ilusórias e passageiras riquezas terrenas, pudesse dar mais atenção aos interesses da sagrada Fé Católica.

De qualquer forma, neste jogo, nosso lance estava feito. Agíamos com a máxima presteza, cômicos de não estávamos jogando sozinhos. Não deixávamos de temer, pois nada seria mais fácil à Corte armagnac do que nos criar problemas, se desejasse. Certamente que, para “nosso fiel aliado”, o Conde de Luxemburgo, dez mil libras tornesas seriam muito bem vindas viessem de quem viessem, já que dinheiro não tem partido. E Charles de Valois, mesmo que não quisesse esvaziar suas arcas num resgate, ainda poderia ameaçar represálias ou propor troca de prisioneiros do nosso interesse, como Talbot; ou, em última instância, apelar diretamente ao Papa e ao Concílio; afinal, a diocese de Beauvais (em cujo nome se fazia o Processo) era diretamente subordinada ao Arcebispado de Reims, e assim, bastaria que Regnault de Chartres pronunciasse uma palavra e estaríamos numa situação bastante delicada e altamente embaraçosa.

Porém, para nossa maior surpresa, e ainda mais alívio, do lado inimigo não havia o menor sinal de movimentação, nenhuma proposta, nenhum contato, absolutamente nada, a não ser a emotiva carta que o Arcebispo d’Embrun<sup>183</sup> escrevera a Charles de Valois, cujo conteúdo la Trémouille fizera chegar até nós, na qual o pobre velhinho deixava clara sua absoluta ignorância em termos de política ao ficar lembrando triste e pateticamente tudo quanto *ela* havia feito pelo Reino, terminando por dizer ao seu amo que cuidasse atentamente de fazer um exame de consciência a fim de verificar

*...se não foram vossas ofensas a Deus que ocasionaram esta desgraça...  
recomendo-vos que não poupeis meios nem dinheiro para recobrar essa Donzela  
e resgatar-lhe a vida, seja a que preço for, se não quiserdes incorrer na pecha  
indelével de uma censurabilíssima ingratidão...*

Se ele achava que algum governante deste mundo perderia um minuto sequer cogitando tais coisas, então o velho Arcebispo não seria capaz de governar sequer uma cocheira. A única coisa que se viu à guisa de resposta foi uma circular que Regnault de Chartres emitiu aos súditos de sua diocese, na qual limitou-se a comunicar a captura da Donzela

---

<sup>183</sup> **Jacques Gelu**, leal conselheiro e preceptor do Delfim desde a infância deste (1369-1432). Foi um dos primeiros a defender a missão de Joana d’Arc, escrevendo em *seu* favor a obra *De Puella Aurelianensi Dissertatio* (vide página 256).

*...por ela não ter querido aceitar conselho, e sim fazer tudo a seu bel-prazer... Deus permitira em sua captura e prisão como castigo por ter se encheido de orgulho, por causa das ricas vestes que trajava e por não ter feito o que Deus lhe ordenava, mas unicamente o que era da vontade dela própria Jehanne...*

Quase ao mesmo tempo, deu início a uma série de cartas para Charles de Valois, nas quais lhe comunicava que Deus o fizera descobrir nas cercanias de Gévaudan, pertencente a diocese de Mandé, Seu novo enviado: um humilde pastor de ovelhas chamado Guillaume, a quem Ele teria ordenado guiar os exércitos do rei a fim de, sem falta, expulsar os ingleses e subjugar os borgonheses, em substituição à Donzela, a quem abandonara como castigo à *sua* prepotência. Para maior prova dessa escolha, o jovem seria inclusive portador dos Estigmas do Cristo.

Não foi uma notícia que eu tenha recebido com satisfação. Pareceu-me que começava tudo de novo, e que o partido armagnac de repente havia se tornado uma verdadeira criação de enviados dos Céus. No entanto, Monsenhor logo me fez ver o bem que advinha disso, pois, enquanto durassem as expectativas e a curiosidade despertadas a respeito do novo enviado celeste, a Corte inimiga provavelmente não esboçaria o menor gesto de interesse pela sorte da prisioneira.

Bem diziam os antigos romanos: “*Dum Romae deliberat, Saguntum expugnatur*”<sup>184</sup>. Pois, enquanto nossos adversários assim faziam, de nossa parte, todos trabalhávamos tão ativamente quanto possível. A fim de mostrar serviço, a Universidade de Paris (...*fonte inesgotável de toda sabedoria, verdadeira luz da Igreja...*) prendeu e mandou comparecer diante da justiça eclesiástica duas mulheres conhecidas por suas ligações com a prisioneira. Uma delas era Catherine de la Rochelle, a qual, fosse por inveja, ou medo, ou ambos, não relutou em dizer tudo aquilo que queríamos ouvir. Assim, consegui sair-se viva, voltando quase logo para a salvação do anonimato de onde não ousaria sair mais.

A segunda, uma simplória bretã de nome Pierrone, não teve tanta sorte. Teria dito, segundo o termo de acusação, *que Deus Pai lhe aparecera envolto numa longa túnica branca e uma capa vermelha, tendo lhe falado como um amigo a outro amigo*. Mas o verdadeiro motivo foi que ousou afirmar em voz alta o que muitos cochichavam em surdina: que Jehanne d’Arc era verdadeiramente enviada por Deus.

Não que tivéssemos especial interesse nessa mulher, ou em qualquer outra afora a prisioneira, por mais que tivesse cometido o grave erro de discernir tais coisas por si mesma, usurpando um privilégio exclusivo da Igreja. Bastaria que ela aceitasse nossos conselhos, retratando-se, e poderia ter se livrado também ao custo de uma punição mais branda. Porém, preferiu ser estúpida e estragou tudo cometendo o pecado mortal de

---

<sup>184</sup> *Enquanto Roma delibera, Sagunto é tomada*. Sagunto, cidade espanhola aliada de Roma, fora atacada e posta sob cerco pelos cartagineses em 219 a.C.. Então, enviou embaixadores a Roma em busca de socorro, mas o Senado romano gastou precioso tempo em debates e discussões, numa das quais os embaixadores saguntinos assim responderam. De fato, quando finalmente se decidiu a socorrê-la, a cidade já tinha caído. A frase passou a ser usada para invectivar pessoas ou instituições que, nos momentos de decisão, ficam discutindo em vez de agir.

sustentar as próprias convicções, e depois de um julgamento, sumário como os de hábito, pagou por esses erros na fogueira em 3 de setembro.

Não obstante, por mais que nos esforçássemos, a parte mais crítica dependia de outros. Embora a Coroa inglesa estivesse taxando pesadamente a Normandia e demais territórios ocupados na França, dez mil libras tornesas não era soma que se pudesse obter num estalar de dedos, por mais impostos que se cobrasse.

Provavelmente, não por outra razão que em novembro meu velho conhecido Thomas de Courcelles, então Reitor da Universidade de Paris, para nossa estranheza remeteu duas cartas no mesmo dia: a primeira, oficialmente dirigida à Sua Alteza — aquela criança apática e assustada cuja autoridade consistia em apor seu anel a tudo quanto lhe ordenasse o poderoso tio e nosso verdadeiro soberano, o Duque de Bedford — cujo teor dizia em primeiro lugar que

*...estamos em extremo jubilosos, confiantes em vossas boas determinações para proceder para com esta mulher de acordo com a lei, no sentido de expiar a grande iniquidade e os escândalos que ela notoriamente provocou neste reino, os grandes danos causados à honra divina, à nossa sagrada fé e a todo o vosso bom povo...*

todavia

*...tendo em vista que é particularmente nossa a tarefa e obrigação de extirpar as iniquidades manifestas, especialmente quando a fé Católica é envolvida, nós não podemos ocultar que a longa demora na justiça muito ofende a todos os bons Cristãos, e a Vossa Alteza mais que a todos, tendo em vista a vossa grande obrigação em agradecer as elevadas honras e dignidades por Deus atribuídas à vossa Alteza...*

e por isso

*...nossa modesta e leal recomendação tem por objetivo eximir-vos da fama de negligente em tão favorável e indispensável matéria...*

e, para surpresa nossa, terminava apresentando a seguinte sugestão:

*...de acordo com o nosso parecer, caso apraza a Vossa Alteza, enviai essa mulher para esta cidade (ou seja, Paris) onde seu julgamento poderá ser notável e competentemente conduzido; para que a discussão do caso possa ter ampla repercussão aqui como alhures, pois será realizado por Mestres, Doutores e outras notáveis personalidades que já se encontram nesta cidade, e isto é apropriado para a reparação dos escândalos acontecidos neste lugar onde as façanhas dessa mulher foram pública e excessivamente notórias...*

Surpreendeu-nos ainda mais a segunda carta, enviada ao meu amo, que escutou de cenho franzido enquanto eu lia em voz alta:

*o reverendo Pai em Deus e senhor Bispo e Conde de Beauvais.*

**A** Observamos com assombro, Reverendo Pai e Senhor, a grande demora na entrega desta mulher conhecida como A Donzela, em prejuízo da fé e das leis eclesiásticas, especialmente, pelo que foi dito, que ela se encontra nesse momento nas mãos de nosso senhor, o Rei. Príncipes Cristãos, zelosos pelos interesses da Igreja e da fé ortodoxa, diante de tão temerário ataque aos dogmas desta mesma fé Católica, têm por costume enviar o prisioneiro aos Juizes eclesiásticos para que eles possam julgá-lo e puni-lo o quanto antes. E, sem dúvida, se Vossa Paternidade agisse com mais ativa diligência no tratamento deste caso, o julgamento desta mulher já poderia estar em andamento perante um tribunal eclesiástico.

Isto vos interessa sobretudo, uma vez que sois um grande prelado da Igreja, cujo papel deve ser abolir os escândalos cometidos contra nossa religião Cristã, especialmente quando o assunto do julgamento em questão diz respeito à vossa diocese. Assim sendo, a fim de proteger a Igreja da grave injúria de tão prolongada demora, dignai Vossa Reverendíssima em zelar e se esforçar ao máximo, diligenciando para que essa mulher seja entregue tão logo seja possível a vós e ao Inquisidor da Perversidade Herética.

Quando o houverdes feito, seja ela encaminhada da maneira melhor e mais segura à cidade de Paris, onde há pessoas dotas e sábias para que o julgamento possa ser diligentemente examinado e competentemente conduzido, para a salutar edificação do povo Cristão e para a honra de Deus.

*Possa Ele conceder-vos especial ajuda em todas as coisas, reverendo Pai.*

*Escrito em Paris em nossa assembleia geral solenemente reunida em Saint-Mathurin no vigésimo-primeiro dia do mês de novembro de Mil CCCCXXX. O Reitor da Universidade de Paris.*

— Ah, sim, eles estão com pressa! Pois então arranjem o dinheiro, que a prisioneira será enviada alegremente na mesma hora! — retrucou Monsenhor, furioso, assim que terminei de ler as cartas. — Pensam que sou o quê, Tesoureiro do Rei? Ou que dez mil libras tornesas caem do céu como maná?

— Eles? Eles quem, Monsenhor?

— Quem poderia ser? O Duque, o Cardeal! — respondeu o Bispo em voz alta.

— Julgais então que eles tenham pressionado a Universidade?

Ele respondeu com irritada ironia:

— Julgas tu que Courcelles ousaria escrever cartas assim por iniciativa própria?

— Acho muito estranho tudo isso... — repliquei.

Ele sacudiu a cabeça e disse:

— És muito ingênuo às vezes, meu caro! É evidente que, mesmo não sendo mais o Reitor, tenho muito mais autoridade lá dentro que qualquer um, mesmo o próprio Courcelles, que é Reitor graças a mim e sabe disto perfeitamente bem! Basta que eu lhe pergunte diretamente se foi por iniciativa dele que a Universidade mandou estas... cartas, e ele se desmanchará em desculpas!

— E por que a ideia de enviar a prisioneira para Paris?...

— Mas é tão evidente! Porque a diocese de lá não está vaga e eu não poderei usá-la como minha, portanto não poderei ser o Juiz! Afinal, julgas que dentro da Universidade

tenho unicamente amigos e admiradores? Como se eu não estivesse tão interessado quanto eles mesmos!... Afinal, é a minha mitra de Arcebispo que está em jogo!... É uma velada ameaça, temos que nos apressar, mas enquanto o Cardeal estiver interessado no assunto, ainda estarei seguro!

Sua avaliação se mostrou acertada mais uma vez. Antes do fim do mês os ingleses finalmente conseguiram o dinheiro, e de um momento para outro todas as oposições e empecilhos desapareceram como por encanto. A camponesa afinal foi-nos encaminhada, e depois de uma longa viagem entre a Borgonha e a Normandia, finalmente chegou a Rouen na Véspera do Natal (amordaçada e presa dentro de uma gaiola de ferro, segundo me disseram), sendo imediatamente despachada para o Château de Bouvreuil.

A imponente e sombria fortaleza de sete torres<sup>185</sup> construída duzentos anos antes pelo Rei Philippe Auguste, atualmente propriedade do Conde de Warwick<sup>186</sup>, Preceptor do Rei, era grande o bastante e perfeitamente adequada para sediar as atividades do Processo. Serviria como tribunal e prisão, uma vez que a prisioneira lá estaria bem guardada na grande torre, alta o bastante para desencorajar qualquer tentativa de fuga. A Capela Real foi escolhida para a realização dos interrogatórios, e demos início aos arranjos necessários para adequá-la a esse fim.

Tão logo soube que *ela* chegara, fiquei ansioso por vê-la, ardendo em desejo de encarar tão formidável antagonista. Um prazer estranho me dominava, selvagem como aquele que eu antegozara na véspera de rever meu antigo amo, o ex-Bispo de N..., todavia perturbado por um sentimento impossível de definir, que eu lutava por dominar a fim de não diminuir minha satisfação.

Pedi a permissão a Monsenhor, que, para minha surpresa, fechou o cenho. Aquilo me surpreendeu e perguntei:

— Vossa Reverendíssima vê nisso algum inconveniente?

Depois de alguma hesitação, ele respondeu ao mesmo tempo em que pensava:

— Num caso como este todo cuidado é pouco, e uma palavra certa no momento errado é errada. Não devemos perder de vista que esta mulher vale um Arcebispado, e decerto o Arcebispo de Rouen poderá fazer muito mais por tua carreira que o Bispo de Beauvais. Sendo assim, permito-te vê-la, desde que *ela* não te fale, nem sequer te veja.

Contrariado no primeiro instante, compreendi logo que ele tinha razão:

— Farei como dissesstes, Monsenhor. *Ela* nem sequer me verá.

No dia seguinte, uma das carruagens do Bispo me conduzia ao Château de Bouvreuil por entre as ruas cobertas de neve. Cumprimentei o Conde e expliquei o motivo de minha presença. Como não me conhecia, não pareceu satisfeito, contudo as armas de

---

<sup>185</sup> O Château de Bouvreuil, também chamado nos textos Château de Rouen, foi demolido no século XVI, restando atualmente apenas uma das torres, apresentada aos turistas como “a torre de Joana d’Arc”. Segundo os peritos, não foi esta a torre que lhe serviu de cela, mas onde teria funcionado a câmara de torturas (vide página 346).

<sup>186</sup> **Richard de Beauchamp**, 13º Conde de Warwick, comandante militar capaz e administrador competente, chegou mesmo a substituir com sucesso o Duque de Bedford na Regência da França durante a ausência deste, entre 1425 e 1428. A seguir, foi Preceptor do Rei até 1437, e Tenente de França (vide página 468) até sua morte (1382-1439).

meu amo, visíveis na viatura que me trouxera, terminaram por convencê-lo a não criar objeções, ainda que respondesse às minhas perguntas de forma evasiva, e, ao invés de me acompanhar à torre da prisioneira, determinou que um simples criado o fizesse. Enquanto seguia, pensava vingativamente que ao longo do Processo ele seria obrigado a me retribuir a cortesia que me era negada por ora.

Embora fosse grande a minha ansiedade, procurei subir pela escada fazendo o mínimo ruído possível. Faltando uns três degraus para atingir o segundo pavimento (onde ficava a cela da prisioneira), detive-me diante de uma porta à minha esquerda. Entrei e me deparei com uma pequena câmara vazia, escassamente iluminada por uma fresta que apenas como força de expressão se poderia chamar de janela. Examinei então a parede que provavelmente faria contato com o aposento da prisioneira.

Ali dentro o barulho era desagradável. Vozes masculinas cantavam o que me parecia canções de soldado ou paródias de hinos religiosos onde as obscenidades se repetiam, embora não pudesse ouvir com perfeita clareza, pois ao mesmo tempo batiam nos varões das grades. Ao contrário de tantas outras vezes, aquilo me causou estranho mal-estar. Porém, mesmo apurando os ouvidos não consegui ouvir a prisioneira.

Por meio do criado, dei ordens para que calassem aquela cantoria e deixassem a prisioneira sozinha. Obedeceram, descendo com aquele à antecâmara e olharam com susto e surpresa para minhas vestes de clérigo. Não me ocupei com eles, antes mandei que todos descessem, o criado inclusive, e aguardassem em silêncio. Hesitaram, mas logo obedeceram.

Esperei até que o barulho dos passos morresse na escada, saí do cômodo e então me pus a subir lentamente degrau por degrau, quase colado à parede. Mas me detive de repente, assustado, pois ouvira o barulho de correntes sendo arrastadas. Refiz-me e prossegui, tomando o máximo de cuidado para não ser visto, e por fim pude vê-la pela primeira vez. Estava de costas para mim, tão perto da alta mas estreitíssima janela quanto *lhe* permitiam as grossas correntes que *a* prendiam pelos pés a uma vigorosa trave de madeira. Voltei-me para trás e sorri ao perceber que a entrada da câmara ficava fora das vistas de quem estivesse dentro da cela. Aquilo poderia ser-nos de grande utilidade.

De repente, o silêncio da torre foi quebrado, enchendo o ar de delicadas modulações as quais, por muito que eu lutasse contra, perturbaram-me de forma estranha, comovendo-me até o mais fundo de uma alma que eu nem sabia mais que tinha. Custei a entender que, pela primeira vez, ouvia *sua* voz. *Ela* cantava uma canção religiosa...

Três dias mais tarde, por obra e graça do Cardeal, o Capítulo de Rouen, emitia a seguinte declaração:

*ara quantos virem o presente documento, o Capítulo da Catedral de Rouen, responsável pela administração da jurisdição espiritual durante a vacância da Sé Arquiepiscopal, saudações em Nosso Senhor.*

**P** *Graças ao reverendo Pai em Deus e senhor Pierre, por graça divina Bispo de Beauvais, temos sido informados que, de acordo com esta autoridade, e, por outro lado, como Juiz ordinário, é seu dever instituir um inquérito legal contra a mulher comumente chamada A Donzela, a qual abandonando toda a modéstia, tem vivido de forma desordenada e vergonhosa, para escárnio do estado próprio das*



mulheres; e, ainda mais, como é de conhecimento público, tem semeado e disseminado muitas opiniões contrárias à fé Católica, tendendo à negação de determinados artigos de nossa crença ortodoxa, da qual ela parece pensar malignamente, sendo assim suspeita e difamada<sup>187</sup>. O dito Bispo propôs-se a instituir inquérito contra ela, desde que foi em sua diocese que ela cometeu aquilo tudo de que é acusada.

Aconteceu agora que pela graça de Deus ela foi capturada e feita prisioneira em sua diocese e dentro dos limites de sua jurisdição espiritual, que entrementes foi transferida para alhures. Quando este fato chegou ao conhecimento do dito reverendo Pai, ele, por sua própria autoridade e por outros meios, convocou e admoestou o ilustre Príncipe Duque de Borgonha e o nobre Messire Jean de Luxemburgo e outros guardiães dessa mulher para enviá-la para ele, conforme seu dever legal e sua obrigação como seu Juiz ordinário, a fim de instituir inquérito e julgamento contra essa mulher, a qual é suspeita de heresia, tem cometido muitas más ações contra a fé Católica, e que, como foi dito, foi capturada, detida e presa dentro dos limites de sua jurisdição espiritual.

Estes Messires e outros que mantinham Jehanne cativa, sendo intimados para este fim por ambos, pelo Cristianíssimo Príncipe Henry, nosso senhor e Rei de França e Inglaterra, e por nossa mãe, a Universidade de Paris, obedeceram a estes pedidos e solicitações; como Católicos devotos à sua fé, eles enviaram esta mulher a nosso senhor o Rei ou a seus representantes, tendo sido conduzida à cidade de Rouen onde foi colocada sob custódia, e agora, por ordem e com o consentimento de nosso senhor, o Rei, ela foi detida e encaminhada ao dito reverendo Pai em Cristo.

Por muitas considerações e razões, e especialmente depois de cuidadosas reflexões acerca das atuais circunstâncias, elas parecem indicar que se institua procedimento na cidade de Rouen, de acordo com teológica e canônica confirmação, e para conduzir-se a partir daqui as inquirições que pareçam necessárias e, numa palavra, efetuar todos os diversos negócios pertinentes a um processo desse tipo com todos os consequentes detalhes.

Certamente nosso Bispo não pretende desta forma meter sua foice em nossa messe, agindo sem o nosso consentimento. Sendo assim, ele requereu-nos que lhe outorguemos território para ampará-lo na falta do seu, a fim de realizar todos os atos pertinentes ao Processo.

Sendo assim, aprovando as solicitações do reverendo Pai e considerando-as justas e de acordo com os interesses da fé Católica, nós lhe outorgamos, damos e assinalamos para seu território e pelo presente documento damos e assinalamos como seu território esta cidade de Rouen, em toda a extensão dentro dos limites da diocese como lhe pareça necessário para todos os usos que digam respeito a este julgamento e sua execução, compreensão, decisão e término de tudo o que lhe diga respeito.

---

<sup>187</sup> Convém lembrar que, para a justiça eclesiástica de então, difamado era o acusado (mesmo sem provas) pelo rumor público (para tal, bastavam duas testemunhas), o que, em termos práticos, condenava o réu, pois a acusação equivalia à presunção de culpa: segundo o *Directorium Inquisitorum* (Manual do Inquisidor, de Nicolau Eymerich, 1373) ...a acusação vale por si mesma, em qualquer situação: basta que uma pessoa seja publicamente apontada para receber uma sanção canônica... (I, “Os difamados de heresia”), quaisquer que fossem as testemunhas (de acusação, é claro — testemunhas de defesa não eram admitidas) e/ou denunciantes, pois qualquer pessoa pode testemunhar em favor da lei... mesmo as pessoas indignas, os criminosos comuns e seus cúmplices, os infiéis, os excomungados, todos os culpados de qualquer crime (II, “Admissão de um defensor”), pois partia-se do pressuposto que irão depor para o bem da ortodoxia, recebendo toda a proteção, inclusive fazendo jus a três anos de indulgências (II, “O que o Inquisidor deve fazer depois do sermão geral”, item b; e III “Indulgências”).

*Consequentemente, nós advertimos a todos os nossos súditos de ambos os sexos que vivam na cidade de Rouen e dentro de nossa diocese, qualquer que seja a sua condição, e por meio deste documento prescrevemos-lhes em nome da santa obediência, a concordar, obedecer e prestar ajuda e préstimos ao dito reverendo Pai em tudo o que diga respeito a esse Processo e suas consequências, através de fornecimento de testemunhas, conselhos e por outros meios.*

*Nós conferimos e outorgamos que todos os atos que tenham origem neste inquérito sejam recebidos integral e livremente de acordo com a lei como se tivessem sido feitos em sua diocese de Beauvais, quer seja feito sob sua autoridade, por futuros comissionados ou representantes ou em conjunto com o Inquisidor da Perversidade Herética ou seu presente ou futuro representante, um ou outro separadamente ou em conjunto, até que tudo esteja executado e concluído.*

*Nós lhe damos e outorgamos, tanto quanto se faça necessário e Deus permita, todo o poder e autoridade, exceto o direito à dignidade arquiépiscopal da diocese de Rouen em outros assuntos.*

*No vigésimo-oitavo dia do mês de dezembro do ano de Nosso Senhor de Mil CCCCXXX.*

Monsenhor recebeu a notícia sem surpresa, mas com muita alegria. Uma de suas primeiras providências foi deixar a espaçosa casa de Jean Rubbé, Tesoureiro do Capítulo, onde se hospedava até então, e transladar-se para o Palácio Arquiepiscopal, que não trepidava em chamar de sua futura moradia oficial. Fiquei extremamente feliz quando o vi providenciando aposentos onde eu pudesse me hospedar sempre que o desejasse.

Mais importante ainda foi a carta nominalmente escrita pelo Rei a 3 de janeiro, cujo conteúdo é o que se segue:

*enry, pela graça de Deus Rei de França e Inglaterra, para todos aqueles que devem ver estes documentos, saudações.*

**H** *É bem conhecido que durante algum tempo uma mulher chamada Jehanne a Donzela, deixando de usar as vestes apropriadas ao seu sexo (o que é ao avesso da lei divina, abominável a Deus, condenado e proibido por todas as leis), tem se vestido e se armado conforme o fazem os homens para fazer e ocasionar cruéis assassinatos, e é dito que seduz e engana as pessoas simples, dando-lhes a entender que é enviada por Deus e tem ciência de Seus divinos segredos, além de muitas outras perigosas afirmações prejudiciais e escandalosas para nossa sagrada fé.*

*Enquanto desempenhava estas ofensas e exercia hostilidades contra nós e nosso povo, ela foi capturada por armas diante de Compiègne por um de nossos leais súditos e subsequentemente feita nossa prisioneira. E porque ela tem sido reputada, acusada e difamada por muitas pessoas como praticante de superstições, falsos dogmas e outros crimes de traição a Deus, nós fomos urgentemente requeridos por nosso estimado e leal Conselheiro, o Bispo de Beauvais, Juiz eclesiástico e ordinário da dita Jehanne, a qual foi capturada e detida dentro dos limites de sua diocese; e temos similarmente sido exortados por nossa mui querida e bem-amada filha, a Universidade de Paris, para prender, apresentar e encaminhar essa Jehanne para o supracitado venerável Pai em Deus, para que ele possa questioná-la, investigá-la e julgá-la de acordo com as ordenações e disposições dos cânones das leis divinas, tão logo se declare formada a assembleia para este fim.*

*Em consequência, em respeito à honra do nome de Deus, para a proteção e exaltação de Sua Sagrada Igreja e da fé Católica, nós, como verdadeiros e humildes filhos da Igreja desejamos devotamente atender à requisição e reclamação do dito reverendo Pai em Deus e às exortações dos Doutores e Mestres de nossa filha, a Universidade de Paris; e nós ordenamos e concedemos, da maneira como o venerável Pai achar justo, que a dita Jehanne seja presa e encaminhada por nossos ministros em cujas mãos ela agora se*

*encontra, para que seja questionada, examinada e se proceda contra ela conforme Deus, a razão, as leis divinas e os cânones sagrados determinam.*

*Em consequência nós ordenamos aos nossos ditos ministros que têm sob sua guarda a dita Jehanne, que a encaminhem como prisioneira para o dito Pai em Deus sempre que ele a requerer, sem contradições ou recusas, e, além do mais, nós ordenamos a todos os nossos homens da lei, ministros e súditos, Ingleses ou Franceses, a não ocasionar qualquer impedimento ou dificuldade de fato ou de qualquer outro modo ao venerável Pai ou àqueles que sejam por ele apontados com assistentes, participantes ou ouvintes do dito Julgamento; antes, caso sejam requeridos pelo dito venerável Pai em Deus, devem dar-lhe proteção, ajuda, defesa, guarda e conforto, sob pena de grave punição.*

*Não obstante é nosso propósito retomar e recuperar a posse da dita Jehanne caso ela não venha a ser condenada ou considerada culpada dos ditos atentados ou parte deles que possam interessar dentro de nossa fé.*

*Em testemunho disso, nós afixamos este documento com nosso ordinário sinete, dada a ausência do grande selo.*

*Escrito em Rouen, no terceiro dia do mês de janeiro do ano de graça de Mil CCCCXXX<sup>188</sup>, e o nono de nosso reinado.*

Dessa forma, todas as precauções haviam sido tomadas para que a camponesa fosse liquidada, independente do resultado do Julgamento. Não obstante, pessoalmente achei a ressalva final desnecessária. Como bem me ensinou Monsenhor, jamais a Inquisição dava uma absolvição pura e simples, e não seria num caso desta gravidade e com tão altos interesses em jogo, que se abria uma exceção.

---

<sup>188</sup>

Naquele tempo, o Ano Novo não começava em 1º de janeiro, mas em dias diferentes nos diversos países da Europa medieval. Na Inglaterra, por exemplo, começava em 25 de março, e na França, por ocasião da Páscoa. Assim, o Ano Novo em 1431 aconteceu no dia 1º de abril.

## Início do Julgamento

Tamanho o interesse despertado pela expectativa do julgamento da camponesa, que todos os demais assuntos, mesmo o próprio andamento da guerra, ficaram em segundo plano, não sendo exagero dizer que o Château de Bouvreuil tornou-se uma espécie de sede não-oficial da Regência inglesa na França. O fato de eu ser uma peça de relevo num evento histórico de tal magnitude lisonjeava meu amor-próprio. Quando, em minha aldeia de outrora, poderia supor que, um dia, o simples cura estaria lidando de tão perto com autoridades da grandeza do Duque de Bedford e o Cardeal de Winchester? E mesmo Sua Majestade, o Rei-menino futuro Henry VI foi trazido de Londres para respaldar tudo aquilo quanto nos parecesse desejável.

Parece-me que quanto mais altas as nossas expectativas, maiores serão nossas decepções, uma vez que a realidade jamais será grande o bastante para comportar nossos menores sonhos. Lidar com tão elevados nomes trouxe-me a decepção de descobrir que Cardeais e Duques, afora os títulos e as vestes, em nada são diferentes de todos os outros homens. Apenas são Cardeais e Duques.

Acostumado a ver homens poderosos ao feitio dos dois Bispos meus amos, fiquei bastante decepcionado ao prestar reverência ao Duque de Bedford, Regente de França e tio do jovem Rei. Ao contrário de seu famoso mas não formoso irmão, tinha no rosto a delicadeza de um menino bem comportado, chegaria mesmo a ser belo, não fosse o nariz aquilino graças ao qual era chamado em surdina *Lord Hawke* (águia, em seu próprio idioma). Comentei-o mais tarde com meu senhor, que replicou sorrindo:

— Deveras? Pois experimenta chamá-lo pelo apelido e verás quão gentil ele será contigo!

Diante da minha surpresa, ele prosseguiu:

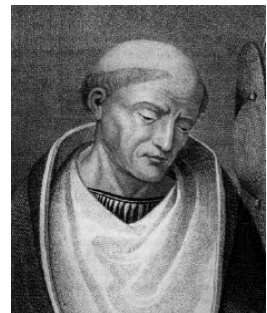
— É graças à competência dele que a morte de Henry V não pôs tudo a perder, pois o Regente da Inglaterra e o titio Cardeal tratam-se de forma a fazer Esaú e Jacó parecerem Davi e Jônatas<sup>189</sup>. Bedford é o único a quem ambos respeitam e acatam, e se não mergulharam o país na guerra civil, nem enfiaram a faca na garganta

um no outro, é exclusivamente graças a ele.

Da mesma forma o Cardeal, a quem tanto temia ser apresentado (...*posso lhe assegurar que ele é, sem dúvida, muito menos tolerante e piedoso do que nós*), surpreendeu-me pelo rosto patriarcal e pela voz



Jean de Lancaster,  
Duque de Bedford



Henri Beaufort, Cardeal  
de Winchester

<sup>189</sup> **Esaú e Jacó**, irmãos gêmeos, filhos de Isaac e Rebeca, já lutavam um contra o outro desde o ventre materno. Velho Testamento, Gênesis, 25:22 e adiante. **Davi e Jônatas**: Davi, pastor, depois guerreiro do rei Saul, a quem sucedeu no trono de Israel. Jônatas, filho de Saul. A Bíblia imortalizou a indefectível amizade que os unia. Velho Testamento, Samuel, 18:1 e adiante.

medida e tranquila que transmitia um ar sereno e grave, levando quem não o conhecesse a julgá-lo mais preocupado com a salvação das almas que com cruciais questões de Estado. Achei-o muito menos temível do que eu receara, por mais que Monsenhor tenha me dito para não julgá-lo sem esquecer que era alguém capaz de reunir partidários em número bastante para fazer frente ao poderoso e violento Regente de Inglaterra.

Porém, quando dobrei o joelho para beijar a mão de Sua Alteza, o filho do grande Henry V, quase cheguei a sentir piedade daquela criança magra, tristonha e pálida, sempre em silêncio, olhando para o chão como se mal pudesse suportar o peso das vestes reais, por tudo e por nada fazendo o sinal-da-cruz, mal ousando respirar sem consultar com os olhos arregalados o poderoso tio. O menino olhou para mim esboçando um sorriso gentil. Por outro lado, foi a tremer, olhando assustado para o Regente, que estendeu a mão para ser beijada pelo seu *mui estimado e leal Conselheiro, o Bispo de Beauvais*. Apenas uma vez vi-o falar com a curiosidade espontânea das crianças:

— Quem é a mulher presa na torre?

Aquela atitude surpreendeu-nos a todos, inclusive a ele próprio, que se voltou aflito para Bedford como se esperasse castigo. Mas este lhe respondeu, afável:

— Lembrais da feiticeira de que vos falamos, que fez um pacto com o Diabo para roubar-vos o trono de vosso pai?

Ele fez que sim com a cabeça, assustado, persignando-se de imediato ao ouvir a palavra “Diabo”. O Duque prosseguiu:

— Pois bem, é *ela*. Por esta razão estamos todos aqui. Trouxemo-*la* para que possa ser julgada e castigada por *seus* crimes, conforme vossas ordens.

O menino arregalou os olhos às últimas palavras e gaguejou:

— Minhas... ordens?...

— Claro que sim, vossas ordens — disse Bedford, enquanto olhava de forma significativa para o Cardeal, que se aproximou e tomou a palavra:

— Alteza, vós sois nosso Rei, portanto, aquilo tudo que fazemos é em vosso nome. Por outro lado, como ainda sois criança, cabe-nos a obrigação de proteger-vos e orientar-vos dizendo o que é certo e o que é errado; e a vós, o dever de acreditar e ordenar conforme vos ensinamos, não apenas porque assim foi determinado por vosso glorioso pai antes de morrer (e as ordens de um Rei devem ser consideradas sagradas!), como também porque esta é a vontade de Deus, portanto é uma vontade duas vezes sagrada.

Aquela criança diminuía de tamanho, enquanto ouvia de olhos esbugalhados aquele discurso, persignando-se mais uma vez ao seu final. Com voz quase sumida, perguntou:

— Porém, se porventura por conselho vosso eu fizer alguma coisa errada, Deus vai me castigar?

O Cardeal prosseguiu entre afável e autoritário:

— Esta possibilidade não existe, Alteza. Portanto, não penseis mais nisso.

Pareceu que o menino ia dizer algo, porém, ao ver que seu tio fitava-o, sorrindo e acenando afirmativamente com a cabeça, imitou-o, e em seguida cravou de novo os olhos no chão, sem ousar dizer mais uma só palavra fora do protocolo. Achei estranho que o Duque jamais se dirigisse ao sobrinho por “Alteza”.

Foi com extremo alívio que, finalmente, pudemos iniciar em caráter oficial o Julgamento na quinta-feira de 9 de janeiro, em documento que, pela primeira vez, fazia menção a mim:

*a Terça-feira do nono dia de Janeiro do ano da graça de Nosso Senhor de Mil CCCCXXX, de acordo com os ritos e leis da Igreja de França, dentro do décimo-quarto ano do Sacratíssimo Pai em Cristo Martin V, pela Providência Divina Papa, nós, o supracitado Bispo da casa do Rei, convocamos para nosso conselho os Doutores e Mestres os quais nomeamos a seguir: meu senhor Abade Gilles de Sainte-Trinité de Fécamp, Doutor em Teologia Sagrada; Nicolas de Jumièges, Doutor em Direito Canônico; Pierre, Prior de Longueville, Doutor em Teologia; Raoul Roussel, Tesoureiro da Sé de Rouen, Doutor em Direito Civil e Canônico; Nicolas de Vendères, Arquidiácono d'Eu, Licenciado em Direito Canônico; Robert le Barbier, Licenciado em Direito Civil e Canônico; Nicolas Couppequesne, Bacharel em Teologia, e Nicolas l'Oiseleur, Mestre em Artes.*

*Então, tendo reunido neste mesmo tempo e lugar tantos homens famosos, requeremos de sua sabedoria a forma e a ordem a serem seguidas, depois de se-lhes ter sido apresentadas as diligências realizadas em relação a esta matéria...*

Li e reli com orgulho, com inaudito prazer. Eu, há algum tempo simples cura de aldeia, começava a escrever meu nome na história de meu século. A partir de agora não era mais uma simples testemunha, e sim partícipe de um evento político da mais alta envergadura, cujo objetivo básico era massacrar, denegrir e por fim levar à fogueira uma simples camponesa de dezenove anos. O que, no fundo, seria o mesmo que usar uma bombarda<sup>190</sup> para atingir uma borboleta, em qualquer outra conjuntura política que não esta.

Assim, pudemos dar início ao Julgamento de Jehanne d'Arc. De início não nos preocupamos. Apesar de toda a fama da prisioneira, preparamo-nos para nos defrontar com uma versão não muito diferente daquelas figurinhas patéticas de visionários ao estilo de Catherine de la Rochelle ou do Irmão Richard<sup>191</sup>, que pululavam às dezenas naqueles dias e aos quais bastava-nos franzir o cenho e falar um pouco mais alto para que rapidamente se recolhessem às suas insignificâncias e calassem a boca.

Em função disso, Monsenhor garantiu ao Duque e ao Cardeal que, afora o tempo necessário para os trâmites legais, levaríamos, se muito, pouco mais de tempo que o necessário para resolver os casos supra. Mesmo levando em conta a face política do caso: de acordo com as ordens de Sua Eminência, a condenação, embora previamente decidida, era a parte menos importante do Processo: a ré não apenas ousara quebrar o monopólio da revelação divina (da qual nos afirmávamos os únicos detentores) em favor de nossos inimigos, como, pior ainda, fizera demonstrações palpáveis do que afirmava. Em

---

<sup>190</sup> Espécie de canhão primitivo, muito impressionante (para a época), mas de eficácia, na melhor das hipóteses, discutível.

<sup>191</sup> Frei Menor franciscano, pregador popular do tipo escatológico, mais de uma vez punido pela Igreja por suas atitudes de ortodoxia no mínimo discutível, tendo entre outras coisas, anunciado o Juízo Final para o ano de 1430. Dava crédito aos místicos populares, e por isso apoiou tanto Catarina de la Rochelle quanto Joana d'Arc (que não o levou muito a sério), chegando a afirmar que esta *tinha os segredos de Deus e por isso poderia entrar na cidade que bem quisesse.*

consequência, mais do que tudo, era essencial que *ela* abjurasse todas as *suas* declarações anteriores e *se* confessasse inspirada pelo Diabo, para que pudéssemos desacreditar a coroação de Charles de Valois como tendo sido por obra e graça das forças do Inferno.

Quase logo, Monsenhor certa noite mandou-me chamar ao seu palácio d'Estivet, Beaupère, Courcelles e Gilles de Duremort<sup>192</sup>. Não me disse o motivo, embora seu rosto expressasse a mais viva satisfação. Quando todos chegaram, mandou-me recebê-los e aguardar na sala de visitas. Por mais que me perguntassem discretamente, não pude responder senão que estava tão curioso quanto eles, mas não me acreditaram.

Ficamos durante algum tempo a esperar, até que, por fim, meu amo fez sua aparição. Levantamo-nos para saudá-lo, ao que ele retribuiu com gentileza, convidou-nos a retomar assento e quando percebeu que tínhamos os olhos fitos nele, ardendo em curiosidade, tomou a palavra, lentamente:

— Messires, tomamos uma decisão bastante séria, cujos resultados prometem ser altamente proveitosos para este Julgamento. Já tratei do assunto com o Regente e, com sua aquiescência, a nobilíssima senhora Duquesa Anne<sup>193</sup>, sua esposa, presidirá uma comissão de parteiras cujo objetivo será investigar a pretensa virgindade da acusada.

Aquilo nos surpreendeu a todos, e Duremort perguntou, pasmo:

— Pretensa? Mas, Reverendíssimo, já foi dito sobejas vezes que *ela* o é...

— A puta dos armagnacs, *virgem*?! Só se houver nascido em setembro! — rebateu d'Estivet, empolgado e cortesmente descortês.

O Abade de Fécamp, surpreso, recolheu-se em silêncio, enquanto Beaupère também se manifestava, excitado:

— Esplêndido! É uma oportunidade de ouro para desfecharmos um golpe de morte na lenda da Virgem da Lorena!

— Por outro lado — aparteou Courcelles — se *ela* realmente o for, teremos dado o golpe contra nós mesmos...

— Se és capaz de crer que uma mulher vivendo entre soldados é mesmo virgem, és capaz de crer em qualquer coisa! — aparteou o Promotor mais uma vez, em tom de menoscabo.

Courcelles olhou para ele com viva insatisfação e continuou num tom algo mais alto, sem responder-lhe:

— ...pois não apenas teremos que admitir legalmente que *ela* disse a verdade, como não poderemos mais acusá-la de sortilégios ou de pactos com o Demônio.

— Sim, se isto constar no Processo, Messires — aparteei eu. — E por acaso existe obrigação de fazê-lo? Porventura não é privilégio dos Juízes decidir o que é pertinente ou não para o caso?

Os demais olharam para mim de forma aprovadora, mas o Abade de Fécamp tomou a palavra em tom de assombro, dirigindo-se a Monsenhor:

— Reverendíssimo, uma ordem vossa, em caráter oficial, terá que constar no Processo, bem como o resultado.

---

<sup>192</sup> Bacharel em Teologia, Abade de Fécamp e mais tarde Bispo de Coutances.

<sup>193</sup> Ou **Ana de Borgonha**, filha de João-sem-Medo e irmã de Filipe, o Bom. O casamento, ocorrido em 1423, teve por objetivo cimentar a aliança anglo-borgonhesa (1404-1432).

Meu amo olhou-o sorrindo levemente ao responder:

— Meu caro, já debes ter percebido que nenhum dos escritvães está presente, o que torna esta reunião exclusivamente particular. Em consequência, nossa decisão terá caráter officioso, por enquanto. A investigação será feita, mas quanto a torná-la oficial e incluí-la no Processo, decidiremos depois, de acordo com a conveniência da Igreja.

E assim foi. Sob a presidência da Duquesa, as parteiras Anne e Jehanne Bavon e Clarisse Jacquemine realizaram o exame. O que não sabiam é que o Duque, tão digno e morigerado cavalheiro quanto honesto e fiel marido, estava ali bem perto, assistindo ao exame através da mesma comunicação que nos servia para espionar e anotar as palavras da prisioneira.

As conclusões apresentadas no relatório (*...sob pena de perderem suas almas e se tornarem presas do Inimigo caso o presente documento não seja senão o retrato da mais estrita verdade...*), que a Duquesa selou e as parteiras entregaram a meu amo, foram lidas com decepção e contrariedade. Em consequência, o Bispo não apenas rasgou-o, como ainda proibiu-as de tocar no assunto com quem quer que fosse, sob pena de *fazê-las beber o Mosa até que secasse*. O que se mostrou tão imprudente quanto inútil, pois, como disse o Santo Padre Grégoire, *a língua da mulher não se cala, nem mesmo depois de cortada*, e os comentários acabaram chegando aos ouvidos da esposa do Regente, a qual se sentiu tão ofendida que se dirigiu pessoalmente a meu amo a fim de tomar satisfações, o que poderia ter tomado um rumo bem desagradável para nós, se outro acontecimento não houvesse redirecionado sua fúria: de um momento para outro, ela acabou por descobrir o papel que seu marido tivera durante o exame.

Em consequência, pudemos presenciar o espetáculo dado pela *mui elevada, mui poderosa e mui ilustre Senhora Duquesa de Bedford* (como se lia no início do relatório destruído) a gritar mais alto que uma lavadeira, imprecando o marido por todo o Château de Rouen, de forma que até os cavaliços pudessem ouvir; em alternância com as tentativas esfarrapadas de desculpas que o Regente de França tentava inventar (afinal, quando a esposa é a irmã querida de um poderoso aliado ao qual manda a conveniência política agradar a qualquer custo, nem sempre pode o marido impor sua legítima autoridade), de modo que não restou ao Duque alternativa menos ruidosa do que deixar Rouen com a esposa já no dia seguinte. O discreto sorriso que surpreendia nos lábios de Monsenhor nestas ocasiões deu-me a mais completa certeza de como foi que a Duquesa tomou ciência do fato.

Em 13 de janeiro, Monsenhor convocou ao seu palácio Gilles de Duremort, Nicolas de Vendères, William Haiton, Nicolas Coupequesne, Jean de la Fontaine e eu para a primeira reunião oficial do Julgamento, dando início a uma série de outras que nos tomariam o mês de janeiro e a maior parte de fevereiro, cujas finalidades eram a tomada de decisões e as providências administrativas. Quem se ativesse apenas à leitura das atas poderia até mesmo crer que um homem como meu senhor teria tomado suas decisões somente depois que



...nós (ou seja, o Bispo) *requeremos seus* (ou seja, nossos) *prudéntíssimos conselhos acerca dos artigos e dos procedimentos subsequentes... em atenção às ponderações de nossos experientes conselheiros...*

Para um trabalho tão importante e tão famoso, Monsenhor tratou de requerer tanto ao Capítulo de Rouen quanto à Universidade de Paris o que houvesse de melhor entre os melhores, em todos os níveis. Para Promotor-Geral o escolhido foi Jean d'Estivet (desagradável, mas inevitável); para inquiridor, Jean de la Fontaine; escrivães, Guillaume Manchon e Guillaume Colles (também chamado Boisguillaume); para Oficial de Justiça, executor dos mandatos e convocações, Jean Massieu. Da mesma forma, a fim de tentar unir as facções do Capítulo de Rouen em torno de si, convocou ainda Roussel e Vendères, bem como os mais famosos membros das grandes abadias normandas.

Tão alto o nível dos escolhidos que me causou surpresa. Cheguei mesmo a questioná-lo se o julgamento de uma reles campesina exigia a presença de tantos bacharéis, mestres e doutores cuja fama ressoava inclusive no estrangeiro. Para alguém que assegurara a facilidade do caso, achei estranho. Afinal, *aquila non capit muscas*<sup>194</sup>, diziam os antigos romanos. Meu amo replicou, sorrindo:

— Quanto mais alta a qualidade dos assessores, maior a fama do Processo, graças ao qual já chegaremos ao Concílio de Basileia cobertos de prestígio, e prestígio não é algo que se despreze, seja para a conquista de uma mitra de Arcebispo ou dos lauréis de Bacharel em Teologia.

— Também maiores serão as despesas — redargui, sorrindo também ao pensar no título que já cortejava.

Monsenhor fez um gesto de desdém e disse:

— Isto é problema da coroa da Inglaterra. De toda forma, espero que dure o bastante para uma ampla divulgação, mas não tanto que os faça reclamar dos gastos. Ou por acaso temes que *ela* possa resistir a nós?

Sorri, diante do absurdo da ideia. Então, lembrei-me de algo que julguei importante:

— Reverendíssimo, vós convocastes Courcelles e Erart!

— Sim, prefiro tê-los sob os olhos antes que suas trocas de gentilezas acabem por incluir o punhal e o veneno. Além do mais, seria muita crueldade separar nossos Davi e Jônatas cristãos — respondeu com evidente ironia.

— Todavia, eles são vossos mais sólidos apoios dentro da Universidade!

— E qual o problema?

— Receio que a ausência deles possa favorecer a que alguma outra liderança comece a se fazer notar...

— Já pensei nisso. Seria muito ingênuo se acreditasse que dentro da Universidade tenho unicamente amigos e admiradores. Por outro lado, não espero que o Julgamento propriamente dito ocupe-nos mais do que uma ou duas semanas. De qualquer forma, já tenho em mãos a profilaxia do problema. Basta adotar a solução-padrão.

---

<sup>194</sup> Provérbio romano: “*as águias não capturam moscas*”. Ou seja, grandes autoridades não tratam de questões menores. Hoje se diz “*não se usa um canhão para matar uma borboleta*”.

— Que é?...  
— Nomear um idiota para reitor.  
— Já pensastes num nome? — perguntei, com uma risota.  
— Vários. Felizmente, estamos bem servidos deles. Ou crês que dentro da Universidade há somente sábios e luminares? O que me dizes de Pierre de Gouda?

Franzi o rosto e repliquei:

— Seria apenas um pacóvio a mais no mundo (o que teria sido uma felicidade e tanto, para ele e para o mundo), não fosse ainda mais um fátuo capaz de fazer a própria Vaidade parecer modesta. Afora isso, é sério como um saltimbanco, fiel como um mercenário, honesto como um mercador e sincero como um cortesão.

Bispo sorriu e respondeu:

— Por isso mesmo é o homem perfeito para ocupar este cargo enquanto estivermos às voltas com o Processo. Ficará tão inebriado de felicidade que, além de não nos oferecer perigo, também vigiará como um cão pastor para que um novo Gerson não se faça notar. Vou prometer-lhe meu apoio para a eleição de março, o que equivale a dizer que ele já pode considerar-se o próximo reitor.

— Levai um lenço para dar-lhe a notícia, pois lambuzará vossas mãos de tanto beijá-las em sinal de reconhecimento.

Paralelamente, os trabalhos se desdobravam. Monsenhor tratou de enviar um emissário à Lorena, para que colhesse o maior número possível de informações que pudéssemos usar a nosso talante; e, em 19 de fevereiro, convocou ao seu palácio, além dos supracitados, Beaupère, Jacques de Touraine, Pierre Maurice, Gerard Feuillet<sup>195</sup> e meus velhos conhecidos Courcelles e Midi, para que prestássemos oficialmente os juramentos de praxe, findos os quais ele nos comunicou em caráter formal sua decisão de convocar a presença do Inquisidor do Reino ou seu representante legal.

(Foi graças a mim que Midi tomou parte como Assessor, embora a princípio não tivesse mostrado grande interesse, até perceber a magnitude do evento. Mesmo não tendo sido ainda nomeado Cônego de Rouen (o que só aconteceria em março), Monsenhor atendeu ao meu pedido para incluí-lo).

Um pouco mais e começaram as más notícias.

Jean le Maistre, Vigário da Inquisição em Rouen, foi informado da decisão, e convocado à tarde do mesmo dia. Mas veio com novidades aborrecidas: o Inquisidor do Reino, Jean Graverent, estava às voltas com o processo de certo burguês Jean le Couvrer e não poderia participar do nosso Julgamento. Uma perda de vulto, pois se entendia às mil maravilhas conosco. E quando Monsenhor pediu ao visitante que co-dirigisse o julgamento em nome da Santa Inquisição (deixando implícito que pedido de um superior é ordem), este, ajeitando as vestes, mostrou ao Bispo sua carta de nomeação e, lendo-a devagar, alegou não saber se tinha autoridade para tanto, pois seus poderes limitavam-se à diocese de Rouen, enquanto o Processo era feito em nome da de Beauvais.

Para minha surpresa, Monsenhor reagiu com tranquilidade, dizendo-lhe mesmo que não se preocupasse, afirmando entender esses escrúpulos. Ambos estudariam o caso à noite e pedia-lhe tão somente que retornasse na manhã do dia seguinte, a fim de chegarem a uma

---

195

Doutores em Teologia.

conclusão. O Bispo apenas esperou que ele se retirasse para extravasar seu aborrecimento durante alguns instantes, gritando-me que aquele poltrão devia-lhe tudo, inclusive o cargo atual. Mas a raiva foi passageira. Decerto, já entrevira a solução para aquilo.

Ainda naquela tarde, o Bispo tratou de convocar ao seu Palácio para a manhã do dia seguinte não apenas os mesmos supracitados em 19 de fevereiro, como também, pela primeira vez, Martin l'Advenu, um ilustre desconhecido pertencente à Ordem dos Frades Pregadores, o qual saudou humildemente os demais, que retribuíram sem maiores cortesias, e eclipsou-se num canto.

Vendo-o assim isolado, aproximei-me dele e passamos a conversar, o que o deixou particularmente aliviado e feliz. Falávamos em tom baixo o bastante para que pudéssemos nos ouvir sem chamarmos atenção dos demais. Contudo, não encontrei nada de notável nele, absolutamente nada, o que me surpreendeu ainda mais, intrigado em tentar entender como foi que, para um Processo tão famoso, onde as dezenas de assessores eram doutores, mestres, bacharéis, priores ou pelo menos licenciados, alguém conseguiu ser convocado sem que fosse outra coisa senão o Irmão Martin l'Advenu.

Pareceu-me uma versão modesta e simpática de um Pierre de Gouda, e concluí que, para um homem assim, a própria mediocridade tornava-se a melhor aliada e a mais alta virtude com que poderia contar: como não representa ameaça para ninguém, sempre pode ser escolhido para ocupar o espaço que, de outra forma, poderia ser ocupado por pessoas ostensiva ou potencialmente perigosas.

Monsenhor conversava com os demais quando o criado anunciou a chegada do Vigário da Inquisição, que, ao se apresentar diante de nós, viu-se altamente surpreendido por aquela assembleia à sua espera, todos a encará-lo. Sua voz traduziu-lhe a perturbação ao nos cumprimentar, e foi com algum alívio que recebeu o convite do Bispo para sentar-se, ficando em silêncio.

Monsenhor tomou a palavra, falando-lhe formalmente:

— Prezado irmão Magistri<sup>196</sup>, sê bem-vindo. Como havia dito ontem, reunimo-nos com o fito de discutir a importância de tua presença compartilhando conosco o fardo da condução deste Julgamento, o que é condição **sine qua non** para sua legitimidade, pois não se concebe um Processo em matéria de fé passando ao largo das atenções do Tribunal do Santo Ofício, sobretudo este, cuja repercussão fala por si só do quanto a nossa fé sagrada foi atingida. Conquanto muitos pudessem considerar nossos pontos de vista suficientes, achamos por bem nos orientarmos junto a autoridades sábias e competentes no assunto de teus justos escrúpulos. Analisaram de forma criteriosa e madura tuas valiosas ponderações, bem como as credenciais que possuis, e esperamos poder acalmar teus justos e nobres receios, pois, para nosso maior prazer, consideraram que estás capacitado a dirigir conosco este Processo.

Por um momento senti-me atordoado. Depois, entendi que por “autoridades sábias e competentes no assunto” meu amo devia estar se referindo aos presentes. O visitante olhou para todos nós como se nossos olhares pesassem sobre ele. Sorriu contrafeito, ajeitou as vestes e por fim começou a falar medindo cuidadosamente as palavras:

---

<sup>196</sup>

*Mestre*, em latim. Nome latino de Jean le Maistre.

— Honra-me sobremodo vossa confiança, lisonjeia-me o vosso desejo de contar com meus escassos dons e minguados conhecimentos para dirigir um Processo de tão grande envergadura. Por isso mesmo, contudo, receio prejudicar-vos na ânsia de mostrar-me digno de vossas expectativas. Longe de mim a pretensão de julgar-me certo e vós errados. Autoridades de tão notória capacidade, como vós, têm chances quase nulas de estarem em erro. Não obstante, rogo-vos não interpreteis por simples e afrontosa recusa o que não é senão zelo em agir dentro da mais estrita legalidade. Em função disso, a bem de minha própria consciência, como da mais correta condução do Processo, sinto-me impedido de gozar a honra de dividir com Vossa Reverendíssima tão alta responsabilidade, pois para tanto falta-me a necessária autorização do Inquisidor do Reino.

Tão logo o visitante calou-se, pareceu-me que todos iriam atacá-lo sem piedade, a começar por Beaupère, que dirigiu-se a ele com ríspida ironia:

— Se isto não é uma afrontosa recusa, o que considerais como tal, “Monsenhor” Magistri?

— Assim retribuís tudo quanto recebeste da igreja de Rouen?! — quase gritou Vendères.

— E à coroa da Inglaterra não deveis nada, porventura?! — emendou William Haiton.

A cada frase, le Maistre se encolhia de tal forma em seu assento que acabaria por ser engolido por ele se o Bispo não erguesse a mão, obtendo imediato silêncio:

— Meus caros irmãos, por favor! Estamos aqui para pedir a boa vontade e a compreensão do Irmão Magistri, não para acusá-lo por palavras nem para coagi-lo sob qualquer forma! Peço-vos encarecidamente, não permitais que vosso zelo pela fé vos leve a fazer mau juízo do Vigário da Inquisição!

Fez breve pausa e voltou-se para este, que o olhava pouco menos que apavorado:

— Irmão Magistri, se entendi corretamente o que dissestes, receias que tua participação neste Julgamento, sem a devida autorização legal, poderia levá-lo à nulidade.

— Sim, Reverendíssimo — respondeu este, num fio de voz, mexendo nas vestes.

— Posso crer então que esse é o único obstáculo, e que, sem ele, poderíamos contar de bom grado com a tua presença e condução no Processo?

— Perfeitamente, Reverendíssimo — respondeu um pouco menos amedrontado. — Esta autorização, se concedida, permitir-me-á colaborar com Vossa Reverendíssima de boa vontade em tudo quanto deva ser feito em benefício da fé.

O abade de Fécamp ergueu a mão e tomou a palavra, em seu habitual tom lento:

— Com permissão de Vossa Reverendíssima, pergunto-vos, Monsenhor Magistri: enquanto isso, como ficaremos no que diz respeito ao juízo da Santa Inquisição?

Respirando visivelmente melhor, le Maistre retorquiu:

— Vós tendes o direito de pedir pareceres ao Santo Ofício, e eu possuo a necessária competência para dá-los em caráter oficial.

Meu amo retomou a palavra:

— Sendo assim, desde já te pedimos o primeiro. Qual o teu parecer acerca do presente Julgamento?

Tomado pela surpresa, o Vigário da Inquisição ajeitou as roupas, olhou para meu amo como uma criança para o pai severo e respondeu lutando contra as palavras:

— Entendo que podeis dar prosseguimento ao que já está iniciado.

O Bispo sorriu e disse para todos nós:

— Pois assim o faremos, mantendo o Vigário da Inquisição devidamente informado de todas as medidas que tomarmos, e ele dar-nos-á seus valiosos pareceres sempre que necessário, até que se esclareça melhor a sua situação.

Beaupére ergueu o coto para falar, mas, antes que o fizesse, meu amo elevou a voz:

— Assim, estamos todos de acordo, certo?

Beaupére baixou o membro aleijado, enquanto nós outros assentíamos por um murmúrio ou um gesto de cabeça. No primeiro lapso de silêncio que se seguiu, le Maistre valeu-se para pedir permissão a meu amo e se retirar, despedindo-se de nós com rapidez inusitada. Tão logo ele saiu, aquele pediu novamente a palavra:

— Reverendíssimo, permiti-me perguntar! Sabeis, melhor que nós outros, quão mandatária é a presença do Inquisidor ou do seu representante legal no Processo!...

Meu amo interrompeu-o com um gesto de mão:

— Não te preocupes quanto a isto. Já está resolvido.

Um pouco mais e dispensou todos, com exceção de mim, e tão logo se despediram, levou-me à sua biblioteca, onde me encarregou da elaboração da carta que deveria seguir destino o mais tardar no outro dia. Passei o resto do dia nesta tarefa, mas antes mesmo do Ângelus pude apresentar-lhe o resultado como se segue:

*ierre, por divina misericórdia Bispo de Beauvais, para o venerável Padre Monsenhor Jean Graverent, Doutor em Teologia, Inquisidor da Perversidade Herética, saudações e sincero amor em Cristo.*

**P** *Nosso senhor o Rei, ardendo em zelos pela fé ortodoxa e pela religião Cristã, encaminhou para nós, como Juiz ordinário, certa mulher nomeada Jehanne, comumente chamada A Donzela, a qual, notoriamente culpada de muitos atentados contra a fé e a religião Cristã e suspeita de Heresia, foi capturada e detida dentro de nossa diocese de Beauvais. O Capítulo da Sé de Rouen, dada a vacância da Sé Arquiepiscopal, concedeu e designou-nos o território dessa cidade e diocese dentro dos quais estamos autorizados a realizar esse Julgamento.*

*Desejosos que estamos de excluir todos os pecaminosos erros espalhadas entre o povo de Deus, restabelecer a integridade da ferida fé Católica, e instruir os cristãos, ensinando-lhes a salvação, particularmente dentro dessa diocese e em outras partes desse reino Cristianíssimo, resolvemos investigar a matéria relativa a essa mulher com toda diligência e zelo, inquiri-la acerca de seus atos e feitos naquilo que possa interessar à fé Católica, e, em seguida, reunindo certo número de Doutores em Teologia e Direito Canônico e outras pessoas experientes; fazermos grande e maduro conselho com a finalidade de começarmos seu lícito Julgamento dentro dessa cidade. Porém, como isso interessa particularmente ao vosso ofício de Inquisidor, cuja dever é nortear a luz da verdade aos suspeitos de heresia, nós pedimo-vos, venerável Pai, requeremos e convocamo-vos em nome do interesse da fé, a retornar sem demora para a cidade de Rouen a fim de promover e conduzir o Julgamento, participando dele como é dever de vosso ofício, de acordo com as formas da lei e as apostólicas sanções, de maneira que possamos continuar neste trabalho de forma a manter o mesmo sentimento e o mesmo proceder. E se vossas ocupações ou outros razoáveis motivos puderem provocar demora em tal, pedimo-vos para delegar tal autoridade ao irmão Jean le Maistre, vosso Vigário dentro dessa cidade e diocese de Rouen, ou para algum outro adjunto, a fim de que tão grande atraso causado por vossa ausência em seguida a tão urgente notificação não*

*redunde em prejuízo da fé e escândalo do povo Cristão. O que quer que vós decidais, pedimo-vos informar-nos sem demora por meio de vossas cartas.*

*Escrito em nossa sede em Rouen, no vigésimo-segundo dia do mês de fevereiro do ano de Nosso Senhor de Mil CCCXXX.*

Monsenhor aprovou sem poupar elogios, e no dia seguinte enviou-a ao Inquisidor do Reino.

Resolvido o primeiro problema, logo surgiu outro. Nicolas Bailly<sup>197</sup>, enviado à Lorena para obter informes sobre a acusada, ao que parece não entendeu bem o objetivo de sua missão. Em seu relatório, afirmava ter obtido dos habitantes de Domrémy a informação de que *ela* era uma boa menina, de vida pura e de bons costumes, uma fiel católica que amava a Igreja e dirigia-se frequentemente como peregrina à Igreja de Bermont, onde se confessava aproximadamente todos os meses. Em suma, concluiu, nada que não desejasse ouvir a respeito de sua própria irmã. Monsenhor recebeu os relatórios com tão viva contrariedade, provavelmente tão preocupado em adaptá-los às nossas necessidades, que, ao ordenar ao emissário sair da cidade, esqueceu-se, todavia, apesar de todas as insinuações a respeito, de re-embolsá-lo de suas despesas.

Não sei se este pormenor teve algo a ver, mas o fato é que ele, antes de ir-se embora, teve a péssima ideia de comentar com outros assessores o resultado de suas pesquisas. Em consequência, quando meu amo apresentou-lhes os relatórios (já por nós devidamente corrigidos), houve protestos e questionamentos. Se aquele emissário falastrão ainda estivesse na cidade, Monsenhor tê-lo-ia feito passar por momentos bem pouco agradáveis, tamanha a sua cólera.

Teve que se limitar, contudo, a gritar furiosamente, acusando-o de ter forjado um relatório falso depois de nem sequer ter ido à região, pois ele, o Bispo, estava transmitindo, palavra por palavra, apenas o que o ausente lhe dissera; e, para aqueles que considerassem sua palavra, penhor de sua honra, insuficiente argumento, invocava meu testemunho (obviamente, não houve quem julgasse necessário pedi-lo); e por fim, estando provado que o relatório não era digno de confiança, não constaria nos autos do Processo.

Diante deste fato, tive uma ideia, da qual muito me orgulhei na ocasião. Tão logo ficamos a sós, pedi a Monsenhor uma palavra em particular e disse-lhe:

— Reverendíssimo, vossa decisão cria uma ocorrência *sui generis*, na qual não teremos nenhum dos elementos formais para apoiar a acusação: não há rumor público, não há provas, nem disporemos de uma só testemunha (pois ninguém que viva em território armagnac se arriscará a vir a Rouen depor contra a camponesa, por mais que *a* odeie)...

— Estou impressionado com tamanha perspicácia!... — replicou meu amo, entre enfadado e irônico diante de fatos evidentes por si sós, mas prosseguiu:

— ...de forma que não poderemos contar com nada além das próprias palavras *dela*. É uma situação embaraçosa, mas não capital, visto que, para a justiça eclesiástica, *...a confissão tem mais credibilidade do que o depoimento de testemunhas...* e, portanto, *...basta para condenar o acusado*<sup>198</sup>.

<sup>197</sup>

Tabelião e Deputado de Andelot. Depôs também no Julgamento de Reabilitação de 1456.

<sup>198</sup>

*Directorium Inquisitorum*, Parte II, “Admissão de um defensor”.

— Dissertação brilhante sobre o óbvio, e daí?

— Uma vez que teremos que usar as próprias palavras *dela* para condená-la, é preciso, antes de tudo, de alguma forma captar-lhe a confiança. Penso que sei como consegui-lo!

Fiz uma pausa proposital. Desta vez, olhou-me com mais atenção e perguntou:

— O que tens em mente?

Seus olhos brilharam quando respondi:

— A cela é escura e *ela* ainda não teve oportunidade de nos conhecer a todos. Anseia tão desesperadamente por receber os sacramentos da Igreja que certamente não suspeitará de um pobre padre loreno, prisioneiro dos ingleses, o qual poderá ouvi-la em confissão.

— Um padre loreno, prisioneiro? Quem?

— Eu.

— E desde quando tu és loreno? — replicou ele, agora sorrindo.

— Como diria o futuro Arcebispo de Rouen, estamos falando de política, não de geografia.

— É uma grande ideia, — disse ele sorrindo amplamente, mas quase logo seus olhos exprimiram insatisfação — no entanto, será de pouca serventia se não pudermos registrar aquilo que *ela* te disser...

Sorri então e repliquei:

— Isto é mais fácil ainda. Vossa Reverendíssima precisará de apenas um ou dois pedreiros.

Os olhos de meu amo brilharam e percebi que ele já tinha compreendido, mesmo antes que eu dissesse:

— Basta que se abra uma fresta bem camuflada entre a cela e a antecâmara. Isto pode ser feito sem problemas enquanto *ela* estiver sendo interrogada. Coloquem-se ali os escrivães e teremos todos os registros que nos possam ser úteis.

Seu rosto expressou satisfação plena quando me disse:

— Esplêndido! A fresta será criada e tu te prepares para fazer jus a teu nome<sup>199</sup>.

— Quanto a isto, Reverendíssimo, considerarai-o feito — respondi, mal podendo conter o orgulho diante de sua aprovação.

Contudo, houve problemas com que não contávamos. Os escrivães, com Manchon à frente, para nossa surpresa, recusaram-se a colaborar. Este alegou que poderiam testemunhar o terem ouvido as palavras que a acusada dissesse, mas quanto a transcrevê-las, naquelas circunstâncias, era absolutamente ilegal. Caso, contudo, *ela* repetisse-as durante as inquirições, poderiam fazê-lo sem maiores problemas.

Esperava que Monsenhor vociferasse para intimidá-los, mas não somente não o fez, como, para minha grande surpresa, aceitou seus argumentos, mostrando-se não apenas convencido, como, inclusive, grato por tão leal e correta assessoria, dizendo-lhes mesmo que, com isso, a honestidade e a integridade deles subiram ainda mais em seu conceito.

---

<sup>199</sup> Arapuca (ou passarinho), *aucupis* em latim, *l'oiseleur* em francês, vide nota 98. Nas diversas fontes bibliográficas consultadas, seu nome é também escrito nas variações gráficas *l'Oyseleur*, *Loyseleur* e *Loiseleur*.

Assim que saíram e me vi a sós com meu amo, seu sorriso condescendente transformou-se numa careta aborrecida. Olhei-o, interrogativamente, e ele me respondeu:

— Um verdadeiro político sabe em quem bater e a quem ceder. Não importa. Faze a tua parte com *ela* e o restante faremos nós.

Resolver este problema foi menos difícil do que parecia. Beaupère pôs à nossa disposição um serviçal seu, o Padre Jean Monnet, e mais alguns outros, que, por medo ou por desejo de agradar gente importante, dispuseram-se a fazer este serviço.



## Entrevista na Prisão

...posso me lembrar com clareza da primeira vez que conversei com *ela* face a face. Subi em companhia de Jean Monnet e mais dois auxiliares, além do Cavaleiro John Gray, chefe dos carcereiros. Já havia entrado tantas e tantas vezes em calabouços piores que aquele, que há muito tempo tais coisas não me despertavam mais quaisquer emoções. No entanto, pareceu-me que agora e só agora me dava conta de quão estreita, úmida e escura era a torre, cujas paredes tomada pelo musgo causavam-me impressão estranha e mais fácil de se sentir que definir.

Por mais que eu estranhasse, era forçado a admitir que estava nervoso, ainda mais do que quando fui julgado pelos lentes da Universidade para receber meu título de Mestre em Artes. Enquanto subia os degraus, por um momento me esqueci de quem era, para sentir-me verdadeiramente um prisioneiro, com todas as angústias e terrores possíveis daquela situação, cercado por paredes grossas cobertas de limo, os olhos em busca de um mísero raio de sol, enquanto um frio suor descia pelo meu rosto.

Entramos na antecâmara, onde me senti como numa cripta. Mas me contive e mandei que John Gray aguardasse do lado de fora, a fim de que o segredo não vazasse. Ele atendeu de má vontade e a seguir examinei cuidadosamente a comunicação. De lá, pude ver as costas da prisioneira, ajoelhada junto a seu catre, voltada para a minúscula janela que a custo permitia a entrada de um ralo raio de sol. Antes que perdesse a coragem, sussurrei ao Padre Monnet para que examinasse, o que fez rapidamente e sem qualquer emoção, cochichando que era perfeitamente adequada. Pela forma como o fez, concluí que coisas assim não eram novidades para ele.

Saí então e acenei ao carcereiro, que me conduziu àquele estreito cubículo hexagonal, úmido e escuro, que era a cela da prisioneira. Ao chegarmos, ele então me empurrou brutalmente para dentro, dizendo palavras chulas sobre como eu deveria fazer para que a Donzela deixasse de ser donzela, saindo a seguir. Tudo previamente combinado, e mesmo assim, naqueles momentos aquilo me chocou terrivelmente e precisei de um tremendo esforço para me lembrar de quem eu era e o que viera fazer ali, pois *ela* levantou-se rapidamente, encarou-me e perguntou, com voz firme:

— Quem sois vós?

Embora houvesse preparado cada frase de antemão, vacilei, pareceu-me que tudo quanto houvera memorizado para este momento se esvaía. Agudo senso da própria indignidade bradava dentro de mim, como se fosse possível sê-lo mais do que já tinha sido. Consegui enxotar pensamento tão importuno e respondi, afetando hesitação:

— Apenas um companheiro de infortúnio, Madame.

*Ela* se aproximou e pela primeira vez pude ver de perto *seu* rosto e *seus* olhos, tanto quanto era possível na penumbra da cela. Ao encará-la, por muito pouco não deixei escapar um grito inconveniente. Lembranças da minha infância jorraram em catadupa, daquele vulto amoroso que me aparecia em sonhos e que eu julgava então ser a própria Virgem Santíssima. *Havereis de lembrar-vos quando reconhecê-la*, bem me dissera o cigano.... Suspirei fundo, procurando dominar-me. Supus que *ela* estivesse tendo emoções parecidas, pois ficou me olhando em silêncio por alguns instantes, antes de me perguntar:

— Por que estais preso?  
— Sou culpado de dois crimes hediondos — respondi, suspiroso.  
— Dois crimes? — perguntou a prisioneira, em atitude defensiva.  
— Aos olhos deles, sim: o primeiro é ser francês, da nossa amada Lorena; o segundo é ser um padre que acredita na Donzela.

*Ela* pareceu surpreender-se, depois suspirou e disse:

— Sois padre, então?!...

— Pela graça de Deus. E, apesar de tudo, muito feliz por estar em vossa presença. Ah, não tendes ideia do quanto sonhava e desejava conhecer pessoalmente a Donzela que realizou tantas maravilhas! — respondi num tom tão emocionado, que se diria verdadeiro.

*Ela* me olhou atentamente, como se me estudasse, e perguntou:

— Vosso nome?

— L'Oiseleur. Nicolas l'Oiseleur. E mais feliz ainda pela oportunidade de vos oferecer o consolo e o conforto de nossa santa religião.

— Sois da Lorena, dissestes? Vosso nome não me é familiar, Padre...

Naturalmente, mas a memória já me acudira e me havia preparado para a pergunta.

— Decerto porque há muitos anos a vida me afastou da terra natal.

O prolongado silêncio que se seguiu me inquietou, e *lhe* perguntei:

— Algum problema?

— Não, padre. Apenas... lembrei-me de um incidente da minha infância.

Temí que *se* lembrasse da mesma coisa que eu acabara de lembrar, mas *ela* prosseguiu:

— Certa vez minhas amigas foram com seus pais fazer uma peregrinação em Neufchâteau. Havia planejado ir com elas, mas não pude, pois precisei cuidar de Catherine, minha irmã, que estava perto de dar à luz. Na ocasião, elas conheceram um padre cujo nome não guardaram, mas deveras gentil, tão gentil, que inclusive mandou por elas alguns doces para mim, mesmo sem me conhecer.

— E... chegastes a comê-los? — perguntei, com voz sumida.

— Não — respondeu, — sempre que ia fazê-lo, alguma coisa me impedia. Por último, minha mãe disse-me que os havia dado a Catherine, que os viu e ficou com vontade. Eram só dois...

— E... — mal pude ouvir a própria voz.

— Na mesma noite ela se queixou de fortes dores e começou a parir, mas tudo o que fizemos e todas as nossas orações foram inúteis: ela não resistiu, nem o seu bebê... enfim, foi a vontade de Deus...

A lembrança pareceu comovê-la, seus olhos se encheram d'água e a voz *se-lhe* embargou. Por isso não deve ter percebido a palidez que por um momento esfriou o meu rosto. Como olhasse para mim interrogativamente, apressei-me em *lhe* responder:

— Não, não era eu.

Ficamos em silêncio por um pouco, parecendo-me que *ela* assimilava a informação. A seguir, lentamente me disse:

— Eu já não sei mais com o que devo me alegrar ou preocupar. Quando soube que seria julgada pela Igreja, acreditei que isto seria minha salvação, pois ela já me julgara em

Poitiers<sup>200</sup>, e na ocasião considerou bom tudo quanto eu disse que faria em nome de Deus. No entanto, agora sou acusada por ter feito exatamente aquilo que ela aprovou antes. Como é possível que eu seja julgada duas vezes pela mesma causa? Como entendê-la, se condena hoje o que aprovava ontem? Bem, vós sois padre e talvez possais me explicar por que a Igreja mudou de ideia!

Seria uma pergunta séria, se as questões da fé não fossem meros pretextos para nossas manobras políticas. Respondi-*lhe*:

— Madame, a questão não está na Igreja, e sim nos partidos. Em Poitiers os clérigos eram do partido armagnac. Aqui, são dos ingleses, e isso faz toda a diferença.

— Antes de serem de qualquer partido, são da Igreja!

Senti um choque ao ouvir dos lábios daquela jovem as mesmas palavras que foram minhas em outros tempos, enquanto *ela* prosseguia:

— Afinal, julgava que a Igreja fosse apenas uma, em Rouen ou em Poitiers!

“Eu também, mas já passei dessa fase”, quase *lhe* disse. Mas consegui medir as palavras:

— De fato, ela é uma só. No entanto, quando os padres são de partidos diferentes, querendo ou não, devem forçosa obediência a senhores diferentes.

— Deus tem que ser obedecido em primeiro lugar!

— Madame, ledes a Bíblia?

— Ler? Não sei distinguir o A do B.

— Sabeis que a Palavra de Deus diz textualmente: *Dai a César o que é de César...?*

É claro que não completei o resto da citação<sup>201</sup>. Essa é uma das grandes vantagens de os católicos serem proibidos de conhecer a Bíblia por si mesmos<sup>202</sup>. Assim, estamos sempre em vantagem, podemos citá-la no todo ou em parte, escolhendo os versículos que justifiquem as conveniências do momento. O que não *a* impediu de replicar:

— Vós podeis ler a Escrituras Sagradas, Padre, enquanto eu não passo de uma camponesa ignorante. Assim mesmo, entendo que devemos obediência às autoridades humanas, sim, porém, Deus tem que ser obedecido em primeiro lugar! E se Ele ordena uma coisa e os homens outra, é preciso obedecer antes Àquele que a estes, custe o que custar!

Eu me senti perturbado. Todos os conhecimentos que eu acumulara durante anos ficaram mudos, sem resposta a este questionamento elementar. A não ser que eu *lhe* dissesse a verdade: que Deus não passava de uma abstração, e Suas leis, apenas lindos ideais, perfeitos para os Anjos, mas inaplicáveis no mundo dos homens.

— Madame, sou apenas um simples padre...

*Ela* pareceu chocar-*se* com o que eu disse e retrucou, agitada:

— Um simples padre! Achais então pouca coisa o dom de ler e entender as Escrituras Sagradas, para guiar as pessoas ao encontro de Jesus Cristo?!

---

<sup>200</sup> Por ordens do então Delfim, Joana d'Arc foi submetida a um Julgamento eclesiástico dirigido pelo Arcebispo de Reims em Poitiers, entre março e abril de 1429, cuja conclusão final fora favorável a *ela* (vide páginas 189 e 488).

<sup>201</sup> ...e a Deus o que é de Deus. Novo Testamento, Mateus, 22:21.

<sup>202</sup> A partir do Concílio de Toulouse, em 1229, os leigos foram proibidos de possuir o Velho e o Novo Testamento, bem como de se manifestarem sobre a Bíblia. Esta proibição foi suspensa somente no século XX.

Hesitei antes de replicar:

— Ah! Mas vossos juízes são todos Bacharéis, Mestres e Doutores...

— E de que lhes serve tudo isso, se não conseguem ver o óbvio?

— E o que é óbvio, Madame?

— Que por mim própria não teria podido ter feito nada do que fiz, a não ser que eu fosse enviada de Deus! Afinal de contas, quem era eu? Uma simples camponesa que só sabia fiar e bordar, nem sequer sabia montar um cavalo!

Hesitei e retruquei:

— Madame, pode não ser tão óbvio assim... não estou dizendo que é o vosso caso, é claro, mas não olvideis que o Diabo também tem seus poderes...

— Ou seja, cada lado julga segundo as próprias conveniências: enquanto os franceses cantam que minhas vitórias vieram de Deus, os ingleses gritam que foram obra do Diabo! Mas os padres, por seus votos, por seus estudos, deveriam ter um julgamento acima dos interesses políticos. Deveriam saber que tudo o que fiz foi pela vontade de Deus!

— Mas eles sabem, Madame. Eles sabem.

As palavras me escaparam dos lábios antes que pudesse retê-las. *Ela* voltou-se de imediato para mim, surpresa, e me olhou nos olhos ao perguntar:

— Como sabeis disso?

Julguei ver desconfiança em *seu* rosto e vacilei, mas respondi:

— Bem... eles deveriam saber. Julguei por mim. Parece-me tão óbvio...

— Acreditais em mim, então?

— Por isto é que estou preso, como já *vos* disse.

Eu próprio estranhei o tom que imprimi às minhas palavras. Era como se eu realmente acreditasse e cheguei a sentir um instante de alívio por isso, mas repeli depressa tal pensamento. Aquela não era a hora de eu me transformar num tolo.

— Então, por que a Igreja não me defende, ao invés de me acusar? Terei que entender que ela está mais preocupada em atender aos interesses políticos do que à vontade de Deus?

“Já deveria ter entendido, se não fosse uma camponesa ingênua e tola!” quase lhe respondi. No entanto, soube me conter. Jamais poderia suspeitar que eu, Mestre em Artes, teria tanta dificuldade para sustentar um diálogo com uma simples campesina. Mas consegui responder-*lhe*:

— Não digo que não obedestes às ordens do Céu, mas errastes por cumpri-la antes que a Igreja, única intérprete da vontade de Deus na Terra, desse o seu aval.

*Ela* sacudiu a cabeça e retrucou, veemente:

— Porventura em Poitiers a Igreja não me aprovou? Contudo, ainda que não o fizesse, à Igreja cabe fazer cumprir a vontade de Deus, e não o contrário! Ou o Rei do Céu e da Terra obedece a Seus ministros?

Não soube o que responder. Aquela conversa tomava um rumo que me perturbava. Num momento, lutava contra a tentação de sacudir a cabeça, penalizado diante de tamanha ingenuidade. Bem, não se poderia esperar mais de uma filha de gente simples, amestrada desde a infância para acreditar cegamente em tudo o que ensinávamos. Ao mesmo tempo,

no entanto, sentia-me tomado por um vago temor de algo que não era capaz de definir. Por isso, tratei de direcionar a conversa para o verdadeiro objetivo:

— Tendes recebido os santos Sacramentos?

*Ela* suspirou e disse:

— Como os desejava... pedi para recebê-los, mas o Bispo não mo autoriza.

— Que crueldade!... — disse, melífluo. — Bem, eu não tenho comigo a Hóstia Sagrada, mas posso ouvir-vos em confissão, se o desejardes.

A alegria com que a camponesa recebeu a proposta causou-me um misto de vitória e decepção. Para quem se afirmava inspirada por Deus, *ela* não era menos parva do que a generalidade das camponesas, e como todas, confiaria seus segredos a algumas varas de tecido, sem se precaver de que o Diabo também pode usar batina.

Enquanto *ela* falava, olhei de soslaio várias vezes para o canto onde supus estar a fresta. Sim, fora um trabalho de mestre, pois, por mais que eu a buscasse, não conseguia localizá-la. Do outro lado, o Padre Monnet e seus auxiliares deviam estar passando cuidadosamente para o pergaminho tudo quanto escutavam, ainda que seus escritos não pudessem ser usados como peças no Processo, pois não eram escritões oficiais.

Ao mesmo tempo, lembranças e mais lembranças embaraçosas, sobretudo as de meus primeiros anos de sacerdócio, enterradas há tanto tempo no cemitério dos lindos ideais da juventude, teimavam em ressuscitar, indo e vindo como que provocadas não pelas palavras *dela*, mas por *sua* simples presença, e, por mais que eu as rechaçasse, repetindo a mim próprio que tudo quanto eu fazia estava rigorosamente dentro das leis, parecia ecoar em meus ouvidos a velha frase do proscrito Direito Romano: *Non omne quod licet honestum est*<sup>203</sup>, enquanto eu lutava por enxotar pensamentos tão altamente inoportunos tentando me concentrar exclusivamente naquilo que a prisioneira dizia.

Em consequência, este evento acabou se tornando uma desgastante batalha que me vi forçado a travar em meu íntimo, de tal forma que, quando *ela* terminou, sentia-me exausto, esgotado. Não obstante, todo esse esforço foi por nada, pois em momento algum a camponesa nos disse nada daquilo que precisávamos ouvir. Então, respirei fundo e, não sem receio, fiz uma tentativa de tratá-la de maneira mais familiar e menos formal, escolhendo cuidadosamente cada palavra, no tom mais suave que consegui:

— Certo, minha pobre criança. Certo. Contudo, estás segura de tudo ter dito a teu confessor? Não terás esquecido algo deveras importante?

Por um instante *ela* me encarou e temi ter falado o que não devia.

— Por quê, Padre? Esperáveis que eu confessasse algo em particular?

O tom de desconfiança me surpreendeu e perturbou. Respirei fundo e repliquei, num esforço para manter a linha de ação:

— Minha filha, ao longo dos meus muitos anos de sacerdócio, tenho visto as pessoas hesitarem em confessar determinadas coisas, pelas mais variadas razões. Naturalmente, não *te* farei o feio juízo de crer que estás desconfiada de *teu* confessor.

---

<sup>203</sup> *Nem tudo o que é lícito é honesto*. Digesto, 50, 17, 144. A oposição da Igreja ao Direito Romano era tal que levou o Papa Honório III em 1219 a proibir seu ensino na Universidade de Paris, proibição esta que só foi revogada por Luís XIV em 1679.

*Ela* vacilou, parecendo envergonhada, mas respondeu a seguir:

— Não, Padre. De nada esqueci.

— Tens certeza? Lembra-te de que a confissão é um sacramento, é coisa sagrada...

*Ela* me olhou firmemente e então retrucou num tom que me desagradou:

— O que deixei de falar, minhas Vozes me ordenaram não revelar a pessoa alguma que não ao meu Rei.

Senti-me tomado de surpresa, mas voltei à carga:

— Sim, entendo que elas *lhe* disseram para não fazê-lo a qualquer um. Porém, pela graça de Deus, não sou padre?

— Meus Juízes também o são.

Cada frase *dela* deixava-me atônito, mas insisti, mansamente:

— Sim, é verdade. Mas não sou *teu* confessor, pela graça de Deus? No entanto, como sê-lo sem gozar de *tua* plena confiança? Não há o que temer, não terás desobedecido às tuas Vozes, pois, o segredo da confissão é santo e selará meus lábios para sempre sobre o que quer que me seja revelado...

Dizia isso transpirando, contendo-me para não olhar de forma ostensiva para a abertura camuflada, ao mesmo tempo temendo e desejando que *ela* captasse o sentido de minhas palavras melífluas. A prisioneira pareceu hesitar, ficou por um pouco em silêncio, e por fim respondeu:

— Talvez tenhais razão, Padre. Contudo, tenho ordens de minhas Vozes, e, sem a permissão delas, nada mais direi sobre isso a quem quer que seja.

Não sei qual expressão meu rosto demonstrou. Por um lado, fiquei extremamente aborrecido. Tanto esforço e cuidado na elaboração de uma armadilha, que, por fim, fechou-se em nada. Ao mesmo tempo, contudo, algo dentro de mim começou a insinuar uma pergunta pouco menos que absurda: e se de fato as tais Vozes fossem mais do que o fruto da imaginação exaltada de uma camponesa fanática?

De toda maneira, achei por bem não insistir. Afinal, poderia perder *sua* confiança querendo conseguir demais. Os guardas vieram buscar-me, e despedi-me afetuosamente da prisioneira, concedendo-lhe a absolvição e fazendo sobre ela o sinal-da-cruz.

Enquanto isso, aproveitava o tempo buscando ganhar a confiança da prisioneira. Na terceira visita, tratei de vestir a máscara mais adequada ao certame. Afetei ar de compunção e entrei com o rosto de quem tivesse acabado de perder a própria mãe. *Ela* percebeu-o, como não poderia deixar de ser, e perguntou, preocupada:

— O que tendes, Padre? Parece que algo horrível aconteceu-vos...

— E aconteceu, Madame. Algo tremendamente doloroso para nós dois...

*Ela* ergueu o corpo como se se preparasse para enfrentar um golpe, mas aguardou minhas palavras. Fiz que hesitei, como quem tem que dar uma notícia má, depois *lhe* falei:

— Melhor que te diga tudo de uma vez. Monsenhor de Beauvais recebeu autoridade para tratar de teu caso em Rouen como se fosse a diocese dele, como bem lhe parecer. Assim, pode convocar quem quiser como assessor, e ninguém pode se recusar! E agora, ordenou-me que tomasse parte em teu Julgamento como um de seus assessores, ao preço da minha liberdade! Não me poderia ter acontecido desgraça maior!

E encobri o rosto com as mãos, deixando, é claro, uma fresta entre os dedos que me permitisse observá-la. Ambos ficamos em silêncio durante algum tempo, ao fim do qual *ela* me disse:

— Se Deus achou por bem assim, é porque assim deve ser o melhor.

Como se houvesse tomado uma súbita decisão, ergui a cabeça e falei de repente:

— Não! Não posso fazer isso! Hei de me recusar, quaisquer que sejam as consequências! Prefiro enlanguescer na prisão a pão e água pelo resto de meus dias!

*Ela* replicou vivamente:

— Não o façais, Padre! Iríeis perder-vos sem salvar-me! Podereis valer-me mais assim, se o desejardes, do que de outra forma. Seja como for, nestas condições tereis permissão para visitar-me e dar-me conselhos. Talvez esta seja a oportunidade de convencer meus Juízes de que verdadeiramente sou boa cristã, fiel à Igreja desde a infância.

Por um instante, eu me senti mais sujo que um rato no monturo, estive ao ponto de me ajoelhar a *seus* pés e confessar toda a minha baixeza. Naquele momento, algo dentro de mim dizia-me que, se o fizesse, estaria salvando a minha alma. Precisei evocar tudo aquilo que ganharíamos com a *sua* morte, coisas palpáveis e boas demais para serem desprezadas em favor de uma alma que — à semelhança do centauro ou do grifo<sup>204</sup> — muitos dizem que existe, mas ninguém o prova. Finalmente pude dominar-me e respondi-*lhe*:

— Tens mil vezes razão, filha querida! Farei todo o possível para isso, juro-vos pela minha fé católica!

Podia jurar sobre isso sem mentir, uma vez que jurava sobre o que hoje era nada.

Então, alonguei o olhar para o catre onde se amontoava a palha. Ao nível do chão, um objeto despertou minha curiosidade e me aproximei. Era uma gamela, onde se via um resto de comida, se é que aquilo poderia ser chamado assim. Senti um aperto no coração ao me abaixar e tomar nas mãos o objeto, enquanto perguntava à prisioneira, apontando para o conteúdo, como se aquilo fosse novidade para mim:

— O que é isso?

— Minha razão.

— Nisto? — disse eu, sacudindo a gamela em minha mão.

*Ela* sacudiu a cabeça, concordando.

— Nisso se dá comida aos animais!

*Ela* repetiu o gesto. Olhei para o conteúdo e disse, quase gritando:

— Chamas isto de razão? Os animais do Cardeal se recusariam a comer isto!

— Eles podem dar-se a esse luxo. Eu, não.

Como eu nada dissesse, a acusada continuou, olhando para mim com uma expressão que não fui capaz de entender:

— Felizmente, sou filha de camponeses, Padre, e desde cedo aprendemos a comer o que temos, se temos, e gratos a Deus quando temos.

Ficamos em silêncio por um tempo, e meu pensamento levou-me para fora de mim. Olhava para a prisioneira, sem mesmo ter certeza do que via, ao mesmo tempo em que meu

---

<sup>204</sup> Animais lendários. O **centauro** seria metade homem, metade cavalo; o **grifo** teria cabeça e asas de águia num corpo de leão.

pensamento me conduzia de volta no tempo, à primeira visita que fizera aos calabouços em companhia de Monsenhor. Um sentimento indefinível premiu meu coração, enquanto olhava para aquela jovem de tão leonina coragem, tão galharda nobreza de alma e tão lúcida inteligência, destinada a se tornar uma daquelas monstruosidades. O brilho de *seus* olhos, a altivez de *seu* porte, seriam massacrados até que *ela* também se tornasse imunda, fétida, desgrenhada, refocilando no chão para mastigar o pão coberto de cinzas, a sopa aguada e a água turva que servia de ração aos prisioneiros.

Voltei a mim ao ouvi-*la*:

— Mas isto não deveria surpreender-vos! Afinal, também vós não fostes trazido para aqui como prisioneiro?

Aquilo me paralisou e fiquei sem resposta. Achei que iria ser desmascarado naquele exato momento. No entanto, *ela* mesma respondeu num tom que me tranquilizou:

— Naturalmente que, prisioneiro ou não, sois padre e não vos tratarão como a mim.



## Reclamos do Padre Martin l'Advenu

*Aquele 20 de fevereiro de 1430 marcou o início de minha participação oficial no Julgamento. Meu coração exultou quando, depois de anos de bajulações e súplicas improfícuas por uma chance de estudar na própria Universidade de Paris, vi meu nome indicado para compor o corpo de assessores de um processo cujos componentes eram a nata da nata cultural do século, o que faria de mim partícipe de um evento da mais alta magnitude. Era a grande chance da minha vida para sair da obscuridade na qual vivera até então, e foi com o mais indescritível orgulho que me encaminhei ao Palácio Arquiepiscopal de Rouen, onde seria recebido pessoalmente pelo próprio Bispo de Beauvais, a quem até então conhecia apenas de vista e pela fama, nutrindo no íntimo a esperança de chamar sua atenção e tornar-me seu protegido, pois, para mim, aquela convocação inusitada significava que, por menos que eu conhecesse Monsenhor de Beauvais, ele certamente me conhecia.*

*Recebeu-me de forma afável e beijei seu anel com a mais viva emoção; a seguir, apresentou-me formalmente ao demais. Saudei-os com a devida reverência, à qual responderam friamente, olhando-me como a um intruso e ignorando-me a seguir, o que fez arrefecer bastante meu entusiasmo. Ficaria o resto do tempo esquecido num canto se não tivesse recebido a atenção de l'Oiseleur, que de maneira discreta pôs-se ao meu lado e passamos a conversar, graças ao que pude me sentir menos deslocado.*

*Aquele gesto de delicadeza predispôs-me a olhá-lo com bons olhos, e ao conversar com ele logo percebi a vastidão de sua cultura e a solidez de seus conhecimentos, expostos de forma tão simples e modesta que me encantou. Tudo isso aliado ao rosto de linhas delicadas e harmônicas, marcado por um olhar e um sorriso melancólicos que lhe davam ar de juventude (mal pude acreditar quando descobri que era uns sete anos mais velho do que eu!), fez com que eu julgasse-o dotado das mais belas qualidades de alma.*

*Senti-me, por outro lado, cheio de decepção e de incômodo, pois não precisei de longas elucubrações para concluir que jamais estaria à altura de competir com ele pelas graças de Monsenhor de Beauvais. Procurei consolar-me pensando que maiores seriam as minhas chances tendo-o como amigo do que como concorrente. Afinal, o amigo do meu amigo é quase meu amigo.*

*Ficamos próximos durante quase todo o tempo, inclusive depois da chegada de le Maistre, tendo eu achado muito estranho que o Vigário da Inquisição se portasse como um escolar faltoso diante dos mestres, e apenas eu e l'Oiseleur não participamos da avalanche de críticas que suportou antes que o Bispo a detivesse, e mais uma vez admirei-lhe a energia que obtinha silêncio com um simples gesto de mão...*

## 1º Interrogatório Público — 21 de fevereiro

*Todos aqueles grandes homens  
que te julgaram,  
esses Doutores, esses sábios...  
creem firmemente no Diabo,  
porém, não querem crer em Deus:  
o Diabo é a realidade,  
os Anjos são aberrações...  
Tal é a ciência da Sorbonne.*

Paul Claudel

Foi com tremenda expectativa que ouvimos o sino repicar solemente oito vezes, naquela manhã de quarta-feira, 21 de fevereiro, na Capela Real do Château de Bouvreuil, e demos abertura oficial à primeira sessão pública. O local encontrava-se repleto, graças à maciça presença dos vilões mais à retaguarda, a murmurar de tal forma que o burburinho faria pensar numa feira. Para estes, a quem ofereceríamos o espetáculo de esmagar uma camponesa iletrada com a pujança de nossa inteligência e conhecimentos, o evento seria o equivalente a uma festa, assim como a futura cremação.

Anunciada a presença do Bispo, do Promotor e dos demais Assessores, todos ficaram em pé e fez-se o silêncio. Por um momento, meu amo espraiou os olhos em torno como um César para os súditos, e os presentes sentiram-se todos como súditos a olhar para um César. A seguir, com um gesto fez-nos sentar e deu ordem para que fosse iniciada a leitura dos documentos que oficializavam o início do Julgamento. De início, foi lida a carta do Rei encaminhando a prisioneira para nós; a seguir, a do Capítulo de Rouen outorgando-nos a cidade para nosso uso; depois, a ordem de Monsenhor ao Oficial de Justiça para que intimasse a acusada a comparecer diante de nós; e por último a resposta deste à ordem recebida.

Foi então que a personalidade da prisioneira começou a dar um cunho único a este Julgamento, antes mesmo que *ela* se apresentasse diante de nós: às palavras protocolares de Massieu seguiu-se um elemento novo que surpreendeu a todos ao ouvirmos que:

—...a dita Jehanne replicou que estaria disposta a comparecer diante de vós e responder com a verdade acerca das perguntas às quais fosse submetida; que, não obstante, *ela* vos requer que convoqueis para este julgamento eclesiásticos do partido da França em igual número dos do partido da Inglaterra, e, ainda mais, *ela* humildemente roga-vos, reverendo Pai, a permissão para ouvir a Missa antes de comparecer diante de vós...

Houve um momento de silêncio, em que todos voltamos os olhos para o Bispo. A tensão foi quebrada quando d'Estivet tomou a iniciativa requerendo “com a máxima urgência” que a prisioneira fosse trazida para o local e, enquanto *ela* não chegava, abordou os pedidos dando ênfase ao segundo, a fim de podermos ignorar o primeiro:

— ...porém, como entrementes essa mulher pediu-nos permissão para ouvir Missa, informamos a vós Juízes que, em resposta ao pedido, consultamo-nos com notáveis Doutores e Mestres nesta matéria, e tendo em vista os crimes pelos quais essa mulher é acusada, especialmente o uso de roupas impróprias às quais *ela* se apegava, eles

consideraram apropriado adiarmos a permissão para ouvir Missa e assistir os divinos ofícios<sup>205</sup>.

Nem Monsenhor nem d'Estivet julgaram necessário explicar que a *consulta com notáveis Doutores e Mestres nesta matéria* limitou-se a uma breve discussão entre eles e eu, na qual concluímos que a camponesa não deixava de ser astuta: sob a aparência de devoção, o que realmente desejava era demolir um dos nossos mais fortes argumentos, pois, se atendêssemos ao *seu* pedido, estaríamos implicitamente aprovando o uso das roupas masculinas que pretendíamos usar contra *ela*. Nem sequer nos ocorreu que a prisioneira pudesse estar sendo sincera ao dar importância àquilo que, aos nossos olhos, há muito não passava de mero ritual.

Que eu soubesse, nenhum de nós *a* tinha visto ainda. Embora eu já *lhe* tivesse falado, foi dentro de uma cela escura que ocultava os detalhes mais excitantes para minha curiosidade. Enquanto o Promotor terminava de falar, ouvimos passos e todas as cabeças se voltaram para a porta, a fim de ver com os próprios olhos a temível guerreira que derrotara nossas forças em Orléans, Jargeau, Meung e Patay; que, numa arrancada de uma audácia digna do próprio César, retomara Troyes, Châlons e Reims sem perder sequer uma flecha; o virago diante do qual nossas tropas simplesmente desertavam. Massieu adentrou o recinto, seguido dos guardas, que empurraram para dentro, quase derrubando, uma figurinha miúda, acorrentada, que no primeiro momento mais parecia um pajem, cujas vestes negras de gentilhomem acentuavam ainda mais *sua* grande magreza. Assim, pela primeira vez comparecia a acusada diante de nós. Suspiros, risotas e expressões de incredulidade receberam-na em toda a sala. Era como se nos anunciassem Hércules e entrasse um saltimbanco de feira interpretando-o.

Minha decepção fora de outro tipo. Ouvira tanto falar de *sua* grande beleza que *a* julguei muito aquém da fama. Comparei-a com as diversas mulheres de que me servira para aplacar meus desejos carnis, e, com a mais absoluta franqueza, achei todas muito mais carnudas e apetitosas do que aquela jovem pálida de cabelos negros e curtos em desalinho.

Não obstante, algo em *sua* atitude chamou minha atenção. Correu os olhos em volta pela sala, para as tochas a iluminar parte do ambiente, os guardas de cenho fechado ostentando suas armas, e *se* demorou algo mais num Cristo crucificado que pendia sobre nós, para o qual fez um discreto sinal-da-cruz, gesto este que, por um instante, causou-me indefinível perturbação. Postura ereta, olhar atento, não *se* mostrava intimidada com todo o aparato do tribunal. Aquilo me causou uma impressão estranha e comecei a suspeitar de algo que não fui capaz de definir.

*Ela* foi logo posta no seu local, onde deveria permanecer a ferros durante todo o interrogatório. A seguir, Monsenhor passou a falar sobre como a acusada fora feita prisioneira e capturada dentro dos limites de sua diocese de Beauvais; o quanto muitas de *suas* ações, não somente nessa diocese, mas em muitos outros lugares também, tinham

---

<sup>205</sup> Os prisioneiros da Inquisição eram proibidos de assistir missa ou qualquer ofício religioso, pois *...se forem inocentes — e, portanto, verdadeiros devotos — confessarão bem mais rapidamente para não ficarem ainda mais tempo privados da graça e das orações da missa dominical... (Directorium Inquisitorum, III, “O Inquisidor e o Bispo podem ter uma prisão comum para a guarda e cumprimento da pena?”).*

ofendido a fé ortodoxa, e o quanto a repercussão deles havia se espreado por todos os reinos da Cristandade; de como o Rei tinha encaminhado esta mulher a nós para julgá-la em matéria de fé, de acordo com a lei e a razão; e que por isto, considerando o rumor público e também determinadas informações já mencionadas, após madura consulta com homens sábios em Direito Civil e Canônico, determinou intimá-la e citá-la por escrito para que respondesse com a verdade pura e simples às perguntas em matéria de fé e outros pontos de acordo com a lei e a razão, como mostrado nas cartas apresentadas pelo Promotor.

Enquanto ele falava, *ela* punha os olhos nele atentamente, sem que *sua* atitude se alterasse, o que, pela segunda vez, causou-me a estranha sensação de que algo diferente de tudo quanto já tivera visto estava prestes a principiar. E na verdade, a batalha que duraria meses começou quase de imediato, logo após Monsenhor falar solenemente:

— Como é nosso dever guardar e engrandecer a fé Católica, nós, inicialmente, com o superior amparo de Jesus Cristo, a quem aqui representamos, caridosamente advertimos e requeremos à dita Jehanne, ora assentada diante de nós, para mais rápida conclusão do atual Julgamento e alívio de *sua* própria consciência, que responda com a verdade integral às perguntas feitas sobre estas matérias de fé, abstendo-se de quaisquer subterfúgios ou expedientes desonestos os quais a seu turno perturbam a sinceridade da confissão.

A seguir, dirigindo-se diretamente a *ela* pela primeira vez, Monsenhor ordenou-*lhe* que jurasse responder com absoluta verdade sobre tudo quanto *lhe* fosse perguntado, enquanto Massieu se aproximava da acusada carregando um missal, a fim de que *ela* fizesse o juramento com as mãos sobre ele, como de praxe. Mas a camponesa ergueu o rosto e encarou *seu* Juiz retrucando de forma que nunca, jamais tínhamos ouvido antes num julgamento deste tipo:

— Não.

Aquilo causou imediato “frisson”. Quase todos se entreolharam, perguntando em voz baixa o que significava aquilo. Que eu me lembrasse, jamais um acusado havia se apresentado a nós assim. Antes que o burburinho virasse balbúrdia, *ela* emendou:

— Eu não sei o que vós me perguntareis. Podereis me perguntar sobre coisas que não estou autorizada a responder.

No pandemônio que se seguiu, mais difícil era saber quem não gritava. A acusada olhava para todos os lados, como que tentando entender quem falava o quê. Por fim, foi preciso que o Bispo elevasse a voz, e o silêncio voltou à sala como que por encanto. Então, Monsenhor voltou a insistir com a prisioneira, das mais diversas maneiras, para que jurasse, ao que *ela* insistia em responder sempre da mesma forma. O tom das palavras e os olhares que sustentavam eram tais que ambos pareciam dominar-se a custo. Por fim, a acusada respondeu:

— No que diz respeito a meu pai, minha mãe, minha fé e tudo o que fiz, responderei com a verdade. No entanto, sobre as revelações que recebi de Deus, fui proibida por minhas Vozes de falar a qualquer outro que não ao Rei, e não falarei, nem mesmo para salvar minha cabeça!

O olhar com que Monsenhor enfrentou-a foi tal que, se ele tivesse uma espada na mão, a cabeça da camponesa rolaria de imediato; mas, antes que pudesse replicar-*lhe*, nova onda de protestos engoliu *suas* palavras e varreu a sessão. Todos se puseram a falar ao

mesmo tempo, criando uma balbúrdia de feira onde não consegui entender nada do que se dizia. Mais uma vez aquela voz feminina sobressaiu-se:

— Bons Padres, por favor, não faleis todos ao mesmo tempo! Deste jeito, correis o risco de confundir-vos uns aos outros!

A assistência não conteve a gargalhada, enquanto Monsenhor gritava exigindo silêncio. Sim, que a filha de camponeses zombasse de nós enquanto pudesse, pois nossos olhos diziam, mais e melhor do que em palavras, do quão caro estávamos dispostos a fazê-la pagar por aquele sarcasmo dirigido a pessoas social e intelectualmente muito acima dela.

Não obstante, isto não estava em nossos planos. De rotina, os acusados chegavam trêmulos, apavorados, dispostos a jurar por tudo o que quiséssemos. Estranhei ainda mais ao perceber que Monsenhor parecia tão perplexo quanto nós outros. Mas, como aquilo ameaçasse prolongar-se indefinidamente, por fim aceitou o juramento do jeito que *ela* insistia em fazer. Foi a primeira vez que vi nessas circunstâncias alguém obter uma vitória contra ele. No íntimo, considerei tal concessão um erro, mas procurava convencer-me de que meu amo provavelmente sabia o que estava fazendo.

A seguir, o Bispo tratou de atacar o interrogatório, que seria um dos mais breves de todo o Processo. De início, foi enveredando por temas aparentemente banais:

— Qual o *seu* nome e sobrenome?

— Em minha aldeia chamavam-me Jehannette. Depois que vim à França<sup>206</sup>, Jehanne.

— E *seu* sobrenome?

*Ela* pareceu hesitar, e respondeu em tom mais baixo:

— Nada sei a respeito.

Concordei, com um sorriso e um aceno de cabeça. Pelo visto, a camponesa tinha plena consciência de que o título inventado por *seu* rei, por mais que *a* lisonjeasse, jamais *lhe* conferiria a a legítima nobreza do sangue; não é em vão que se diz que *in quo nascetur asinus corio, morietur*<sup>207</sup>. Monsenhor seguiu perguntando o nome de *seus* pais e padrinhos, do padre que a batizara, do lugar onde nascera. Sobre quem *lhe* ensinara sobre a *sua* fé, respondeu-nos:

— Minha mãe me ensinou o Pai Nosso, a Ave Maria e o Credo. Tudo quanto aprendi foi com ela.

Sorri mais uma vez, entre escarninho e penalizado. Se todo o *seu* conhecimento de religião resumia-se a isso, então a teimosia era a única arma de que realmente dispunha para sustentar um debate com inquiridores cuja capacidade intelectual era motivo de admiração e assombro em todo o Ocidente.

— Sabe rezar o Pai Nosso?

— Sei.

— Faça-o.

---

<sup>206</sup> No sentido desta e de outras passagens semelhantes, chama-se França à parte que era governada diretamente pelo Rei; o restante, governado através dos senhores feudais, era chamado Reino da França.

<sup>207</sup> *No couro em que nascer, o asno há de morrer*. Provérbio medieval. Quem nasceu em baixa classe social, nela morrerá. Mais tarde, com o mesmo sentido, se disse: *quem nasceu pra dez réis não chega a vintém* (vinte réis).

— Eu o farei, desde que vós me ouçais em confissão.  
— Nós *lhe* ordenamos que recite o Pai Nosso! — trovejou o Bispo, imperioso.  
— Eu o farei, desde que vós me ouçais em confissão! — repetiu a acusada, também elevando a voz.

Mais uma onda de protestos. Monsenhor parecia furioso ao *lhe* dizer:

— Nós *lhe* mandaremos dois padres que *lhe* falem em francês, para que recite o Pai Nosso!

— Eu direi o Pai Nosso, mas somente se vós me ouvirdes em confissão!

Seguiu-se um longo momento de silêncio no qual o olhar com que ele fulminou-*a* foi simplesmente intraduzível. Suponho que meu amo, como todos nós, tenha nesse ínterim considerado os inconvenientes de dar início a mais uma polêmica semelhante à do juramento inicial, pois a seguir deu por encerrado o interrogatório do dia.

A seguir, foram convocados os Cavaleiros John Gray, Jean Berwoit e William Talbot. Sorri ao vê-los. Belos como Tércites, gentis como Aquiles e devotos como Mezêncio<sup>208</sup>, pareciam-me perfeitamente adequados para aquilo que esperávamos deles. Tendo jurado, com a mão direita sobre os Evangelhos, guardar fielmente a acusada, foi-lhes então formalmente confiada a guarda da prisioneira, com ordens de impedir que pessoas estranhas ao Julgamento, ou não autorizadas, pudessem falar-*lhe*.

(Por meio desta ficção, podíamos fazer de conta que eles estavam subordinados a Monsenhor e que a legalidade dos procedimentos estava sendo fielmente observada, calando a boca daqueles que cochichavam em surdina que o correto era a prisioneira estar guardada em uma prisão eclesiástica, tendo pessoas da Igreja como carcereiras.)

A seguir, o Bispo marcou novo inquérito para as oito horas da manhã do dia seguinte e ordenou que levassem a acusada de volta à cela. Os guardas se aproximavam para conduzi-*la*, olhando-*a* de soslaio e sorrindo de tal forma que, se eu fosse o objeto desses olhares e sorrisos, teria calafrios: era bem o de cães de rua a olhar para uma posta de carne. Mas *ela* não deve tê-lo percebido, pois de imediato voltou-*se* para o Bispo ao ouvi-lo dizer que estava proibida de tentar fugir da prisão, sob pena de ser acusada de heresia. A camponesa encarou-o e replicou:

— Recuso-me a prometer semelhante coisa. Assim, fique claro que, se eu vier a fugir, não terei quebrado minha promessa, pois quanto a isso não prometi coisa alguma.

Logo a seguir, teve o desprante de se queixar das correntes de ferro que *a* prendiam, o que provocou risos na assistência e mesmo entre alguns de nós. Até Monsenhor sorriu levemente ao retrucar-*lhe*:

— Você nega que já tentou fugir mais de uma vez?

A acusada como que caiu em si e disse-*lhe* em tom neutro:

— É verdade que quis fugir, e ainda quero. Afinal, esse é o direito de todo prisioneiro.

Ele então completou, afável:

---

<sup>208</sup> **Tércites**: lendário soldado grego da Guerra de Troia, célebre pela feiura e pelas deformidades físicas. **Aquiles**: lendário herói grego da Ilíada, célebre pela violência de seu caráter e de suas paixões. **Mezêncio**: lendário guerreiro etrusco da Eneida, célebre pelo seu ateísmo.

— Compreenda então que não é o nosso capricho, mas a *sua* atitude, que nos obriga a mantê-la a ferros por uma questão de segurança.

*Ela* não respondeu. Logo a seguir, os guardas levaram-na e a sessão oficialmente terminou. Monsenhor, d'Estivet, la Fontaine e eu caminhávamos lentamente para a saída quando Beaupère, Courcelles e Erart, separadamente, mas ao mesmo tempo, chegaram até nós e ficaram se entreolhando, hesitantes. Monsenhor perguntou com bonomia:

— Sim, o que desejais?

Depois de alguma hesitação, Beaupère tomou a iniciativa e falou algo bruscamente:

— Peço a Vossa Reverendíssima a graça de inquirir a acusada!

Os rostos de la Fontaine, Erart e Courcelles expressaram desagrado. Este último replicou em tom macio:

— Prezado irmão, vosso desejo de se expor à luta em defesa da Santa Igreja é bem digna de vós e honra-vos sobremodo. Não que vos julgue pouco qualificado para a tarefa, muito pelo contrário, mas é conveniente deixarmos Monsenhor escolher o mais apto...

Beaupère cortou-o:

— ...como vós, por exemplo, irmão Courcelles, ou vós ainda, meu caro Erart! Agradeço vossa boa opinião, embora não a tenha solicitado. Não obstante, com a mesma modéstia por que reconheço o talento de vós ambos, lembro-vos que fui vosso mestre e sou Doutor em Teologia Sagrada!

Foi quando la Fontaine, contrariado, tomou a palavra:

— Ouso lembrar-vos que Monsenhor já nomeou **por escrito** (ênfaticamente bem estas palavras) um inquiridor! Ainda que reconheça estar longe da capacidade de vós outros Bacharéis e Doutores, penso que se forem necessários conhecimentos tão sofisticados para resolvermos os problemas causados por uma reles camponesa, faríamos melhor atirando todos os nossos livros e títulos aos porcos!

— O único risco, irmãos, é *ela* realmente ser inspirada... — falei, reticente de propósito, pelo prazer de instigar.

— ...pelo Diabo, queres dizer, Irmão Aucupis! — disse Beaupère, olhando-me com desaprovação. — Somente ele inspiraria uma mulher a fazer tais coisas! Mas eu não tenho medo *dela*, nem dos demônios que possa chamar em *sua* ajuda! Deus está com a Sua Igreja, e se Monsenhor me der seu consentimento, vereis o que faz um verdadeiro filho da Igreja contra gente dessa laia!

Courcelles riu, aquele riso típico de duplo, de múltiplo sentido, ao dizer:

— Pois que Deus fale por vossa boca, Irmão Pulchripatris<sup>209</sup>. E que possamos ter a satisfação de presenciá-lo o quanto antes!

Ele percebeu e talvez a resposta fosse brutal, mas Monsenhor tomou a palavra:

— Com a permissão de Deus, vê-lo-emos amanhã mesmo. Tenho certeza de que nosso prezadíssimo Irmão de Fonte<sup>210</sup>, tendo em vista a admiração que vos consagra, e pensando nos interesses maiores da Igreja, aceitará de bom grado nossa decisão de ceder-te a acusada por ora! Porventura estarei enganado, irmão?

---

<sup>209</sup> *Pai Pulcro*, em latim. Nome latino de Jean Beaupère.

<sup>210</sup> *Da Fonte*, em latim. Nome latino de Jean de la Fontaine.

A pergunta, dirigida a la Fontaine num tom de voz mais alto, encontrou-o surpreso e decepcionado, mas respondeu em voz sumida:

— Jamais, Reverendíssimo.

Meu amo então prosseguiu:

— Irmão Pulchripatris, a Igreja agradece-te e rejubila-se por ter em seu seio um filho tão corajoso e dedicado. Inquiri a acusada, *ela é tua!*

A satisfação de Beaupère foi tanta que deixou de lado a irritação e, lembrando-nos a conversa que tivemos anos antes, garantiu-nos que não teria dificuldade alguma em provar que a tal Virgem da Lorena era tão diabólica quanto o próprio Merlin que a engendrara.

Erart, por sua vez, tomou a palavra:

— Sereis a vanguarda da Igreja, irmão Pulchripatris. Lutai com denodo e destemor, sabendo que, mesmo na pior hipótese, podereis contar com uma retaguarda sólida e vigorosa!

Ele crispou o rosto, mas dominou-se. Agradeceu a Monsenhor, despediu-se de nós outros secamente e se afastou a passos rápidos, fazendo-nos rir discretamente. Courcelles então tomou a palavra:

— Reverendíssimo, peço-vos respeitosamente escutar-me com paciência. Longe de mim o atrevimento de pedir-vos explicações. Contudo, permiti-me humildemente perguntar-vos se aos olhos de Vossa Reverendíssima estaria eu em condições de inquirir a prisioneira.

Erart fechou o cenho. Monsenhor pareceu vacilar, sorriu e respondeu:

— Não podemos permiti-lo, pois tua pergunta colocar-nos-ia numa situação bastante embaraçosa: se fôssemos absolutamente sinceros e fizéssemos jus à tua capacidade, correríamos o risco de tornarmo-nos instrumento de tentação para o teu orgulho; em caso contrário, estaríamos em pecado por faltarmos à verdade.

Courcelles se abriu em sorriso, mas que diminuiu visivelmente à continuação:

— Em verdade, estamos tão bem servidos de clérigos capazes e brilhantes que nossa maior dificuldade está sendo escolher um sem melindrar os demais.

Foi a vez de Erart sorrir, todavia la Fontaine mantinha u'a máscara de amargura no rosto. O primeiro, então, perguntou:

— Monsenhor, vós me permitis, sem incorrer em abuso ou no vosso desagrado, perguntar-vos o motivo da escolha recair sobre o irmão Pulchripatris?

Meu amo propositadamente demorou a responder:

— Meus caros, por que tanta ansiedade? Em que aumentará vossa glória o confronto com uma jovem camponesa iletrada? *Aquila non capit muscas*, lembrai-vos. O inquiridor é e continuará sendo o prezadíssimo irmão de Fonte, pois assim está escrito. Por outro lado, julgais mal que eu atenda ao pedido de um antigo e valioso companheiro que perdeu a preciosa mão direita ao serviço da Igreja? Isto em nada implica em menor apreciação de vossos valiosos talentos. Não tenhais dúvidas de que a ajuda de todos vós ser-nos-á tão preciosa quanto indispensável e não hesitaremos em solicitá-la sempre que necessário.

Os demais, entendendo que o Bispo gentilmente encerrava a conversa, agradeceram e se despediram.



## 2º Interrogatório Público — 22 de fevereiro

Ao início do segundo inquérito, Monsenhor tomou a palavra para falar da situação de le Maistre, que se encolhia mais e mais em seu assento enquanto ouvia as razões pelas quais não estava **por ora** (isto foi bem frisado) dirigindo o Processo em nome da Inquisição; não obstante, consultado em caráter oficial, dera parecer favorável, graças ao qual o Julgamento estava legalmente autorizado pelo Santo Ofício a prosseguir. Tão logo o Bispo fez silêncio, todos os olhares se voltaram para o Vigário da Inquisição, o qual, como que surpreso, levantou-se lentamente de seu assento, ajeitou-se dentro das roupas e replicou em voz alta, mas titubeante:

— Confirmo ser verdade tudo o que disse Vossa Reverendíssima, e é com a consciência tranquila que digo-vos para prosseguir com este Julgamento.

A seguir, a acusada foi trazida à nossa presença e o Bispo, erguendo-se do seu assento, ajeitou suas vestes, olhou-*a* do alto e disse-lhe, imperioso:

— Jehanne, basta de tergiversações! Hoje nós exigimos que você jure responder pura e simplesmente com a verdade a todas as perguntas acerca dos crimes pelos quais você foi difamada e acusada! A não ser que prefira arcar com as consequências e sofrer as penalidades que a lei reserva a estes casos!

*Ela* encarou-o e respondeu:

— Já jurei ontem e isto deve ser suficiente.

O Bispo ficou a encará-*la* fixamente, enquanto a resposta desencadeava uma verdadeira tempestade verbal ainda maior que a da véspera, na qual cada uns gritavam que aquilo era um intolerável desrespeito; outros, que fosse declarada culpada de heresia e queimada de imediato; que fosse submetida à tortura; e assim por diante, mas todos ao mesmo tempo, de tal forma que ninguém ouvia ninguém. Por fim, Monsenhor como que caiu em si, ergueu a mão, pletórico, obtendo imediato silêncio, e quando falou parecia tomado de verdadeira fúria:

— Nós exigimos que você preste juramento! Quem você pensa que é? Em questões referentes à fé, nem mesmo um Príncipe, uma vez chamado em juízo, pode se recusar a isto! Jure, ou arque com as consequências!

Eu próprio estaria assustado se não o conhecesse bastante, mas *ela* repetiu:

— Já fiz meu juramento ontem, e isto deve bastar.

E olhou-o num ar que surpreendeu a todos ao dizer, um tanto desdenhosa:

— Na verdade, vós estais me cansando com isso.

A assistência explodiu numa gargalhada, e mesmo alguns Assessores tiveram que se esforçar para reprimir o riso. Monsenhor olhou-*a* com ódio, exigiu aos gritos silêncio do público, e depois de novas insistências *ela* limitou-*se* a repetir o mesmo juramento da véspera. Houve ameaça de protestos, mas o Bispo ergueu a mão e todos se calaram.

Então, Monsenhor trocou olhares significativos com Beaupère e oficialmente a palavra foi passada a este, que de início falou em tom macio, sorrindo mansamente, tal como um velho pai para uma filha muito querida:

— Em primeiro lugar, Jehanne, peço-*lhe* apenas que responda com a verdade, tal como jurou, em tudo quanto eu *lhe* perguntar.

*Ela* encarou-o frente a frente e respondeu-lhe:

— Já vos disse que haverá coisas que poderei responder com a verdade, e outras que não. Reverência guardada, digo-vos que se estivesseis bem informado a meu respeito, não desejaríeis que eu estivesse em vossas mãos, pois eu não fiz nada além do que me foi revelado fazer.

Eles se encararam, e o olhar de Beaupère durante o tempo de um piscar de olhos foi assustador. A seguir, fez-*lhe* perguntas de pouco interesse. Julguei que ele estava preparando melhor a rede onde calculava embrulhá-*la* e não pretendia se antecipar. Quando *lhe* perguntou sobre se aprendeu algum ofício em casa de seu pai, *ela* respondeu:

— Sim. Sei costurar e fiar. E nestes ofícios mulher alguma em Rouen teria o que me ensinar!

Houve alguns risos discretos na assistência. Aquilo certamente era o cúmulo da hipocrisia! Então, a vencedora de Orléans e Patay se orgulhava de fiar! Tinha que ser falsidade, visando captar simpatias com aparências de modéstia! Aquilo me surpreendeu a tal ponto que não ouvi a pergunta seguinte, que *ela* já estava respondendo:

— Por medo dos borguinhões, saí da casa de meus pais e fui para Neufchâteau, em Lorraine, onde fui hospedada na casa de uma boa mulher de nome la Rousse durante duas semanas. Como estava longe da casa de meus pais, fazia os serviços domésticos, mas não levava mais os animais ao campo.

Seguiram-se algumas perguntas sobre se e quando *se* confessava e comungava, e então as perguntas passaram para uma área de nosso maior interesse:

— Diga-nos quando foi que teve a *sua* primeira... revelação.

O tom que deu à última palavra era visivelmente desdenhoso e *ela* fechou o rosto. Depois de algum tempo, lentamente começou a responder.

— Eu devia ter cerca de treze anos quando ouvi a voz pela primeira vez...

Beaupère interrompeu-*a*:

— Você havia jejuado no dia anterior?

— Não.

Houve um hiato de silêncio e ele disse-*lhe*:

— Continue.

A acusada correu os olhos rapidamente em volta e voltou-*se* na direção do Bispo, e, embalada pelas próprias recordações segundo me pareceu, *sua* voz foi ganhando uma entonação adocicada enquanto olhava para a imagem do Cristo Crucificado pendente atrás de meu senhor:

— Foi ao meio-dia, e estava no jardim da casa de meu pai. Lembro-me que me senti assustada na ocasião. Eu a ouvi à minha direita, vinha da direção da Igreja...

Beaupère novamente *a* interrompeu:

— Por acaso você viu alguma luz quando ela apareceu?

A prisioneira voltou à realidade, encarando Beaupère como se tentasse ler seus pensamentos, e prosseguiu num tom mais seco:

— Sim. Era uma grande luz que vinha do mesmo lado da voz. Em verdade, raramente a escuto sem que esteja envolta em luz.

— E você acreditou nela?!

O tom de irreverência do inquiridor era tão perceptível quanto o de desgosto da acusada, que respondeu:

— Quando ouvi a voz pela terceira vez, percebi então que era de um Anjo, que vinha de Deus e era digna de veneração, já que me protegia e me ajudava.

Perguntou-*lhe* quais instruções esta voz *lhe* dava para a salvação de *sua* alma. *Ela* respondeu:

— De início, dizia-me para ser boa e frequentar assiduamente a igreja. Depois, que era preciso que eu fosse à França. Uma ou duas vezes por semana dizia-me isso: que eu não poderia ficar muito tempo onde estava, era preciso que eu partisse, pois eu iria levantar o cerco de Orléans.

— E sob que forma esta tal... voz, *lhe* aparecia?

— Isto vós não sabereis de mim por ora.

Como seria de se esperar, gritos, protestos e perguntas vieram de todos os lados. Ele pareceu surpreender-se com a resposta, e quando o silêncio voltou limitou-se a dizer:

— Bem, continue.

— Ela dizia-me que eu deveria procurar Robert de Baudricourt, Capitão de Vaucoulers, para que ele me desse uma escolta. Mas eu retrucava que era apenas uma moça e nada sabia sobre montar ou combater...

Nesse momento, outra onda de protestos e de perguntas veio de todos os lados, de tal forma que não consegui mais compreender coisa alguma. Uma feira conseguiria ser mais tranquila. Por fim, Monsenhor obteve silêncio e o inquiridor, sorrindo levemente, mandou que *ela* continuasse:

— Fui para a casa de meu tio, e lá fiquei por oito dias. Contei a ele sobre o que as Vozes me diziam e então ele me levou a Vaucoulers. Lá chegando, reconheci de pronto o Capitão, embora nunca o houvesse visto antes, porque minhas Vozes mo indicaram.

A seguir, a acusada passou a contar *suas* peripécias naquela cidade. De como o Capitão, é claro, rechaçou-*a* brutalmente por duas vezes, até que *ela* revelou-*lhe* a derrota francesa na Jornada dos Arenques<sup>211</sup> no exato momento em que acontecia (e da qual a notícia só chegou à cidade oito dias depois), e então recebeu dele não somente a escolta, como ainda uma espada.

— Então, ele despediu-se de mim e disse: *Vá, e suceda-se o que tem que se suceder.*

Em continuidade, *ela* passou a falar do Duque de Orléans<sup>212</sup>, afirmando-nos que Deus o amava muito, e que teve mais revelações acerca dele do que de qualquer outra pessoa, exceto o *seu* rei. Perguntada sobre *suas* vestes, respondeu que fora aconselhada a deixar as roupas femininas e passasse a usar vestes próprias de homens, e tendo julgado bom este conselho, a partir de então passou a vestir-*se* assim.

— Quem *lhe* deu este conselho?

— Passai adiante!

Por mais que Beaupére insistisse, a acusada manteve *sua* obstinada recusa em responder a esta questão, apesar do tumulto que se seguiu exigindo resposta. Assim que o

---

<sup>211</sup> Batalha travada em 12/02/1429, onde os franceses tentaram interceptar um carregamento de arenques para os ingleses, mas foram fragorosamente derrotados.

<sup>212</sup> Vide nota 113.

silêncio se fez de novo, *ela* continuou a contar *suas* peripécias até ser recebida pelo Delfim em Chinon, quando o inquiridor *a* interrompeu:

— De onde você conhecia Charles de Valois?

— Jamais tinha visto o **Rei** até aquele momento — *ela* respondeu, enfatizando o título.

— Então, como podia saber que era ele? — perguntou Beaupére, talvez imaginando enquadrá-la no uso de artes mágicas.

— Ele misturou-se entre os cortesões, e outro me foi apresentado como sendo ele, provavelmente para me testar. Porém, minhas Vozes não permitiram que eu fosse enganada e me indicaram o verdadeiro Rei, e assim dirigi-me a ele.

Houve um discreto murmúrio na sala, enquanto d’Estivet me cutucava para cochichar, sorrindo:

— E *ela* precisou de Vozes do Céu para saber coisa tão óbvia?

Olhei para ele, aborrecido pela interrupção, enquanto ele completava:

— Bastaria que ela procurasse o homem mais feio, mais mal-vestido e mais patético da sala.

Sorri contrafeito, enquanto Beaupére aproveitava para perguntar se havia luz em volta quando falava ao Delfim, ou se não havia um anjo sobre ele. Mas a inquirida respondeu simplesmente com o *seu* “passai adiante!” que tanto arranhava os nossos nervos, e como ele insistisse em tom de escárnio, *ela* disse-lhe quase ríspida:

— Poupei-me disto e prossegui.

Ele então perguntou mais secamente:

— E como você conseguiu convencer o pretense Delfim a aceitá-la?

— O **Rei** recebeu diversas revelações e boas aparições para isto.

— Quais?

Contávamos que em algum momento a camponesa acabaria por baixar a guarda e dizer o que queríamos saber. Mas a resposta foi seca:

— Passai adiante!

Como o inquiridor insistisse no assunto, por fim retrucou, áspera:

— Já vos disse que não vos responderei sobre isto!

Beaupére calou-se, surpreso, mas a prisioneira prosseguiu, sorrindo levemente:

— Mas podeis perguntar ao Rei. Quem sabe ele concorde em responder-vos...

O inquiridor fulminou-a com o olhar e ordenou, secamente:

— Continue.

A acusada afirmou que os de *seu* partido sabiam que as tais Vozes vinham de Deus, e Beaupére a interrompeu:

— Você ainda ouve essas Vozes?

— Não há dia em que eu não as escute, pois necessito delas mais do que nunca!

— E o que você lhes pede?

— Nunca pedi nada às minhas Vozes, além da salvação da minha alma.

Houve murmúrios, que cessaram quando Beaupére perguntou:

— E porventura você não desobedeceu a elas ao sair de Saint-Denis?

— Elas haviam me ordenado que permanecesse em Saint-Denis, e eu quis ficar. Mas os gentis-homens me tiraram de lá contra a minha vontade. Se eu não estivesse ferida, não teria ido, mas o fora durante o assalto a Paris, embora estivesse curada em cinco dias.

— Este assalto, porventura não se deu em dia santo?

— Certamente.

— E isto lhe parece correto?

— Passai adiante!

Beaupère ficou surpreso, mas não encontrou o que replicar. Afinal, estávamos exaustos, e por isso o Bispo achou por bem encerrar o interrogatório, marcando nova sessão para a manhã do próximo sábado. Retiramo-nos em silêncio, quase todos surpresos, o inquiridor exibindo uma carranca de frustração e Monsenhor, estranhamente absorto.

Em outras palavras, deparamo-nos com uma resistência inesperada que nos desconcertou. De fato, não estávamos acostumados a tamanha fortaleza de ânimo, mas tampouco estávamos no limite de nossos recursos. Afinal, o julgamento apenas havia começado, e nem *sua* inocência, nem *sua* coragem, nem *sua* fé sincera nos impediria de carregarmos contra *ela* até que cedesse, fossem quais fossem os meios que tivéssemos que empregar para isto.

Outro transtorno foi-nos causado pelo teólogo Nicolas de Houppesville. De início custou a aparecer, alegando estar às voltas com outros assuntos, mas que tão logo quanto possível estaria pronto a nos assessorar. Contudo, suas opiniões, transmitidas a Boisguillaume, foram as piores possíveis. Considerava comprometida a legalidade do Processo, uma vez que os juízes e assessores escolhidos eram inimigos políticos da acusada e, sobretudo, por *ela* já ter sido examinada anteriormente pela Igreja, tanto por uma comissão de clérigos em Poitiers quanto pelo Arcebispo de Reims, por sinal superior direto do Bispo de Beauvais.

Monsenhor fez questão de falar com ele pessoalmente e a conversa foi tempestuosa:

— Pretende porventura me ensinar meu ofício, caro teólogo?!

Ele não pareceu se impressionar com o tom de voz de meu amo e replicou:

— Vossa Reverendíssima pediu-me um parecer, e neste caso minha obrigação é assessorar-vos o mais lealmente possível!

— Ousa chamar isso de lealdade!? Armagnac! Traidor! De que lado você está, afinal?!

Monsenhor falava aos gritos, com o rosto em púrpura quase a tocar o do interlocutor, que prosseguia, inabalável:

— Do lado da Igreja, Reverendíssimo.

— Então dê pareceres que sirvam aos interesses da Igreja!

— É o que estou fazendo, a fim de impedir que este Processo possa ser acusado de irregular e ilegal.

— Neste julgamento **eu** decido o que é legal e o que não é!

— E Vossa Reverendíssima se arrisca a compromissar a Igreja com uma mentira?

O Bispo se deteve e perguntou, desta vez em voz normal, sorrindo:

— Porventura você está me chamando de mentiroso?

Aquilo fez o visitante vacilar e responder medindo cuidadosamente cada palavra:

— Longe de mim semelhante intenção, Reverendíssimo. Digo-vos, todavia, com respeito e reverência, que não existe meia justiça: se um julgamento não é inteiramente honesto, é desonesto, e não se pode esperar sentença justa de um julgamento injusto.

Surpreendi-me quando o Bispo voltou-se para mim, afável:

— Ele deve ser surdo. Sendo assim, sejamos caridosos e vamos tentar curá-lo.

E voltou-se outra vez para Houpeville, tornando a gritar:

— Mais uma vez, meu caro teólogo: neste Julgamento **eu** decido o que é justo e o que não é! E, num caso destes, o que quer que seja conveniente para a Igreja passa a ser justo, queira você ou não, porque **eu** quero assim! E trate de obedecer, a não ser que prefira beber a água do Mosa até que ele seque!

Houpeville era certamente um grande idiota em enfrentar Monsenhor sem necessidade, mas tinha que admirar seu sangue-frio. Replicou calmamente:

— Vossa Reverendíssima está equivocado. Eu não estou subordinado diretamente a vós, e sim ao Juiz eclesiástico de Rouen. Portanto, não estou infringindo a santa obediência. Reverência guardada, eu me retiro.

Enquanto saía, Monsenhor ficou pálido, depois novamente púrpura, falando-me entre dentes para que ele ouvisse:

— Esse idiota verá se está ou não subordinado a mim!

Disso tinha eu a mais absoluta certeza. Todavia, tão logo Houpeville desapareceu de nossas vistas, quase no momento seguinte toda a mostra de ira desapareceu do rosto do Bispo, que sorriu, para minha surpresa. Perguntei-lhe então:

— Monsenhor está satisfeito?

— Muito! Esse estúpido não sabe que acaba de me prestar dois grandes favores!

— Em vos desafiar? Não compreendo...

— Verás em breve. Ele não capitulou porque eu não quis. A atitude dele ser-nos-á muito mais útil do que se tivesse obedecido.

Alguns dias depois, todas as razões eram claras como água. Monsenhor recebeu a visita de Gilles de Duremort, Abade de Fécamp. Em seguida às mesuras e reverências de costume, o visitante tratou de se explicar: Houpeville era um protegido seu, a quem particularmente estimava, e por isso vinha pedir a Monsenhor, em seu próprio nome e no de outros a quem o Bispo certamente teria em especial estima, para que relevasse sua falta e ele pudesse sair da prisão onde estava desde a entrevista com meu amo.

Monsenhor respondeu que aquele teólogo pretensioso tinha-o tratado com insuficiente cortesia e demonstrara visível má vontade em auxiliá-lo num processo de extrema importância para a Igreja, contrariando determinações expressas do Capítulo de Rouen. Considerava que o mínimo que ele merecia era ser expulso da cidade ou mesmo exilado. Contudo, tendo em vista o quanto prezava a amizade e a consideração do Abade, e não por qualquer outra causa, daria a ordem para a soltura ainda no mesmo dia.

Quando o visitante saiu, o Bispo estava satisfeito e me disse:

— Viste? Obtive uma esplêndida vitória, em todos os sentidos!

— Como assim, Monsenhor? — perguntei, curioso.

— Em primeiro lugar, já deve ser público e notório que Houpeville foi preso, por que e, sobretudo, por quem! Dessa forma, poupa-me o trabalho de escolher alguém para servir de exemplo para quantos pensassem em me enfrentar. Ao mesmo tempo, Gilles de

Duremort viu-se na desagradável contingência de ter que me pedir um favor, graças àquele teólogo imbecil e teimoso. Assim, agora ele está em dívida para comigo. Com isso ganhamos algumas alianças particularmente úteis. No mundo da política, o maior segredo é prever o imprevisível.

Disse-lhe então, hesitante:

— Monsenhor muitas vezes me falou que em política promessa não é dívida.

Ele se surpreendeu, mas logo replicou:

— Digo-o e repito-o. No entanto, igualmente na política, é preciso tomar extremo cuidado e escolher cuidadosamente quando e com quem quebrar uma promessa. É uma arma de dois fios, não pode ser usada levemente sem graves consequências...

— Não seria mais fácil simplesmente não prometer?...

Ele sorriu e disse:

— De fato, mas há um detalhe importante a ser considerado: promessa é algo de extremo valor no momento da oferta. Mesmo quando não é feita para ser cumprida, é excelente instrumento numa negociação. Diga aos interessados o que desejam ouvir, prometa-lhes algo que desejem ardentemente e eles acreditarão, porque *as pessoas sempre acreditam naquilo que querem acreditar*.

— Entendo e concordo, de modo geral. Mas dará certo com *ela*?

— Lidamos com muitos casos semelhantes. Quantas vezes este método falhou?

Sorri, então. Ele estava certo. Prosseguiu:

— Nunca deixou de funcionar. Não se impressione por essa resistência de primeiros dias: é verdade que maioria cede quase logo, uns raros resistem um pouco mais; contudo, o resultado final, é sempre o mesmo. Deixemos que Beupère massacre-*a* e faça-*a* ver a tortura e o fogo bem diante dos olhos. Promete-*lhe* tu depois aquilo que *ela* queira ouvir, e *a* teremos nas mãos, como foi com todos os outros casos com que já lidamos. Ou estarás começando a crer que *ela* seja mesmo uma enviada de Deus?

A simples hipótese fez-nos rir e tomamos mais vinho.

### 3º Interrogatório Público - 24 de fevereiro

Porém, no íntimo, o insólito daquele caso me intrigava profundamente. Por mais argumentos que invocasse para justificá-lo, não havia como negar o fato de que, depois de dois assaltos, não tínhamos feito melhor do que *atacar o muro com a cabeça*. Simplesmente não era crível que uma jovem ignorante, filha de camponeses, trancada numa cela úmida, escura e suja, mal alimentada, sob constantes insultos, zombarias, espancamentos e tentativas de estupro da parte de seus carcereiros, conseguisse enfrentar horas de interrogatório sob o peso das correntes, e ainda fosse capaz de fazer frente ao ataque da elite cultural de toda a Cristandade; no entanto, era o que acontecia diante de nossos olhos. Elaborávamos longa e detalhadamente perguntas sempre recheadas de intenções ocultas, visando surpreendê-la nas mais imprevisíveis ciladas, e *suas* réplicas claras e cristalinas, ditas com surpreendente rapidez, nos deixavam sem argumentos adequados para treplicar.

Na sessão de 24 de fevereiro, pressionamo-la ainda mais fortemente tentando exigir-lhe que jurasse pura e simplesmente responder a tudo quanto *lhe* fosse perguntado, ao que a acusada repetia que já tinha feito juramento por duas vezes e isto era suficiente. Em certo momento, *ela* elevou a voz tão subitamente que fez com que nos calássemos:

— Reverendos Padres, deixai-me falar!

A prisioneira preencheu o silêncio repentino falando então como uma mãe a repreender filhos indisciplinados:

— Por minha fé, vós podeis me perguntar sobre aquilo que não posso responder! Talvez eu não possa falar toda a verdade sobre minhas revelações, e se eu jurar nestas condições, vós poderíeis me obrigar a dizer o que não me está permitido, o que me tornaria perjura, e não vos convém desejar tal coisa!

Camponesa ingênua e tola! E o que mais desejávamos, senão isto? Todavia, antes que alguém pudesse falar, *ela* voltou-se como um raio ao Bispo e *lhe* disse com grande firmeza:

— Vós, que vos dizeis meu Juiz, prestai atenção às minhas palavras, pois estais assumindo grande responsabilidade ao me atormentardes além do que devíeis!

Eu o vi empalidecer, ao mesmo tempo algo dentro de mim desfalecia. Durante o tempo de um piscar de olhos, foi um silêncio impressionante no qual o único ruído era o das correntes nos braços da acusada. *Ela* não se comportava de forma alguma como uma prisioneira a um passo da morte, mas como o comandante de um exército suportando com galhardia um ataque inimigo.

Mas foi a fraqueza de um breve instante. Logo o Bispo replicou, trovejando:

— Acusada, basta! É preciso que jure, pura e simplesmente!

*Ela* se manteve inabalável, quase desdenhosa, ao replicar:

— Isto não é necessário. Já jurei por duas vezes e isto é mais do que suficiente! Seja como for, nem o clero de Paris nem o de Rouen têm poderes legais para me condenar!

Cada réplica me perturbava a um ponto a que não estava acostumado, mas estava em boa companhia. Monsenhor fitava-a como que petrificado, quando d'Estivet quebrou o silêncio gritando histericamente:

— Quando *a* pusermos na fogueira você verá se têm ou não, vaqueira!



O insulto foi tão pesado que causou um choque. Olhei para o Bispo, e a um gesto seu, ordenei em voz baixa a Boisguillaume que não escrevesse isto. Ele me olhou extremamente surpreso, mas obedeceu (felizmente, não era do mesmo estofado que Manchon). Enquanto isso, *ela* olhou por um instante para d'Estivet, pareceu-me que magoada, e depois prosseguiu voltando-se para meu amo:

— De toda maneira, sobre o que fiz desde que vim à França falarei a verdade, mas não toda a verdade. Mesmo porque uma semana seria insuficiente para tanto.

La Fontaine tomou a palavra:

— Neste caso, você está *se* colocando sob suspeita!

*Ela* suspirou fundo e replicou-lhe em tom de cansaço:

— Eu não tenho nada para fazer aqui! Mandai-me de volta a Deus, que me enviou!

Aquela frase causou-me uma sensação estranha, mas, antes que pudesse de defini-la, d'Estivet cutucou-me dizendo em voz baixa, rindo entre dentes:

— Teremos o máximo prazer em atendê-la, camponesa!

Disfarcei a contrariedade sorrindo, enquanto Monsenhor retomava a palavra:

— Pela última vez! É preciso que jure, para que aquilo que você diga possa ser considerado como verdade sob juramento! Caso contrário, você se expõe a grande perigo!

*Ela* retrucou no mesmo tom anterior:

— Neste caso, faço o juramento de dizer a verdade em tudo aquilo que **eu** considerar relacionado a este Julgamento.

Monsenhor também parecia cansado, e apesar de olhares e acenos de desaprovação de vários assessores, mais uma vez aceitou o juramento como foi formulado.

Beaupère então olhou significativamente para Jean Monnet e seus auxiliares, aos quais Monsenhor dera o papel não-oficial de anotar tudo quanto *ela* respondesse durante as inquirições, mas sem os exagerados escrúpulos com a verdade de que padeciam Manchon e Boisguillaume; e a seguir assumiu rapidamente sua função iniciando o interrogatório:

— Qual foi a última vez que você comeu ou bebeu?

— Ao meio-dia de ontem.

As perguntas seguintes foram sobre *suas* Vozes. Houve um momento de tensão quando ele perguntou-lhe em tom de mofa se elas estariam em *sua* cela. A resposta foi:

— Elas estão aqui no Château, ainda que não as vejais!

A voz firme daquela jovem transmitia tão vigorosa convicção que, embora há muito eu não acreditasse mais nessas lendas, percebi com algum alívio não ter sido o único a olhar de soslaio para o teto, para a entrada e para a janela estreita, receoso; ou para Monsenhor, em busca de proteção, enquanto Beaupère apressava-se em prosseguir, a voz algo trêmula:

— O que *suas* Vozes *lhe* disseram ao acordá-la?

*Ela* olhou-o bem nos olhos ao responder:

— Para que não tivesse medo de responder-vos, pois Deus me inspiraria.

Ele pareceu perturbar-se, e como não quebrasse o silêncio no átimo de tempo que se seguiu, pela segunda vez a prisioneira encarou Monsenhor e falou-lhe diretamente:

— Vós dizeis que sois meu Juiz. Assim, aviso-vos para ver bem o que estais fazendo, pois em verdade fui enviada por Deus, e vos expondes a grande perigo!

Novamente o silêncio imperou naquela sala, até que, a um gesto mais vigoroso do Bispo, Beaupère recuperou a fala:

— E o que *lhe* dizem *suas* Vozes? Seus conselhos não variam?

— Elas jamais se contradizem. Disseram-me esta noite para vos responder corajosamente.

— Suas Vozes proibiram-*lhe* responder a alguma pergunta?

— Não responderei a isto agora. Recebi revelações sobre o Rei que não vos devo revelar.

— Crê que estaria ofendendo a Deus falando apenas a verdade?

— Minhas Vozes mandaram-me fazer revelações ao Rei, não a vós!

Enquanto Beaupère pensava no que replicar, *ela* sorriu e continuou:

— Esta noite, elas revelaram-me notícias tão boas sobre o Rei, que eu me sentiria muito feliz se pudesse dizer-lhe, mesmo que não pudesse ter vinho até a Páscoa! Ele jantaria com tanto prazer!...

— Por que não manda *suas* Vozes levarem tais notícias diretamente a ele? — perguntou Beaupère, em uma entonação indefinível.

*Ela* pareceu chocar-se com a possibilidade e retrucou:

— Não sei se poderia fazer com que obedecessem a mim, salvo se Deus assim o ordenasse. Porém, pela graça de Deus, sei que Ele tem como mandar estas revelações ao Rei e isto deve me bastar.

Algo na resposta fez com que o inquiridor desse um sorriso discreto, que fiquei ansioso por entender. Mas logo entenderia.

— *Suas* Vozes proibiram-*na* de falar sobre isso?

— Eu não sei se posso responder a esta pergunta. Dai-me quinze dias e vos responderei.

— E por que tanta demora?

— Se elas mo proibissem, o que diríeis vós?

Ele pensou por um pouco e disse em tom de motejo, sorrindo levemente:

— Essas tais Vozes que *lhe* aparecem vêm de Deus, dos Anjos ou de Seus Santos?

*Ela* respondeu como um adulto a uma criança impertinente:

— Elas são enviadas por Deus. Não vos direi mais nada a respeito. Crede-me, não vos digo tudo o que sei. Receio muito mais desagradar minhas Vozes dizendo o que não devo, do que vos ofender não dizendo. Em relação a esta pergunta, rogo-vos que me deis algum tempo para responder.

Beaupère fez uma pausa e *lhe* perguntou:

— Elas *lhe* revelaram se escapará desta prisão?

*Ela* fez uma expressão de quase riso ao retrucar:

— Esperais realmente que eu vos responda isto?

A assistência explodiu numa gargalhada que deixou a todos embaraçados, enquanto Beaupère tratava de continuar, afetando pouco caso:

— E por acaso essas tais Vozes têm olhos, veem?

— Não vos responderei isso por ora. Não é sem razão que se diz às crianças que *peçoas já foram enforcadas por terem dito a verdade*.

Novamente a plateia se manifestou, em sorrisos mais discretos.

Seria de se esperar que Beaupère se perturbasse, mas me enganei. Nesse momento, vi-o sorrir de leve mais uma vez e julguei que era o momento que escolhera para lançar a sua rede. Num tom tranquilo de quem pergunta uma banalidade, perguntou, macio:

— Você acredita estar na graça de Deus?

Senti meu rosto iluminar-se. Não havia como a camponesa adivinhar que, segundo as Escrituras, *o homem não tem como saber se é digno de amor ou de ódio*<sup>213</sup>, e, portanto, fosse qual fosse a resposta, estava derrotada de antemão: respondendo de forma afirmativa, poderíamos acusá-la de presunção; se negativa, *ela* mesma estaria proclamando-se indigna da missão que *se* atribuía. Mas aquele idiota le Fèvre<sup>214</sup> saltou de seu assento e perdeu uma esplêndida chance de ficar calado, assustando-nos ao dizer em voz alta:

— Irmão Pulchripatris, lembrai-vos de que esta pergunta diz respeito a uma questão teológica muito complexa para ser compreendida por uma jovem criada no campo!

Tive ganas de espancar aquele importuno! Por um momento, o vozerio esteve a ponto de fugir ao controle, porém, antes que isto acontecesse, Monsenhor proclamou que a pergunta era válida e a ré teria que respondê-la. Le Fèvre, olhos arregalados, voltou-se para meu amo e ergueu a mão direita; no entanto, mal chegou a entreabrir os lábios e engoliu de volta as palavras diante do olhar e do tom de voz, baixo mas terrível, do Bispo ao lhe dizer:

— Para o seu próprio bem, cale a boca!

Le Fèvre arregalou ainda mais os olhos, mas logo baixou a cabeça e tornou a sentar-se, tropeçando em seu assento. Então respiramos aliviados e Beaupère, sorrindo de novo, repetiu a pergunta para a acusada, que respondeu:

— Se não estou, que Ele me faça estar; se estiver, que nela eu permaneça. Seria a criatura mais aflita do mundo se me soubesse fora da graça de Deus.

Difícil definir em palavras o que se seguiu. Meu amo, Beaupère, le Fèvre, vários outros, eu mesmo, olhávamos para *ela* de tal forma que parecíamos convertidos em estátuas, o estupor era tal que os cochichos do povaréu ignaro doíam em meus ouvidos como estrondos de bombarda. Olhei com ódio para aquela manada a rir e cochichar de discussões que compreendia tanto quanto um boi à Bíblia. Por instinto, lembrei-me da resposta atribuída ao Senhor à pergunta dos fariseus sobre se era lícito pagar o tributo ao César romano<sup>215</sup>. De onde aquela filha de camponeses obtinha respostas desse quilate, capazes de derrotar nossas mais elaboradas armadilhas?

Pareceu-me uma eternidade aquela situação, do qual finalmente Beaupère conseguiu nos arrancar fazendo perguntas acerca das preferências políticas dos de *sua* aldeia e vizinhanças. Mas só pude respirar aliviado quando o inquiridor abordou um novo assunto, mansamente como fazia sempre que julgava ter encontrado um ponto vulnerável:

— Diga-nos o que sabe acerca de uma árvore famosa perto de *sua* aldeia.

*Ela* pareceu vacilar, como se medisse as palavras, mas falou sem dificuldades:

---

<sup>213</sup> Velho Testamento, Eclesiastes, 9:1.

<sup>214</sup> **Jean le Fèvre**, Doutor em Teologia, Padre da Ordem dos Frades Pregadores (ou Dominicanos).

<sup>215</sup> *Dai a César o que é de César*. Novo Testamento, Marcos, 12:14-17. Era uma pergunta armadilhada, com a qual contavam os fariseus, conforme resposta positiva ou negativa, jogar contra Jesus o povo judeu (que abominava o tributo) ou as autoridades romanas.

— Deve ser a que fica próximo a Domrémy, uma árvore velha e grande, que umas pessoas chamam Árvore das Damas, e outros, Árvore das Fadas...

Beaupère fez que sim com a cabeça, sorrindo ao perceber que *ela* falava mais lentamente. Quem o visse, julgaria ver um venerando pai a ouvir uma filha amada.

— ...fica ao lado de uma fonte. Ouvi dizer que os doentes de febre ou vômitos bebem dessa água para recuperar a saúde. Eu mesma já bebi dessa fonte...

— E se curam? — interrompeu Beaupère.

— Não tenho notícia de que alguém tenha ou não se curado com ela. Também ouvi dizer que os doentes, sempre que podem, vão caminhar à sombra da árvore. É uma faia, que algumas pessoas chamam também de Belo Maio.

— Pertence à *sua* família?

— Ao Cavaleiro Pierre de Borlemont.

— Por que a chamam Árvore das Fadas?

— Ouvi dizer por pessoas idosas, que não eram da minha família, que as fadas reuniam-se nesse local. Uma vez, minha madrinha Jehanne, esposa do prefeito Aubery, disse-me tê-las visto. Não sei se é verdade ou não, pois jamais as vi ali...

Beaupère então a interrompeu:

— E onde foi que você as viu?

*Ela* respondeu secamente:

— Em parte alguma. Meu irmão me falou que na cidade próxima dizia-se que eu teria recebido mensagens delas na árvore e me perguntou se aquilo era verdade. Mas eu lhe disse que não, isto jamais tinha ocorrido.

— Tem certeza? Não as teria visto num bosque, perto de *sua* casa?...

Eles se encararam e *ela* respondeu-lhe:

— Realmente existe um bosque, chamado Bois-Chesnu, que se vê da casa de meu pai. Contudo, não soube nem nunca ouvi dizer que as fadas passassem por ali. Quando vim ver meu Rei, algumas pessoas me perguntavam se não existia um bosque com esse nome na minha região, pois ouviram dizer que uma moça predestinada a fazer coisas maravilhosas viria das proximidades desse bosque. Mas eu não acreditava nisso.

À medida que *ela* falava, todos os que haviam estado presentes àquela conversa de anos antes sobre a Virgem da Lorena convergiram seus olhos para Beaupère, o qual, dando-se conta disso, passou a nos encarar com uma expressão assustadora, parecendo não perceber que a acusada fizera silêncio. De repente, como que caindo em si, voltou-se para *ela* e ordenou:

— Prossiga. Acerca da árvore, o que você fazia debaixo dela?

— Algumas vezes, quando ia passear com minhas amigas, fazíamos buquês e guirlandas sob ela para serem colocadas diante da imagem de Nossa Senhora de Domrémy. As meninas costumavam enfeitá-la com guirlandas, e eu mesma o fiz algumas vezes.

— E o que era feito dessas guirlandas, depois?

— Algumas vezes nós as levávamos para casa, em outras deixávamos lá mesmo.

— Só isso? Não é verdade que vocês cantavam e dançavam sob a árvore?

— Desde que soube que teria que ir à França, poucas vezes participei de jogos e danças. Depois que cheguei à idade da discricão<sup>216</sup>, não dancei mais sob a árvore. Antes, dancei umas poucas vezes com as outras meninas, porém, na maioria das vezes, eu cantava.

Por fim, já estávamos todos exaustos e ele perguntou no fim:

— Gostaria de ter roupas adequadas a seu sexo?

— Sim, dai-me uma e usá-la-ei assim que puder sair desta prisão, mas não antes.

Por enquanto, continuarei com esta por ser a vontade de Deus.

D'Estivet cutucou-me (como aquele hábito me irritava!) e disse baixinho:

— Então, guarde-a bem para a fogueira. Será perfeitamente adequada.

Mal o Bispo encerrou a sessão, viu-se rodeado por um círculo de reclamações. O primeiro a falar foi Beaupère, furioso. Protestou que a atitude da acusada era insolente e desrespeitosa, que as manifestações do público perturbaram seu raciocínio e, em consequência, fazia-se necessária uma atitude mais drástica de nossa parte.

Tão logo teve resposta, foi a vez de Manchon queixar-se de que, por mais que ele e Boisguillaume se esforçassem, por vezes os assessores gritavam e perguntavam ao mesmo tempo, criando uma balbúrdia tal que tornava quase impossível um registro de absoluta fidelidade. Reclamou também que as anotações de Jean Monnet e seus auxiliares tinham discrepâncias grosseiras em relação ao que ele e Boisguillaume, **únicos escritvões oficiais** (fez questão de frisar isso), haviam transcrito, e por isso não eram confiáveis.

Por último, le Fèvre fez menção de falar a meu amo, mas então este recuou com ele para um canto, ordenando com um gesto de mão que nos afastássemos, e passaram a falar em voz baixa. Pela expressão facial do padre, julguei que ele de alguma forma estava questionando meu amo. Fiz menção de me aproximar como se estivesse passando casualmente, desviando-me dos demais, apenas para me dirigir à saída, e percebi que conforme o Bispo respondia-lhe, o reclamante diminuía cada vez mais de tamanho, mas a única palavra que pude ouvir foi “Houpeville”, dita com grande autoridade. Interrompeu-se, todavia, ao perceber minha manobra, e me olhou com tão irritada censura que baixei a cabeça e tratei de acelerar o passo em direção ao corredor.

Ao mesmo tempo, a pressão sobre nós a cada dia era mais forte. Os Condes de Warwick e Stafford<sup>217</sup>, que antes cobravam diariamente o início do Julgamento, agora cobravam seu término; de início, limitavam-se a perguntar pelo andamento, perguntas estas que foram dia a dia tomando o aspecto de questionamentos, disfarçados a princípio sob a forma de sugestões cada vez mais enfáticas. Por fim, deixaram de lado a cortesia e vieram até nós em presença do Cardeal para se queixarem, áspera e explicitamente:

— Garantistes que este Julgamento era assunto liquidado em pouco tempo! Afinal, que diabos de Bacharéis, Mestres e Doutores estes que não são capazes de ganhar um debate contra uma reles campesina!

Monsenhor procurava explicar-lhes os detalhes do Processo:

---

<sup>216</sup> Por volta dos sete anos, quando o católico recebe o sacramento da Confirmação (ou Crisma) e passa a ter a obrigação de confessar-se pelo menos uma vez ao ano.

<sup>217</sup> **Humphrey Stafford**, 6º Conde de Stafford e mais tarde 1º Duque de Buckingham, comandante militar durante as Guerras dos Cem Anos e das Duas Rosas (1402-1460).

— Messires, falais como se houvesse falta de zelo de nossa parte, mas não estamos lidando com algo tão simples. Fosse apenas o caso de fazê-la morrer, vós mesmos poderíeis tê-lo feito facilmente sem a intervenção da Igreja. Todavia, como bem o dissestes, há uma questão política de extrema importância a exigir que a acusada abjure, e isto não é algo que possamos fazer por *ela*...

— Acusai-a de heresia, de sortilégio, seja do que for, desde que apresse o resultado! — queixava-se Warwick em voz alta.

— *Ela* não pode ser acusada de sortilégio. Nós *a* examinamos, e *ela* de fato é virgem! — respondeu meu amo.

Stafford falou então. Seu rosto, que não primava pela beleza, assumiu tal aspecto que me teria dado calafrios se eu fosse o objeto da conversa:

— Por incompetência vossa! Julgais que nossos exércitos são formados por eunucos? Se isto estivesse ao meu encargo, *ela* já não o seria há muito tempo!

— Lembrai-vos, Messires, de que cinco homens, escolhidos por vós e às vossas ordens, vigiam-na dia e noite, dois deles dentro da cela! Se pecam por excesso de cavalheirismo, não nos culpeis por isso! — refutou o Bispo.

Stafford replicou com um riso que fazia seu rosto de fauno ainda mais assustador:

— Incompetentes! Merecem ser castrados! Mandai-os a mim para que umas boas chibatadas lhes despertem a virilidade! Ou será que eu mesmo terei que fazer este serviço?

Mas o Preceptor do Rei interrompeu-o, falando a meu senhor:

— Ao Diabo estas filigranas do Direito Canônico! Tratai Vossa Reverendíssima de obter essa abjuração, de um jeito ou de outro, pois há uma guerra em curso sangrando as finanças do Reino, e cada dia que passa exige cada vez mais recursos! Tendes ideia de quanto prejuízo já tivemos, e estamos tendo, por causa dessa bruxa? Afinal, é nosso, e não vosso, o dinheiro que sustenta este Processo e paga os presentes que recebeis! Ou julgais que esse Processo é sustentado por caridade?

De fato, os nobres ingleses, a título de incentivo, ofereciam ricos presentes àqueles que mostravam maior zelo pela causa, ou seja, mais fúria e maior desejo de levar a ré à fogueira. Monsenhor tentava explicar:

— É o que estamos nos esforçando por fazer, mas há dificuldades não previstas...

— Por culpa vossa, que insistis em tratá-la como uma Dama! — interrompeu Stafford. — Por que *ela* ainda não foi torturada? Se nos deixassem cuidar desse assunto ao nosso jeito, *ela* já teria aberto o comedor de lavagem no primeiro dia para dizer tudo aquilo que precisamos ouvir!

— Pois fazei assim, se o desejardes! — retrucou meu amo, extremamente irritado. — A prisioneira é vossa, é vosso o dinheiro, como fazeis questão de repetir o tempo todo, e estamos aqui tentando servir-vos o melhor possível, conforme interesses tanto da Coroa quanto da Igreja! Mas, se a nossa maneira não vos agrada, nós *vo-la* devolvemos e nos eximimos de toda e qualquer responsabilidade!

O silêncio que se seguiu foi extremamente tenso, julguei que presenciaria uma cena violenta. O Cardeal, que até então ouvia em silêncio observador, ergueu lentamente a destra e tomou a palavra com solene autoridade, na qual transpareciam equilíbrio e temperança:

— Messires, ouvimo-vos; agora, falamos nós! Estamos todos tensos, irritados e com justas preocupações a nos perturbar, mas não devemos permitir que isto nos faça entrar em choque uns contra os outros! Não somos adversários, temos os mesmos objetivos para alcançar! Crede-me, vós que sois leigos não compreendeis a necessidade que os processos da Igreja têm de cumprir rigorosamente todos os detalhes, e tenho certeza absoluta de que Monsenhor de Beauvais está fazendo seu trabalho com a mais absoluta dedicação diante de um caso extremamente delicado, e considero-o merecedor de nossa plena confiança.

Eu e Monsenhor respiramos visivelmente aliviados, enquanto os Condes, forçados a engolir o próprio ressentimento, dirigiram-se novamente a nós num tom de relutante cortesia oferecendo sugestões típicas de guerreiros, ou seja, sutis como um tiro de bombarda. A seguir despediram-se pedindo permissão ao Cardeal para se retirarem. Este se voltou para eles, assentindo com um gesto de cabeça, ficando de costas para nós. Tão logo aqueles saíram da vista, Monsenhor dirigiu-lhe a palavra:

— Eminência, agradeço-vos humildemente a compreensão...

Não pôde concluir. Lentamente, o Cardeal voltou-se para nós e me deparei não com o rosto sereno e conciliador de ainda um instante atrás, que eu julgava semelhante a de um pastor de almas, e sim uma fâcies de pedra, duro e severo, cujo olhar gelado me fez tremer, ainda que não fosse dirigido a mim. Olhei para meu amo e foi com surpresa imensa que o vi pouco menos que apavorado. De imediato entendi, mais claramente do que seria do meu agrado, o que meu antigo senhor Bispo de N... queria dizer com “...o Grande Chanceler Bispo de Winchester é, sem dúvida, muito menos tolerante e piedoso do que nós”, pois nem mesmo precisou elevar o tom de voz para demonstrar uma autoridade capaz de esmagar o próprio Bispo de Beauvais, a quem apontava o dedo:

— Não iríamos desacreditá-lo diante de leigos, mas de fato nós também não entendemos por que a condenação de uma rapariga do campo dê tanto trabalho. Tamanha lentidão nos decepciona e depõe contra sua capacidade. Acho bom que você encontre um meio de agilizar este Processo, pois há muito em jogo nele, sua carreira inclusive. Se o Arcebispado de Rouen ainda estiver em seus planos, trate de mostrar resultados mais satisfatórios.

Monsenhor ficou atônito, seu rosto fez-se púrpura, mas não pôde fazer mais do que baixar a cabeça em sinal de obediência. Por mais que aquilo me trouxesse à tona todos os sentimentos de raiva e humilhação de meu passado, tratei de imitá-lo prontamente, enquanto o Cardeal erguia a fronte e dava-nos as costas, dirigindo-se à saída como se não existíssemos mais.

Não obstante, as complicações não foram apenas estas.

## Violência

*Assim começa uma paixão de seis meses, paixão sem exemplo na História, paixão mais dolorosa mesmo que a do Cristo, pois que o Cristo era homem, ao passo que aqui se trata de uma moça de dezenove anos, posta à mercê de soldados brutos, estúpidos e lúbricos. Cinco deles, malfeitores, a escória do exército inglês, dizem todos os historiadores, vigiam-na dia e noite dentro do cárcere.*

Léon Denis

Certa noite daquela mesma semana Monsenhor mandou chamar-me em seu escritório. Encontrei-o imerso em seus pensamentos, parecendo profundamente preocupado. Suspirou ao me ver, o que bastou para que eu entendesse que iria dizer algo de suma gravidade, e antes mesmo que eu lhe perguntasse o que tinha acontecido, disse-me:

— Temos uma novidade da mais extrema importância.

— Boa ou má?

Senti-me estúpido ao perguntá-lo. A tensão visível nas linhas de seu rosto não era própria de quem fosse portador de boas novas. Suspirou de novo e respondeu:

— Má, e as consequências são imprevisíveis.

Senti-me intimamente alarmado, imaginando mil coisas, mas ele prosseguiu:

— É inútil tentar adivinhar. Eu to direi. O Santo Padre morreu no último dia 20.

Suspirei de alívio. Por mais que o fato fosse da mais alta magnitude para a política da Igreja, certamente não teria nenhuma influência sobre o que estávamos fazendo. Porém, meu amo prontamente sacudiu a cabeça em vigorosa negativa, retrucando:

— Não, meu caro, estás totalmente equivocado. Isto nos atinge diretamente e no momento mais impróprio, pois minha mão foi uma das que pôs a tríplice tiara na cabeça deste Papa e ele sabia disto. Agora, um novo Papa será eleito, o Concílio está prestes a ser iniciado, e se continuarmos amarrados a este Julgamento, essas coisas todas vão se dar sem nossa participação, sem nossa influência, o que pode comprometer todos os nossos interesses.

Meu alívio deu lugar à preocupação:

— E... neste caso, que faremos nós, Monsenhor?

— Antes de tudo, terminar com este Julgamento o mais rápido possível!

No dia seguinte subi à cela da prisioneira. A antecâmara estava vazia, e escutei gemidos e rosnados intercalados com um coro de insultos e palavras vis. Um guarda junto à entrada, com uma tocha na mão, viu-me e gritou para os demais. Por alguma razão insólita, acelerei o passo e me deparei com a porta da cela aberta, um dos guardas com a mão num olho, outro curvado sobre si com as mãos apertando suas vergonhas, todos surpresos com a minha presença e tentando com dificuldade recompor-se e se levantarem, enquanto a prisioneira, encolhida no canto mais remoto da cela, levantava-se ao dar pela minha presença. Julguei que houvessem brigado entre si, mas aquilo não me interessou e unicamente mandei que me deixassem a sós com a acusada.



Obedeceram-me com visível contrariedade, mas antes que saíssem, olhando com ódio para a prisioneira, mandei que deixassem a tocha a fim de alumiar a escuridão do ambiente. Afixaram-na à parede, e a súbita claridade espantou algumas baratas, que correram para todas as direções. No entanto, quando pus os olhos *nela*, senti um choque: seu rosto apresentava equimoses e marcas de bofetadas. Os olhos roxos apresentavam vestígios de lágrimas. Por um rápido momento a indignação me dominou e quase gritei:

— Jehanne! Minha criança, o que fizeram contigo?!

*Ela* me encarou de tal forma que por um átimo pareceu-me que eu sentia *sua* própria dor. Porém, foi com voz calma, embora infinitamente magoada, que me respondeu:

— A escuridão é tanta que não vedes, Padre?

Expressei horror no rosto, embora nada daquilo pudesse ser novidade para mim. A prisioneira desviou o rosto e concluiu, num fio de voz:

— Atentaram contra minha honra...

Olhei então para as suas vestes. *Ela* deve ter acompanhado meu olhar ou entendido de alguma forma o meu pensamento, pois replicou de imediato:

— Não, Padre. Não chegaram a consumir a infâmia, porque Deus não o permitiu.

Não sei dizer exatamente o que passou comigo. Um lado de mim punziu-se da mais amarga frustração: por que poderes do acaso *ela* fora poupada, e eu não? **Tínhamos** que arrancar tudo de puro e nobre que houvesse naquela criança até que *seus* olhos, *seu* porte, todo o *seu* ser, enfim, perdesse aquela coisa interior que tanto nos humilhava, e se tornasse alguém igual a nós, igual a mim. Outro lado, no entanto, para minha estranheza, sentiu verdadeiro alívio, graças ao qual respondi afetando uma alegria em parte real:

— Louvado seja Ele no mais alto dos Céus, filha querida! Graças aos Céus pudeste resistir a tão grande vilania...

— Foram minhas Vozes, Padre, e não eu. Afinal, franzina como sou, teria podido resistir a cinco homens vigorosos? Elas me acudiram e só assim tive forças para evitá-lo. Todavia, não pude evitar que me cobrissem de pancadas, como vês...

De repente, a prisioneira rebentou em soluços. Pensei em dizer algo para consolá-la, mas o prazer em vê-la naquele estado se misturava de tal forma à piedade que não fui capaz de dizer uma palavra. Ao mesmo tempo, tentava entender como *ela* poderia ter escapado indene de um ataque daqueles, enquanto raciocinava que, se de fato eles houvessem conseguido o que queriam, estariam cantando o feito em altas vozes. Foi quando olhei mais atentamente para *suas* vestes fortes de soldado e um vislumbre da verdade me veio ao pensamento.

Tão imerso estava em minhas conjecturas que quase me assustei quando *ela* uniu as mãos, voltando-se para a estreita janela, e falou mais consigo mesma que comigo:

— Gentil Deus, estou consolada! Dou-vos graças, pois entendo...

— O que entendes, filha querida?

A prisioneira pareceu voltar a si e respondeu me olhando:

— Porque minhas Vozes nunca me permitiram ceder aos pedidos e ameaças e insistiram para que mantivesse vestes masculinas. Se eu estivesse usando vestidos femininos seria muito mais fácil para eles e talvez houvessem conseguido...

Afetando indignação, disse-lhe:

— Ah, minha pobre criança! Prouvera a Deus que eu pudesse carregar *tua* cruz, e a tomaria de bom grado sobre os ombros! Prouvera a Deus que meu sangue, minha vida, valessem o preço de *tua* liberdade!...

Ceguei a sorrir de minha retórica. Não creio que houvesse uma única criatura neste mundo por quem eu seria capaz de tal coisa. *Ela* ergueu o rosto e respondeu-me:

— Graças, Padre! Deus lê em vosso coração, e, se verdadeiramente o desejais, é como se o fizésseis! Mas, se não o podeis, Deus o pode e o fará!

Sorri. Aquilo poderia ser uma informação deveras valiosa. Perguntei, melífluo:

— Como assim, filha? Que dizes? Terias recebido a graça de uma revelação dos Céus?!

*Ela* hesitou por um momento, depois sorriu e disse:

— Sim, Padre. A vós, meu confessor, creio poder dizê-lo. Sim, minhas Vozes me revelaram que em três meses serei libertada desta prisão! Ah, que reconforto o saber disso!...

Mil ideias contraditórias me atravessaram o pensamento. De imediato, forte contrariedade. Afinal, o que *ela*, ou as tais Vozes, pretendiam com isso? Não estava em nossos planos que esse julgamento se estendesse nem mesmo por mais três semanas. Ao mesmo tempo, surpreendi-me ao sentir pena de *suas* pobres ilusões. Incrível *ela* não ter percebido ainda que da prisão só sairia para a fogueira. Por outro lado, e se por acaso *ela* estivesse com a razão?...

— Por que me olhais assim, Padre? Julgais que Deus não tem o poder de fazê-lo?

A pergunta me surpreendeu. Pensei rápido e concluí:

— Não, filha, não! Meu grande temor é que esse tempo ainda seja longo o bastante para que venhas a sofrer muitos ultrajes e sofrimentos!

A prisioneira sorriu e falou:

— Ah, Padre, sou infinitamente grata por vossa amizade, que não tenho como retribuir! Se eu tivesse esse poder, pediria a Deus que vos desse a graça de ver e ouvir minhas Vozes! Crede-me, nada há neste mundo que se compare a isso, é como antegozar o Paraíso!...

Apenas por ouvi-lo, a simples possibilidade me aterrorizou. Ceguei a pensar que elas apareceriam ali mesmo, diante de meus olhos, e tão grande foi meu medo que busquei o primeiro pretexto que me ocorreu para fugir dali o quanto antes:

— Agradecemos a Deus o tê-la defendido por meio de Seus Anjos. Nem por isso deixa de ser uma indignidade sem tamanho. Levarei o fato ao conhecimento de Monsenhor de Beauvais e aos demais...

Subitamente, precisei me calar. Numa fração de tempo, lembranças e mais lembranças começaram a voltar em catadupa. Mais uma vez escutei as súplicas daquelas a quem eu arrancara tudo quanto quis saber, voltei a me ouvir prometendo-lhes a vida e a liberdade, conquanto dissessem o que eu queria ouvir. As desgraçadas que me imploravam poupar-lhes a virtude. Jovens que se entregaram a mim em desespero de causa, como último recurso para livrar um pai, um marido, um filho, um irmão, das garras do Santo Ofício. Todos e todas aos quais abandonei depois à própria sorte, quando muito lhes dizendo que eu lamentava profundamente, mas poderes maiores haviam intervido, etc.

— Cuidais que eles não sabem, Padre? — perguntou-me a prisioneira.

No entanto, o fato é que mal conseguia ouvi-la, suas palavras misturavam-se aos soluços e gemidos abafados que pareciam vir da parede, invadindo meus ouvidos. Como se adivinhasse o que me esperava, tentei lutar contra o impulso com todas as forças, mas algo mais forte do que eu me obrigou a olhar para lá. Pareceu-me que a luz alaranjada da tocha projetava na escuridão sombras e mais sombras que iam e vinham, ganhando pouco a pouco formas definidas que comecei a reconhecer uma a uma.

O velho que beijou meus pés, molhando-os de lágrimas, quando lhe jurei o retorno de sua filha ao lar, viva e pura, a mesma jovem que eu mandara raptar e se atirou de uma janela antes de consentir em saciar meus apetites, e agora me dardejava um olhar espectral. Ao lado dela, as outras que acreditaram em minhas palavras doces ou preferiram salvar a vida ao preço da honra; algumas me apresentavam, em seus braços, crianças ensanguentadas que também me olhavam acusadoramente; outras se riam como loucas ao me estenderem uma taça de bebida negra; e outras e outros, todos numa constelação de olhos que me amaldiçoavam.

— ...

Não entendi o que *ela* disse. Na verdade, mal pude ouvir sua voz, mas tive o condão de me arrancar dessa contemplação apavorante. Olhei para *ela*, estranhando ao ver que me encarava como quem esperasse uma resposta. Como era possível que *ela* não visse o que eu estava vendo, como podia não ouvir aquelas vozes todas a gritar tão alto “maldito sejas”, que faziam paredes tremerem? Suava frio, aquilo só podia ser delírio, eu devia estar ficando louco! Bruscamente, levantei-me e corri para a porta, sem mesmo olhar para *ela*, dizendo em tom aflito:

— Filha querida, isto é algo que não pode esperar mais. Tratarei imediatamente do teu caso!

E gritei pelos guardas, agarrado aos varões da cela, suando frio, os dentes se entrechocando, lutando para não olhar para trás naquela eternidade que foi o tempo que eles levaram para subir as escadas e destrancar a porta. Desci as escadas quase correndo, sem poder raciocinar direito, corri como um alucinado e só me detive em meu aposento, fechando a porta como se precisasse me proteger de algo. A seguir, atirei-me ao jarro de hipocraz, tomei uma caneca cheia, depois outra e mais outra. A seguir, fui para o leito e me deitei, suspirando fundo.

Um brando torpor pareceu tomar conta de mim. Ao mesmo tempo, fenômenos estranhos passaram a me rodear. Cheiro de ratos, urina e fezes misturados com palha. Cheiro de calabouço. Soluços, gemidos, prantos, choros de crianças, palavras desconexas, todas as vozes que eu temia e que me pareciam familiares.

Fechei os olhos, trêmulo de horror, recusando-me a abri-los, convicto de que, se o fizesse, teria que encarar mais uma vez todas aquelas sombras, às quais, embora tapasse os ouvidos com toda a força, não obstante escutava. Tentava dizer a mim mesmo que tudo aquilo era alucinação, não existia e não podia existir. Estava com os nervos abalados, abusara do vinho, apenas isso. Tentei gritar por socorro, mas a língua não me obedeceu, quis levantar-me e a paralisia me dominava por completo.

Aquilo me levava a um horror indescritível, como se a minha alcova se houvesse transformado em um calabouço onde eu fosse o prisioneiro. No paroxismo da agonia, pareceu-me ver um crucifixo no alto. Em desespero, consegui desatar a língua e gritar:

— Eu me arrependo! Misericórdia, Senhor! Eu me arrependo!

Um forte abalo fez-me abrir os olhos, e foi com alívio que me vi em meu leito, banhado em suor. Senti-me infantilmente feliz por conseguir me levantar, por ver, pelo pergaminho oleado da janela, os primeiros clarões do sol que nascia. Limpei o suor da testa e tomei mais uma caneca de hipocraz, que me fez sentir melhor. Afinal, fora somente um sonho, nada mais que um sonho.

#### 4º Interrogatório Público — 27 de fevereiro

Preparávamo-nos para dar início à sessão do dia, quando recebemos um aviso que nos surpreendeu deveras: o Duque de Bedford estava a caminho da Capela, a fim de assistir ao interrogatório. Monsenhor reuniu-nos tão rapidamente quanto pôde, a fim de que fôssemos prestar a devida reverência ao Regente da França, e enquanto estávamos a caminho, disse-me no tom mais baixo que encontrou:

— Isto é obra de Warwick. Já que o Cardeal não resolveu as coisas ao jeito dele, deve ter dito ao Duque para avaliar pessoalmente o nosso trabalho.

John de Lancaster recebeu nossas homenagens demonstrando bom humor, e foi sorrindo que disse a meu amo:

— Meu leal Conselheiro Monsenhor de Beauvais, por que todos parecem tão perturbados? Será o caso de que a minha presença venha a trazer algum transtorno para o bom andamento do Processo?

Meu amo respondeu quase logo, sorrindo também:

— Não, Alteza, de forma alguma! Antes, sentimo-nos extremamente lisonjeados e desvanecidos por honra tão grande quanto imerecida, pois a presença de Vossa Alteza é, mais do que tudo, uma recompensa e um estímulo para que nos entreguemos com redobrado ardor ao nosso fastidioso trabalho! Todavia, uma vez que não nos prevenistes de tão fausto acontecimento, perturba-nos, sim, a certeza de não termos preparado uma recepção digna da grandeza do Regente de França!

O Duque replicou com entusiástica bonomia:

— Ora, não vos preocupeis com isso. Esta visita não tem caráter oficial. Afinal, o caso está em boas mãos e dispensa nossa interferência direta. Venho apenas para ter o gosto de ver a Santa Igreja dar o devido corretivo à famosa Donzela que nos causou tão grandes estragos. E achei melhor fazê-lo o quanto antes, pois, conhecendo tão bem a eficiência da Igreja em casos desta magnitude, mais alguns dias a fogueira já teria feito o serviço e provavelmente tudo o que poderia ver *dela* seria as cinzas!

Ele riu-se, e rimo-nos também como era nosso dever, enquanto olhava para meu amo, ambos intimamente constrangidos. Naquele momento desejei ardentemente que Monsenhor não tivesse assegurado com tamanha certeza a rapidez do Processo. Caminhamos então em direção ao local, recebendo o Regente de França as homenagens dos demais Assessores, tão surpresos quanto nós, o que não impediu Beaupère de declarar-lhe que a presença de tão augusta autoridade era a resposta às suas orações e um sinal dos Céus: chegara o dia escolhido pelo Senhor para mostrar Sua glória confundindo e humilhando a herege que O insultava desafiando Sua Igreja.

Em presença da acusada, teve início o interrogatório. Novamente o mesmo começo, que já não causava sensação alguma. A mesma insistência de Monsenhor em obrigá-la a jurar sem restrição, e a mesma teimosia *dela* em fazê-lo ao *seu* jeito, que acabou como de costume. Então, a palavra foi passada a Beaupère, que perguntou-lhe, sorrindo levemente:

— Muito bem, Jehanne, começemos. Como tem passado?

Precisei me conter para não rir. Eram visíveis em seu corpo as marcas do tratamento que recebia. *Ela* ergueu os braços e o rosto o bastante para exhibir as correntes e equimoses, replicando:

— Tão bem quanto possível, como podeis ver...

Houve risos na assistência, e mais uma vez foi abordada a questão das *suas* Vozes:

— O que elas *lhe* disseram quando retornou à *sua* cela?

— Pedi conselho sobre como responder ao que vós me perguntais. Disseram-me que vos respondesse com coragem sobre aquilo que me está permitido falar. Contudo, acerca das revelações que fiz ao Rei, nada direi sem a permissão delas.

O inquiridor perguntou, em visível tom de menoscabo, se afinal essas tais Vozes eram Anjos ou Santos, masculinos ou femininos. Foi então que, pela primeira vez, elas tiveram nomes para nós. *Ela* replicou, bastante séria, ter recebido a permissão de Deus para revelar que eram Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite<sup>218</sup>; que traziam sobre a fronte ricas e preciosas coroas; mas que a primeira aparição que tivera foi a de Saint-Michael, de quem recebia grandes reconfortos.

— E como pôde identificá-las?

— Elas declinaram seus nomes. Além do quê, há uns bons sete anos que elas me falam. Mas sobre isso já fui examinada pela Igreja em Poitiers. Se não credes em mim, perguntai aos clérigos de lá, ou pedi-lhes uma cópia do livro.

A acusada sabia bem o que estava dizendo, e, por isso mesmo, esta seria a última coisa que faríamos. Já tínhamos feito nossas investigações a respeito e não nos ajudaria em nada um inquérito religioso cuja conclusão fora que

*...sem qualquer sombra de dúvida, ela não tinha nem sequer a sombra do mal nem de coisa alguma que pudesse ofender o Espírito Santo, mas somente tudo o que é bom: humildade, virgindade, devoção, honestidade e simplicidade... temer ou rejeitá-la seria rebelar-se contra o Espírito Santo e julgar-se indigno da graça divina...*

— E elas apareciam corporalmente a você, de forma palpável?

A expressão do inquiridor demonstrava seu pensamento. Desde quando Arcanjos e Santos apareceriam diante de uma reles camponesa analfabeta? Mas *ela* replicou:

— Via-as com meus próprios olhos, tão claramente quanto vos vejo. E quando me deixavam, chorava de tristeza, desejando que me levassem junto.

— Que provas você nos dá de que *suas* revelações são de Deus, e de que são mesmo Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite quem *lhe* falam? — perguntou, macio:

*Ela* pensou um pouco antes de responder:

— Eu vos disse. Acreditai em mim, se desejardes.

— Devo entender, então, que você está proibida de falar das revelações que teve sem a permissão de *suas* Vozes? — insistiu, no mesmo tom:

— Não vos responderei sobre isto ainda. Quando eu tiver permissão, falarei.

Beaupère interrompeu-a bruscamente:

---

<sup>218</sup> **Santa Catarina de Alexandria**, padroeira dos estudiosos e da eloquência. **Santa Margarida de Antioquia**, padroeira das grávidas em partos difíceis. Eram muito populares na Idade Média, e havia imagens delas na igreja de Domrémy, que Joana d'Arc frequentava na sua infância. Historiadores e hagiólogos, no entanto, questionam a existência destas duas santas.

— Se você não tem permissão, é porque elas proibiram!

A acusada olhou-o com firmeza ao responder:

— Eu não entendi se elas me proibiram ou não.

Beaupère repetiu-*lhe* em tom ríspido:

— Admita, elas proibiram-*na* de falar!

— Eu não sei se estou autorizada ou não a falar sobre isso!

— E como você sabe sobre o que está ou não autorizada a falar?

— Sobre os pontos dos quais vos falo, pedi e recebi permissão para falar.

Então, Beaupère resolveu mudar a direção do ataque, outra vez em tom brando:

— Por acaso Deus *lhe* ordenou que se vestisse feito um homem?

*Ela* encarou-o firmemente, buscando entender onde ele queria chegar, e contestou:

— Dais muito valor a uma questão de pouca importância. Não pus vestes masculinas por conselhos de qualquer homem, nem fiz coisa alguma senão pela vontade de Deus e de Seus Anjos, pois teria preferido me acabar sob as patas dos cavalos do que ir à França sem a permissão de Deus.

Eu sacudi a cabeça. Era uma jovem valorosa, tinha uma fé que eu nem sabia mais existir, mas apesar disso, ou talvez exatamente por isso, não deixava de ser uma camponesa ignorante e tola. Se havia meio pelo qual poderíamos levá-*la* à fogueira, era precisamente por esta questão! Antes que *ela* terminasse, Jacques de Touraine interrompeu bruscamente em voz alta, perguntando:

— Você julga que a lei permite-*lhe* vestir-*se* com roupas masculinas?

A acusada voltou-se para ele e respondeu:

— Tudo o que fiz foi por ordem de Deus, e se Ele me ordenou que vestisse roupas diferentes, devo fazê-lo porque é Sua ordem!

Beaupère retomou a palavra em tom suave:

— Foi Robert de Baudricourt quem ordenou, não é verdade?

— Não.

— E acha que faz bem ao vestir-*se* dessa maneira? — perguntou em tom mais autoritário.

— Penso que tudo aquilo que Deus ordena é bom, e nisso consiste minha esperança, minha garantia e meu socorro.

Beaupère ia retrucar, quando gritos, protestos e perguntas, vindas de todos os lados, interromperam-no. Ergueu as mãos pedindo silêncio, mas foi Jacques de Touraine quem conseguiu fazer-se ouvir:

— Por acaso havia algum anjo sobre a cabeça do *seu* rei quando *lhe* falou pela primeira vez?

*Ela* olhou em volta, visivelmente cansada, como era nosso objetivo. A estratégia que usávamos invariavelmente era esta: nunca esgotar um assunto, mas saltar rapidamente de um a outro, indo e voltando, até exaurir o inquirido e pegá-lo em contradição. A acusada suspirou fundo e replicou mais para si mesma:

— Por Nossa Senhora...

Depois, encarou o interrogante e replicou, seca:

— Se havia, eu não vi.

Ele apartou com rispidez:

— Mas você viu luzes?

— Claro. Havia no local trezentos Cavaleiros e cinquenta tochas, além da luz espiritual...

Houve risos discretos na assistência. Touraine fez menção de prosseguir, mas conteve-se diante do olhar contrariado de Beaupère, que a seguir olhou de soslaio para o Regente e apressou-se em retomar a palavra, sorrindo levemente:

— E que sinal *seu* rei recebeu para confiar em *sua* missão?

*Ela* respirou fundo antes de responder:

— Vós não sabereis isto por mim este ano. Contudo, o clero já me examinou durante três semanas, em Chinon e em Poitiers. O Rei recebeu um sinal para acreditar em mim, e os clérigos de França nada viram em minha missão além de coisas boas.

Beaupère mudou mais uma vez a direção do interrogatório:

— Você não esteve em Sainte-Catherine de Fierbois?

— Sim.

— E o que andou fazendo por lá?

— Assisti missa três vezes ao dia. Depois, parti para Chinon...

— Apenas isso? Por acaso não foi ali que você disse ter encontrado uma espada?

— Enquanto estive lá, mandei procurar uma espada que estaria atrás do altar da igreja...

— Como soube disso?

— Por minhas Vozes. Encontraram-na enferrujada e marcada com cinco cruzes<sup>219</sup>. Os padres friccionaram-na e removeram a ferrugem facilmente. Pedi-lhes, e permitiram-me levá-la. Usei-a enquanto a tive, até minha partida de Saint-Denis, depois do ataque a Paris.

— E quais bênçãos você invocou, ou mandou invocar, para a espada? — perguntou, sorrindo outra vez daquele jeito que lhe era peculiar:

*Ela* respondeu um tanto desdenhosa:

— Não invoquei nem mandei invocar bênção alguma sobre ela. Nem saberia como fazer tais coisas. Eu cuidava bem desta espada porque era da igreja de Sainte-Catherine, a quem muito amo.

— E onde ela está agora? Perdeu-a, porventura?

— Isto não diz respeito ao Julgamento! — respondeu secamente.

O inquiridor contraiu o rosto, respirou fundo e prosseguiu outra vez em tom macio:

— Por que razão *suas* armas eram colocadas em altares? Para que tivessem boa fortuna?

— Nada sei a respeito.

— Mas você não rezava pedindo que elas tivessem bom sucesso?

A prisioneira mostrou satisfação ao responder-lhe:

— É bom se saiba que rezava para minhas armas serem bem sucedidas!

A seguir, abordou-se o tema do estandarte. Depois de várias indagações sobre seu feitio, Beaupère perguntou-*lhe* se *lhe* agradava mais a espada ou o estandarte. *Ela* respondeu:

---

<sup>219</sup> Uma tradição afirma que seria a de Carlos Martel (avô de Carlos Magno), que a depositou na igreja depois de haver vencido os árabes na batalha de Poitiers, em 732, salvando a França da invasão muçulmana.



— Amava muito mais meu estandarte do que minha espada. Eu mesmo carregava-o durante os ataques, a fim de não matar alguém no calor da batalha.

E *ela* sorriu (sorriu, naquela sala!), mais para si mesma, ao dizer:

— Nunca matei ninguém.

Jacques de Touraine aparteu ainda uma vez, asperamente, ignorando o olhar de desagrado de Beaupère:

— Mas você estava no local onde os ingleses eram mortos em batalha!

— Sim, estava! E vós também!

Ele quis replicar, Beaupère tentou retomar a palavra e seguiu-se uma balbúrdia na qual todos gritavam e ninguém se entendia, até que a voz da acusada superou as nossas:

— Por que não deixastes a França em paz e não voltastes para vosso próprio país?

Aquilo provocou um instante de silêncio seguido de novo tumulto, mas, para minha grande surpresa, o Duque de Bedford comentou com entusiasmo para meu amo:

— Quanta coragem esta jovem tem! Quisera que *ela* fosse inglesa!...<sup>220</sup>

Monsenhor sorriu constrangido, Beaupère crispou o rosto, respirou fundo e retomou o debate voltando ao tema de sua espada, mas pouco mais obteve além de que *ela* não a portava quando foi capturada, e como insistisse em saber mais, a acusada repetiu-lhe que aquilo não dizia respeito ao Processo. O inquiridor trouxe então o assunto para o cerco em Orléans. Depois de algumas perguntas comuns, indagou, mas seu sorriso desta vez me pareceu menos seguro de si:

— E por que, antes do ataque, você disse a *seus* homens que chamaria sobre si as flechas e pedras das catapultas e canhões do inimigo?

*Ela* replicou num tom desdenhoso:

— Jamais disse isso! Tanto assim que uns cem homens, ou pouco mais, foram atingidos durante o ataque! O que eu lhes disse foi que não temessem, pois levantariam o cerco! Eu própria fui ferida no pescoço, mas recebi grande conforto de Sainte-Marguerite e me curei em quinze dias!

— Porventura você tinha sido previamente avisada de que sofreria este ferimento?

— Sim, minhas Vozes me avisaram e disso preveni o Rei por escrito, mas não poderia deixar de cumprir a missão que Deus *me* ordenou. Durante o assalto à fortaleza da Ponte eu mesma finquei a escada, e quando estava subindo por ela fui atingida no pescoço por um dardo, como já vos disse.

Mais algumas perguntas, que nada acrescentaram, e Monsenhor encerrou a sessão, ordenando a Massieu que devolvesse a prisioneira à cela, ao que ele obedeceu sob nossos olhares de inveja, pois bem sabíamos de quão constrangedor seria o momento que nos aguardava, e não nos decepcionamos. Não foi fácil nem agradável suportamos o olhar com que o Duque nos avaliava, olhar esse, porém, que, para minha mais íntima satisfação, visava com mais insistência a Beaupère, o qual lutava como um leão para disfarçar a fúria de derrota. Por fim, o Regente de França despediu-se de meu amo dizendo-lhe, com cada vez menos bonomia e mais formalidade, que compreendia nossas dificuldades e confiava

---

<sup>220</sup>

Não é absolutamente certo que tenha sido o Duque de Bedford o autor da frase, ou mesmo estado presente. Jean Tiphaine, relatando o episódio nos Tribunaux de Reabilitação, declarou apenas que fora dita por um grande senhor inglês, cujo nome não se recordava.

plenamente em nossa competência; no entanto, *pedia*-nos compreendêssemos também a urgência das necessidades da Coroa, e que justificássemos sua confiança; e concluiu:

— Lembrai Vossa Reverendíssima que em nossa terra diz-se que *tempo é dinheiro*.

O Bispo empalideceu e chegou mesmo a abrir os lábios, porém limitou-se a sorrir constrangido enquanto o visitante se afastava, para nosso alívio. Estávamos todos exaustos, precisando de uma boa refeição, um bom vinho e uma noite de sono.

Todavia, antes que pudéssemos desfrutar de tudo isto, surgiu mais um incidente. Saímos todos ao mesmo tempo e me desencontrara de meu amo. Estava tentando encontrá-lo, quando apareceu d'Estivet diante de mim, esbaforido, nervoso, inquieto:

— Onde está Monsenhor?

— Algum problema? — disse, afetando desinteresse.

Ele replicou mais alto e mais incisivo:

— Onde está Monsenhor? Tenho que falar **a ele!**

O tom de voz não me agradou, e retruquei como se falasse a qualquer um:

— Podes dizer-me, que eu lho direi tão logo o veja.

Ele respondeu elevando a voz, e me olhando de alto a baixo:

— Acho que não entendeste! Eu sou o Promotor deste Processo e quero falar diretamente a Monsenhor, não ao seu cão de guarda!

Tomei ares de ofendido e o tom da minha voz também se elevou:

— Vê bem como falas! Também sou Assessor neste Processo e não sou teu criado!

— Meu assunto é com Monsenhor, não tenho satisfações a dar a um sabujo, mesmo que seja o dele! — disse o Promotor, gritando.

— Irmão Benedicite<sup>221</sup>, peço-te para moderar as palavras! Do contrário, posso concluir (erradamente, espero!) que estás a me tratar de forma pouco amável!

Ele passou para um tom de ironia irritada:

— Sim, tens razão! Não quero ter o dissabor de ver o prezado irmão correr com a batina toda cagada para se esconder atrás de Monsenhor!

Retruquei no tom mais desdenhoso que encontrei:

— Pelo menos é dentro das tripas que tenho o que tens dentro da cabeça!

Ele abriu a boca, mas, antes que retrucasse, o Bispo entrou em cena:

— O que se passa aqui?

O Promotor falou apressado, apontando o dedo para mim:

— Tenho notícias importantíssimas para dar a Vossa Reverendíssima, e vosso laçao está tentando me impedir!...

— Fui insultado apenas porque perguntei do que se tratava! — repliquei.

Antes que a discussão recomeçasse, Monsenhor ergueu as mãos e disse enérgico, sem que fosse preciso elevar a voz:

— Calai-vos ambos. Eu falo agora. Irmão Benedicite, lembra-te de que a cólera é má conselheira.

Sorri então, o mais discretamente possível, enquanto meu amo prosseguia:

— Destras o Irmão Aucupis, que se desdobra em zelos por nossa pessoa e é tão digno de teu respeito e tua estima quanto és dos dele.

<sup>221</sup>

*Bendito seja*, em latim. Nome latino de Jean d'Estivet.

O Promotor respirou fundo e voltou-se para mim, abrindo os lábios num sorriso tão amplo que, quem não o conhecesse, não perceberia as chamas que seus olhos dardejavam ao me estender a mão:

— Monsenhor tem razão, como sempre. Caríssimo Irmão Aucupis, se minhas palavras soaram menos do que gentis, não era eu quem te falava, e sim a aflição que se apoderou de meus lábios por invigilância minha. Peço-te que me dêes por escusado.

Tomei suas mãos entre as minhas e respondi-lhe:

— Irmão Benedicite, se alguma palavra minha fez por provocar esse acontecimento pouco feliz entre nós dois, renego-a, em nome da afeição que te consagro...

Abraçamo-nos então e trocamos um beijo digno de Judas. Se um de nós tivesse um punhal guardado dentro da batina, seria muito bem-vindo e de grande serventia. Enquanto isso, Monsenhor falava:

— Eis um exemplo edificante de como devem proceder os verdadeiros cristãos diante de uma crise. Quisera que todo o povo cristão pudesse compreendê-lo como vós outros... mas o que é tão importante assim?

D'Estivet se afastou de mim, como eu dele, e falou depressa:

— O irmão Massieu, por iniciativa própria, permitiu que a acusada, no trajeto de volta para a cela, fosse orar na Capela de Saint-Gilles!

O Bispo franziu o cenho:

— E quais as atitudes tomadas com relação a isto?

— Por minha ordem (salvo melhor juízo de Vossa Reverendíssima), sempre que a prisioneira for levada ou trazida da cela, um guarda ficará postado na entrada da Capela, a fim de que tal não suceda novamente. Quanto a Massieu, está à vossa espera!

Monsenhor lhe respondeu:

— Ótimo! Louvo-te a iniciativa e a atitude! Traze-o a mim nesse momento!

Ouvi tudo aquilo em silêncio, bastante contrariado. Receava o ascendente que d'Estivet pudesse adquirir, mas achei prudente nada dizer, mesmo quando ele passou por mim sorrindo com ar de triunfo por uma fração de instante. Quase logo retornou com o Oficial de Justiça, enviando-me outro sorriso. Antes que aquilo me irritasse, o rosto de Massieu chamou minha atenção e tive que me conter para não soltar uma gargalhada. Um boi teria entrado no matadouro com maior entusiasmo, ainda mais quando, quase logo, o Promotor invectivou-o, de dedo em riste:

— Quem lhe deu licença, truão, para deixar aquela puta excomungada ir à igreja? Farei com que o joguem numa cela, onde ficará sem ver a luz do sol por um mês ou mais!

A seguir, o Oficial de Justiça recebeu de meu amo uma terrível descompostura e a tradicional ameaça de que, se algo assim se repetisse mais uma só vez, seria lançado ao Sena, de onde só sairia depois de bebê-lo até secá-lo.

## 5º Interrogatório Público — 1º de março

Quinta-feira, dia 1º de março, novo interrogatório. Em seguida à monótona disputa acerca do juramento, *ela* por fim pôs as mãos sobre a Bíblia jurando que, quanto àquilo que estivesse relacionado ao Processo, diria a verdade como se estivesse diante do Santo Padre, o Papa (não *lhe* fora dito que havia morrido). Beaupère sorriu e perguntou brandamente:

— Qual deles, a *seu* ver, é o verdadeiro Papa?

A acusada respondeu com outra pergunta:

— Qual deles, como? Por acaso há dois?

A assistência gargalhou de tal forma que desconcertou Beaupère. Mas, desta vez, *ela* não iria levar a melhor, pois tínhamos uma surpresa que esmagaria o *seu* cinismo. Ele reagiu com uma forte punhada que obteve imediato silêncio, ergueu um pergaminho e, sacudindo-o quase diante do rosto da acusada, gritou-*lhe*, furibundo:

— Não tente enganar uma assembleia de homens sábios consagrados a Deus fazendo-*se* de desentendida! Eis aqui uma cópia da carta que você recebeu do Conde de Armagnac<sup>222</sup>, em que ele perguntava-*lhe* a qual dos três Papas deveria prestar obediência!

Olhei para *seu* rosto, tentando perceber o impacto deste golpe. No entanto, *ela* retrucou, sem se mostrar impressionada:

— Reverência mantida, não tive intenção de enganar. Digo-vos aqui em outras palavras o que respondi ao Conde. Recebi a carta quando estava a cavalo, por isso respondi que no momento não estava em condições de atendê-lo, mas, assim que eu pudesse, responderia de Paris ou de outro lugar onde estivesse descansando.

A pedido de Beaupère, foi lida então a cópia da carta do Conde:

**M**inha muito cara senhora, recomendo-me humildemente a vós e suplico-vos, em nome de Deus, que me esclareçais sobre a divisão que reina atualmente na Santa Igreja Católica, sobre os Papas; pois há três soberanos pontífices que têm a pretensão ao Papado. Um está em Roma e se faz chamar Martin V, a quem todos os Reis Cristãos obedecem; o segundo, em Paniscole, no reino de Valência, e usa o nome de Clément VII; o terceiro, de paradeiro ignorado, tem junto a si o Cardeal de Saint-Étienne e mais uns poucos, e se faz chamar Benoit XIV. O primeiro, que se diz Papa Martin V, foi eleito em Constança com o consentimento de todas as nações cristãs; o segundo foi eleito em Paniscole em seguida à morte do Papa Benoit XIII, por três Cardeais; o terceiro foi eleito secretamente pelo Cardeal de Saint-Étienne<sup>223</sup>.

Queirais, minha caríssima e honradíssima senhora, suplicar ao nosso bendito Senhor Jesus Cristo para que em Sua infinita misericórdia, Ele queira, através da senhora, nos indicar qual dos três Papas nomeados acima, é o verdadeiro e a qual deles Ele quer que obedeçamos: Se é ao que se diz Martin, ao que se diz Clément ou finalmente ao que se diz Benoit. Em qual dos três devemos crer? Pois estamos prontos a cumprir a vontade do Bendito Senhor Jesus Cristo.

Vosso súdito, Conde de Armagnac.

<sup>222</sup> Jean IV, Conde de Armagnac e filho de Bernard VII (1418-1450).

<sup>223</sup> Os Papas depostos em Constança inicialmente recusaram-se a se submeter; no entanto, nem eles nem seus sucessores lograram apoio político bastante para sustentar suas pretensões, como a carta deixa claro (nota: o primeiro antipapa usava o título de Clemente VIII, mas o erro é textual na carta do Conde).

Certamente não julgamos necessário informá-la de que as coisas haviam mudado muito desde então, e que os auto-intitulados Clément VIII e Benoit XIV há muito haviam deixado de sê-los: antes mesmo que *ela* houvesse recebido esta carta, o primeiro já havia publicamente abdicado e se submetido a Martin V (recebendo, a título de consolação, a mitra de Bispo de Mallorca); e o segundo jazia no fundo de uma prisão. Portanto, limitamo-nos a mandar que fosse lida uma cópia da resposta que *ela* enviou:

† *Jesus Maria* †

*onde de Armagnac, meu bom e mui estimado amigo, Jehanne, a Donzela, informa-vos que vossa mensagem, na qual vós declarais ter-lhe pedido descobrir em qual dos três Papas relacionados em vossa missiva deveis acreditar, chegou às mãos dela.*

**C** *Em verdade, no momento não posso responder-vos como devido, até que eu esteja em Paris ou em qualquer outra parte, pois eu também me encontro premiada pelos negócios da guerra. Mas quando ouvirdes que eu esteja em Paris enviarei-me uma mensagem e eu vo-lo direi em qual deles deveis verdadeiramente acreditar, pois eu poderei sabê-lo por orientação de meu justo e Soberano Senhor, o Rei de todo o Mundo, e aquilo que eu puder fazer, fá-lo-ei. Recomendo-vos a Deus. Possa Ele vos guardar. Escrito em Compiègne, no vigésimo-segundo dia do mês de agosto.*

*Jehanne*

O olhar da acusada revelava estranheza à medida que ouvia. Naturalmente, havíamos feito algumas supressões e acréscimos ao original para que se adequasse aos nossos fins. Afinal, depois de tantos e tão tumultuados meses, só mesmo um prodígio de memória para detectar esta manobra. Sorrindo como de costume, Beaupère perguntou-lhe:

— Reconhece esta como sendo cópia fiel da carta que você enviou ao Conde?

Respondeu-nos prontamente:

— Apenas em parte. Na carta que mandei fiz referência a outros assuntos que não constam nessa cópia...

Beaupère interrompeu-a:

— Torno a perguntar-lhe: qual dos três Papas você considera legítimo?

*Ela* replicou:

— Não tenho instrução bastante para sabê-lo. Mas acho que é o Santo Papa de Roma.

— Se essa é *sua* opinião, por que não a disse de imediato ao Conde, ao invés de responder-lhe só mais tarde?

— O Conde queria saber a vontade de Deus, não a minha opinião. Sobre isso, respondi-lhe que não me sentia capaz de atendê-lo.

— Então, por que você lhe prometeu pedir conselho sobre este assunto?

— Afirmo sob juramento que não escrevi nem mandei escrever mais nada a respeito!

— Mas está escrito na carta!...

— Esta cópia está alterada! O que eu prometi responder ao Conde era sobre os assuntos aos quais me referi e que não constam nesta cópia, não sobre a questão dos Papas!

Ela falava de tal forma que calou o inquiridor, cuja expressão era uma combinação patética e medonha de frustração e derrota. Respirou fundo, olhou-a com ódio, e depois de alguns instantes de silêncio recuperou a palavra perguntando-lhe se tinha por hábito colocar os nomes de Jesus e Maria entre cruces:

— Em algumas sim, em outras não.

— E costumava assinar também com uma cruz?

A acusada sorriu levemente ao responder:

— Algumas vezes, a fim de avisar os do partido da França para não darem crédito ao que estava escrito.

Então, Beaupère mandou que fosse lida a proclamação que a acusada ditara aos ingleses ordenando-lhes que abandonassem o cerco de Orléans:

† *Jesus Maria* †

**A** *o Rei da Inglaterra, a vós Duque de Bedford, que vos chamais Regente de França; a vós William Pole, conde de Suffolk, John Talbot, e Lord Thomas de Scales, ditos lugar-tenentes do supradito Duque de Bedford: obedecei aos Céus! Entregai à Donzela, aqui enviada por Deus, o Rei do Céu, as chaves de todas as boas cidades que haveis tomado e depredado em França. Ela veio em nome de Deus para restabelecer o Sangue Real, estando pronta a fazer a paz se concordardes em abandonar a França e reparardes os danos que haveis causado.*

*E vós, arqueiros, gentil-homens e outros, que vos encontrais diante da cidade de Orléans, retornai para o vosso país, em nome de Deus! Se não o fizerdes, tereis notícias da Donzela, que em pouco tempo chegará sobre vós a fim de causar-vos grandes estragos. A vós, Rei de Inglaterra, falo como Comandante de Guerra que sou: caso não o façais desta forma, forçar-vos-ei a fazê-lo; e quando eu encontrar vossos súditos, eu os expulsarei; se eles não obedecerem, eu os matarei.*

*Eu fui enviada para aqui em nome de Deus, o Rei do Céu, a fim de lançar-vos todos, um por um, para fora de toda a França. Se obedecerdes, eu vos mostrarei clemência. Não penseis de outro modo. Vós não podereis reter o reino de França contra a vontade de Deus, o Rei dos Reis, o abençoado Filho de Maria. O Rei Charles, o legítimo herdeiro, é quem irá possuí-lo, conforme foi revelado à Donzela, e entrará triunfante em Paris.*

*Caso não acrediteis nas notícias que Deus envia através da Donzela, então nós vos encontraremos e vos golpearemos com tal alarido como a França jamais conheceu em mil anos. Sabei, pois, que o Rei do Céu enviará para a Donzela e seus soldados um poder maior que o vosso e sereis superados: por tais golpes sabereis quem tem a graça de Deus. A vós, Duque de Bedford, a Donzela reza e roga que não causeis vossa própria destruição. Se obedecerdes a ela, vós podereis em sua companhia realizar justíssima ação como nunca foi realizada em toda a Cristandade. Respondei, se desejais paz na cidade de Orléans. Se não, preparai-vos para uma grande derrota em breve. Escrita na terça-feira da Semana Santa.*

*Joanne*

A camponesa ouviu, desta vez com ar de satisfação no rosto, e quando o inquiridor lhe perguntou se reconhecia o documento, respondeu:

— Sim, esta é a proclamação que fiz, com exceção de umas poucas palavras: em primeiro lugar, não mandei escrever *entregai à Donzela*, e sim *entregai ao Rei*. Em

segundo lugar, não me referi a mim mesma como Comandante de Guerra. Tampouco usei a expressão *um por um*.

— E quem a ditou para você? Alguém da nobreza, talvez? — perguntou Beaupère, maciamente.

*Ela* replicou:

— Não, nenhum deles o fazia. Mostrava as cartas aos nobres que me acompanhavam, para que soubessem, mas eu mesma ditava para que eles enviassem.

Houve um lapso de silêncio, preenchido apenas pelos cochichos de Beaupère com alguns dos assessores mais próximos; quebrado de súbito pela voz da acusada, que parecia ter ficado maior ao nos dizer:

— Há mais algo que me foi revelado, e que julgo meu dever dizer-vos, em reverência aos vossos trajes sagrados!

Tendo captado ainda mais a atenção geral, *ela* prosseguiu com ênfase:

— Dentro de sete anos, vereis os exércitos ingleses sofrerem uma derrota ainda maior que a de Orléans, e depois disso, perderão tudo o que conquistaram no reino de França!

Aquilo causou um silêncio constrangedor, quebrado quase logo pelos ingleses presentes, guardas e padres, todos a gritar ao mesmo tempo, obrigando Monsenhor a elevar a voz para obter silêncio. Num átimo, pensei que talvez *ela* fosse mesmo enviada de Deus e estaria a dar-nos um sinal de que *estávamos tão fixados no ovo de galinha que não víamos o de ganso*<sup>224</sup>. Mas o efeito daquelas palavras se evaporou já no átimo seguinte, pois, apesar de todo o sucesso que os armagnacs haviam obtido em seu último arranque desesperado até Reims, toda a iniciativa deles desaparecera desde que *ela* caíra em nossas mãos, nenhum dos lados avançava ou recuava; e, no fundo, só mesmo um camponês simplório ou um armagnac fanático ainda teria fé numa reviravolta depois de derrotas tão decisivas como as de Agincourt e Verneuil.

— E como você pode saber uma coisa destas? — perguntou Beaupère, ainda um tanto perturbado.

— Porque minhas Vozes mo revelaram. **Sei** que isto **irá** acontecer dentro de sete anos, tal como sei que estou diante de vós nesse momento, e prouvera a Deus que não fosse preciso esperar tão longo tempo!...

— Quando se dará isso?

— Já o disse: dentro de sete anos.

— Sim, mas quando, exatamente?

— Não sei o dia nem a hora.

Ele já tinha se recuperado e perguntou em tom desdenhoso:

— Você não disse que tais coisas aconteceriam antes do dia de Saint-Martin<sup>225</sup>?

*Ela* olhou-o, muito séria, quando disse:

— Eu disse que até essa época ver-se-ia uma derrota inglesa.

---

<sup>224</sup> Provérbio da época. O ovo de ganso é maior que o de galinha. Tinha o sentido de escolher mal, fixar-se em algo menor e não ver o maior.

<sup>225</sup> 11 de novembro.

E vimos. Nesse dia, o cerco a Compiègne foi levantado. Talvez tenha sido a última profecia que *ela* viveu o bastante para ver cumprida. A seguir, Beaupère voltou a perguntar sobre *suas Vozes*:

— Sainte-Marguerite fala em inglês?

— Por que ela o faria, se não é do partido dos ingleses? — respondeu.

A seguir, fez perguntas a respeito do *seu* anel, que nada acrescentaram<sup>226</sup>, sorriu discretamente e mudou de assunto:

— Por acaso *suas Vozes* não *lhe* fizeram alguma promessa?

— Isto não diz respeito ao caso — replicou secamente.

Ele repetiu, em tom alto, irritado:

— Se eu pergunto, importa para o caso! Trate de responder! O que elas *lhe* prometeram?

*Ela* pareceu vacilar por uma instante, depois *se* decidiu e disse:

— Prometeram-me que o Rei retomará todo o seu reino, queiram ou não seus inimigos.

— E o que mais?

Hesitou mais uma vez antes de responder, num tom mais baixo:

— Prometeram levar-me ao Paraíso.

Houve um “frisson” na sala, mas Beaupère perguntou quase logo, naquele seu jeito característico:

— Por acaso não *lhe* fizeram outra promessa?

O tom de voz com que ele fez esta pergunta me inquietou. Iria aquele imbecil estragar todo o meu trabalho?

— Sim, foi-me feita outra promessa, mas não a direi agora. Em três meses, eu vo-la direi.

A pergunta seguinte veio em tom de deboche:

— Por quê? Por acaso elas *lhe* prometeram que estaria livre ao fim deste prazo?

Senti meu rosto arder, pois o idiota fez questão de perguntar exatamente o que *ela* me dissera em confissão! Percebendo que a prisioneira passava os olhos por todos nós, suponho que me procurando, disfarcei falando qualquer coisa a alguém ao lado, tentando ao mesmo tempo achar alguma explicação capaz de convencê-la. Pareceu-me bastante irritada ao respondeu:

— Isto não vem ao caso! Não sei **quando**, mas **sei** que serei libertada desta prisão! Afinal, bem pode ser que os que pretendem minha morte deixem este mundo antes de mim!

Aquela frase causou mal-estar em uns e risos de mofa em outros, eu sentia um misto de ambos. Enquanto isso, Beaupère começava a vacilar. A estratégia usada cansava-a visivelmente, mas não estava dando maiores resultados, além de ter o inconveniente de cansar a nós também. Assim é que ele perguntou mais uma vez:

— Neste caso, admite que *suas Vozes* *lhe* prometeram que estará livre desta prisão?

— Em três meses eu vos responderei. Perguntai aos vossos assessores, sob juramento, se isso diz respeito ao Processo — respondeu *ela*, no mesmo tom de antes.

---

<sup>226</sup>

Vide páginas 13.



Beaupère parecia prestes a dar uma resposta furiosa, mas o Bispo tomou a palavra e disse-lhe com gentileza:

— Atendamos ao *seu* pedido. Reportemo-nos aos assessores.

Voltou-se para nós, tão imperioso no olhar quanto afável na voz ao perguntar-nos:

— Considerais que esta pergunta diz respeito ao Processo?

A maior parte prontamente levantou a mão direita, em sinal de concordância. Diante do olhar da prisioneira, uns poucos visivelmente hesitaram, porém, bastava um olhar direto do Bispo para que cada indeciso prontamente ajudasse a tornar o parecer unânime. Diante disso, *ela* suspirou e disse a Beaupère:

— Como já vos disse, não posso dizer tudo. Sei que serei libertada, mas quanto ao dia, perguntarei mais tarde.

— Então, *suas* Vozes proibiram-*lhe* de nos falar a verdade?!

A acusada olhou-o firmemente e respondeu com vivacidade:

— Quereis que vos fale do que diz respeito ao Rei da França? Não o farei neste Tribunal! Não obstante, posso dizer-vos que *sei* que o Rei recuperará todo o seu reino, tanto quanto sei que estou aqui sentada diante de vós. É isso o que me reconforta, sem este consolo já teria morrido!

Beaupère pensou um pouco e tentou atingi-*la* por outro caminho. Num tom normal, como quem falasse algo sem importância, perguntou-*lhe*:

— O que você fez de *sua* mandrágora?

A acusada respondeu desdenhosamente:

— Não tenho, nem jamais tive uma.

— Ora, vamos! Já deve ter visto alguma... em *sua* aldeia, talvez — comentou, escarninho.

Respirou fundo antes de responder:

— Ouvi dizer que perto dela havia uma, porém jamais a vi nem quis saber disso, pois falavam que era coisa perigosa e diabólica.

— Quem *lhe* disse isso? *Suas* Vozes?

— Minhas Vozes jamais me disseram coisa alguma a respeito.

— Sabe para que serve?

— Ouvi dizer que era boa para atrair dinheiro, mas não acredito nisso.

Na falta de coisa melhor, Beaupère voltou ao tema de suas visões e em determinado momento perguntou:

— Como foi que Saint-Michael *lhe* apareceu? De coroa, de túnica?

A pergunta pareceu contrariá-*la* e respondeu secamente:

— Não *lhe* vi coroa, nem sei falar sobre suas vestes.

Ele questionou, sorrindo nitidamente irônico:

— Como assim? Por acaso Saint-Michael estava nu?

Houve risos discretos na assistência. Ela respondeu bem vivamente:

— Pensais que Deus não tem com que vesti-lo?

A cara de pasmo de Beaupère, mais do que a resposta, provocou uma explosão de hilaridade na plateia, alguns chegaram às gargalhadas, tendo Monsenhor que mandá-los calarem-se. Não posso negar que a encantadora simplicidade da resposta chegou a me

deixar maravilhado. Beaupère mesmo deixou perceber que perdeu o prumo da argumentação nas perguntas seguintes:

— Tinha ele os cabelos cortados?

— Por que lhe seriam cortados os cabelos?!

— E quanto à sua balança<sup>227</sup>?

— Nada sei a respeito. O que posso dizer é que sinto extrema felicidade em vê-lo.

Sinto-me como se não tivesse pecado mortal.

Parecia cada vez mais difícil encontrar algo para atingi-la. Mesmo eu, que não participava diretamente do inquérito, imaginava perguntas e mais perguntas, e todas me pareciam banais e fáceis de responder. Na falta de coisa melhor, ele agarrou-se ao tema:

— Então, você admite que já cometeu pecado mortal!

— Se eu cometo algum, é sem saber.

— Quando você se confessava, não era por acreditar que estava em pecado mortal?

— Nunca soube e nunca senti que tivesse cometido algum. Pela graça de Deus, espero nunca ter estado nem estar em pecado mortal. Seria um grande peso para a minha alma.

— E como faz para se confessar?

— Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite recebem minha confissão.

— As duas ao mesmo tempo?

— Uma de cada vez — retrucou secamente.

Julgando talvez encontrá-la desprevenida, voltou sutilmente mais uma vez ao tema em que *ela* se recusara a responder anteriormente:

— Que sinal você deu para demonstrar ao *seu* rei que era enviada por Deus?

*Ela* responde com vivacidade:

— Já vos disse que nunca sabereis disso por meu intermédio! Ide perguntar a ele!

— E porventura você realmente sabe que sinal é este? — perguntou Beaupère, afetando ar de dúvida e desdém.

— Vós não arrancareis esta resposta de meus lábios!

— Lembre-se que você prometeu e jurou falar sobre tudo o que dissesse respeito a este Julgamento! — disse Beaupère, desta vez ríspido.

— Já vos disse que sobre aquilo que diz respeito ao meu Rei, não estou autorizada a falar e não falarei!

De repente, Beaupère deu uma violenta punhada, que nos pegou desprevenidos e chegou a me assustar, enquanto apostrofava a acusada:

— Mas é justamente isto que está em questão neste Julgamento!

*Ela*, contudo não se deixou impressionar:

— É inútil insistirdes! Não sabereis tal coisa por meu intermédio! O que prometi sob juramento não posso contar sem cometer perjúrio!

O inquiridor olhou com aflição para o Bispo, depois para o chão, como se buscasse alguma inspiração. Então, voltou-se outra vez para *ela* e perguntou com alguma pressa:

— A quem você fez essa promessa?

— À Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, em presença do Rei.

<sup>227</sup>

Nos vitrais dos séculos XIII e XIV, São Miguel Arcanjo é representado com uma balança na mão.

— E por que elas *lhe* exigiram isto?

— Elas não me exigiram. Fi-lo por minha livre vontade, pois muitas pessoas poderiam se sentir no direito de me questionar caso não o houvesse prometido às minhas Vozes.

— E... porventura alguém mais estava junto quando você mostrou ao *seu* rei o dito sinal?

A prisioneira respondeu com tranquilidade:

— Não, embora houvesse muitas pessoas por perto.

— Porventura você viu uma coroa sobre a cabeça do seu rei quando *lhe* mostrou o dito sinal?

Enquanto ele parecia aflito, *ela* olhava-o como se tentasse entender o objetivo da pergunta, antes de responder:

— Não vos posso responder sem cometer perjúrio.

— E ele tinha uma coroa quando se dirigiu a Reims?

Eu tentava imaginar o que esperava obter desse assunto, que me pareceu estéril. *Ela* respondeu medindo as palavras:

— Penso que o Rei se contentou com aquela que encontrou na cidade, pois fez com que apressassem a coroação, a pedido do povo de Reims para diminuir o peso das despesas com os soldados. No entanto, se ele tivesse esperado um pouco, teria tido uma coroa mil vezes mais preciosa.

Foi em vão que Beaupère fez mais algumas perguntas sobre isto. Quando ficou por um pouco em silêncio, olhando para o chão, meu amo tomou a palavra dando por encerrado o interrogatório do dia, ignorando o olhar de desespero e de aflição do inquiridor e marcando a continuação para o próximo sábado.

## 6º Interrogatório Público — 3 de março

No sábado, 3 de março, novo interrogatório. Nesse ínterim não fui visitá-la. Não era prudente falar-lhe enquanto não encontrasse uma justificativa plausível que explicasse como Beaupère tivera conhecimento do que me dissera mediante confissão. De início, a mesma disputa monótona acerca do juramento, que acabou como das outras vezes; a seguir, o inquiridor começou com algumas perguntas sobre o aspecto de suas visões, que receberam quase sempre a mesma resposta:

— Não tereis de mim senão aquilo que já disse.

Como sua insistência não lograsse maiores resultados, de repente, como de hábito, ele mudou o tema do debate:

— *Suas Vozes* lhe revelaram como você conseguirá escapar?

Ela respondeu com a rapidez de um relâmpago:

— Isto não diz respeito ao Julgamento! Credes que responderei contra mim mesma?

Ouvi risotas abafadas. Como Beaupère insistisse, *ela* retrucou:

— Por minha fé! Sim, realmente elas me disseram que serei libertada, mas não me revelaram o dia ou a hora; e que eu precisava muito manter a coragem e o semblante bem disposto diante de vós.

Ordem essa que a acusava vinha obedecendo à risca, diga-se de passagem. A partir daí, o assunto voltou-se para as roupas masculinas que usava, mas Beaupère julgou ter encontrado outra forma de abordar o tema:

— Quando você compareceu diante de seu rei, ele não *lhe* perguntou se foi por alguma revelação que você mudou para vestes masculinas?

Ela olhou-o com firmeza e replicou:

— Se ele me perguntou, não me lembro; porém, já vos respondi anteriormente sobre esta questão: está escrito em Poitiers.

Como as perguntas que se seguiram fossem semelhantes, receberam respostas parecidas; inclusive, perguntada se, quando em viagem pelo reino, recebia a Comunhão em vestes masculinas, respondeu que sim, mas sem armas. Indagada se não considerava pecado mortal deixar de usar as roupas apropriadas ao seu sexo, respondeu que em primeiro lugar era preciso servir e obedecer a seu Senhor.

— Teu senhor Charles de Valois? — perguntou o inquiridor em tom de mofa.

— Não! É Deus! — respondeu incisivamente.

Beaupère então voltou-se para os pendões de *seus* soldados:

— Não é verdade que você afirmava aos *seus* sequazes que estes pendões teriam o dom de protegê-los e lhes dar sorte?

A acusada sorriu discretamente, parecendo deixar-se levar por suas lembranças, ao replicar:

— Não. O que eu lhes dizia era: “Não temais, vamos aos ingleses!” E eu mesma ia junto com eles.

Se a prisioneira houvesse tido alguma vez a pretensão de angariar qualquer simpatia naquela sala, com essas palavras a teria destruído por completo. Os padres ingleses gritavam, enquanto os guardas fremiam com suas armas de tal forma que, pelo que li em

seus rostos, tê-la-iam feito em pedaços ali mesmo com o maior prazer, se pudessem. O Bispo obteve silêncio e o inquiridor prosseguiu:

— Quando *seus* pendões eram feitos, mandava jogar água benta sobre eles?

Seu rosto exprimiu contrariedade, como se lhe tivessem dito algo absurdo.

— Jamais soube disso! Se o faziam, não era por ordem minha!

— Levava, ou mandava levar tecidos aos altares ou em procissões para com eles confeccionar seus pendões?

— Não! Nunca o fiz, nem nunca vi ninguém fazê-lo!

Não entendi por que *ela* encarava tais coisas como tão absurdas. Se eu ainda fosse capaz de crer, certamente não julgaria nada disso tão chocante, mesmo porque já foram feitas muitas vezes antes em situações bastante parecidas; nem creio que deixarão de ser feitas no futuro, pelo menos enquanto houver religião e guerra no mundo.

Beaupère silenciou por um breve instante e outra vez aquele sorriso quase imperceptível brincou nos seus lábios, quando perguntou mansamente:

— E quanto às imagens que você mandou fazer, representando-*a*?

Fiquei em suspense, aguardando a resposta. Seria uma ocasião de ouro para dizermos que *ela* induzia o povo a adorá-la.

— Vi uma pintura em Arras, onde me representaram em armas, ajoelhada diante do Rei, a lhe entregar uma carta. Mas não mandei fazer esta ou qualquer outra representação minha, nem jamais vi qualquer outra.

— Mas não foi em *sua* honra que foi feita em Orléans, na casa de seu anfitrião, uma pintura onde aparecem três mulheres com as palavras Justiça, Paz, União?

— Nada sei a respeito.

— E o que me diz das missas e orações que mandou fazer em *sua* homenagem?

— Nada sei a respeito. Se o fizeram, não foi por minha ordem. Contudo, ainda que o tenham feito, não vejo nada de errado nisso.

— As pessoas do *seu* partido acreditam então que você é enviada por Deus?

— Isto eu não sei. Mas, creiam eles ou não, o fato é que Deus me enviou.

Foi com visível ironia que ele perguntou:

— Então, se acreditam nisso, não estão errados?

— Se acreditam que fui enviada por Deus, certamente não estão errados!

Eu olhava para a acusada, pasmo. De onde *ela* tirava uma convicção daquelas? Será que não percebia que, fizesse o que fizesse, já estava de antemão condenada à fogueira? Acreditaria de fato existir um Deus no Céu que viria salvá-la? E, no entanto, seus olhos deixavam claro que *ela* não tinha absolutamente dúvidas quanto a isso!

— E por que atizava a adoração do povo fazendo-*se* beijar nas mãos ou nos pés?

— Eram gente pobre, pessoas do povo, que ficavam muito felizes em me ver e procuravam demonstrar sua afeição por mim da melhor maneira que podiam pelo pouco que eu podia fazer por eles, e seria descortesia minha proibir-lhes de me oferecer seu carinho.

— Quais honrarias foram-*lhe* tributadas pelo povo em Troyes?

— De que eu me lembre, nenhuma.

— Com quem você entrou na cidade?

— Dirigi-me à entrada em companhia do Irmão Richard, mas não me recordo de tê-lo visto entrar.

Em ouvindo o nome daquele problemático padre, Beaupère resolveu abordar outra questão que poderia ser útil, se pudéssemos ligá-la a pessoas reconhecidamente não confiáveis em relação à ortodoxia da fé.

— De onde você o conhecia?

— Jamais o vira antes de Troyes.

— E como foi que se encontraram?

— Julgo que ele tenha sido enviado pelo povo da cidade, receoso que eu não viesse da parte de Deus. Ele veio ao meu encontro, hesitante, fazendo o sinal-da-cruz e jogando-me água benta quase todo o tempo. Então lhe disse: *Não temais, podeis chegar mais perto que não sairei voando.*

Novamente alguns riram-se em surdina. Beaupère então questionou:

— Em *suas* andanças, lembrava-se de *se* confessar e comungar?

— Sim, de tempos em tempos.

— Em vestes masculinas?

— Sim.

Um burburinho teve início, mas Beaupère elevou o tom de voz:

— E armada?

— Não me lembro de estar armada.

A seguir, voltou-se para ela de dedo em riste, quase gritando:

— E por que razão você roubou o cavalo do Reverendíssimo Bispo de Senlis?

A prisioneira replicou bastante séria, provavelmente contrariada por ser tomada por um ladrão de cavalos:

— Não roubei coisa alguma! Fizemos um acordo e paguei duzentos saluts<sup>228</sup> pelo animal. Se o Bispo recebeu-os ou não, eu não sei, mas eu mandei o dinheiro. Mais tarde escrevi para ele dizendo-lhe que, caso desejasse, eu lhe mandaria o cavalo de volta, já que ele me era de pouca serventia por não ser apto para suportar pesos.

— Qual era a idade da criança que, segundo disseram, você ressuscitou em Lagny?

Houve certo “frisson” na assistência e mesmo alguns assessores mostraram mais surpresa do que seria conveniente. A acusada respondeu lentamente:

— Tinha três dias de nascida.

Como *ela* nada mais dissesse, ele insistiu:

— E como isso se passou?

A prisioneira falou, medindo as palavras:

— A criança fora levada para a igreja, diante da imagem de Nossa Senhora, onde as donzelas oravam. Pedi então para juntar-me a elas e nós todas oramos com fervor para que a vida voltasse ao bebê, que estava negro como a minha capa. Em dado momento, a criança soluçou e bocejou por três vezes, e a pele foi recuperando a cor. A criança foi então batizada logo a seguir, e assim que foi feito ela morreu, mas pôde ser enterrada em solo consagrado.

---

<sup>228</sup>

Antiga moeda de ouro lançada na França durante o reinado de Carlos VI, cujo nome devia-se ao fato de trazer a efígie representando a Virgem Maria recebendo a saudação de São Gabriel.

Beaupère sorriu escarninho e sugeriu:

— Naturalmente a cidade inteira deve ter dito que aquela ressurreição era obra *sua*, por mercê de *suas* orações.

*Ela* respondeu muito séria:

— Não fiquei perguntando sobre isso.

O inquiridor levou o tema para um novo tópico:

— Porventura conheceu Catherine de la Rochelle?

— Sim, estive com ela em Jargeau e Montfaucon-en-Berry<sup>229</sup>.

— Ela não *lhe* mostrou uma mulher de manto branco que dizia *lhe* aparecer?

— Não, não a vi.

— E o que ela *lhe* disse a respeito?

A prisioneira sorriu levemente ao responder:

— Que certa dama branca vinha até ela ostentando uma roupa de ouro, dizendo-lhe para ir às boas cidades mediante clarins e arautos que o Rei *lhe* daria, para proclamar que qualquer pessoa possuidora de ouro, prata ou tesouros escondidos, deveria apresentá-los imediatamente, pois, em caso contrário, ela poderia saber imediatamente quem os mantinha ocultos, e encontrá-los facilmente.

— E o que ela fazia com esses tesouros?

— Disse-me que eles deveriam pagar os meus soldados.

— E o que você *lhe* respondeu?

— Que ela deveria voltar para seu marido, cuidar de sua casa e alimentar seus filhos. Mais tarde, perguntei à Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, e me responderam que o caso dela não passava de loucura e um amontoado de tolices sem valor.

Como se fosse preciso consultar vozes do Céu para se saber coisa tão óbvia, pensei sorrindo. A camponesa prosseguiu:

— Escrevi ao Rei sobre o que deveria fazer a respeito, e quando voltei à sua presença disse-lhe que o caso de Catherine era loucura e nada mais. Apesar disso, o Irmão Richard julgava que ela devia dar continuidade ao que fazia e por isso ambos acabaram se afastando de mim bastante aborrecidos.

— E quando você a viu pela última vez?

— Quando eu ia para Charité-sur-Loire. Ela me aconselhou a não ir por causa do frio, contando-me que pretendia dirigir-se ao Duque de Borgonha a fim de promover a paz.

— E o que você *lhe* respondeu?

— O mesmo que ao Rei: *a paz com a Borgonha não será obtida senão à ponta de lanças*.

A resposta incisiva da acusada provocou um discreto murmúrio.

— O que você foi fazer nas trincheiras de Charité?

Fiquei imaginando o que pretendia com uma pergunta óbvia por si mesma.

— Um ataque.

— E mandou aspergir água benta sobre as tropas...

— Não!

A pergunta seguinte veio em tom inocente, acompanhada de seu leve sorriso:

---

229

Atual Villequiers. Não confundir com o célebre patíbulo de Paris referido na nota 107.

— Já que você tinha ordens de Deus para entrar em Charité, por que não cumpriu-a?

A resposta nos desconcertou:

— Quem vos disse que eu recebi esta ordem?

Mais uma vez, risotas logo abafadas pelo rosto irado com que Beaupère nos fulminou. Quando estes cessaram, *ela* concluiu:

— Minha opinião era de que se devia atacar a França<sup>230</sup>, mas os soldados opinaram ser melhor atacar primeiro em Charité.

A seguir ele mudou de assunto, abordando sua estadia na torre de Beaufort:

— É verdade que preferiria morrer a cair prisioneira dos ingleses?

— Sim, preferiria entregar a alma a Deus a cair em mãos inglesas.

— E, para atingir esse fim, saltou da torre — afirmou Beaupère à meio-tom.

— Saltei para tentar fugir, para ir em socorro da boa gente de Compiègne! Encomendei-me a Deus e à Nossa Senhora!...

Mas, antes que terminasse, ele interrompeu-a, com aquele seu típico sorriso:

— O que *suas Vozes lhe* disseram a respeito?

Pela primeira vez, *ela* pareceu colhida de surpresa. Enrubescou e baixou os olhos falando lentamente, parecendo uma criança apanhada em falta:

— Elas me disseram que não o fizesse... mas eu estava tão contrariada e temerosa dos ingleses que acabei por saltar... e acabei bastante machucada...

— Foi então que, segundo as testemunhas, você praguejou e blasfemou do nome de Deus...

*Ela* mostrou-se ofendida, e voltou a ser a mesma de antes:

— Nunca blasfemei, nem tenho o costume de praguejar! Os que disseram que fiz isso entenderam errado ou faltaram com a verdade!

Nesse ponto, Monsenhor encerrou o inquérito, que não estava levando a lugar algum, e mandou que a prisioneira fosse levada de volta à cela. Tão logo *ela* saiu da sala, determinou então que o Julgamento não seria mais aberto ao público, uma vez que este se comportava de tal maneira que prejudicava o bom andamento dos interrogatórios. Igualmente era perturbadora a presença de todos os assessores nas sessões, já que em determinados momentos falavam todos ao mesmo tempo e ninguém se entendia. Como o trabalho principal estava terminado, seria selecionado um determinado número deles para interrogatórios suplementares na própria prisão, a fim de não cansar desnecessariamente os demais. Igualmente, os assessores ficavam proibidos de se ausentar de Rouen sem prévia autorização até o fim do Julgamento.

Foi quando surgiu um segundo incidente envolvendo o Oficial de Justiça. Tão logo saí, vi-me rodeado pelos nobres ingleses, ansiosos por saber novidades. Ao mesmo tempo, um padre desconhecido para mim se aproximou de nós e, tão logo viu-se observado pela nossa curiosidade, abriu os braços e olhou para o teto, erguendo a voz num tom meloso e afetado:

---

<sup>230</sup> Entenda-se Île-de-France, região administrativa que englobava Paris e outras cidades próximas, de grande interesse econômico para as corporações mercantis da capital.



— Socorro! O Rei está sendo traído! A quem recorrer?! Quem estará disposto a salvar o Rei?! Pobre infeliz, tão criança e já vítima de tão sórdida traição!

Rodeamo-lo de pronto e Stafford crispou o rosto ao perguntar:

— Quem está traindo o Rei?

— Quem sois? — perguntei-lhe.

O padre teatralmente pareceu vacilar:

— Oh, senhores, devo dizer? Estarei entre leais servidores do Rei e da Igreja? Pois do contrário, pagarei com a própria vida o preço de minha lealdade!

Os nobres ingleses não primavam pela diplomacia nem pela paciência:

— Se sois leal ao Rei, tratai de dizer logo o que está acontecendo!

Então ele se animou e falou:

— Ó coisa horrenda, aquele padre! Judas vestiu a batina e se imiscuiu entre nós!

— A quem vos referis? — perguntei.

— Aquele que conduzia a prisioneira de volta à cela!

Os condes me olharam e respondi:

— Deve ser o irmão Massieu. Mas, o que houve, afinal? E quem sois vós?

Ele olhou para mim como se me receasse:

— Oh, por caridade, se sois amigo dele, lembrai-vos que somos irmãos da mesma Santa Madre Igreja!...

Interrompi-o um tanto brusco e irritado:

— Antes de tudo, sou amigo dos servidores leais do Rei e da Igreja! Mas quem sois vós, afinal?

Por fim, deliciado, ele falou:

— Eustace Turquetil, vosso humilde irmão em Cristo e leal servidor do Rei...

— Dizei logos o que se passou! — rosnou Stafford.

Tendo todos os olhos voltados para si, o padre começou:

— Quando vi aquele padre conduzindo a prisioneira para a cela, dirigi-me a ele de coração puro e plenamente confiante de que estaria falando a um irmão em Cristo, a um sacerdote justo e digno e leal servidor da Coroa tanto quanto me empenho em ser por amor ao Cristo, nosso senhor no Céu, e ao Rei, nosso senhor na terra...

Stafford puxou a espada e falou entre dentes:

— Já sabemos quão leal sois! Agora, dizei logo o que se passou!

— Eu lhe perguntei se a acusada seria queimada viva e quando! Mas aquele réptil, aquele Judas de batina, sem compaixão pela infância do Rei, oh, pobre Rei, tão criança e já tendo que sofrer tão asquerosa perfídia!...

O Conde, que não era exatamente um exemplo de paciência, levantou o queixo do padre com a ponta da espada e lhe falou entre dentes:

— Faze-nos a gentileza de dizer o que se passou!

Apavorado, o padre concluiu apressadamente:

— ...ele começou a dizer que ali se estava cometendo um crime hediondo, que aquela jovem era pura como os lírios do campo e seus Juízes eram monstros de iniquidade!...

Não nutria nenhuma estima especial por Massieu, mas duvidava muito que ele fosse louco o bastante para falar tais coisas, mesmo que ousasse pensá-las, ainda mais para

um completo estranho num ambiente daquele, no qual era arriscado confiar até mesmo nas paredes. Stafford de imediato ergueu a arma e fez menção de correr para o corredor, sendo detido por Warwick, enquanto eu lhes dizia, alarmado:

— Messires, tomai sentido!

— Vamos atravessar aquele traidorzinho de uma figa como carne no espeto! — disse Stafford, transtornado.

— Messires, compreendo e compartilho vossos sentimentos, todavia, antes de tudo falemos a Monsenhor!

Mal terminei de falar e o rosto de Stafford empalideceu e se crispou, conseguindo ficar ainda mais desagradável do que de costume. De pronto acompanhei a direção de seus olhos, esperando pelo pior. De fato, Massieu teve a má sorte de aparecer naquele exato momento, entre outros assessores. O Padre Turquetil apontou-o com o dedo, enquanto fechava os olhos com a outra mão gritando teatralmente:

— Pela Santíssima Trindade! Lá está Judas entre os Apóstolos! Meu Deus e meu Salvador, salvai-me das garras de Satã!

Antes que se pudesse fazer qualquer coisa, Stafford rugiu selvagememente e se precipitou de espada em punho sobre o grupo, que se dispersou aos gritos como um bando de galinhas. Massieu deve ter percebido que o caso era com ele, pois gritou com desespero e deu meia-volta, pondo-se a correr tão rápido quanto lhe permitia o hábito, seguido de perto pelo Conde de espada erguida, e nós outros logo atrás. O Oficial de Justiça buscou refúgio dentro da Capela e acabou encurralado próximo do altar. Porém, antes que a espada mergulhasse, gritei com todas as forças:

— Conde, olhai para o altar! Olhai para o altar!

Não só ele, mas todos instintivamente me obedeceram, e os olhos de Stafford caíram em cheio sobre a imagem do Crucificado pendente no madeiro, tão perto que podia tocá-lo. Prossegui, falando depressa o mais alto que podia:

— Que vais fazer, Conde? Só os pagãos profanam os lugares santos! Pretendeis salpicar de sangue a face do próprio Deus, que vos encara? Insultareis o vosso Deus assassinando Seu sacerdote diante de Seus próprios olhos, manchando o Seu altar com o sangue dos Apóstolos?

Por um instante que me pareceu uma eternidade, ele deteve no alto a arma. Valendo-me disto, abri a boca para continuar meu desesperado discurso, quando, neste exato momento, Monsenhor chegou a passos acelerados, elevando a voz e chamando a atenção para si. Então, o Conde lentamente tornou a guardar a espada na bainha e dirigiu-se ao meu amo, pisando duro e rosnando surdamente enquanto apontava para o trêmulo e acuado Massieu:

— Cuidai daquele padre ao vosso modo, caso contrário, cuidarei dele ao meu! O Château é muito grande, e aquilo que não se faz em lugar santo pode ser feito em qualquer outro!

Monsenhor olhou para mim como que pedindo explicações, mas de imediato rodeamo-lo, todos a falar ao mesmo tempo, até que ele nos fez calar, falando mais alto:

— Messires, é impossível compreender-vos assim!

Fiz menção de falar, mas, tendo Warwick se antecipado, calei-me. O Preceptor do Rei, todavia, mal chegava a alinhar duas frases e era interrompido pelas exclamações

patéticas do Padre Turquetil, até que meu amo perdeu a paciência e rispidamente mandou-o calar-se, para satisfação íntima de nós outros. Então, pôde ouvir o relato até o fim e concluiu:

— Cuidarei pessoalmente do caso, e se realmente houver sido traição, garanto-vos que ele será punido com o justo rigor.

— Se for com a mesma agilidade com que estais cuidando do Processo, ele morrerá de velhice... — disse Stafford, à meia-voz, entre dentes.

Monsenhor olhou-o de tal forma que ele se encolheu, enquanto meu amo crescia em sua direção perguntando-lhe:

— Messire, isto é uma sugestão de que julgais haver de nossa parte deslealdade ou incompetência?

Stafford olhou para Warwick procurando apoio, mas este falou:

— Eu confio em Monsenhor de Beauvais.

O outro Conde e meu amo mediram-se com os olhos e aquele rosnou surdamente:

— Reverendíssimo, foi apenas um gracejo infeliz. Retiro o que disse.

O Bispo, mostrando-nos a mão destra, disse em tom severo:

— Aqueles que nos conhecem sabem o quanto pesa esta mão quando os interesses da Coroa ou da Igreja estão em jogo.

A seguir, solicitou aos condes e demais estranhos ao Julgamento (olhando para o Padre Turquetil) que se retirassem e solicitou a presença do Promotor e de mais alguns, e, enquanto isso se dava, o Bispo cochichou-me:

— Procura Manchon **agora** e traze-o para cá, mas não lhe diga que eu te mandei.

Prontamente saí em busca do Notário e, tão logo o vi, chamei-o em particular e obedeci à ordem de meu amo, dando a entender que o fazia por solicitude e pelo receio de que algo ruim acontecesse. Ele pareceu surpreso e me agradeceu efusivamente. Rumamos então apressadamente à Capela, onde o Oficial de Justiça, menos apavorado, aguardava em silêncio. Assim que meu amo viu-nos chegar, severamente dirigiu-se a Massieu,:

— Quero saber exatamente o que você disse!

— Como assim, Reverendíssimo?

Meu amo retrucou-lhe de novo, mais áspero:

— Quero saber qual foi a estupidez que você disse ao Padre Turquetil!

Ele respirou fundo e disse:

— Eu vo-lo direi, Monsenhor. Embora eu não o conhecesse, ele chegou a mim sem me saudar, interpelando-me de forma pouco respeitosa. Perguntou-me num tom que me pareceu insolente: “Então, que tal as respostas *dela*? Vai ou não vai ser queimada?” Então, só para contrariá-lo, respondi que até o momento estava tudo a favor da acusada, mas eu não sabia o que iria acontecer no fim, Deus é quem sabia. No entanto, se vos parece que eu disse alguma inconveniência...

Meu amo respondeu-lhe aos gritos, apontando-o com o dedo cada vez que o tratava pelo pronome pessoal:

— **Se?** Por acaso você tem alguma dúvida a esse respeito? O que você acha que é este Julgamento? Alguma exibição de saltimbancos, por acaso, para você fazer gracejos a respeito? O mínimo que você fez foi expor ao ridículo este Processo e seu Juiz! O que deu em você? Perdeu a lealdade, ou o juízo?

Massieu, pálido, testa molhada de suor, tentava responder sem que a voz lhe obedecesse. Manchon pediu permissão para falar e lhe foi concedida:

— Uma vez que Vossa Reverendíssima considera inconvenientes as palavras do irmão Massieu, não pretendo justificá-las. Rogo-vos, contudo, que as tomeis em conta de irreflexão e não de malícia, pois posso jurar-vos, por minha palavra, que em nenhum momento ele agiu ou falou com a intenção de prejudicar os interesses do Rei ou da Igreja, e confio na lealdade dele, tanto quanto na minha própria.

Eu me surpreendi com a audácia daquele escrivão, mas meu amo manteve-se em silêncio e ele prosseguiu:

— Assim sendo, rogo-vos, com todo o respeito e reverência, que releveis suas palavras infelizes, confiando que ele receberá vossa justa reprimenda, tanto quanto vossa grande misericórdia, como uma lição da qual tirará valioso proveito.

Para meu espanto, Monsenhor voltou-se para Massieu:

— Ainda que por estrita justiça devêssemos puni-lo rigorosamente, em consideração ao Irmão Manchon relevaremos mais uma vez sua falta. Mas fique bem claro que outra atitude destas e fá-lo-emos beber a água do Mosa até que ele seque! Agora, podeis retirar-vos!

Ambos o fizeram rapidamente, depois de agradecerem com visível alívio. Quando pude falar ao Bispo sem ouvidos indiscretos por perto, olhei-o interrogativamente e ele disse:

— Quem quer domar o cão não deve matá-lo. Agora tenho certeza que ele não nos dará mais trabalho.

— Mesmo sem ser punido?

— *Uma ameaça é muito mais forte do que sua execução.* Não te lembras de como ficam os prisioneiros na véspera da tortura, quando lhes são apresentados os ferramentais?

— Mas, por que Manchon?

— Também esse criador de problemas passa a estar em dívida comigo.

— E Vossa Reverendíssima se preocupa tanto com um simples escrivão?

Ele me encarou e disse, em tom irônico:

— Sim, porque até mesmo um simples escrivão tem amigos. E em política, um homem vale os amigos que tem.

Os dias que se seguiram foram de intensos e vivos debates. Por mais que ferisse o nosso orgulho, éramos forçados a admitir que o Processo (que já deveria estar no fim!) tornara-se uma batalha ferrenha a qual ameaçava prolongar-se indefinidamente. Fora grave erro subestimá-la e pagávamos agora por isso. Assim, examinávamos exaustivamente *suas* respostas, buscando pontos fracos por onde pudéssemos afinal romper a resistência daquela jovem camponesa que enfrentava com inaudito sucesso o assalto da nata intelectual de um século. Afinal, o Concílio estava cada vez mais perto, e não pretendíamos deixar de decidir o futuro da Cristandade por causa do julgamento de uma simples camponesa.

Neste sentido, Courcelles, secundado por Midi e Pierre Maurice, sugeriu a meu amo que consultasse Jean Lohier, clérigo normando e famoso Doutor em Leis que, por feliz acaso, estava em Rouen. O Bispo concordou, ainda que sem entusiasmo, e convocou-o ao seu palácio para a mesma noite. Recebeu-o com cortesia e expôs-lhe a situação,

deixando claro, todavia, que não tinha necessidade de esclarecimentos, e sim de aprovação. Contudo, por mais versado que o visitante fosse em Direito, mostrou-se um perfeito idiota na vida prática. Teve uma oportunidade única de assegurar a simpatia de uma autoridade da mais poderosa instituição do Ocidente, e com isso garantir esplêndido futuro.

Mas o mentecapto achou de ter um ataque de honestidade na hora mais imprópria para ele e para nós, afirmando que o Processo era inteiramente ilegal por diversas razões: estava sendo realizado em local privado, como o era o Château de Bouvreuil, e não numa prisão da Igreja; a ré era menor de idade e não tinha nenhum conselheiro nem defensor; e que, estando o Julgamento ligado diretamente à honra do Príncipe Delfim, seria preciso que este se fizesse representar.

Ao ouvi-lo dar esse título a Charles de Valois, o Bispo interrompeu-o gritando-lhe que amigos do “pretenso Delfim” não eram súditos leais de Henry VI e teriam que arcar com as consequências; que ele, Lohier, era um estúpido, e seus pareceres, tão estúpidos quanto ele; e, se ousasse tocar neste assunto com quem quer que fosse, acabaria mergulhado no Loire, de onde só sairia depois de ter bebido o suficiente para secá-lo. Quase caí na gargalhada ao ver como o pobre homem, pálido como um cadáver, tremia ao jurar manter silêncio, “pela salvação de sua alma”, antes de sair correndo.

No dia seguinte, reunimo-nos com Beaupère, Jacques de Touraine, Midi, Pierre Maurice e Courcelles, a fim de discutir a questão. Monsenhor começou, áspero:

— Esse Lohier foi uma péssima ideia! Segundo ele, tudo o que estamos fazendo é ilegal!

— Mas, em que exatamente ele encontrou erros? — perguntou Midi.

— Tudo! Aquele imbecil pôs defeito em tudo! — respondeu o Bispo, detalhando a seguir os pontos que o jurista questionara.

— Neste caso?... — questionou Jacques de Touraine.

— Se formos dar-lhe crédito, teremos que começar tudo outra vez!

Os demais sacudiram a cabeça, desanimados, Courcelles baixou os olhos ao dizer:

— Vosso perdão, Reverendíssimo. Lamento amargamente ter contribuído, mesmo sem intenção, para tal embaraço...

— E que embaraço, irmão! Ele é um homem assaz conhecido, se sair falando por aí, a honorabilidade deste Julgamento e de seus Juízes corre o risco de sofrer questionamentos impudicos! — aditou Beaupère, mordaz, olhando para Courcelles.

Monsenhor disse-lhe:

— Quanto a isso, não há o que recluir! Tive uma boa conversa com ele a respeito! Neste momento, se já não saiu da cidade, deve estar prestes a fazê-lo com a boca fechada a trinco! Por Saint-Jean! Esqueçamos o que disse aquele parvo e vamos continuar com o Julgamento do mesmo jeito que começamos!

Todos suspiraram, aliviados. Lástima que Monsenhor não tenha cumprido sua ameaça, pois, no mesmo dia, antes de desaparecer da cidade, o linguarudo fez questão de divulgar na igreja sua opinião a Manchon e a alguns outros, o que gerou comentários indesejáveis em surdina.

Nesse ínterim, aproveitávamos para escolher quais dentre os Assessores seriam os mais indicados para tomar parte nesta nova fase. Afinal, havia motivos legítimos para suspeitarmos que alguns estavam começando a pender para o lado da acusada, e por isso

tínhamos que seleccioná-los cuidadosamente. Decerto estes não fariam objeção alguma a ficar de fora, enquanto os outros ficariam felizes em lutar mais uma vez contra aquela que ferira tantos interesses importantes com *sua* interferência indébita, e é claro que não era nossa intenção *cani dare paleas asino, ossa*<sup>231</sup>.

Não nos enganamos. Nos dias que se seguiram, mal me afastava do Bispo e ele era prontamente rodeado, sobretudo por Beaupére, Courcelles, la Fontaine, Erart, como cachorrinhos a fazer festa para o dono. Contudo, bastava que eu me aproximasse para que o assunto, fosse qual fosse, morresse e se afastassem. Mas eu bem desconfiava do motivo.

Quando em 9 de março Monsenhor apresentou suas decisões, disse:

— ...mas porque nossas numerosas ocupações não nos permitem atender ao caso nesta nova fase, nomeio para ser o inquiridor da acusada...

E fez uma pausa. Olhou para Courcelles, que sorriu por um instante, mas o sorriso murchou quando os olhos dele volveram para Erart, cujos olhos brilharam, e a seguir para Beaupére, que fez um gesto involuntário. A seguir, completou, olhando para todos nós:

— ... o venerável e circunspecto Mestre em Artes e Licenciado em Direito Canônico, Jean de la Fontaine.

O indicado, depois de um rápido olhar de triunfo dirigido a Beaupére, ergueu-se e agradeceu, afirmando que daria o melhor de seus esforços a fim de mostrar-se digno da imerecida graça recebida. Para assessorá-lo, fomos escolhidos Beaupére, Touraine, Midi, Pierre Maurice, Courcelles, Manchon e eu. O primeiro mostrou-se visivelmente aborrecido e Erart, decepcionado, mas ninguém ousou questionar. O primeiro interrogatório desta nova fase do julgamento foi marcado para dia 10 de março.

Erart e Courcelles se aproximaram de meu amo, desta vez sem se acanharem com a minha presença. Nada disseram, mas seus olhos pareciam os de uma criança a quem houvessem tomado um brinquedo. Monsenhor sorriu para eles e lhes disse:

— Não vos sintais decepcionados. Não poderia confiar-vos algo menos digno de vossas capacidades. Aos grandes, as grandes tarefas. Desde já preparai argumentos sólidos e convincentes, pois a vós confiarei as admoestações públicas.

Eles agradeceram, mas não me pareceram convencidos. Erart olhou para mim como se me pedisse para interceder por ele. Afinal, eu já cortejava o título de Bacharel em Teologia e ele seria meu preceptor. Olhei de volta com um discreto sorriso e um leve aceno de cabeça que pareceram animá-lo.

Ajustando ao rosto a máscara do amigo e confidente, na véspera do primeiro interrogatório secreto dirigi-me à torre para vê-la. À minha saudação afetuosa, a prisioneira respondeu apenas formalmente, *seu* olhar me perturbou de tal maneira que desviei os olhos para as correntes em seus pés. Então ficamos em pesado silêncio durante algum tempo, eu tentando achar o que dizer, *ela* a olhar para a janela. Afinal, voltou-se novamente para mim, perguntando com estranheza:

---

<sup>231</sup> *Dar palha ao cão e osso ao asno*. Dito latino, dirigido aos que tudo faziam às avessas. Equivale ao atual “meter os pés pelas mãos”.

— O que está acontecendo, Padre? Por que não me chamam mais? Acabaram-se os interrogatórios?

Então, como quem tem que trazer novas sem saber se boas ou más, avisei-*a* acerca das modificações determinadas por meu amo para o Julgamento, e uma sombra de tristeza nublou *seu* rosto. Perguntei-*lhe*, então:

— Por que tamanha angústia, filha querida?

*Ela* voltou a olhar para a janela, parecendo falar mais para si mesma:

— Até disso me privais!... Das únicas horas que ainda tinha para ficar fora desta cela, longe dos guardas!...

Dirigiu-se à janela, olhando, absorta, mergulhada em seus próprios pensamentos. Então, de súbito *ela* olhou mais atentamente para alguma coisa, a expressão do *seu* rosto fez-se mais viva, e murmurou, cheia de estranha piedade:

— Pobre menino... é ainda mais infeliz do que eu... bem que minhas Vozes me avisaram...

Num brusco sobressalto, adivinhando a quem *ela* se referia, perguntei-*lhe*:

— Elas avisaram...?

— De que eu teria que vê-lo...

— Ver... ver quem?

— O rei dos ingleses.

Precipitei-me então para a janela e, tanto quanto pude sem forçar *sua* cabeça, estiquei ao máximo a minha e consegui ver uma criança montada num pônei, a dar voltas curtas num círculo estreito formado por guardas armados, um dos quais *lhe* segurava as rédeas. De repente, o menino voltou-se para a janela onde estávamos, como se tivesse ouvido um chamado, apontou para nós e disse algo que a distância não nos permitiu ouvir.

Em resposta, os guardas rapidamente fizeram-no desmontar e praticamente o arrastaram na direção do Château, tirando-o de nossas vistas, mas não tão rápido que me impedissem de reconhecê-lo, fazendo-me abafar na garganta um murmúrio de assombro.

— Pobre menino — repetiu a prisioneira — por minha causa *lhe* encurtaram um passeio que normalmente já é tão curto... e é tão triste o destino que o aguarda...

— Sabes quem ele é? — perguntei, mal contendo o assombro.

— Sem dúvida.

— Suas Vozes...?

*Ela* hesitou por um momento, depois replicou, firme:

— Não. Não foram minhas Vozes. Foi ele próprio.

— Impossível... — murmurei. Como poderia?... — não pude concluir.

— O que é impossível para Deus, Padre?

E, mais uma vez decidindo-se, começou a contar...

Como em todas as noites, enquanto **ela** mantinha as mãos unidas em oração, os olhos permaneciam em vigilância contínua sobre os carcereiros, que **a** vigiavam da mesma forma. Mas, à medida que a noite avançava, um a um eles foram se acomodando em um canto, e somente quando um coro de roncoss passou a ressoar por todo o recinto, a prisioneira se permitiu a relaxar e tentar algum repouso, tanto quanto **lhe** era possível com o coração em sobressalto.

Portanto, não foi sem enorme surpresa que sentiu-se tocada por u'a mão fria, que **a** fez saltar do catre quase num pulo, em defensiva. Mas, para **sua** surpresa e alívio, tratava-se apenas de uma criança, que **a** fitava entre a curiosidade e o receio. Imaginou por um momento que seria alguma de **suas** Vozes, mas a falta da luz que sempre as rodeava logo fê-la descartar a ideia.

O menino recuou no primeiro momento, depois voltou a se aproximar, olhando em volta, visivelmente temeroso, assustadiço, com uma palidez visível mesmo na penumbra da cela. Ficaram se olhando por um longo tempo, **ela** assombrada, ele, embasbacado. Por fim, ele rompeu o prolongado silêncio:

— Sois vós a bruxa? — perguntou baixinho, fazendo o sinal da cruz.

— Não, criança. Não sou bruxa.

O garoto contemplou-a fixamente, antes de murmurar:

— Meus tios me afirmaram que sois bruxa. Que fizestes um pacto com o Diabo para roubardes o trono de meu pai...

E repetiu o sinal da cruz às palavras “bruxa” e “Diabo”, ao que a prisioneira perguntou-lhe:

— Seu tios?...

— Meus tios, o Regente e o Cardeal.

— Mentiram para vós — e, para convencê-lo, fez também o sinal da cruz.

Tranquilizado no primeiro momento pelo gesto da prisioneira, à última frase o menino voltou a olhá-la hesitante e medroso, enquanto a prisioneira perguntava-lhe, pasma:

— Mas então, vós sois!...

— Sou o rei da Inglaterra.

A resposta não traduzia orgulho, satisfação ou nada parecido. Antes, parecia estar confessando um crime, olhando em volta como o criminoso fugido receoso da captura. No entanto, para estranheza da prisioneira, os guardas continuavam dormindo e roncando seu sono de pedra.

— Por que temeis, então?

Sempre olhando em volta, a criança murmurou:

— Não sei nem se poderia estar aqui... Meus tios podem me castigar...

— Castigar?...

— Sim. Eles sempre dizem que Deus manda castigar os que erram, e que quando me castigam, é em obediência a Deus... — e repetiu o sinal da cruz.

Ficaram se olhando em silêncio, até que ele retomou a palavra:

— Por que sois vós minha inimiga?

**Ela** própria pareceu surpresa com a pergunta, e custou a responder-lhe:

— Não sou vossa inimiga, Alteza...

Por um instante, pareceu-lhe que a criança ia gritar ao responder:

— Por quem sois, não me chameis assim! É tão horrível!... Chamam-me apenas de Alteza, Majestade, Príncipe... eu não tenho nome, só títulos?! Chamai-me por meu nome, apenas por meu nome, por favor!

— E qual é o vosso nome?

— Henry... apenas Henry.

— Henry.

— Henry. É tão curioso ouvir meu nome na boca de outra pessoa. Dizei de novo!

— Henry.

— É tão bom... e o vosso nome?



— Jehanne.

— Jehanne... Jehanne... e por que sois minha inimiga, Jehanne?

Novamente surpresa com a pergunta, levou algum tempo para responder:

— Não sou vossa inimiga, Henry.

— Então, por que lutais contra mim?

Para surpresa da jovem, ele quase de imediato fechou a boca com as mãos e fez cara de choro, como se esperasse alguma reprimenda. **Ela** então, prosseguiu, afável:

— Não é contra vós que luto, Henry. Deus me mandou fazer isso, porque ele quer que os ingleses deixem a França e voltem para a sua terra.

— Mas meus tios dizem que Deus mandou meu pai reinar sobre a França, e punir os que não se submetessem, e que é minha obrigação fazer o mesmo...

— Eles estão errados. Deus deu a cada pessoa uma Pátria, fez a França para os franceses e a Inglaterra para os ingleses. Quem tenta tomar o que não lhe pertence, é ladrão.

À guisa de resposta, o menino empalideceu ainda mais, arregalou os olhos e abriu a boca. A prisioneira insistiu:

— Henry, se alguém entrasse em vosso quarto e tomasse vossos brinquedos sem vossa permissão, estaria certo?

Após longa hesitação, ele respondeu:

— Eu acho que não... mas, mesmo assim, sempre fazem isso. Deve ser castigo de Deus...

A jovem sentiu um aperto no coração ao perguntar:

— Mas, por que Deus vos estaria castigando?

— Não sei... devo ter feito alguma coisa errada, mas não sei o quê.

— Mas, como Ele vos está castigando?

— Me fazendo ser rei. É tão ruim ser rei, sabíeis?

Levando a mão ao peito, **ela** perguntou-lhe:

— Ruim, por quê?

O menino hesitou e empalideceu ainda mais, olhando em volta, antes de responder, em catadupa:

— Porque não me deixam fazer nada, me dizem todo o tempo que sou criança e minha obrigação é obedecer aos mais velhos, pois sabem o que é certo e o que é melhor pra mim. Se estou brincando, vem alguém e me tira os brinquedos e me manda estudar. Se falo alguma coisa, dizem-me que não falo como um rei, e que minha obrigação é conversar somente sobre “assuntos elevados”. Pra sair um pouco e montar um pouco (e é sempre pouco!), há um bando de gente grande em volta que não me deixa fazer nada, e quando começo a gostar, me trazem de volta. Se eu quero comer alguma coisa, é tanta gente a provar pra ver se não tem nada ruim, que quando finalmente dizem que posso, até já perdi a vontade. E, se reclamo de qualquer coisa, ralham comigo e mandam-me ao Preceptor para que me castigue<sup>232</sup> (e os mais velhos, quando castigam, têm sempre razão, não é?). Sabíeis que não me deixam nem ver minha mãe<sup>233</sup>?

---

<sup>232</sup> Segundo Michelet, o Conde de Warwick condicionou sua aceitação do cargo de Preceptor do Rei ao direito de castigá-lo.

<sup>233</sup> Após a morte de Henrique V, sua viúva foi afastada da Corte e do filho (a quem não permitiriam mais rever), e proibida de casar-se de novo, ficando aos cuidados de uma “Corte pessoal” encarregada de vigiá-la, chefiada pelo nobre galês Owen Tudor (o qual soube tão bem reconfortá-la que tiveram quatro filhos). Após sua morte, decorrente de complicações do último parto, Owen Tudor alegou que haviam se

Nesse ponto, a voz do príncipe embargou e começou a chorar, depois lutou contra o nó da garganta:

— Nem isso posso... se eu choro, sou repreendido. Eu queria a minha mãe, mas me dizem que ela é francesa e má... mesmo que seja, é minha mãe!

Soluçou, engoliu as lágrimas e prosseguiu, algo sombrio:

— É muito ruim ser rei, não se pode fazer nada, só o que mandam. Se eu não fosse rei, poderia brincar com as outras crianças, poderia ter a minha mãe!... Por que é que todas as crianças podem brincar, menos o rei? Sabe o que eu mais queria fazer? Descer com essa roupa bonita lá embaixo, me misturar com as outras crianças, brincar com elas sem elas saberem que sou rei e voltar com a roupa toda suja de lama...

Sorriu por um pouco ao imaginar a cena, e falou meio que para si mesmo:

— Os tios iam fazer uma cara... eu ia morrer de rir, mesmo que os tios me castigassem depois...

De repente, olhou apavorado para os lados e sussurrou:

— Tenho que ir! Se me acharem aqui, vou ser bem castigado!

— Então estremei, abri os olhos e olhei em volta, em busca do menino, mas apenas os guardas roncavam. Ele havia desaparecido.

— Filha, tomaste por realidade o que foi apenas um sonho... — murmurei, intimamente aliviado, mas *ela* de pronto contestou com vivacidade:

— *Apenas um sonho*, Padre? Sim, foi um sonho. Mas, porque aconteceu em sonho, deixou de acontecer? Não pode Deus usar os sonhos para a realização de Sua vontade? Por acaso não foi o que se passou com Saint-Joseph<sup>234</sup>? E o que seria de nós se ele também sacudisse a cabeça como vós, pensando que era *apenas um sonho*?

Certamente, não seria oportuno confessar-*lhe* que, aos meus olhos, os relatos da dita História Sagrada não eram mais fidedignos que os da Mitologia Grega. Assim ficamos em silêncio, até que voltei ao assunto:

— E, por que disseste que é triste o destino que o aguarda?

Depois de breve intervalo, *ela* respondeu:

— Fiquei tão comovida que orei por ele, e minhas Vozes revelaram-me...

Como *ela* hesitasse, insisti à meio tom:

— Revelaram-*te*...?

Hesitando mais uma vez, decidiu-se e falou:

— Que ele é uma criança infeliz, e será um rei mais infeliz ainda: perdeu o pai antes de conhecê-lo e foi tirado da própria mãe; perderá agora a França, mais tarde a razão, e por fim ele, que nasceu senhor de duas coroas, morrerá sem nenhuma, prisioneiro na cela de uma torre como essa.

Ficamos longo tempo em silêncio, tentando assimilar a informação, até que *lhe* disse:

— Filha, é melhor que não fales disto a teus Juízes. Poderiam usá-lo para acusar-te de crime de lesa-majestade...

---

casado secretamente e seus filhos foram legitimados por Henrique VI (um deles seria o pai do futuro Henrique VII).

<sup>234</sup> Referência aos sonhos de São José. Vide Novo Testamento, Mateus 1:20 e 2:13.

A maneira com que *ela* me olhou em resposta não me permitiu saber se era de discordância ou aquiescência...

## Reclamos do Padre Martin l'Advenu

### II

*Enquanto isso, aguardava com a mais viva ansiedade a próxima convocação, ansiedade esta que aumentava a cada dia ante a perspectiva de que o Julgamento acabasse antes que eu conseguisse me fazer notado. Enquanto ela não vinha, cuidava de assistir às sessões misturando-me à multidão, porém o mais à frente possível graças à minha batina, sonhando com a honra de tomar assento ao lado daqueles clérigos cujos sonantes títulos causavam-me a mais ardente admiração e inveja.*

*No entanto, logo nas primeiras sessões, o confronto deles com a acusada fez com este sentimento fosse sobrepujado por outro, mais fácil de sentir do que definir em palavras. Havia naquela jovem algo tão chocante, ao mesmo tempo tão indefinível, que me impedia de compreendê-la. Comecei a recear vivamente que, ao invés da Fredegunda<sup>235</sup> ressuscitada que nos haviam retratado, ou de uma simples aventureira ao estilo de Catherine de la Rochelle (como pensei no primeiro momento), estivéssemos de fato diante de uma enviada de Deus em carne e osso, o que me perturbou a tal ponto que passei a questionar se de fato teria sido uma grande sorte o ter sido convocado para este Julgamento.*

*E o que era perturbação tornou-se em breve tempo choque. Passava pela porta da igreja, quando me deparei com um pequeno grupo de clérigos nos quais reconheci Manchon, Boisguillaume e Massieu em volta de um desconhecido. Dirigi-me a eles, tímida e silenciosamente, ao que me saudaram com um breve aceno de cabeça e logo voltaram a prestar atenção ao estranho, a quem não me apresentaram, porém, às primeiras palavras, descobri, cheio de assombro, tratar-se do famoso jurista normando Jean Lohier. Manchon devia ter-lhe perguntado algo, pois aquele lhe falava em tom de resposta:*

*— Como vos disse, senti-me profundamente lisonjeado com o convite de Monsenhor de Beauvais, e fiquei ansioso por assisti-lo e dar-lhe meu parecer. Contudo, as coisas foram muito diferentes do que eu imaginava.*

*— Como assim? — perguntou Manchon. — Há algo de errado com o caso?*

*Ele ergueu a cabeça um pouco mais e olhou para nós todos, ao responder:*

*— Digo-vos exatamente o que respondi a Monsenhor: o processo é inteiramente ilegal!*

*Um tiro de bombarda caindo entre nós não causaria mais forte impacto. Diante do constrangedor silêncio que se seguiu, Lohier continuou:*

*— É ilegal, porque não está cumprindo nenhuma das formalidades necessárias: o processo está sendo conduzido em lugar privado, como o Château de Bouvreuil, ao invés de numa prisão eclesiástica; a acusada é uma rapariga ignorante e menor de idade, e, como tal, teria que ter um defensor, o que não acontece; e, como o Processo diz respeito à honra do Príncipe Delfim, este teria que ser notificado e fazer-se representar.*

<sup>235</sup>

Serviçal da Corte merovíngia, graças à sua beleza e astúcia tornou-se amante, e depois esposa do Rei Childerico I, a quem dominou completamente. Deixou um nome manchado por crimes odiosos, os quais lhe granjearam fama de terrível feiticeira (545-597).

*Novo constrangimento, ao ouvi-lo dar aquele título a Charles de Valois. O escrivão quebrou o penoso silêncio retomando a palavra:*

*— E como recebeu Monsenhor vossas objeções?*

*Olhou-nos com atenção, pigarreou e prosseguiu:*

*— Com visível surpresa, e, conquanto admitisse a validade delas, pediu-me encarecidamente para que relevasse tais pormenores e assessorasse-o, levando em conta as imperiosas e prementes necessidades da Igreja. Todavia, não obstante meu mais sincero desejo de ajudá-lo, vi-me constrangido a recusar-me.*

*— Recusaste? — indagou Manchon, estupefacto.*

*— Poderia responder-lhe de outra forma? Seria uma honra imensa assessorá-lo, desde que tais irregularidades fossem sanadas, o que, aliás, recomendei-lhe enfaticamente pelo bem de sua própria honra, a fim de não se tornar merecedor da resposta de Papiniano a Caracala<sup>236</sup>.*

*Como nos entreolhássemos, ele concluiu:*

*— É mais fácil cometer um assassinato do que justificá-lo.*

*Novo momento de silêncio, em que os demais se entreolharam, hesitantes em crê-lo. O primeiro escrivão tornou a perguntar-lhe:*

*— Mas, e quanto à acusada, o que vos parece?*

*O jurista respondeu num tom cada vez mais tribunalício:*

*— Não é difícil ver o que eles farão. É claro como o dia. Provavelmente, vão pegá-la por suas próprias palavras.*

*— Como assim? — perguntou Manchon.*

*— Com relação às suas aparições, quando ela diz “tenho certeza”, entrega-se de pés e mãos atados; mas, se ao invés, dissesse “parece-me”, ninguém conseguiria condená-la. Não obstante, receio que o ódio por aquela rapariga esteja prejudicando a imparcialidade deste Julgamento. De qualquer modo, é nosso dever vigiar para que tal coisa não aconteça, pois estão em jogo a honra não apenas de seus juízes, como ainda a de toda a justiça eclesiástica, e mesmo a da própria Igreja: arriscam-se a carregar para todo o sempre um labéu inextinguível como o de Caim. Afinal, a condição de clérigos tornamos servos do Cristo, da Igreja e da Justiça, aos quais nos comprometemos a defender ainda que ao preço de nossas vidas. Lembremo-nos do exemplo de Papiniano: se um pagão foi capaz de defender a Justiça contra o arbítrio até o supremo sacrifício, com que direito nós, iluminados pela graça da fé cristã, poderíamos ter outra atitude?*

*De súbito, Massieu tomou a iniciativa e interrompeu-o, perguntando-lhe:*

*— Sendo assim, o que fareis?*

*Nesse momento, o jurista empalideceu e a voz perdeu a impostação. Tossiu e retrucou, reticente:*

*— Por mais que Monsenhor insista para que eu fique, nas atuais circunstâncias não vejo como atendê-lo. Não me resta escolha senão ir à Roma. Se verdes que o processo*

<sup>236</sup>

**Emílio Papiniano**, o último dos grandes juristas romanos (142–212). Assassinado por ordem do imperador Caracala por ter-se recusado, com a frase citada a seguir, a justificar perante o Senado o fratricídio praticado pelo soberano contra seu irmão Geta. **Marco Aurélio Antonino Caracala**, imperador romano de 211 a 217, sua instabilidade mental foi a marca de seu governo.

*segue por caminhos errados, fazei com que o caso chegue ao Santo Padre, pois lá estarei nas melhores condições de assessorá-lo.*

*A seguir, despediu-se de nós tropeçando nas palavras e se afastou a passos rápidos, enquanto Massieu, acompanhando-o com os olhos, murmurava:*

*— Definitivamente, Papiniano está morto e não teve sucessores...*

## 1º Interrogatório Secreto - 10 de março

Tão logo o sino repicou solenemente oito vezes, subimos à torre para darmos início ao primeiro interrogatório dentro da prisão, no qual tomaram parte Midi, Gérard Feuillet, Jean Secard, Massieu e eu, além, é claro, das presenças obrigatórias do inquiridor, do Promotor, do escrivão e do carcereiro, geralmente John Gray. Sem qualquer vestígio da mágoa que expressara na véspera, a jovem ergueu-se vivamente do catre e se preparou para nos enfrentar com a disposição enérgica de sempre.

Monsenhor preveniu-me que eu seria convocado a quase todas<sup>237</sup>, senão a todas as inquirições, notícia esta que me soou como recompensa, pois me traria em acréscimo uma bela soma de moedas, uma vez que nós, assessores, ao fim do Processo, receberíamos por cada sessão a qual fôssemos convocados. Naturalmente, isto me tornou particularmente visado pelas demonstrações de cordialidade e simpatia por parte daqueles que compartilhavam do princípio do imperador Vespasiano: *Pecunia non olet*<sup>238</sup>.

La Fontaine começou abordando *sua* última ação militar, a que redundara na *sua* captura e prisão próximo a Compiègne:

— Sabia que seria capturada?

— Desde a última Páscoa, nas trincheiras de Melun, minhas Vozes avisavam-me que eu tinha que sê-lo, e que isto se daria antes do dia de Saint-Jean.

— E você não lhes pediu para livrarem-na disto?

Pareceu magoada ao dizer-nos:

— Pedi-lhes que, quando tal se desse, minha morte fosse rápida e não sofresse os prolongados suplícios da prisão. Mas elas apenas me responderam que recebesse com resignação tudo o que fosse necessário.

— Não lhes perguntou quando seria, exatamente?

— Mais de uma vez, mas não mo disseram. Afinal, se eu soubesse a hora, não teria saído.

A pergunta seguinte veio pausadamente:

— Se *suas* Vozes tivessem *lhe* ordenado realizar este ataque, e você soubesse que seria capturada, teria obedecido mesmo assim?

A prisioneira respondeu, muito séria:

— Não de boa vontade, se soubesse que seria capturada. Mas faria o que minhas Vozes me mandassem, fossem quais fossem as consequências.

— Elas *lhe* deram ordem para fazer esse ataque em Compiègne?

— Não.

— Mas sabia que seria capturada?

— Capturada, sim; naquele mesmo dia, não.

À pergunta seguinte, descreveu de maneira sucinta a batalha que terminou em *sua* captura. A seguir, la Fontaine mudou de assunto:

— Você não tem brasão?

---

<sup>237</sup> Licença histórica. Pelo menos oficialmente, o nome do Padre Nicolas l'Oiseleur não consta da maior parte das sessões subsequentes.

<sup>238</sup> *Dinheiro não fede*. Tito Flávio Sabino **Vespasiano**, imperador romano de 69 a 79 A.D.

— Não. Mas o Rei concedeu-o a meus irmãos. Suas armas são em fundo azul, com duas flores-de-lis em ouro; entre elas uma espada em prata com punho trançado de ouro, atravessando uma coroa em ouro. Contudo, eu não o pedi ao Rei, nem ele me falou a respeito.

— Quando você foi presa, montava um cavalo? Era um corcel ou um jumento?

— Montava um meio-corcel.

— Era *seu*? Quem *lhe* deu?

— O Rei. Eu tinha mais cinco corcéis, além dos trotadores, que eram mais de sete.

— E quais outras riquezas recebeu do *seu* rei?

— Nunca *lhe* pedi outra coisa senão boas armas, bons cavalos e o dinheiro suficiente para pagar meus serviços.

— E quanto ao tesouro que você possuía?

A acusada fez um ar algo desdenhoso ao retrucar:

— Dez ou doze mil escudos não chegam a ser um tesouro. Em tempos de guerra não significam muita coisa. Devem estar com meus irmãos e pertencem ao Rei

Então, la Fontaine perguntou-*lhe* sobre o sinal que mostrara a Charles de Valois, e, para minha surpresa, desta vez a prisioneira não se limitou a recusar resposta:

— Foi um sinal grandioso e belo, como o são as coisas verdadeiramente ricas do mundo.

Bravos, la Fontaine! Era a primeira vez que *ela* deixara escapar alguma coisa sobre isso! Precisei me conter para não aplaudi-lo. A acusada prosseguiu:

— Quando recebi permissão para ver o Rei, ouvi de minhas Vozes: *Vá sem temor! Quando estiveres diante do Rei, ele receberá um sinal para que creia em ti.*

Ele continuou habilmente:

— Por que você *se* recusa a falar deste sinal, quando exigiu um de Catherine de la Rochelle?

A prisioneira pareceu surpreender-*se* com a frase, e replicou medindo as palavras:

— O sinal de que vos falo foi visto por elevadas figuras da nobreza e da Igreja como o Arcebispo de Reims, o Duque d'Alençon, Charles de Bourbon<sup>239</sup> e la Trémoille, que viram-no e distinguiram-no tão bem quanto eu mesma. Quanto à Catherine de la Rochelle, eu sabia por Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite que o sinal dela era pura ficção.

Então la Trémoille, aquela massa de banha recheada de patifarias, sabia e tinha visto, mas nos deixara no escuro! Miserável, querendo ganhar dos dois lados! Mas ele não perderia por esperar! Na primeira oportunidade, daria conhecimento do fato a Monsenhor, que saberia dar-*lhe* o devido corretivo com mão de mestre!

— E este sinal... ainda existe?

— Sem dúvida! Pertence ao tesouro do Rei e ainda existirá durante os próximos mil anos ou mais!

---

<sup>239</sup> **Duque d'Alençon:** Jean II, amigo e companheiro de armas de Joana d'Arc, depôs no Tribunal de Reabilitação (1409-1476). **Charles de Bourbon:** Par da França, Duque de Bourbon e Grande Chanceler de Carlos VII (1401-1456).



Esta frase me inquietou. Por um momento, pareceu-me que *ela* nos fizera de tolos mais uma vez, falando em termos alegóricos daquilo que precisávamos saber de forma concreta. Mas, como ter certeza? La Fontaine deve tê-lo percebido também, pois a seguir perguntou-*lhe* se era feita de ouro, prata, pedras preciosas. *Ela* respondeu, olhando não apenas para ele, mas para todos nós:

— Eu não vos direi mais sobre isso. Disse-vos talvez mais do que devia, e pessoa alguma pode descrever algo tão precioso quanto este sinal. Mas outro sinal, aquele de que necessitais, o mais certo de todos e que Deus vos mostrará, é de que Ele há-de me libertar de vossas mãos!

O inquiridor fez uma pausa, pareceu pensar um pouco e perguntou-*lhe*:

— Como foi que este sinal chegou ao *seu* rei?

— Um Anjo foi enviado...

— Por você? — interrompeu bruscamente la Fontaine.

— Por ordem de Deus e de ninguém mais! — respondeu com alguma rispidez.

Houve um breve silêncio. O inquiridor disse-*lhe* que continuasse, e *ela* obedeceu:

— ...ele trouxe o sinal ao Rei. Então dei graças a Deus muitas vezes por isso...

Nova interrupção repentina antes que *ela* concluísse:

— De que modo?

A prisioneira olhou-o bastante contrariada, mas respondeu em tom neutro:

— Ajoelhei-me várias vezes agradecendo a Nosso Senhor por livrar-me dos transtornos trazidos pela oposição do clero do partido da França. Os clérigos deixaram de me fazer oposição quando reconheceram o sinal.

— Então, os clérigos do seu partido viram também este sinal?!

*Ela* respondeu medindo visivelmente as palavras:

— O Rei e os que estavam em sua companhia viram-no, bem como ao Anjo que o trouxe. Então, perguntei ao Rei se aquilo era o bastante, e ele respondeu que sim. E quando parti, fui para uma pequena capela e ouvi dizer que mais de trezentas pessoas haviam visto o sinal. Creio que, por minha causa e para que os homens ficassem convencidos, Deus quis que todos os presentes o vissem.

Perguntada se ela ou seu rei fizeram reverência ao dito anjo, a acusada respondeu que o fez, dobrando os joelhos e descobrindo a cabeça.

A seguir, houve silêncio. O inquiridor olhou interrogativamente para nós, que nos entreolhamos então. Por mais que eu pensasse, não me ocorria nenhuma ideia, nenhuma pergunta que pudesse nos ajudar. Olhamos de volta para la Fontaine, sacudindo negativamente a cabeça, ao que ele abriu os braços num gesto de derrota. Declarou então encerrada a sessão do dia e lembrou-nos para ficarmos atentos à nova convocação do Bispo.

No dia seguinte, domingo, Monsenhor recebeu um emissário de le Maistre, comunicando-*lhe* que recebera uma carta de Graverent, o qual nomeava-o seu representante dando-*lhe* plenos poderes para presidir o julgamento em nome do Santo Ofício; e pedia a meu amo a permissão para se apresentar em seu Palácio a fim de apresentar suas novas credenciais e pedir-*lhe* instruções. Meu amo prontamente respondeu que comparecesse às sete horas do dia seguinte, preparando-*lhe* uma recepção adequada.

## 2º Interrogatório Secreto - 12 de março, pela manhã

No dia seguinte, le Maistre compareceu bem cedo ao Palácio Arquiepiscopal, com um ar tão abatido que se diria ser ele o acusado, e não o Vigário da Inquisição. Por ordem de meu senhor estavam presentes também os Doutores em Direito Thomas Fiesvet, Pasquier de Vaultx, Nicolas de Hubent; e também, pela primeira vez, Ysambard de la Pierre, o qual, como l'Advenu, era um ilustre desconhecido da Ordem dos Frades Pregadores, razão pela qual recebeu idêntica acolhida. Tal como com seu colega, tratei de conversar com ele, com resultados praticamente idênticos.

Toda aquela gente perturbou visivelmente o visitante, que talvez houvesse esperado um diálogo com o Bispo em caráter particular. Ao invés, este não dispensou as formalidades e apresentou-o aos demais, como se não o conhecêssemos, fazendo, a seguir, um discurso resumindo todos os transtornos que ele nos havia causado, durante o qual este tentava ajeitar nervosamente as roupas. Meu amo pediu-lhe então que lesse em voz alta os termos da carta que o Inquisidor Geral lhe havia escrito, deleitando-se visivelmente com o acanhamento do visitante:

**P** ara meu querido filho em Cristo, o irmão Jean le Maistre, da Ordem dos Irmãos Pregadores, Jean Graverent, da mesma Ordem, humilde Mestre em Teologia Sagrada e Inquisidor da Perversidade Herética por apostólica autoridade dentro do Reino de França, saudações em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, autor e consumidor de nossa fé.

Uma vez que o venerável Pai em Cristo o senhor Bispo de Beauvais escreveu para nós a respeito de uma certa mulher de nome Jehanne, comumente chamada A Donzela, em sua carta que inicia por "Pierre, por divina misericórdia Bispo de Beauvais, para o venerável Pai Mestre Jean Graverent" e uma vez que por impedimentos legais estamos impossibilitados de viajar para Rouen, nós, confiantes em vosso zelo e discricção no que diz respeito a tudo quanto possa interessar ao nosso ofício nas coisas que digam respeito a essa mulher, incluindo a sentença final, por meio desta carta apontamo-vos especialmente para esse evento como nosso Vigário, esperançosos de que, para o louvor de Deus, exaltação da Fé e a edificação das pessoas, vós tratareis disto com justiça e santidade.

Fixado com o nosso selo em nosso escritório, em Coutances, no quarto dia do mês de março de Mil CCCCXXX.

Ao término da leitura, Monsenhor convidou-o oficialmente a assumir a co-direção do Julgamento, como representante oficial da Inquisição. Diante dos olhares que convergiram sobre ele à espera de resposta, le Maistre, em voz sumida e titubeante, ajeitando-se dentro das vestes, agradeceu a insigne honra que lhe era dada, declarando-se pronto para servir a Santa Igreja com o mais absoluto empenho sempre que ela o convocasse, lamentando apenas não ter para oferecer nada além de escassos dons e minguados conhecimentos, os quais, não obstante, oferecia-os como o óbolo da viúva<sup>240</sup>.

Ante os sorrisos de aprovação dos demais, criou coragem e perguntou ao Bispo:

<sup>240</sup>

Novo Testamento. Lucas, 21:1-4.

— Reverendíssimo, antes de assumir de pronto tão elevada tarefa, não seria minha obrigação ler e analisar toda a documentação pertinente ao que foi feito até o momento?

Diante daquela última tentativa desesperada de arrancar uma dilação, o Bispo sorriu-lhe de forma significativa, fazendo-o se encolher ainda mais dentro das vestes, e respondeu-lhe:

— Meu caro Irmão Magistri, não te leve a modéstia a julgar-te menos do que és. Afinal, tens estado conosco na quase totalidade do quanto já foi feito, bem como ouviste praticamente tudo quanto a acusada respondeu-nos, portanto, não há por que perder mais tempo. A exemplo do Inquisidor Geral, todos, sem exceção, temos a mais absoluta confiança em tua capacidade, e, por isso, ardemos de impaciência em contarmos com uma colaboração tão importante e valiosa como a tua. Não obstante, caso faças muita questão disto, farei chegar às tuas mãos toda a documentação pertinente ao Processo para que possas analisá-la com o critério e a capacidade que te são peculiares no tempo que dispuseres fora das sessões. Por outro lado, senhores, são horas de seguirmos para o Château de Bouvreuil. E, meu caro le Maistre, não abrimos mão do prazer e da honra de conduzir-te à sessão de hoje em nosso coche particular, já na condição de Juiz de um Processo de tão grave importância para a nossa fé ortodoxa e sagrada.

A expressão no rosto do visitante, os gestos nervosos com que ajeitava as vestes, o sorriso forçado e tolo, o tom de voz com que respondeu a este convite com ares de ordem, fizeram-me pensar que um boi aceitaria um convite para o matadouro com mais entusiasmo:

— Aceito e agradeço a imerecida honra. Contudo, suplico-vos, Reverendíssimo, a graça de adiá-la para amanhã, pois não estou passando bem do ventre. Creio mesmo que deveis ter reparado quão abatido está meu rosto, o que, receio, poderia passar-vos a equivocada impressão de que vossas palavras me desagradaram.

O Bispo sorriu-lhe de forma a deixar claro que sabia a razão daquele súbito mal-estar e respondeu-lhe com bonomia na voz, mas nem tanta no olhar:

— Meu caro Irmão Magistri, não vá o Diabo fazer-te adoecer por mais tempo! Sim, recupera as forças, e se nossas orações forem ouvidas, estarás aqui amanhã bem cedo para dar-nos a honra de conduzir-te pessoalmente ao Julgamento!

Este empalideceu e apressou-se em responder:

— Certamente que sim, Reverendíssimo. Amanhã bem cedo, se Deus permitir.

— Permitirá, ó homem de pouca fé, não duvides!

Concordando sempre, le Maistre saudou meu amo a seguir e despediu-se então com pressa inusitada. Os demais visitantes cumprimentaram meu amo, tomaram suas viaturas e seguiram atrás de nós. Dessa forma, dirigimo-nos ao Château de Rouen.

Uma vez lá chegando, tratamos de dar início ao interrogatório do dia, e em seguida ao pedido formal para que jurasse responder com a verdade, que a prisioneira respondeu como de todas as vezes, la Fontaine levou o assunto para as *suas* Vozes e perguntou à prisioneira se o anjo do sinal do Rei (a quem *ela* se referia como Saint-Michael) era o mesmo que *lhe* tinha aparecido em sua primeira visão, ao que *ela* respondeu:

— Sim, é sempre o mesmo. Ele jamais me abandonou.

O inquiridor replicou:

— Tem certeza? Não *lhe* parece que ele abandonou-a, que *lhe* retirou suas boas graças?

*Ela* respondeu com outra pergunta:

— Como, se por meio de Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite recebo amparo e reconforto?

— Mas é certo que ele retirou-*lhe sua* boa sorte, uma vez que você caiu prisioneira!

— Uma vez que isto aprouve a Deus, então é o melhor que poderia ter me acontecido.

A forma com que *ela* disse isso foi tal que verdadeiramente abalou a todos nós. Lembrei-me dos tempos em que eu tinha fé, ou pelo menos julgava tê-la, e naquele momento senti que a prisioneira tinha algo que nós todos havíamos perdido, ou talvez nunca havíamos tido, apenas achássemos que sim. Pela primeira vez senti vergonha de mim mesmo, mas apenas por alguns instantes.

— Alguma vez chamou por *suas* Vozes sem que elas viessem?

— Geralmente elas chegam sem ser chamadas. E quando elas não vêm, peço a Deus que mas envie. Nunca deixaram de vir a mim quando precisei.

Todos nós nos sentimos pouco à vontade, mas as perguntas continuaram:

— Quando prometeu dedicar *sua* virgindade a Deus, falou a Ele diretamente?

— Prometi a Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, que me falavam em Seu nome.

— Neste caso, foi por iniciativa própria ou induzida por alguém que você processou em Toul certo jovem, acusando-o de quebrar promessa de casamento?

*Ela* respondeu, indignada:

— Eu não processei ninguém! Ao contrário, foi ele quem me processou! Mas eu não tinha prometido nada a este homem, já que, desde a primeira vez que eu ouvi minhas Vozes, prometi guardar a virgindade enquanto aprouvesse a Deus!

— Que idade tinha quando ouviu as Vozes pela primeira vez?

— Uns treze anos.

— *Suas* Vozes *lhe* disseram algo a respeito do caso de Toul?

— Garantiram-me que eu o ganharia.

— Falou a respeito de *suas* visões ao seu padre, ou a algum outro religioso?

— Não. Somente a Robert de Baudricourt e ao meu Rei.

— Por que *suas* Vozes obrigaram-na a manter segredo acerca delas?

— Não foram elas que me compeliram a manter segredo: eu é que temi revelá-las, por receio de que os borguinhões pusessem algum empecilho à minha viagem; e, igualmente eu estava receosa de que meu pai me proibisse.

Então, la Fontaine tocou em um ponto importante:

— Quando *you* fugiu de casa sem a permissão de *seu* pai, não *lhe* ocorreu que estava cometendo pecado mortal? Afinal, Deus disse: *Honrarás teu pai e tua mãe*.

— Sempre fui obediente aos meus pais em tudo, exceto neste caso. Porém, depois eu lhes escrevi rogando seu perdão, e eles me perdoaram.

Por um instante, a voz falhou-*lhe* e *seus* olhos se encheram de lágrimas. Logo a seguir, encarou-nos sem vestígio de fraqueza e disse:

— Contudo, uma vez que era Deus quem mandava, eu tinha a obrigação de partir, ainda que tivesse cem pais e cem mães e fosse filha do Rei!

— Perguntou às *suas Vozes* se deveria falar a *seu* pai e *sua* mãe acerca de *sua* partida?

— Sim. Acharam que eu deveria falar-lhes, mas me deram permissão para decidir por mim mesma, e então preferi calar-me. Afinal, eles poderiam levantar empecilhos à minha partida, por isso achei melhor não lhes dizer coisa alguma.

— *Suas Vozes* não *a* chamavam filha de Deus, filha da Igreja, filha corajosa?

— A partir do cerco de Orléans, e desde então, chamam-me Jehanne, a Donzela, e filha de Deus.

— Se *a* chamam filha de Deus, por que se recusou a recitar o Pai Nosso?

Durante a resposta, ela voltou-se na direção de meu amo:

— Eu o recitarei de bom grado. Recusei-me antes porque tinha a intenção de que Monsenhor de Beauvais me ouvisse em confissão.

Nesse momento, para nossa surpresa, o Bispo mandou *la Fontaine* interromper o inquérito a fim de comermos alguma coisa e descansarmos.

### 3º Interrogatório Secreto - 12 de março, à tarde

Seguiu-se uma sucessão de surpresas. A próxima foi a decisão do Bispo de jantarmos ali mesmo no Château, num tom que não animou nem mesmo a mim a perguntar-lhe o motivo, tampouco ele dignou-se a nos dizer. Terminada a refeição, fomos informados que haveria um segundo interrogatório à tarde. Então, ainda à mesa, conversamos sobre a continuidade da inquirição, ou antes, Monsenhor instruiu la Fontaine sobre como este deveria conduzi-la.

Feito isto, dirigimo-nos novamente à cela da prisioneira, que se mostrou surpresa. Era a primeira vez que acontecia uma segunda inquirição no mesmo dia. Mas, desta vez, o Bispo não julgou necessário ou não se lembrou de exigir juramento à prisioneira, limitando-se a um gesto de mão para la Fontaine, que prontamente deu início àquele que seria um dos mais curtos interrogatórios deste julgamento.

De imediato, foi-lhe perguntado sobre o sonho que *seu* pai tivera antes que *ela* partisse. *Sua* voz a princípio ficou embargada, e *seus* olhos, rasos d'água:

— Quando ainda estava na casa de meus pais, minha mãe me contou que meu pai teve um sonho, no qual me via partindo em companhia de soldados. Desde então, passaram a me vigiar muito, preocupados com minha segurança. Meu pai disse aos meus irmãos que preferiria me afogar a ver seu sonho se cumprir, e que se eles não tivessem coragem de fazê-lo, ele mesmo o faria.

— O que *seus* pais fizeram ao saber de *sua* partida para Vancoulers?

— Quase enlouqueceram... — disse *ela*, num fio de voz.

— Quando seu pai teve este sonho, você já ouvia *suas* Vozes?

— Sim. Já tinha se passado mais de dois anos desde que as tinha ouvido pela primeira vez.

La Fontaine perguntou mais uma vez se foi por conselho de Robert de Baudricourt que *ela* assumira vestes masculinas, recebendo resposta idêntica à que *ela* dera anteriormente a Beaupère.

— Foi então por ordem de *suas* Vozes?

— Tudo o que tenho feito de bom, em princípio, é em obediência às ordens delas! Mas quanto às minhas vestes, não responderei sobre isto hoje, mas amanhã o farei.

— Crê que está em pecado ao usar vestes impróprias ao *seu* sexo?

— Não. E se eu pudesse voltar para junto dos de meu partido, julgo que seria um grande bem para a França que eu fizesse o que estava fazendo antes de minha captura.

Seguiram-se algumas perguntas sobre como faria para tentar o resgate do Duque de Orléans, e então ele tentou pegá-la desprevenida mais uma vez:

— E, com relação ao sinal que você deu ao seu rei...

Antes que pudesse terminar, *ela* cortou-o:

— Pedirei conselho a Sainte-Catherine para responder sobre isso.

Depois de pensar um pouco em silêncio, la Fontaine olhou para meu senhor, que fez um gesto negativo com a cabeça. Então, o inquiridor deu por encerrada esta sessão.

#### 4º Interrogatório Secreto - 13 de março

No dia seguinte, o Vigário da Inquisição compareceu pontualmente ao Palácio Arquiepiscopal. Meu amo recebeu-o com alegria, felicitando-o calorosamente pela melhora de sua saúde, ao que le Maistre agradeceu com voz apática e aquele seu típico sorriso forçado e tolo. A seguir, tomamos a viatura e, com ela em movimento, de forma afável, mas imperiosa, o Bispo disse ao visitante:

— Meu caro le Maistre, não te esqueças de que, como co-responsável por este Julgamento, é teu dever indicar um Promotor e um Oficial de Justiça.

O Vigário da Inquisição olhou-o com assombro:

— Mas, Reverendíssimo... já não nomeastes d'Estivet e Massieu?

O Bispo sorriu ao dizer-lhe:

— Sim, em nome da diocese de Beauvais. No entanto, a Santa Inquisição também tem que tem os seus, e eles só podem atuar em nome dela se indicados por ti. Se não estiveres satisfeito com eles, podes bem nomear outros à tua escolha.

Sorrindo como de costume, le Maistre respondeu sacudindo a cabeça em negativa:

— Não, certamente que não! Considero as indicações feitas por Vossa Reverendíssima perfeitamente adequadas...

— Sendo assim, felicito-me por estarmos em tão perfeito acordo. Nada pressagiaria melhor êxito para esta empreitada. Não me surpreenderei se a tua inquirição nos trazer melhores resultados do que aqueles que tivemos até agora.

Surpreso, le Maistre perguntou:

— Minha... inquirição?

— Naturalmente! Quem melhor do que o Vigário da Inquisição para interrogar a acusada em nome do Santo Ofício?

Este assentiu num gesto silencioso de cabeça e um sorriso usual, como que esmagado pela tarefa que lhe caberia. Nada mais falaram e alguns minutos depois chegamos ao Château de Rouen, onde d'Estivet, Massieu, la Fontaine, Midi, Nicolas de Hubent, la Pierre e Gerard Feuillet prontamente reuniram-se a nós e dirigimo-nos à cela da prisioneira, onde John Gray nos esperava, como de praxe.

Uma vez iniciada a sessão, o Bispo dirigiu-se à acusada comunicando-*lhe* que agora seu caso estava também sob a alçada da Santa Inquisição, ali representada pelo seu Vigário em Rouen como Juiz e co-responsável. Em função disto, para o bem de *seu* corpo e salvação de *sua* alma, deveria empenhar-*se* ainda mais do que antes em falar toda e unicamente a verdade em tudo quanto *lhe* fosse perguntado.

A prisioneira olhou-nos a todos, particularmente ao Vigário da Inquisição, e nada respondeu. A um sinal de Monsenhor, le Maistre, tentando se ajeitar dentro das vestes, tomou a palavra e, lenta e formalmente, convocou d'Estivet, Massieu e John Gray, em nome da Inquisição, para os cargos que já ocupavam pela diocese de Beauvais, ao que eles fizeram pela segunda vez os juramentos protocolares, provavelmente satisfeitos por receberem dois pagamentos por um mesmo trabalho.

Novamente a um gesto do Bispo, le Maistre declarou em tom pesado que, com a permissão de Monsenhor de Beauvais, interrogaria a acusada em nome do Tribunal do Santo Officio. Começou abordando a questão do sinal dado ao Delfim, mas *ela* prontamente contestou:

— Estaríeis satisfeito de eu cometer perjúrio?

Esta resposta deixou-o pensativo por um instante, depois voltou à carga:

— Prometeu a Sainte-Catherine não falar sobre esse sinal?

— Prometi não falar sobre este sinal a pessoa alguma, embora tenha sido muito pressionada a fazê-lo. O que posso dizer é que um Anjo assegurou ao Rei que ele recuperaria todo o seu reino pelo favor de Deus e com minha ajuda. Desde que me desse soldados, ele seria não somente coroado, mas consagrado.

— De ontem para hoje, chegou a conversar com Sainte-Catherine?

— Sim, e mais uma vez ela me disse para responder-vos sem temor às perguntas que estejam relacionadas com o assunto do Julgamento.

Durante uma fração de instante surpreendi no olhar no Vigário da Inquisição um olhar quase afetuoso para a acusada, seguido de outro de soslaio para meu amo, e continuou a perguntar:

— Por acaso esse *seu* Anjo pôs a coroa na cabeça do rei?

Ainda que as palavras transmitissem incredulidade, o tom de voz levou-a a responder menos secamente do que fazia usualmente a la Fontaine:

— Ele apareceu também para o Arcebispo de Reims, a quem entregou a coroa na presença do Rei e da minha. O Arcebispo recebeu-a e deu-a ao Rei na minha presença.

O olhar que troquei com Monsenhor deixou claro seu pensamento: também aquele patife Regnault de Chartres, como seu digno sócio em lealdade la Trémoille, queria manter as boas graças de um lado como de outro e deixou de nos informar algo tão importante! O inquiridor prosseguiu:

— E onde foi guardada essa coroa?

— No Tesouro do Rei.

— Onde isto aconteceu?

— Na grande câmara do Rei.

— Em que dia e hora?

*Ela* pareceu vacilar antes de responder:

— Não sei ao certo o dia. Sei que foi à tarde, mas não sei precisar a hora.

O inquiridor perguntou em tom de dúvida:

— Saberá dizer ao menos em que mês?

— Suponho que fosse março ou abril, porque neste mês ou no próximo completará dois anos. Mas sei que foi depois da Páscoa.

— De que essa coroa é feita?

— É bom saber que era feita do ouro mais puro. Tão rica e preciosa que não me senti capaz de avaliar sua riqueza.

Pelo olhar que trocamos todos uns com os outros, percebi que todos nós sentíamos a mesma coisa. Para nossa surpresa, la Fontaine interrompeu le Maistre perguntando de forma abrupta exatamente aquilo que passava por nosso pensamento:

— Você espera realmente que acreditemos nisso?



*Ela* pareceu ficar maior ao voltar-se para ele e responder:

— Quer acrediteis, quer não, nem por isso deixou de acontecer. E o significado disto é que o Rei há-de recuperar todo o reino da França.

Houve um momento de pesado silêncio, até que le Maistre fez um gesto de mão para la Fontaine e retomou a palavra:

— Nesta coroa havia pedras preciosas?

*Ela* pensou antes de responder:

— Já disse tudo o que podia!

— Chegou a tocar ou a beijar essa coroa?

A prisioneira respondeu parecendo escandalizada com a ideia:

— Certo que não! Era destinada ao Rei, não a mim!

— Esse... anjo, veio do alto, ou caminhando?

— Do alto. Entendi que fora mandado por Nosso Senhor. Entrou pela porta da sala.

A partir daí, caminhou até onde estava o Rei.

Seguiram-se mais algumas perguntas sobre o tal anjo, que já estavam me entediando, e então ele disparou seu dardo:

— E você julga que foi por méritos *seus* que Deus teria enviado Seu anjo?

*Ela* replicou, muito séria:

— Ele foi enviado para uma finalidade verdadeiramente importante: para que o Rei acreditasse, os homens parassem de brigar entre si e atendessem ao bom povo de Orléans. Se veio pelos méritos de alguém, eram os do Rei e do Duque de Orléans.

Perguntada se todos os que estavam ali com o rei viram o anjo, disse julgar que o Arcebispo de Reims, o Duque d'Alençon, la Trémouille e Charles de Bourbon tinham-no visto; que muitos eclesiásticos e outros viram a coroa, mas não o Anjo. E completou:

— Julgo que se não fosse por amor a mim e para livrar-me da oposição que me faziam, muitos que o viram não o teriam visto.

— Mas por que Deus enviou **você**, ao invés de qualquer outro?

Esperava que a pergunta a confundisse, mas a resposta foi imediata:

— Aproveite a Deus usar uma simples donzela para livrar o Rei de seus inimigos.

— E de onde você acha que esse tal anjo trouxe essa coroa?

— Veio da parte de Deus, tanto que nenhum ourives deste mundo teria podido fazer uma que fosse tão preciosa e bela. Mas de onde veio não sei responder, e a esse respeito me reporto a Deus.

Voltando novamente ao tema do anjo, ele perguntou se havia clérigos presentes e se eles creram no sinal. *Ela* respondeu que sim, inclusive orientaram *seu* rei a acreditar. Então ele perguntou:

— Como esses clérigos podiam saber que era realmente um anjo?

— Por seus estudos. Afinal, eram clérigos.

Esta resposta me deixou pensativo. Todos ali o éramos, e duvido muito que qualquer um de nós pudesse ainda acreditar em anjos, mesmo que aparecesse um diante de nossos próprios olhos.

— O que sabe acerca de um padre concubinário, e uma taça perdida?

Os quais, como as luvas perdidas por certo cavaleiro na coroação em Reims, *ela* teria descoberto. Momentos havia em que eu receava fosse *ela* realmente capaz de descobrir tudo aquilo que os boatos *lhe* atribuíam. Respondeu, surpresa.

— Não sei, nem jamais ouvi absolutamente nada a respeito de tais coisas.

O Vice-Inquisidor sacudiu a cabeça, como quem espantasse algo, e prosseguiu:

— *Suas Vozes* deram-*lhe* alguma orientação no sentido de atacar Paris?

— Não. Fui a pedido dos nobres, que pretendiam realizar uma escaramuça ou um assalto. Mas eu pretendia ir além e cruzar as defesas de Paris.

— Teve alguma revelação antes de atacar la Charité?

— Não. Fui a pedido dos soldados, como já respondi antes.

“Ah, Jehanne! Por que você não saiu de cena em Reims, no auge da glória?” Pensei, logo reprimindo tal sentimento. O que estava acontecendo comigo?

— E quando atacou Pont l'Eveque, foi por revelação de *suas Vozes*?

*Ela* pensou um pouco e respondeu:

— Desde os fossos de Melun, quando tive a revelação de que cairia prisioneira, passei a consultar mais as opiniões dos demais capitães do exército; no entanto, eu não lhes disse que tive essa revelação.

— Mas quando atacou Paris, não a intimou a que se rendesse em nome de Jesus<sup>241</sup>?

Respondeu, visivelmente cansada:

— Não. Em nome do Rei da França.

O Vigário da Inquisição olhou para o Bispo, com um ar que me pareceu ao mesmo tempo cansado e suplicante, ao que este acenou afirmativamente com a cabeça. Aquele então fez um sorriso cheio de alívio e declarou encerrada a inquirição.

---

<sup>241</sup>

Vide página 119.

## 5º Interrogatório Secreto - 14 de março, pela manhã

No dia seguinte, enquanto ainda estávamos no salão principal do Château, o Vigário da Inquisição se aproximou do Bispo, sempre com aquele sorriso de criança apanhada em falta, pedindo permissão para falar-lhe em particular. Concedida esta, cuidei de me aproximar de forma discreta, mas o bastante para ouvir, enquanto ele perguntava mansamente:

— Vossa Reverendíssima não desejaria agilizar o andamento do Processo?

O rosto do Bispo se iluminou:

— Com certeza! Venho forçando o pensamento de todas as formas buscando um modo de fazê-lo! Se tens alguma ideia, é muito bem-vinda!

Então le Maistre sorriu um pouco mais ao dizer:

— Neste caso, ousa tomar a liberdade de propor-vos algo que, em meu juízo, poderá ser-nos deveras útil.

Depois de um breve momento de silêncio, disse:

— Penso em convocar mais um notário, em nome da Inquisição.

O sorriso de meu amo ficou menos expansivo e le Maistre prontamente continuou, ajeitando as roupas:

— Mais um escrivão será mais um a ouvir e anotar tudo quanto é dito, o que diminuiu a possibilidade de equívocos na hora da transcrição para o pergaminho. Mas, naturalmente, só se for do agrado de Vossa Reverendíssima.

Meu amo lhe disse:

— Meu caro, fui eu quem te lembrei que a Inquisição tem esse direito. Suponho que já tens um nome a propor...

A resposta foi em tom animado:

— Oh, sim, Reverendíssimo! Conheceis o Padre Nicolas Taquel? — e ante a negativa do Bispo, continuou: — Considero-o deveras competente e adequado, ainda que não tanto quanto Manchon ou Boisguillaume, porém, eu o consideraria uma aquisição de valor, salvo se Vossa Reverendíssimo achar por bem indicar outro...

Meu amo disse-lhe em tom distante:

— Podes convocar teu protegido.

O Vigário da Inquisição agradeceu, constrangido, curvou-se ainda mais do que de costume ao prestar reverência e se afastou, para, dali a alguns instantes, voltar em companhia de um perfeito desconhecido, que foi apresentado ao Bispo. Este respondeu à saudação com amabilidade formal. A seguir, reunimo-nos com os mesmos participantes da véspera e subimos juntos os degraus da torre, a caminho da cela da prisioneira.

Tão logo a sessão teve início e a palavra foi passada a le Maistre, este anunciou a convocação do novo notário, que se apresentou aos demais prestando-lhes reverência com satisfação visível, mas não muito ostensiva. O Bispo retribuiu como antes, e a seguir o novo convocado prestou o juramento protocolar, sendo a seguir oficialmente apresentado a Manchon e Boisguillaume, que o receberam com estranheza e desconfiança,

provavelmente se perguntando de onde teria vindo aquele ajudante que não pediram e lhes era imposto sem qualquer consulta.

A seguir, a palavra foi passada a la Fontaine, que iniciou o interrogatório:

— Por que você saltou da torre de Beaurevoir?

— Os guardas me disseram que todas as pessoas de Compiègne acima de sete anos de idade seriam passadas ao fio da espada, e eu preferiria morrer a sobreviver à morte de tantas boas pessoas. A outra razão é que eu soube ter sido vendida aos ingleses, e eu teria escolhido morrer a cair nas mãos deles.

— E *suas Vozes lhe* aconselharam a saltar?

*Ela* fez que não com a cabeça e, pela segunda vez neste Julgamento, baixou os olhos e custou a responder, fazendo-o lentamente, com um acento de pesar:

— Quase todos os dias Sainte-Catherine me aparecia, dizendo-me para não fazê-lo, pois Deus ajudaria tanto a mim quanto à boa gente de Compiègne. Dizia-lhe então que se Deus iria ajudá-los, eu queria estar com eles. Mas ela me pedia que eu me resignasse, pois eu não seria libertada antes de ver o rei dos ingleses. Eu lhe replicava que não tinha o menor desejo de vê-lo e preferiria a morte a cair em mãos inglesas.

— E dizia também: “E Deus permitirá que o povo de Compiègne pereça tão miseravelmente?” — retrucou o inquiridor.

*Ela* ergueu a cabeça e respondeu vivamente:

— Não usei este termo. O que eu perguntava era: “Como pode Deus permitir que o bom povo de Compiègne morra, quando é tão fiel ao seu Senhor?”

Seguiu-se uma pausa, e como *ela* nada dissesse, la Fontaine prosseguiu:

— E o que se passou após a queda?

— Fiquei bastante machucada e durante dois ou três dias não consegui comer nem beber. Mas fui reconfortada por Sainte-Catherine, que me disse para me confessar e pedir perdão a Deus por ter saltado. Eu o fiz então, e depois ela me assegurou que o povo de Compiègne seria socorrido sem falta, até o dia de Saint-Martin. Então, me senti melhor e consegui comer. Depois disso, recuperei-me rapidamente.

— Ou seja, você saltou com a intenção de tirar a própria vida!

— Não! — *ela* replicou ligeira. — Quando saltei, encomendei-me a Deus! Não saltei para morrer, e sim tentando escapar dos ingleses!

— Sim, mas tão logo recuperou a palavra, você blasfemou de Deus e de Seus Santos! Os testemunhos comprovam-no!

— Jamais blasfemei de Deus ou de Seus Santos, aqui ou em parte alguma!

— Aceita reportar-se às testemunhas para saber se o fez ou não?

— Eu me reporto a Deus e a mais ninguém!

A acusada respondeu sem elevar a voz, mas com tamanha energia que pareceu desconcertar la Fontaine, criando um breve hiato de silêncio, depois do qual ele prosseguiu:

— *Suas Vozes* demoram muito em *lhe* responder, não?

*Ela* parece não ter gostado do tom da pergunta e replicou:

— Algumas vezes não consigo entender direito o que Sainte-Catherine me diz por causa do barulho da prisão e dos tumultos feitos pelos guardas.

— E como é que as tais santas *lhe* respondem?

O rosto da prisioneira expressou contrariedade, mas respondeu em tom neutro:  
— Quando faço alguma pergunta a Sainte-Catherine, ela e Sainte-Marguerite levam a pergunta a Deus, e por ordem d’Ele trazem-me a resposta.

— E o que você pede a elas?

— Ultimamente, três coisas: a primeira é minha liberdade; a segunda, para que Deus ajude a França e proteja as cidades em seu poder; a terceira, a salvação de minha alma.

Nesse momento, Monsenhor ergueu a mão e tomou a palavra:

— O que você quis dizer ao afirmar que nós coríamos grande perigo em julgá-la?

*Ela* voltou-se diretamente para o Bispo, dizendo-lhe:

— Vós dizeis que sois meu Juiz. Não sei se o sois. Seja como for, tomai cuidado em não julgardes mal, caso contrário vos colocareis em grande perigo. Advirto-vos, para que, se Deus vos castigar, eu tenha cumprido meu dever de prevenir-vos.

Monsenhor empalideceu, encarando-a fixamente. Mesmo assim, prosseguiu:

— E que perigo será este?

*Ela* respondeu-lhe, baixando a voz, mas sustentando seu olhar:

— Vós bem o sabeis, tanto ou mais do que eu mesma...

Voltamo-nos para o Bispo, que, com seu característico gesto de mão, ordenou que prosseguissem. Então, os olhares convergiram para a prisioneira, que hesitou, depois retomou a palavra no tom usual:

— Sei que serei socorrida, de uma maneira ou de outra, pois Sainte-Catherine me assegurou, e minhas Vozes me afirmam que minha libertação virá por meio de uma grande vitória...

Naquela hora devo admitir que tremi e olhei depressa para Monsenhor. Teriam as tais Vozes *lhe* dito que *seu* antigo capitão, aquele demônio a cavalo la Hire, há pouco havia capturado Louviers? O que deixava Rouen perfeitamente ao alcance de um ataque vigoroso, caso os armagnacs se dispusessem a fazê-lo.

— ...não entendi claramente como. Elas apenas me dizem para aceitar tudo com resignação e não me lamentar por meu martírio, pois então serei levada ao Paraíso.

Olhamo-nos todos e la Fontaine questionou com voz sumida:

— E o que você entende por seu martírio?

— Todas as dores e adversidades que estou sofrendo nesta prisão

Então respirei com alívio e piedade ao mesmo tempo. Percebi, pelos olhares trocados com os demais, que havíamos entendido melhor do que *ela* própria o verdadeiro sentido daquilo que as tais Vozes *lhe* teriam dito. O Promotor parecia não caber em si de felicidade, mas eu mesmo já não sabia mais dizer o que se passava dentro de mim.

— Isto quer dizer que você está segura da salvação de *sua* alma, de que não arderá no fogo do Inferno?

— Creio firmemente no que elas me disseram, tão certa de minha salvação que é como se eu já estivesse no Paraíso.

Menos talvez do que as palavras, a convicção com que eram ditas era tamanha que nos impressionou e la Fontaine deixou isto escapar na maneira como *lhe* disse:

— É uma resposta de grande responsabilidade...

Ela sorriu levemente ao *lhe* retrucar:

- É o maior tesouro que eu poderia receber.
- Neste caso, acha que está livre de cometer pecado mortal?
- Não sei. Reporto-me a Deus, nisso como em tudo o mais.

Fizemos uma pausa para as refeições durante a qual Fontaine conversou conosco. Aquela certeza de salvação era um argumento sobre o qual poderíamos bater vigorosamente. Trocamos ideias a respeito, imaginando questionamentos difíceis, convictos de que poderíamos atacar com ótimas chances de vitória. Mas Monsenhor não tomou parte na discussão, permanecendo quieto e com ar distante, e percebi com desgosto que em determinado momento Nicolas de Hubent falou-lhe algo em particular, ao que o Bispo acenou afirmativamente com a cabeça, mas, por mais que chegasse perto, não pude ouvir o que falavam.

## 6º Interrogatório Secreto - 14 de março, à tarde

Ao término da refeição e depois de um breve descanso, voltamos à cela da prisioneira, à exceção de Monsenhor e Nicolas de Hubent. O Bispo parecia abatido quando me disse que retornaria ao seu Palácio. Ofereci-me para acompanhá-lo, mas ele recusou, determinando que eu ficasse e assistisse. Como nada me dissesse acerca do segundo, fiquei a imaginar a razão pela qual este haveria pedido a meu amo para não participar de uma sessão que pingaria algumas moedas em seu alforje. Contudo, achei prudente nada perguntar naquele momento.

Coube assim a le Maistre conduzir-nos à cela da prisioneira e dar início oficialmente ao interrogatório, passando a palavra a la Fontaine, que não perdeu tempo em abordar a questão.

*Ela* replicou entender que *sua* salvação dependia de manter a promessa feita a Deus de conservar a virgindade, do corpo como da alma. Percebi um olhar malicioso entre os guardas ingleses, que me deixou feliz por um momento e horrorizado em outro. Começava a não entender o que se passava comigo. O inquiridor perguntou-*lhe*:

— Então, você acha que jamais cometeu pecado mortal?

— Não que eu tenha conhecimento. Penso que se o tivesse cometido, Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite já teriam me abandonado.

— Uma vez que, de acordo com as *suas* Vozes, *sua* salvação já é certa, qual a necessidade de *se* confessar?

Uma pergunta inteligente, da qual julguei que *ela* não se sairia com facilidade.

— Nunca é demais limpar a consciência.

Aquela resposta maravilhosamente simples desconcertou a todos nós. Com toda a minha bagagem cultural, nunca me teria ocorrido réplica tão sucinta e precisa. Mas havia ainda algo a ser explorado.

— E você afirma que nem uma só vez renegou ou blasfemou de Deus nesta prisão?

— Sem dúvida. O que digo algumas vezes são frases como “Meu bom Deus!”, “por Saint-Jean!” ou “Nossa Senhora!”. A não ser que os ingleses considerem blasfêmia o dizê-las em francês.

— E não é pecado mortal capturar um prisioneiro, pedir resgate por ele e depois mandá-lo para a morte?

— Nunca fiz tal coisa! — protestou a prisioneira.

— Não? Não foi o que você fez com Franquet d’Arras em Lagny? — perguntou la Fontaine, com indignação na voz.

— Consenti em sua morte porque merecia, pois era ladrão, assassino e traidor confesso. No entanto, quem o julgou foi o Bailio de Senlis e um júri formado pelo povo de Lagny, e seu julgamento durou uma quinzena. Tentei trocá-lo por um dos nossos que estava preso em Paris, o senhor de l’Hôtellerie l’Ours, mas soube que ele já estava morto, e como o Bailio dizia-me ser uma grande ofensa à justiça deixar Franquet d’Arras livre, respondi-*lhe* então para fazer conforme a justiça exigia.

— Quanto dinheiro você pagou, ou mandou pagar, àquele que capturou Franquet d'Arras?

*Ela* encarou-o com desagrado e respondeu, seca:

— Não fabrico moedas nem sou Tesoureiro da França para dispor de dinheiro assim!

De repente, visando atingi-la e perturbá-la, la Fontaine voltou-se para ela, ríspido, de dedo em riste, falando tão alto que reverberou em toda a cela:

— Então, você atacou Paris em dia santo; roubou um cavalo do senhor Bispo de Senlis; atentou contra a própria vida atirando-se da torre de Beaurevoir; insiste em usar roupas masculinas; consentiu na morte de Franquet d'Arras; e ainda acha que não cometeu pecado mortal?!

*Ela* sustentou seu olhar e replicou num tom de quem fala algo óbvio por si mesmo:

— No que diz respeito ao ataque a Paris, não acredito que isto fosse pecado mortal. E se fosse, Deus e o sacerdote a quem fiz a confissão o sabiam. Quanto ao cavalo, combinei o preço por ele e posteriormente mandei-o para Messire de la Trémoille para que fosse devolvido. Não quis ficar com ele porque não tinha serventia para a guerra e ouvi dizer que o Bispo ficara descontente por tê-lo vendido.

— Sabe se o Bispo foi pago e se recebeu o animal de volta?

— Mandei que ambos fossem feitos, mas não sei se o fizeram. Pelo que dizeis, suponho que não.

*Ela* parou um pouco e falou num tom menos vivo:

— Quanto a saltar da torre, não tinha a intenção de tirar a própria vida, e sim escapar e ir em socorro do povo de Compiègne. Mesmo assim, minhas Vozes me desaconselharam a fazê-lo, mas não lhes obedeci e admito que agi errado. Por isso eu me confessei a Sainte-Catherine, pedindo perdão a Deus.

— Acha que esse erro — o ter pulado da torre — foi pecado mortal?

— Não sei. Reporto-me a Deus.

— E como pode saber se foi perdoada ou não?

— Depois que me confessei, ela me disse que eu estava perdoada.

— E qual a grande penitência que *lhe* foi imposta?

— O ferimento que sofri com a queda já foi penitência que bastasse.

Como la Fontaine não insistisse no assunto, *ela* prosseguiu, talvez ansiosa por sair de um tema que *lhe* era penoso:

— E quanto às minhas vestes, uma vez que as uso pela vontade de Deus, não posso estar errada. E tão logo Deus mandar, eu as tirarei.

A resposta, dada deste jeito, desarmou o ataque e ficamos sem saber o que dizer. La Fontaine ficou a nos olhar em silêncio, como se pedisse alguma coisa. Parecia abatido quando sacudiu negativamente a cabeça e deu por encerrada a inquirição daquele dia.



## 7º Interrogatório Secreto - 15 de março

O interrogatório da quinta-feira seguinte, que contou com a presença do Bispo e dos mesmos participantes, incluindo Hubent, mostrar-se-ia um dos mais longos e surpreendentes daquela fase. De início, falaram-*lhe* acerca da necessidade que teria de aceitar a decisão da Igreja, caso esta considerasse que alguma obra ou palavra *sua* contrariava a fé. *Ela* escutou atentamente e respondeu:

— Pois que as minhas respostas sejam examinadas pelos homens da Igreja e digam-me se há algo em oposição à fé, que eu o direi às minhas Vozes. Se eu tiver dito ou feito algo em contrário à fé em Nosso Senhor Jesus Cristo, não tentarei justificá-lo, antes me sentirei aflita por tê-lo feito.

Aquilo me pareceu uma tentativa de compromisso com a Igreja sem desobedecer a *suas* Vozes. Mas la Fontaine pareceu-me apressado em tentar tirar proveito disso:

— Neste caso, é absolutamente necessário que você se submeta à Igreja Militante.

A expressão *dela* demonstrava que nunca tinha ouvido a expressão:

— E o que chamais de “Igreja Militante”?

O inquiridor hesitou. Claro que ele se referia a nós, mas dizê-lo com todas as letras provocaria na acusada uma violenta reação em contrário. Por isso hesitou e começou a falar tentando parecer enérgico, o que não o impedia de olhar a cada frase para meu amo como se lhe pedisse socorro:

— Você não sabe?! É assim que se diz boa católica? É obrigação *sua* conhecer os artigos de fé que a Santa Madre Igreja ensina através de seus representantes, ou seja, os padres e clérigos! Se você tivesse realmente frequentado a igreja desde criança, prestando atenção àquilo que o vigário de *sua* aldeia falava aos verdadeiros católicos, ao invés de se dedicar a bruxarias e feitiços, não precisava agora fazer perguntas como essa, que em verdade demonstram *sua* absoluta ignorância e *seu* completo desprezo às santas instruções da Igreja...

Não sei por quanto tempo teríamos que aguentar la Fontaine lançando mão de toda a sua retórica empolada e pedante que disfarçava mal o fato de não estar preparado para responder à pergunta. Felizmente, quase logo Monsenhor com um gesto interrompeu aquele palavreado que não dizia coisa alguma e dirigiu-se à acusada:

— Jehanne, não percamos tempo com aquilo que, como bem disse o sábio e piedoso sacerdote que a inquire, é *sua* obrigação saber (e por um momento meu amo olhou para la Fontaine, que baixou os olhos). A questão crucial é a seguinte: você está disposta a submeter o julgamento de todos os *seus* atos, sobre se são bons ou maus, ao juízo da Igreja Militante?

*Ela* olhou-o fixamente, como que tentando entender onde ele queria chegar. Talvez tenha sentido o perigo da pergunta, pois qualquer que fosse a resposta, *ela* estava em nossas mãos: se respondesse positivamente, punha-*se* na obrigação de aceitar nosso veredicto, fosse qual fosse, acerca de *suas* Vozes e *sua* missão; em caso de recusa, condenava-*se* de antemão por heresia.

— Não responderei a isto no momento. Afinal, o que quereis dizer? Ao que estais chamando “Igreja Militante”? Não posso submeter-me ao **vosso** julgamento, uma vez que sois meu inimigo mortal!

Houve um silêncio sepulcral dentro da cela, onde olhamos todos para Monsenhor. Este pareceu incomodado com isto e fez um gesto para que la Fontaine prosseguisse. Este passou a perguntar-*lhe* sobre suas tentativas de fuga em Beaurevoir e *ela* respondeu:

— Nunca fiquei presa sem tentar fugir. Tentei por duas vezes, de fato...

Nisso, d’Estivet cutucou-me e falou, irônico:

— Vamos ver se *ela* tem mais sorte agora.

O tom de voz não foi tão baixo que os demais não pudessem ouvir, e várias cabeças voltaram-se em sua direção, entre eles a da prisioneira e de Monsenhor, o qual, para meu prazer, encarou-o com vivo desagrado. O Promotor baixou os olhos e *ela* prosseguiu:

— ...mas decerto não aprouve a Deus que eu conseguisse escapar naquelas ocasiões e que antes teria de fato que ver o rei dos ingleses, como minhas Vozes disseram...

Felizmente, graças às minhas informações, entenderam de não avançar mais nesse assunto. Não seria nada útil concluirmos em caráter oficial que suas Vozes não lhe haviam mentido.

— *Suas Vozes* deram-*lhe* permissão para tentar fugir daqui?

— Já pedi mais de uma vez, mas ainda não a recebi.

— E se visse as portas abertas, fugiria?

Achei uma pergunta demasiado óbvia.

— Sem dúvida!

— Mesmo sem a permissão de Deus?! — interrompeu-a la Fontaine.

*Ela* sorriu, encarou o interlocutor e respondeu:

— Se eu visse a porta aberta e os guardas e os demais ingleses sem poderem me impedir, eu sairia, pois certamente seria o sinal da permissão de Deus! Afinal, como diz o povo: *ajuda-te, que o Céu te ajudará!* Se Deus quiser fugirei, mesmo pelos modos mais improváveis, bem como, se Ele não quiser, os melhores planos fracassarão. Dessa forma, se eu fugir não se poderá dizer que foi contra a vontade de Deus!

Depois, atacaram novamente a questão de suas roupas:

— Desde que tem tanto desejo de assistir à Missa, se tivesse que optar entre usar vestes femininas e assistir à Missa, ou manter *suas* vestes atuais sem assisti-la, o que preferiria?

A voz com que respondeu mostrava ceticismo:

— Permitti-me assistir à Missa e então responderei.

Ele trocou um rápido olhar com Monsenhor e retrucou, elevando a voz:

— Pois, bem, eu o prometo, desde que use roupas femininas.

Olhei surpreso para meu amo, que me devolveu sorrindo levemente. Lembrei-me então que não haveria como forçar Monsenhor a cumprir sua parte do acordo, mesmo que a prisioneira cumprisse a *dela*, já que no seio da política promessa não é dívida. A acusada olhou para o Bispo, depois para la Fontaine, como que vacilando. Afinal, estavam dizendo-*lhe* exatamente aquilo que *ela* mais queria ouvir. Depois de alguma hesitação, replicou:

— Trazei-me um vestido, pode ser usado e sem cauda, desde que seja bem longo, e eu o usarei durante a Missa. Contudo, ao retornar, voltarei a usar as minhas roupas atuais.

Ele elevou a voz e falou mais incisivo:

— De uma vez por todas: usará vestes femininas, desde que possa ir à Missa?

A prisioneira pareceu vacilar mais uma vez, depois replicou, aflita:

— Não estou autorizada a respondê-lo agora. Pedirei conselho às minhas Vozes sobre isso e depois responderei. Mas eu vos suplico, pelo amor de Deus e de Nossa Senhora, dai-me permissão para assistir à Missa!

O inquiridor levantou a cabeça ao replicar-*lhe* de forma incisiva:

— É *sua* obrigação abandonar estas vestes e usar roupas apropriadas a *seu* sexo, sem condições nem questionamentos! Decida **agora**, pois pode não *lhe* ser oferecida outra oportunidade como essa!

*Ela* hesitava visivelmente, *sua* resposta expressava aflição:

— Dai-me um vestido longo, desses usados pelas jovens burguesas, um “houppelande” com um capuz feminino, e eu o usarei para ir à Missa.

Aquela reação de angústia verdadeira era-nos tão prazerosa que la Fontaine olhava para a prisioneira com a cabeça empinada e um ar de vitória quando *lhe* replicou:

— Cumpra com a *sua* obrigação e veremos se é digna disso.

Por instinto, olhei para os carcereiros, semi-ocultos pela penumbra, sorrindo como famintos diante de um pão, um deles a lamber os beiços. A acusada, com os olhos rasos d'água, uniu as mãos em rogativa e replicou num tom pungente que quase me comoveu:

— Suplico encarecidamente vossa permissão para assistir à Missa sem que precise mudar minhas vestes, pois não tenho a permissão de Deus para isso!

O inquiridor trocou um olhar de triunfo com o Bispo e replicou, erguendo ainda mais a cabeça:

— Isto dependerá de você. Submete tudo quanto disse e fez ao julgamento da Igreja?

Seguiu-se prolongado silêncio, depois do qual a prisioneira respondeu, recuperando aos poucos o vigor costumeiro:

— Em todos os meus atos e palavras, submeto-me a Deus e ponho-me em Suas mãos. Asseguro-vos que jamais fiz ou disse qualquer coisa contra a doutrina ensinada por Nosso Senhor Jesus Cristo; porém, se algum clérigo demonstrar-me o contrário, eu me submeterei.

— Seja mais clara: aceita ou recusa-*se* a submeter-*se* ao juízo da Igreja **agora**?

— Não responderei sobre isto **agora**. Mandai-me um clérigo no próximo sábado, caso vós mesmo não desejeis vir, e então eu responderei com a ajuda de Deus.

O inquiridor olhou interrogativamente para meu amo e tentou uma nova abordagem:

— Quando você acende velas para Sainte-Catherine, oferece-as para qual delas? A que está no Céu, ou a que aparece a você?

— Não faço distinção entre ambas. Para mim, são a mesma pessoa.

— Alguma vez ao entrar em batalha, agiu em desacordo com *suas* Vozes?

A prisioneira me pareceu um tanto seca ao retrucar:

— Já tendes minha resposta a isto. Lede vosso livro com cuidado e a vereis.

A atitude da acusada mudara a do inquiridor, que com frequência consultava meu amo com o olhar. Ante um aceno deste, la Fontaine insistiu:

— Pois repita o que já disse.

*Ela* suspirou fundo e respondeu:

— Em Paris ataquei a pedido dos Cavaleiros; e em la Charité a pedido do Rei...

— Contrariando as ordens delas?! — cortou-a la Fontaine.

— Elas não me ordenaram fazê-lo, mas tampouco me proibiram! — replicou, incisiva.

— Então, você não faz sempre e somente aquilo que elas mandam!

— Eu faço o que Nosso Senhor me ordena por meio delas, com todas as minhas forças, com todo o meu entendimento. Minhas Vozes não ordenam nada que não seja pela vontade de Nosso Senhor.

— E você, nunca fez nada **contra** a vontade delas?

O olhar que *ela* lhe devolveu deixava claro que entendia aonde ele pretendia chegar. Mas essa foi sempre nossa estratégia: Perguntar, desviar o assunto e de repente voltar a ele até cansar. Assim, respondeu:

— Tudo que eu podia e sabia como fazer, fiz o melhor que pude. A respeito do meu salto da torre de Beaurevoir, admito que desobedei suas ordens, mas não fui capaz de me controlar. Quando minhas Vozes viram que eu não estava sabendo nem podendo me conter, salvaram minha vida e preservaram-me de matar a mim mesma. Em meus empreendimentos mais arriscados ajudaram-me sempre; este é um sinal de que são espíritos bons.

— Quais outros sinais você recebeu para saber que eram espíritos bons?

— Saint-Michael mo assegurou, antes que viessem a mim.

— E como você sabe que realmente é Saint-Michael?

*Ela* olhou-o como se *lhe* houvessem perguntado algo evidente por si mesmo:

— Porque tinha a voz e a fala de um Anjo. Eu creio firmemente que é um Anjo.

— E o que ele disse a respeito?

— Que Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite viriam a mim, e eu deveria seguir seus conselhos, pois elas trariam instruções para guiar-me e aconselhar-me sobre o que deveria fazer; e eu deveria acreditar no que elas diriam, pois eram as ordens de Nosso Senhor.

O inquiridor tomou vivamente a palavra:

— Todavia, o Diabo também pode tomar a forma e a aparência de um Anjo! Como você saberia distinguir se era um Anjo bom ou mau?

Sua resposta pareceu-me a de alguém cansada de dizer o óbvio:

— Eu saberia bem distinguir Saint-Michael de uma imitação.

— Soube-o desde a primeira vez?

Ela suspirou fundo, visivelmente cansada, e respondeu:

— A primeira vez que o vi fiquei em grande dúvida se era mesmo ele; estava muito receosa. Eu o vi muitas vezes antes de ter certeza de que era mesmo Saint-Michael.

— Por que você só soube depois, e não desde a primeira vez, quem ele era?

— Da primeira vez, eu era apenas uma criança e fiquei assustada. Desde então, ele me ensinou e mostrou muitas coisas que me fizeram acreditar firmemente.

— Que doutrinas Saint-Michael *lhe* ensinou?

— Sobretudo, a ser boa, que Deus me ajudaria. Além de outras coisas, para vir em ajuda do Rei da França, mas a maior parte disto já está no vosso livro: falava da miséria do Reino de França.

— E você não acredita que é um grande pecado e uma ofensa a Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite o desobedecer-lhes?

— Sim, eu o creio. Por isso, julgo que o maior erro que cometi foi o salto da torre de Beaurevoir e peço-lhes perdão, por essa falta e por outras que possa ter cometido.

— Não crê que Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite poderiam vingar-se fazendo-a sofrer no corpo, como castigo a esta ofensa?

— Não sei, tampouco lhes perguntei.

Ele consultou mais uma vez meu amo com os olhos, e este sacudiu negativamente a cabeça. Estávamos particularmente exaustos, e foi com extremo prazer que ouvi la Fontaine dar por findos os trabalhos do dia.

## 8º Interrogatório Secreto - 17 de março, pela manhã

Dia 17, mais uma sessão com a presença de meu amo e dos mesmos participantes, à exceção de Hubent, que fora substituído por Massieu. Assim que Monsenhor deu início ao interrogatório e a prisioneira fez o juramento de costume, la Fontaine atacou de novo a questão do anjo, que eu achava estar sendo esgotada **ad nauseam**<sup>242</sup>.

— Como era o aspecto, forma, tamanho e vestes desse Saint-Michael que *lhe* apareceu?

A prisioneira não gostou da forma pouco respeitosa da pergunta e respondeu com a voz algo mais incisiva:

— Tem a aparência de um homem grande e nobre. Quanto ao mais, não estou autorizada a dizê-lo. Mas creio em tudo o que me disse e fez Saint-Michael que me aparece, tanto quanto creio que Nosso Senhor Jesus Cristo padeceu e morreu por nós.

— E o que *lhe* faz crer que é realmente um Anjo bom esse que você vê?

— Os bons conselhos, o reconforto e os bons ensinamentos que ele me dá.

— Aceita submeter o julgamento de todos os *seus* atos e palavras, sobre se são bons ou maus, à decisão da Santa Igreja Católica?

Mais uma vez *ela* hesitou diante desta pergunta, mas, à medida que falava, *sua* voz tornava ao vigor usual:

— Eu amo a Igreja e aceito sua orientação naquilo que diz respeito à fé Cristã, por isso não entendo por que tenho sido proibida de assistir Missa. Quanto ao trabalho que fiz e ao que esteja por me sobrevir, reporto-me ao Rei do Céu, o qual me enviou a Charles, filho do Rei Charles e destinado a ser o Rei da França. E vós vereis que o povo francês terá, por mercê de Deus, uma grande vitória que sacudirá quase todo o reino de França, e quando isto ocorrer, podereis dizer que eu o vaticinara.

Ouvimos aquilo a nos entreolharmos. Por mais certeza que tivéssemos de ser impossível, fora dito com tão grande convicção que nos afetou, mau grado nosso. Depois de um prolongado e incômodo silêncio, la Fontaine prosseguiu, algo inseguro:

— E quando isso se dará?

— Quanto a isso, reporto-me a Deus.

— Aceitava submeter todos os *seus* atos e palavras ao julgamento da Santa Igreja?

— Eu me reporto a Deus Nosso Senhor, a Nossa Senhora e aos Santos Anjos do Paraíso.

A seguir, disse um tanto agitada:

— Por que me repetis tantas vezes a mesma coisa? Afinal, Deus e a Sua Igreja não são apenas um? Por que criais problemas onde não existem?

De fato, não haveria problema algum se fosse assim, pensei eu, sacudindo a cabeça, penalizado diante de tamanha ingenuidade. Todavia, d'Estivet saltou de seu assento e vociferou, parecendo que iria agredi-la fisicamente:

— Quem você pensa que é para nos falar assim?! Nós somos *seus* Juízes, nós é que fazemos as perguntas aqui! Limite-se a responder o que *lhe* foi perguntado, vaqueira!

<sup>242</sup>

Expressão latina, tem o sentido de algo que é repetido “até enjoar”.

Não vi seu rosto, recuado que estava, mas pelo seu tom de voz, pareceu-me tomado de um ódio inexprimível. Vi la Fontaine e le Maître afastando-o com gestos e a seguir Monsenhor tomou a palavra em tom professoral:

— Não é exatamente assim; mas, como você não passa de uma camponesa ignorante, nós *lhe* ensinaremos: não existe uma só Igreja, mas duas: a Igreja Triunfante, composta por Deus, pelos Santos Anjos e pelas almas que alcançaram a salvação; e a Igreja Militante, composta por nosso Santo Padre, o Papa, Vigário do Cristo na Terra; pelos Cardeais, os prelados e clérigos da Igreja e a totalidade dos bons Cristãos e Católicos. E este conjunto jamais pode estar errado, pois é dirigido pelo Espírito Santo.

Sorri, aliviado ao ver que o Bispo dera uma explicação simples e convincente. Enquanto *ela* parecia pensar a respeito, ele novamente perguntou:

— O que me responde? Aceita submeter-se por completo ao julgamento e à decisão da Igreja Militante, que é o nome dado à Igreja na Terra?

— Eu vim ao Rei de França em nome de Deus, da Virgem Santíssima, de todos os Santos Anjos do Paraíso e da Igreja Triunfante. A *esta* Igreja, que está no Céu, submeto-me em tudo o que fiz e disse.

— E quanto à Igreja Militante, que está na Terra? — perguntou o Bispo.

— Por ora, nada mais tenho a dizer a respeito.

Aquela firmeza nos abalou a ponto de trazer um pesado silêncio, tão prolongado que Monsenhor precisou de um gesto mais enérgico que o de costume para que la Fontaine recuperasse o uso da palavra. Mais uma vez abordou-se a questão de condicionar a permissão de assistir Missa ao uso de vestes femininas, com o mesmo resultado, ao que *ela* acrescentou:

— Prefiro morrer, a não cumprir aquilo que Deus me ordenou fazer!

Olhei para *ela*, penalizado. A camponesa não era capaz de entender que, pensasse o que pensasse a respeito, esse era o ponto vulnerável, sobre o qual carregaríamos com todas as forças, e se esse Deus tinha alguma pretensão de livrá-la da fogueira, então cuidasse de *lhe* dar uma ajuda mais concreta e mais palpável.

— Quanto à *sua* madrinha, a tal que via fadas, por acaso é alguma mulher sábia?

*Ela* não gostou do tom dado à última palavra, e respondeu secamente:

— Ela é tida na conta de uma mulher honesta, não de uma bruxa ou feiticeira, se é isso o que quereis dizer!

— Aceitaria assumir o compromisso de vestir roupas femininas, caso a deixássemos ir e se assim fosse da vontade de Deus?

— Se eu pudesse ir-me em roupas femininas, logo as tiraria e tornaria a vestir vestes masculinas e faria o que Deus me ordenasse.

Como os demais ameaçassem falar, ela elevou a voz e prosseguiu:

— Já vos disse antes: sob condição nenhuma farei juramento de não usar armas ou roupas masculinas, pois tenho que cumprir a vontade de Deus!

— Acredita que fadas sejam maus espíritos?

— Nada sei a respeito.

— Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite odeiam os ingleses?

— Elas amam o que Deus ama e abominam o que O aborrece.

La Fontaine pareceu-me desconcertado com a resposta, e insistiu:

— E Deus, odeia os ingleses?

— Quanto ao Seu ódio ou Seu amor pelos ingleses, nada sei; mas sei que Ele determinou que os ingleses saíssem da França, e Ele os fará sair, exceto os que morrerem nela, e dará a vitória aos franceses.

Os carcereiros, ao ouvir isto, conseguiram a façanha de tornar suas caras ainda mais pavorosas e repulsivas do que já eram.

— E quando os ingleses eram vitoriosos na França, não era Deus quem os favorecia?

*Ela* hesitou por um momento e respondeu a seguir:

— Não sei responder. Talvez então Ele estivesse descontente com os franceses e por isso quisesse castigá-los por seus pecados.

— E o que você imagina receber de Nosso Senhor por estar usando estas roupas?

— Por isso, como por tudo o mais, não pedi a Deus nada além da salvação de minha alma.

Depois de alguma hesitação, abordou novo tema:

— Que armas você ofereceu à igreja de Saint-Denis?

— Minha armadura branca<sup>243</sup> completa e uma espada que ganhei diante de Paris.

O inquiridor falou em tom de voz mais baixo:

— Para que fossem veneradas como relíquias, certamente.

*Ela* pareceu indignada quando respondeu:

— Não! É um ato de devoção que os soldados costumam realizar quando se recuperam de seus ferimentos! Afinal, eu fui ferida diante de Paris!

Seguiram-se mais algumas perguntas que nada acrescentaram, e o Bispo encerrou a sessão, convocando-nos para outro interrogatório à tarde.

---

<sup>243</sup> Ou *alwite*, assim chamada a armadura descoberta, ou seja, sem o *surcoat* (longa e larga veste sem manga, em geral brasonada, vestida sobre a armadura).



## 9º Interrogatório Secreto - 17 de março, à tarde

Enquanto esperávamos pela refeição, discutíamos o assunto, frustrados com aquela sucessão de interrogatórios em que não fazíamos progresso algum. Então, pedi a palavra:

— Há algo que ainda não exploramos, pelo menos não o suficiente.

Fiz um instante de silêncio criando expectativa, e então disse:

— Por que não aprofundamos a questão do estandarte? Talvez seja possível implicá-la em acusação de sortilégios.

A ideia foi bem recebida, e por isso mesmo d'Estivet refutou, contrariado:

— O **prezado irmão** porventura se esquece que uma virgem não pode ser acusada de tal crime?

— Oh, *ela*, virgem? — contestei candidamente. — *Prezado irmão, quem crê que uma mulher vivendo entre soldados é mesmo virgem, é capaz de crer em qualquer coisa!*

— Não importa o que eu disse antes, importa que *ela* o é! — contestou fortemente irritado com as risotas dos demais.

— **Por enquanto**, é — contestou Midi com um discreto sorriso, erguendo o dedo índice, ao que o Promotor, para minha surpresa, empalideceu tremendamente.

— Sábias palavras, irmão Midi. Sábias palavras. Afinal, impenetráveis são os desígnios do Senhor, e o que hoje é, talvez amanhã não o seja mais. — disse, e a seguir me voltei para d'Estivet — Portanto, **prezado irmão**, não tomemos por empecilho um simples detalhe que pode ser facilmente resolvido, desde que tenhamos como sustentar a acusação.

Enquanto ele pensava numa forma de rebater, os demais sorriram concordando, e então la Fontaine se afastou em silêncio, suponho que a preparar as perguntas. À tarde, reunimo-nos para o novo interrogatório, com exceção de Massieu; mas surpreendi-me ao ver que Monsenhor, ao juntar-se a nós, não vinha só: com ele vieram ainda Beaupère, Courcelles e e um visitante desconhecido, a quem nos apresentou como Jacques de Turon, Doutor em Teologia. Subimos todos para a cela da prisioneira.

A princípio, o inquiridor direcionou o interrogatório para a feitura do estandarte e os anjos que trazia. De repente, veio a pergunta que aguardávamos:

— Perguntou às *suas* santas se, graças ao estandarte, você venceria todas as batalhas em que combatesse?

*Ela* olhou-o fixamente, como que tentando ver aonde ele queria chegar, antes de responder:

— Elas me disseram para sustentá-lo com coragem, pois Deus me ajudaria.

— Mas era você quem defendia o estandarte, ou ele que *a* defendia?

— Fosse de mim ou do estandarte, toda a proteção vinha de Deus.

— Mas em que se fundava *sua* confiança na vitória? Em você mesma, ou no estandarte?

— Em Nosso Senhor e em ninguém mais.

Entreolhamo-nos, sem saber o que contestar a isso.

— Se outra pessoa empunhasse o estandarte, teria o mesmo sucesso que você teve?

— Isto não sei. Reporto-me a Nosso Senhor.

— E se você empunhasse outro estandarte de alguém do *seu* partido, ou mesmo o do *seu* rei, teria tantas esperanças de vitória quanto com o *seu* próprio que você diz ter recebido em nome de Deus?

— Eu empunharia com mais prazer aquele que me fora dado em nome de Deus. Em tudo reporto-me a Ele.

Entreolhamo-nos por um momento, depois para o Bispo, que fez um discreto gesto indicando o dedo anular da mão esquerda, e la Fontaine abordou então outro tema:

— Foi *lhe* revelado se você perderia *sua* boa fortuna, ou se *suas* Vozes a abandonariam, caso perdesse a virgindade?

— Isto não me foi revelado.

— Crê que *suas* Vozes a abandonariam caso você *se* casasse?

— Não sei. Reporto-me a Deus.

Courcelles tocou de leve em la Fontaine e por um sinal de cabeça o inquiridor cedeu-lhe a palavra. Aquele então perguntou à prisioneira:

— Crê firmemente que o *seu* rei agiu bem ao assassinar, ou fazer com que fosse assassinado meu senhor, o Duque Jean de Borgonha?

*Ela* hesitou por um instante e respondeu medindo as palavras:

— Foi uma atitude lamentável do Rei da França. Todavia, o que quer que tenha havido entre estes dois Príncipes, o fato é que Deus me enviou para ajudar a este.

Nesse momento, meu amo ergueu a mão e tomou a palavra:

— Há questões que você recusa-se a responder-nos. Persistiria nessa recusa se estivesse diante de Sua Santidade, o Papa?

— Responderia com a verdade integral a tudo quanto me fosse permitido responder, e se me lembrasse de algo que não houvesse dito, eu o diria de boa vontade.

Algo nesta resposta fê-lo empalidecer, mas la Fontaine não esperou o gesto do Bispo para retomar a palavra:

— Não seria *sua* obrigação responder com toda a verdade ao Papa, Vigário de Deus na Terra, sobre tudo quanto *lhe* fosse perguntado acerca da fé e da *sua* consciência?

Pareceu-me um bom argumento. Em caso positivo, estaríamos no direito de cobrar *lhe* estender *sua* obediência aos representantes do Papa que estavam diante *dela*. Se não, poderíamos provar por *suas* próprias palavras que *ela* era uma herética, pois recusava obediência à autoridade suprema da Igreja. Todavia, não esperávamos a resposta que se seguiu:

— Levai-me até ele e responderei a tudo quanto devo responder!

Foi como se o chão se abrisse diante de nossos pés. A cor fugiu de nossos rostos e la Fontaine voltou-se para meu amo tal como uma criança a procurar pelo pai. Ele, e mais todos nós. Aquelas palavras deveriam ter sido fatais para nossas pretensões, se *ela* soubesse o que significavam. O apelo a Roma tinha o poder de interromper nosso Julgamento e levá-la para alhures, fora de nossa alçada.

Felizmente, as tais Vozes da acusada ou não conheciam, ou se esqueceram de ensinar *lhe* os meandros burocráticos do Direito Canônico. Monsenhor, olhando para la Fontaine, ergueu discretamente a mão direita movendo seus anéis, ao que o inquiridor acenou assentindo e dirigiu-se, afoito, às questões que se seguiram, cujo objetivo era soterrar sob uma avalanche de perguntas inúteis aquelas palavras tão perigosas.

— De que era feito aquele *seu* anel onde se lia os nomes “Jesus Maria”?

— Não sei dizer com precisão.

— Era do mais puro ouro?

— Se era de ouro, não era ouro puro, mas talvez fosse de latão.

— E que sinais havia nele?

— Se não me engano, três cruces.

— E o que mais?

— Somente os nomes “Jesus Maria”.

O inquiridor pareceu lembrar-se de algo, sorriu e perguntou-*lhe*:

— Por que você olhava tantas vezes para o *seu* anel antes de entrar em combate?

A prisioneira surpreendeu-*se* com a pergunta. Talvez não tivesse desconfiado antes que possuíamos espiões entre *seus* soldados, sempre atentos aos seus menores gestos. Depois de um tempo, respondeu:

— Gostava dele porque fazia me lembrar de meu pai e minha mãe, pois foi presente deles. Além disso, estava com ele no dedo quando Sainte-Catherine apareceu para mim.

O inquiridor parecia não ter mais o que perguntar. Hesitou em silêncio, pensando, de cabeça baixa, quando de repente ergueu-a perguntando:

— Abraçou ou beijou Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite?

— Abracei-as ambas.

— E quando as abraçava, sentia-as de alguma forma?

*Ela* olhou-o como contrariada em responder o óbvio:

— Não seria possível abraçá-las sem tocá-las ou senti-las.

— E elas rescendiam a perfumes?

A prisioneira pareceu satisfeita ao responder:

— É bom se saiba que elas rescendiam a perfumes.

La Fontaine hesitou mais uma vez antes de perguntar:

— O que você sabe sobre pessoas que evocam as fadas?

— Nada. Ouvi dizer que se reuniam para isso às quintas-feiras, mas me pareceu coisa de magia e não me interessei.

Ele ficou mais alguns instantes em silêncio tentando encontrar algo, e então *lhe* perguntou se prestava reverência às ditas santas, pondo-se de joelhos ou se curvando. A prisioneira respondeu que sim, acrescentando com ênfase:

— Faço-o sempre que posso. Afinal, sei muito bem que elas vêm do Reino dos Céus.

Aquelas palavras causaram mais um prolongado silêncio antes de perguntar:

— Você conduziu *seu* estandarte à coroação do *seu* rei em Reims?

— Sim.

— E o desfraldou dentro da catedral?

— Sim.

— Por sobre a cabeça do *seu* rei?

A acusada olhou-o com desagrado ao responder secamente:

— Isto não é verdade.

Um discretíssimo sorriso aflorou nos lábios do inquiridor com a pergunta:

— E por que o *seu* estandarte, ao invés do de qualquer outro capitão, foi conduzido à catedral de Reims e desfraldado durante a coroação do rei?

Esperava que a pergunta a confundisse, mas *ela* respondeu como se fosse elementar:

— Ele participou das atribulações; era justo que participasse das honrarias.

Ficamos nos entreolhando, e a um gesto de Monsenhor la Fontaine deu por encerrado o inquérito daquela tarde.

## Reclamos do Padre Martin l'Advenu

### III

*O que l'Oiseleur nunca soube é que eu fui ter uma entrevista em particular com ela. Com que finalidade, exatamente, naquele momento não sabia. Era final de tarde, quando a maior parte dos Assessores, senão todos, havia partido. Dirigi-me cautelosamente à torre da prisioneira pela primeira vez, subi lentamente os oito degraus da escada e cheguei ao segundo pavimento. Os guardas mostraram-se surpresos, mas obedeceram sem discussão quando lhes mandei abrir a porta da cela, e se retirarem a seguir, alegando que precisava ouvi-la em confissão. A jovem se ergueu e me fez reverência, eu por instinto fiz sobre ela o sinal-da-cruz. Por um momento, ficamos a nos olhar face a face, a prisioneira a esperar por minhas palavras, eu sem saber por onde começar. Por fim, comecei:*

— *Filha, venho pedir-te, em nome do Senhor Crucificado, a quem represento, que te confesses para mim.*

*A prisioneira sorriu. Era o sorriso de um justo, e me apertou o coração ver a felicidade com que recebeu minhas palavras. Então, comecei:*

— *Tu verdadeiramente és enviada de Deus.*

*A acusada prontamente pôs-se na defensiva e respondeu, incisiva:*

— *Mantenho tudo quanto disse no Julgamento.*

*Procurando apaziguá-la, disse-lhe então:*

— *Filha, isto não é um interrogatório, mas uma confissão.*

*Ela pareceu alcançar o sentido de minhas intenções e replicou, mais afável e serena:*

— *Sim, Padre. Eu fui enviada por Deus.*

— *Não duvido nem de ti, nem do que dizes. Mas por que tu, filha? Por que, entre tantas outras pessoas quiçá melhor dotadas, Deus escolheu uma donzela, uma camponesa analfabeta, como instrumento da Sua vontade?*

*Havia perplexidade em minha pergunta, e me surpreendi ao perceber o mesmo sentimento em sua resposta:*

— *Eu não sei, Padre! Vós, Juízes, me perguntais sempre a mesma coisa! Como poderia eu saber? Eu o disse a Saint-Michael: Sou apenas uma moça, nada sei sobre cavalgar ou combater! Mas, mesmo assim, ele me disse que esta era a vontade de Deus. Agora, por que Deus quis assim? Se vós, que sois padres, sábios e cultos, não tendes a resposta, como esperais que eu possa tê-la?*

*Fiquei em silêncio por um tempo, e então repliquei:*

— *Ah... nós, com todos os nossos estudos, nossa erudição, nossa cultura, confundidos por uma jovem que não tem sequer vinte anos!... Digo-te, filha, que quando eu era um jovem padre recém-ordenado, meu maior sonho era ir pregar aos pagãos em África ou Ásia e afrontar o martírio, para mais tarde ser considerado santo; no entanto, hoje tremo a um simples franzir de sobrancelhas de Monsenhor de Beauvais! Talvez porque fé não se prescreva, não se imponha, não se adquira somente com estudos... tu, tão*

*jovem e tão ignorante, tens uma fé e uma coragem muito maior que a de todos nós juntos. Por quê? Será que somente os ignorantes podem ter fé? Será que foi por malícia que escreveram: Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus<sup>244</sup>?*

*Antes mesmo que **ela** respondesse, olhamo-nos, surpresos, ao nos darmos conta de que estávamos assentados lado a lado sobre o catre coberto de palha que **lhe** servia de leito. Mas quase logo a prisioneira recuperou a presença de espírito, afastou-se um tanto e retrucou:*

*— Não sei responder-vos, Padre. No entanto, será que aqueles que escreveram as Escrituras Sagradas eram ignorantes? Penso que a fé tem que vir do coração, e se ela não está lá, nenhum estudo poderá fazê-la estar. Tenho fé, não por ser ignorante (embora o seja!), mas porque amo a Deus de todo o meu coração. E amor não se sente por imposição, nem se aprende só pelo estudo.*

*Fiquei maravilhado e repliquei:*

*— De onde você adquiriu tanta sabedoria, filha?*

***Ela** sorriu e disse:*

*— Não é minha, Padre. É de minhas Vozes.*

*Suspirei fundo e retruquei:*

*— Ah, se me fosse dado vê-las como tu mesma...*

*A jovem se animou e disse:*

*— Oremos a Deus, Padre! Pedi a Deus do fundo do coração, e se Ele vos considerar digno, conceder-vos-á!...*

*Tremi diante de **suas** palavras e interrompi-a, cheio de medo:*

*— Não, filha! Não o farei! Se Ele mo recusar, sou capaz de invejar-te até o ódio. Por outro lado, se mo conceder... terei que ter a **tua** coragem, a **tua** fé, para enfrentar tudo quanto enfrentas, mas não tenho! Ainda que Saint-Michael em pessoa me dissesse, como disse a **ti**: Vai, serei **teu** amparo!, eu não iria.*

*A prisioneira me olhou com susto e surpresa. Depois de um hiato de silêncio, perguntou-me:*

*— Mas... não acreditais em Deus, Padre?*

*Foi minha vez de hesitar, e custei a responder:*

*— Com a mais absoluta franqueza, filha... eu não sei mais! Quando era jovem, teria respondido que sim, sem a menor sombra de dúvida. Porém, de tanto ver a virtude castigada e o vício coberto de honrarias; de tanto ver a inocência e a verdade ultrajadas pelo triunfo dos maus e pela glória das nulidades, perdi esta certeza. Entrei para a Igreja pensando que dentro dela tudo era diferente. Acreditei quando me disseram que dentro de seu seio os homens se amavam como irmãos e que todos amavam o Cristo; que a fé nos unia a todos e cada qual era avaliado tão somente por seus méritos e virtudes. No entanto, eu fui enganado, não é assim, nunca foi. A batina não nos santificou, sequer mudou qualquer coisa dentro de nós. E eu perdi a confiança ao ver que também dentro da Igreja a virtude é enaltecida em público e escarnecida em particular; é glorificada em palavras e*

---

<sup>244</sup> Novo Testamento, Mateus, 5:3. A palavra “espírito” era usada com frequência na Europa antiga (mas não no aramaico ou no hebraico antigo) como sinônimo de inteligência, sabedoria. Nas versões modernas prefere-se a expressão *humildes de espírito*.

*desprezada em atos. O padre justo, pio e virtuoso, pronto para morrer por sua fé, poderá tornar-se até santo depois de morto, porém, jamais será em vida coisa alguma além de um simples padre; ao passo que as nulidades com títulos de nobreza, os bajuladores, os simoníacos, os ladrões e assassinos de batina vestem-se de arminho e púrpura, ostentam mitras e báculos de ouro e, por força do voto de obediência, temos todos que beijar suas mãos impuras e obedecer cegamente às suas mais iníquas ordens.*

***Ela** me olhava surpresa, e quando me calei disse-me:*

*— Falais como se ser padre fosse tão pouca coisa! Julgo que é algo sagrado!...*

*Tamanha ingenuidade levou-me a responder com ironia:*

*— Sagrado?... porventura já notaste que todos nós que te julgamos somos padres? E o que pensas que eles são? Afora a batina, são homens iguais aos homens, e alguns, piores que todos os outros! Prouvera a Deus que jamais viesses a conhecer quantas raposas, lobos e chacais vestem batina neste Julgamento! Eu o sei, tenho vivido a vida toda ao lado deles! E pensar que por tanto tempo orei a Deus, suplicando que me pusesse junto de uma pessoa verdadeiramente santa, para que eu pudesse crer mais uma vez, recuperar a fé!... e ao invés de encontrá-la entre meus cúmplices de batina, fui achá-la dentro de um cárcere, destinada à fogueira precisamente por ser santa!...*

*A prisioneira mostrou-se chocada com minhas palavras e replicou:*

*— Padre, verdadeiramente fui enviada por Deus, mas não sou nenhuma santa! Santas são as minhas Vozes, Sainte-Catherine, Sainte-Marguerite, Saint-Michael... não sou nem jamais tive a pretensão de ser igual a eles!...*

*Sorri tristemente e retruquei:*

*— Sim, tu o és. Não por **tuas** visões, nem pelo que fizeste, e sim por **tua** fé, pela pureza de **teu** coração. Num século como o nosso qualquer um que consiga obedecer a Deus, que não se venda ao Diabo pela razão que for, é verdadeiramente um santo.*

***Ela** sorriu melancolicamente e disse:*

*— Neste caso, Padre, quantas pessoas verdadeiramente santas devem passar despercebidas neste mundo...*

*— Bem-aventuradas que são. Pois se a Igreja soubesse de suas existências, estariam aqui contigo. Para pessoas assim só há duas alternativas: o anonimato ou o martírio.*

*Respirei fundo e prossegui, num tom mais alto e aflito:*

*— Durante tantos anos rezei, jejei, penitenciei-me, e tudo isso para quê? Para ver, de um lado, pessoas como... como alguém a quem não vou nomear, indigno sequer da comida que come, ornando-se com títulos e prebendas, com o poder de abençoar ou amaldiçoar em nome de Deus; e de outro, uma simples camponesa inculta e leiga, com todos os apanágios da santidade, prestes a morrer por esta mesma razão. E no meio deles, eu: nem mau o bastante para me alinhar com os primeiros, nem bom o bastante para seguir a segunda! Talvez porque eu seja morno, e como dizem as Escrituras, serei vomitado da boca do Senhor<sup>245</sup>!*

*A prisioneira me olhava com uma expressão de piedade infinita quando me disse:*

---

<sup>245</sup>

*Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; oxalá foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és quente nem frio, vomitar-te-ei da minha boca. Novo Testamento, Apocalipse, 3:15-16.*

— *Padre, quanto sofrimento tendes dentro da alma! Precisais dizê-lo ao vosso confessor, já que eu não tenho poder para dar-vos a absolvição...*

*Pensando com mais asco ainda no papel de l'Oiseleur junto **dela**, interrompi-a, falando cada vez mais alto, com progressiva cólera:*

— *Confessar-me? A quem? A qualquer um deles será o mesmo que cavar a própria sepultura com a língua! Confesso-me a **ti**, pois somente assim posso ter certeza de que minhas palavras serão guardadas em segredo! Tu, que tens pedido tantas vezes para ser ouvida em confissão, toma sentido, criança! O que para **ti** é um sacramento, para essa corja é apenas uma forma de se arrancar segredos! Aquele que vier tomar **tua** confissão neste Julgamento vem para **te** destruir fingindo-se de confessor e amigo!*

*No instante seguinte **ela** empalideceu e seus olhos brilharam. Amaldiçoei-me então por minhas palavras imprudentes e tive medo das possíveis consequências. Quase logo emendei:*

— *Mas lembra-te, filha, digo-te tudo isto em confissão porque sei que és pura, e que, para **ti**, confissão é segredo e coisa santa! Embora eles prevariquem sobre as coisas mais sagradas, sei que tu não o farás!*

*A prisioneira fez que sim com a cabeça, mas mesmo assim o medo não me deixou. Tão apavorado fiquei que me despedi falando às pressas:*

— *Filha, agora é preciso que eu me vá. Sinto-me feliz porque me ouviste. Mas lembra-te que o segredo da confissão é coisa santa! Adeus!*

*Fiz rapidamente sobre **ela** o sinal-da-cruz sem o perceber e chamei os guardas. Atenderam prontamente, mas pareceram-me verdadeiras eternidades aquelas frações de minuto em que fiquei a olhar para o rosto cheio de perplexidade da prisioneira. Tão logo abriram a porta da cela, desci quase correndo as escadas da torre.*



## Intervalo

Entre os dias 18 a 23 de março Monsenhor julgou adequado fazer um intervalo, a fim de avaliarmos o que tínhamos até então. Em verdade, pouca coisa. Beaupère opinou que a questão das vestes era o argumento mais visível e palpável de que dispúnhamos até o momento. Enquanto concordávamos em silêncio, La Fontaine surpreendeu-nos ao discordar, criando penosa expectativa ao dizer:

— *Ela* irrefutavelmente tem amparo para usar vestes masculinas.

— O que queres dizer com isso? — perguntou-lhe Monsenhor, franzindo as sobrancelhas.

La Fontaine pareceu ter-se empolgado com o suspense e continuou:

— A Bem-Aventurada Beata Hildegarde von Bingen<sup>246</sup> concede esta isenção no *Scito Vias Domini*, Livro II, Visão 6, 77: *Homens e mulheres não devem usar nenhuma outra roupa exceto em caso de necessidade. Um homem nunca deve pôr sobre si vestido feminino ou mulher veste de uso masculino... a menos que a vida de um homem ou a castidade de uma mulher esteja em perigo...*

— E julgas tema de tão elevada gravidade baseado tão somente na opinião de uma mulher?! — gritou Beaupère, interrompendo-o.

— De forma alguma, Irmão Pulchripatris. Na segunda parte da *Summa Theologica*, Saint-Thomas d'Aquin estabelece textualmente que *...não obstante, isto pode às vezes ser feito sem pecado devido a alguma imperiosa necessidade, como se esconder dos inimigos, ou por total falta de outra roupa, ou por algum motivo similar...*

Aquilo caiu como uma explosão de bombarda em nosso meio. Enquanto esperávamos, ele prosseguiu:

— Idem no *De Puella Aurelianensi Dissertatio...*

— Não conheço esta obra! — disse eu, surpreso.

— Escrita pelo Arcebispo d'Embrun em maio de 1429. A obra indica que o uso da roupa deve combinar a circunstância: *...quando se está vivendo entre soldados, é cabível que se vista como um...*

— Parecer de um inimigo opinando em causa própria! — gritou d'Estivet, furioso.

— Nem por isso deixa por isso de ser de um Arcebispo. E não é o único. Jean Gerson (vós o conhecestes bem!), em seu *De Mirabili Victoria*, defende o mesmo parecer, afirmando que o contexto é que determina se uso da veste inapropriada ao sexo é pecaminoso ou não: *...semelhante mudança de roupas pode ser justificada pela necessidade, por utilidade óbvia, por um costume autorizado, por despacho ou isenção superior...*

Pusemo-nos então a falar todos ao mesmo tempo, enquanto Monsenhor ouvia em silêncio, primeiro surpreso, depois de cenho fechado.

---

<sup>246</sup> Freira mística alemã (1098-1179), uma das raras mulheres a destacar-se em termos culturais durante a Idade Média. Autora de livros sobre Teologia e Medicina e compositora de música sacra. Vista com desconfiança em sua época, recebeu, todavia, apoio de Bernardo de Claivaux (mais tarde São Bernardo) e do Papa Eugênio III. Canonizada pela Igreja Católica em 1584 e proclamada Doutora da Igreja em 2012.

— Sim, que tudo isto seja verdadeiro! Por acaso algum de nós tem a pretensão de transmitir estas informações à acusada? — falou Beaupère, áspero, de rosto crispado.

— Estas últimas obras não podem ser consideradas! Foram escritas por nossos inimigos em causa própria, especificamente para defesa da acusada, não para a salvaguarda da fé! — elevei a voz mais uma vez.

— Se condenarmos esta jovem pelo fato em si, sem levarmos em conta o contexto do fato, por uma questão de coerência deveríamos igualmente condenar aquelas que a Igreja canonizou: Santa Marina, Santa Pelágia, Santa Eufrosina<sup>247</sup> ...

A argumentação, teologicamente brilhante e politicamente ingênua, deixou-nos por um momento sem poder de tréplica. Mas o ar de triunfo de la Fontaine murchou no instante seguinte, quando o Bispo investiu com evidente irritação:

— Excelente a tua erudição, meu caro irmão de Fonte. Melhor do que quando a acusada perguntou-te o que era a Igreja Militante. Mas, onde pretendes chegar com isto?

Ele se surpreendeu com o tom da pergunta e vacilou ao responder:

— Bem, Monsenhor... estou apenas trazendo apontamentos, a fim de melhor assessorar Vossa Reverendíssima...

Meu amo prosseguiu então, parecendo mais tranquilo:

— Sendo assim, louvo a cultura e os valiosos apontamentos que trouxeste a esta reunião. És digno de ovação! Ovacionai-o, irmãos!

Às primeiras palmas de meu amo, lentas e fortes, começamos então a acompanhá-lo, tendo eu que me conter para não sorrir diante do visível constrangimento daquele que era alvo de nossos aplausos. Assim que estes começaram a diminuir, o Bispo interrompeu-nos com um gesto rude e tornou a falar-lhe, mais alto:

— Espero que com isto fiques satisfeito, meu caro! Por que, de resto, tudo o que disseste não serve para mais nada! Não tem qualquer valor aos nossos propósitos!

La Fontaine diminuía visivelmente de tamanho enquanto respondia num fio de voz:

— Monsenhor, embora eu entenda que Vossa Reverendíssima tem razão, como sempre, nem por isso deixam de estar escritos...

O olhar do Bispo pareceu-me intraduzível quando disse:

— Sim, meu caro irmão de Fonte! Também reconheço que tens razão, estão escritos! Pois façamos da seguinte forma: se a acusada citar estes documentos, então retiraremos esta acusação!

Olhou em volta e sentiu que a maioria o aprovava. Seu sorriso era feroz ao dizer:

— Sim, senhores, faremos assim: se a ré Jehanne d'Arc citar tão eruditas obras, demonstrando conhecimento delas, estaremos de acordo em retirar o uso de vestes masculinas como ponto de acusação!

Rimo-nos à socapa, e provavelmente por isso la Fontaine, embora tenha feito menção de dizer algo, olhou para nós outros e preferiu sabiamente calar a boca. Monsenhor prosseguiu:

— Outro problema é *ela* recusar-se a responder o que precisamos que responda...

---

<sup>247</sup> Santas da igreja católica que se disfarçaram de homem a fim de conviverem em ambientes religiosos masculinos.

Porém, antes que pudesse continuar, d'Estivet e Beaupère tomaram a palavra de forma intempestiva, quase ao mesmo tempo:

— É demonstração de fraqueza de nossa parte, Reverendíssimo! Desde quando um acusado comparece às barras de um tribunal eclesiástico dando-se o direito de escolher o que responder? — gritou o Promotor em tom áspero e alto.

— *Ela* deveria ter sido torturada logo após o primeiro interrogatório! — disse Beaupère da mesma forma.

Fiquei pálido e surpreso diante de críticas tão diretas, e não apenas eu. Diante do olhar de meu amo, ambos calaram-se de súbito, baixando os olhos como crianças frente ao pai que as houvesse apanhado em falta. Depois de um instante de silêncio constrangedor, os demais começaram a falar com hesitação, mas então Monsenhor interrompeu-os com um gesto de mão, dizendo-lhes:

— Messires, não percamos tempo discutindo o óbvio! Proponde soluções!

— Pois que a partir de agora, sempre que *ela* recusar-se a responder a qualquer questão, seja considerada como culpada no que diz respeito à pergunta! — disse d'Estivet.

— Torturai-*a*, Monsenhor, torturai-*a* o quanto antes! Diante dos instrumentos aquecidos ao rubro *ela* perderá a pose e dirá tudo o que queremos ouvir! — disse Beaupère tão logo o Promotor calou-se.

Tendo ouvido murmúrios de aprovação, aquele se empolgou e prosseguiu:

— Monsenhor, é preciso tomar cuidado com a misericórdia, que é uma virtude divina, e, por isso mesmo, não deve ser desperdiçada com hereges e feiticeiras, ainda mais num momento destes em que a própria fé Católica se encontra sob ataque! Lembrai-vos da recomendação do Senhor para não darmos aos cães as coisas santas nem atirmos pérolas aos porcos<sup>248</sup>, pois gente dessa laia interpreta o mais leve indício de piedade como sintoma de fraqueza! Ponhamos de lado todo sentimento de compaixão, pois, por mais implacáveis que possamos ser com eles, o Deus santo sê-lo-á infinitamente mais ao torturá-los por toda a Eternidade nas chamas do Inferno!

O Bispo olhou-o firmemente e retrucou, quase com bonomia:

— Porventura parece ao Irmão Pulchripatris que laboramos em erro por excesso de misericórdia?

Seguiu-se novo intervalo de silêncio constrangedor. Diante daquele olhar, Beaupère mais uma vez amedrontou-se e deu-se pressa em responder, tentando reduzir o tom da própria voz:

— Oh, não, não! Se causei semelhante impressão a Vossa Reverendíssima, acuso-me de me expressar de forma imprópria e submeto minhas palavras e pareceres à vossa benigna correção!

Meu amo sorriu e continuou, mais afável:

— Alguém que entendesse ao pé da letra as palavras do Irmão Pulchripatris poderia pensar em sadismo, em crueldade, esquecendo-se de que mesmo a mais implacável atitude da Igreja, ainda mesmo a tortura, que tanto choca certos espíritos timoratos e sentimentais, é o reflexo do mais profundo sentimento de amor e misericórdia cristãs. Acusar-nos de crueldade quando apelamos para a tortura é como acusar o físico que lança mão do ferro ao

---

<sup>248</sup>

Novo Testamento, Mateus, 7:06.

rubro para estancar hemorragias rebeldes. Por mais dolorosa que possa ser, não será uma bênção a tortura do corpo, que livra o pecador dos suplícios eternos e infinitamente maiores da alma? Não disse o Senhor: *Melhor para ti que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no Inferno*<sup>249</sup>? Não obstante, a fim de que terapêutica tão valiosa quanto enérgica produza os frutos desejados, há-de ser feita no momento certo, com toda a moderação própria do espírito cristão e sem outro objetivo que não o de resgatar a alma dos tenebrosos erros que podem fazê-la perder para sempre a graça de Deus.

Os demais fizemos silêncio, e Monsenhor, olhando para Beaupère e d'Estivet, prosseguiu:

— Ouvimos e aprovamos as sugestões que apresentastes. Apenas, guardaremos a tortura para momento mais adequado. Cremos que assim estamos bem entendidos.

Não entendi a utilidade de adiarmos algo perfeitamente legal capaz de nos trazer tantas vantagens, e percebi que não estava só em meu ponto de vista, pois escutei murmúrios de desacordo. Todavia, antes que se generalizassem, o Bispo inquiriu em tom alto e autoritário:

— Porventura alguém discorda?

Num instante, o silêncio foi completo. Beaupère e d'Estivet olharam em volta e o primeiro falou, hesitante:

— Qual momento Vossa Reverendíssima julgaria o mais adequado para a tortura?

— Escolhê-lo-emos após os próximos interrogatórios.

O tom de voz não animava réplicas. Ambos silenciaram, embora não convencidos. Monsenhor prosseguiu:

— Continuemos. Há necessidade de ser feito um sumário das acusações que temos até o momento.

— Temos nada menos que setenta artigos para acusá-la! — disse d'Estivet.

— Que exigiriam muito tempo para serem examinados um a um, e nosso tempo é precioso demais para ser desperdiçado com detalhes. Não, meu caro Benedicite, excesso de acusação é mais prejudicial do que útil. Expurguem-se todos os acessórios e repetições, e esses setenta artigos poderão ser facilmente resumidos a uma dezena ou pouco mais, abordando apenas os pontos essenciais.

O Promotor assentiu, rubro, de olhos baixos, para meu grande prazer.

No dia 24, fomos à cela da acusada fazer a leitura dos apontamentos elaborados até então, contendo as perguntas feitas e as respostas obtidas, a fim de que *ela* os reconhecesse como verdadeiros, conforme rezava o protocolo. Monsenhor, contudo, não estava presente: fora chamado a uma reunião urgente do Conselho Real, urgência essa que, certamente, não pressagiava boas notícias. Em seu nome, la Fontaine abriu a presente sessão e deu ordens à prisioneira para que fizesse o juramento de não alterar em nada as respostas que havia dado, antes responder apenas com a verdade; mas, antes que *ela* o fizesse, d'Estivet tomou a palavra e disse à jovem com a rispidez habitual:

---

<sup>249</sup>

Novo Testamento, Mateus, 5:29.

— Quero deixar bem claro, Jehanne, que será perfeitamente inútil tentar desmentir este documento! Diante de qualquer subterfúgio de *sua* parte neste sentido, eu, como Promotor deste Processo, comprometo-me a provar que aqui estão escritas nada mais e nada menos do que nossas perguntas e *suas* respostas!

O tom áspero do Promotor me arranhava os nervos e senti alívio quando ele calou-se e a acusada fez o juramento conforme ordenado, após o quê la Fontaine solicitou a Manchon que fizesse a leitura do documento. À pergunta se *seu* nome era realmente Jehanne d’Arc, *ela* contestou:

— Tanto poderia ser d’Arc como Romée. Em algumas regiões vizinhas há o costume de se dar às meninas o sobrenome da mãe.

Quando *lhe* foi perguntado se estava disposta a comprometer-se a tomar roupas femininas caso pudesse ir embora, disse em tom que me soou irônico:

— Dai-me um vestido feminino e eu o usarei, desde que seja para ir ao encontro de minha mãe! É o que farei se sair desta prisão, mas depois disso tomarei conselho com minhas Vozes sobre o que devo fazer a seguir!

Ao fim de algum tempo, a leitura na voz monótona e protocolar do escrivão acabou por se tornar cansativa, e por isso foi um alívio para todos nós quando *ela* falou-lhe:

— Peço-vos que façais toda a leitura sem interrupção. Aquilo que eu não contestar considero como verdadeiro.

Manchon olhou com estranheza para a acusada, depois interrogativamente para la Fontaine, que, para satisfação geral, acenou positivamente com a cabeça. O tempo restante foi preenchido pela voz solene do relator, que me pesava de tal forma sobre as capelas dos olhos<sup>250</sup> que cheguei a sentir saudades da voz irritante do Promotor, enquanto Beaupère mexia-se inquieto e Courcelles expressava o tédio no rosto. Desejava com todas as minhas forças que *ela* encontrasse algo que refutar, antes que o sono me derrotasse. Por fim a leitura terminou, para alívio de todos, e olhamos para *ela*, que nos disse com o cansaço transparecendo na voz:

— Uma vez que nada contestei, considero que o registro é verdadeiro tanto nas perguntas quanto nas respostas.

Então la Fontaine encerrou a sessão do dia e nos retiramos.

Na tarde do mesmo dia, o Bispo retornou, seu rosto exprimia tensão. Apressei-me a servir-lhe vinho, enquanto ele respondia-me antes mesmo que eu lhe perguntasse:

— Sim, temos duas novidades, ambas desagradáveis. A primeira é que já foi escolhido um novo Papa. Claro que isto iria acontecer mais cedo ou mais tarde, mas teríamos preferido que desta vez não fosse tão cedo!

Ante meu olhar interrogativo, prosseguiu:

— Quem é? Um certo veneziano de nome Gabriele Condulmer<sup>251</sup>, agora Eugène IV.

— E... o que sabeis a respeito dele?

---

<sup>250</sup> Termo arcaico para pálpebras.

<sup>251</sup> Papa de 1431 a 1447, passou a maior parte de seu pontificado em conflito com o Concílio de Basileia (mais detalhes na página 470). Morreu envenenado (vida página 4).

Ele respondeu entre tenso e ríspido, com amarga ironia:

— Unicamente que foi feito Cardeal por Martin V. E que não me escreveu (e certamente não me escreverá) que *sempre o encontrarei propício e benevolente*.

Tentando confortá-lo, pensei um pouco e disse:

— Se foi Martin V que o fez Cardeal, isto pode ser bom para vós...

Ele me interrompeu, olhou bem nos meus olhos e disse no mesmo tom:

— Bom, por quê? Porventura sabes de algo que eu não sei?

Receoso de seus nervos, respondi, medindo cuidadosamente as palavras:

— Menos ainda do que vós, Reverendíssimo. Porém, se tínheis um amigo em comum, há uma chance de serdes amigos.

Ele sacudiu a cabeça e disse, tenso, porém menos ríspido:

— Tínhamos é passado, não presente. Sim, podemos ser amigos se pudermos encontrar interesses em comum. Todavia, não tenho a menor ideia de quais são os seus. Apoiará o Concílio ou não? E se apoiá-lo hoje, fá-lo-á mais tarde? Agora tudo está mudado e, enquanto estivermos amarrados a este Julgamento, estaremos neste jogo completamente às escuras.

Suspirou fundo e prosseguiu, num tom ainda mais agitado:

— Mas não foi só isso! Tudo não se perdeu por pouco, muito pouco!

Olhei para ele, curioso, mas com receio de perguntar, ao que ele continuou:

— A segunda notícia é que o Duque foi alvo de uma emboscada.

Devo ter arregalado os olhos, enquanto o Bispo continuava, sorrindo amargo:

— La Hire (foi capitão *dela*, lembra-te?) armou tudo. Planejava aprisionar o Regente, a fim de resgatá-la mediante troca. Mas, felizmente, o Diabo de vez em quando vela pelos seus: a armadilha fracassou e, ao invés, foi La Hire quem caiu em nossas mãos. Mas o Duque e o Cardeal, em vez de darem graças, ficaram ainda mais nervosos e nos colocaram em xeque, perguntando o que pretendíamos nós com tão descabidas demonstrações de compaixão para com uma inimiga desse porte em plena guerra! Ou seja, ainda mais que antes, é preciso terminar este Julgamento!

No Domingo de Ramos, dirigimo-nos à torre com a formalidade de costume junto a Beaupère, Midi, Pierre Maurice e Courcelles, além dos de praxe, e mais três visitantes, na condição de testemunhas, os quais nos foram apresentados como Adam Milet, secretário do Rei; William Brolbster e Pierre Orient, das dioceses de Rouen, Londres, e Châlons. Uma vez diante da prisioneira, Monsenhor tomou a palavra:

— Jehanne, minha filha, muitas vezes você tem pedido nossa permissão para assistir missa, o que nós, de acordo com o que determina o mais rigoroso cumprimento das leis canônicas, vimo-nos obrigados, bem a nosso pesar, a proibir. Sendo a data de hoje tão solene quanto sagrada para a Santa Igreja, aqui viemos movidos pelo espírito de misericórdia, com o objetivo de julgarmos a sinceridade da *sua* fé católica, para, desta forma, decidirmos se você verdadeiramente é digna da graça de ouvir a Santa Missa no domingo de Ramos.

Pareceu-me que os olhos da prisioneira expressavam ao mesmo tempo ansiedade e dúvida, mas, à pausa de meu senhor, permaneceu em silêncio. O Bispo continuou:

— Perguntamos-*lhe* formalmente: supondo-se que esta graça seja-*lhe* concedida, você concordará em tirar estas vestes próprias de soldado e vestir-*se* com roupas adequadas a uma donzela, como o fazem as moças decentes de *seu* lugar de nascimento, como você mesma o fazia outrora?

Os olhos *dela* brilhavam quando uniu as mãos e respondeu, em voz súplice:

— Peço-vos encarecidamente a graça de assistir à Missa com a roupa que estou usando! Afinal, sempre as usei para receber a santa Eucaristia na Páscoa!

Beaupère olhava-a com aquele seu discreto sorriso. Todavia, Monsenhor fechou o cenho e *lhe* replicou:

— É inútil tentar fugir da questão por meios de súplicas. Fizemos-*lhe* uma pergunta e queremos a resposta: você aceita abandonar as vestes masculinas se *lhe* concedermos a permissão que nos pede? Sim ou não?

A acusada suspirou ao responder:

— Não posso. Vós bem sabeis que não tenho permissão de minhas Vozes para isso.

O Bispo então *lhe* perguntou em tom dúbio:

— Você pretende tomar conselho com essas tais santas para saber se pode usar vestes femininas para assistir à Missa?

A prisioneira olhou-o com tristeza e desencanto:

— Vós bem poderíeis dar-me a permissão para assistir a Santa Missa! Tendes poder para isto, e eu a desejo com todas as forças de minha alma!... Contudo, eu já vos disse que quanto a mudar minhas vestes, esta decisão não me pertence!

Como o Bispo não respondesse, Courcelles então pediu a palavra e passou a dizer, com algumas colocações de Pierre Maurice e Midi:

— Veja bem o que está sendo induzida a fazer! Estas Vozes não podem ser dos Anjos, pois *a* induzem à soberba quando *lhe* dizem para confiar em *seu* próprio discernimento fraco de moça ignorante, ao invés de submeter-*se* ao juízo do sacerdote, que é o ungido do Senhor. Se elas viessem realmente de Deus, dar-*lhe*-iam ordens em contrário ao que manda a Santa Igreja, que é a voz de Deus na Terra? Acha justo e certo ver-*se* privada dos santos Sacramentos e da santa Missa, contra os anseios de *seu* próprio coração, atendendo a conselhos de vozes que *a* instigam a agir ao contrário do que manda a decência, a modéstia e as determinações da Santa Igreja? Se elas fossem verdadeiramente boas, iriam induzi-*la* a se manter nesta obstinação, expondo *seu* corpo e *sua* alma ao risco da perdição eterna? Pela devoção que você demonstra, pense em tudo isto e, para o *seu* próprio bem, aceite a nossa caridosa admoestação, vista roupas adequadas à modéstia feminina!

*Ela* respondeu, aflita:

— Eu não estou autorizada a fazê-lo! Se estivesse, já o teria feito!

A voz de Courcelles tinha um tom quase afetuoso ao replicar:

— Por que você não pede mais uma vez às *suas* Vozes permissão para assistir à Missa em vestes femininas?

A prisioneira ajoelhou-*se* e, de mãos unidas e olhos úmidos, respondeu:

— Já me responderam quanto a isso! Não posso receber a santa Eucaristia se para isso tiver que mudar minhas vestes! Por isso, mais uma vez rogo-vos que me seja

permitido assistir à Santa Missa com elas! Na verdade, não é a vestimenta que contamina a alma ou ofende as leis da Igreja!

Depois de tê-la visto resistir a nós com tamanha energia, era um prazer estranho e feroz vê-la humilhar-se de forma tão patética para assistir àquilo que, para nós, há muito não passava de simples ritual a ser cumprido **pro forma**. De imediato lembrei-me de quando o Senhor afirmava aos judeus que *não é o que entra pela boca que contamina o homem; mas o que sai da boca, isso é o que o contamina*<sup>252</sup>. Mas não era coisa para ser pensada, menos ainda para ser dita naquelas circunstâncias.

Diante do silêncio que se seguiu, voltamo-nos todos para o Bispo, que encarava fixamente a prisioneira. De chofre, d'Estivet interrompeu aquele estranho hiato pedindo, em caráter oficial, que de tudo quanto fora feito até o presente, recebesse uma cópia autenticada. No entanto, Monsenhor voltou-se bruscamente para a saída, sacudindo negativamente a cabeça, ao que nós, atônitos, prontamente o seguimos.

Durante a missa, celebrada na catedral pelo Bispo em nossa presença, tentava mais uma vez, mas em vão, entender o que *ela* via de tão especial no que, para nós, não passava de ritualística, tão pomposa na aparência quanto vazia de sentido. A única explicação a que pude chegar é que a camponesa era um poço de credulidade ingênua, acreditando até hoje em tudo o que *lhe* fora ensinada na infância. Caso contrário, teríamos que admitir que nós, com todos os nossos títulos e estudos, é que éramos os verdadeiros cegos.

Portanto, os eventos dos dias que se seguiram não passaram de mera formalidade. Em 26 de março meu amo reuniu em seu Palácio le Maistre, Chatillon, Beaupère, Touraine, Midi, Pierre Maurice, Gerard Feuillet, Raoul Roussel, André Marguerie, Vendères, Jean de La Fontaine, Courcelles e eu, além, é claro, do Promotor e do Notário (naquele dia, Manchon) para oficialmente encerrarmos a primeira parte do Julgamento.

A reunião, mesmo dentro da residência de Monsenhor, revestiu-se de toda a solenidade oficial, suponho que em função da presença daquele escrivão inconveniente, e aquilo fez com que eu me sentisse dentro de uma pantomima. Tão logo o Bispo oficialmente deu por encerrado o Julgamento Preliminar, d'Estivet interpretou bem seu papel de Promotor pedindo o prosseguimento do caso contra a acusada por meio de um Processo Ordinário.

Tão logo o Bispo aprovou-o, d'Estivet continuou, pedindo para que quando a acusada *se* recusasse a responder a alguma pergunta, caso persistisse nessa atitude mesmo após uma admoestação formal, considerassem-na automaticamente culpada confessa no item em questão.

Teria considerado esta ideia deveras inteligente, se não tivesse um grave defeito: era dele, não minha, e esse problema se agravou ainda mais ao ver a reação de contentamento de meu amo ao aprová-la, mas a nós outros nenhum outro papel cabia no momento senão concordar. O Bispo determinou a seguir que o Promotor escolhesse e preparasse os artigos para serem apresentados no dia seguinte, numa sessão solene que contaria com a maior parte dos Assessores, a ser realizada na câmara perto do Grande Salão do Château.

---

<sup>252</sup> Novo Testamento, Mateus, 15:11.



A sessão daquela terça-feira, 27 de março, seria uma das mais longas de todo o Julgamento. O Promotor solicitou a presença da acusada, a fim de inquiri-la formalmente sobre cada um dos setenta artigos levantados pela acusação até o presente. A seguir, fez sua explanação aos Juízes, pedindo-lhes para aceitarem seu parecer de que, se a prisioneira se recusasse a responder a qualquer um dos artigos, fosse pelo motivo que fosse, deveria ser tratada como dito na véspera e, como tal, excomungada. A prisioneira foi introduzida ao recinto e a seguir, cada um dos Assessores foi chamado a opinar.

Esta parte tomou-nos bastante tempo, dado que, pela primeira vez, houve forte polarização: Vendères, com rispidez na voz, opinou que *ela* deveria responder de imediato a tudo quanto o Promotor perguntasse, e, em caso de recusa, ser tida por culpada no artigo em pauta e receber a excomunhão. Por sua vez, Duremort contestou, falando de forma grave e solene, que a acusada deveria responder àquilo que soubesse e, nos demais casos, ser-lhe dado um intervalo legal para responder. O primeiro quis refutar e houve um início de polêmica que Monsenhor coibiu, o que não impedia que cada qual, chamado a dar seu parecer, se esforçasse em contrapor-se a esse ou aquele em particular. Pinchon, Basset e Garin sugeriram que qualquer deliberação só deveria ter lugar depois de feita a leitura dos artigos à acusada e ouvidas *suas* respostas; no entanto, só conseguiram que os dois grupos se unissem para desprezar este parecer. Uma nova ameaça de polêmica surgiu entre Erart e Courcelles, novamente exigindo a ação coercitiva do Bispo.

Tudo isso acontecia diante dos olhos da prisioneira, que, por vezes, dava-me a impressão de estar *se* divertindo com os debates, que não primavam pela concisão nem pela delicadeza nos termos. Por fim, com Vendères opinaram la Fontaine, du Guesnay, Erart, Morel e le Bouchier. Os demais opinamos com o Abade de Fécamp e o Bispo aceitou este parecer. Porém, tive que me conter para não soltar uma gargalhada quando, obedecendo à formalidade, ouvimos o Promotor afirmar sob juramento que:

— *...renego tudo quanto possa se assemelhar à calúnia, juro não ter escrito estes artigos por espírito de ódio, rancor ou medo, mas animado unicamente por zelo pela fé.*

A seguir, Monsenhor voltou-se para *ela*, que a tudo ouvia sem se manifestar, e falou-lhe em tom grave e paternal:

— Jehanne, estes Juízes aqui presentes, todos eclesiásticos de grande saber e profundamente versados nas leis civil e canônica, aqui se encontram para julgá-la, agora como sempre movidos pelo mais profundo sentimento de piedade e brandura. O objetivo não é a vingança nem castigo corporal, mas unicamente a *sua* instrução e *sua* volta para o caminho da verdade e da salvação. E, uma vez que *lhe* falta conhecimento e erudição suficientes para compreender tão elevadas matérias, nós *lhe* propomos que escolha um ou mais dentre os presentes para guiá-la neste importante mister. Caso você não *se* sinta capaz de fazê-lo, estamos todos nós, sem exceção, prontos a todo instante para aconselhá-la sobre o que deve ou não responder, desde que em *seu* coração vibre o desejo sincero de responder com a mais pura verdade.

O Promotor, que se aproximara de mim, cutucou-me dizendo entre cochichos que a proposta se assemelhava a oferecer às galinhas a proteção da raposa. Aquele hábito dele me irritava deveras, e por isso concordei sem mesmo voltar a cabeça, receoso de perder algo. Mas no íntimo não estava tão seguro assim. Tinha certeza de que alguns dos

presentes de bom grado tomariam *sua* defesa, caso estivéssemos num julgamento cujo objetivo fosse de fato apurar a verdade e fazer justiça. Ao mesmo tempo, fiquei receoso de que *ela* indicasse a mim para este papel.

Todavia, *ela* replicou:

— Agradeço-vos as palavras e mais a oferta de um conselheiro. Agradeço-vos ambos, mas não pretendo me afastar dos conselhos de Nosso Senhor. Quanto ao juramento pedido, prometo responder com a verdade a tudo quanto entenda que diga respeito a este Julgamento.

Então, Monsenhor prontamente tomou o juramento, que *ela* fez com a mão sobre as Escrituras. A seguir, ordenou constasse nos autos que à acusada fora oferecida orientação mediante um conselheiro; no entanto, a prisioneira, por *sua* livre vontade, recusara-o; e em sequência, determinou que comparecêssemos à exposição dos artigos, a ter lugar à tarde do mesmo dia e manhã do dia seguinte, sendo Courcelles escolhido para apresentá-los em nome do Promotor (conforme ambos, aliás, haviam anteriormente solicitado).

Depois disso, os trabalhos da manhã foram encerrados e a acusada levada de volta à sua cela. Enquanto saíamos, me aproximei de Courcelles, ansioso por falar-lhe. Ele o percebeu e se aproximou, amistoso e sorridente:

— Sim, meu caro Aucupis!

— Ao que me parece, estás tão satisfeito quanto eu pela indicação do teu nome!

— Sim, tanto ou mais! Admito-o, ardia em desejos de enfrentar a campesina bravinha que Beaupère não conseguiu domar!

— Particularmente creio que desta vez a escolha é deveras acertada, pois esta empresa está se mostrando mais árdua do que poderíamos supor.

Ele fez um sorriso condescendente e superior, retrucando:

— Apenas porque toda questão torna-se complexa quando não é confiada à pessoa certa. Pessoalmente, meu caro, não vejo grandes dificuldades nem altos méritos em derrotar uma simples guardadora de ovelhas cuja grande habilidade é fiar e bordar.

— Não é prudente menosprezá-la. Afinal, se *ela* fosse apenas isso, não seria necessário um Thomas de Courcelles para fazê-la dançar no nosso passo.

Ele sorriu ainda mais. Certamente ele tinha notáveis qualidades que conhecíamos amplamente, mas eu, que em particular conhecia-o de muitos anos, sabia que a modéstia não se contava entre elas. Assim, ergueu a cabeça e prosseguiu:

— Não há nenhum grande mistério em consegui-lo. A melhor maneira de vencê-la é por meio de *suas* próprias palavras.

— Perdão, mas não vejo como...

Eu me divertia em afetar modéstia e admiração ao vê-lo falar com a segurança de um professor para com o discípulo, talvez porque ele já fosse Bacharel em Teologia e eu ainda não. Mas admitia que sua língua de ouro dava-lhe o direito de ser pretensioso, e ele me respondeu em tom professoral:

— Meu caro Irmão Aucupis, um fato é como um bloco de mármore, ao qual o buril das palavras imprime a versão que se deseja. Sinônimos, inversões de palavras, alterações sutis aqui e ali, talham-no ao nosso bel-prazer, de tal modo que o mesmo fato, narrado de outra forma, torna-se outro fato.

## Leitura dos 70 Artigos

À tarde, reiniciamos os trabalhos. A acusada foi trazida à sala. Depois do início oficial, a palavra foi passada a Courcelles, que se ergueu do seu assento, reverenciou o Bispo e le Maistre e passou os olhos pela assistência, sorrindo discretamente. Segui seu olhar e percebi que quase todos nós estávamos em suspense, em verdade ansiosos por ver sua brilhante oratória finalmente demolir a resistência daquela jovem até então imune ao ataque da nata intelectual do mundo que se intitulava cristão. Todavia, alguns, particularmente Beaupère, Erart e la Fontaine olhavam de tal forma para o orador do dia que não tive dúvidas sobre quais eram seus verdadeiros sentimentos. Então ele começou a peroração, dirigindo-se particularmente a Monsenhor, afirmando:

— “...tenho a finalidade de fazer com que a mulher comumente chamada Jehanne, a Donzela... seja julgada de acordo com a lei e corrigida como veementemente suspeita, denunciada e difamada por pessoas honestas e dignas de confiança, a fim de que *ela* possa ser acusada e declarada por vós, Juízes, como bruxa, fazedora de encantamentos, falsa profetisa, evocadora de demônios, supersticiosa, dada às artes da magia, autora de malignos pensamentos acerca de nossa fé Católica, cismática em relação aos artigos da bula *Unam Sanctam Ecclesiam Catholicam*<sup>253</sup> e transviada em muitos outros artigos de nossa fé; sacrílega, idólatra, apóstata na fé, maldita e fazedora de trabalhos malignos e detestáveis; blasfemadora de Deus e Seus Santos; causadora de escândalos; sediciosa, perturbadora e obstrutora da paz, incitadora de guerras, cruelmente sequiosa de derramamento de sangue humano; tendo, da maneira mais completa e vergonhosa, abandonado a modéstia própria de seu sexo, para, indecentemente, adotar roupas e o estado dos soldados, bem como outras coisas abomináveis a Deus e aos homens, contrárias tanto às leis divinas como às naturais e às disciplinas eclesiásticas; enganando os Príncipes e os povos; tendo, para maior escárnio a Deus, permitido e incentivado que fosse adorada e venerada dando as próprias mãos a beijar; herética, ou pelo menos veementemente suspeita de heresia; pelo que, de acordo com as leis divinas e canônicas, *ela* deve ser punida e corrigida canônica e verdadeiramente, conforme seja compatível com estes e outros fins apropriados.

Para este fim, Jean d’Estivet, Cônego da Igreja de Bayeux e Beauvais, Promotor ou Procurador em vossa Sé, por vós indicado especialmente para este fim, diz, propõe e tenciona informar-vos e provar no devido tempo suas acusações contra a dita Jehanne, acusada ou denunciada; não obstante, o dito Promotor assevera que não é sua intenção esforçar-se em provar o que seja supérfluo, mas tão somente o bastante para atingir este fim, no todo ou em parte, com todos os demais protestos usuais a esta matéria, reservando-se ao direito de acrescentar, corrigir, alterar e interpretar, de fato e de direito”.

Depois, fez uma pausa e encarou a acusada como se estivesse a medi-la. *Ela* sustentou esse olhar aparentando serenidade. Então, ele deu um rápido olhar para os papéis em seu assento, voltou-se para o Bispo e iniciou a apresentação dos setenta artigos:

---

<sup>253</sup> Bula Papal promulgado por Bonifácio VIII em 18 de novembro de 1302, afirma que o poder do Papa, por ter sido dado por Deus, mesmo quando em erro não pode ser julgado por homem algum; e que a submissão ao Papa é absolutamente necessária à salvação do homem. Vide a íntegra do texto nos Anexos.

— Artigo I: Primeiramente, de acordo com as leis divinas, canônicas e civis, cabe a vós, Reverendíssimo senhor Bispo, no papel de Juiz ordinário, tanto quanto a vós, representante do Inquisidor da Fé, afastar, destruir e extirpar totalmente de vossa diocese e de todo o reino de França as heresias, os sacrilégios, as superstições e os outros crimes declarados acima; compete-vos punir, corrigir e emendar os heréticos (como o são aqueles que propõem, falam e proclamam coisas contrárias à fé Católica ou de qualquer forma agem contra ela); e todos esses malfeitores e seus cúmplices devem ser presos em vossa diocese e jurisdição, ainda que suas más ações tenham sido cometidas alhures, no todo ou em parte, como os demais Juízes competentes em suas próprias dioceses, limites e jurisdições estão autorizados a fazer. Ainda quando se trate de pessoas leigas, de qualquer nível social, sexo, títulos ou proeminência, sois reputados e considerados como competentes Juízes para tal.

Fez uma pausa, encarou a acusada e perguntou-*lhe*:

— O que tem a dizer sobre isto?

Todos olhamos para *ela*, que pareceu surpresa, mas replicou com serenidade:

— Creio que nosso Santo Padre o Papa, os Bispos e demais clérigos existem para a proteção da fé Cristã e a punição daqueles que se desviam. Porém, no que me diz respeito, submeto-me unicamente à Igreja do Céu, a Deus, à Santíssima Virgem Maria e aos Santos do Paraíso. Creio firmemente que não estou em erro da fé, nem que me tenha desviado.

Ele fez um sorriso claramente desdenhoso e prosseguiu:

— Artigo II: A dita acusada, não somente no presente ano, mas desde o tempo de sua infância, não somente em vossa diocese e jurisdição, como também nas vizinhanças e em outras partes do Reino, tomou parte, conheceu, fez e mandou fazer muitas feitiçarias e superstições; *ela* se permitiu ser venerada e adorada; tem evocado demônios e espíritos do mal, consultando-os e fazendo pactos e acordos com eles; de forma semelhante, *ela* deu conselhos, favores e ajuda àqueles que praticam ações do gênero, induzindo-os a fazer coisas iguais ou parecidas; dizendo, convencendo, sustentando e afirmando que fazer estas coisas, acreditar nelas (ou seja: valer-se de feitiçarias, adivinhações e procedimentos supersticiosos), não eram coisas proibidas nem pecaminosas, antes *ela* lhes assegurava que eram legais, louváveis e oportunas, seduzindo assim muitas pessoas de diferentes classes sociais de um e outro sexo para este mau caminho, impingindo estes erros em seus corações. E foi no cumprimento e na perpetração desses crimes que a dita Jehanne acabou capturada e feita prisioneira dentro das fronteiras e dos limites de vossa diocese. O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

A prisioneira encarou-o e respondeu, devolvendo o desdém:

— Jamais me envolvi com qualquer coisa que se parecesse com superstições feitiçarias, ou adivinhações. Se beijavam minhas mãos ou vestes não era porque eu desejasse ou provocasse, antes tentava evitá-lo tanto quanto me era possível. Quanto ao restante, nego-o.

Novamente então se encararam e se mediram com os olhos. Os dele eram claramente desdenhosos, os *dela* pareciam indiferentes.

O artigo seguinte apenas repetiu o anterior com palavras diferentes. *Ela* negou a acusação, acrescentando que defendia a Igreja com todas as suas forças. Ele sacudiu negativamente a cabeça, sorrindo com ar de piedade, voltou-se para o Bispo e prosseguiu:

— Artigo IV: Para mais e melhor informar-vos, insignes Juízes, das ofensas, excessos, crimes e erros cometidos pela acusada, noticiados em muitas partes do Reino, tanto nesta diocese como alhures, é verdade que a acusada nasceu na aldeia de Greux, como filha de Jacques d’Arc e de sua esposa Isabelle; que foi criada desde sua infância até seus dezoito anos ou perto disso na aldeia de Domrémy-sur-Meuse, da diocese de Toul, bailiado<sup>254</sup> de Chaumont-en-Bassigny, prebostados de Monteclair e Andelot; que a dita Jehanne, em *sua* juventude, não foi educada nem instruída dentro das crenças e princípios de nossa fé, porém iniciada e ensinada por certa mulher velha no uso de feitiçarias, adivinhações e outras práticas supersticiosas ou mágicas, já que muitos habitantes dessas aldeias são conhecidos desde longa data por se darem a estas artes malignas, e graças a eles, especialmente *sua* madrinha, que Jehanne ouviu falar de visões e aparições de fadas, pois *ela* foi educada nesses malignos e perniciosos erros sobre os espíritos e com eles encheu *sua* alma! Tanto isto é verdade que *ela* confessou diante de vós neste Julgamento que não sabia se fadas eram ou não espíritos malignos!

A fala provocou certo burburinho na sala e ele encarou-a com ar de triunfo, quando perguntou:

— O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

Quando olhamos para *ela*, o que de nossa parte já era quase instintivo, replicou:

— Está certo apenas o que diz respeito a meu pai, minha mãe e o lugar onde cresci. O que foi dito em relação às fadas, nada sei sobre isso. Quanto à minha educação, aprendi a ter fé, a fazer o bem e a me comportar como boa filha. No que diz respeito à minha madrinha reporto-me ao que já respondi anteriormente.

Ele então se voltou para a acusada, num tom de nítida incredulidade:

— Sabe recitar o Credo?

— Perguntem a meu confessor, a quem o disse.

E olhou para mim, sendo quase logo acompanhada por Courcelles e todos os demais, o que fez-me sentir pouco à vontade. Não obstante, acenei afirmativamente com a cabeça, ao que este retomou a palavra no mesmo tom de antes.

— Continuemos. Perto da aldeia de Domrémy, existe uma árvore antiga e grande, costumeiramente chamada *Árvore Mágica das Fadas de Borlemont*, perto da qual há uma fonte. Tem esse nome porque em sua volta as pessoas cultuam espíritos do mal, aos quais dão o nome de fadas e com os quais praticam feitiçarias dançando à noite e vagando entre a árvore e a fonte. O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

No lapso de silêncio, olhamos para a acusada, que prontamente respondeu:

— Sobre isto, reporto-me ao que já respondi anteriormente e nego o restante.

Ele prosseguiu no mesmo tema, ignorando a resposta:

— Artigo VI: A dita Jehanne costumava frequentar as ditas árvore e fonte, sobretudo à noite; algumas vezes durante o dia, particularmente quando estava só e a igreja celebrava seus ofícios divinos. *Ela* dançava em círculos em torno da fonte e da árvore, pendurando em seus galhos guirlandas de diferentes tipos de ervas e flores feitas por *suas*

<sup>254</sup>

**Bailiado:** antiga divisão administrativa dirigida por um **bailio** (representante do rei, com amplos poderes nas esferas administrativa e jurídica; **prebostado:** antiga divisão administrativa subordinada à anterior, dirigida por um **preboste** (vide nota 106).

próprias mãos, enquanto cantava todo o tempo canções e versos próprios para invocações, feitiçarias e artes malignas. E na manhã seguinte os arranjos de flores jamais — jamais, eu disse! — estavam onde haviam sido deixadas!

Houve um burburinho ainda mais forte na sala, enquanto Courcelles perguntava com ar de triunfo:

— O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

— Já respondi a esta questão antes. Nego o restante.

— Artigo VII: A dita Jehanne habitualmente carregava junto ao seio uma mandrágora, graças à qual contava tornar-se possuidora de uma grande fortuna em riquezas materiais, já que *ela afirmou* que essa planta possui este poder! O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

Olhei para o Bispo a fim de lhe mostrar minha estranheza, tentando em vão entender onde pretenderia chegar o Promotor ao redigir argumentos que distorciam de forma tão flagrante as palavras da acusada. Mas ele não me viu. *Ela* respondeu secamente:

— Nego todo o artigo.

Ele respirou fundo e investiu no artigo seguinte:

— Artigo VIII: Jehanne, quando tinha cerca de quinze anos, por conta própria e sem permissão de seus pais, foi para a cidade de Neufchâteau, em Lorraine, e esteve por algum tempo a serviço de certa mulher, uma taverneira de nome la Rousse, onde moravam muitas jovens desgarradas e cujos hóspedes eram, na maior parte, soldados. Desse modo, servindo nessa estalagem, permanecia regularmente em contato com essas mulheres; algumas vezes conduzia as ovelhas para o campo e ocasionalmente levava os cavalos para beber, ou ao prado para pastar. Foi nesse lugar que *ela* aprendeu a montar e aprendeu o que sabia sobre a profissão das armas. O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

A acusada, de cenho fechado, respondeu secamente:

— Reporto-me ao que já respondi anteriormente e nego o restante.

Ele olhou-a com um dúbio sorriso e prosseguiu:

— Naturalmente. Artigo IX: Durante o tempo em que serviu neste **honroso** ofício, a acusada citou em juízo determinado jovem, acusando-o perante o magistrado por quebra de promessa de casamento, e em função desta querela, ia frequentemente a Toul, onde fez de quase tudo por lá!... Naturalmente este jovem, sabendo que *ela* tinha vivido junto daquelas mulheres, recusou-se a desposá-la e veio a morrer durante a pendência... por esta razão, **a donzela** ficou cheia de rancor e deixou aquele trabalho. O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

*Ela* estava rubra, e respondeu com aspereza:

— Mantenho tudo o que disse antes. O resto é falso.

Courcelles olhou-a diretamente, sorrindo. A seguir, voltou-se para nós e continuou:

— Artigo X: Depois de deixar o serviço da La Rousse, a dita Jehanne passou a afirmar que tinha, desde cinco anos antes e até o presente, visões e aparições de Saint-Michael, Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, os quais *lhe* teriam revelado em particular que era *sua* missão levantar o cerco de Orléans, fazer com que esse Charles (a quem *ela* chama *seu* rei) fosse coroado e expulsar todos os seus inimigos do Reino de França. Contra o desejo de *seus* pais e por iniciativa própria, *ela* abandonou-os e, de acordo com as ordens de “Saint-Michael, Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite”, procurou Robert de

Baudricourt, Capitão de Vaucoulers, para falar-lhe a respeito das visões e revelações feitas a *ela* por Deus, segundo ela dizia, e pediu-lhe que a ajudasse a concretizar as ditas revelações. Recusada por duas vezes pelo dito Robert, voltou para casa, mas então teria recebido mais uma revelação que a mandava voltar de novo a ele, sendo que, desta vez, *ela* foi bem recebida pelo dito Capitão. O que a acusada tem a dizer sobre isto?

Courcelles falava bem, contudo, melhor ainda do que a escolha das palavras era a entonação dada, a expressão facial com que as pronunciava. A maneira como se ria escarninho ao pronunciar a palavra “revelações”; a fâcias que expressava quando se referia ao trabalho em Neufchâteau; o tom de voz com que nomeava *suas* Vozes; tudo isso lhe permitia insinuar aquilo que bem entendesse, todavia sem que fosse preciso afirmar explicitamente coisa alguma. Neste ponto, ao contrário de muitos outros, ele ditava cátedra em retórica e levava-nos a prestar atenção àquilo que desejava.

Mas *ela* apenas repetiu que já respondera àquela questão de outra vez. Ele prosseguiu, apresentando u’a máscara fisionômica magistral:

— Artigo XI: A dita Jehanne, passando a ter mais íntimo contato com esse Capitão, vangloriou-se de que, depois de ter realizado o que era da vontade de Deus, teria três filhos: o primeiro seria Papa; o segundo, Imperador; e o terceiro, Rei. Ao que ele respondeu-lhe: *Neste caso eu desejaria dar-te um deles, já que se destinam a ser homens tão poderosos e eu ficaria em situação muito melhor!* E a dita Jehanne respondeu: *Não, gentil Robert, ainda não é a hora. O Espírito Santo mostrará o momento.* Isto foi afirmado, dito e proclamado pelo próprio Robert em diversos lugares, e em presença de padres, advogados e pessoas notáveis que o confirmaram!

A reação foi intensa. Os assessores se entreolhavam, uns maravilhados, outros chocados, outros ainda se rindo com deboche, já que as expressões usadas poderiam ser interpretadas da maneira que cada um desejasse, e cada qual entendia ao seu jeito. A expressão da acusada demonstrava asco. Questionada, franziu o rosto ao responder:

— Já respondi a esta questão de outras vezes e jamais me vangloriei de tais coisas.

Ele mostrou-se visivelmente satisfeito com a reação. Era a primeira vez que alguém que não a prisioneira causava sensação, e isto teria me empolgado ante a expectativa de ver finalmente alguém levando a melhor contra *ela*, não fosse o caso de Courcelles estar sendo simplesmente o porta-voz do Promotor, que acabaria levando os louros pelo feito. O orador prosseguiu, abordando nos artigos seguintes o uso de vestes masculinas. Depois de apresentar nossa versão dos fatos, mudou a abordagem e avançou, incisivo, como que escandalizado, elevando progressivamente o tom de voz:

— Vede que esta mulher atribui a Deus, Seus Anjos e Santos, instruções ao avesso da decência feminina, ilícitas pelas leis divinas, abomináveis a Deus e ao homem, proibidas sob pena de anátema pelas leis eclesiásticas, tais como o uso de vestimentas curtas, justas e imorais, quais sejam, túnica e culotes<sup>255</sup>, bem como todo o resto; e, de acordo com estas ordens, *ela* ainda frequentemente vestia-se de ricos e suntuosos trajes, feitos de preciosas peças de lã e tecidos de ouro e pelúcia; e não somente vestiu túnicas

---

<sup>255</sup> Calções que iam até à altura dos joelhos, amarrados a estes com uma fita, próprios dos homens da nobreza.

curtas, como também tabardos<sup>256</sup> e peças de roupa abertas dos lados. Isso é tão notório que, quando foi presa, estava em uso de uma capa de tecido de ouro, uma coifa na cabeça e os cabelos cortados curtos e redondos ao estilo dos homens! Assim, tendo abdicado completamente da decência feminina, não somente para escárnio da modéstia própria das mulheres como dos homens razoavelmente instruídos, *ela* vestia-se como seria próprio dos homens mais dissolutos, e em acréscimo, ainda *se* exibia com armas de agressão! Atribuir tais coisas às ordens de Deus, Seus Anjos e Santas Virgens, é blasfêmia à Nosso Senhor e Seus Santos, é transformar em letra morta as leis divinas; é infração às leis canônicas, um escândalo ao *seu* sexo e à decência própria das mulheres, é a perversão de toda a modéstia, a aprovação e o encorajamento ao mais reprovável exemplo de conduta que possa haver no mundo!

As últimas frases foram praticamente gritadas. De repente, reduziu a voz e voltou-se para a prisioneira, perguntando em tom contido:

— O que a acusada tem a responder?

A tudo isso, *ela* replicou simplesmente:

— Jamais blasfemei de Deus ou de Seus Santos.

Voltando-se para nós, ele prosseguiu novamente elevando a voz:

— Artigo XV: Tendo a dita Jehanne repetidas vezes pedido permissão para assistir à Missa, foi admoestada para abandonar as vestes masculinas e retornar ao uso das que são próprias à modéstia feminina. Seus Juízes *lhe* prometeram que poderia ouvir a Missa e receber a Comunhão, desde que deixasse em definitivo estas vestes imorais e usasse as que são próprias ao *seu* sexo. Mas *ela* recusou-se, preferindo ficar sem a Comunhão e os sagrados ofícios a abandonar estas... vestes, pretendendo que estaria desagradando a Deus se o fizesse, revelando assim *sua* persistência no mal, *sua* falta de caridade, *sua* desobediência à Igreja e *seu* escárnio aos santos Sacramentos! O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

*Ela* respirou fundo, como alguém cansado de falar o óbvio:

— Eu antes morreria a deixar de cumprir as ordens que recebi de meu Senhor.

— Pergunto: deixará as vestes masculinas se esta for a condição para assistir à Missa?

— Já vos disse que não ainda estou autorizada a fazê-lo e tampouco depende de mim esta decisão. Se me recusais a permissão para assistir à Missa, reporto-me a Nosso Senhor, que poderá permitir-me ouvi-la se esta for Sua vontade, mesmo que não seja a vossa!

À última frase, ele olhou-a com desagrado e continuou:

— Artigo XVI: A dita Jehanne, depois de ser capturada e presa, no Castelo de Beaurevoir como em Arras foi repetida e caridosamente admoestada por eminentes pessoas da nobreza de ambos os sexos no sentido de abandonar as vestes masculinas e vestir roupas de mulher. No entanto, *ela* peremptoriamente recusou-se, e ainda recusa-se obstinadamente a fazê-lo, como é visível diante de vós (e apontou para *ela* ao dizê-lo), tanto quanto *se* nega a fazer atividades próprias ao *seu* sexo, comportando-se, em todas as coisas, mais como um homem do que como uma mulher! O que a acusada tem a dizer quanto a isso?

<sup>256</sup>

Nos séculos XIII e XIV, espécie de capa com capuz abotoado e mangas.



*Ela* respondeu:

— É fato que insistiram comigo em Arras e Beaurevoir para que trocasse de vestes. É também fato que me recusei e ainda me recuso enquanto não tiver a permissão de Deus...

Não pôde concluir, pois ele atacou:

— Confirma, então, perante este Tribunal, que mantém *sua* recusa em dedicar-se às atividades próprias das mulheres?

— Há muitas outras para fazê-las.

A última frase causou alguns discretos risos na assistência, contrariando Courcelles, que prosseguiu:

— Artigo XVII: Quando a dita Jehanne compareceu, vestida e armada, à presença do dito Charles, *ela* fez-lhe, entre outras, três promessas: primeira, romper o cerco de Orléans; segunda, fazer com que fosse coroado em Reims; terceira, vingá-lo de seus inimigos, quer fazendo-os morrer por meio de artes mágicas, quer expulsando-os todos, ingleses e borgonheses. Aliás, *ela* se vangloriou publicamente destas promessas por diversas vezes e em diversos lugares; e, para aumentar a crença em seus ditos e feitos, valeu-se de feitiçarias para mostrar hábitos, vida e segredos das pessoas presentes, às quais nunca tinha antes visto ou conhecido, vangloriando-se de saber tais coisas mediante revelações.

A partir da terceira dita promessa a acusada fechara o cenho, evidentemente aborrecida. Questionada, disse:

— Levei notícias ao Rei, dadas por Deus, nas quais Nosso Senhor disse que lhe restauraria o reino, fá-lo-ia ser coroado em Reims e expulsaria seus inimigos. Fui enviada por Deus para realizar este trabalho e pedi ao Rei que não hesitasse em me dar essa missão, pois eu romperia o cerco de Orléans. Disse-lhe que ele teria todo o Reino, e se o Duque de Borgonha ou qualquer outro lhe recusasse obediência, seria compelido a prestá-la pela força. Quanto ao mais, confirmo tudo quanto eu disse anteriormente.

Courcelles prosseguiu:

— Artigo XVIII: A dita Jehanne, por todo o tempo em que esteve junto ao dito Charles, usou de todos os meios para dissuadi-lo, bem como a seus homens, de tentar negociações e tratados de paz com os inimigos, incitando-os continuamente a matar e a derramar sangue humano, afirmando que a paz só viria à ponta de lanças, e que tal coisa *lhe* fora ordenada por Deus enquanto seus inimigos não se rendessem, pois, segundo *seu* pensamento, fazer-lhes guerra seria um benefício máximo para a Cristandade. O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

Eu, particularmente, achei esta acusação ridícula. Partindo-se deste princípio, Moisés, Josué ou o Rei David também teriam que ser julgados pelo mesmo crime... mas que importava? À Política não interessa o quê se fez, mas quem, pois ela sempre encontrará os mais válidos argumentos tanto para condenar a virtude do inimigo quanto para absolver o crime de um aliado. *Ela* refutou:

— Convoquei o Duque de Borgonha, através de cartas e de embaixadores, rogando-lhe que fizesse as pazes com o Rei. Já para os ingleses, a condição única de lhes conceder a paz era que se retirassem para o seu país. Quanto ao mais, eu já respondi a esta questão.

Courcelles prosseguiu:

— Artigo XIX: A dita Jehanne, evocando demônios e empregando feitiçarias, mandou buscar uma espada oculta na igreja de Sainte-Catherine de Fierbois, que *ela* própria escondeu ou mandou esconder lá por meios maldosos e fraudulentos, a fim de enganar príncipes, nobres, clérigos e pessoas do povo, induzindo-os a crer que soubera daquela espada mediante revelação, de modo a que pusessem fé cega em tudo quanto *ela* dissesse. O que a acusada tem a responder?

— Reporto-me ao que já respondi anteriormente a esse respeito e nego o restante.

Uma breve pausa e prosseguiu:

— Artigo XX: A dita Jehanne pôs feitiços em *seu* anel, *seu* estandarte e nas peças de linho branco de *seus* pendões, os quais ostentava ou fazia *seus* homens ostentarem diante *dela*, tal como fez com a espada que dizia ter sido encontrada em Sainte-Catherine de Fierbois, afirmando que estes objetos eram portadores de boa sorte. *Ela* invocou bruxarias e encantamentos sobre eles em vários lugares, declarando publicamente que com a ajuda deles realizaria grandes feitos e derrotaria *seus* inimigos; que *seus* homens não sofreriam derrotas em seus ataques e combates nem sofreriam qualquer infortúnio, desde que ostentassem *seus* pendões. *Ela* proferiu-o e proclamou-o em público, particularmente em Compiègne, na véspera do ataque ao Messire Duque de Borgonha durante o qual *ela* foi feita prisioneira e muitos de *seus* homens foram mortos, feridos e capturados. O mesmo aconteceu em Saint-Denis quando *ela* incitava *seus* sequazes a atacar Paris. O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

A prisioneira respirou profundamente e respondeu:

— Em tudo o que fiz, nego qualquer relação com bruxarias ou encantamentos. Toda a boa fortuna que tive, recebi de Deus.

Ele devia estar se cansando, pois comecei a achá-lo mais lento, mas prosseguiu, abordando agora as cartas que a acusada enviara, contendo, segundo ele, *...palavras malignas, perniciosas e contrárias à fé Católica*. Entre outras coisas, a acusada respondeu-lhe dizendo que:

— ...se os ingleses acreditassem nas minhas cartas, teriam agido com sabedoria; se não o perceberam ainda, hão de percebê-lo dentro de sete anos!

Mais uma vez esta profecia causou-nos mal-estar, o que não impediu Courcelles de apresentar sua conclusão:

— Pelo teor da dita carta, claro está que a dita Jehanne foi enganada pelos demônios aos quais frequentemente consulta em *seus* atos; salvo se, para enganar as pessoas, *ela* tenha falsa e perniciosamente inventado tais aparições!

Houve uma pausa. *Ela* permaneceu calada, olhando para ele, esperando que continuasse. Assim, ele deu seguimento:

— Artigo XXV: Ainda, a dita Jehanne, usurpando a função dos Anjos, disse e afirmou-*se* enviada por Deus, até mesmo nas coisas que tendem abertamente à violência, ao derramamento de sangue humano, o que é absolutamente contrário à santidade, além de ser coisa horrível e abominável a todo e qualquer pensamento piedoso. O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

Mais uma vez esse argumento ridículo. Se me coubesse responder, diria que, baseado neste argumento, o próprio Todo-Poderoso teria que ser julgado por todas as guerras que ordenara segundo a palavra do Velho Testamento. Mas a prisioneira, como

todos os leigos, não conhecia as Escrituras, e por isso teve que se valer de outro argumento:

— Primeiramente eu rogava-lhes que fizessem a paz. Apenas quando via que eles não a queriam é que eu partia para a luta.

Nos Artigos seguintes, Courcelles trouxe à baila a carta do Conde de Armagnac sobre a questão dos Papas, que nada acrescentou. Mas o Bispo mandou que a leitura fosse interrompida, para recomeçar na manhã seguinte. O que vinha em ótima hora, já que estávamos todos deveras esgotados. A prisioneira foi mandada de volta para a cela.

## Continuação dos 70 Artigos

Na manhã do dia seguinte, comparecemos ao mesmo local a fim de continuarmos com a leitura dos artigos. A acusada prestou seu juramento como vinha fazendo, e a seguir o Bispo, com um gesto, deteve o afoito Courcelles e tomou a palavra:

— Jehanne, atendemos ao pedido que você formulou. Demos-*lhe* tempo suficiente e adequado para que você pensasse a respeito da nossa caridosa admoestação e abandonasse estas roupas indignas e impróprias à modéstia feminina. O que tem a responder à Santa Madre Igreja agora?

*Ela* respirou fundo, encarou o Bispo e respondeu:

— Tomei ambas, as armas e as vestes masculinas, por ordens de Deus. Sendo assim, não posso deixá-las enquanto não receber de Deus a permissão para isso.

O Bispo ergueu-se de seu assento e *lhe* disse, num tom de esmagadora autoridade:

— Como *seu* Juiz e em nome da Santa Madre Igreja Católica, a qual aqui representamos, nós *lhe* ordenamos que abandone estas roupas escandalosas e vista aquelas apropriadas ao seu sexo!

A prisioneira encarou-o com firmeza e replicou:

— E em nome de Deus, recuso-me. Com o respeito devido à vossa autoridade, não tendes poderes para revogar uma ordem dada por Ele. Fá-lo-ei tão logo receba Sua permissão, porém não antes, mesmo que seja para salvar minha cabeça.

Esperava uma verdadeira balbúrdia, mas desta vez houve um momento de pesado silêncio no recinto. Não sabia se admirava a coragem daquela jovem, ou se me compadecia de *sua* estupidez. Courcelles riu-se discretamente (não sei de que), mas Monsenhor fê-lo interromper-se bruscamente ao *lhe* fazer um gesto para que tomasse a palavra e desse continuidade à leitura.

— Artigo XXXI: A dita Jehanne, desde *sua* juventude, antes como agora, vangloria-*se* de ter tido muitas visões e revelações; mas, a respeito delas, apesar de caridosamente admoestada, embora legal e corretamente intimada a dizê-las sob juramento, conforme exige a lei, recusa-se a declará-las, quer sob palavras, quer sob sinais. Formalmente persiste nesta recusa, tendo dito em muitas e várias ocasiões, neste Julgamento como alhures, que não as revelaria; que, mesmo que tivesse a cabeça cortada e o corpo dilacerado, não arrancaríamos de *seus* lábios o sinal por que Deus indicou-*a* como Sua enviada. O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

A acusada retrucou:

— Com relação ao sinal e as mais coisas de que se trata este tópico, já vos respondi que não estou autorizada a revelá-lo e não o farei enquanto não tiver a permissão de Deus.

Ele então se voltou para nós e falou em tom de vitória:

— Em consequência, vós podeis e deveis concluir que estas revelações e visões, se é que *ela* as teve de fato, procedem antes de espíritos de demônios, e assim eles devem ser considerados por vós, tendo em vista especialmente a crueldade, o orgulho, as mentiras e as contradições indicadas em diversos artigos os quais devem ser presumidos como legais e legítimos. O que a acusada tem a responder?

*Ela* pareceu crescer quando replicou, num tom mais alto:

— Nego-o! Minhas revelações vêm de Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, e isto eu sustentarei, mesmo em face da morte!

— Realmente! A dita Jehanne, apesar de *sua* juventude, proclamou, cometeu e perpetrou muitos pecados, crimes e faltas vergonhosas, cruéis, escandalosas, desonrosas e indignas ao seu sexo, e não obstante, insiste em dizer que tudo isso foi em obediência a Deus e de acordo com a Sua vontade, jamais tendo feito coisa alguma que não viesse d’Ele, por meio das Santas e Benditas virgens Catherine e Marguerite. O que diz a isso?

— Já respondi a esta questão. A propósito, onde se lê que tudo o que fiz foi por ordem de Deus, corrija-se para *tudo o que fiz bem feito foi por ordem de Deus*.

Ele riu-se com escárnio e perguntou:

— O que me diz do cerco a La Charité? Foi bem ou mal feito?

— Se eu fiz errado, não me acanho em admiti-lo.

— E o ataque a Paris?

— Os nobres franceses quiseram fazê-lo, e assim realizaram o ataque. Penso que cumpriram seu dever ao lutar contra seus adversários.

Esperou-se que a acusada dissesse mais, porém *ela* calou-se e Courcelles deu sequência à sua exposição:

— Artigo XXXIII: A dita Jehanne presunçosa e temerariamente vangloriou-se, e vangloria-se até agora, de conhecer o futuro e o passado, ou seja, de descobrir coisas ocultas e secretas! E isto, que é atributo **de Deus**, *ela* atribui a si mesma — uma criatura simples e ignorante! O que a acusada tem a dizer?

Particularmente, achei este argumento deveras fraco. Tivesse *ela* um mínimo conhecimento das Escrituras Sagradas, e poderia muito bem replicar que, baseado neste princípio, todos os Santos Profetas deveriam estar igualmente no banco dos réus. Mas a resposta *dela* foi bastante simples e teve a mesma eficácia:

— Deus tem o poder de anunciar Suas revelações a quem Lhe aprover.

Mais uma vez houve risos abafados e discretos no ambiente. Courcelles pareceu irritar-se, respirou fundo como que para recuperar o fio das ideias e prosseguiu, acusando-a nos artigos seguintes de temeridade e presunção, ao que *ela* se reportou ao julgamento “...d’Aquele que é meu Juiz e Nosso Senhor”.

Ele, por sua vez, acusava-a:

— A dita Jehanne confessa ter agido muitas vezes em contrário do que *lhe* ordenaram as revelações que se vangloria de receber de Deus: por exemplo, quando partiu de Saint-Denis, após o assalto a Paris; quando saltou da torre de Beaurevoir, e em outras ocasiões. Sendo assim, é evidente que, de duas, uma: ou *ela* não recebeu revelação alguma de Deus; ou então expressamente escarnece das instruções e revelações pelas quais afirma ser totalmente influenciada e governada!...

Os artigos que se seguiram nada trouxeram de novo em relação ao que já *lhe* fora perguntado antes, o que começou a tornar esta sessão deveras tediosa e cansativa. Talvez por isso as respostas da acusada aos artigos seguintes foram quase sempre as mesmas: já houvera respondido àquilo antes e reportava-se a Deus. Mas Courcelles continuava no ataque:

— Artigo XLVI: A acusada confessa que intercedeu veementemente junto à Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite em favor do povo de Compiègne antes de ter saltado da

torre de Beaufort, dizendo-lhes, entre outras coisas, em tom de censura (**eu disse: em tom de censura!**): *E como pode Deus permitir que morra tão miseravelmente o povo de Compiègne, que Lhe é tão fiel?* Vede como fica nítida *sua* impaciência e *sua* irreverência para com Deus e Seus Santos! O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

A resposta da acusada foi a mesma. O ataque continuava:

— A dita Jehanne, furiosa com os ferimentos recebidos em consequência de *seu* salto e *sua* queda da torre de Beaufort, e humilhada por não ter conseguido realizar *seus* intentos, blasfemou contra Deus e Seus Santos, renegando-os vergonhosamente e Deles escarnecendo da maneira mais horrível, para horror de todos os presentes! Além disso, desde que chegou ao Château de Rouen, em diversas ocasiões *ela* blasfemou e renegou a Deus, à Virgem Santíssima, e aos Santos, protestando, cheia de cólera, contra o fato de ter sido trazida para ser julgada perante o clero!

Houve um “frisson” na sala, que me pareceu bastante artificial, mas serviu para quebrar um pouco a monotonia da leitura. Todavia, a resposta não variou, dando-me ganas de perguntar à Jehanne se não sabia mais responder de outra forma. Courcelles prosseguiu, aparentemente mais animado:

— Artigo XLVIII: A dita Jehanne declarou que acreditava e ainda acredita, tão firmemente quanto na fé Cristã e seus artigos, que os espíritos que *lhe* aparecem são Santos, Anjos e Arcanjos de Deus, embora *seus* relatos não apresentem sinais suficientes para se sabê-lo, sobretudo porque, neste caso, *ela* não consultou bispo, padre ou qualquer outro prelado ou clérigo da Igreja para saber se devia dar crédito a esses espíritos! E *ela* declarou que fora proibida por *suas* Vozes de revelar estas comunicações, exceto a um capitão de soldados, a esse Charles a quem *ela* chama de *seu* rei, e a outras pessoas inteiramente leigas! Dessa forma, *ela* confessa que crê de forma temerária e que *suas* opiniões sobre os artigos da fé são infundadas! Acrescento que *suas* revelações são altamente suspeitas, por terem sido ocultadas aos prelados e clérigos e reveladas preferentemente a pessoas leigas! O que a acusada responde a isso?

Desta vez, *ela* encarou-o firmemente e replicou, ácida:

— Quanto aos sinais a que fazeis menção, se aquele que me pergunta acerca deles não é digno de saber, não posso responder-lhe...

*Ela* se interrompeu, diante da forte agitação que tomou conta da sala. Assim que conseguiu falar mais alto prosseguiu com firmeza, enquanto Courcelles olhava-a com ódio:

— ...mas, sobre se devo crer ou não em minhas Vozes, de fato não peço conselho a bispo, padre, cura ou quem quer que seja...

O burburinho, que havia diminuído enquanto *ela* falava, voltou com intensidade ainda maior à última frase, tanto que mal pudemos ouvir a conclusão:

— ...pois creio firmemente que é Saint-Michael quem me aparece, pela boa doutrina que me ensinou!

Courcelles fitava-a de uma forma que jamais *lhe* tinha visto antes. Tão assustador era o seu olhar que me daria medo se fosse dirigido a mim. Perguntou-*lhe*, ferino:

— Por acaso este *seu* Saint-Michael *lhe* disse que era Saint-Michael?

— Já respondi a esta pergunta antes — respondeu *ela* com desdém.

Ele disse quase gritando:

— Pois responda de novo!

A acusada respondeu sem se perturbar, o que pareceu irritá-lo ainda mais:

— Tão firmemente quanto creio que Nosso Senhor padeceu e morreu para nos salvar do Inferno, acredito verdadeiramente que Saint-Michael, Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite vêm a mim enviados por Nosso Senhor.

Courcelles calou-se por quase um minuto, creio que esperando recuperar o autodomínio, e quando voltou a falar fê-lo não mais com sua fina ironia, mas sim tresandando tamanho ódio que o fazia por vezes perder o fio do raciocínio:

— A dita Jehanne, sem outros motivos além dos ditados por *sua* imaginação, venera espíritos dessa espécie, beijando o chão por onde pisam, ajoelhando-*se* diante deles, abraçando-os e beijando-os, fazendo-*lhes* outras reverências como lhes dar graças, unindo as mãos e entrando em intimidade com eles, ainda que *ela* não saiba se são bons espíritos; e ainda mais, considerando as circunstâncias, eles deveriam ser considerados antes como manifestamente maus do que bons. Este culto e essa veneração se assemelham à idolatria consequente ao pacto com demônios! A dita Jehanne frequente e diariamente invoca tais espíritos, consultando-os particularmente, por exemplo, acerca das respostas que deve dar neste Julgamento, o que parece ser, e **é**, nada menos que invocação de demônios! O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

— Hei de chamá-los e pedir-lhes ajuda enquanto eu viver! — respondeu com firmeza, causando um breve burburinho.

Nesse momento, o Bispo ergueu a mão e perguntou-*lhe*, em tom ambíguo:

— Como você invoca *suas* Vozes?

A prisioneira olhou-o com atenção e respondeu:

— Peço a Deus e a Nossa Senhora conselho e consolo, e então as *Vozes* vêm a mim.

— Que palavras usa para invocá-las? — perguntou de novo, mais alto.

*Ela* uniu as mãos, fechou os olhos e falou com uma entonação estranhamente doce para o momento:

— “Gentil Deus, pela honra de Vossa Paixão, suplico-vos, se me amais, revelar-me o que devo responder a estas pessoas da Igreja. Bem sei, quanto às minhas vestes, a ordem que recebi, mas não sei como devo deixá-las. Assim, seja da Vossa vontade instruir-me.”

Houve um estranho momento de silêncio, como se estivéssemos num ofício religioso. Eu próprio estive prestes a dizer “amém”. De repente, pusemo-nos a nos entreolhar, e Monsenhor retomou a palavra:

— E elas respondem-*lhe*?

— Imediatamente — respondeu, com um ar de quase felicidade no rosto.

Seguiu-se um momento de “frisson”, quando ele tornou a perguntar-*lhe*:

— *Suas* Vozes porventura *lhe* falam sobre *seus* Juízes?

*Ela* voltou-se para o Bispo, encarou-o firmemente e disse-*lhe*:

— Constantemente dão-me notícias de Monsenhor de Beauvais.

O silêncio fez-se absoluto. O Bispo empalideceu, e sua voz era quase inaudível quando perguntou:

— E o que falaram a nosso respeito?

— Eu vo-lo direi em particular...

A reticência causou sensação, durante alguns minutos Courcelles ficou em silêncio, esperando. Por fim, o Bispo fez um gesto e o inquiridor prosseguiu, de início ainda um tanto perturbado, mas, conforme falava, a voz ia novamente ganhando ênfase e energia ao abordar nos artigos seguintes a questão do sinal dado ao seu rei, para concluir:

— Estas coisas não são revelações divinas, e sim mentiras inventadas por Jehanne, sugeridas ou mostradas a *ela* pelo Demônio por meio de aparições fantásticas, com o fito de zombar de *sua* imaginação fazendo-*a se* intrometer em assuntos além da *sua* capacidade e condição!

A prisioneira replicou:

— Como fizestes referências a milhares de anjos, quero recordar-vos que não me lembro de ter feito menção a este número. E nunca fui magoada ou ferida sem receber o amparo e o reconforto de Saint-Michael, Sainte-Catherine ou Sainte-Marguerite.

Os intervalos começaram a ficar mais longos, provavelmente em função do cansaço.

— Artigo LII: A dita Jehanne tem induzido ao erro o povo Católico por meio de *suas* invencionices, graças às quais muitos *a* veneram como a uma santa, em *sua* presença e mesmo na *sua* ausência; ordenam missas e coletas nas igrejas em *sua* homenagem. Como se não bastasse, declaram-*na* da mesma elevação que todos os Santos de Deus, abaixo somente de Nossa Senhora. Levam *suas* imagens aos altares dos Santos, usam medalhas de chumbo ou de outros metais com a *sua* efígie, tal como fazem nos dias natalícios dos santos canonizados pela Igreja. E pregam publicamente que *ela* é enviada por Deus, mais anjo do que mulher. Estes atos são em extremo escandalosos, nocivos à religião Cristã e perigosos para a salvação das almas!

Se eu fosse a acusada, responderia solicitando que apresentassem algumas dessas imagens ou efígies em metal ou qualquer outra que houvesse estado em altares. Mas *ela* respondeu como sempre, e Courcelles deu sequência:

— A dita Jehanne, contra as ordenações de Deus e de Seus Santos, por orgulho e prepotência, assumiu autoridade sobre homens! Intitulou a si mesma líder e Comandante de Guerra de um exército por vezes de dezesseis mil homens, entre os quais príncipes, barões e outros membros da nobreza, aos quais *ela* fazia lutar sob *suas* ordens como chefe principal! O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

*Ela* respondeu com desdém:

— Se fui feita Comandante de Guerra, foi para derrotar os ingleses.

Os guardas moveram-se com suas armas de tal forma que eu não duvido que *a* fariam em postas ali mesmo, se pudessem. Courcelles fez uma pausa proposital, deu um sorriso escarinho e prosseguiu:

— Artigo LIV: A dita Jehanne desavergonhadamente andava sempre com **homens**, recusando a companhia ou os cuidados de mulheres, e empregava exclusivamente **homens** em seu serviço privado bem como para atividades secretas, coisas estas nunca vistas ou ouvidas acerca de mulheres pudicas e devotas. O que a acusada responde a isso?

Percebi que *ela* ficou rubra, pareceu-me bastante irritada, menos com as palavras e mais com a entonação do orador, que dava ao que dizia um sentido malicioso e dúbio. Mas respondeu num tom contido:



— Eu tinha apenas homens para obedecer minhas ordens. Sempre que eu me alojava ou pernoitava em algum lugar, normalmente eu tinha uma mulher para me fazer companhia. Quando estava em campanha, dormia sempre completamente vestida e armada, caso não tivesse alguma mulher para estar comigo. Com respeito ao fim da questão, eu me reporto a Deus.

Feliz com a reação da acusada, ele redobrou de ardor:

— A dita Jehanne abusou das revelações e profecias que pretende ter recebido de Deus, voltando-as para a exploração de vantagens mundanas; ou seja, como um expediente para adquirir muitas riquezas, grandes pompas e vestes suntuosas, muitos serviçais, cavalos e atavios; assim, imita os falsos profetas os quais, por amor às coisas mundanas e para obter as graças dos grandes do mundo, fingem que suas revelações dizem respeito a eles contando agradar aos príncipes temporais: assim eles abusam do dom divino da profecia e atribuem suas falsidades e mentiras a Deus. O que a acusada tem a dizer sobre este artigo?

— A respeito dos presentes que meus irmãos receberam, o Rei deu-lhos por seu favor, sem que eu nada lhe houvesse pedido. Quanto ao que me foi imputado pelo Promotor e ao que foi falado no fim do artigo, reporto-me a Deus.

— Artigo LVI: A dita Jehanne vangloria-se frequentemente de ter dois conselheiros, aos quais denomina “conselheiros da fonte”, os quais chegaram a *ela* depois de ter sido capturada, conforme está provado pela confissão de Catherine de la Rochelle diante do oficial em Paris, para quem ela disse que *Jehanne fugiria da prisão com a ajuda do Diabo se não fosse bem guardada*. O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

Ri-me interiormente ao comparar ambas. Não havia termos de comparação entre o vinho da Borgonha e a zurrapa, e Catherine de la Rochelle seria uma das últimas pessoas cujo testemunho julgaria válido e confiável como elemento de prova, sobretudo num depoimento feito diante dos oficiais da Inquisição em Paris. A acusada ouviu este artigo com uma expressão de total estranheza e replicou:

— Mantenho tudo o que disse antes. No que diz respeito a esses tais “conselheiros da fonte” não sei o que isto quer dizer, salvo se assim considerem Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, que uma vez me falaram lá. Quanto ao que foi dito no fim, nego, pois do Diabo não aceitaria nem mesmo ser libertada desta prisão!

Suas palavras causaram um murmúrio contido de admiração, menos pelas palavras e mais pela sinceridade que elas transmitiam. Ao que me pareceu, Courcelles não gostou, mas prosseguiu mesmo assim:

— A dita Jehanne, no dia da festa da Natividade de Nossa Senhora, convocou todos os soldados do exército de Charles para atacar Paris, lançando-os contra a cidade e prometendo-lhes que entrariam naquele mesmo dia, pois *ela* o teria sabido mediante revelação e todas as medidas haviam sido tomadas para garantir o sucesso do ataque. Não obstante, *ela* não receou negá-lo diante de vós durante o Julgamento. Da mesma forma, em muitos outros lugares, como em la Charité-sur-Loire, em Pont l’Eveque, em Compiègne, quando atacou o exército do meu senhor, o Duque de Borgonha, *ela* fez muitas promessas e proclamou muitas profecias que *lhe* teriam sido reveladas, mas que não se mostraram verdadeiras e falharam miseravelmente. Agora, perante vós, *ela* nega tê-las feito, exatamente porque não aconteceram conforme profetizara! O que não impediu que pessoas dignas de confiança confirmassem ter *ela* de fato proclamado e difundido tais promessas.

Também durante o ataque a Paris, a acusada disse que milhares de Anjos *a* acompanhavam, prontos para conduzi-la ao Paraíso caso *ela* viesse a morrer. Ainda mais, quando foi questionada sobre por que *sua* entrada em Paris não aconteceu conforme havia prometido e, ao invés, muitos dos *seus* soldados, como também *ela* própria, sofreram ferimentos graves, alguns mesmo tombaram mortos, *ela* respondeu: *Foi Jesus quem não cumpriu Sua promessa!* O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

Houve um murmúrio acerca desta última frase. *Ela* não se perturbou e disse:

— Já respondi a isto antes. Quanto à frase final que me atribuíram, é falsa.

— Em Saint-Denis a dita Jehanne ofereceu e depositou na igreja a armadura com a qual havia sido ferida no ataque a Paris, para que fosse venerada pelo povo como relíquia. Ainda, na mesma cidade, *ela* acendeu velas de cera que pingava na cabeça das crianças pequenas, vaticinando-lhes a sorte e fazendo sobre elas encantamentos e adivinhações. O que a acusada tem a dizer acerca deste artigo?

Aquele hábito comum dos cavaleiros quando feridos, de depositarem suas armaduras na igreja em gratidão por seu restabelecimento, Courcelles habilmente havia transformado numa perigosa acusação de idolatria. Mesmo assim, sua voz de ouro começava a mostrar sinais de cansaço.

— Em relação à armadura, já respondi antes. O restante é falso.

Nos artigos seguintes, Courcelles afirmou, em tom de alarme, que:

— ...a menos que os prelados da Igreja se oponham a esta ameaça, a futura subversão da autoridade eclesiástica será um fato consumado! Homens e mulheres, pretendendo ter revelações de Deus e Seus Anjos, surgirão a granel de todos os lados proclamando mentiras e erros, tal como vem ocorrendo desde que **esta** mulher apareceu escandalizando o povo Cristão ao propagar *suas* invencionices... *ela* não tem o menor acanhamento de expressar falsidades e palavras desprezíveis que jamais seriam ouvidas da boca de uma santa mulher, mostrando de forma inequívoca que *ela* na verdade é governada e dirigida em *suas* ações por espíritos malignos, não por conselho de Deus e de Seus Anjos como *se* vangloria. Como disse Nosso Senhor Jesus Cristo acerca dos falsos profetas: *Por seus frutos os conhecereis*<sup>257</sup>!...

Mas a verdade é que estávamos ficando exaustos. O próprio Courcelles falava com menos vigor. Era de se admirar que a acusada não desmaiasse de puro cansaço depois de tantas horas ali, acorrentada, sem direito a sequer uma caneca d'água. Nem por isso, contudo, o ataque esmorecia:

— ...*ela* muitas vezes declarou ter pedido a Deus que enviasse uma revelação especial, por meio de Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, para saber se devia responder com a verdade neste Julgamento acerca de determinadas perguntas que *lhe* diziam respeito. Isto é tentar ao Senhor Deus: perguntar-Lhe desnecessariamente coisas proibidas, sem ter feito antes todas as inquirições e investigações possíveis ao homem. Especialmente a respeito de seu salto da torre, está claro que *ela* tentou a Deus. O que a acusada tem a dizer a respeito?

Suspirando fundo, a prisioneira respondeu:

— Não recorro a Nosso Senhor sem necessidade.

---

<sup>257</sup>

Novo Testamento, Mateus, 07:16 e 20.

Ele fez uma pausa, olhou rapidamente para seus papéis e prosseguiu:

— **É fato** que *suas* profecias estão fora das leis divinas, canônicas, evangélicas e civis; são contrárias às decisões aprovadas pelo Concílio Geral; contém feitiçarias, encantamentos e superstições, algumas formalmente, outras casualmente, e outras ainda dizem respeito a heresias; contém muitos erros contra a nossa fé, encorajando e incitando à perversidade herética. Algumas são sediciosas, nocivas e contrárias à paz; outras encorajam o derramamento de sangue humano; algumas ainda são injuriosas e blasfemas contra Deus e Seus Santos; outras ofendem os ouvidos dos homens pios. Em tudo isso, a acusada, com temerária ousadia e por instigação do Demônio, ofendeu a Deus e à Sua Igreja, contra os quais cometeu escandalosamente excessos e crimes, sendo notoriamente difamada, e nestas condições foi trazida a nós para ser corrigida e reformada. A dita acusada, em todas as coisas precedentes, foi e é veementemente suspeita, escandalosa, e notoriamente difamada no mais alto grau aos olhos dos homens sóbrios e honestos. *Ela* ainda não *se* corrigiu nem *se* reformou; ao contrário, desprezou e rejeitou a própria corrigenda, continuando a persistir em *seus* erros até agora, apesar dos esforços tanto vossos e de outros notáveis clérigos como de pessoas honradas, embora leigas, as quais, de forma caridosa e não obstante suficiente, vêm intimando-*a* a emendar-*se*. O que a acusada tem a responder?

Olharam para a acusada, que disse então simplesmente:

— Eu não cometi os erros que me são imputados pelo Promotor. Quanto ao mais, eu me reporto a Deus, e a respeito dos crimes de que sou acusada, julgo nada ter feito que atentasse contra a fé Cristã.

Ele voltou-se para nós então e prosseguiu, mas sua voz soava exausta, protocolar e sem convicção ao abordar o último artigo:

— Cada uma e todas estas proposições são verdadeiras, conhecidas e manifestas graças à voz pública e às inquirições realizadas. E a acusada **reconheceu-os** e **confessou-os** como verdadeiros em numerosas ocasiões perante homens notáveis e dignos de confiança dentro e fora desta Corte. O que a acusada tem a dizer acerca disso?

A voz da acusada soou cansada ao responder:

— Que é falso tudo aquilo que não confessei e reconheci como verdadeiro.

Courcelles fez uma pausa mais prolongada, respirando fundo, e então terminou:

— Nestes pontos e em outros que vós desejeis completar, corrigir e inquirir ainda mais a respeito, o dito Promotor roga e reclama que a acusada seja examinada perante vós. Uma vez que as proposições em pauta estão **suficientemente provadas**, ele conclui seu trabalho considerando a ré culpada, cabendo a vós determinar e pronunciar a sentença para cada um ou todos os artigos precedentes, a fim de que seja feita a intimação e o julgamento de acordo com a lei e a razão, e para tanto ele plena e humildemente roga vossos bons ofícios.

Monsenhor encerrou a sessão e mandou que a acusada fosse conduzida de volta à sua cela. Já não era sem tempo, estávamos todos esgotados. Ansiava desesperadamente por uma jarra de vinho, uma boa refeição e um leito. Courcelles pareceu-me exausto e frustrado, e ao contrário de outras ocasiões, os cumprimentos que recebeu, de mim como dos demais, foram meramente protocolares, exceto os de Erart, a quem o cansaço não impediu de elogiá-lo com irônico entusiasmo por um de seus mais brilhantes desempenhos.

O olhar que trocaram foi tão assustador que, não fosse o cansaço e a presença do Bispo, e poderíamos ter presenciado uma cena bastante desagradável.

Naquela mesma tarde, depois que todos os Assessores tinham se retirado, meu amo dirigiu-se à torre da prisioneira. Seu rosto não expressaria maior tensão caso tivesse que se apresentar ao Duque ou ao Cardeal como portador de más notícias. Fiz menção de acompanhá-lo, mas ele se voltou para mim secamente:

— Espera-me no Palácio, até que eu volte.

Baixei o rosto em assentimento, mas ele acrescentou, no tom de voz peculiar de quando parecia ter adivinhado meu pensamento:

— Eu disse no Palácio, não na antecâmara da torre!

Empalideci e engasguei, respondendo:

— Reverendíssimo!... Nem sequer pensaria numa coisa dessas!...

Ele me olhou fixamente, enquanto me dizia:

— Assim espero. Pois então vai. Assim que chegares, manda o coche de volta.

Tratei de obedecer, imaginando quanto tempo demoraria. A tarde já estava um tanto avançada, e tratei de acalmar minha ansiedade lendo um pouco em seu escritório.

Já era noite e eu precisava de velas para ler quando escutei o barulho de sua chegada e fui ao seu encontro. Quando nos vimos, assustei-me fortemente, Monsenhor parecia outro homem: cambaleante, olhos arregalados, mãos trêmulas, parecia nem saber onde estava, murmurando em surdina:

— Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo!... Cristo, tende piedade de nós!...

— Reverendíssimo! O que tendes?... — quase gritei.

Ele me olhou como se houvesse visto um espectro, e seu primeiro gesto foi de recuo, olhando para cima e unindo as mãos, murmurando:

— Misericórdia, Senhor! Tende piedade do infeliz pecador Pierre Cauchon!...

Olhou-me de novo, e fazendo um poderoso esforço de vontade, forçou-se a me reconhecer e me estendeu as mãos, que tremiam violentamente ao agarrar as minhas, pedindo (ele, pedindo!) em voz sumida e suplicante:

— Vinho, pelo amor de Deus! Vinho!...

Corri para encher a taça, tomada com mãos tão trêmulas que manchavam as mangas de suas vestes e impediam-no de levá-la aos lábios. Fi-lo sentar-se, tomei a taça e dei-lhe de beber como faria a uma criança, enquanto ele sorvia a bebida com sofreguidão e desespero, murmurando entre um gole e outro, para meu espanto:

— Cristo, tende piedade de nós!...

Depois de beber algumas vezes assim, suspirou fundo e então retomou a taça de minhas mãos, bebendo agora por si mesmo, mais controlado, enquanto o rosto ia novamente assumindo algum ar de coerência e lucidez. Quando finalmente parou, perguntei-lhe com aflição na voz, mas no íntimo ardendo em curiosidade:

— Monsenhor, parecíeis enfeitado! O que aconteceu? O que *ela* vos disse?

Ao invés de me responder, olhou-me com tão evidente desgosto que achei prudente baixar os olhos e manter-me em silêncio, até que finalmente ele tornou a falar, num tom de voz tão baixo que parecia nem dar pela minha presença:

— ...mas agora temos que prosseguir, de um jeito ou de outro, senão, ai de nós por causa dos ingleses! No entanto, ai de nós também se prosseguirmos!... O que será pior? O castigo de Deus ou o da Inglaterra?...

Olhei-o, sem acreditar no que ouvia. Abriríamos mão de tudo o que era possível obter, por causa de uma crise de consciência religiosa em hora tão imprópria? Ao mesmo tempo, lembrei-me contra a vontade e quase me saiu dos lábios o repetido versículo: *Coisa horrenda é cair nas garras do Deus Vivo*<sup>258</sup>.

Perguntei novamente, em tom hesitante:

— Mas, o que foi que *ela* vos disse, Reverendíssimo?...

Ele me olhou de súbito, como que surpreendido, e respondeu áspero:

— Tentando conhecer meus segredos, Padre Aucupis? No dia em que eu precisar de confissão, procurarei um Arcebispo.

Depois, voltando a mergulhar nos próprios pensamentos, falou como que para si mesmo:

— Não tens que saber isso, ninguém tem que saber! Basta que eu mesmo saiba, e já é horrível demais saber que Ele também sabe! Cristo, tende piedade de nós, pois tudo o que negamos é verdade, e em consequência, nós somos os Judas do nosso século, estamos traindo ninguém menos que o próprio Deus!

Olhava para ele sem acreditar. Ele me encarou e gritou:

— Sai! Sai de perto de mim! Deixa-me só, pelo menos por ora! já que no Inferno teremos que nos suportar um ao outro por toda a Eternidade!...

Olhei-o nos olhos e tive medo do que vi. Saí, ou antes, fugi para meus aposentos, sem saber direito de que ou quem estava fugindo.

---

<sup>258</sup>

Novo Testamento, Hebreus, 10:31.

## Reclamos do Padre Martin l'Advenu

### IV

*Interrompo mais uma vez a narrativa de meu cúmplice de crimes, a fim de apresentar a verdade sobre um evento que abalou os bastidores do Julgamento de Jehanne d'Arc, desencadeando forte tensão que permearia todo o Processo até o final. Tudo porque houve alguns dentre nós que viram e tentaram seguir pela porta estreita do dever. Afinal, um sacerdote, para se tornar tal, é forçado a votos solenes e perpétuos, entre os quais o da obediência, pelo qual deve acatar sem restrições e sem discussão toda e qualquer ordem emanada por um superior, tal como sucede com os homens de guerra.*

*Não obstante, um grupo de sacerdotes deste Julgamento viu-se diante de um formidável dilema causado pela jovem prisioneira, dilema que não deveria existir no seio da Igreja em função da fé que afirmávamos professar, dos estudos que havíamos feito e da santidade de nossos votos; e, por outro lado, não poderia deixar de existir, uma vez que voto algum, fé alguma e estudo algum nem qualquer tipo de penitência tem o poder de fazer com que um homem deixe de ser homem ao se tornar padre. E se a batina pudesse santificar o homem, não seríamos o que somos, e aquela jovem nada teria a temer de nós.*

*Sim, vimo-nos no tremendo dilema de obedecer às ordens de nossos superiores, ainda quando violentamente opostas à Divina Vontade, de acordo com nossos votos; ou obedecer a Ele e tornamo-nos perjuros. Certamente que para homens como l'Oiseleur não haveria dilema algum: para esses, Deus é seu próprio interesse. Para a prisioneira tampouco, já que seus votos não foram feitos senão a Deus, por intermédio de suas Vozes.*

*Nós, contudo, nem maus o bastante para nos alinharmos com os primeiros, nem virtuosos o bastante para tomarmos o partido da segunda, fizemos aquilo que homens como nós sempre fizeram e sempre farão: perseguir um meio de conciliar os interesses pessoais com a Justiça, a água e o azeite, acendendo uma vela para Deus e outra para o Diabo, esquecidos da lúcida advertência do Senhor: não se pode servir a dois senhores<sup>259</sup> ...*

*Ysambarde de la Pierre tomou a iniciativa, reunindo, sempre que havia oportunidade, pequenos grupos que discutiam o caso, vivamente mas à meia-voz, receosos de chamar atenção. E, por mais que negássemos a princípio, era cada vez mais óbvio não serem tão poucos os que tinham convicção de que aquela jovem destinada à fogueira era verdadeiramente enviada de Deus. Mesmo eu, que não desejava me envolver, acabei por me ouvir tecendo observações que poderiam atrair para mim fortes aborrecimentos caso chegassem aos ouvidos errados.*

*— Lembrai-vos de Gamaliel, irmãos! Se o que pensamos é verdade, estamos em risco de entrarmos em luta contra o próprio Deus<sup>260</sup>! — questionava la Pierre, enfático.*

*— Deus está no Céu e é misericordioso. Mas aqui na Terra teremos que nos haver com a ira de Monsenhor... — cochichou Duval<sup>261</sup> para mim, a tremer.*

---

<sup>259</sup> Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar a um e amar o outro, ou há de dedicar-se a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e à Mamom. Novo Testamento, Mateus, 6:24.

<sup>260</sup> Novo Testamento, Atos, 5:34-39.

*Sim, temíamos. Estas perguntas martelavam nossos pensamentos o tempo todo, pois, se estávamos convencidos de que era preciso fazer algo, igualmente sabíamos que esse algo era um risco talvez maior do que a nossa coragem. Foi quando la Fontaine retrucou:*

*— Irmãos, eu que vos falo não teria sido chamado para ser o inquiridor da acusada se Monsenhor de Beauvais não me tivesse em sua consideração e estima. Por isso, pretendo ajudar esta jovem, mesmo porque me parece possível fazê-lo sem que precisemos agir de forma desleal para com nossos superiores, nem contra o que determinam as leis civis e canônicas.*

*Falando francamente, estas palavras me soaram a querer ajudar os troianos sem se malquistar com os gregos, mas, ao perceber o alívio com que os demais receberam-nas, preferi guardar minha opinião para mim mesmo. Afinal, falo por mim, mas não duvido que os demais sentissem o mesmo que eu: toda nossa preocupação com lealdade era apenas um eufemismo para disfarçarmos o medo, bem como apaziguarmos a própria consciência, já que, no íntimo, seria um gozo celestial ver a cara de furiosa decepção do poderoso Bispo quando visse escapar de suas garras a vítima que pretendia imolar nas aras de sua sonhada mitra de Arcebispo.*

*Se le Maître se posicionasse conosco teríamos uma forte possibilidade, pois sem o aval do Santo Ofício era quase impossível condená-la, e estava estampado em sua face o quanto a contragosto participava do Julgamento. La Fontaine dispôs-se a sondá-lo, mas voltou desanimado. Ainda que em princípio concordasse conosco, a simples ideia de desagradar o Bispo bastava para fazê-lo tremer.*

*Esperávamos ainda contar com o intransigentemente honesto Manchon e seu amigo Massieu. Mas o primeiro respondeu que era escrivão e não juiz, portanto, não lhe cabia ter, quanto mais manifestar qualquer opinião a respeito. Quanto ao segundo, vivia pouco menos que aterrorizado, e a sua opinião foi dita numa única frase:*

*— Escapar uma vez é sorte; duas, coincidência; mas três é milagre.*

*Em desespero de causa, la Fontaine tentou mesmo atrair para nós o Capítulo de Rouen por meio de Nicolas de Vendères e Raoul de Roussel, falando-lhes em separado, insinuando-lhes que era uma oportunidade de ouro para derrotar o incômodo Bispo e minar sua candidatura ao Arcebispado de Rouen. O primeiro retrucou, enfático:*

*— Aquela moça é infinitamente mais perigosa, pois se considera porta-voz de Deus na Terra, usurpando um papel que pertence exclusivamente à Igreja. Para ela não há meio-termo: ou se retrata ou será queimada. Caso contrário, em pouco tempo estaremos às voltas com uma verdadeira messe de Pierrones e Catherines afirmando os maiores disparates em nome de Deus.*

*— Essas não passaram de umas coitadas, mas aquela bem pode ser uma enviada dos Céus. — sugeriu la Fontaine.*

*A expressão de Vendères era grave e meditativa ao responder:*

*— Sim, também já pensei muito nisso! Afinal, quão tênues os limites entre a santidade e a heresia! Por isso mesmo, o povo reverencia o santo e o herege com o mesmo*

*ardor até que os fatos mostrem qual é qual! Contudo, na situação em que estamos, não podemos nos dar ao luxo de esperar pelos frutos para decidir se a árvore é boa*<sup>262</sup>!

— *E nos arriscamos a mandar uma enviada de Deus para a fogueira?*

— *Se ela o for, Ele a recompensará no Céu. No que diz respeito ao momento atual, mais vale o risco de queimarmos dez santos ao de deixarmos vivo um só herege.*

*Já Roussel, depois de ouvir com atenção e interesse, retrucou de outra forma:*

— *Ajudá-la, depois de todos os problemas que ela nos criou, depois de tudo o que fizemos para tê-la em nossas mãos? Parece-me que o remédio é mais perigoso do que a doença.*

— *Como assim?* — perguntou *la Fontaine*.

— *Estás com pena do leão? Solta-o e serás a primeira vítima.*

*Esses insucessos deixaram-nos frustrados e ao ponto de desistir, quando a memória me acudiu. Pedindo a palavra, trouxe à baila o encontro com Jean Lohier, do qual, talvez por desígnios ocultos da Providência, houvera participado involuntariamente; repeti-lhes as palavras do jurista normando e sugeri-lhes:*

— *Por que não fazemos conforme ele nos disse? Tentemos convencê-la a apelar para o Papa e para o Concílio! Não seria deslealdade, uma vez que, como assessores, temos permissão para falar-lhe, e não estaríamos aconselhando nada que as leis não permitam.*

*Por um momento ficaram em silêncio, depois, à meia-voz, apertaram minhas mãos e congratularam-se comigo. No entanto, logo o orgulho deu lugar ao receio quando *la Fontaine* pediu-me para, junto a ele e *la Pierre*, visitá-la no fim da tarde, quando a maior parte das pessoas já teria ido embora. Todavia, como não encontrei argumento para recusar-me à ideia que eu mesmo havia dado, aceitei, aparentemente tranquilo e convicto de que teríamos pleno sucesso.*

*Mais tarde, comparecemos à cela da jovem e *la Fontaine* ordenou aos guardas que descessem. Estes obedeceram, tão surpresos quanto a prisioneira, a qual se ergueu prontamente em atitude defensiva, mas, ao me ver, pareceu menos receosa. *La Pierre* olhou para trás, e, assim que os carcereiros ficaram fora das vistas, fez sobre a jovem o sinal-da-cruz, sorrindo-lhe gentilmente. Por fim, ela perguntou:*

— *Reverendos Padres, o que desejais de mim?*

— *Ajudá-la* — respondeu, quase aos cochichos.

*Devolveu-nos com um olhar outra vez desconfiado, e não sem boas razões. Mesmo assim, *la Pierre* prosseguiu em tom afetuoso:*

— *Sim, filha, sabemos o quanto você tem sofrido aqui dentro e é por isso que nos arriscamos para vir ajudá-la.*

*Então, ouvimo-la queixar-se amargamente da parcialidade do Julgamento, uma vez que seus Juízes eram todos do partido da Inglaterra. Ficou surpresa ao nos ouvir concordar, e mais ainda quando *la Pierre* disse-lhe:*

— *Filha, talvez você nos censure por nos alinharmos com a Inglaterra, em prejuízo da própria terra que nos viu nascer. Certos ou errados, nós o fizemos. E, falando*

---

<sup>262</sup> Novo Testamento, Mateus, 7:18: *Uma árvore boa não pode dar maus frutos; nem uma árvore má dar frutos bons.*



*francamente, até que você surgisse nesta guerra, nada, absolutamente nada nos indicava que Deus não o quisesse, antes pelo contrário. Desde Agincourt, julgávamos que Ele estava com os ingleses. Mas não é isto que está em questão agora. Uma coisa é estarmos a favor da Inglaterra; outra, bem diferente, é estarmos contra o próprio Deus. Por isto estamos aqui.*

**Ela** nos olhou sem entender e repetiu:

— Reverendos padres, por caridade: o que realmente pretendeis de mim?

— Salvá-la.

O olhar da jovem era indefinível, ao perguntar-nos:

— E isto ainda é possível?

Antes que respondêssemos, **ela** voltou-se para a janela, olhou de novo para nós, suspirou e respondeu:

— Perdoai-me, bons padres, se vos julgo mal, mas, fora minhas Vozes, eu já não sei mais em quem ou quê acreditar. Temo que já nem possa mais acreditar na Igreja, que antes me abençoava e agora me condena...

Estremecemos diante de suas palavras, e la Pierre continuou, afetuoso:

— Filha, a Igreja é **sua** única possibilidade de salvação. Monsenhor de Beauvais é um homem ambicioso e sem coração, mas ele não é a Igreja, e queremos que você realmente seja julgada por **ela**, e não por alguns religiosos dispostos a sacrificar a verdade e a justiça em favor do interesse ou da vingança. Estamos aqui justamente para orientá-la a esse respeito.

Seus olhos pareceram ganhar vida ao perguntar:

— E o que devo fazer?

— Tudo o que você precisa fazer é apelar para Sua Santidade, o Papa, bem como ao Concílio de Basileia.

A prisioneira olhou-nos com estranheza e perguntou:

— E o que vem a ser isso?

Sorrimos e la Pierre respondeu:

— Basileia é a cidade onde está acontecendo o Concílio Geral.

Como **ela** continuasse a olhar sem entender, ele continuou:

— Um Concílio Geral é uma reunião de padres e bispos escolhidos em toda a Cristandade para discutir assuntos importantes que digam respeito à fé. Ali haverá religiosos não só da Inglaterra, mas também da França e de todos os reinos cristãos. Assim, **voce** terá um julgamento justo, feito por sacerdotes neutros e imparciais, longe daqui, longe de **seus** inimigos.

A prisioneira ouviu com grande atenção, voltou-se para nós e disse-nos, desta vez animada:

— Bons padres, agradeço-vos. Vós me pareceis sinceros, e vossas palavras, boas, mas pedirei conselho às minhas Vozes.

— Sim, minha filha, faça-o. Deus **a** abençoe. — disse la Pierre, fazendo sobre ela o sinal-da-cruz.

Sáímos de **sua** cela felizes, nossos corações exultavam com a sensação de vitória, com o gosto do dever cumprido. Passei uma noite deliciosa, imaginando a cara de

*l'Oiseleur quando o Bispo descontasse nele a sua fúria ao ver a gaiola aberta para o pássaro fugir sem que pudessem nada fazer para detê-lo.*

## 29 de março

JOANA: Pode contradizer-se a natureza  
Confiando ao Inferno a causa justa  
E abandoná-la o Céu?  
Schiller

Mais complicações surgiram, ao ponto de eu começar a não ter mais dúvidas sobre de qual lado alguns estavam. Em 29 de março, soube que la Fontaine, la Pierre e l'Advenu, não sei a que pretexto, foram visitar a acusada na prisão e conversaram por um bom tempo, segundo disseram os guardas, que não puderam ouvir o que falavam, pois receberam ordens de se afastar. Tratei de participar o fato a Monsenhor. Num primeiro momento, pensamos em obrigar os guardas a assistir qualquer um que *a* visitasse, mas depois vimos que seria má ideia, pois o mesmo teria que ser feito quando eu estivesse junto *dela*. Optamos por aguardar e observar.

Ao fim dos trabalhos do dia, Midi se aproximou de mim, em companhia de Courcelles, e sussurrou:

— Irmão, penso que sei como te sentes. E creio que temos uma solução.

Ergui os olhos, curioso. Ele completou:

— Precisamos de uma boa sopa.

De imediato, senti-me outra vez o jovem clérigo da Universidade e sorri. Courcelles perguntou-nos, também aos cochichos:

— Temos permissão para sair?

— De minha parte, sim — disse-lhe eu.

— Pois então nos encontraremos perto do Velho Mercado.

Assim combinamos. Monsenhor concedeu a permissão, percebi que com uma ponta de inveja, mas ao mesmo tempo com o pensamento mergulhado em mil coisas, e assim, como outrora, saí coberto por uma capa negra que depois preendi deixando à vista as roupas seculares. Tive que esperar pouco, mas meus companheiros logo apareceram e nos dirigimos para uma taberna, cantando músicas de outros tempos que nos voltavam à lembrança, sem que precisássemos rezear qualquer punição.

Chegamos ao local, não muito diferente de tantas outras tabernas que conhecera ao longo do tempo. Num primeiro momento, as pessoas nos olharam, curiosos, mas, sem as vestes talares e com a tonsura disfarçada por chapéus, éramos perfeitos desconhecidos e logo nos ignoraram, enquanto ocupávamos uma mesa no canto. Tirei minha colher de pau e mostrei-a como um troféu, mas, para minha surpresa, a reação foi de constrangimento. Courcelles disse, acanhado:

— Perdi a minha há anos.

Midi hesitou e puxou a sua, mas não era a mesma. Era de metal, trabalhada, mas não tão finamente quanto a de meu amo. Então, guardei a minha com um estranho sentimento de decepção que Midi deve ter percebido, pois disse como que se justificando:

— A evolução é uma necessidade.

— Mas não é prudente exibires uma dessas num lugar desses — cochichou-lhe Courcelles.

Midi concordou e prontamente guardou-a de novo. Pedimos vinho, e enquanto esperávamos, ficamos nos entreolhando em silêncio em busca de qualquer assunto que não fosse o Processo. Ao mesmo tempo, os homens de mesas próximas, que, ao que tudo indicava, ali estavam bebendo há mais tempo, estavam naquela fase na qual a bebida ensurdece e se começa a falar alto sem se perceber, de forma que suas conversas eram ouvidas por toda a taberna. Como não encontrássemos assunto, passamos a prestar atenção no que diziam:

— Parece que a bruxinha está dando um trabalho e tanto! Com toda a minha idade, nunca vi um processo demorar tanto! – dizia um homem calvo de pequena barba que seria branca se estivesse limpa.

— E você acha que *ela* é mesmo bruxa? — perguntava outro, que parecia o mais jovem do grupo.

— E desde quando isto faz diferença? *Ela* vai virar rapariga assada do mesmo jeito! — replicou o primeiro.

— Nesse caso, o que é que estão esperando? — perguntou outro, de camisa suja e barba tão bem cuidada quanto a do primeiro.

— Isto terá que perguntar aos padres! — tornou a dizer o mais velho.

Aquilo nos causou algum mal-estar, enquanto um quarto, magricelo e de dentes podres, disse com voz fanhosa:

— Ou ao Bispo gordo! O que será que ele iria responder?

Nisto, uns dois ou três de outra mesa próxima começaram a grunhir imitando porcos<sup>263</sup>, levando os demais a caírem na gargalhada. Aquilo me revoltou e fiz menção de me levantar, mas Midi tocou no meu braço, fazendo um gesto negativo com a cabeça, e voltei a mim, enquanto o homem de camisa ensebada dizia entre risonho e medroso:

— Deixe que ele saiba disso e vocês todos vão assar no poste junto *dela*!

Em resposta, todos os da outra mesa grunhiram com mais vontade ainda, recebendo acompanhamento, o que trouxe mais gargalhadas. Nisso, um cheiro agradável de leitão assado invadiu o recinto e o taverneiro, um homem gordo e forte, de vastos bigodes, apareceu com uma grande trincha na mão. Nisto, o fanhoso perguntou-lhe:

— Falando em tostar no poste, como é que é? O Bispo vem ou não vem jantar conosco?

O taverneiro afiou a trincha numa pedra de amolar e sorriu dizendo:

— Sua Reverendíssima manda avisar que dentro de apenas mais um quarto de hora e vos dará a honra de sua presença!

Aquela brincadeira com o nome de Monsenhor me incomodava, mas, naquelas circunstâncias, o silêncio era a política mais prudente. O vinho chegou e começamos a beber em silêncio. Olhei em volta, procurando, por mais que a minha razão me dissesse que aquele jovem trovador de tantos anos antes não estaria ali, talvez nem estivesse mais vivo. Buscávamos em vão o que falar, e por fim Midi começou:

— Sorte deles que Monsenhor não esteja aqui. No estado de espírito em que se encontra, creio que não apreciaria devidamente a brincadeira.

---

<sup>263</sup>

Vide nota 128.

— Um bispo da Igreja tratado desta forma! — disse eu, revoltado, pensando que, quando fosse um, não gostaria de ser vítima de uma galhofa destas.

— Creio que ele prefere isto a ser um virtuoso bispo desconhecido — disse Courcelles.

— O que queres dizer com isso? — perguntei, curioso.

— Um homem como Monsenhor jamais se conformará com a mediocridade.

— Mediocridade?! Um bispo, que já foi reitor da Universidade de Paris por mais de uma vez?! — disse Midi, com espanto.

— Isso pode ser muita coisa para ti, mas para um homem com tamanha inteligência, audácia e talento, não passa de um troféu medíocre, e ele bem sabe disso. Por isso deseja nada menos do que a imortalidade, a todo transe.

— E como um ser mortal consegue tal proeza? — perguntou Midi, sorrindo.

— Deixando sua marca na História. E ele o fará, de uma forma ou de outra. Se ele não puder ser Saint-Pierre, será então o Sumo Sacerdote Caifás. Se não for Augusto transformando a Roma de tijolos numa de mármore, será então Nero declamando e tocando lira diante de Roma em chamas.

— É assim que o vês? — perguntei.

— Ah, sim — respondeu — e eu não tenho dúvidas de que ele conseguirá que o nome de Pierre Cauchon atravesse os séculos dos séculos...

— Aureolado de glória ou manchado pela infâmia? — interrompeu Midi.

— Pouco lhe importará, desde que uma ou outra seja grande o bastante para garantir seu lugar na História. Monsenhor, tal como Lúcifer, prefere ser o primeiro do Inferno a ser o segundo no Céu.

Bebemos um pouco de vinho e perguntei-lhe, abaixando ainda mais a voz:

— E tudo quanto estamos fazendo?

— O que é que tem?

— Que te parece o papel que estamos fazendo? — perguntei, verdadeiramente angustiado.

— Somos atores menores neste grande teatro. Só há dois papéis verdadeiros nesta peça: o dele e o *dela*. Nós outros não passamos de meros coadjuvantes.

— Ou seja, também praticaremos a infâmia e não deixaremos nem mesmo um nome infame para a História? — perguntou Midi, sorrindo de novo.

— Aos generais, os louros da vitória; aos soldados mortos, sete palmos de terra.

— E aos soldados vivos? — tornou Midi.

— O saque.

— Pois que a minha parte seja uma nova reitoria<sup>264</sup>, se possível da própria Universidade de Paris. E a tua, l'Oiseleur? O Doutorado em Teologia?

Não pude responder. Meu rosto provavelmente estaria exprimindo muita angústia, porque Midi perguntou com visível estranheza:

— Mas, o que há contigo? O que te aflige tanto?

— Receio... receio aquilo que estamos fazendo... é infâmia demais!... — disse, lutando contra a garganta.

---

<sup>264</sup>

Nicolas Midi foi Reitor da Universidade de Paris em 1418.

— É realmente infame o que estamos fazendo? — interrompeu Courcelles.

Eu e Midi nos surpreendemos com o tom da pergunta. Ele continuou:

— Pois afirmo que não. Digo mesmo que é altamente meritório.

Maior ainda a nossa surpresa. Courcelles bebeu mais vinho e prosseguiu:

— Vede bem: se *ela* não fosse queimada, o que seria? Uma simples camponesa como qualquer outra; ou, quando muito, uma general bem sucedida, como Talbot ou o Bastardo, do qual quase nada se falaria em pouco mais que uma década. Sila<sup>265</sup> não foi também um grande general romano? E, no entanto, afora os poucos que estudam a História Romana, quem ainda sabe quem foi ele? Ninguém! E por quê? Apenas porque morreu em sua cama, como o comum dos mortais! Por outro lado, Júlio César: seu nome cruza os séculos dos séculos em letras de ouro nas páginas da História. Será porque pôs no mundo a marca do seu gênio? Por ter sido grande em tudo o que fez, como general, político, orador e até mesmo como libertino? Não, eu vos digo, mil vezes não! Ele é imortal graças aos punhais de Brutus, Cassius e os demais! A humanidade tem paixão pelo drama, pela tragédia, por sangue e por martírio (desde que não seja o próprio, é claro!). As vinte e três punhaladas foram para César o que a cruz foi para o Cristo, a tal ponto que Roma fez dele um deus também!

Ouvíamos com interesse, enquanto Courcelles bebeu mais vinho, e continuou, empolgado, mas sempre sem elevar a voz:

— E com a nossa pequena Jehanne d'Arc não será diferente. Eu não tenho a menor dúvida de que mais cedo ou mais tarde *ela* será também deificada...

— Deificada? — perguntei eu, perplexo.

— Deificada, é claro. Afinal, o que significa a canonização? Pouco mais que a mera troca dos deuses do Paganismo pelos santos da Igreja. Os senadores da Roma antiga convertiam seus heróis em deuses e chamavam a isso apoteose; os cardeais da Roma atual convertem os nossos em santos e chamam-no canonização. Mudaram os nomes dos personagens, mas a comédia é essencialmente a mesma.

Chocava-me, não o fato de ouvir isto, mas aceitá-lo com tamanha naturalidade. Seguiu-se uma pausa, e Courcelles prosseguiu:

— Mas o caminho natural para a santificação passa forçosamente pelo martírio...

— Nem todos os santos foram mártires — interrompeu Midi.

— Santo que se preza tem que ser martirizado, ou será santo menor, sem vela, sem devoto e sem igreja. E por isso, graças a nós — nós, eu disse! — a camponesa de ontem hoje é bruxa e amanhã será santa. A pira onde *a* queimaremos será para *ela* o mesmo que os punhais de Brutus e Cassius foram para César, ou a cruz para o Cristo. Afinal, um Cristo sem cruz não pode ser Cristo...

Nesse ínterim, chegou o taverneiro, recebido com gritos de alegria pelos homens das mesas próximas ao trazer sobre uma prancha de madeira o leitão assado que cheirava tão bem, ornado com uma bem feita mitra de folhas. Os homens se levantaram e o

---

<sup>265</sup> **Lúcio Cornélio Sila**, general romano, célebre pela disputa pelo poder contra Caio Mário, na qual ambos mergulharam Roma numa sangrenta guerra civil. Com a morte deste, Sila consolidou seu poder absoluto como ditador em 81 A.C., mas, subitamente, abdicou em 79 A.C. e se retirou da vida pública, morrendo no ano seguinte.

magricelo de dentes podres imediatamente pôs-se a prestar reverência e a pedir a bênção ao “reverendíssimo senhor Bispo”, sendo de imediato imitado pelos demais. Nós outros ficamos a olhar, de minha parte sentindo por um lado o apetite despertado, e por outro, uma sensação estranha ao associar aquela iguaria ao nome de meu amo. Meus pensamentos foram interrompidos por Midi a perguntar:

— Mas, afinal o que pensas realmente *dela*? É bruxa ou santa?

Courcelles pareceu surpreender-se com a pergunta, pensou um pouco e prosseguiu:

— Que diferença faz o que eu penso, ou o que nós todos pensamos? Neste mundo, pelo menos, o julgamento de quem quer que seja é determinado unicamente pela Política: transforme um aliado água em vinho, e será milagre; faça o mesmo um inimigo, e será bruxaria. Política, apenas isso... no entanto, nem o próprio Cristo pôde escapar da cruz que esta deusa todo-poderosa Lhe impôs. Acontece que a Política é também uma mulher, e como todas, instável e cheia de caprichos: por isso, o Crucificado da Judeia hoje é adorado como Deus, e a bruxa herética de agora daqui a séculos será venerada como Santa.

— Brillhante, irmão. Quase chego a acreditar em tudo isso — disse Midi.

— Bem, o Senhor mesmo disse que alguém tem que fazer o serviço sujo. Afinal, “*é necessário que o escândalo venha...*”

— “*...mas ai daquele por quem o escândalo vier*<sup>266</sup>” — completei.

— Mesmo assim é uma necessidade. Todo Paraíso oculta uma serpente, todo grupo de apóstolos conta um Judas no seu seio, todo César tem um Brutus pelas costas! Sem o traidor, sem o carrasco, sem gente da nossa laia, em suma, não pode haver Cristo, nem César, e menos ainda, Jehanne d’Arc!

Bebemos um pouco, pensando no que ele dizia, enquanto Courcelles sorvia o vinho como se saboreasse o efeito de sua oratória, enquanto Midi provocava:

— Ensinam-nos que isto não é uma necessidade, mas uma consequência do pecado. Se for assim, quando não houver mais pecado no mundo, o mal deixará de existir?

— Se assim for, espero não viver para ver este dia. Pois, quando o mal deixar de existir, o pecado deixará de existir e, por consequência, nós também deixaremos de existir!

— Nós deixaremos de existir? — perguntei.

— Sim, nós, os sacerdotes de todos os tempos e templos. Na verdade, é uma dádiva, para nós outros, que haja no mundo os hereges, as bruxas, os feiticeiros. E ainda mesmo que pudéssemos destruí-los todos, até o último, seria a suprema tolice fazê-lo, pois estaríamos destruindo tudo quanto construímos, inclusive a nossa própria razão de ser.

— Como assim? — inquiriu Midi.

— Mas é tão evidente! Eles fazem o anúncio do Diabo. E na verdade só existimos, a própria Igreja existe e sobrevive única e exclusivamente graças a esse gentil Messire.

— Contudo, não estamos aqui, ao menos teoricamente, para lutar contra ele? — perguntei.

— Naturalmente. Somos quais os cavaleiros, que recebem sustento de seus suseranos a troco de defendê-los contra seus inimigos. E se não houvesse inimigos a temer, quem daria um pedaço de pão que fosse a um cavaleiro? Na verdade, o que é o Diabo? O melhor espantalho do mundo, pois as pessoas acreditam muito mais nos males atribuídos a

<sup>266</sup>

Novo Testamento, Mateus, 18:07.

ele (já que podem vê-los e senti-los dia após dia) do que nas bênçãos de Deus (as quais, em princípio, só gozarão depois de mortos). E é graças a este maravilhoso espantinho que comemos, enriquecemos e desfrutamos de mais poder que o mais poderoso membro da nobreza.

— O Diabo então é só isso? Um simples espantinho? — perguntou Midi.

— Que diferença faz se existe, se é uma representação alegórica do mal ou não passa de um mito? — disse Courcelles, já elevando a voz, o que me assustou um pouco. — Não é isto que está em discussão! O fato é que é a ele que as pessoas procuram, às escondidas, para cometerem seus pecados e gozarem seus prazeres proibidos; depois, voltam-se para nós, chorando, a fim de se livrarem das consequências. É a ele que culpam quando a peste grassa, quando o gado morre, quando a colheita é má. E é a nós que procuram para esconjurá-lo!

Seu tom de voz chegou a me assustar e olhei em volta. Felizmente, no entanto, os demais presentes estavam já tão bêbedos que oscilavam ao ponto de cair das mesas, e certamente já não podiam ouvir uma só palavra, talvez nem que soassem aos seus ouvidos as trombetas do Armagedon. Isto nos fez relaxar um tanto a vigilância e passamos a falar um pouco mais alto. Courcelles fez um instante de silêncio enquanto enchíamos novamente nossos púcaros e bebíamos, e prosseguiu:

— Compreendeis agora? Se chegasse o dia em que os homens fossem tão virtuosos que não mais pecassem, o Diabo deixaria de ser uma ameaça. E para que serviríamos então? Em nome de quê continuaríamos a cobrar dízimos, espórtulas, e tantas outras formas de se tomar dinheiro? Na verdade, teríamos a mesma serventia que o Sumo Sacerdote de Júpiter nos dias de hoje.

Seguiu-se uma pausa mais longa, que eu quebrei:

— Temos mesmo que queimá-la?

— *Ela*, como qualquer outro, porque é nossa obrigação oferecer espetáculos ao povo em nome da fé a fim de mostrarmos serviço. E até nisso temos que ser cuidadosos, pois um espetáculo muitas vezes repetido perde o interesse, como uma fina iguaria que se come todos os dias.

— Sim, mas... e se *ela* tiver razão? Se *ela* for mesmo enviada de Deus? — perguntei.

— Não fosse blasfêmia, e eu concluiria que Deus nada entende de política ou não ama muito Seus enviados. Afinal, Ele sempre acha de mandá-los nas situações mais críticas, com a missão de transformar poltrões em heróis e patifes em santos, e perto disso, transformar água em vinho, caminhar sobre as águas, curar leprosos e ressuscitar os mortos tornam-se brincadeiras de crianças.

— E como as coisas ficarão para nós... depois? — insisti.

— Depois de quando? Do Julgamento? — perguntou Courcelles, um pouco mais alto.

— Da morte — falei, com medo da palavra.

— *Dela*?

— Nossa... — disse, receoso.

— Ahn... — ele hesitou visivelmente, bebeu e prosseguiu: — bem, isto depende de haver ou não algo além da morte: se houver, ou nossas justificativas são válidas e o Céu



é nosso; ou não são, e iremos todos para o Inferno; por outro lado, se não houver, não há motivo para nos preocuparmos com isso.

— Falas como se fosse assim tão simples!... — disse eu, angustiado.

— Mas é simples, sim! Porventura tens coragem de lutar, sofrer e morrer pela verdade? Não, nem eu, nem nenhum de nós. Temos a fé simples e boa dos camponeses, que tudo aceitam como verdade sem questionar? Mais uma vez, não. Estamos dispostos abrir mão de tudo quanto temos e podemos ter, em nome dos ensinamentos de Jesus Cristo? Pela terceira vez, não. Então, estamos no caminho que escolhemos por nossa livre vontade e nele seguiremos até o fim, qualquer que seja: o Céu, o Inferno ou o Nada, porque não estamos dispostos a mudar de rumo, independente do que quer nos aguarde.

Eu e Midi nos encaramos, constrangidos por aquela dura verdade. Mas Courcelles ainda não terminara e prosseguiu, com a voz alta, mas ainda límpida e clara:

— E, falando francamente, nenhuma destas hipóteses me convence.

— Hipóteses? — perguntei.

— Hipóteses, claro. Por que, se fossem verdadeiras, iríamos para o Céu ou para o Inferno. No primeiro caso, o Onisciente teria que ser também soberanamente tolo, ao perdoar os piores pecados graças a meia dúzia de fórmulas fáceis; no segundo, Ele seria infinitamente vingativo, impondo um castigo infinito, portanto, necessariamente maior do que a culpa (pois criaturas limitadas no bem e no mal, como nós, não são capazes de cometer pecados infinitos). Por fim, se tudo acabar no Nada, de que adiantaria ter razão? Não teríamos sequer como nos orgulharmos disso.

— E com isto se esgotam todas as possibilidades...

— Não tenhas tanta certeza — disse Courcelles, em tom professoral.

Aquilo nos interessou vivamente, e Midi perguntou:

— Como assim? Porventura há outra opção?

— Nascer de novo.

— *Da água e do Espírito*<sup>267</sup>? — perguntou Midi em tom mordaz.

Courcelles sacudiu a cabeça negativamente e retorquiu:

— Não figuradamente, pela água do batismo; mas de fato, pela água que constitui todos os corpos vivos. Morrer nesse corpo e renascer num outro.

— Desde quando és cátaro<sup>268</sup>? — perguntou Midi em tom de ironia.

— Eles estavam em boa companhia. Pitágoras, Platão, Virgílio, Orígenes<sup>269</sup> e outros consideraram a possibilidade perfeitamente plausível.

---

<sup>267</sup> Novo Testamento, João, 3:5.

<sup>268</sup> **Cátaros**, também chamados **Albigenses**, pregavam uma religião de cunho maniqueísta e reencarnacionista que exerceu forte influência no sul da França até o século XIII, quando foram varridos por uma sangrenta Cruzada a mando do Papa Inocêncio III e exterminados pela Inquisição.

<sup>269</sup> **Pitágoras de Samos**: filósofo e matemático grego (570-496 a.C.); **Platão**: filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, discípulo de Sócrates, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental (428-347 a.C.); **Virgílio**: grande poeta romano clássico, autor da célebre *Eneida* (70 a.C. -19 a.C.); **Orígenes**: exegeta e pensador cristão de grande influência em seu tempo, tentou conciliar o pensamento cristão e o neoplatônico, sendo por isso posteriormente condenado pela Igreja (185-254).

Ficamos em silêncio, pensando. A princípio, analisava aquela ideia com a fria curiosidade de um estudante ao defrontar-se com uma tese original. No entanto, à medida que minhas tentativas de refutá-la fracassavam, um frio pavor começou a subir por minhas entranhas a tal ponto que, por fim, procurei não pensar mais nela, a fim de não concluir que era lógica demais para ser apenas mais uma tese bem formulada. Tentando quebrar aquele silêncio que agora me sufocava, repeti em voz baixa, mais para mim mesmo:

— *Se o homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus...*

— E se fosse mesmo assim? — perguntou Midi quase ao mesmo tempo, curioso.

Courcelles olhou enviesado para nós dois ao responder perguntando:

— E se for mesmo assim, que diferença faz?

Eu e Midi nos entreolhamos outra vez, enquanto aquele continuava:

— Para homens como nós, que diferença faz a verdade? Não basta que ela convença o nosso raciocínio, como julgava Sócrates. É preciso que também toque o nosso coração, caso contrário, não nos modificaremos em nada, continuaremos perfeitos fariseus em comunhão com o erro, não por convicção, mas pela conveniência; criando livros e Universidades para defender nossos interesses por meio de sofismas e silogismos tão bons que chegamos mesmo a acreditar neles, tanto quanto aqueles homens ali acreditam na realidade daquilo que enxergam por seus olhos torvos de bebida.

E apontava para os homens ao redor, que dormiam roncando alto, uns caídos no chão, outros emborcados sobre as mesas, ninguém que demonstrasse o menor vestígio de lucidez. De repente, levantou-se da cadeira, andando com menos firmeza, mas sem cambalear, avançou até a outra mesa, e arrancou com a mão um generoso naco de carne preso aos ossos do leitão parcialmente devorado, saboreando-o com prazer, olhando em volta como um general vitorioso para um exército inimigo em frangalhos. Arrancou mais dois grandes pedaços e trouxe-os para nós, que aceitamos, e sentou-se novamente. Fiz menção de morder meu naco, detive-me e perguntei, angustiado:

— Sim, mas, e a Verdade? Para que serve, então, a Verdade?

— Para nos dar a indispensável respeitabilidade social. E, para isso, a Verdade é tão absolutamente necessária quanto uma boa esposa, fiel, virtuosa e tola. E, como tal deve ser vista e cuidada. Então, desprezemo-la na intimidade, porém sempre louvando-a em público; prevariemos largamente às suas costas (já que a Mentira, como toda amante que se preze, embora volúvel e má, é bastas vezes mais excitante e prazerosa); às suas costas, sim, porém jamais diante dela.

Entre um naco e outro de carne, Midi aditou, sorrindo:

— Tu, dizendo todas estas coisas, és o sacerdote do Cristo. E *ela* é que será queimada na estaca, como herética e desviada da fé.

— Política, meu caro Midi — disse Courcelles, enquanto lambia os dedos, — simplesmente política. Sorte minha que esta velha e caprichosa deusa não tem o menor interesse em me queimar em praça pública. Se tivesse, ai de mim... haveria sempre um ótimo pretexto para fazê-lo, digno do velho Caifás. Ao que parece, ela gosta tanto de mártires que, para agradá-la, nós, seus fiéis devotos, sempre damos um jeito de sacrificar

mais um em suas aras. Começamos com Saint-Étienne<sup>270</sup>, e agora é a vez de Sainte-Jehanne d'Arc...

— Sainte-Jehanne d'Arc!... — repeti, tão assustado que engasguei com a carne.

— E por que não? É só uma questão de conveniência política, e a política é apenas produto de sua própria conveniência. Hoje ergueremos um patíbulo para *ela* em Rouen. Se eu vivesse o bastante para ver, apostaria sem hesitar um barril de vinho de Borgonha contra um púcaro de zurrapa que em alguns séculos uma catedral inglesa terá uma estátua de nossa nova santa, a cujos pés os devotos da Inglaterra orarão ajoelhados...<sup>271</sup>

— Mas, se assim for, qual será o papel da Igreja? Pode ela, *diretamente inspirada pelo Espírito Santo*, condená-la hoje, canonizá-la amanhã e continuar proclamando-se infalível?

— Pode, e o fará. Basta-lhe evocar o *credo quia absurdum*<sup>272</sup>, de nosso velho conhecido Tertuliano, e a coerência poderá ser posta de lado sempre que lhe for conveniente, sem o receio de questionamentos: o povo não passa de um rebanho de carneiros, crerá sem dificuldade alguma que o sol nasce a oeste e a lua brilha ao meio-dia, se lhe for mandado crer; quanto aos demais, a disciplina eclesiástica calará quem ouse pensar diferente. Portanto, a Igreja hoje *a* demoniza e *a* queima; no momento certo, proclamará *sua* inocência e achará um culpado — de preferência morto, já que os mortos não podem se defender — para arcar com a responsabilidade. Tudo feito, ficará o dito pelo não dito, a bruxa virará santa e a Igreja *lhe* acenderá velas com a mesma fé com que hoje *lhe* acende a fogueira, tão infalível e tão inspirada pelo Espírito Santo como antes.

Ouvia tudo sem saber o que pensar. Ficamos em silêncio e continuamos a beber, lenta mas continuamente, sem que encontrássemos mais o que conversar. Depois de um tempo, terminamos por pagar a conta e retornamos em silêncio. Enquanto voltávamos, lembrava-me de que nem sequer tínhamos pedido a sopa.

No inquérito do dia 31 de março procurei com os olhos la Pierre, la Fontaine e l'Advenu a fim de vigiá-los, mas apenas o primeiro se apresentou, praticamente na hora de iniciar a sessão, o que obrigou-o a colocar-se ao lado da acusada, à falta de outro lugar. Como desta vez la Fontaine não estava presente, o Bispo inquiriu-a:

— Jehanne, muitas vezes você tem respondido de forma evasiva à pergunta que *lhe* fizeram antes e que *lhe* vamos fazer agora. Mas, basta de subterfúgios e sutilezas! Queremos que nos responda claramente e de uma vez por todas!

Fez uma pausa e *lhe* perguntou:

— Você submete-se ao julgamento da Igreja em relação a todos os seus atos e palavras, para que ela ajuíze se são bons ou maus, especialmente os crimes de que é acusada?

<sup>270</sup> Ou **Santo Estêvão**, primeiro mártir do Cristianismo. Vide Novo Testamento, Atos, 7:08-60.

<sup>271</sup> Atualmente há pelo menos uma, na Catedral de Winchester.

<sup>272</sup> *Creio porque é absurdo*, frase atribuída a Tertuliano, autor e apologista cristão (160-220 d.C), segundo quem a fé e a razão são inconciliáveis, e por isso a segunda deve ser necessariamente desprezada, como causa de erros e desvios da primeira (**Fideísmo**). Este pensamento influenciou São Santo Agostinho e, conseqüentemente, a teologia católica dos primeiros séculos. Somente com São Tomás de Aquino começará o esforço para conciliar a fé e a razão dentro da Igreja (vide nota 43).

— Submeto-me a Deus acerca de tudo o que fiz.

— Eis uma questão bastante grave. Entre você e Deus, existe a Igreja. Repito, submete-se a ela em tudo o que diz respeito a este Julgamento? Sim ou não?

*Ela* encarou-o e respondeu, medindo as palavras:

— Em tudo me submeto à Igreja...

Desta vez nós nos entreolhamos. Estaria *ela* cedendo assim tão facilmente?

— ... desde que ela não me ordene o que me é impossível.

Esta frase provocou uma balbúrdia de feira, até que Monsenhor obteve silêncio e refutou como que indignado:

— A Igreja é diretamente inspirada pelo Espírito Santo, por isso jamais pode estar em erro! Como ela poderia ordenar-*lhe* o impossível?

— Se me ordenasse revogar tudo o que sei ter feito pela vontade de Deus, ou renegar minhas Vozes. Não poderia obedecê-la nestes casos, e não o farei por ordem de ninguém deste mundo.

Ah, naturalmente! *Ela* se submeteria à Igreja desde que esta não *a* questionasse. Interessante noção esta, a de submissão... mas Monsenhor prosseguiu, imperioso:

— E se a Igreja afirma que *suas* pretensas revelações não passam de fantasias e superstições, coisas diabólicas e malignas? Submete-*se* ao seu julgamento?

— Submeto-me a Deus em tudo o que fiz, pois sei que fi-lo por ordem d’Ele e eu não poderia fazer de outro modo. Se a Igreja insiste em que eu desobedeça a Deus, então não me submeto a ela nem a homem algum, apenas Àquele a quem sempre obedeci.

Por um momento, tanta franqueza me chocou. Por muito menos, quantos acabaram de imediato na fogueira!... O Bispo, com um sorriso quase imperceptível nos lábios, atacou, incisivo:

— Então, você acha que não precisa sujeitar-*se* à Igreja Militante, ou seja, ao nosso Santo Padre o Papa, aos Cardeais, Arcebispos, Bispos e demais sacerdotes?

Depois de breve hesitação, respondeu:

— Creio que devo obediência a todos estes, sim...

O Bispo fez menção de tomar a palavra, mas a acusada concluiu, elevando a voz:

— ...mas Deus tem que ser obedecido em primeiro lugar!

— *Suas* Vozes mandaram que não *se* submetesse ao juízo da Igreja Militante?

— Minhas Vozes não me mandaram desobedecer à Igreja, e sim obedecer a Deus antes de tudo. Lembrai-vos de que não vos respondo dizendo aquilo que me vêm à cabeça, mas sim o que me ordena Nosso Senhor.

Esta última frase causou um breve momento de silêncio durante o qual la Pierre cochichou-*lhe* algo ao ouvido, e logo a seguir *ela* ergueu a cabeça, dizendo:

— Como prova de minha submissão à Igreja, apelo para o Concílio de Basileia, e ao nosso Santo Padre, o Papa!

Meu rosto deve ter perdido a cor. Aquele padre idiota e falastrão poderia pôr todo o nosso trabalho a perder com sua língua comprida! Num piscar de olhos, de todos os lados vieram apartes, insultos e ameaças dirigidas a ele. Monsenhor parecia fora de si, seu rosto estava púrpuro ao gritar a la Pierre, obtendo imediato silêncio:

— Cale essa boca, diabo!

A seguir, disse asperamente que tal medida não seria considerada, por desnecessária. Sua Santidade estava muito longe e o Tribunal era perfeitamente válido, graças à chancela do Santo Ofício (ao que le Maistre ajeitou nervosamente as vestes) e da Universidade de Paris (...*fonte inesgotável de toda sabedoria, verdadeira luz da Igreja...*). Manchon, por sua vez, perguntou-lhe se deveria registrar o apelo, mas o Bispo foi incisivo ao responder que não, já que não havia necessidade. Percebi que ambos olhavam-se em silêncio e meu amo disse-lhe algo em voz tão baixa que não pude ouvir, ao que Manchon assentiu em silêncio, levando a acusada a retrucar:

— Registrais unicamente o que é contra mim, e nada a meu favor!

Cheguei a sorrir da ingenuidade daquela jovem. E por que razão *ela* imaginava que nos déramos ao trabalho de montar todo aquele trabalhoso Processo?

Um pouco mais e Monsenhor deu por terminado o interrogatório. Imaginei que ele iria chamar la Pierre de imediato a fim de dar-lhe o devido corretivo, mas, para minha surpresa, deixou-o sair (o que o padre fez com a velocidade do vento), dirigindo-se a le Maistre para descarregar-lhe sua fúria acerca de la Pierre, la Fontaine e l'Advenu, aos quais acusou acremente de traição. Para minha surpresa, o Vice-Inquisidor desta vez defendeu-os com tanto vigor quanto lhe era possível entre tantas desculpas e devidas reverências, assegurando por sua palavra que eles eram leais, ao que me contive para não lhe retrucar que a lealdade deles era digna de Judas.

Por isso, surpreendi-me ainda mais quando o Bispo, agora afável, declarou que considerava a palavra do Vigário da Inquisição a melhor das garantias, e que só o fato de tê-la era o bastante para lhe asserenar o coração, palavras estas que estamparam no rosto de le Maistre um misto de lisonja e alívio. A seguir, despediu-se, fez um sinal para que eu o acompanhasse, escreveu algumas linhas para os Condes ingleses e mandou-me que levasse a mensagem. Não precisei ler e ele nada me explicou, tampouco seria preciso. A solução era clara como água.

Quando no fim da tarde do outro dia la Pierre, Duval e la Fontaine tentaram falar com a prisioneira mais uma vez, uma surpresa esperava por eles. Na porta da torre, a guarda do Château recebeu-os de armas na mão, tendo à frente o Conde de Warwick, o qual, sem medir palavras, apostrofou-os e ameaçou-os com tamanha violência que fugiram como lebres.

Mais tarde, falei a meu amo da minha preocupação de que Manchon, apesar de tudo, viesse a transcrever o apelo da prisioneira, mas o Bispo disse-me:

— Não te preocupes com isso. Ele não o fará.

Lembrei-lhe que aquele escrivão teimoso já o havia enfrentado antes. Ele retrucou:

— Sim, é verdade. Porém, por causa de Massieu ele me devia um favor, e é honesto demais para deixar de pagar uma dívida.

## Reclamos do Padre Martin l'Advenu

### V

*Diante do acontecido, não havia mais dúvidas de que Monsenhor estava ciente de tudo, o que nos colocava numa posição, na melhor das hipóteses, equívoca. Assim sendo, la Pierre buscou reunir os grupos com os quais havíamos conversado anteriormente. Se pudéssemos formar uma frente ampla disposta a defender aquilo em que acreditávamos, estaríamos menos vulneráveis à tormenta que nos ameaçava.*

*Mas tal esperança logo foi por terra. Todos os que antes concordavam conosco passaram a fugir de nós como da lepra, à semelhança de Duval, que, interpelado diretamente, admitiu-o com a mais absoluta franqueza, chegando mesmo a nos suplicar que não nos dirigíssemos mais a ele. Por mim, teria dito o mesmo a la Fontaine e la Pierre, se não soubesse que não havia mais manobra escapatória para nenhum dos três e que não tínhamos como evitar a batalha que teríamos que travar com todas as probabilidades de sermos derrotados.*

*La Pierre opinou que nos omitirmos, deixando que os fatos seguissem seu curso, seria não apenas uma indignidade, como também uma indignidade inútil que não nos salvaria. A melhor forma de lidarmos com o problema era irmos diretamente a Monsenhor dizer-lhe o que estava acontecendo, com a máxima honestidade. Por sua vez, la Fontaine concordou. Afirmava repetidamente que o Bispo tinha-o em grande estima, e por isso mesmo, se por um lado ele nos escutaria com desprazer, por outro, graças à nossa sinceridade, relevaria nossas atitudes ainda que não as aceitasse.*

*De minha parte, embora no íntimo me amaldiçoasse mil vezes por ter participado de tudo isso, acabei concordando com gestos de cabeça, por mais que achasse temerária a afirmativa de la Fontaine. Embora na época apenas tivesse ouvido falar do ocorrido entre ele e o Bispo por ocasião do intervalo, meu coração batia forte, cheio de incertezas e pressentimentos ominosos. Todavia, nada retruquei, talvez porque, no íntimo, não via alternativa menos má e tentei me convencer de que acreditava neles. Assim, aquiescendo em silêncio e com o coração aos sobressaltos, na mesma noite nos dirigimos ao Palácio Arquiepiscopal como Heinrich IV a Canossa<sup>273</sup>...*

---

<sup>273</sup> Referência ao rei alemão Henrique IV, que, em 1077, entrou em choque com o Papa Gregório VII na chamada **Questão das Investiduras** e foi por este excomungado (o que dava aos seus súditos o direito de não mais reconhecê-lo como rei). Para reverter a situação, o monarca dirigiu-se em pessoa ao encontro do Pontífice em vestes de penitente. O encontro deu-se no castelo de Canossa, onde o Papa concedeu-lhe o perdão somente depois de humilhá-lo, gerando a expressão *ir à Canossa* no sentido de ir ao encontro de uma grande humilhação.

### 31 de março, à noite

Voltamos ao Palácio Arquiepiscopal com dificuldade, pois as ruas regurgitavam pessoas a andar e a correr de um lado para outro com visível animação enquanto riam e conversavam, eufóricas com a proximidade da Páscoa, e, conseqüentemente, do Ano Novo. Aquele bulício alegre causava-me uma ponta de inveja, do qual me vingava dizendo para comigo que aqueles vilões podiam comemorar o quanto quisessem, pois nada impediria que passassem todo o resto do ano de 1431 tão sujos, famintos e miseráveis quanto em todos os outros anos que vieram antes.

Naquela noite, eu e meu amo ceamos em quase completo silêncio, que eu tentei quebrar com algum assunto que não me parecesse relacionado ao Julgamento. No entanto, mal abri a boca e ele me retribuiu com um olhar que deixou claro quão pouco estava disposto a qualquer tipo de conversa. Ao término, ele se dirigiu para o escritório. Fiz menção de acompanhá-lo, mas, para minha estranheza, ele deteve meus passos com um gesto, dizendo:

— Não. Hoje pretendo ficar só.

Aquilo soou estranho e me aborreceu. Ainda que fosse para passarmos as horas em silêncio, seria preferível a ficar a sós. Porém, antes que eu retornasse para a sala e ele se fechasse, ouvimos batidas na porta. Ele se voltou, vivamente contrariado, enquanto eu sentia um estranho alívio. Naquela hora, até a presença de um salteador de estrada seria bem-vinda.

Um criado retornou, comunicando-nos a presença de alguns assessores, que pediam para falar com urgência a Monsenhor. Este hesitou, li em seu olhar o primeiro impulso de recusa; no entanto, depois de breve reflexão, mandou que encaminhasse os visitantes, ao mesmo tempo me olhando de cenho fechado, como se me culpasse por aquela visita indesejada, e com um gesto mandou-me que o seguisse.

Na sala de visitas estavam la Fontaine, l'Advenu e la Pierre, parecendo alunos em falta à espera da punição. Prestaram reverência a meu amo, saudaram-me friamente e olharam para o criado, calando-se a seguir. O Bispo, tendo ordenado a este que se retirasse, perguntou-lhes com evidente contrariedade:

— Devo supor que esta visita inesperada à minha residência, à esta hora da noite, deve ser motivada por algo de extrema importância.

Diante dos olhares dos outros, la Fontaine hesitou, sentindo a atitude pouco amistosa do dono da casa, e tomou a palavra:

— Certamente não ousaríamos incomodar Vossa Reverendíssima sem razão pertinente.

— Então, explicai-vos. Sem delongas e em poucas palavras.

Estávamos todos em pé, já que o Bispo não os convidara a tomarem assento. Assim, la Fontaine olhou em volta como se procurasse algo, fechou os olhos, fez um rápido sinal da cruz murmurando algo para si mesmo e então começou:

— Na suposição de que Vossa Reverendíssima possa ter julgado algumas de nossas atitudes como incompreensíveis...

A voz de meu amo soou dura:

— **Desleais** seria uma palavra mais exata.

O outro hesitou, mas prosseguiu:

— A fim de remover do pensamento de Vossa Reverendíssima tais suspeitas, sentimo-nos na obrigação de dizer-vos em particular algo que consideramos da mais extrema importância e deve dar-vos satisfações acerca do porquê das nossas atitudes...

La Fontaine prosseguia com dificuldade ante o olhar impenetrável de meu amo:

— Reverendíssimo, não sei o que pensais a respeito desta jovem; entretanto, mesmo correndo o risco de incorrer em vosso desagrado, digo-vos termos a certeza absoluta de que *ela* é verdadeiramente enviada de Deus!

Monsenhor fez ar de enfado e respondeu:

— E vos deste ao trabalho de me incomodar em minha residência unicamente para me dizerdes isso?

O visitante pareceu chocado e repetiu:

— Reverendíssimo!... disse-vos que *ela* verdadeiramente é enviada de Deus!...

— Já o entendi da primeira vez, não sou surdo, e daí?

Os padres se entreolharam, incrédulos, antes de La Fontaine prosseguir:

— Mas... então, isto muda tudo!

— Realmente? Por quê?

Os padres se entreolharam como se duvidassem de seus ouvidos. Atordoado, mão na cabeça, como que tentando coordenar as ideias, La Fontaine murmurou:

— Mas, Reverendíssimo!... não é isto que está em discussão neste Julgamento?

O Bispo sorriu sem humor, replicando:

— Meus parabéns! Desta vez vós conseguistes me surpreender!

Eles se entreolharam sem entender. Aliás, nem eu entendi. Meu amo prosseguiu:

— Eu sempre tive certeza de que éreis ingênuos, mas não a esse ponto.

Depois de breve pausa, prosseguiu sacudiu a cabeça em negativa, respondendo:

— Não. Isto, na verdade, é mesmo irrelevante, porque o real objetivo deste Julgamento é condená-la, uma vez que *sua* morte é politicamente necessária, segundo Sua Eminência, o Cardeal de Winchester; e, como os próprios Evangelhos dizem, quando a necessidade política exige, nem mesmo Deus escapa da condenação<sup>274</sup>.

Se a resposta do Bispo, em tom de amargo escárnio, já me atordoou, simplesmente não pude acreditar no testemunho de meus sentidos quando ouvi de seus lábios:

— Meus caros, credes realmente que me dizeis qualquer novidade? Eu sei que *ela* o é, muito antes de todos vós!...

O abalo que esta frase provocou nos visitantes não foi maior do que o meu próprio, pois, embora me recusasse a admiti-lo, de fato essa ideia há algum tempo vinha se insinuando em meu pensamento, a cada dia com mais força, por mais que a rejeitasse com violência. Contudo, dita por quem a disse, soava-me como uma sentença inapelável. Os olhos de La Fontaine pareciam prestes a saltar das órbitas, ao perguntar-lhe:

— E mesmo assim vós ireis condená-la?!...

— E mesmo assim **todos nós** iremos condená-la.

---

<sup>274</sup>

Ora, isso não disse Caifás por si mesmo; mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus teria de morrer pela nação. Novo Testamento, João, 11:51.



Eles pareceram assustar-se e ficaram se entreolhando, sem saber como responder. Por fim la Fontaine recuperou a fala:

— Não posso fazê-lo, Reverendíssimo. Pela salvação de minha alma, não posso.

— É só isso o que temes? E porventura não ensinamos que uma boa confissão redime todos os pecados? Tu farás o que tem que ser feito, e se quiseres apaziguar a consciência, basta confessar-te depois. Para maior garantia, eu te absolvo de antemão.

E fez sobre ele o sinal-da-cruz. Diante do olhar de assombro dos visitantes, que não foi maior do que o meu próprio, o Bispo se pôs a repetir o gesto sobre os demais e até mesmo sobre mim, enquanto dizia:

— A vós outros também. Eu te absolvo... eu te absolvo... e te absolvo. Satisfeitos, agora?

— Reverendíssimo, não escarneçais do que é sagrado!... — murmurou la Pierre, como se a presença de Satã em pessoa fosse menos assustadora.

La Fontaine recuou, incrédulo, repetindo:

— Reverência guardada, Monsenhor, não posso fazer isso! Perdoai-me, mas não posso!

Esprei uma reação violenta como ele sabia bem representar; no entanto, desta vez a resposta veio em forma de uma risada seca e dura:

— Se eu antes acreditava que eras um tolo completo, agora tenho certeza absoluta. Não, meu caro la Fontaine, tu não te recusarás a isto, nem nenhum de vós.

Os demais se entreolharam em silêncio. Então ele falou mais alto e áspero:

— Ouçam aqui, deixemos de graças! Porventura vocês estão ousando me desafiar?

Depois de respirar fundo, la Fontaine retrucou:

— Digo-vos, com todo o respeito e reverência, que, pelo bem de minha alma, não posso condenar essa jovem, mesmo que seja ao preço de minha própria vida!

O Bispo voltou-se para mim e disse, novamente com seu riso de antes:

— Vês quanta nobreza! Quanto heroísmo! Dir-se-ia um mártir pronto para o sacrifício! Talvez devamos ficar de joelhos, quem sabe daqui a uns cem anos será canonizado!

La Fontaine parecia desesperado quando falou:

— Por amor de Deus, Reverendíssimo, entendei!...

Meu amo não o deixou terminar. Avançando para ele de dedo em riste, começou a falar lentamente, de forma tão imperiosa que me sentiria esmagado se fosse comigo:

— Entenda você que a morte desta jovem é caso decidido, queira ou não, pois o Duque e o Cardeal querem assim! E fique bem claro que você, padre, é um merda de batina, (e apontou para os demais) que todos vocês juntos não passam de bonecos de merda, mas *ela* vale o arcebispado de Rouen, e não vou permitir que merda nenhuma se interponha entre mim e a mitra de arcebispo!

— Um arcebispado agora, depois o Inferno por toda a Eternidade! — disse la Fontaine com desespero. — Nós somos a Igreja da França, como podemos pactuar com isto?! O que será de nossas almas se o fizermos? É desafiar a Deus, e eu não posso fazer isto!

Eles se mediram com os olhos e meu senhor falou no mesmo tom, esgrimindo com o dedo índice cada vez que usava pronome pessoal:

— Você pode e o fará, sim, porque eu estou mandando, e para mim, você, sua opinião e seus sentimentos valem menos do que a merda dos meus cavalos! Não seja mais parvo do que já é, porque talvez Deus seja misericordioso, mas eu não! Ouse você, ou qualquer um de vocês, desafiar-me, e será tratado de tal forma que terá inveja da sorte de Houpeville! E não somente por mim, mas, sobretudo, pelo Duque e pelo Cardeal!

Ante este último nome, pronunciado com ênfase, empalideceram tanto que julguei-os prestes a desmaiar. Com extremo esforço interior, la Fontaine replicou disfarçando mal o tremor da voz:

— Pois que seja! O que é a fogueira terrena, comparada com as chamas eternas do Inferno?

Os demais olharam para la Fontaine, como que para dar apoio às suas palavras. Monsenhor tinha nos lábios um sorriso de fera enquanto falava lentamente, chegando cada vez mais perto do padre, que recuava:

— Antes eu o julgava apenas um parvo completo, agora sei que é o maior de todos. Não tema a morte, mas o que vem antes dela. Você já esteve um calabouço? Certamente não sei como é o Inferno, mas conheço bem um calabouço por dentro. Talvez sejam parecidos, pois lá se conhece muitas formas de se fazer uma pessoa implorar pela morte. Ainda não tive a chance de ver as chamas eternas, porém já vi, com meus próprios olhos, ossos se partindo numa sessão de estrapada, articulações se desconjuntando num cavalo de estiramento e membros sendo esmagados no potro<sup>275</sup>.

Aquelas palavras deixaram os padres pálidos e com a testa molhada em suor. Monsenhor prosseguia, menos incisivo, quase tranquilo:

— E tanto sacrifício por nada, porque *ela* está perdida de qualquer maneira: se nós não *a* mandarmos para a fogueira, os ingleses *a* mandarão para a forca! Vamos, sacrifique-se por *ela*! Talvez isto faça-o merecer uma coroa de glórias eternas no Céu, pois na Terra você não conseguirá nada além ser vilipendiado e torturado até morrer, sabendo que seu lugar será substituído por outro que alegremente fará o que você tão com tanta nobreza d'alma recusa-se a fazer!

O padre diminuía de tamanho colado à parede, enquanto meu amo prosseguia após breve pausa:

— Então? Devo comunicar ao Duque e ao Cardeal? Devo entregá-lo a eles? Sim, deixe que eu o faça, a fim de que você possa conquistar o Reino dos Céus através do martírio! Posso mesmo sugerir aos torturadores suspendê-lo pelos colhões com aranhas espanholas<sup>276</sup> bem quentes, como foi feito com os Templários, a fim de tornar mais preciosa a coroa de glórias que receberá no Céu...

---

<sup>275</sup>

Métodos de tortura usuais na época (convém saber que durante a Idade Média a tortura era aceita por todos os legisladores como um método normal de se obter confissões). Na **estrapada**, o réu era amarrado pelas costas e suspenso pelos braços até certa altura, e de repente largado ao chão, repetindo-se a seguir. O **cavalo de estiramento** era uma prancha sobre a qual o réu era deitado, suas extremidades amarradas e lentamente estiradas. O **potro**, algo semelhante, garroteava os membros por meio de cordas.

<sup>276</sup>

Ganchos de quatro pontas unidas em forma de tenaz, que serviam, frias ou quentes, para içar a vítima pelos pulsos, nádegas, ventre, seios ou tornozelos, enquanto as pontas enterravam-se lentamente na carne. No Processo dos Templários, (1307-1314), foram usadas para suspender os acusados pelos órgãos genitais.

O Bispo completou a frase elevando a mão à altura do rosto do padre, palma para cima e dedos erguidos como se ela fosse o próprio instrumento de tortura, o que fez la Fontaine empalidecer tanto que me surpreendi de não vê-lo desmaiar. La Pierre suspirou fundo e falou num fio de voz, olhando para o chão:

— Deus há de cobrar-vos a minha alma, que mergulhará no Inferno por vossa causa!...

Mas o Bispo ouviu, voltou-se para ele, sorrindo com quase afabilidade ao falar:

— Não, meu caro. Mergulhará por sua própria culpa, porque você também não passa de um rematado covarde!

Ele olhou para meu amo com ódio, porém não conseguiu encará-lo e baixou os olhos dizendo surdamente:

— Vós sois um demônio!

Julguei que o insulto seria punido com o necessário rigor, porém meu senhor riu, desta vez com vontade, como se houvesse recebido um elogio, e foi quase com bonomia que replicou:

— Verdade? E vocês, o que são? Piedosos hipócritas, cujas virtudes são feitas tão somente de palavras, cujo amor à justiça é digno de Pilatos, não vai um palmo além das próprias conveniências! Deviam matar-se de vergonha por serem menos homens do que uma menina de dezenove anos! *Ela* sozinha vale mais do que toda essa corja de carneiros e sabujos que rasteja à minha volta! Pudessem trocar todos vocês por *ela*, e com certeza eu tomaria assento não na cátedra da Sé de Rouen, mas no próprio trono de Saint-Pierre!

Até mesmo eu me senti atingido. La Fontaine e La Pierre fizeram menção de falar, mas se calaram. Meu senhor se deteve por um momento e prosseguiu olhando para o terceiro:

— E você, l'Advenu, mais prudente que os demais por não abrir a boca, não tem nada para dizer de bom? Eu não o esquecerei também! Não se iludam, súcia de covardes! Vocês estão marcados com tinta negra! Mais um ato de rebelião como esse, venha de quem vier, e eu os responsabilizarei e os esmagarei como vermes, que é o que são! Resolvam seus escrúpulos de consciência como bem entenderem, pois vocês assinarão tudo o que eu mandar e concordarão com tudo o que eu disser, porque Jehanne d'Arc é uma mulher morta, queiram vocês ou não, e se ousarem me criar mais algum empecilho eu lhes asseguro que terão muito mais a perder do que apenas a carreira!

Os três se entreolharam, pálidos e trêmulos. Monsenhor disse-lhes rudemente, apontando para a saída:

— Agora, saiam, antes que eu mude de ideia e aja com o necessário rigor! Saiam!

Eles o fizeram tão prontamente que se esqueceram inclusive de prestar reverência. Mas Monsenhor não sorriu desta vez. Viu-os sair e respirou fundo, como quem tivesse travado uma rude batalha. Fiz menção de lhe falar, mas sem sequer me olhar afastou-me com a mão. Depois, sem dizer nada, entrou bruscamente em seu escritório e o ouvi correndo o ferrolho. Eu passei o resto da noite e dos dias que se seguiram, com as palavras do Bispo martelando quase todo o tempo em meu pensamento.

## Reclamos do Padre Martin l'Advenu

### VI

*Sim, foi tudo como l'Oiseleur descreveu. Participei daquela cena com o coração cheio de sentimentos conflitantes. A força, o poder, a energia com que Monsenhor de Beauvais nos esmagara, se me despertava ódio, também me causava admiração e inveja. Prestava atenção nas metamorfoses de seu rosto, nos gestos de suas mãos, nas contorções de seus lábios, no tom de sua voz, em vão buscando neles o segredo dessa grandiosidade que eu jamais teria em toda a vida, pois, por mais e melhor que pudesse imitá-lo, nunca seria nada além de uma paródia. Por mais que tente, uma galinha nunca chegará a ser águia.*

*Mas sentia sobretudo ódio. De la Fontaine e la Pierre por terem se encolhido de medo. De l'Oiseleur, que ficara todo o tempo saboreando a cena com aquele sorriso delicado e leve de quem assiste a um espetáculo cômico. E de mim mesmo, que não tinha coragem para permitir que meu ódio extravasasse, nem por palavras nem por atos.*

*Sim, saímos correndo como lebres, e fugimos para nossas celas como lebres à procura da toca. Mal nos olhávamos. Tinha nojo da máscara de abjeção que o medo punha no rosto de meus comparsas, sem me ocorrer que provavelmente eles também deviam estar vendo-a no meu. Tampouco trocamos sequer uma palavra, apenas la Fontaine falava consigo, chorando e se lamuriando como uma mulherzinha...*

## 1º de abril

Julguei que deveria ficar atento ao que se passasse, mas, no dia seguinte, a primeira novidade do ano já estava à nossa espera: la Fontaine, crente no provérbio italiano segundo o qual *a melhor armadura é se pôr fora do alcance*, havia fugido de Rouen durante a noite. Não voltaria a dar sinal de vida durante todo o resto do Processo. Teria sido mais fácil e melhor se os demais tivessem feito o mesmo.

Assim que pude, levei o fato ao conhecimento de Monsenhor afetando indignação pela desobediência daquele padre, expus-lhe minha preocupação com possíveis repercussões negativas, mas quando sugeria penalidades que me pareciam adequadas, ele me interrompeu secamente:

— Não há necessidade. Ele, desaparecendo, deixa de nos criar problemas, e os demais saberão se comportar a contento. De vez em quando é preciso bater no cão para que ele não se esqueça de quem é que manda.

Todavia, à medida que os dias se passavam, a pressão sobre nós aumentava, por parte dos nobres ingleses e do Cardeal, e, em consequência, estávamos cada vez mais tensos e nervosos, em verdade ansiávamos para que tudo aquilo acabasse o quanto antes, fosse como fosse. Sentíamos-nos acuados, sabedores de que estávamos numa situação em que, fizéssemos o que fizéssemos, estaríamos perdidos.

E Monsenhor certamente era o mais afetado por tudo isso. Acusavam-no de estar favorecendo a acusada, ou, pelo menos, de não estar fazendo tudo o que podia para obter resultados, o que eu poderia jurar, e juro (mesmo que isso valha alguma coisa), era uma acusação injusta. Apenas, nunca havéramos encontrado antes, e por isso nunca pudéramos imaginar uma resistência tão obstinada, uma vontade tão vigorosa e uma inteligência tão viva a nos fazer frente.

Aproveitei para visitá-la mais tarde, ainda naquele dia, embora não conseguisse inventar nenhum pretexto para isso. Via-me estranhamente desejoso de amiudar mais e mais aquelas visitas que me despertavam sentimentos tão contraditórios. Mal acreditei em meus próprios lábios ao me ouvir dizendo-lhe:

— Quão grandiosa a tua fé, minha filha! Amar a Deus, ser-Lhe fiel quando se está no verdadeiro Inferno em vida, é próprio de uma fé inabalável e admirável! Como eu queria...

Refreei a tempo meu perigoso entusiasmo e prossegui, desta vez medindo cuidadosamente as palavras:

— ... queria que todas as pessoas que sofrem pudessem ter uma fé tão grande!

— Bastaria que elas pedissem, Padre.

Ela o disse como se fosse a coisa mais natural do mundo! Senti uma aflição no peito, ao lhe retrucar:

— Não é tão simples assim, filha! Há pessoas que desejam ardentemente ter fé, ou perderam-na e desejam recuperá-la, mas não conseguem!

— Dizer isso não é uma forma de culpar a Deus? Penso que, se isto de fato acontece, é porque elas querem a fé ao jeito delas, e não ao d'Ele.

Tremia todo, quando lhe falei:

— Como assim? Por favor, não pare! Continue! Preciso ouvir isso! Continue!

*Ela* estranhou, mas atendeu:

— Muitos entendem fé como um acordo pelo qual, a troco da nossa devoção, Deus tem a obrigação de nos atender, e sentem-se traídos quando isto não acontece. Mas fé não é um contrato. A verdadeira fé se empenha em atender aos Seus desígnios, confia plenamente n'Ele, entrega-se a Ele sem dúvidas nem restrições, aceitando Sua vontade, ainda mesmo quando contrarie a nossa.

Como eu nada dissesse, a prisioneira prosseguiu:

— Por acaso, Padre, julgais que tenha sido fácil ou agradável para mim abandonar minha casa, meus pais e todos aqueles a quem amava e que me amavam, para enfrentar todos os males de uma guerra? Não há como dizer-vos o quanto me foi doloroso ver maldade, traição e hipocrisia nos olhos dos nobres; ouvir maldições, blasfêmias e indecências dos lábios dos soldados; o quanto meus olhos choraram e meus ouvidos sofreram ao ver tantos mortos, feridos e mutilados a gritar e gemer nos campos de batalha, como preço de minhas vitórias e da liberdade da minha Pátria! Crede-me, Padre, mil vezes teria preferido voltar para minha aldeia e minha casa, abraçar e beijar meus pais e meus irmãos! Quantas vezes chorei de saudade, amargando a solidão no meio de tanta gente, mitigada unicamente pelo conforto e pelo amor das minhas Vozes! Porém, não era a mim que cabia dizer a Deus o que eu queria, e sim me entregar de corpo e alma para tudo quanto Ele julgasse justo e bom! E mesmo nessa prisão, nesse verdadeiro Inferno em vida, como dizeis, Ele me dá forças porque sabe que eu sou fraca; dá-me coragem porque sabe que tenho medo; e, graças às minhas Vozes, lembra-me do quanto sou por Ele amada! E é unicamente daí que tiro todas as minhas forças, minhas esperanças e minhas consolações!

Eu ouvia aquilo incrédulo, atônito, maravilhado. Tão tomado fiquei por *sua* presença e *suas* palavras que, sem me dar conta do que fazia, me ajoelhei diante *dela*, chorando diante de algo que amava sem compreender, como a uma estrela, viva e brilhante, mas impossível de tocar. As lágrimas desciam por meus olhos e estava quase a soluçar, quando a prisioneira tocou suavemente no meu braço, dizendo quase num sussurro:

— Padre, por quem sois!...Levantai-vos, eu vos peço! Não é correto isso, afinal, sois um sacerdote de Jesus Cristo...

Eu, sacerdote do Cristo! Não, era um réptil contemplando um anjo! Toda a minha maldade vinha em catadupa às minhas lembranças, toda a calhordice que eu desejava e precisava confessar! Felizmente, as palavras *dela* fizeram-me voltar a mim, aliviado porque a jovem falara baixo e com isso os escreventes não devem ter percebido o que se passou.

Não obstante, eu me aterrorizava diante da profundidade do abismo do qual nos aproximávamos a passos largos. A consciência do que estávamos todos a fazer era cada vez mais apavorante, a palavra *crime*, que ainda há pouco só me fazia sorrir, começava a encher meus dias de medo, minhas noites de terror e meu sono de pesadelos. Porém, como era possível retroceder com os ingleses à nossa sombra, a vigiar-nos noite e dia, aguardando ansiosos pelo momento de reduzir a prisioneira a cinzas?

O resultado de tudo isto é que, fosse pela razão que fosse, estávamos todos, sem exceção, altamente perturbados como nunca antes, e eu, sobretudo, não compreendia mais o que se passava comigo. Por isso, certa noite, senti a necessidade de falar a Monsenhor e

me dirigi a seus aposentos particulares. Sentia-me fraco, acovardado, e queria uma voz que me impelisse e me tirasse desse estado de espírito que poderia comprometer todos os nossos objetivos. Sobretudo, precisava que ele desmentisse o que afirmara a la Fontaine.

Bati ligeiramente à porta, sem obter resposta. Repeti mais forte duas vezes com o mesmo resultado. Apesar de ser algo temerário de se fazer, julguei que a intimidade me autorizava a fazê-lo, e então abri devagar a porta e entrei pisando suavemente, como de hábito. Busquei-o com os olhos por toda parte, mas não o vi. Aquilo me intrigou fortemente. Saí, fechando a porta, e passei a procurá-lo pelos corredores do Palácio, àquela hora completamente às escuras.

Por fim, vi a luz de uma vela ou tocha na capela particular e, sem fazer ruído, dirigi-me para lá, embora fosse o último lugar onde esperaria encontrá-lo. Foi com extremo susto e surpresa que vislumbrei alguém naquele local. Custei a admitir que era dele mesmo o vulto que via ajoelhado, mãos unidas e cabeça baixa diante do altar. Tamanho o susto que cheguei a abrir a boca, prestes a chamá-lo. Contive-me a ponto de não pronunciar palavras, mas a exclamação abafada foi bastante para que ele ouvisse e se voltasse para mim rapidamente, assustado.

Seu rosto expressou surpresa e vergonha, como uma criança surpreendida em falta. Levantou-se com dificuldade, com as faces crispadas e púrpuras, e quando me olhou pela segunda vez, demonstrava cólera e falou-me entre dentes:

— O que vieste fazer aqui? Rezar?

A última palavra fora dita com evidente ironia. Eu estava tão abalado que mal pude balbuciar:

— Monsenhor, eu não vos encontrei em vossos aposentos, e...

— Por acaso mandei chamar-te?

— Não, Reverendíssimo... é que eu...

Não consegui terminar. Ele falava sempre baixo, mas com tal energia que me pareceu que gritava. O que li em seus olhos me apavorou mais do que suas palavras:

— Foi isto que te ensinaram no mosteiro?

— Não, Reverendíssimo! Perdoai-me, por piedade!

— Quem te mandou vir me espionar?

— Piedade, Reverendíssimo! Jamais tive esta intenção, juro-vos!...

— Juras!? Juras! E juras pelo quê? Sabes de alguma jura em que eu possa acreditar?!

— Por minha lealdade, Reverendíssimo!

— Pelo teu interesse, melhor dizendo! Retira-te!

Baixei a cabeça e me voltei para obedecer, movendo-me o mais lentamente possível.

— Retira-te depressa!

Por um momento, pareceu-me que tinha voltado no tempo e pensei por um momento ter diante de mim meu antigo Prior, e num átimo olhei para o chão, como se esperasse ver ali a cruz anônima de madeira negra que vigiava o repouso final do Padre Bernard. O sangue pareceu latejar-me na cabeça, e tratei de acelerar o passo antes que perdesse de vez a razão. No entanto, mal cruzei o limiar da saída, pareceu-me ter ouvido um soluço. Voltei-me por um momento, e, de soslaio, vi-o a olhar fixamente para o altar,

com tão pavorosa expressão de angústia que desviei os olhos para a parede, onde uma sombra enorme se projetava como que na minha direção. Consegui travar o grito na garganta, voltei-me para a saída e tratei de correr para os meus aposentos.



## Os Doze Artigos

Nos dias que se seguiram, Midi recebeu de Monsenhor a incumbência de reduzir o número de artigos da acusação e pediu ajuda minha e de Courcelles para redigi-los. Em verdade, bastou seguir a orientação do Bispo de remover as excessivas repetições e separar claramente cada acusação, e conseguimos reduzir de setenta para apenas doze artigos, primorosamente redigidos como se segue:

**A**rtigo I: *uma certa mulher diz e afirma que aos treze anos de idade, aproximadamente, viu, com seus olhos corporais, Saint-Michael que vinha consolá-la, e, algumas vezes, também Saint-Gabriel; que os dois apareciam sob figura corporal e que, algumas vezes, uma multidão de Anjos acompanhava-os. E que, desde então, Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite aparecem a ela corporalmente; que ela via-as todos os dias e que escutava suas Vozes; que às vezes as abraçava e beijava, tocando seus corpos; que via não somente o rosto dos Anjos e das Santas, como também outras partes de seus corpos, mas ela não quis dizer nada sobre isto. Segundo declarou, as duas Santas lhe falaram algumas vezes junto a uma fonte, situada próxima a uma grande árvore chamada de Árvore das Fadas. No que diz respeito à fonte e à árvore, são locais escolhidos para bruxarias, aonde muitos doentes de febres vão para recuperar a saúde, apesar de ser um local profano; ali e alhures ela venerou várias vezes as Santas e lhes fez reverências.*

*Ela diz ainda que, desde essa época, as duas Santas lhe aparecem, ostentando coroas muito ricas e belas; Desde este momento e voltando ao assunto em diversas ocasiões, elas lhe ordenaram ir ter com um certo príncipe do mundo e prometer-lhe que, com sua ajuda e seus trabalhos, ele recobriria por força das armas um grande domínio temporal e uma grande honra mundana, e alcançaria a vitória sobre seus inimigos. A mais, ela acrescenta que essas duas Santas lhe ordenaram, em nome de Deus, tomar e usar vestes masculinas, o que ela fez e o faz até o presente, em obstinada obediência a esta ordem, de forma tão peremptória que a referida mulher tem declarado que prefere morrer a abandonar as ditas vestes.*

*Ela tem feito esta declaração de forma pura e simples, acrescentando às vezes: “exceto por ordem de Nosso Senhor”. Tem preferido ser privada da Missa e da Santa Comunhão nas ocasiões determinadas pela Igreja para receber o dito Sacramento, a vestir roupas femininas e renunciar às que são próprias dos homens.*

*Estas Santas parecem ter concedido idêntica permissão a esta mulher quando, sem o conhecimento e contra a vontade de seus pais, aos dezessete anos aproximadamente ela deixou a casa paterna para juntar-se a homens que professam a profissão das armas, vivendo com eles noite e dia e nunca, ou bem raramente, tendo alguma mulher em sua companhia.*

*Estas Santas têm lhe dito e ordenado muitas coisas mais. Por isto, esta mulher proclama que foi enviada por Deus do Céu e pela Igreja Triunfante dos Santos que já gozam da bem-aventurança, à qual ela se submete em tudo o que tem realizado. No entanto, recusa-se e rejeita submeter seus atos e palavras à Igreja Militante, e, sendo interrogada e admoestada neste ponto por mais de uma vez, responde que não pode fazer de outro jeito, pois tudo aquilo que faz é por ordem de Deus. Acerca destas coisas ela não se reporta ao juízo e à decisão de nenhum homem vivo, mas unicamente a Deus; que estas Santas lhe revelaram que ela gozaria da salvação e da glória dos Bem-Aventurados; que sua alma seria salva desde que preservasse a virgindade que ela lhes consagrou quando as ouviu pela primeira vez. E, desde a época dessa revelação ela assegura que é como se já estivesse salva, como se de repente houvesse sido arrebatada ao Reino dos Céus.*

**Artigo II:** essa mesma mulher diz ainda que o sinal por que o Príncipe a quem ela foi enviada decidiu-se a crer em suas revelações, confiando-lhe a direção da guerra, foi que Saint-Michael se aproximou do dito Príncipe em companhia de uma multidão de Anjos, alguns dos quais apresentavam coroas, outros asas. Entre eles estavam Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite. O Anjo e a dita mulher caminharam juntos pelo chão, subiram pelas escadas e cruzaram o salão em todo o comprimento, seguido pelos outros Anjos e as ditas Santas. Então, um deles deu ao dito Príncipe uma preciosa coroa de ouro puro e curvou-se diante dele em reverência. E em uma ocasião ela declarou que quando o Príncipe recebeu o sinal, ele parecia estar sozinho embora ali estivessem homens bem próximos dele. E em outra ocasião parecia a ela que um Arcebispo recebeu este sinal da coroa e deu-a ao Príncipe, em presença e sob as vistas de vários senhores leigos.

**Artigo III:** esta mulher reconhece e tem como certo que quem a visita é Saint-Michael, graças aos bons conselhos, consolações e às boas doutrinas que ele lhe ensina, e também porque ele nomeou a si mesmo, dizendo-lhe que era Michael. Da mesma forma ela reconhece e distingue Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, uma da outra, porque elas declinaram seus nomes ao cumprimentá-la. Por isto, ela acredita que é visitada pelo verdadeiro Saint-Michael, e que seus atos e palavras são bons e verdadeiros, tão firmemente quanto acredita que Nosso Senhor Jesus Cristo sofreu Paixão e Morte para nos redimir.

**Artigo IV:** a dita mulher diz e afirma que pode ver o futuro tanto quanto vê aquilo que está diante dela, e por isso previu eventos surpreendentes, tendo certeza de que eles se realizarão. Ela se vangloria de ter conhecimento das coisas secretas graças às revelações verbais de Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite. Como, por exemplo, de que ela será libertada da prisão; de que os Franceses terão, graças à sua presença, uma vitória ainda mais gloriosa do que tudo o que a Cristandade viu até agora. Em acréscimo, segundo seu próprio juízo, ela tem reconhecido pessoas que nunca tinha visto antes e que ninguém lhe tinha apresentado, mediante revelação. Assim também lhe foi revelada e dada certa espada oculta na terra.

**Artigo V:** esta mulher diz e afirma que por ordem e vontade de Deus ela tomou e vestiu, como o faz até o presente, roupas próprias de homens. Acrescenta que, como veste estes trajes por ordem de Deus, ela usa capuz, gibão, culote de vários laços, corta os cabelos de forma arredondada em volta das orelhas, e não usa nada que permita identificar seu sexo, exceto aquilo que lhe foi dado pela Natureza. E foi com estes trajes que recebeu o Sacramento da Eucaristia em diversas ocasiões. E embora tenha sido muitas vezes gentilmente solicitada e reprovada, ela recusou-se, como ainda se recusa, a vestir novamente roupas femininas afirmando que prefere morrer a abandonar as vestes que está usando. Ela o diz pura e simplesmente, às vezes acrescentando “a não ser por ordem de Nosso Senhor”.

Ela tem dito que se se encontrasse com estas vestes entre os de seu partido, para os quais ela tomou armas outrora, e se ela pudesse continuar atuando como antes de sua captura, isto seria a maior bênção que poderia advir ao reino de França. Ela acrescenta que por pessoa alguma neste mundo juraria não mais usar vestes masculinas ou armas. Sobre tudo isto ela declara que seus atos eram e são bons, pois tem sido em obediência a Deus e às Suas ordens.

*rtigo VI: esta mulher confessa e afirma que mandou escrever determinadas cartas, algumas das quais afixadas com os nomes “Jesus, Maria” e o sinal-da-cruz; algumas vezes ela assinava com outra cruz, como advertência de que não era para ser feito o que estava escrito. Ainda mais, em outras missivas ela mandou escrever que mataria aqueles que desobedecessem às suas ordens para servir de exemplo, pois tinha a permissão de Deus para agir assim. E frequentemente ela tem dito que jamais fez coisa alguma que não fosse por revelações e ordens de Deus.*

*rtigo VII: esta mulher diz e confessa que, com cerca de dezessete anos, por sua livre vontade, intuitivamente e por revelação, foi ao encontro, de um certo Cavaleiro ao qual nunca tinha visto antes, abandonando a casa paterna contra a vontade de seus pais. Quando eles tiveram ciência de sua fuga, quase perderam a razão. Esta mulher solicitou ao dito Cavaleiro encaminhá-la, ou dar-lhe os meios para que fosse encaminhada, ao Príncipe supramencionado.*

*Então o dito Cavaleiro, um Capitão de soldados, deu-lhe roupas masculinas e uma espada, a pedido dela própria. E ele falou e instruiu a um Cavaleiro, a um nobre e mais quatro soldados para escoltá-la. E quando eles chegaram até o dito Príncipe, esta mulher declarou-lhe que desejava dirigir a guerra contra seus inimigos, prometendo-lhe grande domínio e a vitória sobre seus inimigos dizendo-lhe que tinha sido enviada com este propósito pelo Rei do Céu. Neste caso, ela reafirma que tudo quanto fez foi de acordo com as revelações recebidas de Deus.*

*rtigo VIII: esta mulher diz e confessa que, sem ser obrigada a isso, atirou-se do alto de uma torre, preferindo morrer a cair nas mãos de seus inimigos ou sobreviver à destruição da cidade de Compiègne. Ainda mais, ela tem dito que não pôde deixar de se jogar desse jeito, ainda que Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite tenham-na proibido de fazê-lo, e ela disse que ofendê-las assim foi um grave pecado. Não obstante, afirma saber que foi perdoada depois de ter se confessado, pois isto lhe foi dito por revelação.*

*rtigo IX: esta mulher diz e afirma que Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite prometeram conduzi-la ao Paraíso, desde que preserve a virgindade do corpo e da alma que lhes consagrou. E ela diz que está tão segura disto que é como se já estivesse entre a glória dos Bem-Aventurados. Ela pensa que jamais cometeu pecado mortal, pois, pensa que se os tivesse cometido Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite não viriam mais visitá-la diariamente como o fazem.*

*rtigo X: esta mulher diz e afirma que Deus ama determinadas pessoas as quais nomeia, ainda vivas, e que Ele ama-as ainda mais do que a ela própria, tendo sido informada disso mediante revelação de Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, as quais frequentemente falam-lhe em francês e não em inglês, uma vez que não são do partido dos ingleses. E desde que lhe foi revelado que elas estavam a favor do referido Príncipe, ela deixou de estimar os borguinhões.*

*rtigo XI: a dita mulher diz e confessa que por diversas ocasiões reverenciou as sobreditas Vozes e espíritos, aos quais chama Saint-Michael, Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, descobrindo-se, ajoelhando-se e beijando o chão por onde passam, além de consagrar sua virgindade às ditas santas; que quando abraçou-as e saudou-as, tocou-as e sentiu-as fisicamente; que lhes pede conselho e consolo, chama-as, embora elas frequentemente venham visitá-la sem serem chamadas. Ela tem*

*aquiescido em obedecer a seus conselhos e ordens desde o início, sem pedir conselhos a ninguém, seja seus pais, padre ou qualquer outro prelado ou clérigo.*

*Não obstante, ela acredita firmemente que as Vozes e revelações recebidas através destes santos e santas vêm de Deus e por Sua ordem. E ela acredita nisto tão formalmente quanto na fé Cristã, ou de que Nosso Senhor Jesus Cristo sofreu Paixão e Morte pela nossa salvação. Ela acrescenta que, se algum espírito maligno aparecesse a ela pretendendo ser Saint-Michael, saberia distinguir sua identidade.*

*Esta mulher também tem dito que por sua livre vontade, sem ser a isso solicitada ou constrangida, jurou às suas Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite que apareceram a ela que não divulgaria o sinal da coroa o qual ela deu ao Príncipe a quem foi enviada. E finalmente, ela disse: “a não ser que receba permissão para revelá-lo”.*

**A** *rtigo XII: esta mulher diz e confessa que se a Igreja quisesse que ela fizesse algo em contrário às ordens que afirma ter recebido de Deus ela não obedeceria àquela por motivo algum, afirmando que está totalmente segura de que as coisas que declarou em seus depoimentos foram feitos em nome de Deus e por isto lhe é impossível fazer de outra forma. Ela recusa-se a se submeter ao julgamento da Igreja Militante ou de qualquer outro homem, mas a Deus Nosso Senhor somente, a cuja vontade sempre obedece. E isto principalmente em matéria relativa às suas revelações, as quais ela afirma ter realizado graças a elas. Sobre isto ou sobre outras coisas ela diz que não responde apenas conforme o que pensa, e sim de acordo com as instruções dadas por suas Vozes, embora os Juizes e outros presentes frequentemente lembrem-lhe o que diz a bula Unam Sanctam Ecclesiam Catholicam, explanando-lhe que todo crente durante toda a sua vida deve obediência à Igreja Militante, sendo imperiosa a submissão de todas as palavras e atos à ela sobretudo em matéria de fé e em tudo aquilo que diga respeito à sagrada doutrina e às eclesiásticas sanções.*

— Esplêndido! — disse Monsenhor, depois de ouvir a leitura — Esplêndido! Estão perfeitos! Agora, estes artigos passam a ser apresentados como fatos indiscutíveis, e qualquer parecer baseado neles não poderá deixar de condená-la, a não ser que ousem questionar a veracidade dos mesmos!

O Bispo determinou que deveriam ser oficialmente apresentados no dia 5 de abril a um grupo seletivo de assessores a fim de serem aprovados. Embora presidido nominalmente por Erard Emengart, contou, entre outros, com Beaupère, Jacques de Touraine, Midi, Pierre Miget (Prior de Longueville), Pierre Maurice, William Haiton, Raoul Le Sauvage, Nicolas Coupequesne, la Pierre, Courcelles, e naturalmente, eu.

Todos os convocados receberam a notícia com prazer, exceto la Pierre. Chegou mesmo a me pedir em particular que intercedesse junto a Monsenhor no sentido de retirar seu nome do grupo, o que lhe prometi. De fato, levei o fato ao conhecimento de meu amo, que fechou o cenho e me perguntou rispidamente se eu endossava o pedido. Ao que lhe respondi:

— Favores prestam-se aos amigos, Reverendíssimo.

Ele respondeu num tom menos irritado:

— Penso da mesma forma. Vigia-o bem. Não importa o que tiver que ser feito, promessas, ameaças, faze-o, desde que ele assine! Se no futuro ousar dizer que não aprovou o que fizemos, a assinatura servirá como um desmentido.

Sorri então, intimamente satisfeito, e mais tarde fui procurar la Pierre. Expliquei-lhe que Monsenhor, justamente irritado por aquelas atitudes suas que lhe pareceram bastante suspeitas de deslealdade para com o Tribunal, declarou peremptoriamente que fazia questão de sua presença, esperando, sobretudo, que ele, la Pierre, entendesse a ordem como uma graça que lhe era concedida a título de oportunidade para se redimir. O padre me agradeceu, bastante abatido, e se retirou.

A feitura do resumo de nossas conclusões na verdade ficou novamente a cargo de Midi, Courcelles e eu, já que quase todos estavam dispostos a assinar sem discussão qualquer coisa desde que fosse do agrado do Bispo ou contra a acusada, de preferência ambos. No dia 9, apresentamos o documento pronto, cujo texto, lido em voz alta por Erart Emengard, dizia, entre outras coisas, que

*...nós declaramos ter conscienciosamente considerado, discutido e pesado a qualidade da pessoa em questão, suas palavras e seus feitos, a maneira de suas visões e revelações, seus propósitos, circunstâncias, e tudo que estava contido nos ditos Artigos e Processo judicial, e concluímos que temos razão em pensar que as ditas visões e revelações, das quais ela vangloria-se e afirma serem de Deus, através de Seus Anjos e Santos, não vêm d'Ele, antes são fantasias da imaginação humana ou provindas do espírito do Mal. Ela não tem suficientes evidências para reconhecê-los e acreditar neles; nos supracitados Artigos há invenções e mentiras, improbabilidades e crenças aceitas levianamente por parte dela; superstições e adivinhações; escândalos e atos irreligiosos; palavras repletas de temeridade, presunção, e vanglória: blasfêmias a Deus e Seus Santos (Saint-Michael e Saint-Gabriel); desobediência aos pais; desrespeito à lei do amor ao próximo; idolatria, ou, na melhor das hipóteses, fantasias equivocadas; cisma dirigido contra a unidade, autoridade, e poder da Igreja; palavras que soam como malignas, veementemente suspeitas de heresia.*

*Ao proclamar que estas visões são de Saint-Michael, Sainte-Catherine, e Sainte-Marguerite, e que seus atos e palavras são bons, como firmemente ela crê tanto quanto na Fé Cristã, ela se torna suspeita de erro na fé: pois se acredita que os artigos da fé são menos dignos de crédito que suas visões a quem ela nomeia Saint-Michael, Sainte-Catherine, e Sainte-Marguerite, ao considerar que suas palavras e atos são bons, ela erra na fé. Ao dizer então, como contido no Artigo V e também no Artigo I, que, ao não receber o Sacramento da Eucaristia, no tempo ordenado pela Igreja, ela tem agido corretamente, e que tudo o que tem feito é ordenado por Deus, blasfema contra Ele e tranvia-se da fé...*

Ao término, disse-nos que, caso estivéssemos todos de acordo, poderíamos assinar. Então, com surpresa e desagrado vimos la Pierre, com o rosto crispado, erguer lentamente a mão direita. Receoso de que ele pudesse criar uma cena desagradável ao estilo de Houpeville, numa fração de instante antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, pedi permissão formal a Erart Emengard para uma discussão a sós com problemático padre,

concedida com alívio. Trouxe la Pierre para um canto, enquanto os demais tratavam de assinar, e disse-lhe em voz baixa:

— Meu caro irmão, crê em mim, entendo perfeitamente o que sentes. Tanto quanto eu, sabes que não és o único a senti-lo. Por minha vontade, tampouco estaria neste Julgamento. Mas, como o Senhor disse a Saint-Paul, *dura coisa é recalcistrar contra os agulhões*<sup>277</sup>. Estaria a teu lado com todas as minhas forças, fosse a que preço fosse, e não apenas eu, se assim pudéssemos salvá-la, mas, no presente caso, não será mais do que um sacrifício doloroso e inútil!...

— Sim, mas eu tenho uma alma da qual terei que prestar contas ao Senhor! — respondeu-me no mesmo tom, mas surdamente.

Um lado de mim condeu-se de tamanha ingenuidade, mas resisti à tentação de tranquilizá-lo, confidenciando-lhe que estava a temer apenas lendas; o outro, contudo, estremeceu ante o risco de ele estar com a razão. Mas dominei-me e prossegui:

— É verdade, mas não estamos pedindo-te para mentir...

— Não? E o que são estes Artigos senão uma fraude?

— Mas o ponto não é se são verdadeiros ou falsos! Tu não os escreveste, tampouco te estamos pedindo que jures serem eles a expressão da verdade pura! O que deves dizer é se uma pessoa, acusada com base exclusivamente no que neles está escrito, seria inocente ou culpada! Se, baseado nisso, deres um veredicto injusto, o Senhor cobrará o sangue inocente não de ti, mas tão somente da mão que os escreveu. Repito, não mentirás e te pouparás a um martírio tão doloroso quanto inútil.

Ele acenou que sim com a cabeça, vencido, mas não convencido. Por isso mesmo, antes mesmo que ele tivesse tempo para pensar, tomei-o gentilmente pelo braço e conduzi-o como a uma criança até o papel, molhei a pena no tinteiro e lha estendi, sorrindo. Ainda hesitou em tomá-la, mas por fim assinou depressa. Tomei logo o papel nas mãos, assoprei-o até que a tinta secasse e então lhe disse com o ar mais inocente possível:

— Com a permissão do irmão Emengart, gostaria de dizer ao nosso estimado irmão la Pierre que Monsenhor muito apreciará sua lealdade e sua valiosa colaboração.

Ele me olhou fixamente, e a seguir dirigiu-se a Emengart pedindo permissão para se retirar, alegando não estar se sentindo bem. Tão logo este acenou em consentimento, saiu às pressas lutado contra as lágrimas, ante os olhares e sorrisos dos demais.

Depois disso, o Bispo tratou de encaminhar os Doze Artigos, somados aos nossos pareceres, a um grande número de pessoas versadas, para que opinassem formalmente. À medida que chegavam, iam sendo selecionados, dando-se prioridade, naturalmente, àqueles que atendiam perfeitamente aos nossos interesses. Como, por exemplo, o de Denis Gastinel<sup>278</sup>:

*...aquele que se aventura a uma empresa desse tipo, que professa doutrina tão falsa quanto perversa e não se apressa em retornar à unidade da fé Católica, que se recusa a abjurar tão extravagante doutrina, manchando-se em tão obstinada heresia, sem oferecer a justa reparação aos erros e perversidades*

---

<sup>277</sup> Novo Testamento, Atos, 26:14.

<sup>278</sup> Licenciado em Direito Civil e Canônico.

*de uma doutrina como essa, deve ser abandonado ao braço secular para sofrer a sentença adequada a tais crimes; caso abjure, deve receber os benefícios do perdão, devendo, todavia, sofrer as penas impostas a tais casos, sendo o quanto antes confinado à prisão, com o pão da tristeza e a água da aflição, para que se arrependa de seus pecados e não volte mais a cometê-los.*

Semelhante opinião formulou Basset ...sob a benigna correção das pessoas interessadas... embora afirmasse ter ...pouco ou nada a dizer de importante para a fé, especialmente num caso tão árduo e difícil como este mencionado nos papéis que Vossa Reverendíssima remeteu-me... ao mesmo tempo aproveitando a ocasião para se convidar a meu amo, afirmando no fim que ...apesar da minha indignidade e minha ignorância das Leis, ofereço-me para trabalhar nisto com todas as minhas forças.

As opiniões de meus colegas Jean Garin, Jean Mauguier, Gilles Deschamps, Jean Bruillot, Nicolas Caval e Robert le Barbier<sup>279</sup>, variavam somente no palavreado mais ou menos empolado e laudatório, mas em geral repetiam-se a dizer, com a submissão e os protestos apropriados em matéria de fé, e sem afirmar coisa alguma de forma irrefletida, muito embora se julgassem como não possuindo elevados méritos ou sequer o mínimo para estar entre os que os têm, que consideravam as opiniões dos Doutores e Mestres ...boas, justas, santas e de acordo com as leis sagradas e eclesiásticas... e uniam seus pareceres às dos Doutores e Mestres, estes homens tão versados nas leis divinas e tão experientes em casos desse gênero...

O Abade de Fécamp também foi convidado a dar um parecer.

*Mas, Reverendíssimo Pai e mui distinto Mestre, diante de homens sábios em tão grande número como não pode ser encontrado em todo o mundo, o que minha parca inteligência e a minha língua ignorante poderiam acrescentar? Nada! Portanto, eu me somo às suas opiniões em tudo de conformidade com a deles... Se, Reverendíssimo Pai e Mestre, desejais algo, ordenai-o! Para a realização de vossos desejos pode me faltar competência; jamais, porém, a minha boa vontade. Possa o Altíssimo guardar-vos, Reverendíssimo Pai, e outorgar-vos abençoados tempos de prosperidade e sucesso...*

— Quanta devoção, a de Gilles de Duremort. Não sabia que ele era tão dedicado a vós.

Meu amo replicou brusca e secamente:

— Sim, dedicado o bastante para lembrar ao futuro Arcebispo de Rouen que não se esqueceu da gratidão que lhe deve por causa de Houpeville.

De grande serventia para nós foram os pareceres dos Bispos de Coutances e de Lisieux, não tanto pelo que disseram, mas sim pelo peso de seus títulos. O primeiro, depois de resumir os Artigos, afirmou que

<sup>279</sup>

Cônegos da Igreja de Rouen e assessores neste Julgamento.

*...Naturalmente, não existe razão alguma para supor que vós, reverendo Pai, e os senhores Mestres tão sábios e versados com os quais vos haveis consultado num caso tal, possam... numa questão desta magnitude, fantasiar em torno da verdade. E, embora esta matéria esteja sendo conduzida da maneira mais sábia e mais acurada, e embora eu não possa acrescentar algo de real importância, atendendo ao que vós mandastes... desejo falar errando o mínimo possível, porém antes desejando me abster de omissões em cada um destes artigos desde que eu não dê a impressão de estar ensinando à própria Minerva<sup>280</sup> ...*

Ele não deixava de ter razão, uma vez que seu comprido parecer apenas multiplicou palavras para dizer o mesmo que os supracitados de forma mais sucinta, seja na avaliação dos fatos, seja na cortesia, encerrando a carta com: *...Estou pronto para agir como seja do vosso agrado, e possa a graça do Todo-Poderoso guardar-vos em felicidade conforme vossos desejos.*

— Monsenhor, quanta cortesia! Nunca soube que fôsseis amigos...

— Em política não se tem amigos, e sim aliados! Phillibert de Coutances está simplesmente apostando em minha promoção a Arcebispo.

Neste caso, então nosso velho conhecido Zanon de Castiglione, então Bispo de Lisieux, não apostou tão abertamente assim em meu amo. Seu parecer, que igualmente não primou pela concisão, teve, contudo, algo de original quando afirmou

*...após maduro exame e ponderação... que, entre outros fatores... levando em conta a desprezível condição social de sua pessoa (ou seja, a acusada)... existe razão para concluir que suas visões e revelações não vêm de Deus através de Seus Anjos como ela afirma.*

Baseado nesse princípio, por uma questão de coerência, deveríamos concluir o mesmo a respeito de grande parte das Escrituras, que apresentam visões e revelações recebidas por pessoas de condição social bastante mesquinha, como o eram quase todos os Profetas e Apóstolos.

Chamou minha atenção o parecer de Alespée, que

*...como filho obediente, apesar dos limites impostos por meu pouco saber, a fim de não incorrer em desobediência — o que é proibido por Deus! — e juntando-me aos conselhos que têm sido enviados a vós por escrito pelos veneráveis Padres meus senhores e Mestres, que têm melhor conhecimento da matéria do que eu, creio que a exposição e as proposições enviadas e despachadas por eles são boas, apropriadas, justa e piamente julgadas de acordo com as leis eclesiásticas. Sendo assim, eu me sinto na obrigação de me reportar a*

---

<sup>280</sup> Expressão da época equivalente ao atual “ensinar o Pai Nosso ao vigário”, já que Minerva é a deusa romana da sabedoria.



*elas e me somar às suas decisões e pareceres. Se por acaso tiverdes deliberado com nossa mãe, a Universidade de Paris, a Faculdade de Teologia ou de Direito ou ambas, ou se vos suceder fazê-lo, não pretendo manter uma opinião diferente, à parte de suas deliberações, antes me submeto antecipadamente às delas como sendo as da Santa Igreja Romana e do Sagrado Concílio Geral.*

— Quanta submissão, Reverendíssimo!

— É a maneira de ele dizer que está obedecendo sob coação. Pedindo o parecer da Universidade, apenas tenta eximir-se da responsabilidade atribuindo-a a outro.

— Mas não é só ele. Também os pareceres do Capítulo de Rouen, os de mais onze advogados da Corte de Rouen, de le Barbier, dos abades de Jumièges, e de Cormeilles, embora endossem nossos pontos de vista, recomendam submetê-los à Universidade.

— Fá-lo-emos. Eu desejava e esperava exatamente isto.

— Todavia, isto vai tomar-nos mais tempo...

Ele me olhou com irritação e respondeu contrariado:

— É fato. Por outro lado, nossos pareceres, uma vez aprovados pela mais prestigiosa Universidade do mundo cristão — pois ninguém lá dentro ousará sustentar opinião diferente da minha! — passarão a estar acima de qualquer questionamento, presente ou futuro. Tratarei de providenciar isto.

— Posso perguntar a Vossa Reverendíssima quem será enviado, e quando?

Falei no tom de voz mais suplicante que encontrei, na esperança de ser um dos escolhidos. Era uma forma de ficar por algum tempo a salvo de seus destemperos, ao mesmo tempo cumprindo uma missão de escol. Olhou-me bem e sorriu ao responder:

— Chama à minha presença Beaupère, Jacques de Touraine e teu amigo Nicolas Midi, nesse momento. Estarei no pátio.

Ele pareceu gozar com a minha decepção. Sentindo isso, tratei de torná-la a mais evidente possível, mas obedeci quase de imediato. Encontrei-os próximo da fonte conversando em voz baixa, juntos a Chatillon e Roussel. Como eram todos Doutores em Teologia, fiz-lhes reverência, e ao invés de chamar apenas aqueles que meu amo convocara, dirigi-me ao grupo dizendo-lhes somente que me acompanhassem, pois Monsenhor chamava-os. Tinha que estender minha decepção a mais alguém.

Eles logo se apressaram, particularmente satisfeitos, enquanto eu guiava-os por entre as árvores até visualizar o Bispo, o qual se dirigiu para nós devagar. Ao ver todo o grupo, olhou-me com nítida contrariedade antes de lhes disse formalmente:

— Acerca dos Doze Artigos, a quase totalidade dos pareceres é concorde conosco. Mas foi considerado de bom alvitre submetê-los ao juízo da Universidade de Paris. Aos nossos olhos a medida não somente é justa, como deveras valiosa, portanto, assim faremos, confiando a defesa de nossos pontos de vista aos três Doutores em Teologia que mandei o irmão Aucupis chamar à nossa presença.

Passou os olhos pelo grupo, que se mostrou excitado, olhou de novo para mim e prosseguiu:

— Irmãos Beaupère, Touraine e Midi, preparai-vos, pois deveis partir para Paris ainda hoje.

A seguir, entregou-lhes os documentos e instruiu-os um tanto secamente sobre como apresentá-los ao Reitor, sob as vistas decepcionadas de Chatillon e Roussel, os quais me deitaram um olhar bem pouco simpático, ao que lhes retribuí com meu sorriso mais gentil.

— Explicai-lhe que os pareceres recebidos por nós de um modo geral solicitam, e nós em particular desejamos, um parecer das Faculdades de Direito e Teologia. Ao nosso ver, revelações de Deus e Seus Anjos e Santos não estão ao alcance de qualquer campesino, e toda pretensão a elas precisa ser repelida e condenada, exceto se confirmada pelas Sagradas Escrituras ou por meio de milagres evidentes, o que não é o caso.

— Como não há mais armagnacs na Universidade, não há possibilidades de opiniões em contrário, a não ser que os ratos tenham direito a voto...

Esboçamos sorrisos ao gracejo com que Touraine tentava amenizar a tensão que pairava no ar. Monsenhor, no entanto, cortou-o com rispidez:

— Estamos falando de coisas sérias, não é hora para graças!

Diante do silêncio tenso que se fez, ele continuou no mesmo tom, apontando para si mesmo:

— Uma coisa deve ficar bem clara: na Universidade, até os ratos dirão o que **eu** disser! E **eu** digo que, ainda que *ela* caminhasse sobre as águas, multiplicasse os pães, convertesse água em vinho, curasse os cegos e os leprosos e ressuscitasse os mortos, para este Julgamento isto seria fraude ou sortilégio, jamais milagre! Fui claro?

Engolimos em seco e concordamos, depois quase logo pedimos permissão e nos afastamos, Roussel e Chatillon para um lado, os três outros em outra direção e eu para uma terceira, só, enquanto o Bispo continuava a caminhar por entre as árvores, sem rumo definido, parecendo mergulhado nos próprios pensamentos. Ao menos, senti-me um tanto aliviado por tê-los feito compartilhar comigo as explosões de nervos de meu amo.

Todavia, determinados pareceres naturalmente não puderam ser de valor para nós. Por exemplo, os de Pierre Minier, Jean Pigache e Richard de Grouchet<sup>281</sup>, que responderam juntos em um único documento, em má hora entendendo de julgar, para desagrado de Monsenhor, que

*...uma resposta formal sobre estas declarações, sujeitas à decisão superior, depende de uma positiva distinção a respeito das origens das revelações mencionadas, para a qual não temos suficiente capacidade ...*

Da mesma forma, o do Bispo de Avranches, Jean de Saint-Avit, recomendava que

*...em dúvidas desta magnitude capazes de influenciar tão grandemente a Fé, a mais recomendável solução será dada pelo Papa ou pelo Concílio Geral.*

Mas, se não nos serviu para o Processo, serviu para que o vigiássemos bem. Tanto assim que, dois anos depois, fizemo-lo ser encarcerado, sob suspeita de estar mancomunado com os armagnacs numa tentativa de lhes entregar a cidade. Se era

---

281

realmente culpado ou inocente? Como bem me dissera o antigo Reitor da Universidade de Paris anos antes, isto não fazia a menor diferença...

## Envenenamento

Em consequência do somatório de todos estes acontecimentos, sentimentos contraditórios me arrastavam de um lado a outro, como uma folha seca ao vento do outono. As palavras de meu amo a la Fontaine; a atitude que eu lhe surpreendera na capela do Palácio, tão absurda e insólita que acreditava unicamente por tê-la presenciado com os próprios olhos; sua rispidez constante e despropositada, tudo isso causava-me estranha e penosa impressão da qual não conseguia me livrar.

No outro dia, acordei sentindo o forte impulso de me dirigir à grande torre, a fim de visitar a prisioneira, mas, ao fazê-lo, fui surpreendido por diversos outros padres que passavam por mim agitados e aflitos, falando alto sem que eu pudesse entender o que diziam. Detive o primeiro que passou ao alcance do meu braço, sem mesmo me preocupar em saber quem era, e gritei-lhe:

— O que está acontecendo?

Ele, igualmente olhando sem me ver, respondeu da mesma forma:

— *Ela* está morrendo! Jehanne d'Arc está morrendo!

Soltei seu braço e ele continuou a correr. Quando tornei a dar por mim, antes mesmo que tivesse consciência do que estava acontecendo, vi-me correndo como um desesperado para a cela, subindo os degraus da escada em passadas tão ligeiras quanto me permitiam as vestes, quase atropelando os guardas que saíam da antecâmara:

— A bruxa vai morrer! — disse-me um deles em voz alta, ao me ver.

— Sim, mas vai nos privar do prazer de vê-la assar na fogueira! — retrucou outro.

Senti um enorme desejo de esmurrá-los. Para não fazê-lo, acelerei o passo e cheguei à cela, onde já se encontravam os físicos Desjardins e de la Chambre<sup>282</sup> a falar com Warwick, todos aparentando preocupação. *Ela* estava prostrada no catre, a palha em volta suja de vômito. Aquele quadro provocou-me um choque tamanho que estive a ponto de me abaixar e tomar *suas* mãos nas minhas. Segundo os físicos, a prisioneira ardia em febre.

Mal me saudaram com um aceno de cabeça e voltaram ao assunto que parecia estar em discussão há algum tempo, mas entendi que o Conde se opunha à sangria que os outros indicavam como necessária. O primeiro dizia-lhes:

— Ouvi-me bem, essa jovem de aparência tão frágil e pura é o Diabo em pessoa, um demônio de astúcia! Pode muito bem *se* valer do procedimento para provocar a própria morte!

— Messire, nada entendo do que falais. Sou físico e não político. Afirmo-vos, contudo, que *ela* tem que ser sangrada, e logo, a fim de expurgar os maus humores que *lhe* envenenaram o sangue. Caso contrário, morrerá em pouco tempo. — retrucava de la Chambre.

— Encontrai outro meio qualquer menos perigoso! É vossa obrigação, já que esse é vosso domínio!

O físico sacudiu a cabeça negativamente ao responder:

<sup>282</sup>

Guillaume Desjardins e Guillaume de la Chambre, ambos Mestres em Medicina.

— Messire, a Medicina tem suas próprias leis. Nossos estudos facultam-nos conhecê-las, mas não nos dá o poder de alterá-las, nem mesmo para atender às mais altas conveniências políticas. Se o proibis, então a prisioneira não será sangrada. Todavia, para a tranquilidade de minha consciência, digo-vos mais uma vez: neste caso, *ela* só não morrerá por milagre.

— Talvez um banho... — sugeriu o Conde, reticente.

— Acabará de matá-la. É sabido que *o banho remove a proteção da pele, amolece a carne, os poros abrem-se e, assim, os miasmas podem invadir prontamente o corpo e provocar a morte súbita* <sup>283</sup>.

O Preceptor do Rei vacilou por algum tempo, e por fim disse:

— Se não existe alternativa, faça-se o que tem que ser feito. Não obstante, é preciso mantê-la sob vigilância rigorosa e contínua, pois esta jovem é mais astuta que o Diabo!

Enquanto discutiam olhei em volta, estranhando a ausência de meu amo num momento desses. Olhei para a prisioneira, que por sua vez abriu os olhos pensamente e fixou-os em mim. Parecia-me uma ruína daquela jovem valorosa que nos enfrentava com tanto garbo e coragem. Não me atrevi a *lhe* dirigir palavra, mas procurei olhá-la demonstrando simpatia e compaixão, que, por alguns instantes, conseguiram ser reais.

Tratei de sair o mais rápido que pude, a fim de buscar Monsenhor. Para meu desgosto, encontrei-o junto a d'Estivet. Ambos conversavam bem próximos e em voz baixa, sendo minha presença recebida como a de um intruso que interrompesse uma conversa particular. Dei-lhes a notícia, que o Bispo, para minha estranheza, recebeu aereamente com um protocolar agradecimento, despachando-me a seguir com um simples aceno de mão, parecendo não perceber o sorriso irônico do Promotor para mim. Afastei-me, percebendo que me acompanhavam com os olhos até que eu não estivesse mais à vista.

No dia seguinte tornei a visitar a prisioneira. Ao redor estavam os físicos, o Promotor, Warwick e mais alguns a quem não prestei atenção. Desjardins mostrava-se algo aliviado ao dizer que a febre parecia ter cedido em parte. A seguir, perguntou à prisioneira:

— Lembra-se de ter comido algo diferente antes de adoecer?

Fiquei chocado ao ouvir tão débil aquela voz vigorosa e argentina que tantas vezes rebatera nossas acusações:

— Trouxeram-me um peixe para comer, disseram-me que era uma graça de Monsenhor...

De repente, d'Estivet começou a vociferar, como que transtornado:

— Vaqueira debochada! Só uma vadia de acampamentos assacaria calúnia tão infame contra *seu* próprio Bispo! Você mesma é que andou comendo arenques e provocou isso com *seus* bruxedos! Deus está castigando-a por suas bruxarias de Jezabel <sup>284</sup>!

*Ela* tentou replicar, mas ele abafou sua voz vociferando em termos de cada vez mais baixo calão, até que Warwick cansou-se e pediu-lhe que se calasse, e a nós para que saíssemos. Levei novamente as notícias a meu amo, que continuava a demonstrar a mesma apatia, o mesmo desinteresse.

---

<sup>283</sup> Assim se ensinava na época. A dita “proteção da pele” era aquilo que chamamos hoje “cascão”.

<sup>284</sup> Princesa fenícia, esposa do Rei Acab, que favorecera o culto a Baal no antigo reino de Israel. Vide Velho Testamento, I Reis, 16:31 e adiante.

Mais tarde, de la Chambre voltou com más notícias. A febre voltara a subir, e ele julgava que a culpa fora do Promotor, com suas palavras violentas. Este refutou, furioso:

— Eu!? Eu, culpado de quê?! Alguém aqui acha que *ela* seja apenas uma jovem inocente?!

— Irmão Benedicité, minha função não é julgá-la, mas mantê-la viva. E asseguro que vossas palavras provocaram esta reação!

— É sempre assim! Os incompetentes sempre se justificam culpando a outrem!

Foi quando Desjardins interveio:

— Irmão Benedicité, estais a nos insultar!

— Cala esta boca! A conversa não chegou até as latrinas! Vós não *a* vigiais, e com isso *ela* pode fazer *suas* bruxarias!..

De la Chambre, contendo-se, voltou-se para o Conde e o Bispo, desta vez presente:

— Messire, Monsenhor, peço-vos lembrar ao irmão Benedicité que ele está falando com Mestres em Medicina, não com reles barbeiros<sup>285</sup>!

Todos os rostos se voltaram para Monsenhor, que parecia completamente alheio à discussão que fervia bem diante de seus olhos, para minha mais viva surpresa. Então, Warwick tomou a iniciativa e disse ao Promotor:

— Saiba Vossa Paternidade que apreciamos vosso zelo, todavia, estais a esquecer algo de suma importância: o Rei pagou muito caro por essa mulher a fim de que morra na fogueira, e não de outro jeito! Portanto, proíbo-vos de ir à cela e falar à prisioneira até que *ela* esteja perfeitamente recuperada!

D'Estivet não retrucou, mas seu rosto esvurmava ódio.

Teria sido uma oportunidade de ouro para que a Donzela de Orléans afinal deixasse de ser donzela, e os guardas bem que se entusiasmaram com a ideia. Estavam mesmo a um passo de alcançar o objetivo, quando Warwick entendeu de visitar a prisioneira na hora mais imprópria, e de ter um acesso ainda mais impróprio de cavalheirismo, acudindo-a. A seguir, substituiu os guardas por outros, aos quais proibiu terminantemente molestarem-na sob qualquer forma enquanto a saúde não *lhe* voltasse, deixando-lhes claro que, se *ela* viesse a morrer por qualquer coisa que fizessem, eles ocupariam *seu* lugar, e não apenas na cela. Algumas moedas ajudaram a convencê-los de que teriam muito a ganhar e tudo a perder se desobedecessem. Stafford chegou mesmo a ensaiar um protesto, mas o Preceptor do Rei reduziu-o ao silêncio com um argumento cortante:

— Caso *ela* venha a morrer dentro da cela, que explicações darás ao Cardeal?

Algumas horas se passaram, quando inesperadamente o Preceptor do Rei mandou chamar Monsenhor com a máxima urgência para falar-lhe em particular. Achei por bem acompanhá-lo, embora ele não o tivesse ordenado. Quando o Conde encontrou-nos, parecia completamente transtornado e, para minha surpresa e indignação, explodiu com o Bispo:

— O que pretendeis fazendo tal coisa? Perdestes o juízo ou vos tornastes armagnac? Vossa Reverendíssima ouviu claramente o que eu disse aos guardas: esta mulher está destinada à fogueira, e quem fizé-la morrer de outro modo vai substituí-la no poste! Acaso é isto o que desejais para vós próprio?

<sup>285</sup>

Ou cirurgiões-barbeiros. Eram práticos em medicina, mas sem qualquer instrução formal.

Minha surpresa converteu-se em assombro quando meu amo, ao invés de reagir com o vigor usual que pusesse o Preceptor do Rei em seu devido lugar, respondeu-lhe num tom quase suplicante algo que não pude entender, pois fê-lo em língua inglesa. Este, contudo, replicou com irritada ironia, gritando em francês e apontando para mim:

— Não! Ele pode ficar! Quero que ele saiba bem a que amo está servindo!

O Bispo fez menção de dizer algo, mas o Conde interrompeu-o, dirigindo-se a mim:

— Digo-te do que estamos falando! É a respeito do peixe envenenado que teu digno amo mandou servir à prisioneira!

Do assombro passei ao choque. Por mais que eu raciocinasse, não conseguia entender a razão de tal procedimento. Monsenhor fez menção de retrucar, mas Warwick não o permitiu:

— É inútil negar! Também vosso bom cozinheiro sabe reconhecer quando uma oportunidade vale um saco de moedas! Já imaginastes o que farão o Duque e o Cardeal se por acaso vierem a saber disto?!

Aquela frase foi um sinal. Percebi, tanto quanto meu senhor, que o Preceptor do Rei mostrava-se perfeitamente disposto a guardar segredo, desde que pudesse ganhar algo com isso. A forma com que vi se olharem deixou claro que um acordo estava sendo costurado. Monsenhor afetou humildade e replicou:

— Messire, tendes mil vezes razão. Embora eu tenha tido poderosos motivos para fazê-lo, admito meu erro e não pretendo justificá-lo. Peço-vos unicamente que me seja permitido corrigi-lo. Sei bem o que fiz e, portanto, sei exatamente o que devo fazer.

— E se *ela* vier a morrer?

— Assumo pessoalmente a responsabilidade pela vida *dela*.

Ficaram em silêncio por instantes. Ainda que eu não pudesse entender detalhes, seus olhares e gestos diziam mais do que as palavras. Por fim, o Conde replicou:

— De acordo. Eu vos darei esta chance. Sois o responsável pela vida *dela*. Mas devo advertir-vos, por minha palavra, que se algo assim tornar a se repetir, com o risco de *ela* morrer de outra forma que não na fogueira, tereis que responder por isso, e não a mim, mas perante o Duque e o Cardeal.

A este último nome, o Bispo estremeceu e replicou, em voz sumida:

— Agradeço-vos e asseguro, por minha palavra, que *ela* viverá para a fogueira.

Warwick então fez uma vênia e retiramo-nos em silêncio. Por mais que a curiosidade me espicaçasse, não ousava questionar meu amo. Durante a viagem de volta ao Palácio não trocamos sequer uma palavra, mas não fazia outra coisa senão pensar no assunto, e por fim julguei ter encontrado uma forma indireta de lhe perguntar. No entanto, mal abri a boca e ele me replicou, antes que eu pudesse emitir um som:

— Não te atrevas.

Aquilo me perturbou e repliquei:

— Como assim, Monsenhor?

— Não te atrevas a me questionar.

Respirei fundo e prossegui, de olhos baixos:

— Reverendíssimo, de forma alguma pretendia questionar-vos. Conheço meu lugar. Ia apenas perguntar-vos o que faremos com o cozinheiro que vos traiu.

Ele me olhou bem nos olhos, como que lendo meus pensamentos, e retrucou:

— O que esperas que eu faça?

— Como assim, Monsenhor? Aquele miserável traiu-vos e não pode ficar impune!

Ele me olhou ironicamente, tanto quanto o abatimento lho permitia:

— Realmente? Traze-o então à minha presença.

Parei para pensar e recordei que desde a véspera não o via. O Bispo replicou:

— Como vês, é inútil pensar nisso agora. Ou o Conde pagou-o bem, e nesse caso já deve estar muito longe; ou deve ter mandado matá-lo para que não fale o que não deva, o que dá na mesma. Não, por ora é inútil tentar achá-lo. Talvez mais tarde...

Achei por bem não insistir no assunto, pelo menos por ora. Haveria ocasiões melhores. Nós, contudo, não descansávamos em relação ao Processo. Tão logo julgamos a prisioneira em condições de suportar um interrogatório, reunimo-nos em sua cela a 18 de abril e Monsenhor solenemente tomou a palavra:

— Jehanne, aqui estamos nós, Mestres e Doutores da Igreja, todos movidos unicamente pelo espírito de amor e caridade, para visitá-la em sua doença, a fim de *lhe* trazer o consolo e o conforto que a Santa Igreja oferece a todos os que a seguem e obedecem. Todavia, você tem sido examinada no que diz respeito à fé por homens sábios e experientes, os quais estão bastante preocupados porque, no exame atento e consciencioso de suas respostas, descobriram pontos de vista contraditórios e muito perigosos. Por entendermos que você é apenas uma jovem iletrada e ignorante, mais uma vez *lhe* oferecemos a orientação de homens pios e sábios a fim de instruí-la gentil e honestamente.

A seguir, voltando-se para nós outros, prosseguiu em voz alta:

— Mestres e Doutores presentes, dai a esta moça os mais salutares conselhos para a salvação de *seu* corpo e *sua* alma, como determina a fidelidade que deveis à verdadeira fé, e se *ela* souber de mais alguém que julgue apto para isso, dizei-nos, que o enviaremos para que *a* aconselhe sobre o que deve fazer, manter e acreditar! Afinal, somos todos clérigos, e como tal, por vocação, desejo e inclinação, nosso empenho é salvar as almas e garantir os corpos por todos os meios ao nosso alcance, como se o fizéssemos a nós próprios! Por isso, teremos grande prazer em *lhe* enviar tais homens a fim de instruí-la devidamente e fazer por *ela* tudo quanto a Igreja costuma fazer nestas circunstâncias, para que esta jovem pare de resistir ao Cordeiro de Deus que tanto anseia pelo *seu* retorno!

Acenamos afirmativamente, ao que ele, voltando-se para a prisioneira, concluiu:

— Jehanne, entenda como caridade a admoestação que *lhe* fazemos exclusivamente para *seu* próprio bem. Caso contrário, se uma errada confiança em *seus* pensamentos de jovem inexperiente fizer com que *se* mantenha em obstinada resistência às nossas melhores intenções, então, apesar da dor imensa que isto nos causará, seremos compelidos à triste obrigação de abandoná-la. Pedimos-*lhe* que veja claramente o grave perigo decorrente disso, o que nós, tanto quanto pode a nossa afeição, esperamos seja evitado.

*Ela*, deitada em *seu* catre, respondeu num fio de voz, em tom de súplica:

— Reverendos padres, agradeço-vos o que me é dito para a minha salvação. Creio que verdadeiramente estou em risco de morrer. Caso esta seja a vontade de Deus, peço-vos para ser ouvida em confissão e que me que seja concedida a Hóstia Sagrada, bem como para me enterrarem em solo consagrado.

Meu amo disse-*lhe*, suave e paternal:



— De nossa parte, estamos prontos a atendê-la. Da *sua*, contudo, é imperioso que submeta *seus* atos e palavras ao juízo ortodoxo e reto da Santa Madre Igreja, como é obrigação de todo bom católico. Enquanto *se* recusar a isto, não poderá receber nenhum sacramento, exceto o da Penitência, que estamos prontos a *lhe* ministrar a qualquer tempo.

Depois de algum tempo, a prisioneira respondeu:

— Neste caso, nada mais tenho a dizer-vos.

O Bispo olhou para nós, surpreso. Como um pai ansioso e preocupado, prosseguiu:

— Pense bem, minha filha: esta doença pode ser-*lhe* fatal, talvez este seja o momento decisivo para corrigir *sua* vida. Você não pode fruir os direitos que a Igreja *lhe* dá, como católica, se não *se* submete à Igreja.

— Se eu morrer nesta prisão, peço-vos para ser enterrada em solo consagrado. Caso contrário, eu me reporto a Nosso Senhor.

— Mas você mesma disse-nos que se houvesse dito ou feito algo que fosse contrário à fé Cristã ordenada por Deus, você não o sustentaria.

— Eu me reporto, em tudo o que disse e fiz, a Nosso Senhor.

Monsenhor elevou a voz ao dizer-*lhe*:

— Aceite o bom conselho que recebe por meio de tão notáveis clérigos e doutores, confie neles, pela salvação de *sua* alma! Aceite submeter todos os *seus* ditos e feitos ao julgamento da Igreja Militante!

— Nada mais tenho a dizer senão aquilo que já disse perante o Tribunal.

— Você disse ter recebido revelações por meio de Saint-Michael, Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite. Se alguma outra criatura dissesse ter recebido revelações de Deus referentes à *sua* missão, você acreditaria nela?

A jovem custava a responder, provavelmente em função do esgotamento:

— Qualquer pessoa que viesse a mim dizendo semelhante coisa, eu teria como saber se era verdade ou não, perguntando a Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite.

— Não crê que Deus poderia fazer uma revelação a alguma boa criatura sem que você soubesse?

— Sei bem que Ele pode. Mas eu não acreditaria em quem o dissesse, a não se que eu recebesse disso algum sinal.

— E você por acaso crê que as Sagradas Escrituras foram reveladas por Deus?

— Vós bem o sabeis, e é bom se saiba que o foram.

Monsenhor elevou ainda mais a voz, num tom que tanto podia ser de aflição como de impaciência:

— Jehanne, não se deixe levar pelo pecado mortal da soberba, pare de resistir aos que desejam salvá-la! Não há como salvar *sua* alma, a não ser que você *se* submeta irrestritamente, em todos os *seus* atos e palavras, à Igreja Militante! Pela salvação de *sua* alma, faça-o agora, já!

Tive que me aproximar para ouvir *sua* resposta:

— Não direi nada diferente do que já disse diante do Tribunal.

Estava claro que a debilidade de seu corpo em nada debilitara a fibra do *seu* caráter e *sua* vontade férrea. O Bispo olhou em volta com desagrado, detendo-se particularmente em mim, supus que desejando minha intervenção, mas preferi não entender. Midi, contudo,

depois de uma silenciosa troca de olhares e acenos, atendeu-o e dirigiu-se à acusada usando o mesmo jeito afetuoso com que eu *a* tratava:

— Jehanne, minha pobre criança: o engano de *seu* coração é ver-nos como inimigos. Não o somos. Nada nos seria mais fácil do que abandoná-la à própria sorte. Porém, movidos pelo espírito de caridade e amor a Deus e à Igreja, nosso único e verdadeiro empenho é a salvação das almas, incluindo a *sua*, tão perigosamente em risco de se perder. Não obstante, não podemos salvá-la se não quer ser salva. Como pretende ser boa católica sem absoluta submissão à Igreja? É como se dizer boa filha recusando obediência a *seu* pai ou *sua* mãe! Nossa exortação tem esse papel. Pense em nós como sendo *seu* pai ou *sua* mãe a adverti-la. Saint-Mathieu diz: *se teu irmão pecar contra ti... vai e chama-o à Igreja; mas se ele não escutar a repreensão da Igreja, deve ser considerado como um pagão*<sup>286</sup>. Igualmente, minha filha, se você não *se* submete às caridosas exortações da Igreja, esta se verá obrigada, com pesar no coração embora, a tratá-la como pagã, herege e infiel. Por acaso deseja para si mesma tão triste destino, ser expulsa do seio da Igreja? Não *se* compadece de si própria?

A prisioneira suspirou antes de responder com dificuldade:

— Fui devidamente batizada, sou boa cristã e boa cristã morrerei.

— Pois então prove-o, submetendo-se à Igreja, como é dever de todo verdadeiro cristão! Submeta-se, viva como cristã, e se tiver que morrer, ao menos morra como cristã, no seio da Igreja, recebendo os santos sacramentos pelos quais *seu* próprio coração anseia!

Como *ela* parecesse vacilar, esperamos com alguma ansiedade, até que respondeu:

— Acerca disso, não tenho outra resposta a dar. Eu amo a Deus, sou boa cristã e desejaria ajudar e defender a Santa Igreja com todas as minhas forças.

Foi então que o inesperado aconteceu. D’Estivet se aproximou e pôs-se a vociferar, descontrolado:

— Escute aqui, vaqueira: você é cínica, ou apenas imbecil?! Como pretende defender a Igreja quando não pode nem sequer salvar a própria pele?! Olhe bem para onde está! Será tão ingênua a ponto de não perceber que já é carne assada para os ingleses, que daqui só sairá para a fogueira?!

— Cala-te!

Meu amo gritou tão alto e levantou a mão de tal jeito que julguei seria o Promotor espancado ali mesmo, o que me teria dado enorme prazer. De fato, era o que aquele imbecil merecia, pois estava prejudicando-nos ainda mais do que la Pierre. Afinal, enquanto *ela* pudesse alimentar alguma esperança, podíamos arrancar-lhe algo em nosso proveito. Será que o ódio fazia-o esquecer quão perigoso pode ser alguém que nada mais tem a perder?

Seu olhar para o Bispo foi o de um cão que latisse para um estranho e não entendesse por que o dono o recriminava. Tão grande o meu prazer que tomei a liberdade de pedir a meu senhor (em voz baixa, mas não tanto que os demais não pudessem ouvir) que o escrivão não registrasse este fato, a fim de “salvaguardar a dignidade do Promotor”. Pelo olhar com que ambos me envolveram, sabiam que eu sabia ser minha intervenção perfeitamente desnecessária, mas Monsenhor apenas acenou com a cabeça em sinal de

<sup>286</sup>

Novo Testamento, Mateus, 18:15-17. A omissão de parte do texto consta no original.

concordância. Tendo voltado o silêncio, Midi olhou para o Bispo num pedido de permissão, e diante do gesto de aquiescência, voltou-se para a prisioneira, perguntando-*lhe* em tom afetuoso e paternal:

— Ficaria contente se uma boa e santa procissão fosse realizada em favor de *seu* bom restabelecimento?

*Ela* custou a responder:

— Desejaria muito que a Igreja e os bons católicos orassem por mim.

O Bispo então *lhe* fez um gesto silencioso para que terminasse e nos retiramos a seguir.

## Admoestação Pública

Tivemos que aguardar até 2 de maio para a admoestação pública, a qual teve lugar no amplo aposento próximo ao Grande Salão. Uma vez reunidos os Assessores, o Bispo tomou a palavra dando início ao seu previsível discurso:

— “Aqui estamos porque, depois de esta mulher ter sido interrogada e responder aos artigos judicialmente preparados contra *ela* pelo Promotor, nós enviamos o sumário de *suas* confissões, escritas e resumidas na forma de Doze Artigos, aos Doutores e demais pessoas versadas em Direito Canônico e Civil a fim de obtermos seus pareceres.

Então, depois de acurado exame, percebemos que as respostas da ré são repreensíveis em muitos pontos, o que nos impede de encerrar o caso. E para chegarmos à sentença mais honesta possível, homens sábios e conscienciosos têm se empenhado por todos os meios em instruir essa mulher nos pontos onde *ela* parece-lhes estar em erro, para, da melhor forma possível, trazê-la de volta ao caminho da Verdade.

Nada há que desejemos com mais ansiedade, com todas as nossas forças, do que atingir este objetivo. Eis o que devemos todos buscar, especialmente nós que vivemos na Igreja e para o ministério das coisas santas: mostrar-lhe, com toda a caridade, o quanto *suas* palavras e atos estão em desacordo com a religião, a verdade e a fé, prevenindo-a caridosamente para que considere a própria salvação.

Visando este fim, primeiro nós tentamos guiá-la por meio de vários notáveis Doutores em Teologia, os quais enviamo-la por não poucas vezes em diferentes dias. Eles se entregaram com todo o zelo possível a esta missão, sem, contudo, coagi-la. Mas a malícia do Diabo tem prevalecido e eles até agora não alcançaram seus objetivos.

Quando nós percebemos que admoestações privadas não davam frutos, pareceu-nos oportuno que, através de uma assembleia solene, essa mulher fosse por vós gentil e caridosamente admoestada a *se* corrigir, contando que entre vossas presenças e exortações *ela* possa mais facilmente ser induzida à humildade e à obediência, e dissuadida de confiar tanto em *sua* própria opinião, antes dar crédito às exortações de homens tão sábios, tão versados nas leis humanas e divinas e tão dignos de confiança, cujo desejo único é salvá-la dos grandes perigos aos quais *a* veem expor *seu* corpo e *sua* alma.

Para dirigirmos a *ela* esta solene admoestação, achamos por bem indicar um vetusto e sábio Mestre em Teologia particularmente versado nestas matérias, Jean de Chatillon, Arquidiácono de Évreux, o qual, se for do seu agrado, aceitará a presente tarefa de demonstrar a esta mulher certos pontos nos quais *ela* está em erro, segundo os pareceres e as consultas que recebemos das ditas autoridades; e há-de persuadi-la a abandonar *suas* faltas e erros mostrando-lhe o caminho da Verdade.”

A escolha não me surpreendeu, pois ele passara os dias anteriores rondando o Bispo como um cachorro ao dono, embora nada dissessem quando eu me aproximava. Mas não posso dizer que a escolha tenha me entusiasmado, sobretudo ao ver o maçudo volume de papéis que o escolhido trouxe nas mãos ao se levantar, contendo a custo o sorriso ao prestar reverência a meu amo e à Corte. Na verdade, Courcelles ou Erart, teriam sido opções nitidamente melhores, caso meu amo houvesse achado por bem consultar minha opinião. Este, por sua vez, concluiu:

— Agora, portanto, essa mulher será trazida perante vós para ser admoestada. Se algum dentre vós julgar que ele pode dizer ou fazer algo de bom que facilite o retorno ou a proveitosa instrução da acusada para a salvação de *seu* corpo e *sua* alma, rogamos a este que não hesite em falar-nos ou à assembleia.

A prisioneira foi trazida à nossa presença e Monsenhor dirigiu-*lhe* a palavra:

— Jehanne, você foi trazida para aqui a fim de receber uma justa e caridosa admoestação, cujo objetivo não é outro senão a salvação de *seu* corpo e *sua* alma, ambos tão perto do fogo material da fogueira, e pior, do fogo inextinguível do Inferno. Portanto, em nosso próprio nome, bem como do Vice-Inquisidor, aqui presente, nós, *seus* Juízes, aconselhamo-*la* enfaticamente a prestar a máxima atenção aos conselhos e avisos que o senhor Arquidiácono, sábio e piedoso Mestre em Teologia Sagrada, dirigirá a você, porque ele vai falar coisas mui proveitosas à salvação de *seu* corpo e *sua* alma, coisas estas que você tem o imperioso dever de aceitar, se realmente deseja ver-*se* livre dos perigos que ameaçam ambos.

A seguir, por mera formalidade o Bispo consultou le Maistre, que respondeu com voz quase inaudível e um aceno de cabeça, e a palavra foi passada ao orador do dia.

Um simples olhar à acusada bastou-me para sentir que toda a debilidade física de há poucos dias desaparecera. *Ela* estava ali diante de nós com a mesma disposição combativa de sempre. Certamente precisaria de todas as forças que tivesse para manter os olhos abertos ao som daquela voz monocórdica a recitar frases formais e cediças extraídas daquele calhamaço assustador. Se ele fosse ler tudo aquilo, que Deus tivesse piedade *dela* e de nós.

Se a estratégia dele consistia em vencê-*la* pelo cansaço, então suas chances de vitória eram esplêndidas. Ao longo da vida já tinha tido que resistir mais de uma vez a arengueiros maçantes e soporíferos, mas aquele dia estava exigindo de nós verdadeiros prodígios de esforço para nos mantermos acordados. Olhava em volta e percebia que não era o único a tapar o rosto para bocejar seguidas vezes, e a única virtude do orador do dia era o milagre de não se perder no meio de seus papéis.

Para me distrair, punha meus olhos sobre o rosto da acusada. Parecia-me que *ela* lutava em vão para tentar entender aquele palavrório empolado e pedante, recheado de citações latinas acerca da bula *Unam Sanctam*, com o qual Chatillon procurava provar-*lhe* a necessidade imperiosa de *sua* total submissão à Igreja Militante, mas com prolixidade tal que, se algum de nós conseguisse o heroísmo de prestar atenção, assim mesmo teria sérias dificuldades para compreender. Perdi a conta de quantas vezes tive que ouvi-lo repetir *bis peccat qui crimen negat* <sup>287</sup>.

Estava prestes a sucumbir ao sono, quando Chatillon em determinado momento parou de ler seu calhamaço interminável, olhou-*a* diretamente e perguntou-*lhe* em tom áspero, como que ofendido, o que tinha a responder acerca do que ouvira até então. Aquela voz feminina respondeu cortando a atmosfera modorrenta da sessão:

— Terminai de ler vosso livro e então vos responderei.

---

<sup>287</sup> Antigo aforismo jurídico romano: *quem nega o crime* (do qual é culpado) *peca duas vezes* (pelo crime e pela mentira).

Mesmo alguns assessores não puderam se conter e várias gargalhadas agitaram a sala. Pareceu-me que até mesmo Monsenhor riu, um riso vingativo e mau, enquanto o orador, perturbado com aquela reação, mexia nervosamente em seus papéis, lutando por voltar ao ponto onde parara. Mas, finalmente a leitura terminou (para alívio de todos) e Chatillon perguntou à acusada em tom de irritada ironia:

— *Terminei de ler o meu livro*. Pode responder agora o que tem a dizer acerca de tudo o que *lhe* foi tão trabalhosamente exposto unicamente para o *seu* próprio bem?

Se eu estivesse no lugar *dela*, responderia que estava disposto a submeter-me fosse ao que fosse, desde que não precisasse suportar outra preleção do gênero. A acusada respondeu:

— Em todas as coisas confio em Deus, meu criador. Amo-O de todo o coração.

Chatillon, dando-se ares de ofendido, tornou então a mexer em seu papelório enquanto pedia a meu amo e a le Maistre permissão para dar início à sua admoestação particular, o que certamente não causou entusiasmo a ninguém. Eu, Courcelles, d'Estivet e mais alguns outros olhamos para Monsenhor do jeito mais suplicante que tínhamos, mas o Bispo acenou afirmativamente e nos preparamos para mais um tempo de suplício para os nossos ouvidos. Mesmo a acusada suspirou fundo quando aquela voz maçante recomeçou, prevenindo-nos que dividira seu sermão em seis artigos, o que fez d'Estivet cutucar-me, murmurando ao meu ouvido:

— Pobre Jehanne. Será que a fogueira consegue ser pior do que isto?

Então, cochichei-lhe de volta:

— Pelo menos, faremos jus a mais seis indulgências para nossos pecados...

Sorriu, aquiescendo, mas quando ia retrucar-me, Chatillon olhou para nós dois, visivelmente contrariado. Calamo-nos então, enquanto ele recomeçava, obrigando-nos a retomar quase de imediato a luta contra o peso de nossas pálpebras:

— Artigo I: Lembro-lhe, Jehanne, que você recentemente nos disse que, se os clérigos *lhe* apontassem alguma coisa maligna em *seus* atos e palavras, você *se* corrigiria a esse respeito. Isto foi uma coisa boa e louvável de se dizer, pois todo Cristão deve ser submisso, sempre pronto para obedecer àqueles que sabem mais do que ele, e dar maior crédito ao juízo dos homens melhores e mais sábios que a si próprio... se você deseja reformar-*se*, como é dever de todo Cristão devoto, os clérigos estão sempre prontos para tratá-*la* com toda a generosidade e caridade, tendo por objetivo *sua* salvação. Todavia, se, de outro modo, por arrogância e altivo orgulho, você persistir em *seu* próprio caminho, imaginando que entende de assuntos de fé melhor do que Doutores e homens doutos, saiba que *se* expõe a graves perigos..."

Como *ela* não respondesse, prosseguiu no segundo artigo:

— "...todo Cristão está obrigado a crer que a Santa Igreja é única e Católica, que o Espírito Santo a governa, e por isso jamais ela pode errar; todo Católico é obrigado a obedecê-la como à sua própria mãe, submetendo todos os seus próprios atos e palavras ao julgamento dela, e ninguém, quaisquer que sejam as aparições ou revelações que receba, pode subtrair-se ao julgamento da Igreja, à qual os próprios Apóstolos submeteram-se... nossa mãe, a Igreja, é o infalível guia ao qual devemos nos conformar em todas as coisas... toda revelação vinda de Deus ensina-nos a submissão e a obediência aos nossos superiores... Nosso Senhor nunca desejou que qualquer pessoa se presumisse sujeita ou

reportasse seus atos e palavras a Ele tão somente... pois entrega às mãos dos clérigos a autoridade e o poder para discernir e julgar se são boas ou más as ações do crente. Quem deles escarnece, escarnece de Deus; aquele que os escuta, escuta a Deus... a Igreja Católica é incapaz de erros ou de julgamentos falsos... e aquele que persiste em contradizê-la deve ser considerado como herético, é cismático, e demonstra pensar malignamente a respeito da santidade da Igreja e da infalível orientação do Espírito Santo, sendo que as leis canônicas e civis impõe pesadas punições a ser infligidas a quem comete tais erros”.

Como *ela* se mantivesse calada, ele perguntou-lhe diretamente:

— O que tem a dizer com respeito a estes artigos?

— Reporto-me ao que já disse anteriormente.

— Ou seja, nega submeter-*se* à Igreja Militante?

— Eu acredito na Igreja da Terra, sim. No entanto, como já disse de outras vezes, no que diz respeito ao que fiz e disse, reporto-me unicamente a Deus.

— Acha então que a Igreja Militante não tem competência para julgar *seus* atos e palavras?

Conforme falavam, a modorra geral desapareceu e o ambiente tornou-se movimentado, como sempre acontecia quando *ela* se manifestava. Éramos forçados a admitir, mesmo a nosso mau grado, que, num jogo monótono no qual nos tínhamos por mestres absolutos, esta jovem nos enfrentava como nunca havéramos visto alguém ousar. Momentos havia em que o brilho de *suas* respostas me excitava de tal forma que, se *ela* não fosse mulher, julgaria estar num dos típicos debates da Universidade. Então vibrava com *suas* vitórias e ria-me intimamente da cara de derrota dos diversos inquiridores, esquecendo por alguns instantes que havia o destino de dois reinos em jogo e o vulto de uma fogueira à espera no final. A prisioneira respondeu, medindo as palavras:

— Eu acredito que a Igreja Militante não pode errar. Mas, a respeito de meus feitos e ditos, submeto-os e reporto-os a Deus, que me ordenou fazer todas estas coisas!

Chatillon pareceu desconcertar-se e retrucou em voz alta:

— Então você acha que ninguém na Terra pode julgá-*la*, nem mesmo o Santo Padre, o Papa?

*Ela* hesitou visivelmente antes de replicar, mas respondeu com firmeza:

— Nada mais tenho a dizer sobre isto. Tenho um bom Mestre, Nosso Senhor, de quem tudo espero e de nenhum outro.

Ele retrucou-*lhe*, gritando, nervoso, como que descontrolado:

— Se continuar *se* recusando a submeter-*se* à Igreja Militante e à bula *Unam Sanctam*, será declarada herege e entregue ao braço secular, cuja sentença é a fogueira!

A acusada ouviu e retrucou com uma calma que me apavorou:

— Já vos disse tudo o que tinha a dizer e nada mais direi, mesmo diante da fogueira.

Aquilo causou um momento de silêncio. Levou quase um minuto até que Chatillon conseguisse falar de novo, mas a voz dele fez-se quase suplicante ao perguntar:

— Porventura diante do Santo Padre, dos Cardeais ou do Concílio Geral, você *se* submeteria?

Mais uma vez a acusada hesitou, julguei que tentava entender o que aquilo significava. Depois de alguns instantes, respondeu:

— Vós não tereis de mim outra resposta!

O inquiridor olhou, suplicante, para o Bispo, mas este, com um gesto firme de cabeça, ordenou-lhe prosseguir, ao que aquele obedeceu a custo, lendo o artigo terceiro, que dizia respeito às suas roupas e repetia tudo o que já tinha sido dito antes, quase com as mesmas palavras:

— “... e você continua a vesti-las contínua e desnecessariamente, o que é escandaloso, contra a honestidade de *seu* sexo e contra os bons costumes. Corta os cabelos curtos de forma arredondada, como os soldados. Todos estes hábitos são contrários às ordens que Deus determinou em Deuteronômio, capítulo XXII: *Não haverá traje de homem na mulher, e não vestirá o homem vestido de mulher, porque qualquer que faz isto é abominação ao Senhor teu Deus*; contrários às instruções dos Apóstolos, que dizem que a mulher tomará véu sobre a cabeça<sup>288</sup>; proibidos pela Igreja... e são um mau exemplo para as outras mulheres. E especialmente você está em erro quando, por bizarro apego às *suas* vestes ignominiosas, prefere ficar sem receber o sacramento da Eucaristia nas ocasiões determinadas pela Igreja, a tirar estas roupas e pôr outras com as quais poderia receber o sacramento com decência e reverência...”

Como *ela* nada dissesse, perguntou-lhe:

— Aceitaria vestir roupas apropriadas a *seu* sexo se *lhe* dermos permissão para assistir à Missa e receber os santos Sacramentos?

A prisioneira respondeu severa e incisiva:

— Já o disse de outras vezes: desejo um vestido longo e um véu feminino para ir à Igreja e receber a santa Eucaristia; mas depois disso, eu os tirei e tornarei a usar as roupas que estou usando agora!

— Qual a necessidade de manter estas vestes aqui na prisão?

Eu cheguei a sentir o rosto vermelho e quente! Será que ele pretendia ser o único a não saber tudo quanto *ela* vinha sofrendo desde que caíra em nossas mãos? Estaria cego a ponto de não enxergar os diversos hematomas e equimoses que se exibiam em *sua* pele diante de nossos olhos? A acusada respondeu:

— Quanto houver terminado de fazer o que Deus me ordenou, retomarei vestes femininas.

O quarto artigo dizia, entre outras coisas:

— “...você sustenta que tudo o que fez foi correto e sem erros. No entanto, dizer que agiu bem quando agiu contra o que ensinam os Santos, contra os mandamentos de Deus e Seus Apóstolos, em escárnio dos ensinamentos da Igreja, por simples obstinação em vestir roupas indecentes e desonestas, é desvio da fé, e quem sustenta parecer tão errado faz-se herege. Ainda mais, você deseja atribuir a responsabilidade de *seus* pecados a Deus e Seus Santos: no que você blasfemou d’Eles ao Lhes atribuir indevidamente tais coisas...”

*Ela* encarou-o e respondeu:

— Nunca blasfemei de Deus ou de Seus Santos.

— Quando Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite vinham a você, fazia o sinal-da-cruz?

— Algumas vezes sim, outras não.

---

288

Novo Testamento, I Coríntios, 11:5-10 e 15.



No artigo quinto, também repetiu quase da mesma forma todos os nossos argumentos anteriores sobre suas visões, afirmando:

— “...assim você demonstra quão perigoso em extremo foi acreditar tão audaciosamente que qualquer um está apto a receber tais aparições e revelações, pois você **mentiu** a respeito das coisas de Deus, profetizando e falando falsamente coisas que não *lhe* foram reveladas pelo poder divino, e sim inventadas pela fantasia de *seu* coração... disso nada mais pode resultar senão a sedução do povo, o surgimento de novas seitas e muitas outras más inclinações para a subversão da Igreja e do povo Católico... quão grave e perigosa, ao nosso entendimento, é a curiosidade voltada para coisas efêmeras, que põe fé em novidades sem antes consultar a opinião da Igreja e seus prelados; ou inventar coisas surpreendentes, pois os demônios estão habituados a inclinar os desprevenidos para este tipo de extravagância por meio de instigação oculta ou por aparições visíveis nas quais eles se fantasiam em anjos de luz, simulando a aparência de piedade ou de alguma outra virtude a fim de encaminhar aqueles que os escutam para pactos perniciosos, arrastando-os ao erro, o que Deus permite para castigo da presunção daqueles que se permitem ser conduzidos para tais coisas...”

Questionada, *ela* retrucou:

— Com relação às minhas revelações, reporto-me a meu Juiz, que é Deus, pois minhas revelações vieram d’Ele.

— Em relação ao sinal dado ao seu rei, você se reportará ao Arcebispo de Reims, ao Senhor de Boussac, a Charles de Bourbon, ao Senhor de la Trémoille e a Messire Étienne, chamado la Hire, para os quais ou parte dos quais você disse que mostrou a coroa, estando presentes quando o Anjo trouxe-a ao rei, o qual posteriormente deu-a ao Arcebispo? Ou você concorda em reportar-*se* a alguém do seu partido que possa escrever para este Tribunal com o *seu* selo acerca disto?

Ela visivelmente hesitou antes de responder:

— Dai-me um mensageiro em quem eu possa confiar e eu *lhes* escreverei acerca deste Processo. A não ser assim, não aceitarei nem me reportarei ao testemunho deles.

A frase provocou murmúrios entre os Assessores. Chatillon vacilou olhando para nós, depois respirou fundo, folheou seus papéis e leu o sexto Artigo:

— “Estas revelações fictícias têm sido a raiz que *a* tem induzido a muitos outros crimes, e, usurpando a prerrogativa de Deus, você não hesitou em enunciar e afirmar eventos futuros, a descoberta de objetos ocultos, tal como uma espada enterrada no campo... o que não passa de adivinhação, vanglória e temeridade... você disse também que tinha prestado adoração a essas coisas novas que *lhe* apareceram, embora não tivesse a respeito delas provas suficientes para crer que eram bons espíritos, pois não tomou conselho com padres ou outros eclesiásticos sobre isto, porém seguiu *seu* próprio juízo num assunto onde o perigo de idolatria sempre é iminente... você acreditou temerariamente onde não deveria ter dado senão uma pálida crença, mesmo se existisse algum tipo de realidade nestas aparições (o que, a nosso ver, é falso)... parece o mesmo que dizer que não existe razão para se crer mais na fé Cristã e seus artigos, os quais a Igreja confiou a nós, do que em quaisquer aparições novas e estranhas... Cristo e Seus Santos ensinam que não se deve dar tão leviano crédito a aparições deste tipo...”

Ao terminar, perguntou à acusada:

— O que você diz de *sua* temerária pretensão de profetizar eventos futuros?  
— Reporto-me a Deus. Já respondi a esta questão, minha resposta está em vosso livro.

— Aceitaria submeter-se à igreja de Poitiers, a mesma que já a examinou?

*Ela* respondeu naquele tom que usava ao responder algo que lhe parecia óbvio:

— Achais porventura que vou me entregar desse modo às vossas mãos? Se eu a aceitasse, estaria igualmente aceitando igualmente a de Rouen. Ou a Igreja é diferente em cidades diferentes?

Aquela firmeza pareceu desconcertar Chatillon. Não deveria, pelo que já tínhamos visto. Bem que eu achava que ele não estava à altura deste encargo. Qualquer outro que não ele, até mesmo eu, teria feito um papel menos lamentável. A pergunta seguinte pareceu-me fruto do desespero:

— Se trouxermos alguns clérigos do *seu* partido mediante salvo-conduto, você aceita se reportar a eles acerca de *suas* aparições e em tudo o que diga respeito a este Julgamento?

Houve um murmúrio de desaprovação na sala. O que ele pretendia com essa oferta? O que esperava obter com isso?

— Caso eles venham, responderei a esta questão.

Era irritante ver com que facilidade ele se desconcertava. Vacilou, olhou para seus papéis e para nós como uma criança procurando pela mãe. Erart fez-lhe um gesto discreto, aquele se aproximou e trocaram cochichos. Depois disso, Chatillon pareceu ter recuperado a capacidade de falar:

— Pense bem no que está fazendo. Está se expondo ao risco de ser abandonada pela Igreja, o que significa um grande perigo para o corpo e para a alma. Não falo apenas do fogo material em que *seu* corpo queimará em consequência da sentença dos Juizes, mas também das chamas eternas que consumirão *sua* alma pelos séculos dos séculos no Inferno.

A prisioneira correu os olhos em volta, olhando para cada um de nós, o que me fez temer algo que não sabia. Então disse, lenta e firmemente:

— Não fareis contra mim o que dizeis sem que disso decorra grandes males para o corpo e para a alma.

Por um instante, ninguém conseguiu falar. O inquiridor disse num tom de voz que mais uma vez me pareceu suplicante:

— Dê-me uma razão, uma única, pela qual você *se* recusa a submeter-se à Igreja Militante!

Durante um tempo de silêncio que me pareceu imenso *ela* encarou-o fixamente, depois se limitou a responder:

— Já vos disse: reporto-me a Deus, que é meu Juiz, e ao que já disse antes. Não tereis outra resposta de mim.

Quase logo se seguiu uma balbúrdia em que vários outros ignoraram Chatillon e tomaram a palavra, por vezes falando todos ao mesmo tempo, insistindo com a prisioneira para que se submetesse. Pareceu-me que queriam evitar um grande perigo antes para si mesmos que para *ela*, mas não ousei dizer coisa alguma.

O Bispo então fez um gesto e todos se calaram. Voltou-se então para a acusada e disse-lhe:

— Esperamos que você tenha prestado bastante atenção em nossos conselhos, pensado maduramente sobre a caridosa admoestação que *lhe* fizemos, e que isto *a* faça mudar de ideia.

*Ela* encarou-o de tal maneira que eu teria me perturbado. Pareceu-me que se mediam como dois adversários, e a prisioneira então respondeu com outra pergunta:

— Quanto tempo vós me dareis para que eu pense em tudo isto?

Ele sorriu levemente ao responder-*lhe*:

— Agora. Responda como desejar.

Durante algum tempo, outra vez se encararam em estranho silêncio. Meio que bruscamente, pareceu-me, Monsenhor voltou-se então para os guardas, ordenando que *a* levassem de volta à cela.

## Vésperas

Monsenhor mandou chamar ao seu Palácio alguns Assessores. Mais particularmente Beaupére (que voltava temporariamente a título de dar notícias sobre as discussões na Universidade), Erart, Chatillon e la Pierre. Então, disse-nos que, tendo em vista a probidade e lealdade indefectíveis de que vínhamos dando mostra ao longo deste Julgamento (e olhou especialmente para la Pierre), pretendia comunicar-nos sua última determinação, a qual decerto seria considerada particularmente salutar e proveitosa:

— Demos ordem para que o Padre Maugier le Parmentier<sup>289</sup> e seus subordinados comparecessem diante de nós, e o Conde de Warwick já liberou a torre próxima de seus aposentos para que eles possam prepará-la.

Um amplo sorriso iluminou o rosto de Beaupére, enquanto la Pierre fechava os olhos, angustiado. O Bispo continuou, olhando em particular para este:

— Por nossa determinação, a ré Jehanne d'Arc deverá ser submetida à tortura. *Ela* já se encontra perfeitamente recuperada de *sua* doença, portanto, em condições de suportar esta medida heroica, mas necessária, se de fato desejamos a salvação de *sua* alma. O amor e a misericórdia da Santa Igreja não devem jamais ser deturpados pela pieguice, pois *castigar os que erram* é mandamento de misericórdia espiritual, e o amor que não corrige o erro é cúmplice do erro. Alguém gostaria de dizer algo?

Quase ao mesmo tempo, eu e o Bispo corremos os olhos por entre os presentes, que se mostraram particularmente excitados, exceto la Pierre. Beaupére perguntou, ansioso:

— Quando, Monsenhor?

— No próximo dia 9.

— Assim sendo, peço-vos, com humildade e reverência, a graça de transmitir à acusada vossas determinações na véspera da sessão!

Chatillon tomou bruscamente a palavra:

— Irmão Pulchripatris, sem prejuízo da sincera admiração que vossa amor à Igreja me inspira, ousou lembrar-vos, mantida a reverência, que a praxe é na véspera o acusado ser **pessoalmente** conduzido à câmara de torturas, a fim de ser apresentado aos instrumentos...

Antes que aquele refutasse, Erart tomou a palavra:

— Naturalmente ambos falam em nome de suas devoções à Santa Igreja, as quais Monsenhor certamente aprecia, mas tenho certeza de que ele já terá decidido da maneira mais católica e correta, como, aliás, tem sido desde o início.

Beaupére e Chatillon olharam-no contrariados. Eu, por minha vez, me manifestei:

— Salvo mais alto entendimento de Vossa Reverendíssima, sugiro seja eu a levar as novas à acusada. Afinal, *ela* tem-me na conta de devotado amigo...

Beaupére olhou-me de alto a baixo e, cortando-me, falou num tom mais ríspido ao meu amo:

— Reverendíssimo, permiti-me dizer à prisioneira, clara e sinceramente, que *ela* será torturada, e que me alegro deveras com isso! Não há necessidade alguma dos talentos de espião e falso amigo dos quais o irmão Aucupis é particularmente bem dotado...

Elevei a voz, em tom de ofendido:

<sup>289</sup>

Oficial de Justiça da Corte Arquiepiscopal de Rouen.

— Irmão Pulchripatris, desejo ter entendido mal tuas palavras. Caso contrário, posso concluir (erradamente, espero!) que estás a insinuar que sou hipócrita e espião.

Ele me encarou e disse, alto e áspero:

— Sim, entendeu mal! Não estou insinuando, estou **afirmando**, e ouse me desmentir, se for capaz, “Irmão” Aucupis!

Repliquei-lhe em tom desdenhoso:

— Não fosse pela piedade que a religião cristã manda ter-se pelos aleijados, e o Irmão Pulchripatris sentiria minha luva arder em seu rosto.

O rosto dele tornou-se apoplético, ainda mais ao perceber que Chatillon e Erart riram-se, e abriu os lábios para uma resposta que, sem dúvida, seria descontrolada e violenta, precisamente o que eu desejava. Entretanto, Monsenhor gritou de tal forma que nos detivemos como dois cães repreendidos pelo dono:

— Calai-vos ambos!

E no instante seguinte, tendo obtido silêncio, prosseguiu em tom irritado:

— Onde pensais que estais? Numa taberna? Abusastes do vinho, porventura? Irmão Pulchripatris, verdadeiramente ofendeste teu irmão em Cristo, pois o Irmão Aucupis está fazendo o que está fazendo **dentro das leis**, com **nosso** conhecimento e permissão, para o bem do Processo, ao qual ele é tão dedicado quanto tu mesmo! Deves desculpas a ele!

Foi-me difícil conter o sorriso ao ver aquele rosto pletórico lutando entre o medo e o ódio. Mas meu amo prosseguiu exatamente como eu imaginava:

— E tu, Irmão Aucupis, amarguraste o coração de um valoroso componente deste Tribunal, cuja ferida é antes uma gloriosa relíquia, pois foi conquistada em defesa dos mais altos interesses da Santa Igreja! Por entender que vossas atitudes pouco decorosas foram motivadas pelas mais dignas intenções, bem como pela devoção de ambos, relevarei vossas atitudes se aproveitardes este momento para, diante de mim, vos reconciliardes como irmãos em Cristo que sois! A não ser que preferais cair de nossas boas graças!...

Felizmente, a educação religiosa nos ensinara a dominar os próprios sentimentos, pois Beaupére precisou chamar a si toda a sua disciplina interior para conter as chamas assassinas que seus olhos me atiraram quando, reprimindo o sorriso que ameaçava aflorar em minha boca, impus ao rosto uma facies compungida e baixei os olhos para dizer-lhe:

— Irmão Pulchripatris, confesso-me a Deus e a vós que, tomado pela cólera, usei de palavras azedas com o desejo intencional de vos pungir o coração. Rogo-vos com toda a humildade que me perdoeis.

Rugindo interiormente, Beaupére voltava os olhos ora para mim, ora para meu amo. Por fim, à custa de tremendo esforço interior, conseguiu dominar-se e retrucou-me surdamente:

— Irmão Aucupis, também retiro as más palavras que te dirigi. Peço-te que as releves.

O Bispo demonstrou apreciar a cena, tanto quanto Erart e Chatillon, ao nos dizer:

— Agora, abraçai-vos e beijai-vos, reconciliados como verdadeiros irmãos em Cristo.

Eu me aproximei de Beaupére, gentilmente abraçando-o e beijando seus lábios, ao que ele retribuiu como teria retribuído o beijo de uma serpente. O Bispo então nos disse:

— Irmão Pulchripatris, tua digna atitude torna-te merecedor do que pediste. Todavia, tendo em vista que deveis retornar o quanto antes à Paris a fim de dar continuidade à missão da qual vos incumbi junto a Midi e Touraine, tens minha permissão para falar à prisioneira, desde que nas próximas horas. Quanto aos irmãos Erart e Chatillon, estão convocados para a sessão do próximo dia 9, a fim de assistir a tão meritório ato.

Logo a seguir a reunião acabou, e os demais se retiraram, Beaupère satisfeito, Chatillon com ar de derrota. Assim que ficamos a sós, disse ao Bispo:

— Vistes como la Pierre se retirou depressa? Parecia fugir do Diabo...

— É verdade — meu amo replicou. — Achou que eu omitira seu nome por esquecimento e receou que eu me lembrasse de chamá-lo. A propósito, por que provocastes Beaupère?

Hesitei, depois prossegui:

— Ele odeia tanto a prisioneira que, num caso assim, muito ódio pode ser tão prejudicial quanto muito amor.

Monsenhor prosseguiu:

— É apenas um belo pretexto, porque tuas diferenças com ele vêm desde a Universidade. Porém, isto pouco me importa. Vigia-o de perto, e quando ele for falar à prisioneira, faze por estar junto e escuta o que ele disser. Em tua presença ele terá menos oportunidades de dizer alguma inconveniência.

Tratei de seguir a ordem, de forma que, quando visitava a acusada, mal tive tempo de *lhe* falar, pois poucos minutos depois Beaupère entrou de forma solene e imperiosa, mostrando-se, contudo, desagradavelmente surpreendido ao me ver. Levantamo-nos e saudamo-lo, ao que ele olhou-nos de alto a baixo, respondeu-me com um rápido aceno de cabeça e quase logo se dirigiu à prisioneira, ignorando-me:

— Jehanne, vim para preveni-la de que, por ordem de *seu* juiz, Monsenhor de Beauvais, no próximo dia 9 você será submetida à tortura!

Por um rápido instante os olhos *dela* refletiram ansiedade, enquanto os lábios dele esboçavam aquele sorriso sutil que eu conhecia tão bem, como que degustando as palavras enquanto prosseguia:

— Decerto você ainda não sabe o que é isso. Terei o máximo prazer em *lhe* explicar: de início, você provavelmente será deitada num leito ao qual será atada pelas mãos e pelos pés. Pouco a pouco eles vão sendo esticados até que você finalmente confesse ou tenha as juntas deslocadas, quando a dor torna-se insuportável, pior do que a morte. Naturalmente isto é só o começo. Haverá mais coisas, como, por exemplo, unhas e dentes arrancados, os ferros aquecidos ao rubro em *suas* carnes, mas não pretendo estragar a surpresa. Fato indiscutível é que você gritará e chorará de dor, embora chorar e gritar em nada aliviem. Então veremos se *seus* demônios conseguem *lhe* trazer conforto e coragem.

Durante a exposição os lábios da acusada tremiam e *seus* olhos refletiam medo, mas à última frase *ela* voltou a ser Jehanne d'Arc e enfrentou Beaupère:

— Reverência guardada, Padre, não faleis assim de minhas Vozes! Não sabeis a quem estais insultando!

Ele tremeu por um instante, a seguir retrucou, em tom de mofa:

— E você acredita realmente nisso?

— Eu **sei**, tanto quanto sei que Nosso Senhor Jesus Cristo padeceu e morreu para nos redimir de nossos pecados!

Ele mirou-*a* de alto a baixo e *lhe* disse:

— Olhe para si mesma! Quem você pensa que é para ser inspirada por Deus? Se alguém aqui tivesse que sê-lo, antes seria **eu** (e apontou para si mesmo com o coto), que sei ler as Santas Escrituras e as obras dos Pais da Igreja; **eu**, que sou um sacerdote do Cristo e tenho o direito e o poder de amaldiçoar em Seu nome; **eu**, que, como padre, santifico meu horror às mulheres conservando-me puro e casto, ao contrário de uns e outros (e me olhou mais uma vez de alto a baixo)!

Como a acusada olhasse-o fixamente em silêncio, ele prosseguiu, vociferando:

— Exijo que me responda! Por que Deus escolheria alguém como **você**, que é três vezes vil por ser mulher, camponesa e analfabeta?

*Ela* enfrentou seu olhar e *lhe* disse:

— Sim, é verdade que sou uma simples camponesa e não vejo motivo para me envergonhar disso. Por que Nosso Senhor escolheu a mim e não a vós? Eu não sei, fui chamada para servi-Lo, não para questioná-Lo! Mas porventura Saint-Pierre deixou de ser Apóstolo por ser um simples pescador?

Ele pareceu surpreender-se. A prisioneira prosseguiu:

— Dizeis que sou vil por ser mulher. Se isso fosse vileza, teria Nosso Senhor Jesus Cristo vindo ao mundo através do ventre de uma? E vós, Padre, não viestes ao mundo também através do ventre de uma mulher? Não foi uma mulher quem vos serviu de mãe, que vos alimentou com o leite dos próprios seios?...

Beaupère se exaltou ainda mais, por mais difícil que pudesse parecer, e gritou:

— Não, mil vezes não! Eu fui enjeitado!...

Ele continuou a gritar, por vezes abafado pelas próprias palavras:

— A víbora que me pariu me enjeitou ao nascer! Por que não me estrangulou, antes de me enjeitar como a um trapo velho? Ela enjeitou o fruto de sua luxúria, fui amamentado por uma ama-de-leite mercenária, que por dinheiro amamentaria até uma serpente! Maldito, maldito três vezes o ventre que me gerou!...

Eu me vi surpreso diante daquela revelação, mas não fui o único. Ele próprio, pálido, tentou tapar violentamente a própria boca com o coto, enquanto *ela*, por sua vez, encarava-o de olhos arregalados e replicava:

— E sois vós quem me acusais de faltar ao respeito com meus pais...

Ele gritou-*lhe* de volta. Aliás, deste momento em diante só falava aos gritos:

— Eu *a* amaldiçoo! Com que direito você censura um sacerdote? Eu *a* amaldiçoo, em nome de Jesus Cristo!

A acusada disse-*lhe* com tranquilidade:

— Não tendes poderes para isso, Padre.

Ele ficou sem fala, mas seu olhar me assustou quando deu um passo em direção à prisioneira, que o encarava, e ergueu o braço aleijado como que para esbofeteá-*la*. Antes que eu pudesse pensar no que fazer, estranhamente ele vacilou e não completou o gesto, para meu alívio. Ao invés, respirou fundo e retrucou, irado:

— Isto veremos! Quando você estiver na câmara de torturas, chorando de dor e implorando por compaixão, eu estarei lá, e será meu prazer e minha vingança vê-la e ouvi-la urrar de dor e desespero!

A acusada olhava-o com tão profunda piedade no olhar que o desconcertou:

— Ah, Padre, por que me odiais tanto?

— Porque a Igreja odeia-a pelos seus pecados, porque o ódio ao pecado é santo, e porque odeio a todos a quem ela odeia!

— Falais unicamente em ódio, Padre. Odiais tanto que não podeis amar a Deus.

— Eu amo a Igreja, e quem ama a Igreja ama a Deus!

*Ela* sacudiu a cabeça numa negativa suave:

— Não, Padre. O que amais é o poder da Igreja, a força da Igreja que pune, tortura e esmaga. Mas não podeis amar a Deus assim. Não o Deus que ama e perdoa. Se amásseis a Deus, teríeis orado a Ele e Ele vos teria respondido, e então saberíeis que verdadeiramente sou Sua enviada! Não insultaríeis minhas Vozes...

Quanto mais tranquila a jovem se mostrava, com mais fúria ele respondia:

— *Suas* Vozes são malditas e você é tão maldita quanto elas! Quem você pensa que é, camponesa analfabeta, para questionar um sacerdote? Como *se* atreve a querer ensinar algo a **mim**, que tenho mais anos de estudos do que você em idade?!

— Ah, Padre... todos os vossos estudos não vos ensinaram a coisa mais importante que uma pessoa necessita para a salvação de sua alma... rogai a Deus para que vos ensine...

— Rogue a Deus **você!** — rugiu ele — Guarde a *sua* piedade para si mesma, porque muito em breve precisará de toda a que puder conseguir! Então veremos qual de nós dois é digno de piedade! Maldita, maldita seja você!

Gritou pelo carcereiro, e tão logo este abriu a porta, saiu depressa, pisando duro. Aquele o seguiu e ficamos eu e *ela* em silêncio por alguns minutos, até que *a* ouvi murmurando como que para si mesma, olhando para a saída:

— Seu coração é um vaso transbordando de fel... como é possível um homem consagrado a Jesus Cristo guardar tanto ódio dentro do coração?

“Ficarias ainda mais chocada se soubesses tudo o mais que os homens consagrados a Jesus Cristo guardam no coração”, pensei em silêncio. *Ela* prosseguiu:

— Esse homem deve sofrer tanto quanto os condenados no Inferno...

Aquilo me surpreendeu e disse-lhe:

— Eu não pensaria tanto nisto. Pensa antes que ele fará tudo o que puder para que sofra tanto quanto um ser humano é capaz de sofrer. E ele tem poder para isso.

— Ele tem unicamente o poder que lhe foi dado por Deus.

— É o bastante para que *te* faça sofrer as dores mais terríveis.

— Sim, tenho plena consciência disso. No entanto, se isto acontecer, foi porque assim quis Deus, e não vós — respondeu, ainda olhando para a saída, parecendo ausente.

Esta frase me causou súbito mal-estar. Estaria *ela* se referindo a ele, a mim ou a todos nós? Hesitei e perguntei:

— E não tens medo?

Somente então *ela* me encarou e disse:



— Claro que sim, Padre. Tenho e muito. Porém, estou nas mãos de Deus, mais do que nas vossas. Rogarei socorro às minhas Vozes, e de uma forma ou de outra, sei que elas não me abandonarão.

Ouvi *suas* palavras sem conseguir acreditar. Aquilo era o cúmulo da ingenuidade, o punhal e o veneno eram defesas muito mais seguras. Não obstante, li em *seus* olhos algo que não soube definir, que me fez sentir baixo, mesquinho e fútil. *Ela* forçosamente teria que ser a pessoa mais tola ou a mais santa de toda a minha vida. Entretanto, para meu coração ateu, a santidade era o sinônimo supremo de tolice. Ainda assim eu me perturbava, como se lesse em *seus* olhos algo de que dependesse minha vida, mas numa língua que me fosse completamente estranha. Era como se eu lesse de novo a passagem em que o Senhor dissera aos Apóstolos: “*Eu tenho um alimento que desconheceis*<sup>290</sup>”.

— Não o odeias? — perguntei, apontando na direção em que Beaupère saía.

— Não me sinto capaz de ódios, Padre. E, mesmo que o fosse, não há nada que eu, ou quem quer que seja, precise fazer para torná-lo mais desgraçado do que já é. Ele pode vir a ser tudo, a ter tudo, e mesmo assim nunca estará contente, pois tudo quanto faça e sinta estará manchado pelo ódio, e ódio nunca trouxe felicidade a ninguém. Ele odeia a todos porque odeia a si mesmo, e o pior é que julga santo o seu ódio. Deus tenha piedade deste infeliz...

Quando saí, olhei para um guarda que se encontrava só. John Gray e os demais haviam saído por alguma razão, mas aquilo criava uma oportunidade de ouro. Travei uma feroz batalha comigo mesmo para me dirigir àquele homem sujo e cheirando a suor azedo, mas por fim o fiz e ele prontamente me fez reverência. Olhei bem nos olhos dele e pareceu-me um imbecil que se julgasse astuto. Perguntei-lhe à meio-tom:

— A bruxa está dando trabalho?

— Muito! Não vejo a hora de *ela* virar carne assada!

E sorrii, deixando à mostra aquelas coisas negras que em outros tempos teriam sido dentes:

— Ouça, creio que você é um homem esperto. Precisamos de gente assim. Monsenhor e o Conde ficarão muito satisfeitos se você puder ajudá-los...

— Mas claro, Padre! É só mandar!

— Ouça, é um trabalho secreto, eles não querem que os outros saibam. Tem que ser feito por quem sabe fazer e sabe mais ainda guardar segredos.

— Podeis contar comigo, Padre. O que é?

Conseguindo a custo vencer a luta contra o olfato, falei a seu ouvido:

— Preciso ser avisado sempre que alguém vier falar à prisioneira.

Ele me olhou, lisonjeado:

— Puxa, Padre! Isso é mesmo tão importante?

Falei mais baixo ainda, enquanto tentava pensar num frasco de essências:

— Tão importante que o Bispo me autorizou a dar-lhe uma dessas, cada vez que acontecer.

---

<sup>290</sup>

Novo Testamento, João, 4:32.

E deixei cair em sua mão uma moeda de prata. Ele olhou-a, curvando a cabeça como se a reverenciasse, e seus olhos brilharam.

— Podeis contar comigo, Padre. Sempre que acontecer, Vossa Paternidade será imediatamente avisado. Sempre que eu for a vós e vos disser “visitas”, é porque tem alguém visitando a bruxa.

Antes que eu pudesse evitá-lo, tomou minha mão e beijou-a. Sorri, agradecendo, e me afastei o mais rápido possível, ansioso por lavá-la.

## Na Câmara de Torturas

*JOANA: Batei com força, está no vosso direito.  
Quanto a mim, o meu direito é continuar a  
crer, e a dizer-vos “não”.*

Jean Anouilh

Acordei naquela manhã de 9 de maio, preparando-me intimamente para um dia particularmente tenso. No Château, encontramos à nossa espera, Chatillon, Erart, Vendères, Massieu, William Haiton, André Marguerie e Aubert Morel<sup>291</sup>, bem como um padre desconhecido, alto, espigado, calvo e de feições gentis e delicadas como um bloco de granito. Logo que viu o Bispo, cuidou de se apresentar como Jean Dacier, Abade de Saint-Corneille-de-Compiègne<sup>292</sup>, e numa voz tão doce e agradável quanto seu rosto, expressou a mais viva satisfação por ver com seus próprios olhos a firme intrepidez de um “baluarte vivo da ameaçada fé Católica”. Logo estávamos a subir os degraus da torre onde fora instalada a câmara de torturas, e o convidado, de cabeça erguida, posicionou-se à direita de Monsenhor como algo de seu pleno direito.

A equipe convocada para a tortura, chefiada pelo Padre le Parmentier, já estava à nossa espera. Este prestou reverência e a seguir os torturadores saudaram abjetamente Monsenhor. Vestiam camisas enebadas que eram verdadeiros trapos entre os quais o suor fétido escorria aos borbotões empestando o ar escasso da câmara. Estes homens (se é que se podia chamá-los assim), geralmente recrutados nos calabouços e nos patíbulos, formavam uma escória de que a própria escória teria repugnância. Para eles todo o prazer da vida consistia em torturar, nas câmaras ou fora delas, pois sabiam que fizessem o que fizessem nas ruas e nas tabernas, desde que a pessoas comuns, estariam sob nossa proteção. Mas também sabiam que a menor desobediência lhes custaria pior que a morte: pendia sempre sobre eles a ameaça de voltarem para o local de onde foram tirados. Assim, eram-nos mais fiéis do que cachorros, e não hesitariam em torturar a própria mãe se lhes fosse ordenado.

Monsenhor examinou os instrumentais, tomou uma pinça cuja ponta sustinha um ferro ao rubro e perguntou-me o que achava, sorrindo de tal forma que me senti de volta àquela primeira visita que fizera aos calabouços tantos anos antes. Enquanto esboçava uma resposta, o visitante observou atentamente o instrumento nas mãos do Bispo, dizendo-lhe o quanto apreciava a inabalável firmeza dos autênticos defensores da Igreja, que não trepidavam em castigar a carne pecadora e frágil, em prol da salvação da alma imortal e eterna. Meu amo agradeceu-lhe e a seguir, ordenou aos guardas trazerem a prisioneira.

Nisso, meus olhos caíram sobre a grande cruz que pendia sobre nós, de onde a imagem do Crucificado parecia fitar-me de tal forma que, por um momento, precisei me dominar para não sair correndo. Há muito tempo não assistia a uma sessão dessas, e

---

<sup>291</sup> **William Haiton**, Bacharel em Teologia; **André Marguerie**, Mestre em Artes, Bacharel em Direito; **Aubert Morel**, Licenciado em Direito Canônico.

<sup>292</sup> Barret diz “o abade de **São Carmelo** de Compiègne”, mas provavelmente por erro de grafia, pois Quicherat, Ayrolles e outros identificam-no como no texto.

enquanto *ela* não chegava, sentimentos estranhos me agitavam. Tremia suando cada vez que imaginava tudo quanto iria se suceder diante de meus olhos àquela criança que precisávamos destruir, mais na alma que no corpo, a qualquer preço. Parte de mim se horrorizava, temendo alguma coisa vaga, mas terrível, a que não sabia dar nome, forçando-me a olhar de soslaio para aquele rosto severo que me fitava do Crucifixo; ao mesmo tempo, sentia de um lado o desejo de que terminasse de uma vez o interminável, e de outro, o de vê-la vencida, humilhando-se, implorando por misericórdia.

Depois de um tempo que me pareceu infinito, passos ecoaram no piso de pedra e a prisioneira entrou, algemada e aos empurrões que os guardas *lhe* aplicavam sem mesmo se darem ao trabalho de esconder o riso. Os torturadores também sorriram ao olhá-la com o mesmo ar de bestialidade que lhes era comum, e em seguida, a uma ordem do Padre le Parmentier, trataram de cobrir o crucifixo com um grande véu negro<sup>293</sup>, para meu alívio, enquanto o visitante olhava-a de alto a baixo sempre com aquele ar de eterna censura que seu rosto aparentava. *Ela* correu os olhos em volta, para eles, para os aparelhos e para nós, detendo-se por um momento em mim, o que só fez aumentar minha angústia. Apesar de visivelmente enfraquecida, *seus* olhos, embora mostrassem receio, longe estavam de exhibir o terror que era a regra nestes casos. Monsenhor aproximou-se *dela* e falou-*lhe*, entre solene e paternal:

— Jehanne, mais uma vez insistimos para que *você* nos responda com a mais absoluta verdade sobre tudo quanto *lhe* temos perguntado, uma vez que em diversos pontos foi demonstrado que *você* mentiu para nós, pois possuímos provas, informações verídicas e veementes suspeitas acerca deles. Muitos destes pontos já *lhe* foram expostos, e se *você* continuar negando-se a respondê-los com a verdade toda e inteira, por mais que repugne à nossa piedade, mas forçados por *sua* obstinação, teremos que submetê-la à tortura através dos instrumentos que estão diante de *seus* olhos. Estes homens aqui presentes às nossas ordens irão submetê-la à tortura, cujo objetivo é tão somente reconduzi-la ao caminho da verdade e salvar *seu* corpo e *sua* alma, ambos em grave perigo por causa das mentiras que *você* tem inventado.

A prisioneira encarou-o e retrucou:

— Ainda que me rasgásseis os membros do corpo e separásseis meu corpo da minha alma, nada mais vos direi, e mesmo que a dor me obrigue a dizer qualquer coisa, mais tarde negarei, afirmando que me foi arrancada mediante tortura.

Ele olhou-a com atenção e antes falou do que perguntou:

— *Suas Vozes lhe* falaram...

Ao que *ela* retrucou tão vivamente quanto o abatimento físico permitia:

— Sim, no último dia de Santa Cruz<sup>294</sup> eu recebi amparo de Saint-Gabriel...

Monsenhor riu-se escarninho e perguntou em voz baixa:

— Ah, mudou o Arcanjo? Não é mais Saint-Michael?

A prisioneira encarou-o fixamente e prosseguiu:

— Minhas Vozes mo identificaram! Julgai como desejardes, mas **sei** que é ele!

---

<sup>293</sup> Para que Ele não pudesse assistir às torturas. Provável anacronismo, pois tal prática é relatada na Inquisição Espanhola do século seguinte.

<sup>294</sup> 3 de maio. Em alguns lugares foi mudado para 14 de setembro.

E, num tom de voz quase inaudível, concluiu:

— E vós também!

Ele empalideceu, arregalou os olhos fixos nos *dela* e perguntou-*lhe* surdamente:

— E o que mais *lhe* disseram? Para não *se* submeter à Igreja?

*Ela* devia estar fraca, pois fez uma pausa e respirou fundo antes de continuar:

— Perguntei-lhes se deveria fazê-lo, já que vós *me* pressionais tão fortemente para isso. Responderam-me que, se desejo a ajuda de Deus, devo entregar-*me* a Ele sobre todos os *meus* atos, pois Nosso Senhor dirigiu-os e o Inimigo não teve poder sobre eles.

— Elas *lhe* disseram se será queimada? — perguntou, em voz quase inaudível.

— Perguntei-lhes isto, e me responderam que *me* entregasse a Deus, pois Ele me ajudará.

A última frase teve, ao menos para mim, um sentido tão claro que, se *ela* não entendeu, foi porque não quis. Se *lhe* dessem esperanças de escapar da fogueira, eu ainda duvidaria das tais Vozes. Elas não seriam mais diretas se *lhe* dissessem que seria queimada viva, sim, e a única ajuda que *lhe* dariam era proporcionar-*lhe* a força e a inteligência necessárias para resistir a nós, às nossas manobras e armadilhas, embora eu não pudesse ver o que *ela* ganharia com isso senão prolongar indefinidamente o *seu* suplício quotidiano. Não sei se era bem o tipo de ajuda que eu gostaria de receber numa situação dessas.

Ao mesmo tempo, olhávamos para o Bispo esperando as ordens que não vinham, enquanto ele se limitava a encarar em silêncio a acusada por quase um minuto, rosto púrpuro e olhar intraduzível, até que pareceu se lembrar de nós, afastou-se para um canto e chamou-me por um aceno de cabeça. Atendi, e ele me disse, em tom de desabafo:

— Nunca vi tal coisa! *Ela* sabe o que vamos fazer, sabe que vai viver as piores horas de *sua* vida, e mesmo assim resiste por causa daquele reizinho ingrato! Sacrifica-*se* por um pulha daqueles, que faria melhor figura num circo do que no trono onde está sentado graças exclusivamente a *ela*!

Respondi tão baixo quanto ele:

— Monsenhor, ele simplesmente comunga com nossas ideias! Onde o erro em se livrar de um amigo que se tornou inconveniente e não mais insubstituível?

Ele surpreendeu-se com minha observação e disse com desagrado:

— As razões do inimigo nunca são boas, mesmo quando iguais às nossas.

A seguir, fez mais um gesto discreto chamando os demais e reunimo-nos num canto mais afastado, enquanto os torturadores, sorrindo com seus dentes falhos e negros, exibiam para nós os ferros candentes aguardando serviço. Monsenhor parecia perturbado e insistia a todo transe para que a tortura fosse realizada. Dizia-nos que, se tal não fosse feito, ficaríamos desmoralizados por ameaçar e não cumprir. Olhei de viés e, percebendo que a prisioneira não podia ver-me claramente, argumentei a favor da ideia, a fim de agradá-lo.

Porém, para surpresa minha e de Monsenhor, os demais se opuseram, Chatillon volta e meia olhando para a acusada de forma estranha, com os olhos a brilhar como os de um doente de febres. O visitante, que, como tal, mantinha-se em silêncio, olhava para eles com severa reprovação. Irritado, meu amo, perguntou-lhes se estavam sentindo pena *dela*, olhando acusadoramente para Massieu. Erart tomou a palavra em tom humilde:

— Reverendíssimo, vossa permissão para falar. Não permitais que a cólera faça-vos duvidar de nossa lealdade. Bem sabeis que será feito conforme ordenardes. Não obstante,

se *ela* não confessar, ou abjurar depois o que disser agora, sofreremos uma grande derrota e nossa desmoralização será ainda maior.

— Quantas vezes viste alguém fazê-lo? — replicou meu amo, áspero.

— Quantas vezes enfrentamos alguém igual a *ela*? — disse Chatillon, com assombro.

O Bispo encarou-o, surpreso, e prosseguiu no mesmo tom de antes:

— Nós continuaremos a tortura por quanto tempo seja necessário<sup>295</sup>!

Erart retomou a palavra:

— Sim, Reverendíssimo, mas este não é o único, nem o maior problema. Vede a fraqueza *dela*. O que direis ao Duque e ao Cardeal se *ela* morrer durante a tortura?

Meu amo empalideceu e pôs-se a refletir por alguns instantes, lançando sobre a torre um pesado manto de silêncio quebrado apenas pelo tinir dos ferros, durante o qual lutei comigo mesmo para não pensar, para não tentar entender se sentia alívio ou decepção (surpreendi-me a lamentar, por um momento, a ausência de Beaupère), mas não ousávamos quebrar aquele silêncio que pesava como chumbo sobre nós. Por fim, o Bispo ergueu a cabeça e, com desagrado na voz, ordenou que a prisioneira fosse levada de volta à cela. O busto da acusada moveu-se num suspiro de alívio, e a seguir os guardas obedeceram, tentando, sem muito sucesso, disfarçar a fâcias de frustração.

Também o abade de Saint-Corneille-de-Compiègne quase logo se dirigiu a meu amo e, prestando com visível contrariedade a reverência devida, em tom amargo e com poucas palavras disse-lhe reconhecer em seu procedimento o mais autêntico espírito da caridade cristã, pediu permissão para se retirar e passou por nós de cabeça erguida e com uma expressão ainda menos simpática no rosto.

De repente, quando por nossa vez nos dirigíamos para a saída, Chatillon bruscamente voltou-se para o Bispo e lhe disse:

— Vossa Reverendíssima... perdoai-me, mas não posso mais!

— Como assim, não podes mais o quê?

— Não posso mais continuar, Reverendíssimo! Por mais que eu tema vossa cólera, não posso mais prosseguir!

— O que significa isso?!

Chatillon mobilizava todas as suas reservas morais para enfrentar meu amo:

— Vossa Reverendíssima sabe, tanto quanto eu, que esse Tribunal e tudo quanto temos feito é ilegal. Perante Deus e perante os homens somos culpados de uma fraude como o mundo cristão nunca viu antes, e por mais que eu queira, por mais que seja do meu, dos nossos interesses, eu não posso mais continuar!

Fiquei em suspense, esperando uma reação tão violenta e avassaladora quanto a que presenciara diante de la Fontaine. Desta vez, todavia, o rosto de amo se transfigurava à medida que se fixava em Chatillon, parecendo tão absolutamente surpreso e chocado, atingido por um golpe tão formidável, que temi ao vê-lo levar a mão ao peito e dizer-lhe:

— “Quoque tu, Brutus<sup>296?</sup>”

---

<sup>295</sup> Segundo as leis eclesiásticas, o acusado somente poderia ser torturado uma única vez. No entanto, como também consideravam que *é proibido recomeçar, mas não continuar* (*Directorium Inquisitorum*, II, “Terceiro veredicto”), legalmente a tortura podia ser interrompida, para ser “continuada” mesmo dias depois.

Ficamos surpresos, e Chatillon murmurou:

— Como assim, Monsenhor?

O Bispo de Beauvais retrucou-lhe, como que emocionado e ferido n'alma:

— Pergunto-te se até mesmo tu, a quem eu retirei do anonimato e transformei no que és hoje; se tu, a quem ofereci minha mais leal amizade, materializada em todas as benesses que derramei sobre tua carreira; se tu, que me juraste lealdade inquebrantável e em quem eu confiava acima de todos, também me abandonarás na hora em que mais preciso de amparo.

Chatillon olhava-o com desespero, com aflição:

— Não, Reverendíssimo! Suplico-vos, não entendais desta forma!...

O Bispo parecia ter envelhecido anos e anos naquele breve momento, buscando apoio na parede com a mão destra, enquanto com a outra como que tentava sustentar o próprio peito, à medida que falava num tom de infinita amargura e desgosto:

— E de que outra forma posso entender? Que seja, não serei o primeiro nem o último a aquecer uma serpente no peito! A culpa é minha, esqueci que, num mundo como este, gratidão e lealdade não passam de abstrações! Até mesmo os Anjos rebeldes são mais leais, pois, embora tivessem motivos muito mais verdadeiros e justos para fazê-lo, não desertaram a causa de Lúcifer, ainda que para lutar contra o próprio Deus! Mas tu, que me juraste obediência em nome do Cristo, em pleno fragor da batalha entregas à própria sorte o velho sacerdote que te dedicou a mais leal amizade e afeto, para que ele enfrente a sós, como puder, a política inglesa, os interesses da Igreja e a própria consciência!

— Monsenhor!... Monsenhor!... — tentou dizer o padre.

— Vai! O que está esperando? Se o próprio Cristo teve que suportar a traição de Judas, com que direito o mísero servo esperaria melhor sorte que a de seu Senhor? Vai, uma vez que, diante dos interesses próprios, lealdade e gratidão não passam de palavras!

Por um momento pensei que Chatillon iria cair aos pés de Monsenhor para lhe pedir perdão. Entretanto, ao invés, olhou-nos como um desvairado e desceu correndo as escadas. Ficamos calados em volta do Bispo, que, por fim, pôs-se a descer os degraus, encurvado, a passos lentos e alquebrados. Seguimo-lo, e ao chegarmos no térreo, mais uma vez ficamos aguardando em silêncio. Então ele disse-nos com dificuldade, estendendo a mão trêmula:

— Se alguém mais quiser fazer como ele, faça-o agora. Estou preparado para lutar até o fim e cumprir com o meu dever, completamente só, se necessário.

Então eu me adiantei e disse:

— Vossa Reverendíssima jamais estará só neste esforço enquanto eu viver, sob pena de maldição eterna sobre a minha alma.

O Bispo ergueu devagar a cabeça e os olhos para mim dizendo:

— Queira Deus que eu não me engane uma segunda vez. Não sei se suportaria.

Os demais prontamente imitaram meu gesto e a seguir se afastaram jurando-lhe fidelidade indefectível. Tão logo vimo-nos a sós, o Bispo tornou a aprumar o corpo, ergueu a cabeça e, mais que suas palavras, seus gestos e a entonação de sua voz exprimiam novamente a força e a autoridade que eu tão bem conhecia:

---

<sup>296</sup> *Até tu, Brutus?* Frase atribuída a Júlio César na hora da morte, ao reconhecer entre seus assassinos seu filho adotivo Marcus Brutus, a quem votava a mais viva amizade.

— Providencia para que Chatillon não seja mais chamado a nenhuma sessão.  
— Vossa Reverendíssima não vai excluí-lo do Processo?  
— Não, caso contrário muitos irão imitá-lo. Mas ele terá que permanecer em Rouen à nossa disposição até o fim, sem ganhar sequer uma moeda.  
Mais tarde justificamos no texto oficial que

*...por causa da dureza de seu coração e de sua maneira de responder, tememos que a tortura seria de pouco benefício para a prisioneira, e por isso decidimos transferir para momento mais apropriado sua aplicação até que tenhamos maiores informações sobre o assunto.*

Nova reunião fora marcada para o próximo dia 12, a fim de tornarmos a discutir esta questão. Nesse meio-tempo, aproveitei para visitar a acusada, sob pretexto de dizer-lhe quão grato era a Deus por tê-la poupado da tortura, ao mesmo tempo em que a prevenia de que o Bispo planejava realizá-la dali a três dias. Era uma esplêndida maneira de fazê-la sofrer antecipadamente todo aquele tempo. Achei-a mais silenciosa que de costume, a olhar-me como se adivinhasse minhas verdadeiras intenções. Incomodado pelo peso daquele olhar, procurei desviar o assunto:

— Esses monstros ainda têm-na atormentado, filha? — perguntei à meia-voz, apontando para a saída da cela.

— Desde que o Conde esteve aqui, têm me deixado em paz — respondeu-me, sem deixar de me olhar. — Por mais que ele anseie ver-me na fogueira, devo-lhe gratidão, pois foi o instrumento de minhas Vozes para a salvação da pureza do meu corpo. Deus o recompensará por isso.

— Que criaturas odiosas, filha querida! Como podem fazer tal coisa?! E quanta crueldade a de *teus* Juízes, exigirem que sejas vigiada por tal escória! Quisera que o Bispo desse-me permissão para ficar aqui contigo, para defender-te com todas as minhas forças...

A entonação que pus na voz tornou *seu* olhar menos perturbador, e respondeu-me quase como antes:

— Ah, Padre, não tendes ideia do horror que esses momentos me causam, mais do que a própria fogueira! Mas depois oro a Deus e termino por conseguir forças para perdô-los. Com a mais absoluta verdade, é-me mais fácil perdoar a eles do que aos meus Juízes.

A observação me inquietou e perguntei-lhe:

— Mais fácil perdoar os que *te* espancam e tentam violentar *tua* honra?

— Sim, pois consigo entender que nem sequer conhecem a Deus, são na verdade mais brutos do que maus e não tentam me tirar mais que a pureza do corpo.

Aquilo me incomodava, e em causa própria repliquei:

— Todavia, *teus* Juízes nem *te* tocaram, sequer *te* torturaram como tinham todo o direito de fazer e como é de praxe...

Ela sorriu com tristeza e prosseguiu:

— É verdade, mas o mal que tentam *me* fazer é muito mais cruel, querem violentar a *minha* alma, fazendo-me pactuar com a mentira e renegar aquilo que sei ser verdade. E fazem-no desejando, com absoluto conhecimento de causa, pois são, como dissestes, todos



luminares da Igreja, homens cultos e estudiosos, conhecem a lei de Deus, e são por isso muito mais culpados.

Aquilo me perturbou de tal forma que disse hesitante:

— Nem todos, filha. Nem todos. Posso jurar-*te* que muitos estão sendo coagidos por Monsenhor de Beauvais, não sabes do que ele é capaz para conseguir o que quer!

A prisioneira disse então:

— Eu, que amo tanto a Igreja, nunca fui capaz de entender porque jamais pude confiar nas mais altas figuras do clero que conheci. De Monsenhor de Beauvais não preciso dizer nada. Porventura conheceis Monsenhor Regnault de Chartres?

— Sei que é o Arcebispo de Reims, porém, jamais o vi pessoalmente.

— Pois quando o conheci, meu coração bateu diferente do que eu esperava. Dizia a mim mesma que uma alta autoridade da Igreja seria um homem de Deus, mas meu coração me disse quase de imediato que ele não era digno de confiança. Por mais que me sorrisse e me tratasse afavelmente, sempre soube que *me* detestava e todos os seus conselhos ao Rei eram contra os *meus*.

— E *tuas* Vozes, o que disseram a respeito?

— Para jamais confiar nele.

— Tu lhe disseste tal coisa?

— Não, porque não me perguntou. Tê-lo-ia dito francamente, caso mo perguntasse. Todavia, creio que ele sabia tanto quanto eu mesma.

— *Tuas* Vozes aconselharam-*te* bem, filha querida.

Pus um acento intencional na voz, que *ela* percebeu e inquiriu:

— Elas sempre o fazem, Padre. Mas decerto sabeis de algo que não sei. O que é?

Fiz uma pausa proposital suspirando fundo, enquanto afivelava mais uma vez a máscara do amigo que, a seu pesar, traz más notícias:

— Desejas realmente saber? É algo que talvez fosse melhor ignorar, pois pode afligir *teu* coração já tão sofrido...

Todavia, enviada de Deus ou não, *ela* era filha de Eva, portanto, curiosa:

— Dizei-me, Padre. A incerteza é sempre mais inquietante.

Fiz outra pausa e prossegui:

— Certamente não soubeste que ele fez circular um documento para seus diocesanos dando notícias de *tua* captura em Compiègne. E...

— E...

— ...nele afirmou que foste capturada por *tua* própria culpa e que Deus o permitiu como castigo ao *teu* orgulho.

Achei que aquilo iria mortificá-*la*, porém, *ela* respondeu com absoluta indiferença:

— Credes que isto me surpreende? Surpreender-me-ia se houvesse dito o contrário.

— Mas é uma grande infelicidade para ti, filha!

— E por quê?

— Não sabias que Monsenhor de Beauvais é diretamente subordinado ao Arcebispo de Reims? Se ele fosse um amigo leal, poderia intervir neste Processo a *teu* favor.

Uma sombra de tristeza passou pelo seu rosto ao me dizer:

— Se é como dizeis, ele não fará nada, absolutamente nada. E, provavelmente é por culpa dele que o Rei até agora nada fez a meu favor, e talvez nem faça.

Afetando uma indignação real em parte, repliquei-*lhe*:

— *Teu rei é um ingrato, filha! Um grandessíssimo ingrato!*

*Ela* ergueu a voz ao responder, parecendo aflita:

— Não digais assim, Padre! Falais daquele a quem Deus escolheu para ser o Rei de toda a França, e não nos cabe julgar Sua escolha! Conheço-o pessoalmente, sei que ele é verdadeiramente digno, porém está rodeado de pérfidos conselheiros e enquanto der ouvidos a pessoas como o Arcebispo ou la Trémoille, até mesmo Deus terá dificuldades para ajudá-lo!

Sorri tristemente, penalizado diante de tamanha ingenuidade. A seguir, receoso e ao mesmo tempo cheio de curiosidade, perguntei-*lhe*:

— Porventura perguntaste a meu respeito para *tuas* Vozes?

A prisioneira me encarou fixamente ao responder:

— Certamente que sim, Padre.

Por um momento senti frio nas entranhas, mas dominei-me e perguntei aparentando tranquilidade:

— E o que disseram?

— Para que não falasse, a vós como a quem quer que fosse, daquilo que jurei manter segredo.

Não soube definir o que senti. Teria sido mais fácil se *lhe* houvessem dito para confiar em mim; poderia relaxar e rir de meus receios. Por outro lado, se me houvessem desmascarado de uma vez por todas, seria um grande alívio não ter mais que prosseguir interpretando a farsa. Aquilo me deixou numa certeza estranha de que elas eram tão reais quanto eu, que sabiam perfeitamente bem qual era o meu papel naquele drama sórdido e odioso, e mesmo assim, não quiseram dar o nome certo às coisas. Por quê? Era uma pergunta para qual não era capaz de achar resposta...

Em 12 de maio, meu amo convocou ao seu Palácio Courcelles, Raoul Roussel, Vendères, André Marguerie, Erart, Robert le Barbier, Denis Gastinel, Jean le Doulx, Aubert Morel, Coupequesne, la Pierre e William Haiton para a esperada reunião. Mas, como esse último não chegasse, o Bispo, aborrecido com a ausência, optou por iniciá-la sem maiores delongas.

Tendo explicado de forma sucinta o objetivo da reunião, passou a palavra a Courcelles, o qual, conforme previamente combinado, incumbiu-se de defender a aplicação da tortura. Mal, contudo, este fez menção de começar, foi interrompido pela chegada de William Haiton desmanchando-se em desculpas a todos e especialmente ao “Reverendíssimo senhor Arcebispo”, o que causou um instante de estranheza e um sorriso equívoco em Roussel, que não escapou das minhas vistas.

Tudo em ordem outra vez, a um gesto do Bispo meu velho colega da Universidade começou sua peroração. No entanto, desta vez sua tremenda eloquência esbarrou numa forte oposição capitaneada por Erart, pois, como nesta fase meu amo limitou-se a ouvir (para estranheza geral), as discussões, inicialmente hesitantes, foram subindo de tom até se tornarem bastante vivas de parte a parte.

Por fim, Monsenhor encerrou os debates e foi a vez de darmos os pareceres, e somente Aubert Morel apoiou Courcelles a favor da tortura. Erart sorria feliz enquanto

refutava, dizendo já haver matéria suficiente para condená-la, o que tornava a tortura desnecessária. Coupequesne, la Pierre, le Doulx e le Barbier concordavam, acrescentando que *ela* devia ser mais uma vez admoestada publicamente. À minha vez, argumentei que, embora considerasse a tortura *uma salutar terapêutica para a alma* (não a minha, é claro!), melhor seria aguardar ocasião mais favorável, pois corríamos o risco de a prisioneira não ceder, o que soaria como derrota para nós. Por outro lado, adiar um recuso tão usual em tais casos, forçosamente seria visto como um ato de benevolência excepcional que tornaria *sua* insubmissão à Igreja ainda mais evidente e odiosa.

Minhas palavras tiveram acolhidas diversas. A maioria recebeu-as com simpatia, e Erart cumprimentou-me efusivamente. Courcelles, por sua vez, encarou-me com perplexidade e surpresa, e Monsenhor com evidente desagrado. Este, por fim, muito contra a vontade cedeu à maioria, pois se impusesse a tortura e fracassasse, a responsabilidade cairia exclusivamente sobre ele.

Ao sairmos, o Bispo afastou-se de mim com rudeza, enquanto eu procurava me aproximar, exatamente como um cachorro a fazer festa para o dono que o enxota. Tentei falar-lhe, mas ele me cortou rispidamente:

— Meus parabéns, meu caro Mestre em Artes Aucupis! Foste brilhante na arte de me contrariar! Esqueceste o que eras antes e o que és agora!? É desta forma que recebo tua lealdade e tua gratidão?!

— Reverendíssimo, suplico-vos, não me interpreteis mal...

— Cala-te! Imbecil! Nem mais uma palavra! Retira-te de nossa presença, e não ousa tornar a nós enquanto não fores convocado!

Achei melhor obedecer. Afastei-me como um cão enxotado pelo dono, à espera do menor gesto para tornar a abanar a cauda, feliz. Confiava que a fúria dele passaria depressa. Mas eu me preocupava com o fato de haver atrito entre nós. Julguei mais prudente dormir aquela noite no próprio Château, sentindo ainda mais ódio da prisioneira.

No dia seguinte, 13 de maio, o Preceptor do Rei realizou um banquete cuja finalidade era recepcionarmos “nosso fiel aliado”, o Conde Jean de Luxemburgo, e seu irmão Louis, Bispo de Thérouanne<sup>297</sup>. Feliz como nunca na posse do dinheiro que lhe rendera o resgate da prisioneira, viera unicamente, afirmava, para ter a satisfação de “ver dez mil libras tornesas em forma humana”.

Eu, porém, julguei diferente. O alto valor do resgate criara algum mal-estar entre nós e o partido de Borgonha. Creio não estar errado em julgar que aquela visita fora ordem de seu amo, com o objetivo de estudar como estavam as relações políticas entre nós e os borgonheses, e, se necessário, adoçá-las com um pouco de tato e diplomacia.

Depois do opíparo repasto preenchido de assuntos ao meu entender perfeitamente dispensáveis, o visitante, que terminava de se atracar com mais uma taça de morangos com creme, por puro desfastio pediu-nos para ser levado à prisão a fim, disse-nos ele, de cumprir seu papel junto à prisioneira, no que foi secundado por seu irmão. Os nobres ingleses manifestaram desejo de acompanhá-los e Monsenhor mandou que eu e mais alguns fôssemos também. Enquanto seguíamos, o Conde de Luxemburgo sugeriu-nos uma

<sup>297</sup>

Louis de Luxemburgo, partidário do Duque de Bedford, morto em 1443.

pequena encenação que nos proporcionaria uma excelente oportunidade para nos divertirmos. Subimos as escadas da torre afetando ar de seriedade e mandamos que os guardas nos levassem até a prisioneira.

Enquanto caminhávamos até a cela, guardávamos todos um pesado silêncio quebrado unicamente por nossos passos, como se por algum mistério algo pudesse criar entre nós qualquer tipo de constrangimento. Por fim chegamos, os guardas abriram a porta e *ela* se levantou, a nos encarar como se já esperasse pela visita. Jean de Luxemburgo demonstrou tanta surpresa e pena que quase acreditei quando falou:

— Jehanne!... O que fizestes a essa pobre moça!...

*Ela* encarou-o fixamente em silêncio. Ele mudou o tom de voz falando-*lhe* com seriedade e convicção:

— Jehanne, minha cara, trago-*te* boas notícias! Vim para resgatar-*te*!

A prisioneira não respondeu. Apesar das tochas, a penumbra não me permitia distinguir claramente a expressão de seu rosto a fixar o visitante, o qual, parecendo incomodado com aquele olhar, prosseguiu mais apressadamente:

— Vim para resgatar-*te*, como disse, mas sob a condição expressa de que prometas e jures, em nome de Deus, nunca mais pegar em armas contra nós!

Depois de breve silêncio, *ela* respondeu com desconcertante firmeza:

— Escarneceis de mim. Sei muito bem que não tendes o desejo, e muito menos o poder de fazê-lo.

Nós nos entreolhamos, sem saber como reagir. O Conde insistiu:

— Esta é a resposta que dás para um amigo que se arrisca a fim de salvar-*te*?

— Conde, não é digno de um homem verdadeiramente nobre zombar do sofrimento alheio, pois não sabeis quando Deus possa querer atingir-vos. Poupai-me, pois, de vosso escárnio.

Como um homem ofendido em sua dignidade, ele retrucou:

— És orgulhosa e ingrata, mas mesmo assim...

*Ela* ficou mais ereta e cortou-o, num tom cada vez mais alto:

— Sem mais palavras inúteis, Conde. Sei perfeitamente que esses “goddams” me farão morrer, achando que com isso vão estorvar a vontade de Deus e se apoderar da França. Contudo, ainda mesmo que fossem cem, mil vezes mais numerosos, não o conseguiriam porque Deus não o quer!

Então aconteceu uma cena violenta e confusa. Começaram a gritar-*lhe* de todos os lados, de tal forma que não pude entender uma só palavra, enquanto o Conde de Stafford, com a rapidez de um relâmpago, sacou seu punhal e investiu contra *ela*. A arma chegou a tocar o corpo da prisioneira, mas, antes que pudesse feri-*la*, Warwick agarrou-o, detendo-o à viva força, gritando-*lhe*:

— Enlouqueceste?! Essa mulher custou-nos dez mil libras e pertence ao Rei!

Olhos injetados de sangue, espumando de ódio, Stafford fazia uma figura pavorosa. Ainda contido por Warwick, a custo embainhou o punhal e virou-se para a prisioneira, vociferando de dedo em riste:

— Ouça bem, **Donzela**: aproveite bem enquanto você o é, pois não continuará vangloriando-se disto por muito tempo! Você nunca — nunca, ouviu bem?! — sairá virgem desta prisão, nem que eu tenha que fazer isso pessoalmente!

Novamente a voz daquela jovem ressoou nas paredes da cela:  
— Meu destino está nas mãos de Deus, não nas vossas.  
— Isso veremos! — retrucou ele.  
E saímos quase logo.

## Uma Confissão

Monsenhor vivia cada vez mais tenso, controlando cada vez menos seus nervos, sobretudo depois que a expectativa da tortura redundou em frustração, e o temor que naturalmente nos inspirava ia cada vez mais se aproximando do terror, pois suas reações eram por vezes descontraídas e desproporcionadas. A cada dia, maior era nosso medo de dirigir-lhe a palavra, sem saber se por um motivo sério receberíamos um gesto de desdém ou se por uma bagatela suportaríamos uma forte descompostura.

Eu, sobretudo, por ser o mais próximo, era o mais sujeito aos seus destemperos. Quando o pus a par do acontecido em presença do Conde de Luxemburgo, ele nada me respondeu, mas, para meu alívio, não me barrou quando timidamente fiz menção de subir em seu coche, e assim retornarmos para o Palácio. Vendo-o pesadamente calado, rosto púrpuro de cenho fechado olhando para as paredes, quebrei o silêncio que me pesava:

— *Ela* tem uma resistência impressionante...

Não foi uma ideia feliz. Ele voltou-se prontamente contra mim:

— A culpa é tua! Inteiramente tua!

Aquilo me assustou:

— Minha, Reverendíssimo? Mas, o que fiz de errado?

As palavras fugiam-lhe da garganta em catadupa:

— Eu não sei o que fizeste, sei o que não fizeste! Afinal, não és tu *seu* confessor? Não vives dizendo que *ela* tem-te na condição de amigo, que confia em ti? Então, se *ela* ainda resiste a nós, é porque não passas de uma arapuca vazia, “Aucupis”<sup>298</sup>!

Aquela tempestade verbal me assustou e não me pareceu que ele estivesse fingindo:

— Mas, Reverendíssimo, estou tentando, tenho feito o melhor que posso para...

Ele não me deixou terminar:

— Se isso é o melhor que podes fazer, então não preciso de ti! Certamente, gostas das moedas que embolsarás por eu te convocar para a maioria das sessões! Então, se queres continuar recebendo-as, trata de mostrar algo mais palpável do que apenas “o melhor que podes”, porque já tenho um bando de idiotas ao redor para fazer só isso! Espero não ter que lembrar a ti que a Igreja não quer saber de intenções nem de esforços, mas de **resultados**, e não tem por hábito apreciá-los quando são pífios!

Suas palavras me incomodaram deveras, mas não tanto que me fizessem esquecer com quem estava falando:

— Monsenhor, sei que tudo quanto tenho e sou devo a Vossa Reverendíssima, jamais o esqueci! Nem por pensamento me ocorreria faltar à lealdade que vos jurei um dia!

— Tenho certeza disto, pois se me ocorresse apenas suspeitar de tua lealdade não estarias aqui em minha própria casa, comendo à minha mesa! Sei que sabes cuidar muito bem dos próprios interesses! Não é a tua lealdade que está em questão, mas sim a tua competência!

Prossegui no mesmo tom:

---

298

Vide nota 199.

— Reverendíssimo, credes que eu possa ser melhor que vós? Esperáveis que eu pudesse conseguir aquilo que toda a vossa capacidade, experiência e saber até agora não puderam? Quisera, mais do que tudo, dar-vos o prazer de encontrar um meio de convencê-la, todavia...

— Todavia, é para isso que estás aqui! Não preciso de lisonjas, mas de soluções! Afinal, que serventia me terás se eu tiver que pensar em tudo sozinho?! E sobretudo tu, que me deves por teres ficado contra mim na questão da tortura!

Aquilo ainda irritava-o. Felizmente, eu já tinha resposta:

— Reverendíssimo, fiz isso por vós! *Ela* na fogueira, confessando-se bruxa e abjurando tudo o que fez, vale a mitra de Rouen! Porém, morta na câmara de torturas não vale coisa alguma!

Ele pareceu refrear-se um pouco, seu rosto pareceu menos congestionado e me olhou menos irritado, ou pelo menos assim julguei. Depois de um tempo de silêncio, falou num tom de voz quase normal:

— Não deixas de ter razão. Relevo o desgosto que me causaste. Assim mesmo, temos que descobrir uma brecha naquela resistência! Quanto mais o tempo passa, mais insatisfeitos ficam o Duque e o Cardeal!

Baixei os olhos e disse:

— Monsenhor, grande é o meu alívio. Estava desgostoso por vosso desagrado e ansiava mais que tudo por justificar-me.

Eu não sei se ele me ouviu. Ficamos um tempo em silêncio, depois ele prosseguiu:

— Fala-lhe, insiste com *ela* na imperiosa necessidade de *se* submeter à Igreja! Promete-lhe tudo quanto possa fazer com que ceda! Temos que dobrá-la, não importa como! Tudo o que não queremos aqui é um novo Jan Huss em forma de mulher!...

De repente, olhou para mim, tomou minhas mãos e falou num tom ansioso:

— L'Oiseleur, entre todos, é contigo que eu mais conto! Daquilo que fizeres agora depende em grande parte que eu seja o Arcebispo de Rouen dentro de meses!

Ouvi-o cheio de orgulho e assenti em silêncio.

Mais tarde, obedecendo às instruções de Monsenhor, voltei à cela da prisioneira, novamente interpretando meu papel de amigo ao falar-lhe:

— Jehanne, filha querida, admiro-te cada vez mais por *tua* coragem e *tua* fé, no entanto, temo bastante por ti! O que tens feito é desafiar a Igreja! Podes ser condenada por heresia!

— Padre, amo meus pais; contudo, quando Deus me ordenou que os deixasse para fazer Sua vontade, chorei, mas obedeci. Amo igualmente a Igreja; porém, se ela se opõe à vontade de Deus não é minha culpa, e se, para obedecê-Lo, tiver que deixá-la, eu o farei. Não importa quanto se ame algo ou alguém, Deus tem que ser amado e servido em primeiro lugar!

Vacilei. O que responder a isso? Insisti, melífluamente:

— Minha criança, de forma alguma *te* digo que desobedeças a Deus, mas que *te* submetas à Igreja. Afinal, ela é de Deus, e mesmo quando se mostra dura e ríspida, quer apenas salvar...

*Ela* então me olhou bem nos olhos e me senti suando frio, todavia insisti:

— ...é como uma mãe que castiga os filhos para corrigi-los. Permita-me que eu fale a Monsenhor de Beauvais que pensaste melhor e aceitas submeter-te...

A prisioneira não me deixou concluir. Cortou-me, rápida e seca:

— Por que me dizeis aquilo em que vós mesmo não acreditais?

Aquilo foi um verdadeiro choque. Senti-me desmascarado. *Ela* suspirou e disse:

— Não, Padre. Agradeço vossos conselhos, mas minhas Vozes me disseram para responder sem medo e defender a verdade, e não seguirei conselho diferente do delas.

Olhei para *ela* e julguei ler desconfiança em *seu* olhar. Naquele momento odiei-a violentamente. Sim, odiei-a mais pelo que li em *seus* olhos do que pelo que ouvi de *seus* lábios. Julguei que *ela* começava a entender o papel vil que estava representando, e nenhum verdadeiro patife gosta de ser desmascarado. Tamanho ódio senti, que tratei de encurtar minha visita, receoso de me trair, jurando a mim mesmo fazê-la pagar por isso.

Toda aquela contradição de sentimentos me torturava cada vez mais, sobretudo ao perceber que o próprio Bispo não estava imune a ela. Já não me parecia o mesmo homem de antes, e embora não pensasse em trair sua lealdade, tinha medo, muito medo, de que ele porventura fraquejasse, caindo em desgraça junto ao Duque e ao Cardeal, pois certamente seríamos todos nós, eu inclusive, arrastados em sua queda.

Eu mesmo tentaria estimular-lhe as forças e o ódio, se não sentisse que também eu me aproximava passo a passo de uma rendição completa que ameaçava destruir muito mais do que apenas minha carreira e minhas ambições. Sem saber a quem buscar, como último recurso, conquanto muito me repugnasse, busquei d'Estivet para expor-lhe o risco que corríamos, a fim de convencê-lo a irmos juntos falar a meu amo no intuito de lhe levantar o ânimo. Era um passo arriscado, pois ele bem poderia manipular minhas palavras e fazer-me cair em desgraça junto ao Bispo. Ou, caso não o fizesse, seu ódio extremo pela acusada poderia granjear-lhe um ascendente capaz de me fazer sombra. Por outro lado, poderia nos devolver, sobretudo a Monsenhor, toda a força capaz de sustentar os nossos interesses.

Procurei por ele no Château e me informaram que fora visto seguindo em direção à grande torre. Dirigi-me a ela, quando o guarda a quem mandara me avisar surgiu à minha frente, fez a reverência e falou baixo:

— Visitas.

Fiz que sim com a cabeça e ele, olhando em volta e não vendo ninguém, estendeu afoitamente a mão, na qual consegui deixar cair uma moeda sem ter que tocar naquela garra onde se sobressaíam as unhas grandes e negras, e me dirigi apressadamente para o destino, mas refreei o passo ao me deparar com os carcereiros esperando no térreo. Vendo-me fazer menção de entrar, eles, para minha estranheza, me detiveram, dizendo à meia-voz, entre o respeito e o receio:

— Padre, perdoai-nos, mas o Promotor está com a prisioneira e ordenou que ninguém os interrompesse.

Achei aquilo impertinente e repliquei, seco:

— Tenho autorização de Monsenhor de Beauvais.

Abriam passagem e subi então os degraus da escada o mais silenciosamente possível, tentando imaginar o que d'Estivet poderia querer falar-lhe àquela hora e com que finalidade. Cruzei a porta da antecâmara, fechada com um lençol escuro e sujo à guisa de



cortina, e me coleei à abertura, ansioso, mas procurando ficar tão quieto quanto possível, mesmo diminuindo a respiração para que não pudesse ser ouvida.

Pude vê-los, o Promotor e a prisioneira, tanto quanto a penumbra permitia, e embora falassem baixo, ouvia claramente a voz do primeiro:

— É preciso que me creias, Jehanne. Faças tu o que fizeres, és uma mulher morta, nenhum poder desse mundo pode salvar-te. É coisa decidida que, se por algum milagre a Igreja não *te* levar à fogueira, serás mandada de volta para os ingleses. Não morreste ainda única e exclusivamente porque não renegaste *tuas* Vozes, é tudo o que falta para que possamos queimar-te viva como feiticeira. Tudo o que podes fazer por *ti* mesma é continuar ganhando tempo resistindo tanto quanto possas. Cede à Igreja e *tua* vida valerá menos que um osso de boi morto.

Mal podia acreditar no que ouvia, ainda mais que ele *a* tratasse por “tu”. A prisioneira ouviu-o em silêncio, e depois de algum tempo, refutou brusca, seca, incisiva:

— Achais que estar viva é isto?

E estendeu bruscamente a mão direita ao redor. Ambos se quedaram silenciosos, até que *ela* recomeçou a falar, no mesmo tom:

— E por que deveria confiar em vós? Tenho sido tratada como uma bruxa e, todavia, por vossos estudos, por vossos conhecimentos das leis de Deus, sabeis muito bem que não estou dizendo nada mais do que a verdade! Mas é inútil, vossos corações são tão duros que se Saint-Michael aparecesse diante de vossos olhos em minha defesa, ainda assim vós me condenaríeis!

Ele então ergueu a voz e contestou asperamente:

— A culpa disso é *tua*, toda *tua*! Por que *te* deixaste capturar? Por que não *te* retiraste da guerra assim que *tuas* Vozes *te* revelaram que serias aprisionada?

*Ela* respondeu-lhe com inusitada firmeza:

— Porque não tive permissão de Deus para isso!

A voz do Promotor era irritada ao questionar:

— Deus, Deus, sempre esse Deus! Não sabes falar noutra coisa?! Pois deixa-me contar-te um segredo: Deus não passa de uma abstração, é uma fraude que inventamos para domesticar o povo como gado!

A voz da prisioneira soou ríspida e forte:

— Não blasfemeis, Padre! Deus existe e me ama!

Depois de alguma hesitação, ele retrucou com amargo sarcasmo, passando os olhos em torno da cela:

— Estou vendo! Se é assim que Ele trata aqueles a quem ama, dispense esse amor.

— É por Sua vontade e Seu amor que minhas Vozes vêm a mim trazer-me um consolo, uma coragem e uma esperança que desconheceis, e que por isso nem mesmo todos vós podeis me arrebatam!

A voz dele era sem convicção ao retrucar:

— Delírio, alucinação de *tua* mente perturbada pelo fanatismo!

Desta vez *ela* pareceu sorrir, e *sua* voz traduzia uma convicção inabalável:

— Não, Padre. Vejo-as com os meus próprios olhos, como vejo a vós, e se elas existem, então forçosamente Deus também existe. Fosse tudo isso apenas produto de minha imaginação, teria podido fazer tudo o que tenho feito, inclusive resistir a todos vós?

Ele custou muito a responder, e quando o fez, parecia haver desespero dentro de si:

— Então, que Deus é esse que não protege nem sequer aqueles a quem ama? Que amor é esse o d'Ele, que não *te* salvou de cair em nossas mãos?

A resposta *dela* foi cortante:

— Pretendeis que o Rei do Céu e da Terra vos preste contas de Seus atos, Padre?

Foi tão grande o silêncio que teria sido possível escutar uma mosca voando. De repente, *ela* retomou a palavra:

— No entanto, respondo-vos eu: é o Deus que ama tanto a todos vós, apesar de todos os vossos crimes e pecados, que me fez vossa prisioneira a fim de que, por meu intermédio, Ele tivesse ao menos **uma** oportunidade de vos falar, de vos oferecer a salvação de vossas almas! pois até mesmo para Ele é difícil ajudar os que se desajudam...

Durante uma fração de minuto eles se encararam estáticos, em silêncio. Depois de algum tempo, ele recomeçou a falar num tom de voz amargo, que se fazia cada vez mais áspero e alto:

— Neste caso, não sei qual dos dois foi o mais ingênuo, pois a única divindade à qual rendemos culto chama-se Política, mas ela não se interessa por almas. Foste tremendamente ingênua, e no mundo da Política a ingenuidade é um erro inexpiable. Sorte *tua* se és verdadeiramente enviada dos Céus, porque na Terra não passas de um estorvo!...

— Um estorvo?!...

— Sim, um estorvo, e não somente para nós, mas também para *teu* rei e para a Igreja! Esperavas o quê, que o *teu* reizinho, por gratidão, movesse céus e terras para tentar salvar-*te*? Tola, nada entendes de reis e política! Ele deve estar feliz como nunca por se ver livre de *teus* conselhos, de *tua* tutela, de *tua* insistência em tentar fazer dele um rei de verdade! E quanto à Igreja... tola mais uma vez, se esperavas que ela *te* acolhesse como enviada de Deus! Se é que Ele existe, então cuide apenas do Céu, porque da Terra ela cuida a seu modo e terá o máximo prazer em te mandar de volta para Ele!

Houve uma pausa prolongada, e então *ela* perguntou:

— É a Igreja que fará isso, ou vós, meus Juizes?

Ele não respondeu. A prisioneira tornou a perguntar:

— Por que me odiais tanto, Padre?

Depois de prolongado silêncio, a resposta que ele deu-*lhe* me deixou estarrecido:

— Porque eu *te* amo.

O silêncio pareceu que nunca ia acabar, mas ele por fim prosseguiu:

— Amo-*te*, amo-*te* tanto quanto pode o verme que rasteja no lodo amar a luz que brilha no céu. Por que *te* amo? Eu mesmo não sei, teria todas as razões do mundo para *te* odiar: amas a Deus, quando a maior parte de nós usa-O como ótimo argumento para justificar toda a sorte de patifarias; amas a *tua* Pátria, que deveria ser também a nossa, caso esta palavra significasse para nós outra coisa que não o ventre cheio e as arcas repletas de ouro; és pura como os lírios do campo e *tua* pureza põe nossa miséria a nu, faz-me sentir o tempo todo que somos quais os sepulcros de mármore: por mais belos que sejam por fora, guardam no interior somente a podridão dos cadáveres. E mesmo assim *te* amo, contra a minha vontade, contra os meus interesses e contra o meu caráter!

*Ela* não respondeu. Devia estar tão petrificada pela surpresa quanto eu. E quase um murmúrio abafado traiu minha presença quando o vi pôr-se de joelhos diante da prisioneira, lutando por abafar os soluços. Ouvi-a dizer, com assombro na voz:

— Padre, levantai-vos, por quem sois!

Ouvi-o falar entre soluços:

— Não, deixa-me falar-*te* assim! Somente de joelhos posso confessar-me a *ti*! Amo-*te*, amo-*te*! Não entendes o que te digo? Sim, eu, que nunca senti senão desprezo pelo amor, amo-*te* tanto quanto pode um monstro como eu, com toda a pureza de alma que a raça de Judas é capaz de sentir! Tanto que, quando estou perto de *ti*, sinto horror disto que sou e chego a crer que posso deixar de sê-lo, para ser aquilo que jurara outrora! Por isso naqueles Setenta Artigos distorci de maneira tão flagrante e tão escandalosa tudo o que disseste, para que todos soubessem que aquilo tudo não passava de uma deslavada mentira... como se fizesse alguma diferença!...

Sorri para mim mesmo ao ouvir esta última frase. Depois de um lapso de silêncio, a prisioneira respondeu num fio de voz:

— Não é possível... afinal, sois padre!

— Padre? Não, sou apenas um homem de batina! Ser padre é outra coisa, que nenhum de nós sabe o que é! Crês que o voto de castidade tenha algum valor para nós? Usamos mulheres para saciar nossos apetites carnis, por sedução ou pela força, pouco nos importa! Mas contigo é diferente! Juro-*te*, na verdade me odeio porque *te* amo, pois és santa e não podes amar um monstro como eu! E quanto mais *te* amo, mais me odeio pelo que tenho que fazer!...

No breve silêncio que se seguiu percebi que a prisioneira chorava, enquanto ele continuava a falar ajoelhado diante *dela*, também lutando contra os soluços:

— Choras!... Poderias ao menos ter no *teu* coração um pouco de piedade de mim, Jehanne? Amo-*te* tanto que receio não ter coragem de ver-*te* na fogueira!... Foi por isso que insisti com Monsenhor até convencê-lo a lançar mão do veneno, porque foi a única maneira que encontrei de *te* salvar do fogo!...

O susto que tais palavras me causaram foi tal que me obriguei a fechar a boca com as duas mãos, antes que um murmúrio abafado traísse a minha presença, enquanto ele continuava:

— ...por isso me opus com todas as forças a que o médico *te* sangrasse, e *te* injuriei tanto ao ver-*te* recobrando a saúde, na esperança de que tornasses a piorar!... Pois a morte ser-*te*-ia preferível a quanto tens e ainda terás que suportar! É preciso que isto acabe o quanto antes, de um jeito ou de outro, senão... senão, acabarei por gritar a todos que não posso *te* condenar porque *te* amo, e Deus tenha pena de todo aquele que ousar fazer algo por *ti*!... Acredites em mim, há muitos anos rezo apenas como parte desta pantomima que a batina nos obriga a representar, mas por *ti* voltei a orar a Deus, implorando-Lhe que me desse uma prova de Sua existência compadecendo-Se de *ti*, livrando-*te* das chamas...

As vozes foram abafadas pelos soluços. Dele, não *dela*. Aquele homem, vinho da mesma pipa que nós todos, chorava e soluçava. Depois de algum tempo, conseguiu conter-se e disse:

— E os ingleses dão-me presentes por causa do ódio que *te* demonstro! Ah, se esse Deus existe mesmo, de que lugar eu serei digno senão do fundo do Inferno?!

— Ele existe, Padre! Não o duvideis! — retrucou a jovem com firmeza.

— Ah, se eu pudesse ter essa certeza! — disse o Promotor, embevecido. — Jamais em toda a vida vi tanta coragem, tanta fé, num corpo tão franzino. Achava que tais coisas só existiam em lendas. Admiro-*te*, do fundo d'alma, porém... não sou capaz de ser assim. Achas porventura que cheguei onde cheguei por meio da virtude e do amor ao próximo? E tu, que ganharás por ser tão santa? Tomara que seja o Paraíso, se é que existe, pois na Terra, pelo menos, nada terás além da prisão e da fogueira.

A voz *dela* pareceu tomada de afeto ao replicar:

— Padre, arriscar-vos-eis à eterna condenação no Inferno?

— E que outro destino pode ser o meu? Sempre escolhi a porta larga<sup>299</sup>, pois não tenho fé nem coragem bastante para pagar o preço por um Paraíso que nem sei se existe! Não obstante, se estiveres certa, lembra-*te* no *teu* Céu de que *te* amo mais do que minha mãe que não conheci, minha irmã que não sei se tive, minha filha bastarda a qual ignorei, e continuarei *te* amando enquanto tiver consciência de mim mesmo, ainda que no mais fundo dos Infernos!...

Não pôde continuar, pois ambos choravam e soluçavam. Tentei entender o que se passava dentro de mim, sem conseguir. Por um lado, sentia-me particularmente feliz, tinha descoberto uma arma formidável, para destruí-lo, bastaria escolher o momento certo para contá-lo a meu amo. Ao mesmo tempo, invejava-os. De onde estava, invejava aquele momento que me era dado assistir, mas não compartilhar. Depois de minutos, ele ainda *lhe* disse, enquanto fazia menção de se levantar:

— Jehanne... Sainte-Jehanne d'Arc, tem piedade de nós, *teus* Juízes na Terra e réus diante de Deus por toda a Eternidade. As atas do Julgamento registrarão para a posteridade a violência das injúrias, dos insultos que o Padre Benedicité atirou-*te*. Mas o único amor verdadeiro e puro de toda a minha vida terá que ficar selado em nossos lábios para sempre, pelo segredo da confissão. Se ainda houvesse redenção pra mim, seria pelo amor que *te* consagro. Tenta me perdoar, tenta não me odiar, porque apesar de tudo, ele não é forte o bastante para fazer de um réprobo um mártir...

Ele se levantou então. Julguei que ele em breve sairia. Por isso não fiquei para ouvir a resposta que *ela* lhe deu, apesar de toda a minha curiosidade. Era preciso que eu me afastasse antes que ele pudesse saber que alguém mais compartilhava seu segredo. Afinal, segundo o provérbio, *para que três pessoas possam manter um segredo, é preciso que duas estejam mortas. Ela* logo o estaria, e quanto a mim não desejava ser o segundo...

---

299

Vide nota 50.

## 19 de maio

Depois de uma espera prolongada, finalmente Beaupère, Midi e Touraine voltaram de Paris e apresentando-se a meu amo no Palácio Arquiepiscopal, a fim de lhe entregar as cartas que continham as respostas da Universidade. Embora a curiosidade roesse a todos nós, o Bispo apenas agradeceu-lhes e dispensou-os, prevenindo-os, não obstante, de que estavam de antemão convocados, como a maior parte de nós assessores, para a sessão de sábado, 19 de maio, quando os documentos finalmente seriam apresentados em caráter oficial.

Enquanto aguardava o previsível chamado de meu amo, a curiosidade me deixava tão ansioso que cada hora parecia uma eternidade. O sol se punha, e ainda não havíamos ceado, quando finalmente fui chamado ao seu escritório. Ele parecia uma criança prestes a receber um brinquedo pelo qual houvera esperado longamente. Quebrou os lacres e me passou os papéis, mandando-me que os lesse, enquanto enchia nossas taças.

Li em primeiro lugar a longa carta enviada ao Rei, que, entre as mesuras convencionais e o palavrorio repetitivo usual nestes casos, dava conta do

*...excelente trabalho que diz respeito à nossa fé sagrada, que é o justo Processo judicial contra essa mulher...*

e afirmava que:

*...ficou claro para nós que o julgamento dessa mulher é da mais alta gravidade, e que tem sido observado o procedimento mais justo e santo, como deve ser feito a todas as pessoas...*

bem como agradecia

*...primeiramente à soberana Majestade por vossa mais elevada nobreza, com nossa humilde e leal afeição; e a todos aqueles que reverenciam a Deus através de suas dores, trabalhos e energias neste assunto, para o bem de nossa sagrada fé...*

e que

*...com o fim de satisfazer às vossas ordens e determinações...*

encaminhava o resultado

*...da realização das muitas assembleias que resultaram de forma satisfatória em grandes e maduras deliberações de nossa parte...*

através de cartas, bem como por meio

*...dos mui honrados e veneráveis Messires Jean Beaupère, Jacques de Touraine e Nicolas Midi...*

por meio dos quais

*...encaminhamos a Vossa Alteza nossas deliberações, conclusões e conselhos acerca dos pontos, exposições e artigos que nos foram transmitidos; pois estaremos sempre preparados para empregar nossa sinceridade dentro das matérias diretamente relacionadas à nossa fé, tal como nosso estado ordena de forma explícita, como o temos demonstrado todo o tempo com o melhor de nossa capacidade...*

uma vez que

*Se qualquer coisa a mais ainda está por ser dita ou exposta por nós, estes honrados e veneráveis Messires, que agora retornam a Vossa Alteza e que estiveram presentes às nossas deliberações, estão capacitados a conduzir, expor e declarar tudo quanto seja pertinente, consoante nossos propósitos.*

Ao mesmo tempo, pedia ao Rei para

*...dar crédito a tudo quanto eles precisem dizer em nosso nome e recebê-los com especial recomendação: em verdade, nesta matéria eles demonstraram grande diligência, sagrada e pura afeição, fazendo generoso uso de seus esforços, de suas pessoas e de suas capacidades, sem se preocuparem com os grandes riscos a que se expunham, sobretudo nas estradas; e em verdade, graças ao saber, disciplina e discreta prudência de que deram mostras, esta matéria está bem encaminhada para ser concluída, se assim aprouver a Deus, com sabedoria, santidade e razão.*

Li a seguir a que a Universidade mandava a meu amo:

*o Reverendo Pai e Senhor em Cristo, o Bispo de Beauvais.*

*O diligente labor de vigilância pastoral demonstra-se animado por imenso fervor de singularíssima caridade, meu Senhor e Reverendíssimo Pai, quando a mais firme justiça, em seu trabalho estável e constante voltado para a piedosa preocupação com a segurança pública, jamais deixa de trabalhar em nome da nossa sagrada fé.*

*O famoso espírito marcial e viril do vosso mais sincero fervor mostrou sua verdadeira medida quando, graças à vossa coragem e elevada probidade, esta mulher comumente chamada A Donzela foi conduzida às mãos da vossa justiça, no que vos foi propícia a graça do Cristo; o veneno desta mulher,*

*largamente derramado, infectou o rebanho de fiéis de quase todo o Ocidente. A vigilante solicitude de Vossa Reverendíssima, em seus esforços por realizar o trabalho do verdadeiro pastor, não falhou em lhe opor um público impedimento.*

*Em nossa assembleia, na presença de diversos Doutores em Teologia, nossos agentes Messires Jean Beaupère, Jacques de Touraine e Nicolas Midi, elegantemente expuseram para nós a forma e a conduta dos procedimentos iniciados contra as graves ofensas desta pérfida mulher, por meio de certas proposições, artigos, cartas a nosso senhor o Rei e a Vossa Reverendíssima, credenciais e demandas. Depois de ouvirmos a totalidade das exposições, resolvemos endereçar nossa mais elevada gratidão a Vossa Reverendíssima, que jamais mostrou indiferença quando estes célebres trabalhos de exaltação do nome divino estão em pauta, bem como a integridade e a glória da nossa fé ortodoxa e a salutar edificação da fé das pessoas. Aprovamos a celebração desse Julgamento, e desta forma, consideramo-lo de acordo com as leis canônicas e emanadas da mais elevada eloquência e experiência.*

*Pelo respeito devido a nosso senhor o Rei e nossa vetusta devoção a Vossa Reverendíssima, nós concordamos com tudo quanto foi pedido dentro do que os ditos Doutores nos apresentaram, verbalmente ou por escrito, uma vez que desejamos satisfazer-vos com todas as nossas forças e nossa mais sincera afeição, Reverendo Pai.*

*Acima de tudo, nós tivemos o cuidado de fazer as mais sérias consultas e deliberações, nas quais, depois de a matéria ter sido frequentemente discutida com toda a liberdade e sinceridade, decidimos colocar por escrito estas deliberações e consultas às quais finalmente chegamos por unanimidade. Esses ditos Doutores nossos agentes, em retorno a Vossa Reverendíssima, mostrar-vos-ão tudo isto fielmente. Eles igualmente deverão expor certas outras coisas apresentadas de maneira mais extensa em carta a nosso senhor o Rei, da qual uma cópia foi guardada. Permiti Vossa Reverendíssima receber com especial atenção estes eminentes Doutores os quais não economizaram suas energias; que, sem se preocuparem com perigos e cansaços, nunca deixaram de laborar nessa matéria de fé.*

*Para a realização desta pesada tarefa, que não foi empreendida em vão, nós daremos nosso auxílio e perseverança ao incansável zelo de Vossa Reverendíssima, até que a razão decida estar a Majestade Divina apaziguada por uma reparação proporcional à ofensa, a verdade da nossa fé ortodoxa permaneça imaculada, e a iníqua e escandalosa desmoralização do povo seja coisa do passado. Então, quando o Príncipe dos Pastores realizar Sua aparição, concederá ao fervor pastoral de Vossa Reverendíssima uma coroa de glória eterna.*

*Escrito em Paris, em nossa assembleia geral solene, no décimo-terceiro dia do mês de maio de Mil CCCCXXI. O Reitor da Universidade de Paris.*

— Isto é tudo? — perguntou ele com estranheza.

— Sim, é tudo — respondi tão surpreso quanto ele.

Meu amo ficou a olhar para longe, em silêncio. Perguntei-lhe então, receoso:

— Monsenhor, não terão esquecido algo?

— Não, meu caro. Nada foi esquecido. É claro como o sol do meio-dia.

E bebeu um pouco de vinho, suspirando. Estranhei:

— Mas, nem uma palavra sobre vosso arcebispado...

Ele levantou-se e pôs-se a andar de um lado a outro, e em seus olhos li amargura, decepção e derrota, quando me respondeu:

— Naturalmente. Ao invés de a Igreja Militante conceder-me a mitra de Arcebispo de Rouen, transfere à Igreja Triunfante a responsabilidade de me conceder “*uma coroa de*

*glória eterna*” tão sólida e palpável quanto o grande número de orações que oferecemos aos nobres borgonheses, em troca da prisioneira.

Ele ficou um pouco em silêncio, absorto. Depois, voltou-se para mim, prosseguiu, rindo de amarga ironia:

— Vês como promessa é algo valioso? Mesmo eu acreditei, tive como certo o meu arcebispado porque mo prometeram. E depois de tudo o que fiz todo esse tempo, trocam a recompensa prometida por uma “coroa de glória eterna” que, valha o que valer no Céu, na Terra vale menos do que a merda dos meus cavalos!

A seguir mandou-me sair, pois desejava ficar só. Obedeci, intimamente imaginando o que ele faria para mudar o quadro. Mas, de nada eu soube, os dias se passaram sem maiores novidades, até que o sábado chegou e a sessão teve início:

— “Recentemente, recebemos um considerável número de opiniões valiosas de Doutores e Mestres a respeito das declarações da acusada, deliberações estas suficientes para nos permitir chegar ao fim deste Julgamento. Não obstante, em demonstração de honra e reverência à nossa mãe, a Universidade de Paris, e para obtermos maiores e mais detalhadas elucidacões acerca desta matéria, para maior tranquilidade de nossa consciência e a edificacão de todos, achamos por bem encaminhar à dita mãe o exposto, em particular às Faculdades de Teologia e a de Direito, a fim de recebermos o conselho dos peritos Mestres da Universidade, em particular destas duas Faculdades.

A Universidade, e particularmente estas Faculdades, famosas pelo ardente e extraordinário zelo por nossa fé, deu-nos conceitos solenes e amadurecidos sobre cada um dos artigos expostos e remeteu-os a nós sob a forma de Instrumento Público. Ordenamos que o conteúdo destas instruções seja lido em voz alta, palavra por palavra, clara e publicamente, para que todos os Mestres e Doutores presentes possam ouvi-las e entendê-las claramente, depois do quê eles deverão expor-nos suas opiniões em relação às conclusões da Universidade e das duas Faculdades e sobre a maneira como devemos nós proceder”.

Monsenhor então ordenou a seguir, que fossem lidas as cartas enviadas por aquela instituição (...*fonte inesgotável de toda sabedoria, verdadeira luz da Igreja...*): e o conteúdo das deliberações das Faculdades. Este último, certamente o mais importante, foi escrito como se segue:

*eguem-se os artigos que dizem respeito aos atos e palavras da acusada Jehanne, vulgarmente conhecida como A Donzela, que principiam por: “Uma certa mulher afirma que desde os treze anos de idade ou cerca disso... etc.”*

**S** *Abaixo, seguem-se as conclusões alcançadas pela Sagrada Faculdade de Teologia da Universidade de Paris no julgamento dos artigos acima transcritos referentes aos atos e palavras da acusada Jehanne, vulgarmente conhecida como A Donzela; e o conjunto das deliberações e conclusões da supracitada Faculdade em tudo o que diz respeito à matéria, que a Faculdade desde já submete ao juízo de Nosso Santo Padre, o Papa, e do Sagrado Concílio Geral.*

*Em relação ao Primeiro Artigo, a Faculdade doutrinariamente declara que, tendo em vista a forma e o conteúdo das visões referidas, a qualidade da pessoa envolvida, o local e demais detalhes, que estas visões são fictícias, perniciosas e enganosas mentiras; ou que são superstições, procedentes de demônios ou espíritos diabólicos cujos nomes verdadeiros são Belial, Satã e Behemoth.*



*Em relação ao segundo, não parece ser verdadeiro, antes é presunçoso, falso, pernicioso, dissimuladamente mentiroso e atentatório contra a dignidade angélica.*

*Em relação ao terceiro, não há sinais suficientes, e a dita Jehanne crê levemente e afirma de forma temerária. Além disso, pela comparação que fez, ela crê de forma errada e se desvia da fé.*

*Em relação ao quarto, não contém senão superstição, adivinhações e afirmativas cheias de vã arrogância.*

*Em relação ao quinto, esta mulher é blasfemadora em relação a Deus, insolente a Deus e aos santos Sacramentos, desprezadora das leis divinas e das determinações eclesiásticas, pensa malignamente e transvia-se na fé de forma tola e jactanciosa, devendo ser considerada suspeita de idolatria pela execração que faz a si mesma e às suas vestes, imitando costumes pagãos.*

*Em relação ao sexto, esta mulher é traiçoeira, ladina, cruel, ávida de sangue humano, sediciosa, incitadora da tirania e blasfemadora de Deus em suas ordens e revelações.*

*Em relação ao sétimo, esta mulher é ímpia para com seus pais, blasfemadora dos mandamentos que determinam honrar pai e mãe, causadora de escândalo e blasfema em relação a Deus; transvia-se da fé e faz promessas temerárias e presunçosas.*

*Em relação ao oitavo, nós vemos covardia vizinha do desespero, podendo ser entendido como atentado à própria vida; uma assertiva temerária e presunçosa referente à remissão dos pecados; e uma errada interpretação desta mulher sobre a doutrina do livre arbítrio.*

*Em relação ao nono, existe uma temerária e presunçosa afirmativa e uma falsidade perniciososa. Ela se contradiz em relação ao artigo anterior e seu pensamento em termos de fé é maligno.*

*Em relação ao décimo, nós encontramos temerária presunção, superstição adivinhatória, blasfêmias contra Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite e transgressão ao mandamento do amor ao próximo.*

*Em relação ao undécimo, supondo-se que ela tenha tido de fato as revelações e aparições das quais se vangloria, de acordo com as circunstâncias do artigo primeiro, então ela é idólatra, invocadora de demônios e transviada da fé, faz afirmações temerárias e juramentos proibidos.*

*Em relação ao duodécimo, esta mulher é cismática, tem errada opinião acerca da unidade e autoridade de Igreja, é apóstata e mantém-se obstinadamente em seu desvio da fé.*

Por sua vez, a Faculdade de Direito emitiu os seguintes pareceres:

*qui seguem a deliberação e o juízo doutrinário da venerável Faculdade de Direito da Universidade de Paris sobre os Doze Artigos, transcritos e anotados abaixo, a respeito das palavras e ações de Jehanne comumente conhecida como A Donzela. A Faculdade submete estas deliberações e juízos à decisão e julgamento do soberano Pontífice da Sé Apostólica, e do Sagrado Concílio Geral.*

*Se esta mulher em sã consciência insiste em manter as proposições contidas nos Doze Artigos e fez as coisas neles escritas, a Faculdade de Direito, depois de minucioso exame para conselho e doutrina, caridosamente opina como se segue:*

*Primeiramente, que essa mulher é cismática, conceituando-se cisma como uma separação ilícita, devido à desobediência, da unidade da Igreja; que ela aparta a si mesma da obediência para com a Igreja Militante, como ela tem dito, etc.*

*Que esta mulher se encontra desviada da fé; contraria os artigos relacionados à fé contidos na bula “Unam Sanctam Ecclesiam Catholicam”, e o Beato Jérôme<sup>300</sup> diz que todo aquele que contraria estes artigos prova não somente que é ignorante, maligno e não Católico, mas também que é herege.*

*Que esta mulher é apóstata, pois ela corta os cabelos que Deus lhe deu para lhe servir de véu, e com o mesmo desígnio recusa-se a usar o vestido próprio das mulheres e imita os costumes dos homens.*

*Que esta mulher é bruxa e mentirosa quando diz que foi enviada por Deus, fala com Anjos e Santos e ainda pretende justificar-se a si mesma sem apresentar a seu favor nenhum milagre ou evidências das Escrituras. Quando o Senhor quis enviar Moisés até o Egito, deu um sinal aos filhos de Israel que lhes permitissem acreditar que Deus o enviara, transformando uma vara em serpente e uma serpente numa vara. Outrossim, quando Jean le Baptiste deu início à sua missão, trouxe uma evidência especial das Escrituras, quando disse: “Sou a voz do que clama no deserto: preparai os caminhos do Senhor”, como profetizara Isaías.*

*Que esta mulher, na lei e naquilo que presume a lei, está transviada da fé: em primeiro lugar quando ela é anátema segundo a autoridade das leis canônicas e se mantém nesta situação; e em segundo, por declarar que prefere ficar sem receber o Corpo de Cristo e não se confessar nas ocasiões determinadas pela Igreja, a usar vestidos próprios de mulher. Além do mais, é veementemente suspeita de heresia e precisa ser diligentemente investigada no que diz respeito à fé.*

*Que esta mulher também está em pecado quando diz estar certa de ser levada ao Paraíso, como se ela já fizesse parte da glória dos Bem-Aventurados, uma vez que nesta jornada terrena nenhum peregrino pode saber se é digno de glória ou de castigo, o que somente o Soberano Juiz pode dizer. Em consequência, se esta mulher já tiver sido caridosamente exortada e admoestada por um Juiz competente no devido tempo e não tiver retornado prontamente para a unidade da fé Católica, publicamente abjurando seus erros pela boa graça de seu Juiz e dando justa satisfação, deve ser abandonada ao braço secular e receber a pena proporcional ao seu crime.*

O restante do documento apenas fazia menção às formalidades de praxe findas as quais, após longa e madura discussão, o Reitor concluiu que as proposições das Faculdades eram boas, ratificadas e aceitáveis e, portanto, a Universidade passaria a sustentá-las como sendo as de toda a instituição, depois do que nossos representantes solicitaram uma cópia para apresentá-la ao Tribunal.

Feitas as leituras, Monsenhor falou:

— Bem, senhores, temos as deliberações das Faculdades e da Universidade, que estão de pleno acordo com o que estamos fazendo. É chegado o momento de decidir o destino da acusada. Irmão Raoul Roussel, qual o vosso parecer?

Ele pareceu vacilar. Membro proeminente do Capítulo da Sé de Rouen, até então muito pouco havia falado e por isso pouco havíamos prestado atenção a ele, erro este que nos custaria muito caro mais tarde. Seu olhar era equívoco ao levantar-se e responder:

— Reverendíssimo senhor Arcebispo, eu...

Aquilo criou certo “frisson” na sala, mas prontamente Roussel se desculpava pelo equívoco, enquanto eu e o Bispo nos entreolhávamos, e respondeu:

---

<sup>300</sup> Vide nota 155. Embora as traduções de Barret e outros digam “São Jerônimo”, o texto latino, segundo Quicherat, usa o termo “beatus”, e não “sanctus”. Na Igreja Católica, a beatificação é um estágio imediatamente anterior ao da canonização.

— Creio que tudo já foi notável e solenemente debatido e estamos em condições de concluir; e, a não ser que a acusada volte para o caminho da verdade e da salvação, deve ser considerada herética. Estou de acordo com o parecer da Universidade de Paris.

Enquanto ele tornava a se sentar, Monsenhor olhou para mim de uma forma que não fui capaz de entender. Ainda assim, nada comentou e deu continuidade:

— Irmão Nicolas de Vendères?

Ele levantou-se prontamente, inquieto e ansioso por falar, e fê-lo com certa rudeza:

— Concordo com o irmão Roussel. Acrescento unicamente que **um dia** é mais do que suficiente para concluir o Processo, pronunciar a sentença e abandonar a prisioneira à justiça secular!

Enquanto ele tornava a se sentar, uns poucos concordaram vivamente por gestos de cabeça, mas sem falar. Monsenhor me olhou, contrariado. Aqueles idiotas não compreendiam os aspectos políticos do Julgamento nos quais muita coisa estava em jogo, sobretudo uma mitra de arcebispo. Ou compreendiam, e por isso mesmo?...

— O irmão Gilles de Duremort?

Este se levantou devagar e respondeu de forma lenta e calculada:

— Não obstante a sabedoria do parecer do Irmão de Vendères, em minha simplória opinião o Promotor deve determinar um dia certo para perguntar à acusada se desejava dizer algo mais, e então submetê-la a nova admoestação pública. Se, mesmo assim, *ela* não se retratar e não voltar para o caminho da verdade, então devemos considerá-la herética, pronunciar a sentença e entregá-la à justiça secular.

Monsenhor mostrou-se satisfeito, embora nada dissesse. Percebi também que a maioria concordava silenciosamente. Estes dois pontos de vista mais uma vez polarizaram a questão. Ainda que os textos omitam o fato, por vezes discussões azedas ameaçavam eclodir, mas Monsenhor prontamente coibia-as, ordenando que cada qual se limitasse a dar seu parecer. Decerto, satisfeito por perceber para que lado a maioria se inclinava e receoso de que isto pudesse ser mudado.

— Irmão Jean de Chatillon?

Assustei-me ao escutar seu nome. Não tinha dado pela sua presença, tampouco sabia explicar como e por quem ele fora chamado. Era a primeira vez que o via desde a cena na câmara de torturas, e se levantou como uma criança apanhada em falta. Não sustentou o olhar do Bispo e respondeu trêmulo, gaguejando:

— Aqueles que não têm opinião firmada têm o dever de seguir a da Universidade. De minha parte, eu o faço e concordo com o irmão de Duremort.

— Irmão Erard Emengart?

— Concordo que a acusada deve ser admoestada mais uma vez, e se *ela* se mantiver em *sua* obstinação, então acompanho o parecer da Universidade de Paris.

— Irmão Guillaume de le Boucher?

— Mantenho o parecer dado pelos bacharéis a 9 de abril. Acrescento que *ela* deve ser mais uma vez admoestada, sendo-lhe comunicados os pareceres da Universidade.

Jean le Fèvre sustentou opinião semelhante, seguido por l'Advenu, não antes de vacilar, olhando em volta e para Monsenhor. O mesmo se passou com la Pierre, o qual acrescentou que a acusada deveria ser alertada sobre *os perigos em que incorria ao persistir em sua desobediência à Igreja*, no que foi acompanhado por Pierre Maurice,

Courcelles e eu. Alespée também votou por uma nova admoestação, mas com voz tão sumida que tivemos dificuldade em ouvi-lo. Midi, por sua vez, concordou que o julgamento poderia ser concluído e pronunciada a sentença no mesmo dia.

Na continuação, o que de início prometia ser uma disputa acirrada terminou por um folgado sufrágio a favor de mais uma admoestação pública, embora, naturalmente, tais pareceres não fossem mais do que isto, cabendo a decisão final aos Juízes, ou seja, Monsenhor, que, ao término, disse-nos formalmente:

— Sendo assim, nós, Juízes, agradecemos aos veneráveis Padres, Doutores e Mestres seus valiosos pareceres. Declaramos que nós iremos uma vez mais advertir caridosamente a dita Jehanne para dar-lhe uma última chance de retornar ao caminho de verdade, pela salvação de *seu* corpo e *sua* alma e, em continuidade, fixaremos um dia para pronunciarmos a sentença final, de acordo com vossas boas deliberações e salutares conselhos.

A seguir levantou-se, dando por encerrada a sessão. Os demais imitam-no. Quando me vi a sós com o Bispo, perguntei-lhe:

— Monsenhor, vós mandastes chamar Chatillon?!

Ele me olhou de cenho fechado e não respondeu, mas seus olhos pareceram mais vivos e julguei ver um esboço de sorriso no canto dos lábios que se formou e se desfez no tempo de um piscar de olhos, e prosseguiu sem responder:

— Há alguém que precisa de uma atenção especial de nossa parte.

Pensei rápido e disse:

— Roussel.

— O próprio. Ele é uma das vozes mais importantes do Capítulo da Sé de Rouen, e esta voz tem dito muito pouco ao longo deste Julgamento.

— Preocupa-vos o fato de ele vos ter chamado de Arcebispo? William Haiton igualmente o fez. Isto pode significar que eles estão do vosso lado.

Ele sorriu um tanto preocupado ao me dizer:

— É possível, mas a lisonja é uma arma bastante eficiente contra quem acredita nela. Talvez eu tenha cometido um erro grave ao não dar maior atenção a Roussel. Ao passo que Vendères fala muito, ele em geral está sempre quieto, e isto me inquieta deveras. Um homem muito calado, se não for um perfeito simplório, é deveras perigoso, e ele certamente não teria a seu favor uma facção de peso dentro do Capítulo de Rouen por ser simplório. Tenta conversar com ele.

Acenei afirmativamente e retornamos ao Palácio.

## Outra Entrevista

No fim de mais uma tarde, recebi outra vez o aviso de “visitas”. Repetiu-se tudo quanto aconteceu por ocasião da visita do Promotor, mas foi com extrema curiosidade e surpresa que, desta vez, vi a figura acanhada de le Maistre falando à prisioneira, tão baixo que mal conseguia ouvir algumas palavras, por mais que apurasse o ouvido. Somente passei a compreender a conversa quando, em dado momento, *ela* perguntou em tom mais alto:

— Por que razão a Igreja faz isso comigo? Tudo o que fiz foi cumprir a vontade de Deus...

— ...contrariando os interesses dos homens. Esta razão não *te* parece bastante?

— Padre, vós todos quereis me fazer acreditar que os interesses políticos pesam mais para a Igreja do que a vontade de Deus?!

O Vigário da Inquisição pareceu surpreender-se e respondeu-*lhe*:

— Convencer-*te*, filha? Nem sequer pensamos nisso. Os fatos falam por si sós. E deveria ser de outra forma? Afinal, neste mundo até mesmo a Igreja é constituída por homens, e é próprio dos homens cuidarem primeiramente de seus próprios interesses.

*Ela* perguntou então, em tom de desencantada ironia:

— Quereis dizer então que o Rei do Céu e da Terra não pode contar com a obediência daqueles que são Seus ministros na Terra?!...

A voz do Vice-Inquisidor chegou mansamente aos meus ouvidos:

— Pelo menos, não com a nossa. E por que isto *te* surpreende? Nós, *teus* juízes, mesmo sabendo que vens da parte de Deus, damos-*te* ouvidos, porventura?

A prisioneira perguntou num tom de afetuosa surpresa:

— Credes em mim, Padre?!

— Não, filha, eu não creio: eu **sei**, tanto quanto tu mesma. Nós todos sabemos, conquanto ninguém possa admiti-lo publicamente, pois quem o fizer assinará sua própria condenação.

A jovem parecia chocada ao *lhe* perguntar:

— Sabeis, então, e mesmo assim, vós todos me condenareis?...

— Sim. Todos nós *a* condenaremos. Apesar disto, ou mais provavelmente, por causa disto.

*Ela* pareceu ficar atordoada, arregalou os olhos e contestou, em voz sumida:

— Seria compreensível aceitar isso da parte dos ingleses. Mas de vós, que sois padres, sacerdotes de Jesus Cristo!...

A voz dele expressava desalento ao retrucar com outra pergunta:

— És realmente tão ingênua que ainda acreditas nisso?

A prisioneira pareceu tão chocada com o que ouviu que replicou, em voz sumida:

— No entanto, fizestes os votos sagrados, Deus vos escolheu!...

A voz dele pareceu cheia de melancólica ironia ao retrucar:

— Se isto fosse verdade, filha, concluiria que Ele andou escolhendo muito mal, pois nós não O escolhemos. Estamos longe de sermos como os antigos cristãos, que desciam ao martírio no Circo romano cantando hosanas ao Senhor. Escolhemos a porta larga. E para homens como nós, pessoas como tu são extremamente perigosas.

A jovem olhava-o com uma expressão intraduzível, como se não soubesse o que dizer. Ele então continuou:

— Não entendes por quê? No entanto, a explicação é clara: a Igreja simplesmente não sabe o que fazer com gente igual a *ti* nos dias de hoje. Afinal, ela determinou limites para todos e não permite que ninguém ultrapasse-os. Por isso, um santo vivo acaba tornando-se um problema espinhoso, pois não é capaz de conformar-se em ficar dentro deles. Compreendes agora?

*Ela* ficou por um instante em silêncio e respondeu:

— Não, Padre. O que dizeis é profundo demais para mim. Só se eu fosse santa, e é impossível crer nisto. Não ousa me considerar igual às minhas Vozes.

Ele replicou, mansamente:

— Procura entender, filha: a Igreja, por meio de suas encíclicas, bulas e concílios, vem guiando o mundo há quase mil anos. Para continuar a fazê-lo, necessita de um mundo completo, pronto, estável. Não pode tolerar transformações, que inevitavelmente acontecem quando as pessoas passam a pensar por si mesmas. A fim de evitar que isto aconteça, a Igreja estabelece padrões absolutos, que ela e tão somente ela pode discutir, mudar ou revogar; determina regras para tudo quanto existe no mundo, dizendo às pessoas o que elas têm permissão para pensar, falar e fazer, pois nada pode estar fora nem acima da Igreja.

— Nem mesmo uma ordem d’Aquele que é o Rei do Céu e da Terra?

Ele sorriu tristemente ao responder:

— Nem mesmo isso, pois, sem o aval da Igreja, a própria santidade é herética.

— Os santos agiram em obediência a Deus, sem esperar por outra permissão além da d’Ele!... — refutou *ela*, com energia.

— Por isso mesmo, quase todos foram mártires... — disse ele, interrompendo-*a*.

— ...e são venerados como santos!

— Mas é claro! Já estão mortos, ou seja: não discutem, não questionam, nada trazem de novo, e por isso nos são maravilhosamente úteis! Porém, uma santa viva, como *tu*, abala a estabilidade dos conceitos que a Igreja há séculos defende e sustenta a todo custo. Se tivesses continuado a ser uma reles camponesa como tantas outras, poderíamos ignorar-*te* e viverias em paz com *tuas* verdades e revelações. Todavia, isto não é mais possível porque fizeste com que toda a França *te* visse falar e agir. Foste *tu* mesma quem nos puseste neste terrível dilema: ou *te* reconhecemos publicamente como santa (o que, por questões políticas, estamos impossibilitados de fazer) ou convencemos o povo de que és bruxa e herege e *te* queimamos na fogueira.

A prisioneira ouviu-o com atenção, mas quando ele terminou, *ela* interveio:

— Aqueles que me conhecem não hão de crer nisso!

— Tens certeza? Filha, o mesmo povo que saudou Nosso Senhor com ramos de oliveira no domingo pediu Sua crucificação na quinta-feira.

A prisioneira silenciou, pensando, depois respondeu:

— Pois que seja, se for a vontade de Deus. Contudo, jamais lograreis convencer aqueles que me amam de que eu sou bruxa ou herege. E no final a vontade de Deus prevalecerá.

O Vice-Inquisidor sorriu melancolicamente ao responder:

— Sim, é verdade. Mas crês que isto fará alguma diferença para nós outros? Que os que sabem que és enviada de Deus continuem acreditando nisso, pouco nos importa, desde que o guardem para si mesmos e em público digam e façam exatamente aquilo que mandarmos. Porque quando a vontade de Deus prevalecer e a verdade triunfar (e esse dia ainda está muito longe, diga-se de passagem!), nenhum de nós poderá ser chamado à prestação contas perante a justiça neste mundo.

— E quanto ao julgamento de Deus?

O Vice-Inquisidor estremeceu ao responder:

— Por pior que seja, dificilmente será mais apavorante que o da Inquisição.

*Ela* suspirou fundo ao *lhe* dizer:

— Sendo assim, vós me mandareis para a fogueira, mesmo sabendo que sou inocente...

— Pior. Nós o faremos porque és santa, mas do lado inimigo. Se tivesses feito pela Inglaterra o que fizeste pela França, então diríamos: *Milagre!* e iríamos glorificar-te. Porém, forçados pelas circunstâncias, gritaremos: *Bruxaria!* e te atiraremos à fogueira.

A prisioneira pareceu perturbar-se e replicou, incisiva:

— Por que insistis com isso? Sei perfeitamente que não sou santa! Tudo aquilo que fiz foi por mercê de Deus e graças às minhas Vozes, nada por mim própria! Se eu fosse capaz de fazer milagres, acreditais porventura que eu ainda estaria dentro desta cela?

O Vice-Inquisidor insistiu, firme, porém afável:

— Tenho certeza do que te digo. Sim, *tu* és santa, e por essa mesma razão a *tua* morte é necessária. Tanto isto é verdade que nem sequer tivemos a preocupação de fazer algo semelhante a Catherine de la Rochelle.

O rosto da prisioneira expressou desdém:

— Ela não foi enviada por Deus, e sim por sua própria imaginação!

— Sabemos disso, e por essa mesma razão *tu* estás aqui e ela não. E por isso mesmo terás que morrer, pois se tolerarmos que *te* dirijas a Deus sem o aval da Igreja, outros se sentirão com o mesmo direito. E o que será da Igreja quando as pessoas descobrirem que não precisam dela para se dirigir a Deus? Qual será sua serventia? Que argumentos poderão legitimar seu poder e riqueza, e justificar tudo quanto é feito em seu nome?

Ficaram por quase um minuto em silêncio, até que le Maistre retomou a palavra:

— Entendes agora o perigo que és para a Igreja? Nos dias de hoje, santo bom é o santo morto. Assim, a solução é simples: hoje *te* sacrificaremos; mais tarde, quando não fores mais um perigo para nossos interesses, então *te* santificaremos. Não te iludas: se as próprias Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite ousassem se apresentar diante de nós nas mesmas circunstâncias, sofreriam o mesmo destino.

Depois de um tempo de silêncio, tornei a ouvir a voz *dela*:

— Padre, sabeis tudo isso e não fareis nada!...

Ele baixou por um instante os olhos, ajeitando as vestes, depois levantou de novo o rosto e disse num tom menos amistoso, encarando-a firmemente:

— Não. Não farei nada, porque sou um rematado covarde, cujo objetivo é sobreviver a qualquer custo. Afinal, como pensas que cheguei onde cheguei? Nesta carreira só existe ascensão para quem é hábil no manuseio das moedas como da língua, do punhal

como do veneno, da calúnia como da lisonja. Como eu não tenho coragem nem astúcia para fazê-los com as próprias mãos, sobrevivo à sombra daqueles que o fazem, como Monsenhor de Beauvais, os quais, por sua vez precisam de dóceis instrumentos de sua vontade, como eu.

— Padre... reverência guardada, como é possível conhecer a verdade e pactuar com a mentira?

O Vigário da Inquisição sorriu melancolicamente ao responder:

— Mais difícil é sustentar a verdade e suportar as consequências.

Não pude ver a expressão facial da prisioneira, mas quase logo ele continuou:

— Filha, toma a *ti* mesma como exemplo. Num mundo como o nosso, aqueles que conseguem se manter fiéis a Deus certamente fazem jus ao Paraíso, podem mesmo ser santificados, mas só depois de mortos. Enquanto vivos, jamais recebem outra coisa além de ódio e incompreensão, perseguições e martírio, e esse é um preço alto demais para pessoas como eu.

— Para fugir ao sofrimento do corpo vos arriscais à eterna condenação da alma?

— É o preço que pagam todos aqueles que não têm coragem de forjar seu próprio destino.

— Não acreditais em Deus, não confiais n'Ele?

Depois de longa vacilação, ele respondeu:

— Com meu pensamento, sim. Com meu coração, não.

*Ela* parecia incrédula quando perguntou:

— Como isto é possível? Não consigo entender...

Ele meneou a cabeça enquanto dizia:

— Mas é simples: temo a Deus, mas temo mais ainda a Monsenhor de Beauvais. Invejo-*te*, filha, admiro-*te* de todo o meu coração; no entanto, não tenho nem *tua* fé nem *tua* coragem, que apenas um santo teria. Mas não sou santo. Sou apenas... sou apenas aquilo que sou.

Depois de longo momento de silêncio, não me surpreendi ao vê-o ajoelhar-se diante *dela*, mãos unidas a *lhe* falar com voz trêmula, como se estivesse orando:

— Sainte-Jehanne d'Arc, recebei a minha confissão. Peço-*vos* que me perdoeis e que rogueis a Deus por mim. Ah, se eu pudesse saber de *vossas* Vozes o que fazer pela salvação de minha alma...

Depois de alguns instantes, escutei a voz *dela*, varonil e resoluta:

— Ter fé e dar testemunho da verdade.

Ele ficou imóvel e em silêncio, pareceu-me que olhava fixamente para o rosto da prisioneira. Depois, levantou-se lentamente, gemendo um pouco, e ao terminar de se erguer disse com voz desanimada:

— Neste caso, já não há salvação para mim.

Ficaram diante um do outro por mais um silêncio prolongado, como se não soubessem mais o que dizer. Por fim, ele recuperou a palavra:

— Adeus, filha. Não tornaremos a nos falar. Neste mundo seria muito perigoso para mim, e no Outro... certamente não haverá lugar para alguém como eu no lugar onde estarás. Ainda que não baste para a minha salvação, **sei** que vi uma santa com meus próprios olhos.



*Ela* parecia aflita ao lhe retrucar:

— Porém, de que vos valerá ver a luz e continuar na escuridão? Padre, não por mim, mas por vós!... Ainda há tempo!...

— Sim, há tempo. Contudo, não há coragem nem fé suficientes. Adeus, filha. Ora por mim.

Lentamente ele deu meia-volta e começou a se dirigir à saída. Saí então do meu refúgio. Queria que ele soubesse que eu estava lá e tudo ouvira. Ele descia os primeiros degraus da escada quando nos defrontamos. Ele empalideceu, tentou falar, mas a voz não lhe obedeceu e mal pode murmurar, em tom interrogativo:

— Irmão Aucupis...

— Sim, Monsenhor Vice-Inquisidor — disse-lhe assentindo com a cabeça, sorrindo levemente.

Por mais que se esforçasse para dizer algo, ele apenas conseguia gaguejar de forma incoerente. Deliciado com isso, prossegui, em tom dúbio:

— Impressionante como toda a nossa idade, experiência e cultura se perturbam diante de uma jovem que sequer tem vinte anos... crede-me, entendo-vos perfeitamente.

Ele me olhava com desespero, tentando entender o sentido de minhas palavras, enquanto eu fazia uma pausa proposital antes de concluir:

— Não obstante, não posso prever como o reverendíssimo Bispo reagirá diante de um fato destes...

Ele fez um esforço desesperado e finalmente conseguiu falar:

— Mas não tive nem tenho a intenção de lhe ser desleal, irmão Aucupis, juro-te!...

— Creio em vós. Todavia, as dificuldades deste Julgamento têm-no deixado particularmente nervoso e por isso talvez ele não alcance vossas verdadeiras intenções e sinta-se traído, caso venha a saber...

Dei especial entonação às últimas palavras, contudo, ele não era astuto o bastante para perceber. Tentou falar e mais uma vez a garganta pareceu recusar-se a obedecer, enquanto as mãos trêmulas tentavam ajeitar as roupas. Por fim, sorri mais uma vez ao lhe estender a mão, dizendo:

— Monsenhor Magistri, verdadeiramente julgo-vos leal e digno de confiança, e como prova disso, como também da sincera estima que vos consagro, posso guardar silêncio acerca deste episódio, convicto de que nosso Bispo em nada será prejudicado por isso.

Visivelmente aliviado, le Maistre apertou nervosamente minha mão entre as suas e finalmente recuperou a palavra, falando com verdadeira aflição:

— Oh, não, não o será, juro-te pela minha alma! Irmão Aucupis, saberei demonstrar que tua amizade e confiança não foram dadas a um ingrato!

— Generosidade vossa, Monsenhor Vice-Inquisidor.

E apertamos as mãos, descendo as escadas de braços dados, como dois velhos amigos.

## Visita dos Bispos

Na véspera da admoestação final, a ser feita por Pierre Maurice, recebemos duas visitas importantes: os Bispos de Thérouanne<sup>301</sup> e de Noyon<sup>302</sup>, sendo que o primeiro trocou algumas palavras com Raoul Roussel no Château antes de se apresentar a meu amo. Monsenhor fez questão de hospedá-los em seu Palácio dando-lhes mostra de grande cordialidade. Fiz a reverência aos visitantes e acompanhei-os à sala de visitas, onde os Bispos se assentaram e passei a me manter em pé atrás de meu amo, a uma distância discreta, calado, como manda a etiqueta, até que Monsenhor de Thérouanne teve a delicadeza de pedir afavelmente que eu lhe fosse apresentado. Afinal, um padre que tem acesso à casa e à mesa de um bispo quase arcebispo não seria um padre qualquer.

Ouvi com orgulho meu senhor apresentar-me como religioso de grande saber e piedade e, no momento, um de seus mais valiosos assessores num dos mais longos e árduos processos de toda a História da Cristandade.

— Arrisco-me a julgar que nem os de Sócrates ou de Nosso Senhor foram tão trabalhosos — completou.

Fiz-lhes reverência, apresentando-me:

— Padre Aucupis, honrado pela atenção de Vossas Reverendíssimas.

Ao que os visitantes sorriram e estenderam-me seus anéis para que eu os beijasse. Depois de um tempo de amabilidades sociais, o criado avisou que o jantar estava servido e dirigimo-nos à mesa. Os visitantes demonstraram satisfação, mas não surpresa, ao apreciar os acepipes apresentados, e ao término da refeição meu amo convidou-os a se dirigirem à biblioteca, fazendo-me um sinal discreto para que o seguisse.

Os Bispos se assentaram e eu fi-lo tão logo recebi permissão para tal, e como não poderia deixar de ser, o assunto da conversa passou a gravitar em torno do Julgamento. O Bispo de Thérouanne começou:

— Na verdade, eis um Processo cuja demora surpreende toda a Cristandade, ainda mais porque o juiz é ninguém menos que o nosso mui célebre irmão de Beauvais. Nem mesmo o daquele padre herético da Boêmia durou tanto.

Meu amo respondeu:

— Como vos disse há pouco, irmãos, nem os de Sócrates ou o de Nosso Senhor exigiram tão grande empenho.

O visitante replicou em tom de bonomia, sorrindo levemente:

— Cremo-lo, porque sois vós quem o dizeis. No entanto, a quem não vos conhece soaria estranho o comparar-se uma campesina mal saída da infância com a grandeza de um Sócrates, ou ainda com Nosso Senhor. Os leigos correm o risco de concluir que é mais fácil condenar os justos e os inocentes do que os hereges e as feiticeiras!

---

<sup>301</sup> Vide nota 298.

<sup>302</sup> **Jean de Mailly**, Bispo de Noyon, fervoroso partidário da Casa de Borgonha e um dos principais membros do Real Conselho da Coroa inglesa. Morto em 1472.

Sorrimos todos discretamente e, se não conhecesse meu amo, diria que recebera a crítica velada com bom-humor, pois retrucou sorrindo também:

— Esta é a diferença entre nós e os outros. Os que julgam ao modo de Pilatos e Caifás podem agir despreocupadamente, uma vez que a Lei e a Justiça não chegam a ser para eles prioridades. Nós outros, juízes eclesiásticos, não podemos nos dar a este luxo, tendo em vista a impositiva necessidade de sermos piedosos sem condescendência enquanto justos sem rigidez, sabendo embora que pesará sobre nós a crítica e a incompreensão da grande massa dos impacientes. Nosso grande conforto e consolo quase único é sabermos contar com a compreensão e o apoio de nossos irmãos em Cristo.

O Bispo de Noyon replicou:

— Falais com grande sabedoria, irmão de Beauvais. Aqueles que se prendem ao lado político das graves questões religiosas nem sempre nos entendem. Sabem apenas que precisam resolver suas pendências no prazo mais curto possível, e sobretudo num tempo de guerra como este, os leigos tornam-se ainda mais impacientes.

Louis de Luxemburgo apressou-se a retomar a palavra:

— E, contudo, ficamos na pesada obrigação de compreendê-los e de sofrer-lhes a impaciência, uma vez que toda guerra implica em despesas monumentais, e seria profunda falta de caridade e desrespeito às autoridades laicas tratarmos tal problema como algo de somenos importância, ou que não nos dissesse respeito.

Tão logo este fez uma pausa, o outro visitante falou:

— Neste sentido, irmão de Beauvais, imaginamos quantas dores e mortificações deveis estar suportando, sobretudo da parte da coroa inglesa. O quanto deveis estar sendo instado a agir com rapidez maior do que a permitida pelas leis canônicas, ou de forma diversa àquela prescrita por vossa consciência e sabedoria, tudo isto deve ser para vós motivo de penosas labutas e grandes sofrimentos.

Meu amo respondeu afavelmente:

— Tudo quanto dizeis vós ambos é a pura verdade, irmãos. E, contudo, não nos sentimos no direito de nos queixarmos. Nós, que por mercê de Deus ascendemos ao bispado, sabemos quanto ele nos exige em termos de canseiras, suores e incompreensões, tudo pelo bem maior de nossa Santa Madre Igreja. Todavia, não poderia ser de outro modo. Afinal, os poderes de um homem são do tamanho de suas obrigações.

Os visitantes sorriram e Jean de Mailly falou a meu amo, sempre num tom de voz afável como se quisesse dar-lhe a entender que não guardava nenhum ressentimento pelo sucedido por ocasião da captura *dela*:

— Dizeis sempre grandes verdades, irmão de Beauvais. Além de tantos méritos, sois um sábio. Por nossa fé, desejamos de todo o coração que recebais uma recompensa à altura de vossos merecimentos e sacrifícios. E neste sentido, se nossas orações, como as de meu amo, o Duque de Borgonha, fizerem diferença, isto bem se sucederá.

A seguir, voltou-se para o outro visitante e falou, risonho e mais alto:

— Irmão de Théroanne, é bom aproveitarmos estes momentos para conversarmos familiarmente com nosso irmão de Beauvais enquanto isto é possível. Pois, se por mercê de Deus, os alvissareiros comentários que temos ouvido tornarem-se feliz realidade, em menos de um ano estaremos cumprimentando-o formalmente como o nosso reverendíssimo senhor Arcebispo de Rouen.

O irmão do Conde de Luxemburgo pareceu surpreso e pouco à vontade ao retrucar:

— Sou de mesmo parecer, e conquanto não possa jurá-lo, seria para mim grande surpresa se o Cardeal e o Regente pensassem de forma diferente.

Meu amo sorriu com ar de modéstia e disse:

— Se assim for pela mercê de Deus, irmãos. Afinal, não trabalhamos tendo em vista mitras e tiaras. Bem sabemos que estes títulos com que nosso Santo Padre, o Papa, generosamente honra nossas indignas pessoas, não são finalidades em si mesmas, e sim maiores e mais árduos encargos confiados às nossas medíocres capacidades para mais e melhor servirmos à nossa Santa Madre Igreja, esta, sim, nossa maior e soberana finalidade.

O Bispo de Thérouanne comentou:

— Em verdade, irmão de Beauvais, julgamos particularmente feliz esta oportunidade, pois assim tivemos o excelente pretexto de tomar conhecimento do fim do Julgamento para atendermos ao desejo do nosso coração de vos prestar nossa solidariedade e o nosso mais afeto sincero em Jesus Cristo.

— Estais ambos a nos lisonjear, irmãos. E tão bem o fazeis que não nos sentimos à altura de retribuir-vos — retrucou meu amo a sorrir, como que encabulado.

— Irmão, que a modéstia não vos leve a confundir o afetuoso elogio à verdade com a feia lisonja, que, com idêntica eloquência, louva o vício e a virtude. Todavia, uma vez que falamos de vosso trabalho, tão sacrificante quanto proveitoso à Igreja, permiti-nos perguntar: se não estamos equivocados, o Julgamento está no fim? — perguntou Louis de Luxemburgo.

Meu amo respirou fundo e replicou:

— Amanhã mesmo será oficialmente encerrado, e com ele, selada a sorte da acusada. É a nossa última esperança de trazermos de volta ao redil a ovelha tresmalhada pelo orgulho, antes que seja tarde demais.

— Mas porventura vossos Mestres e Doutores não *a* têm exortado e admoestado a voltar ao caminho da Verdade?

Com ar compungido, meu senhor respondeu:

— Todo o tempo, irmão. Os mais sábios e piedosos homens da Igreja incessantemente têm usado todos os recursos que a eloquência, a sabedoria, a piedade e a prudência podem inspirar, no sentido de fazer com que a criatura perdida veja quão errada se encontra em relação à fé. Até o presente, todavia, todas as nossas preces, exortações e rogativas têm sido em vão, o orgulho intoxica-*a* de tal forma que *a* torna insensível a todos os nossos esforços para salvá-*la*. Ah, irmãos, Satanás não colocou no coração dos hereges pecado mais difícil de arrancar, do que a soberba...

O Bispo de Thérouanne prosseguiu então:

— Mediante tamanha resistência, como pretendeis fazê-*la* confessar *seus* erros e retornar à união com a Santa Igreja?

— Uma vez que as admoestações particulares não foram suficientes, encarreguei um Doutor em Teologia, Messire Pierre Maurice, de fazer uma última tentativa de salvá-*la* por meio de uma admoestação pública. Esperamos que em presença de tão grande número de prelados *ela* se envergonhe de *sua* obstinação e se reconcilie com a Igreja, para a salvação de *sua* alma. Este evento, que esperamos seja um motivo de grande júbilo para a

Igreja Militante, será ainda mais abrilhantado se vós ambos, irmãos, nos derdes a honra de vossas presenças.

Os Bispos agradeceram a elevada honra que lhes era dada, sorrindo de forma a deixar claro que o convite não passava de mera formalidade, e que tinham vindo exatamente com este objetivo; e responderam-lhe que assistiriam com prazer a um ato tão solene quanto digno, por cujo bom sucesso passariam a noite em fervorosas orações. “A Morfeu<sup>303</sup>”, pensei. Louis de Luxemburgo disse-lhe então:

— Toda a Igreja Militante tem os olhos voltados para vós nesse momento, irmão de Beauvais. Que tão dolorosos e cansativos esforços sejam coroados pelo melhor e mais católico sucesso.

— Amém! — disse meu amo.

O Bispo de Noyon valeu-se da pausa que se seguiu para tomar a palavra:

— Irmão de Beauvais, vosso labor pastoral provavelmente vos tem absorvido toda a atenção e esforços, por isso talvez não tenhais tido notícias de alguns boatos que correm pela boca dos desocupados e maldizentes. Acerca disso, meu amo, o Duque de Borgonha, lembrou-se de todos os excelentes serviços prestados por vós, tanto a ele como a seu pai, de boa memória<sup>304</sup>, e pediu-nos particularmente que escutássemos vossos conselhos tão valiosos quanto oportunos num assunto deveras delicado.

Meu amo fitou-o com atenção, pousando o queixo na destra, enquanto o visitante prosseguia:

— Pessoas de má índole vêm tentando provocar a desconfiança do Regente contra meu senhor espalhando boatos tão falsos quanto maldosos. Atribuíram ao Duque de Borgonha a intenção de reclamar para si a coroa de França, sob o falso pretexto de que um príncipe francês teria mais direitos a ela do que um inglês, um estrangeiro. Alegam ainda que as disputas entre o Regente de Inglaterra e o Cardeal de Winchester não permitem uma boa direção da guerra, enquanto a Borgonha está unida em torno de seu Duque e o povo o ama como a seu pai de boa memória. Meu senhor receia que o Regente possa perturbar-se com boatos tão malévolos e fazer mau juízo da Casa de Borgonha, estremecendo a aliança útil e proveitosa que une ambos. E, sendo vós membro do Conselho Real da Inglaterra, meu amo pede conselhos à vossa experiência e sabedoria, da qual a Casa de Borgonha já se beneficiou de forma tão valiosa no passado.

Aquelas palavras pareceram cair entre nós como um tiro de bombarda. O Bispo de Théroanne pareceu-me de repente bastante preocupado, e ambos os visitantes fixaram os olhos em meu senhor, que se mostrava surpreso e meditando profundamente. Assim, se meu rosto chegou a demonstrar o susto que a notícia me causou, ninguém o percebeu. Afinal, aquela não era a hora para um simples padre ter opinião. Por fim, meu amo respondeu medindo cuidadosamente as palavras:

— Lisonjeia-me profundamente a confiança que há tantos anos recebo tanto da Borgonha quanto da Inglaterra, mais do que sou capaz de expressar. Até hoje guardo nos lábios o sabor do vinho com que me gratificou o então Duque Jean, pai de vosso mui nobre amo, por ocasião do Concílio de Constança. Devo admitir que, em função deste Processo,

---

<sup>303</sup> Deus grego dos sonhos.

<sup>304</sup> Eufemismo da época, significava que a pessoa em questão já estava morta.

o qual me absorve completamente, como bem dissestes, não ouvi coisa alguma a respeito deste boato, e em verdade, se porventura o tivesse ouvido, em conhecendo o Duque como o conheço pela tradição de lealdade, honradez e coragem que são próprias de sua Casa, somente creria em tal se ouvisse de seus próprios lábios ou de pessoas dignas de confiança, o que certamente só se daria por um motivo altamente justo e digno de crédito.

O Bispo de Noyon olhava fixamente para meu amo, como se buscasse entender a essência do que dizia. Meu amo continuou, retribuindo o olhar:

— Parece-me que aqueles que atribuem tal intenção ao vosso amo, em pleno desenrolar da guerra, querem que ele seja mais do que desleal: pretendem que seja estúpido. Se ele planejasse tal, teria entregado a acusada às nossas mãos? E ele bem sabe que qualquer hipotética ruptura entre Borgonha e Inglaterra beneficiaria apenas a Charles de Valois, e não me consta que o Duque de Borgonha nutra sentimentos ternos e amistosos por quem tem as mãos manchadas pelo sangue de seu mui nobre pai.

A seguir, voltou os olhos para o Bispo de Théroutanne e prosseguiu:

— Igualmente tenho certeza de que coisa alguma a esse respeito chegou aos ouvidos do Regente, pois do contrário, como membro do Conselho Real, coisa tão grave seria forçosamente discutida, mas nem de uma forma nem de outra semelhante boato chegou aos meus ouvidos. Assim sendo, creio que o Duque de Borgonha não tem motivos para que ponham em dúvida sua lealdade.

Jean de Mailly pareceu presa de sentimentos conflitantes ao retrucar:

— Prezado irmão de Beauvais, é uma dádiva dos céus para Borgonha, Inglaterra e a Igreja, que possamos contar com experiência e sabedoria tão preciosas quanto as vossas. Transmitirei vossas palavras a meu amo, que saberá apreciá-las e com elas tranquilizar o próprio coração.

— Faço minhas as palavras de meu irmão de Noyon — disse por sua vez Louis de Luxemburgo com o mesmo ar de quem ouviu mas não entendeu.

A seguir, o criado comunicou-nos que a ceia estava pronta e todos dirigimo-nos para a grande mesa. Depois da refeição e dos vinhos generosos, como os visitantes alegassem cansaço, meu senhor mandou que os serviçais acompanhassem os Bispos aos aposentos que lhes foram reservados, alegando também precisar de repouso a fim de se preparar para o fim do Julgamento.

Assim que nos despedimos dos visitantes, Monsenhor olhou-me significativamente e tratei de segui-lo até seu escritório. Fechei a porta e ele perguntou-me:

— O que te parece?

Hesitei, pensando, depois respondi em voz baixa:

— A aliança entre Borgonha e Inglaterra está menos firme do que aparenta...

Ele sorriu, cansado, e disse:

— Esperavas que fosse diferente? A única coisa que as une é o inimigo comum. Desaparecido este, desaparece a aliança, pois *não existe acordo possível entre dois cães acerca do mesmo osso.*

Monsenhor fez uma pausa e prosseguiu:

— Conheço-os ambos há algum tempo. Jean de Mailly é fervorosamente ligado à Casa de Borgonha, e talvez ele esteja costurando este plano. Eu me surpreenderia de veras se não fosse ele próprio a estar espalhando estes boatos a fim de testar como os

interessados reagem. Ele sabe perfeitamente o quanto a Coroa inglesa está insatisfeita com a demora no desfecho do Processo (mesmo porque Louis de Luxemburgo fez questão de dizer-nos). Sabe igualmente da promessa do Arcebispado de Rouen, e deu-me a entender que o Duque de Borgonha tem mais a dar, sobretudo porque a disputa entre o Cardeal e o Regente de Inglaterra não ajuda em nada a condução da guerra.

Fizemos um instante de silêncio, e então eu prossegui:

— E se entendi corretamente, Monsenhor fê-lo entender que não descartais a possibilidade de apoiar a Borgonha, todavia não antes do término da guerra.

— Bem, somos forçados a admitir que os armagnacs são agora uma força a ser considerada, com chances reais de virar esta guerra a seu favor.

A frase foi um choque, pois, apesar dos últimos acontecimentos, nem sequer havia cogitado da possibilidade, e por isso comentei, amargo:

— E pensar que ainda há pouco eles estavam no último limiar da derrota completa!

Meu amo me olhou firme e replicou:

— Estavam é passado, e estamos no presente. Isto mostra bem claro uma verdade: esmaga o adversário na primeira oportunidade, pois pode não haver uma segunda. Afinal, a Fortuna não tem por hábito bater duas vezes à mesma porta.

— E o Bispo de Thérouanne? — perguntei.

— Este é ligado aos interesses do Duque de Bedford, mas tem um olho em cada campo, uma vez que é irmão do “nosso fiel aliado”, o Conde de Luxemburgo. O Duque deve tê-lo mandado a fim de me deixar claro o quanto está insofrido e insatisfeito...

— Ou para acompanhar de perto o desenlace do Julgamento — sugeri.

Monsenhor negou com a cabeça:

— Não, isto não. Se Louis de Luxemburgo pretende fazê-lo é por vontade própria, não por ordem do Duque. Afinal, desde quando o Regente de França necessita de autorização para assistir ao Julgamento?

— Ou vigiar vossa conversa com Jean de Mailly... — aventei mais uma vez, reticente.

— Isto já é mais provável, sendo que este motivo não exclui o primeiro. Mas deves ter reparado que o tratamento mudou de repente diante da proposta de Mailly, cheguei a pensar que Borgonha e Inglaterra disputavam a honra de me conceder a mitra de arcebispo. Seja como for, ele irá repetir minhas palavras ao Regente, que com isso terá ciência de dois fatos importantes: primeiro, aconselhei o Duque de Borgonha a ser leal, pelo menos até o fim do conflito; e segundo, os borguinhões não desdenham meu apoio político.

Aquilo me confundiu por um momento e repliquei:

— Monsenhor deu a entender uma coisa a Jean de Mailly, outra a Louis de Luxemburgo...

Monsenhor me interrompeu:

— E em que isto te surpreende? Esqueceste que, em política, sinceridade é sinônimo de estupidez? Foi isso que as tais Vozes de nossa prisioneira se esqueceram de ensiná-la.

— Sim, mas porventura a mim poderíeis explicar o que realmente quisestes dizer?

Ele me olhou bem nos olhos e respondeu:

— Apenas o que eu disse. Cada qual entenda como desejar.

Fui visitá-la. A prisioneira estava junto à janela, e não se voltou com a agilidade e a atenção de costume, antes pareceu que *se* virava para mim lutando contra algo que a prendia à minúscula abertura por onde os últimos raios do sol poente entravam a custo. Pareceu-me mais lânguida, mais melancólica, e seus olhos pareciam me olhar sem me ver, como se estivessem presos a algo através de mim. Sorri para *ela* perguntando:

— O que tens, filha querida? Aconteceu algo?

Somente então a prisioneira me encarou, falando-me docemente:

— Tive um sonho delicioso. Sonhei que estava de volta à Domrémy.

Depois de um lapso de silêncio, durante o qual a prisioneira volta e meia olhava para a janela, perguntou:

— Padre, estamos na primavera, não?

O que aquilo poderia importar para alguém que não teria tempo sequer de conhecer o próximo verão? Mas respondi:

— Sim, filha querida. É primavera.

*Ela* sorriu tristemente, apontou para janela e disse num suspiro:

— Pena que esta janela seja tão pequena, não me permite ver muita coisa. E como está a primavera em Rouen?

Para mim, seria igual a todas as outras em qualquer lugar, porém, percebendo-a mais sentimental, decidi me aproveitar e *lhe* respondi pondo mel na voz:

— Por que perguntas, filha?

A prisioneira outra vez fixou um ponto além, parecendo falar mais para si mesma do que para mim:

— Ah, Padre, deveis ter ficado tempo demais longe da Lorena se pudestes esquecer como são belas as primaveras naquela região! Se algo há neste mundo que eu amaria mais do que tudo viver de novo não é nenhuma das glórias que vivi, mas unicamente participar mais uma vez da primavera em minha aldeia. Poder olhar em volta e ver os campos cobertos de flores como um tapete colorido, as borboletas voando em torno delas, os pássaros cantando e voando e fazendo ninhos nas árvores, cuidando dos filhotes... o que eu não daria para ter isso tudo apenas mais uma vez, antes de morrer!...

Afetei protestar:

— Não digas isto, minha filha! Não confias no Senhor?

*Ela* nem deve ter me ouvido, pois, ao invés de responder, prosseguiu devaneando:

— Desde que saí de minha aldeia, nunca mais pude viver algo tão doce como a primavera da Lorena. Quando eu era criança, antes de começar a ouvir minhas Vozes, eu corria e dançava e cantava com minhas queridas Hauviette e Mengnette junto às demais meninas. Fazíamos ramalhetes de flores para darmos às pessoas queridas, em geral nossos pais, nossos padrinhos, nosso cura. E ríamos, e gargalhávamos, éramos felizes naqueles dias como nunca mais pude ser, apesar de todas as glórias que recebi depois. Quando a colheita era boa e a guerra não nos atingia, os camponeses se reuniam para comemorar. Bebiam vinho e cerveja, dançavam e cantavam, contavam histórias e faziam planos...

A voz *se-lhe* embargou e não pôde prosseguir. Vendo-a tão emotiva, senti o prazer de espicaçá-la, de feri-la, de vê-la sofrer e foi com ar de quem aparentemente se lembra que *lhe* disse em tom adocicado:



— Tens razão, filha querida. Nossa amada terra deve estar novamente com seus campos repletos de flores coloridas e perfumosas, de verdejante vegetação aonde os pássaros virão fazer seus ninhos. E os camponeses novamente devem estar cantando e dançando, enquanto os jovens se enamoram, sonham e fazem planos de ser felizes.

Fiquei maravilhado da poesia de minha retórica. As lágrimas começaram a rolar-*lhe* pelas faces enquanto olhava com desespero para o estreito feixe de luz que vinha da janela, desenhando no chão de pedra fria e nua uma pequena abóbada; para suas correntes, para as paredes úmidas e escuras, para as grades, o que ao mesmo tempo partiu meu coração e me trouxe uma feroz sensação de vitória. Durante alguns minutos ficamos em silêncio, enquanto *ela* chorava suavemente, lutando por abafar os soluços.

A seguir, disse-*lhe*:

— Filha querida, é melhor que eu me vá. Oferece esta emoção ao Senhor e confia n'Ele.

Fiz sobre *ela* o sinal-da-cruz solenemente e me afastei, todavia sem me retirar. Desci até a câmara e cole-me ao buraco que nos servia para a espionagem a fim de observá-*la*. A prisioneira voltou-*se* para a janela e ficou por alguns minutos assim, até que de repente, *sua* voz começou a cantar uma cantiga de camponeses, mas a voz que no Tribunal nos enfrentava com galhardia ganhava modulações particularmente delicadas, o suficiente para me abalar:

*É primavera e o campo se abre em flor,  
as aves cantam, vem fazer seus ninhos,  
há uma festa de luz, de som, de cor  
embelezando todos os caminhos.*

*Mas eu, apenas eu, não posso ver  
a primavera em volta a reflorir:  
há flores, que não posso mais colher,  
nem seu perfume posso mais sentir.*

*É primavera, é vida, luz, calor,  
nas árvores as aves tecem ninhos,  
voam cantando mil canções de amor  
preenchendo o ar de todos os caminhos.*

*Mas eu, apenas eu, não posso ouvir  
toda essa música que está no ar:  
que os pássaros não voam até aqui  
e onde eles estão não posso estar.*

Por mais que eu dissesse a mim mesmo quão piegas e ridículo era aquilo, senti-me comovido de tal forma que tive que descer correndo as escadas e buscar um refúgio onde ninguém pudesse me ver chorar...

## Remorsos

Mas a verdade é que eu não sabia mais definir meus sentimentos acerca da prisioneira, pois a cada dia minhas emoções vibravam com violência cada vez maior em direções contraditórias. Uma mescla estranha de ternura e ódio, em que num momento queria salvá-la ao preço da própria vida, e em outro vê-la refocilar na lama da mais completa abjeção. Às vezes, queria que *ela* já estivesse morta. No entanto, mais forte do que tudo isso era o medo, o pavor de voltar a crer em tudo quanto negara, por mais que violentasse a minha vontade e os meus interesses. Porque, crendo, era obrigado a admitir que estava cometendo um crime cujas consequências se erguiam diante de uma consciência que eu não conseguia mais sufocar, enchendo meus dias de angústia e minhas noites de terror. Custava a dormir, e quando, ao fim de horas, eu o conseguia, era para ter pesadelos que me faziam acordar apavorado e coberto de suor, ainda que as lembranças se-me apagassem da memória mal abria os olhos. Daí as olheiras fundas, o cansaço que nada aliviava, o escasso apetite e a falta de paladar.

Ao mesmo tempo, as palavras de Monsenhor, quando enfrentara la Fontaine, la Pierre e l'Advenu, martelavam-me a memória quase todo o tempo, desejando e não ousando perguntar-lhe o que realmente significavam, qual o sentido oculto por trás daquela confirmação de tudo quanto mais temia. Porque eu não queria, eu não podia admitir a mais simples, a mais lógica das respostas: aquilo significava exatamente o que ele dissera.

Mas, naquele dia, tudo isso atingiu um clímax insuportável. A certeza de que no dia seguinte a sentença final seria dada, fazendo-a galgar os degraus da fogueira diante de nossos olhos, tornava cada minuto mais e mais insuportável. A certeza de que aquilo pelo qual tanto nos houvérámos esfalfado finalmente iria se tornar realidade trazia à tona todo o horror que eu não conseguia mais reprimir, levando-me quase ao desespero.

Quase?...

Nesta noite, lembrei-me de ter sonhado com Padre Bernard. Há tanto tempo nem sequer me lembrava dele, e, no entanto, revê-lo foi ressuscitar emoções há muito sepultadas no cemitério das utopias da mocidade. Pareceu-me que ele me admoestava com a serenidade de um pai experiente, a me dizer que eu enfrentava o momento decisivo e que ainda era possível salvar minha alma; todavia, eu replicava golpeando-o com uma adaga, golpeava-o e ao mesmo tempo chorava implorando seu perdão, dizendo-lhe que não queria fazê-lo, mas era obrigado, chorando e golpeando-o simultaneamente.

Aquilo foi o máximo que pude suportar. Acordei com meus próprios gritos, em prantos, banhado em suor. Naquela manhã mesma, assim que pude, fui falar a meu amo. Quando entrei na biblioteca, encontrei-o servindo-se de vinho. Encarou-me por um instante e mandou que eu me servisse e me sentasse, enquanto voltava o rosto para a parede. Olhei-o bem, ele também me parecia esgotado. Ficamos assim em silêncio durante alguns minutos. Abri a boca e a coragem me faltou. Ele se voltou e me olhou, esperando. Disse-lhe então, tentando iniciar um diálogo, quase num fio de voz:

— Monsenhor parece afetado por este Julgamento, tanto quanto nós todos...

Ele pareceu não gostar da observação e retrucou, seco, sem me encarar:

— Sim, e que importa?

— O que tanto perturba Vossa Reverendíssima?...

A resposta soou ainda mais ríspida que a anterior:

— Desde quando tenho que te dar satisfações?

Senti-me amedrontado e prontamente repliquei:

— Não!... claro que não... desculpai-me, por favor! Sou eu quem vos devo explicações!...

Ficamos em silêncio. Esperei que ele perguntasse por quê, no entanto ele se limitava a me olhar fixamente, como se adivinhasse. Mas eu queria, eu precisava falar. Por fim, tomei a iniciativa com aflição, a voz sumida:

— Reverendíssimo, não vais perguntar por quê? Não desejais saber o que está acontecendo comigo... com todos nós?

Ele replicou secamente:

— Eu não preciso perguntar o que já sei. Porém, uma vez que queres tanto dizer, dize logo!

Antes que eu pudesse pensar, as palavras saltaram da minha boca:

— Estou muito angustiado com algo que dissestes... Vossa Reverendíssima afirmou a la Fontaine... saber que a acusada é uma enviada de Deus...

Antes que eu prosseguisse, ele me cortou:

— Por isso eu sou Bispo e tu um simples padre!

Perdi por um instante o fio do raciocínio, fiquei um pouco em silêncio até que as ideias me voltaram e continuei:

— Mas eu não entendo... o que Vossa Reverendíssima quis dizer com isso?

Ele me olhou de uma forma que não consegui entender e replicou:

— Exatamente aquilo que eu disse.

Foi como se uma pancada me atingisse o crânio, o sangue pareceu latejar com mais violência dentro da minha cabeça, e perdi o fio das ideias mais uma vez. Ele me olhou, e senti angústia em seu olhar quando me respondeu:

— Eu sei muito bem quando uma pessoa é enviada de Deus, porque não é a primeira vez que vejo uma!

Arregalei os olhos. Ele continuou, sarcástico, mas angustiado:

— Surpreso, meu caro? Lembra-te do Concílio de Constança? Pois bem, lá eu conheci um enviado de Deus, e, tal como agora, fiz tudo o que era possível para que também fosse para a fogueira, e para a desgraça de minha alma, fui bem sucedido lá, como serei aqui!

Um pensamento estranho passou por minhas ideias e perguntei:

— Vossa Reverendíssima quer dizer... aquele herético da Boêmia?

Ele sorriu de amarga ironia e retrucou:

— Jan Huss? O próprio.

Meu assombro não tinha limites:

— Vós fostes o seu Juiz?!

— Certo que não! Era apenas mais um. Prendemo-lo, embora o Rei Sigismundo<sup>305</sup> lhe houvesse prometido um salvo-conduto. Este se sentiu constrangido, mas ajudei a

---

<sup>305</sup> **Sigismundo de Luxemburgo** (1368-1437), rei da Hungria (1387-1437), dos romanos (1411-1433), da Boêmia (1419-1437) e imperador germânico (1433-1437).

convencê-lo de que romper um juramento feito a um herege, com o objetivo de permitir que a Igreja pudesse prendê-lo e castigá-lo, era antes um gesto glorioso do que um pecado<sup>306</sup>. Defendi perante meus colegas a tese de que era lícito queimar hereges sem a formalidade de um julgamento sempre que a Igreja e a fé estivessem sob grave e urgente perigo. Todavia, naquela época eu era apenas mais um. Agora eu sou o Juiz, será unicamente minha a responsabilidade da sentença.

— E vós lhe falastes?

Ele respondeu olhando para um ponto qualquer na parede, parecendo distante:

— Não, não cheguei a lhe falar diretamente, mas por diversas vezes acompanhei seus inquiridores à cela. Assim, pude vê-lo e ouvi-lo falar mais de uma vez... e posso jurar que ele era tal qual *ela*... — e, de repente, a voz sumiu-lhe.

— Tal qual *ela*?... — instiguei, à meia-voz.

— A mesma coragem, a mesma serenidade interior, a mesma determinação. A mesma certeza de estar cumprindo a vontade de Deus, a despeito de quaisquer considerações. Por que maldição será que eu, eu entre tantos outros, vi-me na contingência de lidar com pessoas assim por duas vezes na vida?...

Eu não soube o que dizer. Ele também queria falar e as palavras jorraram em catadupa:

— Temerosos das possíveis repercussões políticas na Boêmia, fizemos de tudo para levá-lo à abjuração, pressionamo-lo por todos os meios e modos, tudo inútil. Quando lhe dizíamos para abandonar suas heresias, respondia-nos que lhe era impossível abjurar as Escrituras Sagradas, pois não pregava senão o que elas ensinavam. De outra vez, insistíamos para que se retratasse, e respondeu-nos, sorrindo mansamente: *Mostrai-me algo melhor e mais santo do que aquilo que prego, e estou pronto para me retratar*. Para conduzi-lo à fogueira, pusemos-lhe a mitra de papel desenhada com demônios, na qual escrevemos: *Heresiarca*. Ele sorriu (como odiava aquele sorriso!) e disse: *Com muito prazer levarei sobre a cabeça esta coroa de ignomínia por amor a Jesus, que por amor a mim levou uma coroa de espinhos*.

— E... como foi a morte dele?

— Como a de um santo. Ao ver uma velha atirando uma acha de lenha à fogueira onde ardia, sorriu e disse-lhe: *ó santa ignorância!* Quando escuto esta jovem a falar, parece-me escutá-lo mais uma vez.

Ao término daquele relato, senti-me totalmente atordoado. Toda uma vasta gama de sentimentos contraditórios varria meu pensamento sem que eu pudesse entender ou controlar. Tentava ordenar os pensamentos, entender e ponderar maduramente, mas antes que eu pudesse pôr o pensamento em ordem, as palavras me escaparam dos lábios em voz baixa, mais para mim mesmo que para ele:

— Vós sabeis tudo isso... e nada me dissestes?!

Ele elevou a voz num tom e forma que me assustaram:

— Lembre-se de com quem está falando, Padre Nicolas l'Oiseleur! Desde quando estou obrigado a lhe dar satisfações?

---

<sup>306</sup>

Questionado sobre o fato, o rei diria mais tarde que *o juramento feito a um herege não obriga*.

Aquilo me levou a recuperar o autodomínio. No entanto, interiormente odiei-o. Pela primeira vez senti algo assim por ele. Senti-me traído, usado. Tudo quanto me fizera crer que não passava de lendas piedosas, fábulas religiosas para conduzir o povo como um rebanho de carneiros, tudo aquilo ele sabia ser verdade e nada me dissera, a fim de que eu continuasse a ser o instrumento fiel de suas próprias ambições. Ficamos em silêncio pelo que deve ter sido apenas um instante, mas que me pareceu uma eternidade até que eu recuperasse a voz e o autodomínio, murmurando num fio de voz, em tom humilde:

— Perdão, Reverendíssimo. É que tudo isso me abalou tão terrivelmente... Vossa Reverendíssima não poderia estar enganado?

Ele respondeu secamente:

— Nada me deixaria mais feliz.

— Neste caso... o que vamos fazer agora, Reverendíssimo?!

Ele pareceu voltar a si, olhou-me direto nos olhos e quase gritou:

— Como assim, o que vamos fazer agora?! O que achas que vamos fazer agora, meu caro?! O mesmo que já fizemos tantas vezes antes, até que tudo isso acabe! Pelo Diabo, já deveria ter acabado há muito tempo!...

— Mas... Monsenhor... Monsenhor...

— Para de choramingar desse jeito! Não me fales com esse jeito lacrimoso ao estilo de la Pierre! Afinal, quem tem que ser queimada é *ela*, não tu!

Respirei fundo, criei coragem e afinal lhe disse:

— Perdoai-me Vossa Reverendíssima por falar assim, vós me conheceis há bastante tempo, porém, desta vez eu realmente sinto medo! Apavorado, para ser mais exato! Jamais me senti assim antes, mas sinto que estamos mergulhando num abismo maior do que nós mesmos!

Ele me olhava fixamente nos olhos, enquanto eu prosseguia tentando fazer frente àquele olhar:

— Reverendíssimo, não tinha medo quando mandávamos para a tortura e para a morte tantos inocentes, todavia, se é como dizeis, então Deus existe!... e as *Vozes dela*... são reais!... e desta vez é mais do que apenas uma inocente! É uma Santa enviada por Deus que estamos mandando para a fogueira! Certamente Ele não deixará de se vingar de nós!...

Ele me olhou, inquieto, pensando. Por fim, disse, rindo de amarga ironia:

— Se assim for, que diferença faz? Significa que estamos perdidos de qualquer forma.

Olhei sem entender. Ele prosseguiu:

— Se *a* queimarmos, Deus se vingará de nós. Se não *a* queimarmos, os ingleses vão matá-la de qualquer jeito e depois cairão sobre nós. Tudo o que temos para escolher é de quem teremos que enfrentar as iras.

— E se nos valêssemos dos apelos *dela* ao Papa? Poderíamos enviá-la a ele!...

Ele me encarou irônico, sem humor:

— Sim! Que brilhante ideia, meu caro! Como não pensamos nisto antes?! Todavia, suponhamos (apenas como remota hipótese, é claro!), que os ingleses deixassem-na sair viva da França: como escaparíamos nós, depois? Ou és tão ingênuo ao ponto de achar que eles se limitariam a resmungar sua insatisfação?

Fiquei sem resposta, murmurando num fio de voz:

— Então faremos o papel de Judas...

Ele parecia nervoso quando replicou:

— Que tal o papel do Cristo e acabar na fogueira com *ela*? É o máximo que vais conseguir! Não te iludas, meu caro! Sabíamos desde o início que esse Processo é apenas uma encenação religiosa para justificarmos a necessidade política de matá-la! E faça *ela* o que fizer, façamos nós o que fizermos, Jehanne d’Arc vai morrer de um jeito ou de outro, a não ser que Deus Pai em pessoa desça à Terra! E se tentarmos fazer qualquer coisa para salvá-la, tudo o que vamos conseguir salvar são nossas almas, pelo martírio!

Ao ouvi-lo pronunciar a última frase, perguntei com desespero:

— E o que será de nossas almas?!

A expressão de seus olhos endureceu-se ao me responder:

— Isto eu não sei. Em troca, sei exatamente o que será de nossos corpos se não fizermos exatamente como a Coroa inglesa quer! Afinal, é ela quem paga e faz questão de ser rigorosamente obedecida!

— Monsenhor... não temeis a vingança de Deus? Não tendes medo do Inferno?

Para minha surpresa, ele suspiro fundo e disse, desta vez pausadamente:

— Antes não tinha, mas agora tenho. Tenho e muito. Contudo, o Inferno ainda está muito longe e os ingleses estão mais próximos do que a nossa própria sombra. E se queres realmente saber, temo o Diabo, sim, mas temo ainda mais o Cardeal.

Como eu o olhasse, surpreso, ele prosseguiu:

— Consola-te, meu caro, pois estamos todos em ótima companhia. Até mesmo o Duque...

Tamanha a minha surpresa que cheguei a interrompê-lo:

— O Regente?!

— Sim, porque a Duquesa resolveu fazer o papel de Cláudia Prócula<sup>307</sup> e passou a perturbá-lo diariamente, insistindo com ele para salvá-la da fogueira a qualquer custo, dizendo-lhe estar tendo sonhos terríveis, e que a desgraça e a morte se abaterão sobre quantos se envolverem nesse caso, inclusive ela própria.

— Vedes, Monsenhor?! Vedes?!...

— Sim, é claro que vejo! O problema é que o Cardeal não vê!

— Todavia, se o Regente de França também acha...

Ele nem me deixou terminar:

— O Regente pode achar o que bem entender, no entanto, fará também o papel de Pilatos, porque seu tio Cardeal é quem tem a chave do Tesouro da Inglaterra, portanto, agora é ele quem dá as ordens, já que santidade não paga as contas de uma França falida.

Aquilo me assustou ainda mais, e perguntei, timidamente.

— Não haveria um jeito?...

Ele me olhou nos olhos ao responder:

— Claro que há.

---

<sup>307</sup> Nome atribuído à mulher de Pilatos, segundo *Atos de Pilatos* (texto do *Evangelho de Nicodemos*, considerado apócrifo). Vide Novo Testamento, Mateus, 27:19. Teria sido mais tarde convertida ao Cristianismo por São Paulo e especula-se que seria a mesma Cláudia a quem o Apóstolo refere-se no fim da 2ª Epístola a Timóteo (4:21). Canonizada pelas Igrejas Ortodoxa, Copta e Etíope.

— E qual é? — perguntei vivamente.

— Simples, meu caro. Basta convencer o Cardeal. Podes tentá-lo, eu te autorizo.

A simples possibilidade fez-me engolir em seco. Ele voltou a gritar ao responder:

— Julgas que já não pensei em tudo? Por que achas que recorri ao veneno? Há noites em que nem sequer consigo dormir, pensando nisso todo o tempo, mas... não há escolha! Deixa de buscar soluções onde não há! Definitivamente, entende: para *ela*, a questão não é **se** vai morrer, e sim pelas mãos de **quem**; o que, para nós, significa escolher entre receber moedas ou violências dos ingleses.

Ficamos em silêncio por minutos que pareceram horas. Por fim, quando julguei que já tinha criado coragem, falei:

— Posso então pedir a Vossa Reverendíssima uma graça?

— O que desejas?

Olhou-me nos olhos e então sorriu com furiosa ironia:

— Oh, não, não mo digas! Deixa que eu adivinhe! Vais me pedir para seres excluído do Julgamento!

Tentei sustentar seu olhar, mas não pude. Apenas fiz que sim com a cabeça repetidamente, de olhos no chão, murmurando:

— Por piedade, Reverendíssimo...

O Bispo me olhou demoradamente e explodiu de novo:

— Eu sabia! Eu já estava esperando por isso! Bando de choramingas! Le Fèvre, le Maistre, la Pierre, todos pedindo a mesma coisa! E até você, Nicolas l'Oiseleur!... Mestre em Artes, Cônego de Rouen e de Chartres, graças a quem?!

Depois de um breve silêncio, explodiu:

— Não! Nem você, nem nenhum de vocês! Ficarão todos aqui comigo, até o final!

— Reverendíssimo... tende misericórdia de minha alma!...

— Poltrão! Poltrões, todos vocês, do primeiro ao último!

— Tende piedade da minha alma!... — repeti. — Vós podeis salvá-la do fogo do Inferno!...

— Sim, mas quem vai salvar a minha? Agora querem todos salvar a alma, depois de todas as moedas que ganharam graças a mim, mas a quem posso pedir para que me salve? Acham que pretendo estar sozinho na hora de acertar as contas com Messire Lúcifer? Pois fique bem claro uma coisa: se por causa *dela* eu tiver que ir para o Inferno, então irei, mas não irei sozinho! Vocês, ouviu? — todos vocês! — irão comigo!

Nisso, ouvi o toque dos sinos. Tremi como nunca e me senti a ponto de chorar. O Bispo encheu um copo de hipocraz e me estendeu. Tomei-o de um trago só, enquanto ele me acompanhava com os olhos. Tomei um segundo, menos trêmulo, respirei fundo e olhei para ele, um tanto aliviado.

— Vamos! — disse-me ele, sem admitir réplicas. — Chegou a hora.

Reunimo-nos a seguir aos Bispos para o desjejum, animado por parte destes, e logo a seguir, saímos, cada qual no seu coche.

## Término do Julgamento

23 de maio, quarta-feira, foi o dia escolhido tanto para a esperada admoestação pública da acusada, quanto para a posterior sentença final. Naturalmente, para alguém estranho à realidade política, seria surpreendente tão grande esforço no sentido de convencer a acusada, quando, na maioria esmagadora dos casos, já estaria convertida à Igreja ou a carne assada (provavelmente ambos), em tempo muito menor. Mas, como bem dissera o Cardeal, *fazê-la* morrer, embora necessário e inevitável, era a parte mais fácil e menos importante do Processo.

Os Bispos visitantes receberam com grande altivez os cumprimentos dos demais e tomaram seus assentos acolchoados. Foi então iniciada a sessão e Monsenhor ordenou que trouxessem a acusada. Tão logo *ela* adentrou o recinto, o Bispo falou:

— Diante da presença da dita Jehanne, determinamos que *lhe* sejam explanados certos pontos nos quais *ela* se encontra transviada e em erro, consoante as deliberações das Faculdades de Direito e de Teologia da Universidade de Paris. As falhas, os crimes e erros presentes nestes pontos *ser-lhe-ão* apresentadas, pelo que *a* avisamos da imperiosa necessidade de abandonar estes desvios e lapsos e aceitar a corrigenda que determina a Santa Madre Igreja, de acordo com o memorando que *lhe* será exposto em francês pelo sábio Doutor em Teologia e Cônego de Rouen, Pierre Maurice.

A seguir deu a palavra a este, que, após prestar as devidas reverências aos Bispos, de pronto deu início à sua arenga:

— “Primeiramente, Jehanne, você nos disse que desde os treze anos de idade tem recebido revelações, aparição dos santos Anjos, de Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, às quais vê frequentemente com os próprios olhos, e que *lhe* disseram as coisas que você tem dito neste tribunal. Pois bem: segundo os clérigos da Universidade de Paris, entre outros, que analisaram a maneira e a finalidade destas revelações e aparições, o assunto das coisas reveladas, a qualidade de *sua* pessoa, e tendo considerado tudo quanto é relevante neste caso, declararam que tudo isto é falsidade e sedução perniciosa; que revelações desse tipo são superstições procedentes do Demônio e de espíritos diabólicos”.

*Ela* sacudiu a cabeça em enérgica negativa. Ele pareceu se assustar e se deteve, voltando-se para a acusada à espera de alguma interrupção, que não veio. Em continuidade, seu discurso explanou o restante dos Doze Artigos e as respostas enviadas pela Universidade, enquanto a acusada olhava-o com assombro, como se ouvisse algo que em vão tentasse entender.

Ao término desta explanação, Pierre Maurice deteve-se por um instante, passou os olhos pelos Juízes e Assessores, fixando-se depois na prisioneira e dirigindo-se a *ela* num tom de extrema seriedade e sinceridade, como alguém que muito a contragosto, mas movido pelo mais imperioso dever, censurasse um irmão ou um filho:

— “Jehanne, prezadíssima amiga, uma vez que estamos perto do fim de *seu* Julgamento, este é o momento adequado para pensar bem acerca de tudo o que *lhe* tem sido dito. Embora você já tenha sido por **quatro vezes** admoestada com a máxima



diligência pelo senhor Bispo de Beauvais, pelo senhor Vigário da Inquisição e por outros Doutores que *lhe* foram enviados por eles em nome da honra e da reverência a Deus, da fé e dos ensinamentos de Jesus Cristo, da tranquilidade de suas consciências e alívio do escândalo que você causou, e para a salvação de *seu* corpo e *sua* alma; embora *lhe* tenham sido mostrados os perigos aos quais *se* expõe no corpo e na alma se você não reformar a si mesma e às *suas* palavras, corrigindo-as por meio da submissão de *seus* atos e ditos à Igreja e pela aceitação de seus pareceres; não obstante, até agora você não mostrou desejo de entender.

Agora, ainda que muitos de *seus* Juizes considerem suficientes as evidências obtidas contra você, mas ansiosos pela salvação de *seu* corpo e *sua* alma, eles submeteram *suas* palavras ao juízo da Universidade de Paris, a luz de todo o conhecimento e a extirpadora de todos os erros. Quando os senhores Juizes receberam as deliberações da Universidade de Paris, decidiram que, para este fim, você deveria ser mais uma vez admoestada, advertida de *seus* erros, escândalos e crimes, e que nós deveríamos rogar-*lhe*, exortá-*la* e avisá-*la*, pelas entranhas de Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual aceitou sofrer morte tão cruel pela redenção da Humanidade, para corrigir *suas* palavras e submetê-las ao juízo da Igreja, como todo verdadeiro Cristão tem o dever e a obrigação de fazer.

Não se permita ser separada de Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual criou-*a* para ser partícipe de Sua glória. Não escolha o caminho da danação eterna junto aos inimigos de Deus, os quais diariamente se empenham em perturbar os homens simulando muitas vezes a aparência do Cristo, de Seus Anjos e Santos, aos quais afirmam e professam ser, como é demonstrado extensamente na vida dos Pais da Igreja e nas Escrituras.

Por essa razão, se aparições desse tipo realmente apareceram a você, não lhes dê crédito. Faça ainda mais, rechace a crença ou a imaginação que teve dessas coisas, e creia nas palavras e pareceres da Universidade de Paris e outros Doutores, os quais, versados nas leis de Deus e das Sagradas Escrituras, concluíram que não se deve dar crédito a aparições desse tipo; que revelações novas ou extraordinárias, como acontece no *seu* caso, são proibidas, a não ser que possam ser sustentadas pelas Sagradas Escrituras ou por algum sinal ou milagre, e você não tem nada disso a seu favor”.

Neste momento, Pierre Maurice fez mais uma breve pausa e *lhe* estendeu a mão, reduzindo um pouco mais a voz e modulando-a numa entonação de quem agora censurasse ternamente, mas firmemente, uma filha travessa mas muito querida:

— “Você tem levianamente dado crédito a essas aparições, ao invés de voltar-*se* para Deus por meio de devotas orações que *lhe* fariam saber o que é certo; não consultou prelados ou eclesiásticos capazes de orientá-*la*, embora, considerando *sua* condição social e a limitação de *seus* conhecimentos, você tivesse a obrigação de fazê-lo.

Tome este exemplo: suponha que *seu* rei *lhe* ordenasse defender uma fortaleza, proibindo-*a* franquear a entrada a qualquer um. Não seria *seu* dever recusar-*se* a admitir quem quer que afirmasse vir em nome dele, desde que não apresentasse uma ordem por escrito ou algum sinal confiável? Da mesma forma, quando Nosso Senhor Jesus Cristo ascendeu ao Céu, transmitindo o governo de Sua Igreja ao Apóstolo Saint-Pierre e seus sucessores, proibiu-os de receber no futuro os que afirmassem vir em Seu nome, caso não apresentassem nenhum outro sinal além de apenas suas palavras. Por esta razão, você não

deveria crer nesses que diz terem *lhe* aparecido, como tampouco podemos nós acreditar em você, uma vez que Deus nos ordena o contrário.

Em primeiro lugar, Jehanne, pense nisto: se algum soldado nascido nos domínios do *seu* rei, ou de qualquer maneira sob sua suserania, se sublevasse e dissesse: “Não obedecerei ao Rei nem a qualquer de seus ministros”, não considera que este dito homem deveria ser punido? Então, que nos diz de si mesma, que recebeu a fé em Cristo através do sacramento do Batismo, tornou-se uma filha da Igreja, que é a Esposa do Cristo, e recusa obediência aos Ministros do Cristo, ou seja, aos prelados da Igreja? Que juízo deveria fazer de si mesma?”

Como se desejasse fazê-la pensar, fez mais um instante de silêncio; a seguir levou a mão sinistra ao peito e estendeu-*lhe* a destra e a voz em que todo ele era uma rogativa tocante:

— “Suplico-*lhe*, pois: se você ama *seu* Criador, Sua preciosa Esposa e a salvação de si mesma, deixe de proferir essas enormidades! Obedeça à Igreja e submeta-*se* ao seu juízo! Saiba que, se não o fizer, se perseverar neste erro, *sua* alma será condenada à eterna punição e à tortura perpétua, e eu não tenho dúvidas de que *seu* corpo será levado à mesma perdição!

Não deixe que o orgulho humano e a vazia vergonha, os quais talvez *a* estejam constringendo, impeçam-*na* de fazer como *lhe* digo, por medo de perder as grandes honras que já teve! A honra de Deus e a salvação de *seu* corpo e *sua* alma são muito mais importantes! Você perderá tudo se não acatar minhas palavras, separar-*se-á* da Igreja e da fé que jurou no santo sacramento do Batismo, pois você tira a autoridade de Nosso Senhor da Igreja, a qual, não obstante, é guiada, conduzida e governada por Seu espírito e Sua autoridade! Pois estas são Suas palavras para os prelados da Igreja: *Aquele que vos escuta, escuta a Mim, e aquele que vos despreza, a Mim despreza*<sup>308</sup>!

Então, se você recusa-*se* a *se* submeter à Igreja, separa-*se* dela de fato, e recusando-*se* a *se* submeter a ela, recusa submissão a Deus e está em erro no que diz respeito à bula *Unam Sanctam Ecclesiam Catholicam*. O que a Igreja é, e sua autoridade, já *lhe* foram suficientemente expostas em admoestações formais.

Então, em vista de todas essas coisas, em nome de *seus* Juízes, o senhor Bispo de Beauvais e o senhor Vigário da Inquisição, admoesto-*a*, rogo-*lhe* e exorto-*a*, pela piedade que *lhe* inspire a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo amor à salvação de *seu* corpo e *sua* alma: corrija-*se* e retifique estes erros, retorne ao caminho da Verdade através da obediência à Igreja, submetendo-*se* a ela e a todos os seus julgamentos e decisões. Faça-o e salvará *sua* alma e resgatará, como espero, *seu* corpo da morte”.

Após breve lapso, baixou um pouco a cabeça e a voz se fez pesarosa, ao concluir:

— No entanto, se você não o fizer, se persistir no erro, saiba que *sua* alma será esmagada pela danação e eu receio a destruição de *seu* corpo. Queira Nosso Senhor salvá-la destes males! Amém!

Ao fim do longo discurso, olhamos todos para a prisioneira, a fim de vermos o efeito que *lhe* causara. Porém, questionada, respondeu simplesmente:

---

<sup>308</sup>

Novo Testamento, Lucas, 10:16.

— Em relação às minhas palavras e atos, reporto-me ao que já declarei no Julgamento e mantenho tudo o que já disse.

Sentimo-nos surpresos. Pierre Maurice encarou-a diretamente de tal forma que as linhas de seu rosto sofreram impressionante metamorfose. Sua voz perdeu o tom emotivo e afetuoso da admoestação, fazendo-se irritada e áspera quando se voltou para a prisioneira e perguntou-lhe:

— Então, você pensa que não precisa submeter *seus* atos e palavras à Igreja Militante ou a qualquer outro, exceto Deus?

*Ela* sustentou seu olhar e respondeu:

— Mantenho tudo o que disse durante o Julgamento. Ainda que eu seja condenada, veja diante de mim a tocha acesa, a pira montada, o carrasco pronto e a mim mesma na fogueira, manterei o que disse até a morte.

A tranquilidade com que *ela* o disse traduzia uma decisão de tal forma inabalável que, por um momento, o silêncio reinou na sala. Manchon não se conteve e escreveu à margem: “superbio responsio<sup>309</sup>”. Monsenhor então tomou a palavra:

— O Promotor tem algo mais a dizer?

Ele me pareceu vacilar. Se eu não soubesse o que sabia, seria capaz de jurar que ele estava feliz e radiante, mas seu olhar para a prisioneira pareceu-me indecifrável. Não obstante, respondeu negativamente.

— A acusada tem algo mais a dizer?

*Ela* me pareceu visivelmente cansada ao dizer que não. Então, o Bispo falou à acusada, conforme a praxe:

— Tendo em vista *sua* recusa em dizer algo mais, Nós, competentes Juízes deste Processo, de acordo com as normas vigentes declaramos encerrado este Julgamento. E, tendo-o concluído, determinamos que amanhã você compareça diante de nós a fim de tomar conhecimento da sentença pronunciada, a qual deverá, a seguir, ser divulgada e cumprida de acordo com o direito e a razão.

Monsenhor levantou-se, encerrando oficialmente a sessão, ao que nós o imitamos e nos retiramos. Estávamos todos muito cansados, mas isto não impediu que Midi, Marguerie e sobretudo Vendères, que tanto haviam se oposto a esta admoestação, olhassem fixamente para nós outros com ar de censura e de triunfo, ainda que nada dissessem. Os Bispos visitantes se aproximaram do Juiz com uma expressão indefinível no rosto e Monsenhor de Théroouanne perguntou:

— Irmão de Beauvais, que fareis diante de tão grande obstinação?

Este suspirou, parecendo exausto, e replicou:

— Bem, de qualquer forma o Julgamento está terminado e amanhã *ela* receberá a sentença final conforme o que determina a lei. Mas, nem por isso desistiremos de lutar pela salvação de *sua* alma. Oremos a Saint-Dismas<sup>310</sup>, irmãos, rogando-lhe que *a* inspire,

---

<sup>309</sup> Soberba resposta, em latim.

<sup>310</sup> Ou **São Dimas**, nome atribuído ao Bom Ladrão e consagrado pela tradição, não consta, todavia, nos Evangelhos canônicos, e sim nos *Atos de Pilatos* (vide nota 307). Invocado para as conversões de última hora ou que parecem quase impossíveis (Novo Testamento, Lucas, 23:39 a 43).

pois até mesmo em face de *seu* corpo na fogueira estaremos pelejando com todas as nossas forças por arrancá-la das garras do Demônio.

Tão logo a maior parte dos Assessores começou a se afastar, Monsenhor chamou-me em particular e me disse a meio-tom:

— Vá falar à prisioneira hoje, depois que todos se retirarem. Do que *lhe* falares hoje dependerá nossa vitória ou nossa desgraça amanhã.

Aquilo me inquietou vivamente. Perguntei então no mesmo tom:

— Monsenhor, e se porventura *ela se* retratar?

A resposta dele surpreendeu-me:

— Preciso disto a qualquer custo. E só tu podes consegui-lo.

Lutando contra a garganta, perguntei-lhe:

— Eu? Como?

— Tu és *seu* confessor, *ela* confia em ti, portanto trata de consegui-lo, não importa como! Pois, se *ela* não se retratar, o povo há-de tomá-la por mártir e não como culpada, e neste caso teremos fracassado aos olhos do Cardeal. Afinal, se nosso objetivo fosse apenas levá-la à fogueira, poderíamos tê-lo feito em menos de uma semana, e certamente o Arcebispado de Rouen não vale tão pouco. Por isso, é de extrema importância que *ela se* retrate, e teu objetivo hoje é precisamente este: convencê-la! Consiga isto, e venceremos.

Desejei perguntar como, no entanto, aquilo tudo me atordoou de tal forma que corri os olhos em volta, para ver se encontrava vinho. Suas palavras eram claras como o tempo, mas meus sentimentos, não. Toda essa tensão me consumia, desejava com todas as minhas forças que essa batalha, que já se arrastava desde fevereiro, terminasse de uma vez por todas o quanto antes, fosse como fosse, e eu pudesse finalmente descansar.

Entretanto, em verdade, este não era um luxo a que pudéssemos nos dar. Um passo em falso e todos os esforços despendidos, tudo quanto fizemos durante tantos meses, redundaria em total perda de tempo, e, o que seria pior, das graças do Cardeal. Uma vez que a morte da prisioneira era inevitável e irrevogável, por que não tentar ganhar algo com isso? Ao mesmo tempo, procurei me convencer de que se *ela* abjurasse, ao menos ganharia algum tempo, e quem sabe outra solução surgisse? Por incrível que pareça, estes pensamentos fizeram com que eu me sentisse melhor.

No fim daquela mesma tarde, conforme orientação do Bispo, fui à torre visitar a prisioneira. Depois de responder à minha saudação, ficamos em silêncio, durante o qual *ela* ficou a andar de um lado para outro, a olhar para a janela, o chão, o teto, até que se voltou para mim e me perguntou, com os lábios trêmulos:

— Padre, o que acontecerá amanhã?

Sorri com melancolia respondendo lentamente:

— Ah, Jehanne, filha querida! Submete-te à Igreja, ou chama a *si* toda a coragem que tiveres, para enfrentar o que *te* espera. Serás amarrada e levada a uma carreta a fim de seres conduzida, sob os apupos da multidão, ao cemitério. Receberás uma última admoestação pública, e se, como todos esperamos e receamos, tu não *te* submeteres à Igreja, serás amarrada à pira, as chamas serão acesas... e *teu* corpo queimará pouco a pouco na fogueira, até ser reduzido a cinzas.

*Ela* fechou os olhos, visivelmente angustiada. Vendo isto, prossegui:

— Ah, filha querida, as palavras são impotentes para expressar a admiração que sinto por *teu* heroísmo. Quando penso que amanhã mesmo a fogueira estará diante de *teus* olhos... apavoro-me à simples ideia de pensar na crueldade das chamas a queimar lentamente, minuto a minuto, cada pedaço de *teu* corpo, a fumaça a sufocar-*te* a respiração...

*Ela* me olhou e replicou, ríspida, lutando contra a garganta:

— Não é necessário que me descrevas em detalhes o suplício da fogueira, Padre! Os carcereiros já o fazem todos os dias!

Aquilo me perturbou, mas eu voltei à carga:

— Sim, filha, tens razão. É que me empolgo ao pensar no heroísmo de *tuas* convicções, digno da mais alta misericórdia do Altíssimo. Nem todos a têm. Todavia, pergunto-me se será igualmente digno desta misericórdia o sofrimento que *tua* coragem vai causar aos inocentes, àqueles que *te* amam.

*Ela* surpreendeu-*se* e perguntou vivamente:

— Como assim, Padre? O que quereis dizer com isso?

Suspirei fundo e prossegui:

— Ah, minha filha, não pensaste ainda em *teu* pai e *tua* mãe? Sei que não *te* falta heroísmo para suportar a fogueira, mas eles suportarão a dor de saber-*te* neste suplício? E como se não bastasse, ainda terão que suportar a declaração da Igreja condenando-*te* ao Inferno por toda a Eternidade...

*Ela* me encarou e me interrompeu prontamente:

— Não serei condenada ao Inferno! Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite prometeram-*me* que eu serei salva, e eu creio firmemente nelas!...

Com um gesto eu a interrompi, continuando:

— Elas disseram isto a ti, não a *teus* pais. Eles terão que ouvir o que diz a Igreja, terão o dever de acreditar que é assim, caso contrário, pecarão perante a Igreja, que é a voz de Deus na Terra, e ela os castigará por isso. A velhice deles será torturada pela convicção, pela certeza de que a filha que tanto amavam foi expulsa da Igreja como herege e apóstata e, depois de morrer na fogueira da Terra, ainda passará o resto da Eternidade na fogueira sem fim do Inferno. Crês que isto poderá ser do agrado de Deus?

*Ela* me olhou com visível aflição e perguntou:

— E o que pretendeis que eu faça? Que renegue minhas Vozes?

Suspirei fundo e respondi:

— Filha, é difícil aconselhar-*te*, porque o pecado do orgulho *te* impede de aceitar outros conselhos que não aqueles que *te* agradam. Perdoa-me se *te* pareço ríspido, falam por mim o afeto por *ti* e a ansiedade que sinto pela salvação de *tua* alma. Por mais doloroso que possa ser a fogueira queimando lentamente o próprio corpo, muito pior é imaginar alguém que se ama neste suplício. O que sentirias se soubesses que *tua* mãe fora levada à fogueira sem que nada pudesses fazer para impedi-lo?

Os olhos da prisioneira se encheram d'água. Prossegui, antes que me dissesse algo:

— Pois isto que sentiste neste rápido instante, *teu* pai e *tua* mãe sentirão a cada minuto, por todos os dias de vida que lhes restarem na Terra. É isto o que desejas para eles? Que passem dia após dia, ano após ano, a imaginar *tua* alma sofrendo todos os suplícios do Inferno pelos séculos dos séculos?

A prisioneira me olhou meio desvairada, e fiz que sim com a cabeça. *Ela* fechou os olhos e apertou com força a cabeça entre as mãos, fazendo as correntes tilintarem, enquanto eu continuava num tom mais alto:

— Pensa, filha querida. Se *teus* pais quase enlouqueceram de dor quando partiste para cumprir a missão que *te* foi ordenada por Deus, crês que eles serão capazes de suportar aquilo que estás provocando para ti mesma e para eles? É esta a recompensa que lhes darás por todo o carinho e todos os cuidados com que *te* rodearam desde a infância?

Os olhos dela brilhavam quando me encarou e persignou-se, gritando:

— **Vade retro, Satanás!**

Sorri ao responder-lhe em tom afável:

— Jehanne, filha querida, Deus *te* perdoe por esta alucinação como eu *te* perdoo, pois sei que não é *teu* coração, mas sim o desespero, quem dita palavras tão malignas ao amigo e confessor que arrisca a própria vida ao tentar salvar *tua* alma *te* aconselhando segundo a palavra de Deus.

*Ela* voltou-se para a janela, caiu de joelhos e uniu as mãos, murmurando em voz baixa, repetidamente, de costas para mim:

— Valei-me, Nosso Senhor! Saint-Michael, Sainte-Catherine, Sainte-Marguerite, valei-me todos vós, por misericórdia!

Aquelas palavras, ditas com tamanha angústia, fizeram-me perder a presença de espírito. Olhei para a janela com receio, ou antes, pavor de que eles de fato ali aparecessem diante de meus olhos. Ergui-me mais que depressa e mandei que o carcereiro abrisse a cela, murmurando às pressas para a prisioneira enquanto saía:

— Orarei por *ti* esta noite, filha querida. Amanhã, haja o que houver, estarei contigo e serei *teu* amparo.

## A Cena no Cemitério

Abri os olhos naquela manhã, presa de sentimentos contraditórios. Custei a me dar conta de que o dia, a hora, haviam chegado. Não sabia se desejava que *ela* fosse queimada de uma vez por todas, acabando com essa tensão sem fim; ou que *se* retratasse, menos para agradar o Bispo do que para adiar o inevitável. Ambas as expectativas me excitavam e me horrorizavam ao mesmo tempo. Por isso, ao desjejum, limitei-me a molhar pedaços de pão no vinho para não ficar com o estômago vazio, invejando nossos visitantes e o dono da casa, que comeu com o apetite habitual enquanto vez por outra me olhava, a me lembrar do papel que me caberia nesta manhã.

A seguir, retiramo-nos a fim de nos prepararmos para o evento, para o qual os Bispos, tanto os visitantes quanto o dono da casa, paramentaram-se com todo o rigor exigido, e a seguir partimos para o cemitério da abadia de Saint-Ouen de Rouen, local habitualmente escolhido para causar maior impacto em eventos semelhantes, e por isso mesmo adequado à sentença óbvia que quase todos esperavam que fosse decretada e executada naquela mesma manhã de quinta-feira, 24 de maio. Éramos seguidos de perto pelos coches dos Bispos visitantes.

Chegamos então, e terminamos de organizar os últimos detalhes. A acusada foi trazida e colocada na carreta que iria conduzi-la. Cumprindo meu papel, subi a seu lado, dizendo-lhe palavras banais de solidariedade que não *a* deixassem esquecer-se do que *a* esperava, mas *ela* não me respondeu, não me olhou, não disse praticamente uma palavra durante todo o trajeto. Parecia atordoada, fora de si. No início, olhava-a quase o tempo todo, mas depressa tive que parar de fazê-lo, antes que fizesse alguma loucura numa tentativa fútil de salvá-la. Logo, todos estávamos a caminho do cemitério.

A viagem parecia nunca terminar, e os insultos, as bolas de esterco e as frutas podres que o populacho volta e meia atirava à prisioneira não contribuíam para torná-la agradável, sobretudo porque alguns destes projéteis, mal direcionados, vez por outra acabavam por me atingir também. Os soldados ingleses mostravam-se ansiosos, para eles a esperada cremação seria uma festa. Não sabiam, tanto quanto eu na véspera, que os planos do Bispo eram outros, por isso receava que os nobres ingleses não entendessem sua manobra. Bem, se eu próprio ainda não a entendia totalmente, quanto mais homens de guerra, que não primam pela paciência e só sabem agir com a sutileza e a precisão de um tiro de bombarda.

Enfim, chegamos ao local, onde me deparei com dois palanques perfeitamente armados. O maior, com dossel e cadeiras acolchoadas, destinava-se às autoridades mais importantes. Ciente do papel crucial que me caberia desempenhar, tremi ao ver um trono entre estes. Olhei aflito para Monsenhor, que me acenou afirmativamente com a cabeça, confirmando meus temores: o Cardeal participaria do evento. De fato, passado algum tempo, Sua Eminência fez sua entrada, imponente em galero e vestes vermelhas, seguido logo atrás do Bispo de Norwich<sup>311</sup>, de cabeça erguida e cenho fechado. Nossos visitantes e Monsenhor apressaram-se em lhes apresentar suas homenagens e se assentaram em volta.

---

<sup>311</sup> **William Alnwick**, mais tarde Bispo de Lincoln, Confessor e Guarda do Trono de Henrique VI. Perseguiu vigorosamente os reformistas ingleses “lollards”.

O segundo palanque, destinado à acusada, ao carrasco e aos demais Assessores, era pouco mais que uma plataforma vazia, tendo apenas uma mesa com papéis, tinta e penas. Não muito longe, víamos o patíbulo armado, já com a lenha a postos, pronto para cremá-la caso não cedesse. Apesar disso, naquele momento pude entender que não estávamos verdadeiramente preparados para executar o ato final. Tudo fora disposto muito mais para impressionar e convencer tanto a assistência quanto a acusada.

Populares já nos esperavam em grande número, e cada vez ia chegando mais gente. O burburinho crescente e animado dizia da excitação do povo, para quem o evento previsto também tinha sabor de festa. Para aquela ralé, melhor do que uma boa procissão, só mesmo uma boa execução. De onde estávamos, podíamos acompanhar as disputas por lugares, que muitas vezes acabavam em brigas violentas, nas quais mortes ou ferimentos graves eram coisa corriqueira.

Não subi ainda ao palanque da acusada, antes me coloquei com o abatido l'Advenu ao lado de um Erart excitado e ansioso por começar, pois a ele caberia fazer a repreensão pública à acusada. Desta vez a escolha me agradou: ele era um brilhante orador, talvez tanto quanto Courcelles, aliás, também presente e trocando com aquele os mais ferozes olhares de desafio, o que me deu a expectativa de um discurso do mais alto nível.

Contudo, esta esperança logo se desfez, ao menos para mim. O longo sermão daquele dia pareceu-me interminável, aquela comédia me arranhava os nervos, sem que eu pudesse dizer por quê. Talvez pelo fato de não ser diferente em nada do palavrório gasto que sempre usávamos em situações semelhantes segundo a nossa conveniência:

— “...pois está escrito no décimo-quinto capítulo do Evangelho segundo Saint-Jean: *o ramo que não permanece unido à videira não pode dar fruto*. Sendo assim, todo verdadeiro Católico, para ser considerado como tal, tem que permanecer ligado à Igreja como o galho à videira, por ser a Santa Igreja Católica esta videira que Nosso Senhor Jesus Cristo plantou com Sua própria mão direita...”

— Se Ele fosse canhoto faria diferença? — cochichou Courcelles aos meus ouvidos, sorrindo.

Foi como se a chibata de meu pai houvesse me atingido novamente. Crispei o rosto e respondi, sem pensar no que dizia:

— Provavelmente, teria tido uma infância miserável!...

Porém, diante do olhar de assombro de Courcelles, tratei de recuperei o autodomínio voltando novamente a atenção à prisioneira, que parecia visivelmente esgotada, do que Erart se aproveitava para carregar com fúria, apontando-a com o dedo cada vez que se referia a *ela*:

— “Oh, Casa da França! Até então, jamais tínheis acalentado tão horroroso monstro em vosso seio! Contudo, agora, permitistes que isto acontecesse, por culpa vossa! Por terdes dado crédito às palavras e atos desta bruxa! desta herege! desta mulher supersticiosa! Ai de vós, França! Pois, por causa disto, de quantos abusos sois vítima! Depois de terdes sido por tão longo tempo um porto seguro para a fé Católica, eis que esse Charles, que se diz vosso rei e chefe, endossou as palavras e ações desta mulher ordinária, infame e inútil, como herético e cismático que é! E não somente ele, mas todo o clero por quem *ela* foi examinada sem receber a justa e merecida condenação!”



Neste momento, para surpresa de todos nós, o rosto da prisioneira, até então apático e absorto, ganhou vida e *ela* voltou por um momento a ser Jehanne d'Arc ao retrucar:

— Reverência guardada, Messire, falai de mim o que bem desejardeis, mas não faleis assim de *meu* Rei!

Erart me pareceu tomado de surpresa. Voltou-se bruscamente para a acusada e gritou-*lhe*, sempre de dedo em riste:

— É a você que estou falando, Jehanne, e digo-*lhe* que aquele *seu* rei é herético e cismático!

— Juro-vos por minha vida que ele é o mais nobre cristão dentre todos, e ninguém mais do que ele ama a nossa Igreja!

Erart ficou tão fora de si que primeiro perdeu a fala, e quase logo, a compostura, gritando qual uma mulher de feira para que *a* mandassem calar-se. Aquilo me surpreendeu e decepcionou a tal ponto que julguei merecidos os apupos que a multidão *lhe* dirigiu, tendo que me conter para não rir como Courcelles. Tanto dele quanto *dela*, pois a acusada teria que ser mais ingênua que uma criança para acreditar realmente nisso. Bem, é um defeito comum atribuímos às pessoas de quem gostamos as virtudes que desejaríamos que elas tivessem.

Acalmados os ânimos, Erart retomou a palavra, mas sem alma nem vigor. Sua voz e seus gestos tornaram-se protocolares, formais. Ao mesmo tempo, *ela* voltava ao seu ar de alheamento, o que me dava a sensação de que, desta vez, seria possível tê-*la* sob nosso jugo, desde que soubéssemos agarrar a oportunidade, pois era a primeira vez, desde o início do Processo, que *a* via dar sinais de fraqueza. E já não era sem tempo! Suspirei de alívio quando o orador finalmente concluiu:

— “...contemple estes homens, meus senhores e *seus* Juízes, que repetidamente intimaram-*na*, reclamando a submissão de todos os *seus* atos e palavras à Nossa Santa Madre Igreja, mostrando-*lhe* e apontando-*lhe* que, na opinião dos clérigos, há muitas coisas nesses *seus* atos e palavras que não deveriam ser sequer faladas, muito menos defendidas.”

Tão logo ele se calou, *ela*, embora visivelmente esgotada, ergueu a cabeça e disse:

— Responder-vos-ei: no que diz respeito à minha submissão à Igreja, digo mais uma vez o que já disse antes: levei tudo o que fiz e disse ao conhecimento de nosso Santo Padre, o Papa, a quem apelo em segundo lugar. Em primeiro lugar, reporto-me a Deus, pois meus atos e palavras foram realizados em obediência à Sua vontade.

Erart retrucou-*lhe* em tom de deboche:

— Por acaso você considera Charles de Valois *seu* Deus? Pois foi a **ele** que você obedeceu, e é por causa e culpa **dele** que você está aqui agora!

*Ela* pareceu recuperar toda a sua energia ao replicar:

— Atribuo a mim mesma a responsabilidade por meus atos, não ao Rei nem a qualquer outra pessoa. Se houve alguma falta, a responsabilidade é minha e de ninguém mais!

— Está disposta a abjurar aqueles de *seus* atos e palavras que foram desaprovados pelos clérigos?

A expressão da acusada pareceu a de alguém que não entendeu o que ouviu e deu a mesma resposta de antes:

— Apelo para Deus e para nosso Santo Padre, o Papa!

Mais uma vez estávamos diante da apelação à Santa Sé. A acusada repetia aquilo como se soubesse, por intuição ou por *suas* Vozes, que aquelas palavras representavam *sua* única esperança de salvação. No entanto, aquela jovem não tinha a menor chance de escapar, mesmo que conhecesse todos os meandros da Justiça Canônica, pois, para evitá-lo, lançaríamos mão de todos os recursos, lícitos e ilícitos. Neste sentido, Erart prosseguiu:

— Isto não basta! Acha mesmo que o Santo Padre viria de uma distância tão grande somente para julgar alguém como você? Ele tem coisas muito mais importantes para tratar! Para casos como o *seu* é que existem os superiores eclesiásticos, com poder e autoridade suficientes para julgar e decidir nas suas dioceses em nome da Igreja! Assim sendo, é absolutamente imperioso que você *se* submeta à nossa Sagrada Mãe, a Igreja, aceitando como verdade indiscutível tudo quanto os clérigos e demais religiosos julgaram e decidiram a respeito de *suas* pretensas aparições e revelações, sobre as quais você já foi admoestada por três vezes!

Aquilo pareceu esgotar *suas* últimas forças e voltou a ficar absorta, olhando para lugar nenhum. A um discreto sinal de Monsenhor, aproximei-me da acusada, enquanto ele começava a leitura dos termos da sentença. Eu dizia-*lhe* ao ouvido, tão suavemente quanto o faria à pessoa que mais amasse nesse mundo, se por acaso essa pessoa existisse:

— Minha pobre criança, tem piedade de ti mesma e salva-*te*! Vês, a carreta está aqui, pronta para levar-*te* para a fogueira que está bem ali, pobre criança! Não nos obrigues a entregar *teu* corpo à fogueira, quando nosso único desejo é salvar-*te* dela!...

Enquanto *ela* punha os olhos, arregalados e rasos d'água, na pira que eu não parava de *lhe* apontar, repetindo propositalmente aquela palavra que tanto *a* aterrorizava, Monsenhor lia lenta e solenemente o texto da sentença:

— *...depois de ver e julgar... tudo o que nós e qualquer homem do julgamento e da lei poderia e deveria observar... nós, tendo Cristo e a honra da fé ortodoxa perante nossos olhos, de tal forma que nosso julgamento possa ser pronunciado diante da própria face de Nosso Senhor... dizemos e decretamos que, pela simulação de suas revelações e aparições você foi pernicioso, sedutora, presunçosa; de crença leviana, temerária e supersticiosa; feiticeira; blasfemadora contra Deus e Seus Santos; desprezadora de Deus em Seus sacramentos; prevaricadora dos mandamentos divinos e das sanções eclesiásticas; sediciosa, cruel, apóstata, cismática; em grave erro em relação à nossa fé; e que, por estas atitudes, você temerariamente agiu contra Deus e Sua Igreja... e em muitas ocasiões (e aqui ele olhou para *ela* e baixou a voz) você expressamente recusou-se a se submeter ao Nosso Santo Padre, o Papa, e ao Sagrado Concílio Geral...*

De repente, o Bispo interrompeu a leitura, se aproximou de nós e interveio intempestivamente:

— Submeta-*se*! Submeta-*se* agora, antes que eu termine, ou a carreta *a* levará para a fogueira neste instante! Será queimada viva agora, já, neste momento!

A população, ouvindo as últimas palavras ditas como um rugido, começou a aplaudir calorosamente. Os olhos *dela* então se voltaram para mim, úmidos, súplices. Vacilei por um momento, meus sentimentos se agitavam dentro de mim desesperadamente, mas em direções contraditórias, e sem saber qual deles era o mais forte, prossegui:

— Pensa em *teus* pais, pobre criança! Pensa no quanto devem estar sofrendo e chorando, ante a perspectiva de que a filha idolatrada morra nas chamas da fogueira e depois passe a eternidade no fogo sem fim do Inferno! Tem piedade das lágrimas de *tua* santa mãe, dos cabelos brancos de *teu* venerando pai, que *te* suplicam!... Tem piedade deles e de ti mesma, não condenes *teu* corpo às chamas e *teus* pais a uma dor eterna, quando *tua* salvação e a felicidade deles dependem unicamente de ti!...

*Ela* me olhava com desespero, as lágrimas brotavam dos olhos e desciam aos pares pelo rosto, e então senti que a vitória estava por um fio. Descobrira o ponto vulnerável, bastava explorá-lo, e eu sabia como fazê-lo:

— Tudo isto apenas porque, boa e verdadeira católica que és, hesitas em confiar na Santa Igreja que *tuas* mesmas Vozes mandaram-*te* obedecer na infância! Minha criança, acredita em mim, não estamos aqui para perder-*te*, e sim para salvar-*te*, e *tua* salvação depende só de *ti*, de uma simples palavra de *teus* lábios!...

— Não posso negar minhas Vozes... — respondeu a prisioneira, num fio de voz.

Sabia como contornar este obstáculo:

— Nem *te* pedimos tal coisa, querida criança! Pedimos-*te*, suplicamos-*te* unicamente que *te* submetas à mesma Igreja que *tuas* santas Vozes mandaram-*te* obedecer outrora! Nada mais que isso! Submetendo-*te*, ela tomar-*te*-á sob sua proteção. Poderás retomar as vestes próprias ao teu sexo, pois não terás mais que suportar a prisão dos ingleses e seus maus-tratos, uma mulher será *tua* carcereira e não atentarão mais contra a *tua* honra. Poderás novamente assistir à santa Missa e receber os santos Sacramentos. E, o mais importante, secar as lágrimas dos olhos de *teus* venerandos pais, que nesse momento choram e sofrem de aflição por *teu* destino. Pelo amor de Deus, de *tuas* Vozes, de *teus* pais, submete-*te* à Igreja! Não *te* pedimos senão isto!

Nem sei se *ela* chegou a me ouvir direito no meio de todo aquele vozerio rugindo à nossa volta. Naquela babel de vozes, eu próprio mal podia distinguir entre o povo a bramir para que *a* queimássemos logo; Erart, a gritar-*lhe* que, se não *se* submetesse, iria assar na fogueira nesse momento; Massieu, implorando-*lhe* que tivesse pena de *si* mesma e não *se* condenasse; e os demais assessores, que ora ameaçavam, ora suplicavam. Depois de longa expectativa, a jovem olhou para cima como um naufrago prestes a se afogar e murmurou num fio de voz:

— Eu me submeto à Igreja...

Não soube dizer o que senti naquele momento. Um misto de alívio e horror. O Bispo sorriu para mim discretamente, e seu sorriso para mim foi como o de um réptil, se um deles pudesse sorrir. A jovem acusada olhava para mim como uma criança em perigo em busca do pai. Conduzimo-*la* para a mesa, onde se encontrava uma pena, tinteiro e o termo da abjuração. A acusada olhou fixamente para as cinco ou seis linhas daquele documento, cujo significado, no entanto, era-*lhe* tão misterioso quanto o das visões do Apocalipse. Quando *lhe* pedimos que assinasse, *ela* olhou para todos os lados, como se não houvesse escutado. Disse-*lhe* e repeti que era imperioso que assinasse, *ela* me olhou perguntando:

— O que diz este documento?

Eu e Massieu nos entreolhamos, e tratei de me antecipar, explicando-*lhe* que aquilo significava negar apenas aquilo que Deus quisesse fosse negado. Ele abriu a boca e os

olhos, mas felizmente não ousou me contradizer, enquanto a prisioneira hesitava, *seu* rosto pela primeira vez expressava aflição e medo, os olhos rasos d'água voltavam ora para Massieu, ora para mim, a seguir para o céu, atordoada, como que incapaz de sair por si só daquele estado de apatia. Então, tratei de agir. A um aceno meu, o Oficial de Justiça passou a ler-lhe, muito lentamente me parecia, o breve texto, enquanto a acusada parecia lutar consigo mesma para ouvir:

*u, Jehanne, conhecida como A Donzela, declaro prometer e jurar diante de Deus e dos Santos Anjos não mais usar roupas masculinas, nem cortar os cabelos à maneira dos homens, nem tomar armas nem cavalgar junto aos homens de guerra. Declaro, formalmente e sem restrições, abjurar aquelas de minhas palavras que porventura nosso Santo Padre, o Papa, e nossa mãe, a Santa Igreja, julgarem contrárias à fé em Jesus Cristo. Prometo praticar todo o bem e evitar todo o mal, como é dever de todo verdadeiro Católico.*

No meio de todo aquele alarido ensurdecedor, era com dificuldade que se conseguia ouvir a voz do Oficial de Justiça. A prisioneira, parecendo fazer um esforço desesperado para tentar entender o que aquilo significava, olhou para mim e para Massieu, dizendo:

— Peço aos clérigos da Igreja para examinarem esta cédula. Se considerarem que devo assiná-la, então eu o farei.

Aquilo me surpreendeu. Monsenhor e Erart se entreolharam e o primeiro vociferou para nós, mas, sobretudo, para Massieu:

— Chega de tanta tergiversação! Mande-a assinar de uma vez, ou *ela* vai virar carne queimada neste instante!

Tão rápido quanto me era possível sem trair minha impaciência, tomei a pena, mergulhei-a na tinta negra e coloquei-a brandamente na trêmula mão direita da acusada, conduzindo-a para o papel, fazendo-a lentamente escrever *seu* nome. Mal terminara, e *sua* mão de repente ganhou força e por si só traçou uma cruz ao lado da assinatura. Pela segunda vez naquele dia senti um misto de alívio e horror, sem saber se salvara uma vida ou cometera mais um crime. Para me tirar deste estado de espírito, precisava fazer alguma coisa. Assim, por essa e nenhuma outra razão, disse-lhe:

— Jehanne, querida amiga, tiveste *tua* mais bela vitória, pois salvaste *tua* alma.

Em resposta, *ela* sorriu para mim, e de imediato, um relâmpago de alívio, ao mesmo tempo de derrota, cruzou meu pensamento: uma cruz ao lado da assinatura! Exatamente o código que, em *suas* cartas, alertava os *seus* para não darem crédito ao que estava escrito! Olhei para o Bispo, hesitando entre falar-lhe ou não. Contudo, antes que pudesse fazê-lo, ele retornou ao palanque, tirou um pergaminho de dentro das vestas e passou a lê-lo, sem olhar mais para mim.

O público ouvia com prazer, ansioso pelo espetáculo. Mas então Monsenhor leu:

— *...porém, tendo em vista que, depois de repetidas admoestações caridosas, você, pela graça de Deus, depois de longa espera retorna ao seio de Nossa Santa Madre Igreja, e que sinceramente e de coração contrito, como de bom grado acreditamos, abertamente renuncia aos seus erros, desde que eles foram reprovados recentemente em sermão público; que de sua própria boca publicamente abjurou toda heresia; sendo assim, de acordo com a forma indicada pelas leis eclesiásticas, nós libertamo-la das correntes da excomunhão a que a tínhamos agrilhadoado, desde*

*que você tenha voltado à Igreja com um coração verdadeiramente sincero na fé, observando tudo quanto venha a ser ordenado por nós. Não obstante, tendo em vista que você pecou tão temerariamente contra Deus e a Santa Igreja, nós final e definitivamente condenamo-la, a título de salutar penitência, à prisão perpétua, com o pão do arrependimento e a água da aflição, para que você possa chorar suas faltas e doravante nunca mais venha a cometer mais algo que lhe dê motivos para lamentar-se, ressalvadas sempre a nossa graça e o nosso poder de moderação.*

Foi então que, por um momento, pareceu-me que o inesperado iria acontecer. A população começou a vaiar e a jogar pedras, aos gritos de “traidores! armagnacs!” Algumas pedras atingiram a mim e a *ela*, que parecia mal se dar conta do que acontecia em volta. Era preciso fazer alguma coisa de imediato, pois em instantes a ralé poderia tomar o controle da situação. Felizmente o Cardeal prontamente interveio, fazendo com que os soldados mostrassem as armas para o povo. Ao mesmo tempo, os nobres ingleses precipitaram-se em nossa direção, rostos congestionados de ódio:

— A rapariga não vai ser queimada?! O Rei está sendo muito mal servido!

— Padres, não estais fazendo jus ao dinheiro do Rei!

O Bispo e o Cardeal voltaram-se para eles, mas, antes que eu pudesse ouvi-los, a acusada falou num fio de voz, olhando em redor aereamente:

— Por caridade, levai-me para a prisão da Igreja!

*Ela* continuava tão atônita que talvez nem tenha percebido Monsenhor voltar-se para Massieu e ordenar-lhe, áspero:

— Reconduzam-na!

Este, num verdadeiro acesso de ingenuidade, perguntou-lhe:

— Para onde, Reverendíssimo?

Ele olhou-o de alto a baixo e respondeu rispidamente:

— Como assim, para onde? Eu disse reconduzir, meu caro, e se a gramática ainda é a mesma, “reconduzir” quer dizer “levar de volta para o lugar de onde veio”! Estamos entendidos?

Ele assentiu, olhos arregalados, atordoado. Será que ele realmente acreditou que a prisioneira seria levada para uma “prisão da Igreja”? Por precaução, aproximei-me *dela* e sussurrei a seu ouvido:

— Não temas, pobre criança. A partir de agora, estás sob a proteção da Igreja. Terás que voltar ainda hoje à mesma cela, mas apenas pelo tempo necessário para prepararmos um lugar decente e adequado à *tua* nova situação.

Não sei se me ouviu, pois quase de imediato minha atenção foi chamada por um padre desconhecido (soube depois que era o capelão do Cardeal) que abordou o Bispo aos gritos:

— Vossa Reverendíssima está favorecendo a acusada!

— Apenas cumpro o dever do meu ofício, que é salvar almas! — gritou de volta o Bispo.

— Vós sois um traidor! — gritou o padre, para meu choque.

— E vós, um mentiroso! — retrucou o Bispo, como que prestes a se atracar com ele.

Alguns soldados ingleses, ainda que resmungando surdamente, recolocaram-na na mesma carreta, e tão logo viatura e prisioneira desapareceram de cena, recomeçou o tumulto, em maiores proporções. Inconformado em perder o espetáculo tão vivamente anunciado, o povo pôs-se a vaiair cada vez mais, os gritos aumentaram e algumas pedras voltaram a voar em nossa direção.

O Cardeal, desta vez visivelmente satisfeito, aproximou-se do grupo. Ordenou que seu capelão calasse a boca e se afastasse, o que este fez como um cão que não entende por que o dono o enxotou. Depois chamou a si os nobres ingleses e nós. Tanto quanto era possível debaixo dos apupos da multidão, o Bispo apressou-lhe em responder aos Condes, antes que perdessem a pouca compostura que tinham:

— Apenas um pouco de paciência, Messires. Crede-me, isto é absolutamente necessário para atingir o fim que todos nós visamos. Confiai em nós, e logo nós *a* teremos de volta.

— Isto nos foi dito em janeiro, e já estamos em maio! — disse Stafford.

— Messires, para quem esperou meses, o que será uns poucos dias a mais, conquanto obtenhamos tudo o que queremos?! Apenas uns dois ou três dias e *ela* estará de volta às nossas mãos, pronta para a fogueira! — replicou Monsenhor.

— Só dois ou três dias, Monsenhor?! — gritou Warwick — Dais vossa palavra?

O Cardeal então tomou a palavra:

— Sim, Messires. Dou-vos **nossa** palavra. Não mais que dois ou três dias.

Vi então o Cardeal e Monsenhor tomarem Warwick pelo braço e falarem-lhe ao ouvido, mas, embora estivesse perto, nada pude ouvir devido aos gritos que aumentavam de instante a instante. Porém, não havia condições de continuar. O povo se agitava cada vez mais, pedras voavam visando a nós, padres, e os soldados, decepcionados e mesmo furiosos, mal disfarçavam a má-vontade com que mantinham a ordem. Tratamos de nos retirar do local o quanto antes. Durante o caminho de volta, à medida que o susto ia passando, sentíamos-nos todos visivelmente aliviados. Chegamos ao Palácio, entramos no escritório, e sentamo-nos, pedindo vinho e bebendo com um prazer que há muito não sentíamos. O Bispo dizia-me, com evidente satisfação:

— Afinal! Agora podemos tê-la ao nosso jeito. Temos uma abjuração completa!

Retruquei:

— Não tão completa, Monsenhor. Mas é certo que temos alguma coisa...

Interrompeu-me em voz alta, mas afável e sorridente:

— Não me contestes! Sei o que estou dizendo, e sabes que não falo por falar!

Em face da minha estranheza, ele tomou um longo pergaminho que eu ainda não tinha visto, escrito, mas não assinado, e mostrou-me:

— Vê! Tudo o que precisamos está escrito aqui!

Li-o na íntegra, com mais estranheza ainda:

*T*oda pessoa que errou e desprezou a fé Cristã, e depois, pela graça de Deus, retorna à luz da verdade, e à união com a Nossa Santa Madre Igreja, deve resguardar-se muito bem para que o Inimigo do Inferno não a envolva, fazendo-a cair novamente, tornando-a relapsa em erros e dânações.

*Por esta razão, eu, Jehanne, comumente chamada a Donzela, miserável pecadora, reconhecendo a armadilha do erro na qual estava presa, e sendo por mercê divina reconduzida à Nossa Santa Madre Igreja, para que vejam que não fingidamente, mas de bom coração e de boa vontade retornei a ela, confesso que pequei gravemente, hipocritamente fingindo ter tido revelações e aparições por parte de Deus, dos Anjos, de Sainte-Catherine e de Sainte-Marguerite; seduzindo as almas para que cressem em mim; crendo de forma tola e temerária; fazendo supersticiosas adivinhações, blasfemando contra Deus, Seus Santos e Santas; violando a lei divina, as Sagradas Escrituras, e as leis canônicas; usando vestimentas dissoluta, erradas e pretensiosas, contra a decência da natureza, e usando cabelo cortado redondo à maneira dos homens, contra toda a modéstia feminina; usando armas da maneira mais presunçosa possível; desejando cruelmente o derramamento de sangue humano; declarando que fiz todas estas coisas por ordem de Deus, Seus Anjos e Santas acima citados, e que fazendo tais coisas agi corretamente, não tendo errado; menosprezando a Deus em Seus sacramentos; fazendo revoltas; sendo sediciosa e idólatra, adorando e evocando demônios; confesso ainda que fui cismática e de diversas maneiras errei na fé.*

*Estes crimes e erros, eu, que pela graça de Deus volto ao caminho da verdade por meio da Santa doutrina e pelos bons conselhos dos Doutores e Mestres que me foram enviados, de bom coração e sem falsidade, abjuro a todos aqueles, detesto-os, renego-os e renuncio a todos eles, e sobre todas as coisas acima declaradas submeto-me totalmente à correção, disposição, emenda e decisão de Nossa Santa Madre Igreja, e de sua boa justiça.*

*Assim, eu juro, declaro e prometo a Monsenhor Saint-Pierre, Príncipe dos Apóstolos; a Nosso Santo Padre, o Papa de Roma, seu Vigário e seus assessores; e a vós reverendos senhores Monsenhor Bispo de Beauvais, e vós religioso Irmão Jean le Maistre, Vigário do senhor Inquisidor da Fé, meus Juizes, que nunca mais, por qualquer exortação ou maneira, tornarei a cair nos erros que enunciei, dos quais agradou a Nosso Senhor me libertar e eliminar; antes desejo sempre viver na união de Nossa Santa Madre Igreja, e na obediência à nosso Santo Padre, o Papa de Roma. Eu o disse, afirmo e juro por Deus Todo-Poderoso e pelos Santos Evangelhos. E como prova disto, assinei esta cédula com minha assinatura.*

Olhei para o Bispo sem entender e lhe falei:

— Reverendíssimo, há um engano. Este não é o documento que *ela* assinou.

Ele procurou entre outros papéis e achou a pequena declaração marcada com uma cruz. Mostrou-o a mim e perguntou:

— Porventura te referes a isto?

Fiz que sim com a cabeça, confirmando. Ele prosseguiu, levantando o papel:

— És tu quem te enganas. Isto? Isto não é nada, nem sequer existe!

E rasgou-o diante de meus olhos, sorrindo, o que me assustou no primeiro instante. A seguir, tomou de novo o pergaminho maior, mostrou-mo e disse:

— Afirmo que **esta** é a declaração que *ela* assinou. Pretendes afirmar algo diferente?

Eu próprio não entendi o que achei de tão abominável naquilo, nem por que fui ter, ao melhor estilo de Massieu, um ataque de ingenuidade ao ponto de perguntar:

— Mas, onde está a assinatura da acusada?

Então, ele se aproximou da mesa, tomou uma pena, molhou-a no tinteiro e, diante de meus olhos, assinou com uma cruz o documento, que ficaria arquivado nos autos do Processo. Assoprou até secar a tinta e a seguir mostrou-me o papel, perguntando:

— Satisfeito?

Senti-me sufocar. Bebi mais vinho e perguntei a seguir:

— E... como faremos a seguir? *Ela* não será mais queimada?

— Amanhã mesmo a solução estará em nossas mãos.

Fiz menção de perguntar como, mas me calei, de medo da resposta. No entanto, ele como que leu em meu rosto e prosseguiu com bonomia:

— Ora, por que tamanha ansiedade? Amanhã mesmo saberás. Afinal, o destino dos relapsos é a fogueira.

— Mas *ela* não é relapsa! — surpreendi-me por um instante, contudo, quase logo um relâmpago de pensamento me fez murmurar, angustiado. — Pelo menos, não ainda...

Ele sorriu ao contestar:

— Eis um advérbio de tempo deveras bem empregado. Afinal, entre o hoje e o amanhã, há toda uma noite, longa o bastante para que muita coisa possa acontecer...

Tive então um lampejo do que nos esperaria na manhã seguinte.

Não obstante, na tarde do mesmo dia, por ordens do Bispo, eu, le Maistre, Midi, Courcelles, la Pierre e mais alguns outros, fomos à prisão levando um pacote. Não vendo o Bispo entre nós, os guardas mostraram-se vivamente insatisfeitos, e quando o Vigário da Inquisição mandou que abrissem a cela, obedeceram de forma tão irônica e insolente que beirou o desrespeito. Assim que entramos, contudo, quase deixei escapar um grito ao me deparar com aquela aparição espectral que se erguia lentamente do catre: cabeça raspada<sup>312</sup>, olhos foscos, ar alquebrado, em nada se parecia com aquela com quem vínhamos travando uma batalha quase contínua sem sucesso. Não devo ter sido o único. O próprio le Maistre ficou por um momento a olhá-la com expressão indefinível no rosto, tentou falar, ajustou as vestes e por fim tomou a palavra num tom de voz absolutamente protocolar e sem convicção:

— Jehanne, Deus concedeu-*lhe* uma altíssima graça, e os clérigos mostraram-se igualmente misericordiosos em *lhe* conceder o perdão e a graça da Santa Madre Igreja. Em consequência, é *seu* dever submeter-*se*, humilde e obedientemente, à sentença e às ordens dos Juízes e eclesiásticos, abandonando por completo *seus* erros e fantasias para nunca mais voltar a eles. Caso contrário, não receberá mais a clemência da Igreja e será por ela abandonada para sempre. Então, inicialmente ordenamos que você tire estas vestes impróprias ao *seu* sexo e vista as que mandam *sua* condição e *seu* estado.

*Seus* olhos pareciam olhar-nos sem nos ver, nem o menor vestígio daquela viva inteligência que tão bem conhecíamos e tantas vezes havíamos amaldiçoado. Então, jogaram-*lhe* aos pés o pacote, de onde *ela*, com a obediência de um fantoche, tirou uma roupa feminina completa e afastou-*se* a seguir para o pequeno corredor onde ficava a latrina. Enquanto ela desaparecia de nossas vistas, quase perguntei a le Maistre quem era

---

<sup>312</sup> Penitência comumente imposta na época aos acusados de crimes como traição, adultério, sedição, bruxaria, loucura (considerada estigma divino) ou prostituição. Este hábito persistiu até a Revolução Francesa.



de fato essa desconhecida, pois, por mais que aquele corpo fosse o da prisioneira, aquela mulher, fosse quem fosse, não era, não podia ser Jehanne d'Arc.

Por fim, *ela* retornou e colocou aos nossos pés o mesmo pacote, contendo as roupas que usara desde sua captura, enquanto eu sacudia a cabeça, sorrindo de meus devaneios. A resistência fora feroz, é verdade, mas não impediu que mais essa luta terminasse como todas sempre terminavam, tampouco salvaria a prisioneira de um destino idêntico ao de todas as demais. Não obstante, aquela vitória causava-me antes angústia que prazer.

A um pedido do Vice-Inquisidor, os guardas tomaram o pacote, e nos retiramos a seguir. Midi e Courcelles mostravam-se felizes, la Pierre e le Maistre abatidos, e eu um misto das duas coisas sem saber qual delas era a mais forte, desejando mais do que tudo uma jarra de hipocraz para compensar a falta do alimento que mal conseguia engolir.

Quando saíamos da torre, cruzamos com Stafford, que de forma áspera e súbita abordou o Vigário da Inquisição:

— Como é que é? Já tosquiaram a bruxa?

Ele pareceu engolir as próprias palavras, e por fim disse em voz sumida:

— Sim, Messire.

— A propósito, com que roupa *ela* está?

Como nos entreolhássemos e le Maistre demorasse a responder, Midi tomou a iniciativa e, para minha contrariedade, respondeu-lhe:

— Em vestes femininas, Messire.

O Conde bateu as mãos uma na outra e esfregou-as num gesto inequívoco, rindo-se grosseiramente a ponto de expor seus dentes cariados, o que dava ao seu rosto de fauno um ar ainda mais grotesco do que de costume, e acelerou o passo em direção à torre. Pressenti o que ia acontecer, e por um instante, senti forte impulso de fazer alguma coisa em defesa *dela*, mas acabei me obrigando a seguir com os demais, acelerando o passo para não ouvir, lutando contra mim mesmo para simplesmente não pensar naquilo que, em questão de uns poucos minutos, estaria acontecendo na cela da prisioneira...

## Relapsa

Na manhã seguinte, levantei-me nauseado, com dor de cabeça e um gosto metálico na boca me amargando o paladar. Ao fim de um rápido e silencioso desjejum, nosso coche conduziu-nos ao Château, trajeto este que percorri aéreo, alheio a tudo. Ao chegarmos, dirigimo-nos ao salão usual, onde os demais assessores já se encontravam e se apressaram em prestar reverência a Monsenhor. De repente, para nossa surpresa, John Gray entrou rapidamente e se aproximou do Bispo, cochichou algo aos seus ouvidos e retirou-se a seguir, tão ligeiro que mal tivemos tempo para entender o que havia se passado.

Monsenhor sorriu de tal maneira que seu rosto se iluminou, chamando nossa mais viva atenção, e quando viu que estávamos todos à sua volta querendo saber o que se passava, ele abriu os braços e nos disse em voz alta:

— Acabou, Messires! Desta vez, nós *a* pegamos!

Adivinhei o que tinha acontecido e senti meu rosto empalidecer. Os demais puseram-se a falar todos ao mesmo tempo, de tal forma que não conseguíamos ouvir uns aos outros. O Bispo dirigiu-se para o corredor, alvoroçado como uma criança e nos arrastando atrás de si com sua mão, dizendo-nos:

— Vamos, vamos à torre ver a cara *dela*!

À medida que eu era levado pela massa que se deslocava, aquele momento pelo qual havíamos nos empenhado tanto durante tanto tempo, ao invés da esperada sensação de vitória e de alívio, causava-me um aperto no coração como se eu fosse o condenado à espera da fogueira. Conforme caminhávamos em direção à cela, o Bispo chamava quantos encontrava pelo caminho. Entre estes percebi la Pierre e l'Advenu, mas estava tão atordoado que não me dei conta dos demais.

De repente, Monsenhor pareceu mudar de ideia e disse-nos:

— Ide vós primeiro! Darei primeiro a boa notícia ao Duque e ao Cardeal e em pouco tempo estarei lá convosco!

Todavia, uma surpresa nos esperava. À porta da torre, toda a guarda do Château aguardava de armas na mão, e, mal nos viu, avançou contra nós aos gritos de “armagnacs, traidores”, etc. e certamente aquela escória nos teria feito em pedaços se não tivéssemos retrocedido apressadamente. A pranchadas e ponta de armas, levaram-nos até os portões, abriram-no às gargalhadas e puseram-nos para fora, ameaçando-nos de coisa pior caso ousássemos botar os pés lá dentro de novo. Foi tamanho o medo que muitos de nós recusaram-se a voltar, a não ser que fosse garantida a nossa proteção.

Este incidente provocou no dia seguinte uma altercação entre o Bispo e os Condes, pois aquele queixou-se de que a atitude dos guardas provocara a perda de um dia todo. Warwick não conseguiu evitar um sorriso, mas isto não teria tido maiores consequências se Stafford, com o rosto arranhado e um olho vermelho, não tivesse entrado na discussão intempestivamente, defendendo os guardas e acusando-nos de atitudes dúbias. Por mais que Warwick tentasse apaziguar, a discussão foi se tornando cada vez mais violenta e ameaçadora de parte a parte. Por isso tomei uma decisão atrevida: mandei um criado pedir

a imediata presença do Cardeal, o qual atendeu, deu razão a Monsenhor e repreendeu fortemente Stafford, colocando-o em seu devido lugar.

Somente então pudemos ir à cela, o que, para mim, serviu unicamente para adiar o inevitável por um dia. Se eu pudesse, tê-lo-ia prolongado até o Juízo Final. Mas, enfim, apesar dos nossos receios, pudemos nos dirigir à torre e os guardas desta vez nada nos fizeram, limitando-se falar alto e desabridamente acerca da felicidade que sentiam e do quanto ansiavam pelo espetáculo.

Num misto de choque e alívio, vi a prisioneira erguer-se rapidamente e nos encarar, novamente vestida com as roupas masculinas que nos havia entregado na antevéspera. As vestes femininas estavam cuidadosamente dobradas aos *seus* pés, e a acusada nos encarava de tal forma que parecia fazer questão de nos mostrar o que havia feito. Toda *ela* apresentava uma transformação radical ainda mais impressionante que a anterior. Olhar firme, cabeça erguida, porte ereto, estava claro que *ela* era novamente Jehanne d'Arc. E, contudo, não a mesma: algo havia de diferente, tão sutil que eu não conseguia entender, por mais que *a* observasse. Tampouco entendi por que pensei no Cristo perante o Sinédrio.

*Ela* olhou para mim pelo tempo de um piscar de olhos, e foi como se frio e calor ao mesmo tempo atravessassem meu rosto e não pude fazer frente ao seu olhar, tão doloroso, tão cheio de mágoa e de piedade, que senti como se todas as minhas vísceras se entrechocassem. Foi por um rápido momento, mas o momento mais angustioso de todos aqueles meses.

Voltei a mim ao ouvir l'Advenu perguntar-*lhe*, tão mansamente que teria me surpreendido se não conhecesse seus sentimentos:

— Jehanne, minha filha, por que tornaste a vestir as roupas que *te* estavam proibidas?

O tom de voz do padre pareceu desarmá-*la*. Com os olhos rasos d'água, ergueu os braços e o rosto, onde equimoses novas somavam-se às anteriores, visíveis graças às tochas que os guardas empunhavam, matizando sua pele em tons roxos, azulados e verdes que contrastavam vivamente com o branco da pele e o negro das vestes, e respondeu:

— Fi-lo para proteger meu pudor. Quando me trouxeram de volta, um messire inglês tentou me violentar. Consegui defender minha virgindade, mas não pude impedir que me espancasse dessa forma...

De repente a jovem soluçou e seus olhos se encheram de lágrimas ao continuar:

— E minhas Vozes me censuraram! Disseram-me que, por medo, eu abjurara, e com isso admiti que agi errado e que elas não vinham da parte de Deus! Contudo, não me lembro de ter dito semelhante coisa!...

Não pôde prosseguir. Monsenhor entrou em rápidas passadas com mais alguns assessores, gritando-lhes:

— Vejam com seus próprios olhos! — o Bispo rugia de prazer. — Vejam a relapsa! Vestiu de novo as indecentes roupas masculinas que prometera nunca mais usar!

Foi quando aquele imbecil André Marguerie, em má hora querendo parecer astuto, perdeu uma esplêndida chance de se manter calado:

— Porém, Reverendíssimo, como se explica isso? As roupas masculinas *lhe* foram retiradas em nossa presença! Alguém as devolveu a *ela*!

Seguiu-se um pandemônio. Monsenhor gritou-*lhe* em fúria:

— Cale essa boca, diabo! Ninguém lhe perguntou nada!

Ao mesmo tempo, os soldados puxaram das armas fazendo menção de ferir o padre indiscreto, gritando-lhe:

— Traidor! Armagnac!

Marguerie se encolheu num canto da cela, onde teria sido feito em pedaços se Monsenhor não tivesse agido de imediato com energia, detendo a confusão e mandando o padre retirar-se, o que fez no tempo de um piscar de olhos. Quando o Bispo percebeu ter obtido silêncio mais uma vez, dirigiu-se solenemente à prisioneira, que já secara as lágrimas e enfrentava-o, resoluta:

— Jehanne, ao tornar a vestir estas roupas você mais uma vez caiu em pecado, pois desobedeceu à Igreja e faltou à *sua* palavra! Pergunto-lhe, e veja bem como vai me responder, pois *sua* resposta selará o destino que *a* aguarda! Quem *a* obrigou a vestir estas roupas que *lhe* foram proibidas?

Os guardas riram-se, mas *ela* encarou a todos nós de forma tão firme, tão acusadora, que os risos logo morreram. Monsenhor tornou a perguntar:

— Quem *a* obrigou a vestir estas roupas?

A voz da prisioneira era dura e determinada ao responder:

— Ninguém. Eu as vesti porque quis.

Nós todos nos entreolhamos, perturbados. Monsenhor prosseguiu, elevando a voz:

— Todavia, na última quinta-feira você prometeu e jurou perante Deus e a Igreja não tornar a vestir roupas masculinas!

— Não tive a intenção de fazer este juramento...

O Bispo interrompeu-a gritando com aspereza:

— Mas fez! Por que você tornou a vestir estas roupas?

A acusada também elevou a voz ao responder:

— Para proteger o meu pudor, uma vez que estou numa prisão guardada por homens que mais de uma vez atentaram contra a minha honra!

— Qualquer que seja o motivo, não muda o fato de que você traiu a palavra dada à Igreja!

*Ela* olhava ora para mim, ora para o Bispo, ao responder:

— Fostes vós quem traístes a palavra que me destes! Foi-me prometido que eu seria levada para uma prisão da Igreja, onde teria uma mulher por carcereira, estas correntes me seriam tiradas e eu poderia assistir à Missa e receber a Comunhão!

Monsenhor respondeu-lhe, ríspido:

— Isto não *lhe* serve como justificativa! Não *lhe* compete o direito de questionar as decisões da Santa Igreja, e sim unicamente a obrigação de obedecê-las!

A acusada respondeu no mesmo tom:

— Cumpri vossas promessas, que eu cumprirei a minha! De outra forma, não! Prefiro pagar minha penitência morrendo de uma só vez, a morrer dia após dia nesta cela, presa a estas correntes!

Durante um instante o único barulho a quebrar o silêncio que se seguiu foi o tilintar dos ferros que *ela* sacudiu. Monsenhor encarou-a, como que vivamente impressionado, e ao falar, parecia estar antes monologando do que perguntando:

— *Suas Vozes lhe* falaram...

— Sim.

— E o que elas *lhe* disseram? — perguntou em tom mais baixo.

*Ela* titubeou, lutou contra a emoção que *lhe* travava a garganta e respondeu desta vez num tom de voz semelhante, porém seco e acusador, encarando-o fixamente:

— Através de Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, Deus me disse de Sua infinita mágoa pela traição que cometi ao assinar a abjuração. Para salvar minha vida, eu O traí; tentando salvar a vida do corpo, conspurquei a minha alma! Antes da última quinta-feira, minhas Vozes disseram-me acertadamente o que eu devia fazer e o que eu ia fazer nesse dia. Quando o pregador estava falando, elas disseram-me para responder corajosamente, pois ele era um falso pregador, me acusava de coisas que eu não tinha feito!

A acusada fez então uma pausa e disse, mais para si mesma que para nós:

— Minhas Vozes bem que me avisaram!... Ai daquele que confia em vós! Vossa fé, vossa compaixão, vossa piedade, estão todas nos lábios, só nos lábios...

De repente, *ela* ergueu o rosto, encarou-nos a todos firmemente, inclusive a mim, e falou novamente com inusitada energia:

— Se realmente eu disse que não fui enviada por Deus, então amaldiçoo a mim mesma, porque é verdade que Ele me enviou; minhas Vozes dizem-me desde quinta-feira: *Cometeste um grande pecado ao declarar que o que fizeste foi errado*. Tudo que eu disse, tudo o que revoguei, foi unicamente por medo do fogo.

O Bispo avançou contra a jovem como se pretendesse esmagar contra a parede aquela jovem ainda mais magra naquelas vestes negras, e sua voz voltou a trovejar:

— Você então reafirma que *suas* Vozes demoníacas, as quais havia renegado e abjurado na última quinta-feira perante todas aquelas testemunhas, são as benditas virgens Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite?

A prisioneira encarou-o firmemente sem recuar sequer um passo. Com isso, ficaram tão perto que quase se tocavam. *Ela* respondeu com energia e calor:

— Se afirmo? Eu **sei** que elas são Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, e que vieram da parte de Deus! Não abjurei nem jamais abjuraria isto!

Monsenhor perguntou-*lhe* com irritada ironia:

— Porventura você pretende ser a única a não ter ouvido o texto da abjuração que o Oficial de Justiça leu para você diante de todos nós?

— Quanto ao que foi lido para mim, todos gritavam tanto que não consegui compreendê-lo. Mas, em momento algum neguei, nem pretendi negar que minhas Vozes fossem Saint-Catherine e Saint-Marguerite. Não pretendi revogar coisa alguma, exceto aquilo que não fosse verdade, que agradasse a Deus que eu revogasse!

Os demais fizemos um pequeno coro de murmúrios enquanto o Bispo ergueu a mão contra a acusada, de dedo em riste:

— Ou seja, você retira o que disse em Saint-Ouen!?

*Ela* sustentou seu olhar ao responder:

— Se é que fiz o que disseses, sim, pois fi-lo por medo do fogo! Sei que não fiz nada contra Deus ou contra a fé, apesar de tudo o que me fizestes revogar! Jamais renegaria minhas Vozes! Tenho certeza que elas vêm de Deus! Tudo o que fiz a mando delas foi bem feito, e sobre isso não tereis de mim resposta diferente!

A prisioneira respondeu com tamanha energia que o Bispo não sustentou *seu* olhar, e a mão com que apontava foi descendo lentamente, acompanhando a cabeça. Ao fim de um momento de silêncio que pareceu nunca terminar, Monsenhor tornou a encará-la e *lhe* falou, solene, mas protocolar:

— Veja bem o que vai responder agora, Jehanne, pois *sua* vida ou *sua* morte depende disso: admite que pecou ao tornar a vestir roupas masculinas? Está disposta a tornar a obedecer a Igreja em tudo quanto ela *lhe* ordenar, imediatamente e sem discussões?

*Ela* respondeu num tom de voz cansado:

— Prefiro a morte a suportar por mais tempo o martírio do cárcere.

Aquela resposta criou tamanho silêncio que me foi possível escutar o barulho da pena de Manchon rabiscando o pergaminho. Movido pela curiosidade, estiquei o pescoço e tentei ler. Ele percebeu meu gesto e virou o documento para que eu pudesse ler facilmente, como se dissesse que não me temia e li, angustiado: *mortifera responsio*<sup>313</sup>. A acusada voltou ao mesmo tom firme e incisivo:

— Nego ter feito qualquer coisa contra Deus ou contra a fé. Desde que cumprais as vossas promessas, tornarei a vestir roupas femininas, mas não tereis de mim nada mais além disto.

Monsenhor sacudiu a cabeça em negativa e com um gesto de mão ordenou que nos retirássemos. Dirigimo-nos então para a saída. Embora tentasse não fazê-lo, acabei olhando para a condenada mais uma vez. *Seus* olhos pareciam dizer-me que **sabia**, e novamente *seu* olhar, onde havia um misto de censura e piedade, atravessaram meu rosto e me pareceu que um punhal cortava-me o peito. Nada me disse, mas aquele olhar me humilhou mais do que todas as maldições que pudesse ter-me rogado de pleno direito.

Cheguei a pensar que o tempo havia parado, mas não foi mais do que um instante. Sei, porque tratei de voltar a mim e ainda ouvia próximos os passos dos demais descendo os degraus. Senti que meus olhos se encheram de lágrimas e tratei de acelerar o passo na direção dos outros, com medo que algo que não sabia dizer o quê, mantendo alguma distância do Bispo.

Ao sairmos da torre, encontramos-nos bruscamente com os Condes ingleses, que vinham ao nosso encontro a passos acelerados. O Bispo dirigiu-se a eles dizendo-lhes algo que não entendi, pois fê-lo em inglês (Monsenhor tinha especial prazer em exibir sua fluência na língua inglesa). De imediato eles começaram a gritar e festejar ruidosamente, enquanto nós outros tentávamos entender o que estava se passando. O Bispo então se virou para nós outros e falou, novamente em francês:

— Disse-lhes que finalmente acabou; que, desta vez, nós *a* pegamos!

Desta forma, tudo quanto se seguiu nos próximos dias não passou de mera formalidade. Em 29, os assessores fomos chamados para oficializar o que todos sabíamos que iria acontecer, mas nem todos compareceram. Corri os olhos em volta, buscando saber quem havia faltado, e surpreendi-me ao encontrar l'Advenu e la Pierre, abatidos, mas presentes.

---

<sup>313</sup>

Resposta fatal, em latim.

Depois da fala inicial de Monsenhor, fomos chamados a opinar. Vendères foi o primeiro, afirmando de forma incisiva que a acusada deveria ser considerada herética, e, como tal, entregue ao braço secular, ao qual, contudo, pedir-se-ia que fosse misericordioso para com *ela*<sup>314</sup>.

Gilles de Duremort, medindo as palavras, opinou que *ela* deveria primeiro ser considerada relapsa, e, por isto, seria de bom alvitre ler-*lhe* antes o documento que havia assinado em sua abjuração e dissertar-*lhe* a Palavra de Deus. Então e não antes, deveria ser considerada herética e abandonada ao braço secular, recomendando-*lhe* misericórdia.

Denis Gastinel e Pasquier de Vaulx opinaram por considerá-*la* tanto herética quanto relapsa, todavia, discordaram com veemência do pedido de misericórdia. Houve discordância, que se transformou em debate, subindo cada vez mais de tom até converter-se em acirrada polêmica, tão veemente que quem a surpreendesse talvez chegasse mesmo a supor que tal detalhe faria alguma diferença.

A quase totalidade dos demais opinou em acordo com o Abade de Fécamp, inclusive o velho Alespée, que precisou lutar contra a garganta, que se recusava a obedecer; le Fèvre, o qual disse que a ré deveria ser considerada obstinada, desobediente e contumaz no erro; l'Advenu e la Pierre, que disseram única e surdamente “opinar com o senhor Abade de Fécamp”; eu, que na hora de falar senti um travo na garganta e senti os olhos se encherem de lágrimas, tendo que mascarar a emoção em um conveniente acesso de tosse; e Courcelles, que sugeriu uma última admoestação visando a salvação de *sua* alma, já que a do corpo (e sorriu ao dizê-lo!) era impossível.

Ao término das discussões, houve um curioso e estranho intervalo de silêncio, no qual o Bispo ficou-se imóvel, estático, olhando para lugar nenhum, enquanto nós olhávamos um para o outro, como se não soubéssemos o que fazer. De repente, como que caindo em si, ele deu por encerrado o Julgamento, agradecendo os pareceres e dizendo que a acusada seria considerada herética e relapsa, de acordo com a Lei e a razão. A seguir dispersamo-nos, a maioria em silêncio.

O dia seguinte foi dedicado aos trâmites protocolares e foi emitida a ordem final que se segue:

*ierre, por divina misericórdia Bispo de Beauvais e Jean le Maistre, Vigário do distinto Doutor e Mestre Jean Graverent apontado pela apostólica Sagrada Sé como Inquisidor da Fé e da Perversidade Herética dentro do reino de França, dirigida a todos os sacerdotes, Reitores das Igrejas instituídas dentro de essa cidade de Rouen ou em outra parte dentro dessa diocese, para todos e cada um, de acordo com essa apresentação, saudações em Nosso Senhor.*

*Por certa causa e razão mais amplamente apresentadas adiante, certa mulher comumente chamada Jehanne, a Donzela, relapsa em muitos erros contra a Fé ortodoxa, depois de pública abjuração daqueles erros perante a face da Igreja, recaiu em direção a eles uma vez mais, como é devida e suficientemente provado por suas exposições e asserções conhecidas de outra forma.*

---

<sup>314</sup> Mera formalidade, graças à qual os tribunais eclesiásticos atiravam a responsabilidade pela execução de suas sentenças aos poderes civis, já que nenhum juiz leigo seria ingênuo o bastante para atender a um pedido desses, pois seria prontamente excomungado como “benfeitor de hereges” e acusado por suspeita de heresia (*Directorium Inquisitorum*, I, “Os benfeitores de hereges”).

*Em consequência nós expressamente ordenamos e determinamos a cada um de vós que sois requeridos, sem demoras ou desculpas, comparecer diante de nós às oito horas da manhã de amanhã para convocar a dita Jehanne no Velho Mercado de Rouen, a fim de ouvir-nos declará-la herética, relapsa e excomungada de acordo com a intimação usual dentro desta matéria.*

*Feito dentro da Capela da Sede Arquiepiscopal de Rouen, em Terça-feira, no vigésimo-nono dia do mês de maio do ano de Nosso Senhor Mil CCCCXXI.*

Seguiu-se, como de praxe, a ordem para que Massieu conduzisse no dia seguinte a prisioneira a praça do Velho Mercado de Rouen, onde, finalmente, teria lugar a cena final. A seguir, o Bispo levantou-se, ao que nós o imitamos e nos pusemos a sair.



## A caminho da fogueira

Abri os olhos aliviado, depois de uma noite de pesadelos. No entanto, quando me lembrei que aquela manhã era de quarta-feira, 30 de maio, desejei com todas as forças tornar a dormir, ainda que fosse para voltar a eles! Forcei em vão o pensamento em busca de um lugar qualquer onde pudesse me esconder. Do Bispo, de meus colegas, *dela*, de mim mesmo. Passou pela minha cabeça pingar umas boas gotas da prática e discreta *água de Nápoles*<sup>315</sup> numa taça de vinho para mergulhar na eterna inconsciência. Mas voltava a ver nos meus os olhos *dela* e me vinha a tenebrosa certeza de que nem dentro da morte haveria essa eterna inconsciência e teria que suportar a mim mesmo **ad æternum**.

Olhava para os delicados acepipes servidos na vasta mesa para o nosso desjejum e não conseguia tocar em nada, a sensação era a de estar olhando para cinzas. Cinzas de fogueira, cinzas de ossos queimados. Para não ficar em jejum molhava pequenos pedaços de pão no hipocraz, mas até isto tinha gosto de cinzas e descia pela garganta com extrema dificuldade. De repente, ao levar o pão ao vinho olhei para a taça de ouro cravejada de pedras preciosas, e não consegui comer nem beber mais. A beleza dos talheres e da louça esmaltada pareceu-me insuportável de se ver. Espraiei o olhar em torno e o luxo do palácio como que me esmagava o peito. Olhei para o Bispo, mergulhado em silêncio dentro de seus próprios pensamentos, também mal tocando as iguarias que tínhamos diante de nós; e para os hóspedes, os quais devem ter sentido a tensão reinante no ar, pois da mesma forma comeram pouco e falaram quase unicamente o indispensável.

Seguimos em silêncio para o Château. Durante o trajeto, ficava por vezes comparando esta jornada com a outra que terminara em *sua* retratação, tentando imaginar mil razões para que desta vez algo de parecido acontecesse. Mas eram ilusões de instantes, eu sabia, todos nós sabíamos que desta vez não haveria encenação. O grande dia, que tantos esforços nos havia custado, pelo qual tanto havéramos batalhado, finalmente havia chegado, criando uma sensação mista de vitória e de horror.

Lá chegando, tratei de me afastar do Bispo e passei a evitar a tudo e a todos, mal respondendo a quem quer que fosse. A cada janela por que passava estranhava que ainda houvesse luz, pois a qualquer momento o sol recuaria diante do crime que nos preparávamos para cometer<sup>316</sup>. A azáfama era geral, apenas eu lutava por não participar dela. Felizmente ou infelizmente, todos estavam atarefados de tal forma que mal se deram conta da minha ausência em quase todas as atividades.

Todavia, naquela manhã quase tudo estava pronto. Não sei dizer muito do que aconteceu, porque estava de tal forma atordoado como se houvesse bebido vinho com mandrágora. Não fui *vê-la* na cela, não me juntei aos demais, fiquei esquecido de todos, menos de mim mesmo, andando de um lado para outro, buscando abrigo ora entre os corredores mais vazios, ora pelos pátios em redor. Por quanto tempo andei e por onde, não saberia precisar.

---

<sup>315</sup> Célebre veneno medieval à base de arsênico. Supõe-se que fosse o famoso “veneno dos Bórgias”.

<sup>316</sup> A antiga mitologia grega cita diversos crimes hediondos ante os quais o sol teria recuado, a fim de não ser obrigado a testemunhá-los.

Depois de andar assim às tontas, acabei por me dirigir à torre da prisioneira. Chegando ao sopé da escada, estranhei encontrar lá os carcereiros a conversar animadamente. Mal me viram, curvaram-se respeitosamente e se afastaram para me dar passagem. Meu primeiro impulso foi subir correndo os degraus, mas me refreei ao ver no topo uma figura de hábito. Olhei-o com atenção e estranhei ao me deparar com um padre que eu nunca vira antes<sup>317</sup>, a descer lentamente. Passei a subir na mesma velocidade, enquanto ele olhava para o chão como se desejasse me evitar. Quando nos cruzamos, saudei-o formalmente, ao que ele respondeu do mesmo jeito, e perguntei-lhe à meia-voz:

— *Ela* está lá, Irmão?

— E onde mais? — respondeu secamente no mesmo tom.

— Quem está com *ela*?

Ele me olhou como que profundamente contrariado por estar falando comigo e quase rosou enquanto acabava de descer acelerando mais o passo:

— Os Irmãos l’Advenu e Massieu.

Continuei a subir, mas quando faltavam dois degraus escutei barulho de passos e me precipitei na antecâmara, a tempo de ver descendo em passo mais ligeiro o Oficial de Justiça. Quando deixei de ouvir seus passos coleí-me à abertura camuflada e vi a prisioneira ajoelhada aos pés de l’Advenu. Achei aquilo estranho, mas, às primeiras palavras, percebi que a condenada estava se confessando:

— Padre, dai-me vossa bênção, porque pequei...

Pareceu-me que l’Advenu vacilava quando *lhe* disse:

— Em que pecaste, minha filha?

De olhos baixos, a condenada respondeu:

— Há duas coisas que não estou satisfeita em ter realizado. A primeira é a minha abjuração, mas isto já sabeis. Todavia, há uma segunda: lembrai-vos de tudo o que disse aos Juízes acerca do sinal dado ao meu Rei?

Aquilo despertou ainda mais minha atenção.

— Sim, minha filha?

— Não era verdade, Padre. Ou antes... fiz apenas uma alegoria acerca de minha apresentação ao Rei. O verdadeiro sinal não foi nada disso, é um segredo que não pode ser revelado sem a permissão de Deus! Contudo, eu tinha medo, muito medo! Afinal, eu era apenas uma moça ignorante disputando contra dezenas de homens sábios e temi que a sabedoria deles acabasse por me arrancar este segredo. Então menti, Padre. Preferi pecar pela mentira (pois apenas eu teria que sofrer o castigo) a pecar pelo perjúrio e comprometer meu Rei e toda a França com ele. Enganei a vós, Juízes, mas não estou orgulhosa de tê-lo feito desse jeito, eu que sempre fugi da mentira mais que da peste...

Não pôde continuar. A voz se-*lhe* embargou e *seus* olhos se encheram de lágrimas.

— Queres dizer então que não houve Anjo algum, nem coroa alguma?

— Houve, sim, Padre. Saint-Michael estava comigo todo o tempo dando-me coragem e me instruindo. E ele sustentava uma coroa belíssima, como descrevi, passando-a depois a outros Anjos que a sustentaram sobre a cabeça do Rei. Mas foi uma visão, cujo

---

<sup>317</sup> **Jean Toutmouillé**, Doutor em Teologia, visitante ocasional (vide página 421). Depôs no inquérito de 1450.

significado permitiu-me falar com convicção e desassombro. Menti quando disse que os demais viram o Anjo e que ele prestou reverência ao Rei. As pessoas viram apenas a mim, e Saint-Michael jamais prestaria reverência a outro que não a Deus.

— E tu, prestaste reverência ao teu rei?

— Sim, Padre. Mas não Saint-Michael. Nenhum Anjo prestou reverência ao Rei, apenas eu.

Num instante, todos os meus sentimentos de até então deram lugar a um transporte selvagem de alegria! Aquela moça que eu julgava pura e imaculada não era nenhuma santa, não passava de uma reles e vulgar mentirosa como todas as outras, como todos nós! Lutava contra o ímpeto de gritar vitória, quando as palavras seguintes daquele padreco medíocre bateram em meus ouvidos como um martelo contra a bigorna:

— Não, minha filha. Tu não mentiste naquela ocasião, porém o que estás dizendo agora para *teu* confessor não é a verdade.

*Ela* olhou-o surpresa, chocada e replicou quase sem voz:

— Padre, não estou mentindo, juro-vos pela minha alma!...

— Creio em tua sinceridade, todavia, tu te enganas. Digo-te, como sacerdote e *teu* confessor, que nos disseste apenas a verdade, pois todos puderam ver o Anjo e ele de fato prestou reverência ao rei...

Eles se olharam em silêncio de tal maneira que de repente *ela* sacudiu energicamente a cabeça em negativa, levantando-se e falando com assombro:

— Padre, não vos compreendo!... O que quereis dizer?... porventura... eu?...

L'Advenu apenas fez que sim com a cabeça, e *ela* replicou com mais ênfase:

— Padre!... Em nome de Deus, calai-vos! É blasfêmia chamar-me assim!...

— Não, filha, não é blasfêmia. Anjo, na verdade, quer dizer mensageiro de Deus. E tu o foste. A fiel mensageira de Deus, que deu uma Pátria aos franceses e um testemunho de fé para a Igreja. Vieste ensinar a nós, padres, que os Anjos não deixaram de falar aos homens e que as revelações divinas não se encerraram com o último livro da Bíblia. Vieste mostrar a um mundo todo feito de ódio e falsidade, fanatismo e descrença, que ainda é possível o amor e a verdade, a religião e a fé. E tu, que morrerás donzela, sem conhecer a maternidade, serás doravante a mãe de todos os franceses, pois *tua* alma pariu a França. Ao invés de um amontoado de feudos cuidando de seus próprios interesses, os franceses terão doravante uma Pátria para amar e pela qual viver, lutar e morrer, até o fim dos tempos.

Seguiu-se um momento de silêncio que me pareceu nunca mais iria terminar. Aquele discurso mergulhou-me no mais fundo desespero, em que amaldiçoei mil vezes aquele padreco mesquinho e seu ataque de eloquência num momento tão infeliz, tão inoportuno. Esmagado, tonto, miserável, foi quase me arrastando que me retirei da antecâmara sem querer ver nem ouvir mais nada, desci as escadas, saí da torre e comecei novamente a andar às cegas.

Voltei a mim somente quando os sinos começaram a dobrar. Levei as mãos ao tórax, cada golpe de bronze batia-me no peito, odiei aqueles acordes que ecoavam lentamente pelo ar como se fossem para mim, como se o morto fosse eu. Saí do torpor em que me encontrava e pude mais uma vez prestar atenção ao que acontecia em torno, somente para me sentir ainda mais esmagado, tonto e miserável do que antes, ao olhar em

volta e me ver no último lugar da Terra onde desejaria estar naquele dia: em pleno pátio do Château, no exato momento em que *ela* estava sendo levada para a carreta dos condenados.

Pareceu-me que o coração ia saltar-me do peito. Fechei os olhos, sacudindo a cabeça em enérgica negativa, e depois de um tempo tornei a abri-los. Um cordão de soldados se alinhava em torno da carreta, felizes e conversando alto. Atrás deles, a população ia se ajuntando cada vez mais, empolgada e receosa de outra decepção como a de Saint-Ouen. Odiei aquela balbúrdia desconexa que parecia reverberar o tempo todo em meus ouvidos como se fosse explodi-los.

Tentei sair dali, fugir para qualquer lugar, fosse onde fosse, mas os meus pés pareciam enraizados no chão. Lutei para que as pernas me obedecessem, mas, ao invés, como se de súbito houvessem adquirido vontade própria, passaram a me arrastar, não obstante meu horror, para cada vez mais perto da viatura da morte, e os soldados, vendo-me, abriam passagem tratando-me com a devida reverência, que me angustiava mais ainda.

De fato, por mais que eu tentasse resistir com todas as forças, meu corpo, meus olhos, todo o meu ser era inexoravelmente atraído para a trágica viatura onde a minha vítima subia amarrada e escoltada, permitindo-me ver, em detalhes cada vez mais nítidos, cada sinal de tantos meses de sofrimento que lhe havíamos imposto. Com *ela* subiram l'Advenu, la Pierre e Massieu.

Aparentava muito cansaço. Desta vez, estada vestida com roupas adequadas ao *seu* sexo, embora surradas e encardidas, mas, mesmo assim, eram visíveis as marcas arroxeadas que os ferros e as pancadas quase quotidianas haviam decalcado em sua pele. Sobre a cabeça, a tradicional mitra de papel dos condenados, com desenhos de demônios ladeando os dizeres: “*Herege, cismática, apóstata, relapsa*”. Entretanto, no meio de toda aquela agitação, *ela* parecia não nos ver nem dar acordo do que se passava à volta. *Seus* olhos, voltados para o céu, pareciam contemplar algo que estivesse muito além de nossa visão.

Enfim, a viatura fez menção de se deslocar. Comecei a acompanhar a marcha propositalmente morosa, pois o ajuntamento era muito e alguém poderia ser atropelado. Olhava para a sentenciada, desejando e temendo que olhasse para mim. Contudo, *ela* não olhava para ninguém, apenas para o céu. Nunca, jamais em toda a minha vida, fora maior a minha sensação de baixeza, de falta de caráter, de indignidade. Se alguém escarrasse na minha cara, sequer tentaria desviar-me.

Enquanto a carreta se esforçava por se deslocar, rompendo o círculo que a rodeava, parecia-me que os sentimentos da plebe iam se alterando. Cada vez menos pessoas gritavam e apupavam, um pesado silêncio ia crescendo pouco a pouco em torno do veículo. Entretanto, não tenho certeza do que digo aqui, senti mais do que vi ou ouvi qualquer coisa. Acompanhava a marcha, por vezes empurrando um ou outro aqui e ali sem ver, enquanto me cediam passagem em função de minhas vestes, ainda que resmungando surdamente.

Em certo momento, não pude mais. Gritei *seu* nome, mas *ela* não me ouviu. Cheguei mais perto e repeti, com o mesmo resultado. Por fim, me agarrei à carreta e sacudi-a violentamente, gritando por *ela*, sem conseguir ver direito, os olhos embaçados pelas lágrimas. A viatura parou, alguém a abriu e subi meio às cegas.

— Jehanne!

Então *ela* finalmente me viu. Olhei nos *seus* olhos, pensando no que poderia dizer-*lhe*, mas a garganta simplesmente não me obedeceu. As pernas me fraquejaram, em desespero me ajoelhei, agarrei-me a *seus* joelhos e molhei *seus* pés com meus beijos e minhas lágrimas. Alguém me forçou a levantar enquanto *ela* me olhava, surpresa e assustada. Consegui livrar a garganta do travo me impedia de falar e as palavras jorraram em catadupa:

— Perdão, Jehanne! Pelo amor de Deus, de *tuas* Vozes, o *teu* perdão! Sou um miserável, sou um criminoso, sou um monstro de batina! Entrei na *tua* cela tão somente para o *teu* mal! Minha piedade, minha amizade, eram feitas de mentira, porque eu não sou amigo nem sinto pena de ninguém! Obtive *tua* confissão apenas para contá-la a *teus* inimigos! Votei para que *te* torturassem! Odiava-*te* porque és pura e santa, e eu precisava ver-*te* degradada e derrotada, porque eu não podia suportar que me lembrasses todo o tempo aquele que já fui um dia; eu queria, eu precisava assistir ao espetáculo da *tua* degradação, só pelo prazer de ver-*te* chafurdar no mesmo charco em que rastejo, porque que eu vendi a fé, a Pátria e a própria alma ao Diabo!

*Ela* apenas me olhava, chorando. Seu silêncio aumentou meu desespero, pois desta vez minhas palavras não eram meros exercícios de retórica, saíam de minha boca antes mesmo que chegasse a ter consciência delas:

— Jehanne, ainda hoje estarás na glória de Deus, mas o único lugar de que sou digno é o fundo do Inferno! O *teu* perdão, porque eu mesmo não consigo me perdoar! Sou um monstro, sei que não mereço, mas dá-me o *teu* perdão assim mesmo, e eu bendirei a Deus, mesmo no fundo do Inferno!

Chorava e soluçava, mas posso jurar que, pela primeira vez em muitos anos, eu não estava representando a comédia do remorso. Olhava para a condenada como se do que *ela* dissesse fosse a diferença entre a vida e a morte. Pareceu-me uma eternidade até que *seus* lábios se movessem entre duas lágrimas, e mal pude acreditar quando me disse apenas:

— Ide em paz, Padre. Que Deus vos perdoe como eu.

As lágrimas me cegaram. Esta pequena frase me deixou de tal forma atordoado que levei algum tempo para entender e acreditar no que *ela* me havia dito. Tanto que sequer percebi quando fui arrancado do veículo e comecei a receber pancadas que mal percebia de quem ou de onde vinham.

## Reclamos do Padre Martin l'Advenu

### VII

JOANA: A dor é efêmera, a ventura é eterna.  
Schiller

*Retomo a narrativa na manhã da execução, quando Monsenhor mandou chamar-nos no salão usual. Quando chegamos, estranhei, mas me agradou vê-lo sem a presença do seu cão de guarda l'Oiseleur. Em compensação, estavam presentes alguns padres desconhecidos, que se deram ao trabalho de vir unicamente para presenciar o desfecho do tão famoso Julgamento. O Bispo olhou atentamente ao redor e disse:*

*— Este será um dia de muito trabalho para todos nós. O irmão Midi fará o sermão de hoje. O tema da videira será perfeitamente adequado.*

*Este aquiesceu, surpreendido, mas satisfeito. O Bispo olhou mais um pouco em volta e seus olhos caíram em mim, o que me fez temer, e em la Pierre. Sorriu então de forma irônica, nomeou-nos e prosseguiu:*

*— Já que os prezados irmãos não são Doutores, nem Mestres, nem sequer Licenciados em coisa alguma além de conluios, têm nossa permissão para permanecer ao lado **dela** até que tudo esteja terminado. É uma preciosa ocasião para que essa tão famosa piedade pela condenada se traduza em algo útil. Façam com que **ela** se retrate, para que possamos ao menos ministrar-**lhe** o sacramento da Penitência.*

*Os demais olharam para nós com visível surpresa, o que só serviu para aumentar ainda mais nosso constrangimento, mas recebemos a ordem em silêncio e de cabeça baixa, embora o rosto de la Pierre tenha se crispado como se houvesse recebido uma punhalada. A seguir, Monsenhor olhou para o Oficial de Justiça e para mim mais uma vez, o que me fez temer mais ainda, e determinou, tendo nos lábios um esgar à guisa de sorriso:*

*— O Irmão Massieu irá nesse momento notificá-**la** oficialmente do que **a** espera. O Irmão l'Advenu irá acompanhá-lo, a fim de confessá-**la**, se for o caso. Assim poderão ambos reconfortá-**la** e prepará-**la** da melhor forma possível.*

*A seguir, apontou para um padre desconhecido e concluiu, sorrindo:*

*— O irmão Toutmouillé, que veio testemunhar tão famoso evento, irá junto, a fim de observar a excelência do nosso trabalho. Naturalmente, ele não acha que alguém vá se ajoelhar diante de uma excomungada para **lhe** pedir perdão.*

*A frase de Monsenhor fez sorrir os visitantes, ao que nós forçamo-nos a imitá-los. Eu e Massieu olhamos de viés para o estranho, tentando adivinhar o que pensaria de tudo isto, enquanto ele nos olhava da mesma forma, provavelmente com o mesmo objetivo. Tão logo o Bispo apontou para a saída, tratamos de nos dirigir para a cela da prisioneira, em silêncio. Porém, uma vez nos corredores, passei a diminuir propositalmente o passo, como se com isso pudesse adiar a missão de que estava incumbido.*

*Tão logo os guardas nos viram subindo as escadas, começaram um barulho infernal, batendo com suas armas nos varões da cela e gritando à prisioneira que despertasse para o grande espetáculo, até chegarmos. Ao pedido de Massieu, John Gray mandou que abrissem a cela e depois perguntou, ansioso.*

*— É hoje o grande dia, Padre?*

— *Sim* — disse-lhe secamente, lutando contra a garganta.

— *Finalmente!* — replicou, eufórico. — *Viestes buscá-la?*

— *Vimos prepará-la* — respondi, e, antes que dissessem algo mais, retruquei. — *Desçam todos e aguardem até serem chamados.*

*Meu jeito de falar tirou um pouco a euforia dos carcereiros, que mesmo assim desceram cantarolando algo do tipo “ter carne assada para o jantar”. A condenada já nos esperava em pé, e por um instante ficamos a nos olhar, ela interrogativamente, eu e Massieu a nos olharmos um à espera de que o outro tomasse a iniciativa. Por fim, como meu colega se mantivesse em silêncio, respirei fundo e resolvi terminar com aquilo de uma vez:*

— *Jehanne, bem sabes que foste condenada à fogueira.*

*Ela fez que sim com a cabeça, pálida, inquieta, adivinhando a razão de nossa presença. Precisei apelar para todo o resto de coragem para prosseguir:*

— *Chegou a hora de cumprires a sentença do Tribunal.*

— *Quando?* — perguntou, com voz sumida.

— *Agora* — respondi mais baixo ainda.

*Ela quedou-se atordoada, deixando-nos por um tempo em incômodo silêncio. Por fim, virou-se lentamente para a janela, deixou-se cair no catre e começou a chorar, dizendo entre soluços, em voz alta, mais para si mesma que para nós:*

— *Ai de mim! Pois será preciso que meu corpo, que nunca sofreu qualquer mácula, tenha que ser reduzido a cinzas? Sete vezes preferiria ser decapitada, a ser queimada! Invoco a Deus como testemunha das graves ofensas que me fazem!*

*Nos minutos que se seguiram ela ficou a chorar soluçando, enquanto eu contemplava-a sem que pudesse definir o que sentia. Não era assim que eu julgava terem as santas virgens e mártires cristãs do primeiro século enfrentado a morte. Não me lembrava de que aquela jovem de dezenove anos faria frente ao martírio depois de meses seguidos de uma batalha crônica contra a elite cultural do século, trancada numa cela úmida e escura, sujeita à subalimentação, espancamentos, ameaças de tortura e tentativas de estupro: tinha ímpetos de gritar-lhe que mantivesse a compostura, recordasse que era Jehanne d’Arc, e por isso não tinha o direito de nos decepcionar. Toutmouillé, não sei se entediado ou acanhado, olhou para mim, acenou com a cabeça e retirou-se. De repente, a condenada enxugou os olhos, voltou-se para mim e disse:*

— *Poderíeis ouvir-me em confissão? Desejaria receber a Santa Comunhão antes de morrer.*

*O pedido perturbou-me profundamente. Cheguei a abrir a boca para explicar-lhe que, independente de tudo o que eu pudesse estar sentindo a seu respeito, ela estava oficialmente expulsa do seio do povo Católico, e, portanto, não era lícito ministrar-lhe qualquer sacramento. As palavras de Monsenhor vieram-me à mente e pensei em acrescentar: “salvo se te confessares culpada e arrependida. Neste caso, poderemos ministrar-te a Penitência”. Mas meus olhos se encontraram com os dela e toda uma gama de sentimentos contraditórios calou-me.*

*Voltei-me então para Massieu a fim de lhe pedir ajuda. Percebendo que ele estava tão emocionado quanto eu mesmo, criei coragem para enviá-lo ao Bispo, a fim de lhe perguntar se era permitido atender ao último pedido da condenada. Embora tivesse*

absoluta certeza de uma resposta negativa, ao menos não seria eu o culpado por **lhe** causar mais esta decepção. Enquanto aguardava a resposta, tratei de atender à primeira parte de seu pedido. Caifás ouvindo a confissão do Cristo. Tremi ao ver aquela jovem ajoelhar-se aos meus pés pronunciando a frase sacramental:

— Padre, dai-me vossa bênção porque pequei...

Não há necessidade de detalhar a confissão, pois l’Oiseleur, fiel ao seu mister de espião, já o fez linhas acima. Devo admitir, contudo, que muitos sentimentos contraditórios passaram por minha mente naqueles poucos minutos que na ocasião me pareceram uma eternidade. Ouvir daqueles lábios que julgava puros a confissão de que haviam mentido foi uma decepção ainda mais amarga do que vê-la soluçar em prantos. Quase no mesmo instante, a tentação bateu com força e cheguei a abrir a boca para perguntar-**lhe** que segredo tão importante era esse, pois talvez **ela** o revelasse caso eu **lhe** desse a esperança de salvar-se da fogueira. Se eu conseguisse arrancar-**lhe** o que sessenta luminas laureados não conseguiram, Monsenhor certamente recompensar-me-ia com larga generosidade e eu já me via coberto de riquezas e honrarias. Enquanto **ela** falava, eu, por mais estranho que pareça, orava lutando comigo mesmo, e graças a Deus que entre os muitos pecados pelos quais minha alma terá que responder, ao menos este não será um deles.

Curiosamente, no mesmo instante em que decidi não cometer mais esse crime, numa fração de instante alguma coisa iluminou meu pensamento e pude compreender como e por que **ela** não mentira, entendi que aquela jovem condenada à fogueira era o Anjo em questão, o Anjo da França. Não sei como pude saber disso, nem como encontrei palavras como as que usei, pois, por mais duro que seja, admito que l’Oiseleur tinha razão, eu não era nada além do que o medíocre Irmão l’Advenu. Encontro uma única explicação plausível para isto: fui inspirado naquele dia como nunca antes e nunca mais depois, não por qualquer virtude que eu pudesse ter, e sim unicamente para que aquela criança pudesse morrer em paz.

Quando terminei, ficamos algum tempo em silêncio. Por fim, **ela** voltou para mim os olhos banhados em lágrimas e me perguntou:

— Perdoar-me-á Deus, Padre?

Depois de alguma hesitação novamente as palavras fluíram com estranha facilidade pela minha boca:

— Filha, se **tuas** Vozes perdoaram-te, quem sou eu para **te** condenar? O Bem-Aventurado Apóstolo Saint-Pierre, nosso primeiro Papa, também não pecou diante do Senhor? Temeroso diante da possibilidade de também ser preso, por três vezes negou que O conhecia. E nem por isso o Cristo de Deus renegou-o ou censurou-o, antes **lhe** pediu que apascentasse os Seus cordeiros<sup>318</sup>, ou seja, nós. E se o mais santo de nossos Papas pecou, quem de nós poderá se dizer livre de pecados? E quando a mulher adúltera foi trazida diante d’Ele, ao invés de condená-la rispidamente, disse-**lhe**: “Vai em paz e não tornes a pecar<sup>319</sup>”. E se Ele assim fez para com o Santo Papa e a pecadora confessa, iria ser mais duro contigo, minha filha? Deus é nosso Pai, não nosso verdugo.

<sup>318</sup> Novo Testamento, Mateus, 26:69-75; e João, 21:15.

<sup>319</sup> Novo Testamento, João, 08:11.



A condenada me olhava com os olhos arregalados e chorava ainda, mas me pareceu que de emoção e quiçá de alívio. E — por que não confessar? — eu também chorava pelas mesmas razões. Quando a jovem conseguiu falar, disse:

— Bendito sejas, Padre!

Respirei fundo, enxuguei os olhos, olhei para os lados e disse-lhe, baixando a voz:

— Filha, se pecador como sou, o Senhor me confere poderes para isto, então eu te absolvo. Não obstante, há uma penitência que te darei.

A voz me falhou e **ela** me olhou, surpresa. Consegui falar de novo e concluí:

— Sê forte e dá testemunho da verdade na hora do martírio.

A prisioneira sorriu tristemente e respondeu:

— Eu o farei, Padre. Minhas Vozes me darão forças para isso.

— Há mais uma coisa.

A jovem quedou-se em expectativa, enquanto eu hesitava. As palavras de Monsenhor martelavam minha cabeça, durante alguns instantes que me pareceram uma eternidade travei mais uma luta intensa comigo mesmo, até que olhei em volta mais de uma vez e, vendo-me a sós com **ela**, ajoelhei-me e **lhe** pedi:

— O teu perdão, minha filha. O teu perdão para mim, para todos nós.

**Ela** sorriu divinamente e abriu os lábios para falar, mas antes que o fizesse ouvi barulho de gente chegando e tratei de me levantar o mais depressa possível. No entanto, para meu alívio, era apenas o Oficial de Justiça que voltava. Segundo me contou, Monsenhor ouviu o pedido, chamou alguns Assessores mais próximos para a sala das sessões e ali se reuniram a portas fechadas. Ao fim de algum tempo, o Bispo mandou chamá-lo para me transmitir a resposta, que me causou a mais viva surpresa:

— Diga ao Irmão l'Advenu que ele está autorizado a dar-lhe a Comunhão, e mais tudo quanto **ela** pedir.

Então, mandei-o trazer logo o viático<sup>320</sup>. Massieu tornou a sair e demos por terminada a breve confissão. Dali a instantes voltava ele com a Hóstia Sagrada, escondida dentro do hábito por medo dos guardas ingleses. Aquilo me revoltou. É verdade que em mais de uma ocasião eles haviam nos tratado com desrespeito e mesmo com ameaças, mas ao menos naquele único momento não os temi e retruquei, suspeito que com rispidez, que ele não era ladrão, nem o Corpo de Cristo mercadoria roubada, para ser tratado desta forma; voltasse, então, e trouxesse-O com toda a formalidade exigida. Enquanto ele obedecia, esperei olhando quase todo o tempo para a porta, receoso, mas, por fim, ao invés da temida contraordem, vi com alívio que ele finalmente voltava portando estola e conduzindo a Hóstia Sagrada com velas e cânticos, de modo que **ela** pôde comungar, pela primeira e última vez desde que pusera os pés em Rouen.

Foi talvez um dos momentos mais difíceis da minha vida, e mais uma das múltiplas irregularidades daquele Processo, certamente o único a ter a aprovação do Senhor. Um ato ilegal a mais não agravaria a ilegalidade de tudo quanto fora feito, e assim o criminoso ministrou a Santa Comunhão à criança inocente e pura que ajudou a condenar à fogueira. Precisei lutar contra o travo da garganta para conseguir pronunciar as

<sup>320</sup>

Comunhão especialmente destinada àqueles que estão prestes a morrer.

palavras que a formalidade mandava, mas **ela** recebeu a Eucaristia com verdadeira unção, enquanto Massieu chorava lutando por dominar os soluços.

Terminamos e **ela** fixou **seus** olhos úmidos nos meus, que também choravam, depois em Massieu, dizendo-nos num tom afetuosamente que até hoje me emociona sempre que recordo:

— Reverendos Padres, mil vezes obrigada! Jamais vos esquecerei! Deus vos abençoe por tudo quanto fizestes hoje por mim!

Pelo que fiz por **ela**! E será que alguns minutos de um ato caridoso apagaríamos meses de mentiras, calúnias, torturas e hipocrisias em que tomara parte? Estive a ponto de me ajoelhar a **seus** pés mais uma vez para beijá-los, implorando o **seu** perdão. Por alguns minutos ficamos os três chorando em silêncio, imóveis, mas, quando me pareceu que criara coragem, ouvi passos vindos das escadas e tratei de secar depressa as lágrimas.

Primeiro entrou Toutmouillé a passos rápidos, olhando vivamente para nós e apontando para a saída, dando a entender que as autoridades estavam a caminho. Enquanto tratávamos de nos recompor, novos passos ecoaram pelas escadas e pouco depois Monsenhor e Pierre Maurice entraram na cela. Vendo-os, a prisioneira voltou novamente a ser Jehanne d'Arc, encarando o primeiro e dizendo-lhe em voz firme:

— Bispo, morro por vossa causa!

Ele havia entrado tranquilo e mesmo sorrindo, mas, diante daquela frase, seu entusiasmo arrefeceu de maneira visível. Mesmo assim, respondeu desdenhosamente, como a um pedinte importuno:

— Ora, Jehanne, tenha paciência! É preciso suportar as consequências de **sua** atitude! Você vai morrer por não ter cumprido a palavra dada à Santa Igreja!

**Ela** olhou-o bem nos olhos e replicou com a mesma firmeza:

— Reverência mantida, se houvésseis cumprido com o que manda a justiça e o dever, nada disso **me** teria acontecido. Contudo, peço a Jesus, que perdoou Seus algozes, para que vos perdoe tanto quanto eu, e que use da mesma misericórdia para convosco.

Aquilo pareceu chocá-lo além da medida. Decerto estava preparado para choros, insultos, rogos, blasfêmias ou maldições, mas nunca para aquilo. Talvez por isso, não pôde sustentar nos seus os olhos **dela** e se retirou aceleradamente, parecendo muito perturbado. Como Pierre Maurice hesitasse entre segui-lo e ficar, a condenada voltou-se para ele e perguntou:

— Sabeis onde estarei hoje, Padre?

Ele como que surpreendeu-se e respondeu perguntando num tom de voz que não soube dizer se era de incerteza ou de ironia:

— Você não tem esperanças no Senhor?

De repente, a condenada fixou os olhos em determinado ponto na parede e sorriu, como se houvesse visto algo particularmente belo. Meu Deus, **ela** pôde sorrir naquela situação! A seguir voltou-se para nós e disse-nos, convicta:

— Sim! E pela graça de Deus, ainda hoje estarei no Paraíso!

Olhamos na mesma direção que **ela** olhara, todavia nada vimos. Por minha vez, lembrei-me de imediato da resposta do Senhor a Saint-Dismas<sup>321</sup>. Nisso, uns servos

---

<sup>321</sup> Em verdade te digo que ainda hoje estarás comigo no Paraíso. Novo Testamento, Lucas, 23:43.

chegaram com um pacote contendo roupas femininas para a condenada. **Ela** pediu-nos licença e dirigiu-se ao pequeno corredor escuro onde ficava a latrina. Aguardamo-la, e depois de alguns instantes, estava de volta com as vestes trocadas, novamente sorrindo. Suponho que tenha visto **suas** Santas, e confesso que quase cheguei a ter inveja daquele sorriso digno de um justo.

A seguir, deixamos a cela, descemos a torre e caminhamos em silêncio até o pátio, onde a viatura e l'Oiseleur nos esperavam, e o que se passou então foi exatamente como ele já disse. Vendo-o em prantos aos pés **dela**, murmurei entre dentes: *ad novercae tumulum fletus*<sup>322</sup>, pois um homem daqueles jamais saberia o que é remorso.

Porém, de fato, ele se mostrava tão atordoado que mal parecia dar acordo de si. Nem sequer pareceu perceber quando os soldados ingleses arrancaram-no da viatura e passaram a espancá-lo. A viatura se afastava lentamente, por um rápido momento estive a ponto de mandar pará-la a fim de socorrê-lo, mas quase logo olhei para frente, ignorando. As rodas da carroça não teriam dado três voltas quando a curiosidade falou mais alto e tornei a olhar para trás, a tempo de ver que alguém socorria-o, pareceu-me que era o Conde de Warwick, porém, dada a minha perturbação, não posso ter certeza. Não o vi mais depois disso, mas me contaram que, a pedido de Monsenhor segundo uns, de Warwick segundo outros, ele teria deixado Rouen no mesmo dia. Pelo que depreende de seus escritos, foi apenas um boato que espalharam para sua segurança.

Não demorou muito para que os soldados voltassem a nos escoltar, e pelo que se lia em seus rostos pareciam estar a caminho de uma festa. Quanto ao povo que nos seguia, se a princípio apupava ou nos jogava alguma coisa, cada vez mais ia ficando estranhamente quieto para a ocasião. **Ela**, apenas, não dizia sequer uma palavra, olhando o tempo todo para o céu, em oração. Durante todo o trajeto, uma única frase escapou de seus lábios:

— Ah, Rouen, Rouen, então é aqui que devo morrer? Temo pelo que possas vir a sofrer por minha causa...

Enfim, chegamos. Três estrados estavam montados. O maior, com o trono do Cardeal, cadeiras estofadas para os bispos e bancos para os demais, destinava-se às autoridades religiosas. O segundo, menor e com bancos, era o do bailio e dos juízes leigos. O terceiro, despojado, destinava-se à condenada e aos que ficariam ao **seu** lado, como eu, la Pierre e Midi. Mais afastada, a fogueira. Confesso que, embora não fosse a primeira vez que assistisse a um auto-de-fé, fiquei impressionado com a verdadeira montanha que era a pira, sobre a qual fora erguida a plataforma do cadafalso.

A cerimônia então teve início, primeiramente com a leitura protocolar das causas do Processo e dos crimes atribuídos a **ela**. Depois, o discurso bem feito de Midi dando vida à mesma velha e surrada comparação que sempre usamos para justificar a conveniência da morte de alguém: a Igreja é a videira do Senhor, e se um ramo se corrompe, é preciso extirpá-lo antes que corrompa toda a vide, já que, como bem lembrou o pregador, citando Saint-Paul:

---

<sup>322</sup> Verte lágrimas sobre o túmulo da madrasta. Dito romano, referente a uma dor socialmente demonstrada, mas de fato não sentida. Menos agressivo que o atual *lágrimas de crocodilo*.

— ...quando um membro da Igreja adoece, toda a Igreja adoece com ele<sup>323</sup>...

Contudo, mais uma vez o inesperado aconteceu. Ao ouvi-lo falar de Charles de Valois em termos depreciativos, **ela** tomou a palavra, replicando em voz alta:

— Meu Rei é um bom cristão, talvez melhor do que vós!

Ao que ele não encontrou palavras para treplicar. O trágico da situação é que algumas pessoas riram, como se houvesse algo de que se rir. Quanto a mim, imediatamente me lembrei das respostas de David a Saul<sup>324</sup>. Mas não se ficou só nisso. Um pouco mais e, como o sermão não terminasse, no meio de uma frase solene uma voz anasalada, vinda de entre os soldados, gritou:

— Como é que é, Padre? Quer nos fazer jantar aqui hoje?

Houve uma explosão de gargalhadas entre os soldados, mas não entre o povo, presa de incomum silêncio. E quando Midi terminou seu sermão, não sabia se era para rir ou chorar quando sua voz concluiu, patética:

— Vai em paz, Jehanne! A Igreja não pode mais defender-te, e entrega-te ao braço secular, ao qual, contudo, roga que **te** seja misericordioso!

Nisso, a mesma voz anasalada tornou a se manifestar:

— Essa é muito boa! É o que eu vou dizer às minhas galinhas antes de minha mulher passar-lhes a faca!

Olhamos em volta, mas não chegamos a identificar o importuno, que não causou mais nenhuma interrupção. Minha atenção se voltou a seguir para a sentença que era lida em voz grave e severa:

*m nome do Senhor, amém. Quanto mais frequente e obstinado é o ataque da venenosa peçonha da heresia a um membro da Igreja para transformá-lo em um membro de Satã, mais imperioso deve ser o*  
**E***diligentíssimo cuidado a se tomar para prevenir que o contágio dessa pernicioso lepra não se espalhe para outras partes do Corpo Místico do Cristo. Os editos dos Santos Padres determinam a imperiosa necessidade de se apartar a obstinação herética do meio dos justos antes que tal víbora se aloje dentro do seio de Nossa Sagrada Mãe, a Igreja, com grande perigo para todo o resto.*

*Em consequência, nós, Pierre, por divina misericórdia Bispo de Beauvais, e Irmão Jean le Maistre, Vigário do renomado Doutor Jean Graverent, Inquisidor da Perversidade Herética e especialmente apontado por ele dentro dessa matéria, ambos competentes Juizes dentro deste Processo, declaramos por meio de um julgamento justo que tu, Jehanne, comumente chamada A Donzela, caiste em diversos erros e atentados tais como cisma, idolatria, invocação de demônios e muito outros delitos.*

*Não obstante, como a Igreja nunca fecha seu seio para o vagabundo que retorna, tínhamos entendido que, com pureza de alma e fé sincera, tinhas-te apartado destes erros e atentados, porque num certo dia juraste publicamente ter renunciado a eles e prometeste nunca retornar aos ditos erros e heresias, fosse por qualquer influência ou pelo motivo que fosse, antes, porém, permanecer indissoluvelmente dentro da unidade da Igreja Católica e em comunhão com o Pontífice Romano, como está extensamente provado pela fórmula assinada por tua própria mão.*

*Como, subseqüentemente a essa abjuração de teus erros, o autor de cismas e heresias ressuscitou dentro de teu coração, ao qual havia seduzido, e desde que caiste novamente — oh, tristeza! — no*

<sup>323</sup> Novo Testamento, I Coríntios, 12:26.

<sup>324</sup> Não estenderei a minha mão contra o meu rei, porque é o ungido do Senhor. Velho Testamento, I Samuel, 24:10-16 e 26:09-11.

*caminho destes erros e atentados como o cão retorna para seu vômito, como é manifesta e suficientemente claro a partir de tuas livres confissões e declarações, concluímos por meio de célebre decisão que tua prévia renúncia às tuas fantasias e erros fora puramente em palavras.*

*Em consequência, declaramos que caíste novamente em teus próprios erros e sob a sentença de anátema na qual anteriormente incorreste; decretamos que és relapsa e herética; e por esta sentença que proferimos verbalmente e por escrito nesse tribunal, nós denunciámos-te como membro podre que não deve infectar os demais membros do Corpo Místico do Cristo, o que nos obriga a excluir-te e por-te fora da unidade da Igreja, a expulsar-te de seu seio e entregar-te ao poder secular. Portanto, nós lançamos-te fora, apartamos-te, separamo-nos de ti e abandonamos-te, porém rogamos a este mesmo poder secular, responsável por tua morte e pela mutilação de teus membros, que modere sua sentença e que, se demonstrares verdadeiros sinais de arrependimento, autorize ser-te ministrado o sacramento da Penitência.*

*Assim que a leitura terminou, o Cardeal ergueu-se de seu trono, prontamente imitado pelas demais autoridades eclesiásticas, e todos abandonaram o estrado<sup>325</sup>, apenas para abrirem caminho entre o povo e se posicionarem em torno da fogueira, buscando posição privilegiada para assistir o restante. Ao mesmo tempo, diversos Assessores valeram-se da oportunidade para dar serviço às pernas e desaparecerem. Uma vez que não me era dado imitá-los, voltei-me para a condenada, que fixava no céu os olhos rasos d'água. Fiz menção de dirigir-me a **ela**, mas o Bispo fez o mesmo, detendo-me com um gesto de mão. Junto **dela**, uniu as mãos e disse-**lhe** com voz apenas audível:*

*— Jehanne, minha filha, não perca o derradeiro minuto de **tua** vida com a impenitência final! Suplico-**te**, pela Paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, não desperdices a última esperança de salvação! Ainda há tempo! Arrepende-**te** dos **teus** pecados, confessa-os em voz alta com **tua** própria boca, repudia-os publicamente de **teu** coração, para que possamos ministrar-**te** o sacramento da Penitência! Assim, ao menos poderás morrer em paz, reconciliada com Deus, com a Santa Igreja e com a própria consciência!*

*Porém, a condenada não **lhe** respondeu, nem sequer olhou para ele. Olhos fixos no céu, pôs-se de joelhos e as lágrimas caíram de meus olhos quando **ela** passou a orar em voz alta, e tudo em volta se fez silêncio. A emoção foi tanta que não sou capaz de reproduzir **suas** palavras exatas. Assim mesmo, posso jurar que invocou **suas** Vozes, reafirmando-lhes seu amor e a certeza de que vinham de Deus. Disse de **sua** devoção à Igreja, rogando que seus sacerdotes amassem a Deus tanto **ela** própria O amava. E reafirmou seu afeto à França, à qual oferecia seu testemunho final, pedindo a todos que amassem sua terra natal tal como **ela** própria o fizera. E terminou rogando a todos os presentes que orassem por **ela**, perdoadando-**lhe** qualquer erro que houvesse cometido; tanto quanto rogava a Deus que perdoasse todos aqueles que **lhe** fizeram mal como **ela** própria perdoava-os.*

*Meu Deus, nunca em toda a minha vida pude esperar por este milagre, e mesmo assim ele aconteceu. Lágrimas e soluços começaram a rebentar de todos os lados, mesmo*

<sup>325</sup>

Formalidade pela qual a Igreja oficialmente se retirava do Julgamento a fim de se eximir da responsabilidade pela execução, atribuindo-a às autoridades leigas.

*eu não pude reter o pranto, mas o milagre verdadeiro foi ver o Bispo chorar. Sim, aquele homem de ferro, o Juiz implacável, eu vi seus lábios tremerem e as lágrimas descenderem por seu rosto. Eu o vi com meus próprios olhos, juro-o pela salvação de minha alma, se é que pode haver salvação para a raça de Judas.*

*Todavia, não foi mais que um breve momento. Tão logo **ela** calou-se, vi o Cardeal, impassível, fazer um gesto e então o Processo teve um desfecho coerente com tudo o que fora feito em seu nome: embora pela lei a condenada devesse ser conduzida aos juízes leigos para deles receber a sentença final, estes pareciam tão atordoados em seus assentos que nem sequer se moveram; e Monsenhor, ao invés de encaminhá-la a eles, entregou-a a dois soldados, e como esses o olhassem interrogativamente, disse-lhes apenas:*

*— Cumpram com sua obrigação!*

*Ao que eles, sorrindo, passaram a empurrá-la aos palavrões para a escada que levava ao poste onde seria amarrada, em cujo topo o carrasco pregava um grande cartaz cujas letras negras eram estranhas para ele próprio, como para aquela multidão ignara:*

**Jehanne, que se faz chamar por A Donzela, mentirosa, perniciososa, abusadora do povo, adivinha, supersticiosa, blasfemadora de Deus, presunçosa, descrente da fé em Jesus Cristo, jactanciosa, idólatra, cruel, dissoluta, invocadora de diabos, apóstata, cismática e herética.**

*A um sinal do Bispo, eu e la Pierre apressamo-nos a nos juntar à condenada, que começava a subir a escada. Tão logo subiu os primeiros degraus, deteve-se por um instante, voltou-se para nós e pediu por uma cruz. Ficamos nos entreolhando, atordoados, enquanto **ela** repetia o pedido em voz alta. Tudo então aconteceu simultaneamente: por instinto, levei a mão ao peito a fim de tirar a minha e dar-lhe, e quase logo me detive; ao mesmo tempo, la Pierre mandou um moço buscar uma na igreja mais próxima; e um soldado saiu de forma, tirou dois gravetos da pira e amarrou-os em forma de cruz tão rápido quanto pôde, estendendo-o às mãos ansiosas da jovem, que lhe retrucou:*

*— Deus te abençoe!*

*Uma criança que visse o doce cobiçado ser dado a outra não sentiria mais funda inveja do que eu por aquele homem ao ver o olhar de gratidão com que a condenada envolveu-o, tão intenso que ele voltou para o seu lugar atônito, fora de si, enquanto **ela** beijava com unção aquela cruz improvisada, e eu apertava a minha contra o peito até doer, maldizendo mil vezes a própria covardia.*

*Terminamos então de subir e o carrasco, no topo à espera, empurrou-a para junto da estaca e amarrou-a, prendendo por último **seu** pescoço com a golilha de ferro. Examinou-a então e por um átimo pareceu-me que seus olhos se encontraram. Não posso jurá-lo, pois ele estava de costas para nós, mas quase logo desceu as escadas às pressas, como se fugisse de algo, correu para Monsenhor e falou-lhe em voz baixa. O Bispo respondeu no mesmo tom e apontou imperiosamente para a pira, depois do quê o carrasco, hesitante e lento, aproximou-se dela e ateou fogo num único ponto na parte mais próxima ao chão.*

Então *ela* pediu-nos que descêsemos, antes que as chamas não o permitissem mais. Não tínhamos, contudo, com que nos preocuparmos. Tudo fora programado para que as chamas avançassem tão lentamente quanto possível, a fim de que o terror tivesse tempo bastante para fazê-la ceder. Mesmo assim, julgamos melhor não arriscarmos e tratamos de obedecer. Quando chegamos ao chão, o moço chegou correndo e entregou a la Pierre uma daquelas longas cruces processionais. Então, ele chamou-a em voz alta, e quando a condenada atendeu-o, ergueu a cruz com as duas mãos o mais alto que pôde, quase à altura do rosto da jovem, que então sorriu. Quase logo, a um gesto sutil do Cardeal, Monsenhor, respondendo com um aceno afirmativo de cabeça, acercou-se da pira, onde as chamas ainda custavam a ganhar forças, ergueu as mãos em concha ao redor da boca e gritou para *ela*:

— Abjura!

O sorriso desfez-se no rosto da condenada, que se voltou àquela voz, torceu-se no poste, e, como não podia fazer outra coisa, esticou a cabeça em direção a Monsenhor e lançou no ar mais uma vez a acusação que já lhe fizera:

— Bispo, morro por vossa causa! Apelo do vosso julgamento para Deus!

Então, vi-o empalidecer como nunca, cheguei a pensar que ele não poderia manter-se em pé. Quase logo, *ela* voltou-se vivamente para o céu, como se atendesse a um chamado. Depois de alguns instantes, *seus* olhos voltaram-se para a multidão que a rodeava, e *sua* voz novamente preencheu o ar:

— Sim, minhas Vozes não me enganaram! Minhas Vozes vinham do Céu! Minhas revelações eram de Deus! Tudo aquilo que fiz foi pela vontade de Deus!

Contemplávamos a cena estarrecidos, apavorados diante do que poderia acontecer. Novamente *ela* ergueu a cabeça o mais que pôde para o céu e gritou, com todas as forças:

— Jesus!

Ficamos então em suspense, pelo menos eu à espera de um milagre, enquanto *ela* continuava a chamar por Aquele nome. Conforme as chamas cresciam, sua voz era abafada pela tosse e pela fumaça que começava a envolvê-la, até que não foi mais ouvida e finalmente a cabeça pendeu. Então, o Conde de Warwick aproximou-se de Monsenhor fazendo menção de falar-lhe. Antes, contudo, que chegasse a fazê-lo, o belo cavalo branco daquele emitiu um relincho assustador e empinou bruscamente. Como se fosse um sinal, quase logo as demais montarias passaram a imitá-lo, e, diante do esforço dos cavaleiros para contê-los, passaram a escoicear quantos à volta não se afastavam em tempo hábil, causando uma barbúrdia contida a custo. Sem deixar de olhar para a estranha agitação de sua montaria favorita, contida à força de vários pulsos, o Conde cochichou algo ao Bispo e a seguir deu ordens para que apagassem o fogo. Pelos comentários que chegavam a mim, houve mesmo quem acreditasse que nos havíamos convencido de *sua* inocência e tentávamos salvá-la. Parvos, se acreditaram em tal coisa. Homens como Monsenhor ou o Cardeal não se comoveriam nem sequer com a Virgem Santíssima ao pé da Cruz.

Assustei-me então ao sentir que alguém esbarrou em mim: era o velho Alespée a chorar soluçando como uma criança, enquanto apagavam o fogo, expondo às nossas vistas aquele grotesco boneco de cabeça caída, vestes chamuscadas, em nada parecido

com aquela a quem tínhamos diante dos olhos há tão poucos minutos. A fim de não enfrentá-lo, desviava os olhos para o Céu, oscilando entre a decepção e a incredulidade.

O fogo foi apagado. Por ordem do Regente, o corpo ficaria exposto durante uma semana<sup>326</sup>, para que todos pudessem ver, para que não restasse a menor dúvida de que a Donzela de Orléans, a temível antagonista que se afirmava guiada por Deus, não existia mais. Depois, o corpo seria novamente queimado até o fim, e as cinzas atiradas nas águas do Sena.

Fiz menção de me retirar, mas Alespée continuava imóvel, olhos fixos no corpo pendente do poste, sem conseguir parar de chorar. Preocupado com o que aquela atitude poderia nos causar, tomei-lhe mansamente o braço e disse-lhe:

— Vamos embora, irmão. Acabou.

Ele me olhou, quis falar, mas um soluço cortou-o. Tentou de novo, e a muito custo conseguiu dizer:

— Juro-te... daria qualquer coisa, ou tudo, para estar onde penso que a alma desta jovem está agora.

Aquilo me assustou deveras. Se aquelas palavras caíssem em ouvidos errados, haveria problemas. Para ele, certamente, e talvez para mim também. Olhei em volta e percebi que a frase do velho padre não passara despercebida, pessoas olhavam para nós com estranheza. Entre eles havia um jovem, o qual, sem que eu pudesse entender o motivo, chamava minha atenção pela maneira com que fitava ora o corpo pendente no poste, ora cada um de nós com olhos secos e, julguei eu, acusadores.

Aquilo pareceu me envolver num círculo ameaçador e tratei de me retirar o quanto antes, quando, de súbito, o olhar daquele moço cravou-se no meu, chumbando meus pés ao solo. Lutei para romper aquela força que me mantinha paralisado, mas somente o consegui quando escutei alguém chorando convulsivamente atrás de mim. Voltei-me e vi outro padre desconhecido<sup>327</sup> parecendo uma criança ao desamparo. Ao ver minha batina, atirou-se a mim, segurando meu braço, gritando:

— O que foi que nós fizemos, irmão! O que será de nós agora?

Olhei-o sem entender. Ele me olhou com os olhos de um demente e gritou:

— Não entendes?! Estamos todos perdidos! Nós queimamos uma santa!...

Olhei em volta, todos me olhavam aflitos, com lágrimas nos olhos. Senti um grande medo então, medo de algo que não soube definir, de que era preciso fugir depressa antes que me envolvesse. Soltei meu braço num gesto brusco e rude, virei as costas e saí dali o mais rápido que pude, quase correndo, buscando refúgio no mosteiro da minha Ordem, onde la Pierre já me havia precedido, e ficamos em companhia um do outro, mas sem que trocássemos uma só palavra.

Por mais que fosse nosso desejo esquecer, buscando refúgio no silêncio, aquele foi um dia miserando para nós. Trouxeram mais tarde à nossa presença um soldado inglês que pedia para ser ouvido em confissão. Seu hálito indicava que havia bebido, embora não estivesse bêbado. Quando la Pierre repreendeu-o, ele nos disse:

---

<sup>326</sup> Segundo Henri Martin. Outros dão a entender que o corpo ficou exposto ao povo apenas o tempo suficiente para que não restassem dúvidas quanto à sua morte, e queimado pela segunda vez logo a seguir.

<sup>327</sup> Jean Tressart, Secretário do Rei da Inglaterra.



— A bebida é o menor dos meus pecados! Padre, eu odiava a... aquela mulher! Senti prazer em espetar *suas* costas com minha adaga para apressá-la a subir na fogueira. Porque *ela* era boa e pura, Padre! Eu *a* odiava por isso! Porque eu sabia que *ela* era boa e pura, enquanto eu sou podre e mau!

Olhou para nós e calou-se. Como nada lhe disséssemos, ele caiu de joelhos e quase gritou para la Pierre, agarrando-o pela batina, verdadeiramente angustiado:

— Salvai-me, Padre! Salvai-me do fogo do Inferno! Porque eu vi, Padre! Juro que vi!...

— O que você viu? — perguntamos quase ao mesmo tempo.

— A alma *dela*... eu vi a alma *dela* saindo da fogueira... em forma de uma pomba branca, voando em direção à França!...

Descontrolei-me de tal forma que la Pierre se assustou, e expulsei o infeliz, chamando-o de bêbado e mandando que só voltasse a falar a um sacerdote quando estivesse sóbrio. Contudo, algumas horas depois, outro desconhecido compareceu diante de nós, sem nenhum vestígio de bebida, também pedindo para ser ouvido em confissão. Ajoelhou-se e disse num tom de voz pesado e sombrio, desta vez para mim:

— Eu, Geoffroy Therage, pecador, confesso-me a Deus e a vós que pequei...

Olhei para meu companheiro com angústia. Sentia-me arrasado. Por que vinham a mim, eu que não conseguia uma migalha de paz para mim mesmo? Como poderia eu, criminoso, assassino, hipócrita, sacerdote indigno, absolver a alguém?!... Mas como desta vez la Pierre não se movesse, suspirei fundo e dirigi-me ao suplicante:

— Qual o seu pecado, meu filho?

Ele então ergueu o rosto e me disse:

— Olhai para mim, Padre. Não me reconheceis?

Olhei atentamente para aquele rosto entre insignificante e rústico, todavia, não fui capaz de identificá-lo. Disse-o, ao que ele então replicou:

— É verdade, Padre. Quem olha para o rosto do carrasco?

— Você é!... — não pude concluir.

— Sou o carrasco.

Olhei-o, sentindo algo estranho que não pude definir, mas meu rosto deve ter expressado, pois ele se apressou em retrucar:

— Bem, Padre, alguém tem que fazer isso, e também meus filhos precisam comer!

Logo me apressei em responder-lhe:

— Meu filho, não estou censurando-o. Você apenas cumpre ordens. Como o soldado que necessita matar e ferir na batalha.

Ele pareceu mais tranquilo por um momento, e continuou:

— É verdade, Padre. De tanto fazer isso, a gente se acostuma. No começo, até se chora de dó. Mas, com o tempo, a gente acha tão normal, que, por fim, até se sente melhor porque está vivo. Depois que o condenado morre, a gente acaba por pensar: “bom que foi ele e não eu”. Nunca parei para pensar nas pessoas que executo, nunca me perguntei se seriam inocentes ou culpadas, porque, como vós mesmo dissestes, só cumpro ordens. Acabo sendo apenas mais um instrumento, igual à corda, o fogo, o poste.

Desejei que ele não continuasse, adivinhando o que viria, mas ele prosseguiu:

— *Só que desta vez foi diferente, eu sei. E se Deus me amaldiçoar pelo que fiz hoje?*

*Vacilei e repeti, contudo sem convicção:*

— *Meu filho, você fez somente o que lhe foi mandado...*

— *Sim, Padre, mas desta vez eu queimei viva uma santa! O que será de mim agora?*

*Olhei para la Pierre e não soube o que dizer. Eu teria que ouvir aquilo pelo resto de minha vida?*

## O Post-Scriptum

Estive como que atordoado, somente percebendo o festival de golpes e bastonadas que pareciam chover sobre mim, mas não tinha exata consciência do que estava acontecendo. Cheguei mesmo a pensar que estava de volta à minha aldeia no dia em que fora atacada, ou que Satanás e seus demônios tinham me arrebatado ao Inferno. Assim, fiquei sem sequer tentar me defender, até que voltei parcialmente a mim ouvindo vozes conhecidas a gritar:

— Parem! O que pensam que estão fazendo? Parem!

Gritos de “armagnac, traidor, vamos matá-lo aqui mesmo”, se misturavam aos meus ouvidos, até que os golpes foram diminuindo e em dado momento fui agarrado e levado para algum lugar escuro que sequer me preocupei em descobrir onde era. Ainda estava tão atordoado que foi preciso uma violenta bofetada junto de um grito irado para me trazer de volta à realidade:

— Enlouqueceu? O que você pensa que fez?

Ainda sem conseguir coordenar as ideias, olhei atentamente para o rosto furioso e congesto que gritava para mim, no qual demorei a reconhecer Warwick. Como eu permanecesse calado, ele continuou:

— Se eu soubesse o que fez, teria deixado que o fizessem em postas para os cães!

Voltou-se para os guardas e disse:

— O padre fica detido aqui, e só sai por ordem minha ou de Monsenhor de Beauvais! Ele já voltou? — e ao fim de um instante de silêncio prosseguiu: — Pois assim que ele voltar, diga-lhe para comparecer à minha presença com a mais extrema urgência!

A seguir saiu, deixando-me ali, trancado num aposento que me era desconhecido. Não tenho ideia de quantas horas fiquei esperando, mas pareceram-me tantas que cheguei a pensar que tinham se esquecido de mim, que nunca mais sairia dali. Só sei que finalmente a porta foi destrancada, e surgiu diante de meus olhos o rosto abatido de Monsenhor, o de Warwick irado, e mais alguns outros aos quais não identifiquei. Disse o Bispo:

— Saiam todos! Deixem-me a sós com ele!

...e assim ficamos os dois frente a frente, os dois criminosos. Por uma fração de minuto, a expressão de seu rosto alimentou minha estranha esperança de que algo houvera acontecido, não fora possível executar a sentença, *ela* estava de volta à cela e amanhã recomençaria tudo. Ele, porém, sacudindo negativamente a cabeça, fixou seus olhos nos meus. Conhecia bem aquele olhar e tive medo, muito medo, quando ele afinal gritou:

— O que deu em ti? Enlouqueceste?

— *Pequei, traí sangue inocente!*...

— *Isto é contigo, visse-o antes*<sup>328</sup>! — retrucou irônico, antes de voltar a gritar: — Enlouqueceste, imbecil? Isto são horas para remorsos inúteis?!

Respondi sem responder, aéreo, atônito:

— Eu me ajoelhei aos pés da Santa! Confessei-*lhe* toda a minha infâmia, beijei *seus* pés, implorei o *seu* perdão! Teria sido menos humilhante se *ela* escarrasse em mim, se me

---

328 Remorsos de Judas. Novo Testamento, Mateus, 27:4.

cobrisse de toda a sorte de maldições e insultos e me condenasse ao Inferno, que é o lugar que mereço! Mas o castigo que *ela* me impôs foi mil vezes mais doloroso.

— Sim? — disse Monsenhor, irônico. — Será que *ela*... te perdoou?

— É verdade! *Ela* me perdoou! — quase gritei — *Ela* olhou para mim, ah, meu Deus, aqueles olhos límpidos, serenos! Olhou para mim e disse: “Ide em paz, Padre. Deus vos perdoe como eu vos perdoou”.

— Que tocante! — prosseguiu no mesmo tom.

— Mas eu não posso mais ter paz! Nunca mais hei de ter paz!

— Deixe de sentimentalismos fúteis! O que está feito está feito, e todo o remorso do mundo não poderá fazê-la ressuscitar das chamas!

Suas palavras causaram-me um tremendo impacto, uma formidável sensação de algo que não podia ter acontecido, e mesmo assim aconteceu. Mesmo depois de ter ouvido, pareceu-me uma eternidade até que eu conseguisse entender e assimilar todo o significado daquelas palavras. Não sei quanto tempo depois lhe perguntei:

— Não sentis remorso?

— De que adiantaria?

— Reverendíssimo!... Não sentis remorsos?! — perguntei de novo, incrédulo.

— De que adiantaria?! — repetiu, incisivo, continuando após breve pausa — Esperas o quê, que eu saia à procura uma figueira para me enforcar<sup>329</sup>? Faze-o tu se o desejares, deve haver alguma no jardim!

Aquela frase me angustiou, fez-me sentir-me mais baixo do que Judas.

— Mas, o que Vossa Reverendíssima fez...

— O que nós fizemos!

— Sim, o que nós fizemos!... Queimamos viva uma enviada dos Céus! Deus tenha pena de nossas almas, pelo que nós fizemos!...

— *Ela* já estava perdida, de um jeito ou de outro, e o máximo que poderíamos conseguir era nos perdermos também!

— Talvez Deus nos salvasse por causa *dela*. Quantas vezes as Escrituras contam que Deus salvou os inocentes...

Mal terminei, com voz sumida, e já me sentia um perfeito imbecil. Antes mesmo que ele falasse, eu já sabia a resposta:

— Se não salvou a *ela*, que era verdadeiramente santa, iria salvar criaturas da nossa espécie? Lérias! O que as Escrituras contam aconteceu há muitos séculos! Acaso Deus livrou tantos outros inocentes que condenamos antes *dela*?

— Fizemos o papel de Caifás!

— *Ela* pode bem ser uma santa, porém, eu sou apenas um homem e não me sinto com vocação para o papel do Cristo! Lamento por *ela*. É verdade que eu fiquei feliz ao ser escolhido para este trabalho, queria mais do que tudo fazê-lo, mas depois... depois, teria mil vezes preferido passar para qualquer outro este trabalho imundo e sórdido, mas então era tarde demais para recuar, e eu não poderia hesitar entre a minha vida e a *dela*.

— Esta foi a tese de Pilatos.

Ele então me olhou fixamente e me atacou:

---

329 Menção a Judas, que se enforcou numa figueira. Novo Testamento, Mateus, 27:5.

— Um momento! Com que direito me censuras? Não *a* traíste? Não foi **tua** a ideia de *lhe* arrancar a confissão por meio de um embuste? Em que és menos infame do que eu?

Engoli em seco, emudeci, e por fim respondi num fio de voz:

— Em nada! Desgraçadamente, tudo o que Vossa Reverendíssima diz é verdade! Por isso mesmo sou um réprobo, um maldito pelos séculos dos séculos!

Ele retrucou, sorrindo sem humor:

— E o que esperas ganhar com todo este remorso fora de propósito? Porém, se é tão importante assim para ti, então chora por *ela* todas as lágrimas que desejares, impõe-te quantas penitências bastem para aplacar-te a consciência, desde que não te esqueças de uma coisa somente: era *ela* ou nós!

Olhei-o, incrédulo, prestes a retrucar, encarei-o e baixei os olhos. Retrucar o quê? Era horrível reconhecer a verdade, mas eu sabia que ele tinha razão. Ao fim de outra pausa, ele tornou a dizer:

— Afinal, *ela* está morta, e isto era inevitável; enquanto nós estamos salvos, pelo menos por ora.

Escutei aquilo, incrédulo, e perguntei quase num fio de voz:

— Salvos?

— Dos ingleses, sim.

— E da cólera de Deus?

Ele retrucou, irritado:

— Ao contrário do Cardeal, Deus, pelo menos, é misericordioso!...

— Mesmo assim, Ele não deixará de nos castigar!...

Para minha surpresa, ele disse então, suspirando, quase afável:

— Disso tenho absoluta certeza e, admito, tenho medo, muito medo. Contudo, se nada sei sobre a misericórdia ou o castigo do Todo-Poderoso, do Cardeal sei o suficiente para temê-lo mais do que a Lúcifer. Pelo menos estamos vivos...

Não sei como ousei interrompê-lo, mas as palavras me escaparam dos lábios:

— Vivos? Monsenhor, estamos manchados por uma infâmia cujo labéu nos marcará enquanto houver História! O nome *dela* seguirá por toda a Eternidade aureolado pela luz divina e pela glória eterna. Mas nossos nomes estão fatalmente unidos, pelo crime, ao *dela*, que quanto mais nobre e puro for, mais torpes e infames serão os nossos! Cada vez que *lhe* abençoarem a memória, estarão escarrando sobre a nossa! E mesmo daqui a mil anos, quantos tiverem a desgraça de ostentar os nossos nomes hão de nos amaldiçoar, por se verem obrigados a portar uma nódoa de infâmia pelos séculos dos séculos!

Ele deu uma risada áspera, seca:

— Nossos nomes! Que tolice cheia de orgulho! Meu caro, sê orgulhoso como Lúcifer e o orgulho há-de te granjear admiração; ou sê reconhecidamente tolo e poderás contar com a piedade geral; porém jamais as duas coisas juntas, pois um tolo cheio de orgulho não conseguirá ser digno senão de escárnio!

— Do que estais falando, Monsenhor? — perguntei, sem entender.

— Da tua pretensão ridícula! Crês realmente que tu, um simples padre vicejando à minha sombra, há-de deixar um nome para ser lembrado? Crês que dentro de mais algumas décadas alguém ainda saberá quem foi Nicolas l’Oiseleur? Se de fato algum nome dentre nós todos tiver que permanecer na História, será unicamente o meu!...

Aquela era uma verdade que me angustiou escutar. Ele parou por um momento, como que pensando na possibilidade. Depois, prosseguiu:

— ...enquanto *ela* será absolvida, beatificada e canonizada pela mesma Igreja que hoje *a* queimou; será glorificada pela Inglaterra, como que a *lhe* pedir perdão! Lindo, tocante tudo isso! Sorte nossa é que não acontecerá antes que nossos ossos tenham voltado ao pó!

— Porém, não nossas almas...

— Então, será tempo de pensar nisso.

— *Coisa horrenda é cair nas garras do Deus Vivo.*

Ele retrucou, enfadado:

— Quando eu estiver interessado num debate teológico mandarei chamar os Doutores da Universidade! Mas não se fala mais nesse assunto. Há coisa mais urgente a resolver, como bem deves adivinhar.

Olhei-o sem entender. Ele sorriu, ou antes, seu rosto exibiu um ríctus à guisa de sorriso ao dizer pronunciando lentamente cada palavra:

— Tenho que decidir o que fazer de ti agora.

Vacilei e tremi. A memória como que me voltou e somente então tive plena consciência de que a soldadesca por pouco não me trucidara ali mesmo diante *dela*. Tremi e amaldiçoei minha fraqueza, ao mesmo tempo em que me amaldiçoava por lamentar o único gesto digno que tivera desde o início do Processo. Desejava apaziguar minha consciência, não, todavia, à custa de um martírio. Olhei para o Bispo, que parecia ler meus pensamentos, e minha testa cobriu-se de suor frio. Sabia o quanto ele era implacável quando seu interesse estava em jogo. Ao fim de um minuto de silêncio, ele continuou:

— Poderias ter beijado os pés *dela* quantas vezes desejasses **dentro da cela**, mas nunca, jamais diante da multidão. Os soldados por pouco não te trucidaram, e não posso garantir que não o façam na primeira oportunidade. Se este fato chegar aos ouvidos do Cardeal, nada poderei fazer por ti. Tens que desaparecer da vista geral. Para onde gostarias de ir?

— Qualquer lugar, Monsenhor... qualquer lugar, desde que seja longe, onde haja uma aldeia bem pobre, bem afastada, que esteja precisando de um simples cura...

Ele me sorriu, irônico, e retrucou:

— Naturalmente. Com certeza. Sobre isso conversaremos depois. Agora, vamos.

Suas palavras fizeram-me tremer, julguei que dali seria levado a um calabouço de onde não tornaria a ver a luz do dia.

— Monsenhor... tende piedade...

— Vamos!

Seu tom de voz não admitia réplicas, e assim obedeci, trêmulo, sem conseguir dizer palavra. Senti-me ridículo, ao me lembrar de suas palavras de anos antes: *...quem quer o poder precisa ser implacável, não pode assumir compromissos com abstrações como piedade...* Por isso, foi com verdadeiro alívio que me vi sendo levado ao Palácio Arquiepiscopal.

Ao chegarmos, o Bispo fez-me tomar vinho. Quando por fim me viu mais lúcido e menos apavorado, mandou-me que o acompanhasse, o que fez meu coração mais uma vez bater depressa, sem saber o que me esperava. Segui-o até seu gabinete, onde ele, com um

gesto, fez-me sentar à mesa. Obedeci, enquanto ele abria um armário de onde passou a tirar um tinteiro, pena e papel, colocando-os diante de mim, olhando-me fixamente. Olhei para ele, sem entender coisa alguma. Monsenhor então me disse:

— Eu salvei tua vida hoje. Tens que me devolver o favor salvando a minha mitra!

Continuei sem entender. Ele começou a andar pelo aposento enquanto dizia:

— Enquanto apagavam o fogo e nos retirávamos, tratei de me aproximar do Cardeal. Saudei-o, mas ele se limitou a um gesto de cabeça e fez menção de se afastar. Pedi para falar-lhe, e ele secamente perguntou o eu queria, tratando-me por “você”...

*Senti-me intimidado com sua atitude formal e pus humildade na voz ao replicar:*

— *Se não for abuso tomar tempo de Vossa Eminência...*

— *Seja breve.*

*Mais do que suas palavras, o tom de sua voz deu-me a certeza absoluta de que eu estava indo a Canossa, mas não tinha escolha senão prosseguir:*

— *Desejaria saber se o trabalho realizado foi satisfatório aos olhos de Vossa Eminência...*

*Seu olhar, ao me responder, era igual em tudo àquele que me deu quando da reclamação dos Condes:*

— *Recorda a conversa que tivemos assim que **ela** foi capturada. Desde o início nós lhe dissemos, clara e explicitamente, quão necessário era que a acusada admitisse em público que era feiticeira e que tudo quanto fez foi por obra e graça das forças do Inferno.*

— *Sim, Eminência. Mas a Universidade...*

*Ele cortou-me ríspido, indiferente às pessoas que passavam em volta:*

— *Ao Diabo a Universidade! **Ela** foi queimada, e daí? **Ela** o seria de qualquer jeito! Para conseguir apenas **isto** (e apontou para o poste, onde pendia o corpo sem vida), não eram necessários cinco meses de julgamento envolvendo quase cem pessoas a serem pagas entre juízes, escrivães e assessores, tudo a expensas da Coroa da Inglaterra! Era preciso que **ela** confessasse, a qualquer preço, e todo o resto viria por si mesmo! Mas tudo o que você (e apontou o dedo para mim), seus asseclas e a Universidade conseguiram foi transformá-la em mártir da causa inimiga! **Ela** fez o papel da heroína, e nós, o de um bando de assassinos de batina! E você ainda ousa perguntar se estamos satisfeitos com o seu trabalho?! Devemos entender a pergunta como escárnio ou como indigência mental?*

*Procurando me conter, baixei os olhos e respondi em voz baixa:*

— *Perdoai-me, Eminência! Juro-vos, fiz tudo quanto era humanamente possível...*

*Mais uma vez ele me cortou, novamente apontando para o poste:*

— *Sim, e daí? Mesmo que tenha feito o humanamente impossível, **isto** não deixou de ser um fracasso, e mitras não premiam intenções e nem esforços, mas **resultados**! E, já que você foi incapaz de obtê-los, poupe-nos de suas justificativas, porque vinte delas não nos farão crer que o preto é branco, que o asno é cavalo, ou que **isto** é qualquer coisa diferente de um fiasco!*

*Outra vez ele fez menção de se afastar, por isso me apressei em lhe dizer no tom mais humilde que encontrei:*

— *Eminência... reconheço a justiça de vossa repreensão e sinto-me infeliz em ser a causa. Suplico-vos digais o que posso fazer para relevar vossa justa contrariedade.*

*Ele me olhou de alto a baixo e disse, em tom de escárnio:*

— *Nada tão difícil! Consiga uma retratação **dela**, e relevaremos seu fracasso. E deu-me as costas, pisando duramente.*

— Eis o problema, tens que resolvê-lo para mim. Vou deixar-te a sós, para que possas fazê-lo sem ser perturbado. Quando o tiveres feito, manda avisar-me.

Eu fiquei chocado ao entender o que pensei ter entendido, e ainda mais ao vê-lo dirigir-se para a porta. Cheio de aflição, interpelei-o:

— Mas... Reverendíssimo, como é possível obter *sua* retratação? *Ela* está morta! Esperais porventura que eu possa intimar *sua* alma para que compareça diante de nós?

Ele então se voltou para mim e respondeu quase com as mesmas palavras que tanto me maravilharam tantos anos antes:

— Ou muito se engano ou és uma valiosa inteligência guiada e burilada pela luz da mais célebre Universidade do mundo cristão. Portanto, não temo confiar-te a solução deste problema.

E saiu, fechando a porta à chave. Durante os primeiros momentos, senti-me atônito, apavorado, incapaz de me mover; a seguir, corri para a porta e tentei abri-la em vão, fazendo um extremo esforço de vontade para não esmurrá-la a implorar pela presença do Bispo, ou de qualquer outra pessoa, apenas para não ficar só; por fim, deixei-me deslizar pela porta, junto a qual encolhi-me como se estivesse outra vez diante da chibata de meu pai, cobrindo os rosto com as mãos, chorando, a princípio suavemente, para aos poucos gritar e soluçar, implorando sem saber ao certo o que implorava, ou a quem.

Aos poucos, fui me acalmando, e, por fim, pude levantar-me, passando os olhos em volta do aposento tal como um prisioneiro a olhar para as paredes da cela; para os móveis; para a porta; por fim, para a mesa, onde papéis (não eram pergaminhos, mas de qualidade inferior usado para rascunhos), um tinteiro e penas aparadas estavam à minha espera.

Não sei precisar o tempo que fiquei atordoado, tentando ordenar ideias, sem saber o que fazer e por onde começar. Acabei por confundir a noção do tempo, que eu tentava regular pelas entradas do criado que trazia-me as refeições e levava o urinol onde aliviava o ventre. Felizmente, havia velas em número suficiente, pois o pavor não me permitia ficar no escuro, nem mesmo para dormir.

Por fim, dirigi-me à mesa, tomei vinho e procurei me concentrar no trabalho que era esperado de mim. E pensei, e pensei, e mais uma vez a única solução que concebi foi por meio de mais uma infâmia. Tendo em mente a última confissão da condenada, dali tirei as ideias. Depois de um tempo que pode ter sido horas ou dias elaborando e rascunhando, pedi pergaminho e escrevi o documento que se segue, deixando um espaço em branco para a data. Dando a tarefa por terminada, passei a vigiar a porta, cada minuto parecendo mais longo do que a eternidade. Mas, finalmente o criado abriu-a e pude dizer-lhe, com alívio:

— Diga ao reverendíssimo senhor Bispo que está pronto.

Assentiu em silêncio, deixando o prato e o vinho sobre a mesa e apanhando o urinol no canto da parede. Contudo, antes que ele saísse, chamei-o de novo para perguntar:

— A propósito, qual dia é hoje?

Ele pareceu surpreender-se e me respondeu, incrédulo:

— Hoje são 7 do mês de junho, Padre.



Atônito, apenas acenei com a cabeça. O criado cumprimentou-me e saiu, enquanto voltava a mim e datava o documento que acabara de fazer. Ainda estava a secar a tinta quando Monsenhor abriu a porta e dirigiu-se a mim, de cenho fechado:

— Posso crer que encontre uma solução?

Ao vê-lo, senti-me de pronto abatido, esgotado, enojado dele e de mim mesmo. Temendo que ele o percebesse, prestei-lhe reverência e apressei-me a lhe estender o documento, que ele foi lendo com progressiva satisfação:

*o sétimo dia do mês de junho, quinta-feira, nós os ditos Juizes recebemos informações ex-officio a respeito de determinadas palavras faladas por Jehanne d'Arc perante muitas pessoas fidedignas quando estava ainda na prisão e antes que fosse trazida ao Julgamento.*

**N**

*O venerável e circunspecto Messire Padre Nicolas de Vendères, Licenciado em Direito Canônico, Arquidiácono d'Eu e Cônego da igreja de Rouen, da idade de 52 anos, e testemunha juramentada, recebida e examinada neste dia, declara sob juramento que na quarta-feira passada do último dia de maio, na véspera do último dia de Corpus Christi, a dita Jehanne d'Arc, ainda detida na prisão à qual estava confinada no Château de Rouen, disse que, tendo em vista que as Vozes que vinham a ela prometeram-lhe que seria libertada da prisão, e que viu que se realizara o contrário, considerou e soube que tinha sido enganada por elas.*

*Essa Jehanne disse e confessou que tinha visto com seus próprios olhos e ouvido com seus próprios ouvidos as Vozes e as aparições que mencionou neste caso. Estávamos presentes nesta ocasião nós, os ditos Juizes, Messires Pierre Maurice, Thomas de Courcelles, Nicolas l'Oiseleur, Irmão Martin l'Advenu, Jacques le Camus e diversos outros.*

*O Irmão Martin l'Advenu, Padre da Ordem dos Irmãos Pregadores, da idade de aproximadamente 33 anos, testemunha produzida, juramentada, recebida e examinada, disse e declarou sob juramento que na manhã do dia em que a sentença foi exarada contra esta Jehanne, ela disse e confessou antes de ser trazida a julgamento, na presença dos Messires Pierre Maurice, Nicolas l'Oiseleur, e do Irmão dominicano Toutmouillé, que soube e reconheceu ter sido enganada pelas Vozes e aparições que lhe apareciam, pois essas Vozes tinham prometido a ela, Jehanne, que seria libertada da prisão e ela percebia claramente o contrário.*

*Perguntado quem a induziu a falar isto, ele respondeu que ele próprio, Pierre Maurice e Messire Nicolas l'Oiseleur exortaram-na à salvação de sua alma, e eles lhe perguntaram se era verdade que ela tinha tido estas Vozes e aparições. Ela respondeu que era, e continuou a afirmá-lo até o fim; ainda que, tanto quanto ele pôde entender, ela não tenha descrito com precisão a forma pela qual eles vinham a ela, exceto aquilo que ele podia se lembrar, ou seja, que vinham em grande multidão. Ele ouviu Jehanne ainda dizer e confessar que, uma vez que os clérigos sustentavam e acreditavam que esses espíritos que vinham a ela procediam de demônios, ela também sustentaria e acreditaria da mesma forma que eles a respeito deste assunto, e não continuaria mais a ter fé nestes espíritos. E em sua opinião Jehanne era então mentalmente lúcida.*

*Ele disse que no mesmo dia ouviu Jehanne dizer e confessar que, embora em suas respostas e confissões tenha se vangloriado de que um Anjo enviado por Deus tinha trazido uma coroa para aquele a quem chamava de seu rei, e de ter acompanhado o Anjo quando ele a trouxe, e de muitas coisas mais ditas ao longo deste Julgamento, não obstante, sem ser coagida e por sua livre vontade, ela admitiu e confessou que, apesar de tudo quanto tinha dito e afirmado no curso de seu Julgamento em relação ao assunto da coroa e do sinal dado àquele a quem ela chamava de seu rei, não houve anjo algum trazendo a coroa; que*

ela mesma, Jehanne, era o dito anjo; que falou e prometeu ao seu rei que ele seria coroado em Reims desde que permitisse que ela executasse a sua missão, mas não houve coroa alguma enviada por Deus.

O venerável e prudente Messire Pierre Maurice, Doutor em Teologia Sagrada, da idade de 38 anos, testemunha produzida, juramentada, recebida e examinada neste dia, disse e depôs que a visitou na manhã do dia em que a sentença foi exarada contra esta Jehanne, enquanto ela ainda estava na prisão, para exortá-la a salvar sua alma. E quando ele exortava-a e lhe perguntava acerca do anjo que, de acordo com ela, tinha trazido a coroa àquele a quem chamava de seu rei, ele ouviu a resposta de que ela mesma era o anjo.

Perguntada sobre a coroa que ela prometeu-lhe e a hoste de Anjos que a acompanhava, ela respondeu ser verdadeiro que eles apareciam a ela, como consta nas minutas. E finalmente, quando ele perguntou-lhe se as aparições eram reais, ela respondeu que sim, quer fossem espíritos bons ou diabólicos eles realmente lhe apareceram, dizendo em Francês: “Soint bons, soint mauvais esperits, ilz me sont apparus”. Ela disse ainda que tinha ouvido as Vozes principalmente nas Completas e nas Matinas, quando soavam os sinos. Ele disse-lhe que deviam ser malignos esses espíritos, pois lhe haviam prometido a liberdade e ela tinha sido enganada, depois do que a dita Jehanne admitiu que era verdade, tinha mesmo sido enganada. Ele ouviu-a dizer que se reportava à Igreja para decidir se eles eram espíritos bons ou diabólicos, e em sua opinião ela era lúcida de mente e de entendimento quando o disse.

O Irmão Jean Toutmouillé, Padre da Ordem dos Frades Pregadores, de 34 anos de idade, testemunha produzida, recebida, juramentada e examinada na quinta-feira, disse e depôs que na manhã do dia em que a sentença foi exarada contra Jehanne, na última quarta-feira véspera da Festa de Corpus Christi, ele, em companhia do Irmão Martin l'Advenu, da mesma Ordem, visitou esta Jehanne para exortá-la a salvar sua alma e ouviu-a dizer a Pierre Maurice, o qual tinha-o precedido naquele local, que o que tinha dito e confessado a respeito da coroa era pura ficção, e que ela mesma era o anjo. Isto o dito Messire Pierre Maurice transcreveu para o Latim.

Então ela foi questionada sobre as Vozes que vinham até ela, bem como as aparições. Ela respondeu que realmente as havia ouvido, principalmente quando os sinos soavam nas Matinas e nas Completas, embora Messire Pierre lhe tenha dito que algumas vezes, quando as pessoas ouvem os sinos, podem imaginar que ouviram determinadas palavras. A dita Jehanne disse e confessou que tinha tido as aparições vindas a ela, algumas vezes em grande multidão, outras em pequeno número ou em rápidos momentos; ela não fez nenhuma outra descrição de suas formas ou figuras.

Ele disse que no mesmo dia, e após nossa chegada à cela onde ela estava presa, nós o dito Bispo dissemos à Jehanne em Francês, diante do Vigário do senhor Inquisidor: “Agora, Jehanne, você nos tem dito sempre que suas Vozes prometeram-lhe que você ficaria livre. Veja agora como lhe enganaram! Digam-nos a verdade agora!”. Então Jehanne respondeu-nos: “Verdadeiramente eu vejo que elas me enganaram”. Ele disse não ter ouvido-a dizer mais nada, exceto o que disse antes perante nós Juizes quando chegamos à prisão, quando foi perguntada se acreditava que as ditas Vozes procediam de espíritos bons ou malignos, e ela respondeu: “Eu não sei, reporto-me à minha Mãe, a Igreja” ou “a vós que sois da Igreja”. Em sua opinião, Jehanne estava então mentalmente lúcida, e ele ouviu-a confessar que assim estava.

Jacques le Camus, Padre, Cônego de Rouen, de 53 anos de idade, testemunha produzida, jurada e examinada neste dia, disse e depôs sob juramento que, na manhã de quarta-feira véspera do último dia de Corpus Christi, acompanhou a nós Bispo à cela onde Jehanne estava detida, no Château de Rouen, tendo ouvido esta Jehanne publicamente confessar em voz ouvida por todos os presentes, que ela, Jehanne, tinha visto as aparições que vieram a ela e escutado suas Vozes; que lhe prometeram que seria

libertada; e desde que reconheceu que elas haviam-na enganado, ela não mais acreditaria que eram vozes ou coisas boas.

Pouco tempo depois, ela confessou seus pecados ao Irmão Martin, da Ordem dos Frades Pregadores, e depois de receber o sacramento da Confissão e da Penitência, quando o dito Irmão estava ministrando-lhe o sacramento da Eucaristia, sustentando a Hóstia Sagrada em suas mãos, perguntou-lhe: “Você acredita que este é o Corpo de Cristo?” e a dita Jehanne respondeu: “Sim, e somente Ele pode me libertar, e por isso peço que Ele me seja dado”. Então, o mesmo Irmão disse a ela: “Você ainda acredita nessas Vozes?” Ela respondeu: “Eu creio em Deus somente, e não tenho mais fé nestas Vozes porque me enganaram”.

Messire Thomas de Courcellès, Mestre em Artes e Bacharel em Teologia, da idade de 30 anos, testemunha produzida, recebida, juramentada e examinada neste dia, disse e depôs sob juramento que na quarta-feira véspera de Corpus Christi, ele, estando em nossa presença na cela onde a dita Jehanne estava detida no Château de Rouen, ouviu e entendeu que nós, o dito Bispo, perguntamos à Jehanne se suas Vozes lhe tinham dito que seria libertada. Respondeu-nos que elas tinham lhe dito que sim e que deveria manter boa fisionomia. Ela acrescentou, laconicamente segundo ele julgou: “Eu vejo realmente que fui enganada”. Então nós o dito Bispo dissemos à Jehanne que ela devia ver então que estas Vozes não eram bons espíritos e não vinham de Deus, pois se assim fosse jamais teriam proclamado mentiras e falsidades.

Messire Nicolas l’Oiseleur, Mestre em Artes, Cônego das igrejas de Rouen e Chartres, da idade de 40 anos, testemunha produzida, recebida, juramentada e examinada neste dia, disse e depôs sob juramento que na manhã de quarta-feira véspera do último dia de Corpus Christi, foi com o venerável Messire Pierre Maurice, Doutor em Teologia Sagrada, à prisão onde Jehanne, comumente conhecida como A Donzela, estava confinada, a fim de exortá-la e admoestá-la pela sua salvação. Requerida a falar a verdade a respeito do anjo que, de acordo com suas declarações ao longo do julgamento, tinha trazido àquele que chamava seu rei uma preciosíssima coroa feita do mais fino ouro, e instada a não ocultar a verdade, visto que nada mais tinha a considerar senão a salvação de sua alma, a testemunha ouviu-a dizer que ela, Jehanne, tinha anunciado ao seu rei a coroa mencionada no julgamento, que ela mesma era o anjo e nenhum outro.

E então ela foi inquirida se tinha realmente trazido alguma coroa àquele que chamava de seu rei. Ela respondeu que não houve coroa alguma, unicamente ela lhe prometera que seria coroado. Messire Nicolas l’Oiseleur disse também que por diversas vezes, diante de Messire Pierre Maurice, dos dois Irmãos Dominicanos, de nós Juizes, e de muitas outras pessoas, ele ouviu Jehanne confessar que de fato ela teve as visões e aparições de espíritos. Que agora reconhecia e percebia que aquelas revelações na verdade enganaram-na, porque lhe haviam prometido que seria liberta da prisão e era o oposto que lhe acontecia; e quanto a serem espíritos bons ou malignos, ela reportava-se aos clérigos, mas que da parte dela não lhes tinha mais a fé que teve antes.

Ele disse que a exortou a destruir o erro que havia semeado no meio do povo, confessando publicamente que enganara a si mesma ao dar crédito a esse tipo de revelação; e ao povo, por fazê-lo ter fé nestas coisas. Exortou-a ainda a humildemente pedir perdão por isso. Jehanne respondeu que o faria de boa vontade, uma vez que não se lembrou de fazê-lo no momento certo, que foi quando estava sendo julgada perante o povo. Ela pediu a seu confessor para ajudá-la nisto e em mais outras coisas que pudessem ser proveitosas à sua salvação.

Por isto e por muitos outros sinais, ele concluiu que Jehanne estava perfeitamente lúcida, pois ela mostrou grandes sinais de contrição e penitência pelos crimes que havia cometido. Ele testemunhou ter ouvido sua confissão na presença de diversas pessoas, dentro da prisão diante de muitas testemunhas

*e publicamente mais tarde, na qual ela pediu sincero perdão à Inglaterra e à Borgonha, de coração verdadeiramente contrito e sentidamente arrependida, por tudo quando lhes havia causado, em termos de derrotas, desgraças e aflições.*

Ele leu em silêncio, ao que depois olhou para mim dizendo, mais afável:

— Exatamente disto que eu precisava. Fizeste um bom trabalho e isto termina tudo. Estás livre agora, mas não respondo por tua segurança se te mostrares pelas ruas de Rouen. Por isso, meu conselho é que não ponhas o pé fora do Palácio. Tratarei de levar estes papéis ao Cardeal o quanto antes e, quando retornar, poderemos comemorar com um bom vinho.

Mas eu já não sabia mais o que estava sentindo. Um misto de alívio, ódio, nojo. Dele, de mim mesmo e de tudo aquilo. Ele deve ter percebido a gama de sentimentos contraditórios que eu enfrentava, pois me olhou nos olhos e fez-me tremer, dizendo:

— É inútil te sentires assim. Qualquer remorso será vão, *ela* está morta e nada do que possamos estar sentindo mudará isto. Julgas-te infame? Consola-te, pois estás em boa companhia. Achas mesmo que esses piedosos padrecos la Pierre, l'Advenu, Massieu, são melhores que nós? As assinaturas deles estão presentes em tudo o que fizemos, queiram ou não. E para uma laia como a nossa, que diferença fará uma infâmia a mais ou a menos?

Dito isto, retirou-se. Eu ainda fiquei por inércia naqueles aposentos, como se não tivesse para onde ir. Depois de algum tempo comecei a vagar pelos corredores do Palácio, depois pelo jardim. Não podia explicar o que sentia. Tentava convencer-me de que agora podia respirar tranquilo, que aquilo tudo finalmente havia acabado, e era como se eu não conseguisse acreditar que não haveria mais sessões nem interrogatórios, que nunca mais tornaríamos a vê-la. Tive que lutar contra o desejo de correr até a grande torre, a fim de encontrá-la dentro da mesma cela de sempre e ter certeza de que não tínhamos feito aquilo. Ao mesmo tempo, eu me perguntava o que fazer de mim mesmo dali por diante.

Monsenhor devia estar tão ansioso por sua mitra de Arcebispo, tão empolgado com a ideia de que aqueles depoimentos falsos poderiam agradar ao Cardeal, que os aprovou ao fim de uma rápida leitura e anexou-os ao Processo em forma de um post-scriptum. Talvez por isso, não percebeu, ou não quis perceber, as falhas e contradições do documento, falhas essas que acabariam facilmente com qualquer credibilidade que pudessem ter.

A primeira delas, talvez a mais crítica, é que, contrariando o determinado em lei, não traz as assinaturas dos escrivães autenticando o fato. Bem que Monsenhor tentou induzir Manchon a isso, mas nem a insistência, nem as ofertas, fizeram-no mudar de ideia, e nem sequer o Bispo ousaria tentar obrigá-lo, já que, como ficara bem claro, o notário era de uma irritante honestidade balizada em gente capaz de protegê-lo, e uma celeuma sobre este documento poderia levantar dúvidas sobre todo o conjunto.

Da mesma forma, não traz, como seria de praxe, as assinaturas dos envolvidos, sobretudo Pierre Maurice, que teria supostamente transcrito a pretensa confissão da acusada para o latim (seria o caso de se perguntar também onde se encontra essa tal transcrição, jamais encontrada nos autos do Processo nem em parte alguma); e Courcelles, a quem Monsenhor encarregou de transcrever as minutas do Julgamento para o mesmo idioma; tampouco a minha. Suponho que nem eles, nem nenhum dos demais envolvidos, exceto eu, têm qualquer conhecimento deste Post-scriptum, salvo se se tenham dado ao

trabalho de ler o Processo até o fim, do que duvido. Não é algo que tenhamos vontade de relembrar.

Por fim, seria justo perguntar por que um documento de tão grande importância foi trazido à juntada somente oito dias depois, se os outros documentos exarados naquele fatídico 30 de maio, a convocação da acusada ao Velho Mercado de Rouen e a Sentença Final, foram anexados ao Processo no mesmo dia<sup>330</sup>.

As consequências puderam ser apreciadas quase um mês depois, período este que o Bispo passou sob a maior ansiedade, esperando a qualquer momento um chamado do Cardeal, que não vinha. Mas por fim veio, e Monsenhor apressou-se em atendê-lo com tamanha euforia que imaginei esperava ele adentrar novamente o Palácio já com a mitra de Arcebispo na cabeça. Desejei-lhe felicidades, intimamente ardendo em desejos de que tal não se sucedesse.

Ele só retornou quase ao cair da noite, dirigindo-se em pesado silêncio para o gabinete. Apesar da temeridade, tomei a liberdade de ir ao seu encontro mesmo sem ser chamado. Entrei no cômodo como se com a intenção de procurar um livro, e afetei surpresa ao vê-lo sentado numa poltrona, com o rosto encoberto pela taça na qual bebia vinho. Apressei-me a saudá-lo, enquanto perguntava como tinha sido a entrevista com o Cardeal.

Ele desceu lentamente a taça e seu rosto pareceu-me intraduzível, mas certamente não expressava alegria. Ao mesmo tempo, com a outra mão estendeu-me um papel grosso. Como eu vacilasse em tomá-lo, sacudiu-o com vigor enquanto me dizia em tom áspero:

— Toma e lê! Ou esperas que eu vá ler para ti?

Obedeci, tentando intimamente adivinhar o conteúdo. Era uma carta assinada com o selo do Rei da Inglaterra, a qual, depois de apresentar um sumário da nossa versão do Julgamento (*Nós fomos plena e pessoalmente informados que o dito Julgamento do início ao fim foi conduzido da maneira mais serena e canônica, justa e santa*), dizia:

*...dado que aqueles que tenham por agradáveis os erros e crimes da supra dita Jehanne, ou que, movidos por ódio, vingança ou outros motivos, possam se empenhar perversamente em interferir contra o legítimo Julgamento de nossa Santa Madre Igreja levando a julgamento perante nosso Santo Padre o Papa, o sagrado Concílio Geral ou em qualquer parte o supra dito Reverendo Pai em Deus o Bispo de Beauvais, o Representante do Inquisidor, os Doutores, Mestres, Clérigos, Querelantes, Advogados, Conselheiros, Notários, ou quaisquer outros que tenham tomado parte neste Julgamento; Nós, como*

---

330 Acrescente-se a estes mais argumentos: primeiro, Courcelles, Toutmouillé e l'Advenu, ao deporem durante os julgamentos de Reabilitação, não falaram coisa alguma a respeito desta pretensa retratação a qual teriam testemunhado; segundo, se *ela* houvesse mesmo se retratado, isto não deixaria de ser dito na sentença final, dada a importância política do caso; e, terceiro, l'Oiseleur não poderia ter testemunhado que *ela* tivesse, na prisão e depois publicamente *...pedido sincero perdão à Inglaterra e à Borgonha...*, pois não esteve presente na cela, nem na praça, e nenhuma outra testemunha mencionou tal coisa. Não obstante, há historiadores que defendem sua autenticidade (Quicherat, por exemplo, crê que *...um homem como o Bispo aumenta, mas não inventa*; e outros, que Joana, como também era humana, bem poderia num momento de fraqueza ter feito estas declarações) e o assunto ainda é polêmico.

*Protetores e Defensores de nossa Santa Fé Católica, tomamos a decisão de sustentar, proteger e defender os ditos Juizes, Doutores, Mestres, Clérigos, Querelantes, Advogados, Conselheiros, Notários e todos aqueles que tenham tomado parte de alguma forma ou maneira direta neste Julgamento em particular, e sustentá-los, protegê-los e defendê-los em tudo quanto declararam e decidiram, em cada um e em todos os detalhes das circunstâncias e condições que cercaram e afetaram este Julgamento, de tal forma que a partir deste momento em diante todos os Juizes, Doutores, Mestres e todos os demais, estejam mais inclinados, dispostos e encorajados a promover e a se comprometer, sem medo e sem fraquezas, com a extirpação dos erros e falsas doutrinas que, com tristeza, vemos nascer e se multiplicar nos dias de hoje em vários pontos da Cristandade...*

Olhei para o Bispo, fazendo-me de desentendido. Ele então me disse em tom amargo e pesado:

— Eis toda a recompensa que terei! Uma Carta de Garantias!

Senti um alívio parcial e retruquei com um laivo de ironia:

— Bem, Reverendíssimo, ela nos assegura proteção contra eventuais dissabores futuros, pelo menos diante dos Tribunais deste mundo.

Ele respondeu asperamente, elevando a voz:

— Se desejares, mandarei fazer uma cópia para ti. Assim, poderás levá-la contigo na sepultura para apresentá-la perante o Tribunal Divino, embora duvide muito que lá tenha qualquer validade.

Bebeu mais vinho, desta vez de um trago só, e prosseguiu, mais agitado:

— Depois de tudo o que eu fiz, depois de ter vendido a própria alma, e mais todas as vossas, a Messire Lúcifer, em troca da mitra de Arcebispo, é com isso que tenho que me contentar! Com uma Carta de Garantias!

“Eu diria que ele pensou melhor — respondi em silêncio — e chegou à conclusão de que nossas almas não valiam tanto”.

Diante disso, o Bispo deu ordens à Universidade de Paris (*...fonte inesgotável de toda sabedoria, verdadeira luz da Igreja...*), que tratou de enviar cartas ao Imperador<sup>331</sup>, ao Santo Padre e ao Colégio de Cardeais<sup>332</sup>, enquanto obteve do Duque de Bedford que missivas semelhantes recebessem o selo real e fossem enviadas para as cidades, castelos e igrejas de França, apresentando a nossa versão dos acontecimentos, nas quais, entre outras coisas, afirmávamos que

*...ela declarava reconhecer na Terra a Deus somente e aos Santos do Paraíso, recusando e rejeitando o julgamento de nosso Santo Padre o Papa, do Concílio Geral e da Igreja Militante e Universal...*

mas que, diante da sentença final,

---

331 **Sigismundo de Luxemburgo**, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico (vide nota 305).

332 Vide a íntegra desta carta em Anexos.

*...essa execrável mulher então aberta e plenamente reconheceu e confessou que os espíritos os quais afirmava que lhe tinham aparecido visivelmente não passavam de demônios e espíritos mentirosos...*

Afinal, o Processo havia terminado, e, mesmo que o Bispo fosse tão hábil em manobras protelatórias quanto o antigo Arcebispo Roche-Taillé, mais cedo ou mais tarde teria que abrir mão da autoridade que lhe fora conferida em Rouen. Consequentemente, a não ser que conseguisse algo mais palpável do que uma “coroa de glória eterna”, corria o risco de um destino semelhante ao de meu antigo superior de N....

Uma oportunidade de ouro surgiu quando o Duque, convicto de que a única forma de levantar os ânimos ingleses era coroar o jovem Henry VI como Rei da França, incumbiu Monsenhor de negociações tendo em vista convencer Reims a voltar-se para os ingleses. Não contavam, contudo, com a sombra *dela*, ainda a permear a cidade de tal forma que nem toda a habilidade diplomática do Bispo foi capaz de vencê-la, e a coroação teve que ser mesmo na catedral de Notre Dame, em Paris. Apesar de mais esse malogro, ele era ainda uma figura de peso nos negócios da guerra e o Cardeal deu-lhe a honra de secundá-lo na cerimônia, em 16 de dezembro.

Não obstante, todas as esperanças de voltar para Beauvais, do qual ainda era nominalmente o titular, findaram-se em abril do ano seguinte, quando seu bispado passou às mãos do armagnac Jean Juvénil des Ursins. Mas sua amizade com Martin V ainda rendeu-lhe um resto de benefícios junto ao novo Pontífice, Eugène IV, e em setembro, tão logo Zanon de Castiglione foi transferido para Bayeux, prontamente Sua Eminência, por ordem direta do Santo Padre, consolou Monsenhor das mitras perdidas nomeando-o Bispo titular de Lisieux.

Enquanto isso, o Arcebispado de Rouen, alvo de tão ferrenha cobiça, continuaria vago, alimentando esperanças, conchavos e disputas até 1432, quando Hugues des Orges, Bispo de Châlons, surpreendeu a todos e abiscoitou a presa, mas por pouco tempo: sua morte, dois anos depois (qualquer que tenha sido a causa), reacendeu as chamas, até que, no ano seguinte, Louis de Luxemburgo, ainda Bispo de Théroouanne, conseguiu para si a cobiçada mitra graças às maquinações de seu amigo íntimo Raoul Roussel, tendo feito questão de convidar o Bispo titular de Lisieux para a sua assunção (*Roussel, por sua vez, não ficaria sem sua recompensa: com a morte de Louis de Luxemburgo, “herdou” a mitra em dezembro de 1443, sendo o sermão da cerimônia feito pelo sempre obsequioso e serviçal Jean le Maistre. M.L., MCCCCXLIX*).

E o que mais posso dizer de mim mesmo? O que me tornei depois de tudo isso? *Ela* marcou a vida de todos nós de forma indelével e implacável, e a fogueira que queimou *suas* carnes parece que de alguma forma queimou algo dentro de nossas almas também, pois desde então vivo esse estranho drama de não saber mais ao certo quem eu sou agora.

Quisera que *ela* tivesse arrancado todo o mal de dentro de mim, fazendo-me voltar a ser aquele padre crente e bom que eu era, ou pelo menos julgava ser, em meus primeiros anos de sacerdócio. Desejaria ardentemente poder afirmar que o remorso fez de mim alguém melhor e que, desiludido dos prazeres, glórias e riquezas terrenas, voltei a buscar

abrigo como simples cura numa desconhecida aldeia onde passei a dedicar minha vida aos pobres, às viúvas e aos órfãos, tal como pedira a Monsenhor.

Foi o que fez l'Advenu, segundo informações colhidas. Eu, todavia, tive tempo bastante para devolver estas lindas ideias ao monturo das boas intenções e retornar à mesma vida de antes. Em outubro do mesmo ano da morte *dela*, recebi, finalmente, o cobiçado título de Bacharel em Teologia, sem que eu fosse capaz de definir o que sentia. Certamente, nada semelhante à sensação de vitória de quando obtive o de Mestre em Artes. Mais adiante, obtida a minha convocação para o Concílio, atirei-me à política tal qual planejara e desejara, apenas para perceber em tudo aquilo a sensação estranha de... desalegria? Nem sei se a palavra existe, ou se há outra, que expresse melhor esse algo maior que o tédio e menor que a decepção, que é descobrir que o objeto pelo qual nos empenhamos tanto em conquistar, uma vez obtido, nem sempre nos dá o prazer esperado. Mas não consigo mais parar. Mesmo que sem cobiça em ter e sem prazer em conseguir, prossigo nessa estranha compulsão de jogador, condenado a jogar até não ter mais nada para perder.

Não, *ela* não foi capaz de me converter, mas tampouco pude permanecer incólume. Parece-me que o máximo que *ela* pôde conseguir foi converter apenas metade de mim. Não consigo mais ser nem uma coisa nem outra, nada melhor do que um patife que se odeia pelo que é, sem conseguir deixar de sê-lo. Tal como aquele Agnelo dei Brunelleschi, metamorfoseado nos Infernos em um monstro metade homem, metade serpente, segundo a *Comédia*<sup>333</sup> daquele poeta florentino Dante Alighieri. Teria sido melhor que *ela* jamais houvesse aparecido em minha vida, permitindo-me continuar embebido na inconsciência amoral de minha própria canalhice, orgulhoso de ser o patife que era e não deixei de ser.

Sem mais nada digno de ser dito, assim termino esta confissão a qual, se esse Deus que infelizmente existe o permitir, há de chegar aos pés de Sua Santidade para que se faça justiça, tardia embora; a *ela*, a quem sabíamos, em verdade e justiça, ser não apenas inocente, mas uma Santa; provavelmente estará no Paraíso que jamais alcançaremos, ao lado das Santas às quais permaneceu fiel mesmo ao preço da própria vida, testemunhando eu mais uma vez que tanto a retratação quanto o post-scriptum constantes do Processo são produtos da mentira, da fraude e de dolo.

Justiça também a nós, os que fizemos daquela que deveria ser a mais santa instituição do Orbe, um balcão onde se negocia a salvação das almas, vende-se as bênçãos do Senhor e se trafica os cargos eclesiásticos; onde não se pergunta a quem estamos vendendo o cajado do pastor, mas sim quem paga mais por ele. Justiça, tardia embora, pois quando estes papéis estiverem diante dos olhos de Sua Santidade, é certo que nem eu nem Monsenhor de Beauvais (digo, Lisieux!) poderemos mais ser chamados à prestação de contas perante os tribunais deste mundo.

Pergunto a Vós, Vigário do Cristo na Terra: por que isto aconteceu à Igreja? Estará porventura o Trono de Saint-Pierre numa cidade tão manchada pelo pecado que nem o sangue de seus mártires foi capaz de redimi-la? Nos dias do Império, Roma fez da cruz a

---

333 Assim chamada até 1555, quando foi rebatizado por Boccaccio para o nome atual: *Divina Comédia*. O episódio em questão aparece no XXV Canto do Inferno, e o citado era um nobre que valeu-se de seu alto cargo político para enriquecer pelo roubo e pela malversação das rendas públicas.



mais degradante forma de execução, destinada apenas aos mais baixos e vis criminosos. Morrendo em seus braços, Jesus Cristo santificou-a a ponto de transformá-la no símbolo da redenção humana. Mas, agora que vivemos os tempos da Igreja, mais uma vez Roma transformou a Cruz num lábaro de opressão, de tortura e de suplício.

Há uma única e triste conclusão a que posso chegar: estamos empenhados numa guerra às cegas contra a luz, contra a verdade, enfim, contra o próprio Deus. E em função deste combate perseguimos Wycliff, queimamos Jean Huss, exilamos Gerson e agora supliciamos Jehanne d'Arc. Nós o fizemos antes e, enquanto pudermos, sabe Deus quantas vezes tornaremos a fazê-lo ainda.

Todavia, não importa o quanto possamos perseguir os crentes, torturar os reformadores e executar os mártires. Temos poder para queimar livros e homens, mas não há fogueira neste mundo capaz de reduzir a cinzas verdades e exemplos, e por isso o destino de toda perseguição é inevitavelmente o fracasso, pois não há como vencer uma verdade senão com uma verdade maior. Sem essa arma, nossa luta será como a de Aníbal contra Roma: não importa quantas batalhas vencamos, no fim da guerra seremos sempre derrotados.

É certo que se Deus não fosse mais que uma abstração e tudo quanto dizem as Sagradas Escrituras não passasse de lendas piedosas; se nada mais houvesse a se esperar depois da morte senão um corpo apodrecendo na sepultura, então não teríamos do que nos lamentar ou nos arrepender: antes, teríamos sido os homens mais astutos e sagazes de nosso século.

Foi-me fácil e agradável crer nisto durante muito tempo, mas hoje a imagem da minha vítima, decalcada a fogo em minhas pupilas, grita ao meu coração que não pode ser assim. De qualquer maneira, não é possível haver meio-termo, seja para *ela*, seja para nós. Se Jehanne d'Arc não é a mais santa criatura que este século pôde conceber, então certamente foi a mais estúpida, a mais imbecil camponesa da França, digna tão somente de compaixão ou desdém, como todos aqueles que se votam a qualquer sacrifício seja pela razão que for.

Por mais que me fosse agradável, não consigo mais me acomodar a esta última possibilidade. Eu, que em nada cria, hoje, contra minha vontade e contra todos os meus interesses, creio *nela* como o próprio Diabo crê em Deus: um culto sem fé e sem amor, um credo feito de ódio e medo que me faz tremer, porque me obriga a acreditar numa Justiça Divina perante a qual hei de comparecer provavelmente em breve, arrastando comigo a grandeza infame de minha culpa, tal como Nero, tal como Caifás.

Pois seja assim. Que reverbere eternamente em meus ouvidos a voz de Deus a condenar sem piedade e sem apelo: *apartai-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno!*<sup>334</sup>; ou a gargalhada de Satanás ao me precipitar no mais fundo Inferno, onde os demônios me sujeitem a todas as torturas do corpo e da alma; nada disso me será tão terrível quanto a contínua lembrança daqueles olhos fixos nos meus, daquela voz a repetir em meus ouvidos:

— Ide em paz, Padre. Que Deus vos perdoe como eu.

*Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa.* Amém. Amém.

---

334 Vide Novo Testamento, Mateus, 25:41.

*N. Q. Mil CCCCXLII*

qui terminam as memórias (ou a confissão, como se queira), do Padre Nicolas l'Oiseleur, por ele mesmo confiadas a mim sob a promessa de fazê-las chegar às mãos do Santo Padre em Roma. Mantive-as sob minha guarda e segredo, por longo tempo, **A**inda que no mesmo ano eu tivesse recebido notícias da sua morte em Basileia, bem como a de seu antigo amo Monsenhor de Beauvais, digo, Lisieux.

Devo admitir que, embora participe no Processo de Condenação da Donzela, o conhecimento de certos fatos tomou-me da mais viva surpresa. É bem possível que sejam verdadeiros, já que muitas coisas foram ocultadas à maioria de nós. Por outro lado, conhecendo o autor destas memórias como conheço, não sei até que ponto seu relato é confiável, já que não julgaria sua palavra um penhor da verdade.

Não me foi fácil atender ao seu pedido. Não apenas o medo, também a angústia que me causava o ter que me desfazer daquele anel que guardava com tão grande devoção, sobre o qual fazia tantas orações, levaram-me a protelar o quanto pude. Até que, finalmente, a entrada de Charles VII em Rouen escancarou a oportunidade diante de mim, por razões que não convém esclarecer; somente então criei coragem e fiz, não sem dor, a entrega à personalidade em questão, cujo nome não tenho ânimo de revelar por escrito. Creio que somente teria coragem de dizê-lo aos ouvidos de Sua Santidade, caso ele quisesse dar-se ao luxo de ouvir as palavras de um simples cura de aldeia.

Não obstante, em função dos perigos que atormentam este século de guerras e violências sem fim, tomei a liberdade de tirar uma cópia rigorosamente exata destes escritos bem como dos reclamos por mim acrescentados, guardando-os a seguir em lugar seguro, para a hipótese de os originais, pela razão que for, perderem-se.

*M.L. Mil CCCCXLIX*

## PARTE IV

### Reclamos do Padre Martin l'Advenu

*Herege não é aquele que arde na  
fogueira, mas sim aquele que a acende.*

William Shakespeare

*Então é preciso que um novo Cristo seja  
martirizado e morra em cada época para salvar  
aqueles que não tem imaginação?*

Bernard Shaw

## VIII

A partir deste momento, a mim cabe contar tudo o que se passou a seguir. Afinal, se a rotina diária da vida não se deteve sequer com a morte do próprio Cristo, não se deteria com a de uma de Suas enviadas. Tanto assim que, no dia seguinte, independente do que pudéssemos estar sentindo, comparecemos pontualmente à catedral de Rouen a fim de participarmos da missa de Corpus Christi, celebrada por Monsenhor, na qual confessamos e comungamos como de costume. Naturalmente, não disse ao confessor uma só palavra sobre os acontecimentos da véspera. Afinal, a experiência alheia me ensinou que se a confissão salva-nos no Céu, não raro perde-nos na Terra, o que me fez pensar com amarga ironia na frase do Bem-Aventurado Beato Jérôme de Strídon: será confirmada no céu a bênção que recebemos do sacerdote na Santa Missa.

Depois de os ingleses terem executado Jehanne d'Arc, estavam dispostos a executar até mesmo a simples lembrança de sua existência. Por outro lado, a Corte francesa achava mais cômodo ignorar o assunto, enquanto a Borgonha, embora ainda oficialmente aliada da Inglaterra, tinha por único interesse negociar com ambas as partes, aguardando ver para que lado sopraria o vento da Fortuna. A Igreja, por sua vez, deixou clara a sua posição em ambos os reinos: a 4 de julho, o Inquisidor Jean Graverent, em um sermão público na igreja de Saint-Martin Deschamps, enalteceu a sentença contra aquela mulher

... que se vestia de homem desde os treze anos de idade; a quem seus próprios pais teriam feito morrer, se pudessem fazê-lo sem que lhes pesasse na consciência, pois era possuída pelo Inimigo infernal; e por esta razão, ela abandonou-os e passou a viver no homicídio da Cristandade, respirando fogo e sangue até o dia em que foi queimada...<sup>335</sup>

enquanto, do lado francês, o Arcebispo de Reims afirmava que

...a execução foi um testemunho da vontade de Deus.

Por tudo isso, pensasse o que pensasse o povo, fosse onde fosse, ninguém ousava dizer coisa alguma sobre **ela**, exceto num único lugar: Orléans. Se em vida já era reverenciada como libertadora, desde a notícia de **sua** morte passou-se a celebrar missas e procissões em **sua** memória. Ao que parece, lá não houve quem julgasse necessário aguardar a permissão da Igreja para reconhecê-la como santa.

Três dias depois, recebi ordens de tomar parte numa cena que mais do que tudo teria querido evitar. Tive que comparecer uma segunda vez ao Velho Mercado de Rouen, onde a fogueira seria mais uma vez acesa para acabar de reduzir a cinzas os restos mortais de Jehanne d'Arc. Guardas rodeavam o local, a fim de não permitir a aproximação do povo. Assim que me viram, os serventes se aproximaram como a pedir ordens, mas eu me limitei a acenar para que continuassem seu trabalho, e obedeceram.

---

335 Journal d'un Bourgeois de Paris.

*Por mais que tentasse manter distância e desviar os olhos, mal me dava conta e eles já estavam voltados para aquele corpo ainda preso à estaca pelas correntes de ferro, forçando-me a lutar contra um sentimento de estranheza, de incredulidade, mais fácil de sentir do que de definir, ao recordar que aquele boneco nu, inerte, rígido, silencioso, sem vida, há uma semana apenas era animado por uma férrea vontade capaz de abalar tão grandiosos poderes.*

*Nisso, outro servente veio em direção à estaca, trazendo um saco. Ao ver-me, deteve-se, surpreso, e então mandei que se aproximasse e pedi para ver o conteúdo, que no íntimo adivinhava. Visivelmente receoso, o homem pôs o saco no chão e abriu-o. Como supus, lá dentro estavam as vestes masculinas, as botas, e até mesmo a palha sobre a qual **ela** dormira durante todos aqueles meses, onde uma barata se mexia buscando refúgio no fundo. “Também ela será condenada à fogueira, mas não terá que passar por um julgamento religioso”, pensei. Fiz menção de tirar alguma coisa para mim, como lembrança; contudo, o criado tornou a tomar o saco e a fechá-lo, dizendo cheio de medo:*

*— Queira perdoar-me Vossa Paternidade, mas é proibido. As ordens são para queimar tudo, para não poupar sequer um fiapo de palha.*

*Preferi não discutir. Ele acabou de amarrar firmemente a boca do saco e jogou-o na fogueira. Feito isto, o carrasco, depois de lançar generosas quantidades de óleo, carvão e enxofre na pira e no cadáver, ateou fogo, que desta vez ardeu com grande rapidez e intensidade. Ficamos a contemplar a fogueira num silêncio em que o próprio tempo parecia haver parado, perturbado apenas pelo crepitar das chamas e pelo odor de carne tostada, do qual tentava me livrar andando de um lado para outro. O carrasco, por sua vez, já devia estar acostumado, pois ficava perto da fogueira, imperturbável, pronto para alimentar as chamas sempre que lhe parecesse necessário.*

*Depois de um tempo que me pareceu nunca passar, finalmente julgou-se que tudo já fora reduzido a cinzas, o fogo foi apagado depressa e os serventes puseram-se a empunhar pás e vassouras para esfriar e guardar em sacos todas aquelas cinzas ainda mornas. De repente, fui surpreendido por um grito de desespero junto ao poste carbonizado. Um servente apontava para algo no chão, olhando para mim como uma criança apavorada a buscar pela mãe. Logo juntamo-nos todos em volta e vimos entre as cinzas uma massa de carne rígida, escura, ainda manchada de sangue.*

*— É o coração **dela** — disse o carrasco, em voz sumida, olhando para mim.*

*Meu primeiro impulso foi ajoelhar-me, e não estava sozinho neste sentimento. Uns dois serventes chegaram a dobrar um joelho, fazendo o sinal-da-cruz, e todos os demais fizeram menção de acompanhá-los, mas quase logo olharam para mim como se esperassem minha decisão. Todavia, o peso daqueles olhares deixou-me imobilizado, incapaz de falar ou fazer qualquer coisa, e os demais me imitaram, enquanto nos olhávamos em silêncio. Por fim, o carrasco, perturbado, perguntou-me, num fio de voz.*

*— O que faremos com ele?*

*Tremi. Pela primeira e provavelmente última vez na vida, tinha, diante dos olhos e no alcance das mãos, uma relíquia verdadeira. Oscilava entre o desejo de guardá-la comigo, e o de sepultá-la em solo consagrado, mas hesitei ao suportar mais uma vez todos aqueles olhos convergindo sobre mim. Voltei o olhar na direção dos guardas, depois para o Palácio Arquiepiscopal (“...quem rouba restos queimados de hereges para deles fazer*

reliquias, indiscutivelmente venera-os como se fossem santos... somente hereges veneram outros hereges como santos...<sup>336</sup>) e então a coragem me fugiu de todo.

— Cumpram as ordens — murmurei, enquanto os outros me olhavam, decepcionados, e depois de alguma hesitação um deles tomou aquele coração e jogou-o rapidamente num dos sacos, como se temesse estar praticando algum sacrilégio.

A seguir, dirigimo-nos lentamente para a ponte de Mathilde. Então, os guardas se dirigiram para as duas extremidades a fim de impedir o trânsito dos passantes, enquanto os serventes abriam o primeiro saco e jogavam em etapas o conteúdo nas águas do rio Sena. A seguir, foram fazendo o mesmo com os demais, enquanto eu me distraía a olhar para aquelas cinzas que se dispersavam, arrastadas pela corrente, até que algo caiu como uma pedra, chocou-se contra o leito do rio e desapareceu. O coração de Jehanne d’Arc acabava de mergulhar definitivamente dentro do seio da França.



Ponte de Mathilde

Terminado o serviço, os serventes ficaram me olhando como se esperassem algo de mim, mas eu não imaginava o quê. Até que, por fim, sacudiram a cabeça, jogaram os próprios sacos dentro da água e se retiraram, seguidos pelos guardas. Eu ainda fiquei por quase um quarto de hora naquele lugar, olhando e escutando o barulho das águas a passar.

Julgávamos que tudo havia terminado e esperávamos ser finalmente dispensados para retornarmos aos nossos afazeres cotidianos. Ao invés, permanecemos à disposição de Monsenhor de Beauvais para um segundo julgamento, previsto para dali a dois ou três meses. Recebi a notícia como um prolongamento de agonia, porém, como o assunto ainda envolvia **aquela** a quem havíamos queimado na fogueira, o mesmo tribunal foi considerado competente para julgar a questão. Para nossa surpresa e alívio, este seria igual à maioria esmagadora dos julgamentos eclesiásticos da época, e, por isso mesmo, sem qualquer semelhança com o anterior.

Em 3 de agosto foi trazido à nossa presença um monge desconhecido, de nome Pierre Bosquier, da mesma Ordem a que eu pertencia. Vinha acorrentado, trêmulo, curvado. Olhava para nós tal como uma criança a encarar o pai prestes a castigá-la. Tentava sorrir para nós, mas o que víamos era uma risota pálida, medrosa, idiota, dando a seu rosto um esgar que o fazia parecer um saltimbanco de feira.

Então, seu crime foi-nos formalmente anunciado: era com profunda consternação e desgosto que Monsenhor, segundo suas próprias palavras, notificava-nos que o réu, conforme o depoimento de várias testemunhas, fora visto e ouvido na manhã da execução da Donzela a lamentar a sorte da condenada, afirmando injusta a sentença. Um murmúrio fez-se ouvir entre nós, fazendo-me tremer por um instante ao me lembrar da frase do velho Alespée. Não era senão por pura sorte que ele, e talvez eu, não estávamos na mesma situação do acusado.

---

336 Directorium Inquisitorum, I, “Os benfeitores de hereges”, adendo XVI, 5.

*Assim que se fez silêncio, Monsenhor atacou a questão vigorosamente. Aquilo não era apenas uma quebra da disciplina eclesiástica, mas um verdadeiro e monstruoso crime! Seu comentário impudico, na melhor das hipóteses, não era menos que um pesado insulto à honorabilidade daqueles Juízes que, arriscando-se ao furor dos ingleses (que pressionavam sem tréguas!), lutaram com todas as forças, lançando mão de todos os recursos ditados pela sabedoria, experiência e piedade num sacrificial esforço para atrair de volta ao redil a ovelha desgarrada — esforço inútil, pois a herege, ébria de soberba, atirou de volta à face deles o pálio de salvação que **lhe** fora tão caridosamente oferecido.*

*Contra o mais íntimo desejo de seus corações, aqueles Juízes honrados e impolutos pronunciaram a única sentença compatível com a gravidade do caso; severa, mas de indiscutível acerto e valor, ante o risco de contaminação da unidade da Igreja e das almas dos inocentes e ignorantes. E, como recompensa a tantas canseiras, súplicas e esforços, não só a dor de vê-los nulos em função da dureza do coração da apóstata, mas também a de serem caluniados por aquele monge, que, como tal, tinha a obrigação ser um exemplo de disciplina e solidariedade cristã para com seus irmãos. Mas — oh, desgraça! — isso não era tudo, nem sequer o pior:*

*— Quem declara que determinado herege foi condenado injustamente, apoia a seita do condenado e desaprova a Igreja, que a condena<sup>337</sup>. Portanto, é benfeitor de hereges, crime cuja sentença é a excomunhão! Se a heresia, vinda de uma camponesa ignorante como a ré citada acima, já é o pior crime de todos — o crime de lesa-majestade divina! — um sacerdote benfeitor de hereges é algo tão blasfemo e monstruoso quanto a compaixão pelos condenados do Inferno, pois é julgar injusta a sentença emitida pelo Todo-Misericordioso. É nivelar-se a Judas, que, Apóstolo, preferiu alinhar-se com aqueles que vieram prender Seu Senhor e Deus! Por mais doloroso que seja punir um membro da Igreja, crime de tamanha gravidade não pode, sob pena do mais imoral escândalo, passar sem rigorosa e adequada punição! Não obstante, não apenas se pode, como se deve temperá-la com a misericórdia adequada àqueles que, ao contrário da ré Jehanne d'Arc, não se obstinam no erro e estão prontos a aceitar a branda corrigenda necessária à paz e à harmonia no seio da Santa Madre Igreja!*

*O réu então foi questionado. Respondia tremendo e gaguejando de tal forma que, às vezes, a voz lhe sumia, de modo que em determinados momentos quase não era possível entender o que falava. De início tentou dizer que deveria haver um engano, jamais houvera feito tal coisa, de forma alguma ousaria, em sã consciência, discutir uma sentença emitida por tão eminentes e letrados Mestres e Doutores em nome da Igreja.*

*O Bispo, então, retrucou que era inútil negar, pois as testemunhas haviam testificado que ele verdadeiramente estava no local e dissera aquelas palavras. O réu tentou argumentar que havia um equívoco: não negava ter estado no local, tecera mesmo alguns comentários que, pelo visto, receberam interpretação equivocada, a não ser que, por malícia, tivessem lhe atribuído palavras que jamais tivera intenção de dizer.*

*Monsenhor voltou à carga, citando as testemunhas como cristãos confessos e dignos de confiança, e retratando a atitude do réu para com a Igreja como a de um filho desnaturado que houvesse visto a própria mãe ser espancada e, ao invés de defendê-la e*

---

337 *Directorium Inquisitorum*, I, “Os benfeitores de hereges”, adendo XVI, item 3.



confortá-la, antes mostrasse compaixão pelos agressores; ao que o acusado curvava-se, chorava e gaguejava mais e mais, até que, à simples menção da palavra “tortura”, caiu de joelhos implorando por misericórdia, tentando agarrar a mão do Bispo para beijá-la, o que este evitou com um gesto violento. Sim, confessava haver cometido hediondo pecado, do qual se arrependia com todas as veras de sua alma, passando a repetir aquilo **ad nauseam**.

Monsenhor perguntou-lhe a razão de haver pecado de tal forma. O padre perturbou-se e não encontrou resposta. Todavia, quando o Bispo inquiriu-o sobre se não teria abusado do vinho naquela manhã, imediatamente o réu recuperou a palavra. Sim, era verdade, havia bebido muito vinho naquela manhã e por isso não estava em seu perfeito juízo! E, uma vez que, ao contrário da ré Jehanne d’Arc, o demônio do orgulho não contaminara seu coração, suplicava aos pés de seus Juízes, exemplos vivos de sabedoria e piedade, que lhe tivessem misericórdia!

O Bispo perguntou-lhe a razão de ter tentado enganar aquele egrégio grupo de prelados que deveriam ser considerados como seus verdadeiros pais, ao que ele respondeu jamais ter tido semelhante intenção: não confessara seu crime antes, unicamente porque o excesso de vinho turvara-lhe a memória, pois primeiro teria queimado os próprios lábios e língua do que, em perfeito juízo, emitir enormidades tão blasfemas.

Ajoelhado, estendia as mãos trêmulas para nós, chorando e soluçando, insistindo quase todo o tempo em implorar piedade. Reconhecia haver cometido abominável pecado merecedor dos mais severos corretivos, mas que levassem em conta a humildade de sua submissão. Arrependia-se amargamente, abjurava, maldizia e detestava tudo quanto o Demônio dissera por intermédio de seus lábios, numa ocasião infeliz em que sua vigilância permitira que o vinho lhe turvasse a consciência.

Como sua monótona facúndia ameaçasse prolongar-se **ad æternum**, Monsenhor por fim cansou-se e mandou-o levantar-se e calar-se. Que ao menos tentasse mostrar um mínimo de decência e dignidade, se é que conhecia o significado destas palavras, pois com aquela atitude conseguia inspirar unicamente asco. Alguns se riam à socapa, cheguei mesmo a ouvir comentários à meio-tom de que o réu “sabia com quem estava lidando”; mas outros, como o próprio le Maître, coravam de vergonha e raiva. Creio que também eu devia ter no rosto um ar de nojo. Dele, e — por que não admitir? — de mim mesmo, que estaria me submetendo de forma igualmente abjeta se estivesse na mesma situação. Nenhum de nós era Jehanne d’Arc, mas o fato é que Monsenhor naquele momento logrou transmitir exatamente o que todos nós sentíamos.

Nem por sonhos foram precisos debates prolongados para se chegar a uma sentença. De início, o réu foi intimado a abjurar, o que fez conforme o protocolo:

— Venerável Pai em Cristo e Senhor, e vós, Vigário da religiosa pessoa de Graverent, renomado Doutor em Teologia Sagrada e Inquisidor da Perversidade Herética no reino de França, especialmente apontado pela autoridade da Santa Sé: eu, Pierre Bosquier, Frade da Ordem dos Frades Pregadores, miserável pecador a vós sujeito, desejo, como um bom e verdadeiro Católico, obedecer em tudo à minha Santa Madre Igreja e a vós Juízes dentro deste assunto com toda humildade e devoção, como confesso ser minha obrigação fazer.

*De acordo com as informações obtidas às vossas ordens, eu fui considerado culpado do que se segue: que, no último dia da véspera da Festa de Corpus Christi, eu disse que vós, Juízes que julgaram essa mulher Jehanne, comumente chamada A Donzela, tínheis agido mal; tendo em vista que aquela Jehanne tinha comparecido diante de vós para ser julgada num Processo em matéria de fé, estas palavras soaram como malignas e parecem inclinar-se de alguma forma para a perversidade herética; estas palavras — que Deus me perdoe, uma vez que ficou claro que eu as expressei — foram ditas e proclamadas por mim irrefletida e inadvertidamente, depois de ter abusado do vinho. Eu confesso que neste caso pequei gravemente, e, ajoelhado e de mãos postas, suplico o perdão de nossa Sagrada Mãe a Igreja e de vós, meus Juízes e mui temidos senhores: eu suplico a misericórdia da Igreja, e humílimo me submeto à sua emenda, correção e castigo, rogando humildemente que possa ser a mais branda possível.*

*Tendo ele cumprido obedientemente, foi lida a sentença:*

*m nome do Senhor, Amém. Nós, Pierre, por graça de Deus Bispo de Beauvais, e Irmão Jean le Maistre, apontado para a cidade e diocese de Rouen pelo renomado Doutor Jean Graverent, Inquisidor da Perversidade Herética, ele próprio apontado pela apostólica autoridade para servir no*  
**E** *Reino de França, como seu representante e Vigário em tudo o que diga respeito ao caso em questão, tendo visto os fatos do Processo em matéria de fé contra a religiosa pessoa do Irmão Pierre Bosquier, e considerado as informações colhidas à nossa ordem sobre as acusações que pesam sobre ele, vimos que foi e é perfeitamente claro que não muito tempo após termos dado sentença contra certa mulher, Jehanne, comumente chamada A Donzela, entregando-a ao braço secular como herética, o acusado disse e proferiu num certo lugar diante de algumas testemunhas que nós havíamos julgado e agido errado, e que todos os que a julgaram também o fizeram; com isso ele deu a impressão de estar a favor da dita Jehanne, pelo que ele gravemente errou e pecou.*

*Não obstante, vendo que o dito irmão Pierre Bosquier, como bom e fiel Católico, declara ser seu desejo obedecer em todas as coisas com humildade e devoção à nossa Santa Madre Igreja e a Nós seus Juízes, submetendo-se de boa vontade às nossas ordens e correções, e ter-se declarado pronto para obedecer às nossas determinações, nós, optando pela misericórdia ao invés da rigorosa justiça, lembrando a qualidade de sua pessoa e que suas palavras foram ditas depois de ter abusado do vinho, absolvemo-lo da sentença a que estaria sujeito, em nome da solidariedade Católica e para reparar sua boa reputação, como se faça necessário. Não obstante, nós condenamo-lo a ficar aprisionado, a pão e água, até a próxima Páscoa, no monastério dos Frades Pregadores, nesta sentença final por nós pronunciada por este Tribunal nestes termos sujeitos à nossa misericórdia e moderação.*

*Tão logo terminou de ouvir sentença, o padre novamente caiu de joelhos para agradecer, chorando e rindo, aos seus Juízes por tão grande misericórdia, proclamando que a purgação canônica à qual fora condenado era reconhecidamente mais branda do que merecia. Tive que virar o rosto, enquanto lutava por sair dali o quanto antes, até que Monsenhor não suportou mais e ordenou aos guardas que o levassem de imediato. Ao sair, foi com inaudito alívio que respirei fundo o ar livre.*

## IX

*De acordo com o Mestre de Stagira<sup>338</sup>, a Natureza tem tão acentuado horror ao vácuo que preenche imediatamente todos os espaços vazios onde este poderia se formar. Não sei se o Filósofo percebeu quão mais verdadeiro é este fato no que diz respeito à natureza humana: as necessidades sociais e políticas procurarão sempre ocupar os espaços vazios deixados pela desaparecimento de personalidades de escol, ainda que a experiência demonstre o fracasso da maior parte destas tentativas.*

*O presente caso não foi uma exceção. A trágica morte de Jehanne d'Arc trouxe tal vácuo que paralisou todas as iniciativas, e para preenchê-lo não faltou mobilização. Uma vez que não parecia plausível ressuscitá-la dos mortos, a solução lógica era tentar substituí-la por um vivo, e os armagnacs resolveram que era a hora de lançar mão do pastor de Gévaudan a quem o próprio Regnault de Chartres apresentara à Corte como o legítimo sucessor da Donzela.*

*Com um fiador desse porte, naturalmente o jovem enfrentou muito menos ceticismo que sua predecessora, e velhos companheiros **dela**, como la Hire e Xaintrailles, receberam com entusiasmo o novo enviado dos Céus, o qual, em suas próprias palavras, vinha para fazer nem mais e nem menos do que a Donzela; e, para prová-lo, mostrava-se às tropas a cavalo (montado de lado, à maneira das mulheres) exibindo as mãos a fim de que todos pudessem nelas ver as marcas da escolha divina.*

*Todavia, nem seus alegados estigmas, nem as palavras do Arcebispo de Reims, nem o entusiasmo dos veteranos, puderam fazer dele uma nova Jehanne d'Arc, e uma vez em ação, revelou-se de pronto um fracasso patético e retumbante. Tudo quanto conseguiu fazer de semelhante a **ela** foi ser capturado pelos ingleses próximo a Beauvais em agosto do mesmo ano e conduzido a Rouen, reclamado por Monsenhor, sob a alegação de que também ele fora capturado dentro dos limites de sua diocese.*

*Durante quatro meses ficou preso no Château, dentro da mesma cela, enquanto Monsenhor tentava obter do Cardeal a permissão para promover outro julgamento em matéria de fé, o que me trouxe a sensação de que aquilo nunca mais acabaria, que estaríamos sempre às voltas com mais um processo. Contudo, meus sentimentos, ou os de quem quer que fosse, nada significariam para o Bispo, que por certo não tinha pressa nem interesse em abrir mão da autoridade que lhe fora conferida dentro da mais importante diocese francesa em mãos inglesas.*

*Não obstante, quando pude ver pessoalmente o prisioneiro, constatei com alívio que nada em comum poderia haver entre **ela** e aquele jovem afeminado, ignorante e choramingas. Mais alívio senti quando o caso foi resolvido de forma ainda mais rápida que a do Padre Bosquier. Ao pedido de Monsenhor, o Cardeal finalmente respondeu:*

*— Já tivemos a oportunidade de ver como você conduz um julgamento desta natureza. Os custos em termos de tempo e dinheiro foram altos demais para que possamos nos dar ao luxo de repetir a experiência.*

---

338 **Aristóteles.** A teoria do “horror ao vácuo” foi imposta como verdade indiscutível durante toda a Idade Média, só sendo posta de lado no século XVII, após as experiências de Torricelli, Pascal e von Guericke.

Aborrecido, o Bispo acabou por devolver o prisioneiro aos ingleses, que o exibiram ao povo como troféu durante a coroação de Henry VI em Paris<sup>339</sup>. E, como em todos esses meses ninguém ofereceu por seu resgate nem um denier, na mesma noite foi costurado dentro de um saco e atirado ao Sena.

Cerca de seis anos se passaram, quando começamos a ouvir boatos inquietantes vindos da Lorena. A princípio demos de ombros, sobretudo porque notícias piores e mais exatas exigiam maiores preocupações de nossa parte, embora interiormente uma terrível inquietação houvesse tomado conta de mim, e provavelmente não apenas de mim, por mais certeza que tivéssemos do absurdo daquilo que se falava. Nosso silêncio a respeito, contudo, não impediu que os boatos fossem assumindo proporções cada vez maiores.

Por mais estranho que parecesse, houve quem considerasse viável ressuscitá-la dos mortos. Alguns meses após a queda de Paris, começou-se a falar em toda parte da reaparição **dela**, mesmo aqui em Rouen onde todos **a** tinham visto morrer na estaca. **Ela** se apresentou de volta à vida pela primeira vez na cidade de Metz em maio de 1436, contando uma história assombrosa: não apenas seria a própria a quem havíamos queimado em Rouen, como ainda Jehanne d'Arc, na verdade, não seria filha de simples camponeses, e sim do mais nobre sangue da França, bastarda de Isabeau de Bavière com o cunhado, Louis de Orléans, o qual **a** teria confiado aos camponeses em Domrémy a fim de mantê-la em segurança.

Naturalmente, houve dúvidas e questionamentos, mas, para surpresa de alguns e alegria de muitos, Jean e Pierre d'Arc foram ao **seu** encontro e afirmaram publicamente nela reconhecer sua famosa irmã. Valendo-se desta fiança, a jovem dera início a uma verdadeira marcha pontuada por ovações e triunfos, dos quais se valia para pedir e receber armas, cavalos, e, sobretudo, dinheiro.

Aquilo me atingiu mais do que gostaria de admitir, no entanto, me atingiria ainda mais, como se fosse possível. Em 1439 os boatos atingiam tal alarido que não podíamos mais ignorá-lo, e certa noite, fui chamado ao Palácio Arquiepiscopal, à presença do próprio Arcebispo, que me estendeu o anel para que o beijasse. Após um tempo de silêncio, no qual parecia que ele me avaliava, começou:

— Padre Martin l'Advenu...

— Às ordens de Vossa Reverendíssima...

— ...você conheceu pessoalmente a Donzela, não?

À simples menção deste nome, um frio me subiu pela espinha.

— Sim, Reverendíssimo. Tomei parte no Julgamento, inclusive, por ordens do Reverendíssimo senhor Bispo de Lisieux, então juiz, confessei-a e ministrei-lhe a Hóstia Sagrada no próprio dia da execução...

Após um tempo de silêncio, olhou-me de alto a baixo e prosseguiu:

— Sendo assim, vou confiar-lhe uma missão.

Aquelas palavras causaram-me um misto de orgulho e medo. O Arcebispo em pessoa confiava-me uma missão! Mas, qual missão? Olhei de soslaio em volta e estremei

---

339 Vide página 467.

ao me dar conta de que estávamos ambos a sós, ou pelo menos tal me pareceu. Aguardei em silêncio, que ele por fim interrompeu, num tom mais baixo:

— Precisamos saber o que há de fato na pretensa ressurreição da Donzela. Incumbimo-lo de investigar **pessoalmente**, a fim de nos informar a respeito.

Respirei fundo e perguntei, com voz trêmula:

— Se entendi corretamente as ordens de Vossa Reverendíssima, é necessário que eu a veja em pessoa, a fim de reconhecê-la ou não...

— Não temos necessidade alguma de confirmar o óbvio! — cortou-me, ríspido. — Queremos que fale diretamente a esta que diz ser **ela**, que a ouça em confissão e descubra quem é e o que pretende.

Senti-me de volta ao Processo e, não sei como, ousei perguntar em voz baixa:

— Perdão, Reverendíssimo, mas, se eu ouvi-la em confissão, não estarei obrigado a guardar segredo do que me for revelado?

À guisa de resposta, Louis de Luxemburgo me olhou de tal forma que baixei a cabeça engolindo em seco quaisquer outros questionamento que pensasse em fazer. Depois de prolongado silêncio, ele prosseguiu em tom de esmagadora autoridade:

— Ela, segundo se diz, está a caminho de Órleans. Portanto, não precisamos dizer-lhe para onde deve ir.

— Quem mais irá comigo, Reverendíssimo? — perguntei, na vaga esperança de uma escolta, receoso de nossas estradas, onde uma simples viagem era uma autêntica aventura com chances muito altas de acabar em desventura.

Olhou-me de alto a baixo antes de responder:

— Tendo em vista que a ela você se apresentará como um cura de aldeia (e um simples cura não viaja sob escolta), não julgamos necessário nem conveniente semelhante medida. Portanto, trate de ser cauteloso nas estradas, pois você estará por si mesmo. Alguma dúvida quanto ao que esperamos que faça, Padre Martin l'Advenu?

Num fio de voz, respondi:

— Nenhuma, Reverendíssimo.

Estendeu-me o anel pela segunda vez, dando assim por encerrada a entrevista.

No dia seguinte, pus-me a caminho, cheio de apreensões. Voto de obediência, obediência cega, e agora teria que me aventurar por entre estradas cuja única segurança, em determinados pontos, era a proteção dos Céus. E ousaria um criminoso do meu quilate suplicar por ela?

Felizmente, a misericórdia divina foi maior que minhas culpas, de modo que as coisas não foram como temia. Depois de dias a temer um encontro com a gente da Conqueville — encontro esse cujas chances de ser amigável eram menores que as da mula parir — foi com indisfarçável alívio que, já em território armagnac, pude me juntar a uma verdadeira romaria em marcha para Orléans.

Em nosso redor, notícias e boatos brotavam e cresciam como cogumelo em tronco podre, mas, por fim, chegamos à cidade, onde **ela** era ansiosamente aguardada, e dias depois pude presenciar sua entrada, uma apoteose tão gloriosa que a cidade prontamente suspendeu as missas em memória de sua heroína. Depois de muitos empurrões e protestos, minha batina permitiu-me, abrir caminho na multidão e vê-la de perto. Precisei então apertar o mais forte que pude o crucifixo contra o peito, numa fútil tentativa de deter o

*tropol que se agitava dentro de mim, sem que eu pudesse definir o que senti naquele primeiro instante. No entanto, conforme fui observando-a mais atentamente, uma sensação de alívio foi progressivamente acalmando os tumultos do meu coração.*

*Deixei passar os primeiros dias, que fervilharam de comemorações e festejos, e na primeira ocasião dirigi-me à casa onde ela se hospedava. Estava à porta, falando a uma pequena multidão que tinha vindo à cidade tão somente para vê-la e adorá-la. Prestava a mais cuidadosa atenção naquela jovem que falava e falava e falava sem parar, visivelmente deliciada com as atenções que recebia, afetando apenas breve relutância quando vinham beijar suas mãos.*

*Então, na primeira oportunidade, sempre graças à minha batina, abri caminho entre a multidão e dirigi-me a ela de forma ostensiva, fazendo o sinal da Cruz. A jovem fitou meu rosto, depois meu hábito, e sorriu como sorria para todos os desconhecidos que vinham reverenciá-la, para quase logo se ajoelhar espetacularmente e beijar minha mão, jorrando uma cascata de palavras sobre o quanto era obediente a Deus e submissa à Igreja. Questionada por um popular sobre como escapara à fogueira, voltou-se para mim, sorrindo, e respondeu:*

*— A Igreja sabia que eu era enviada de Deus, e, por isso mesmo, jamais iria me condenar. Por outro lado, era preciso enganar os ingleses. Então, outra mulher foi posta na fogueira em meu lugar e fui secretamente libertada. A Igreja não podia agir de outra maneira, podia? Não é assim, Padre?*

*O povo olhava para nós com tamanha veneração e embevecimento que senti pena. Dele, dela, de mim mesmo. Então, engolindo em seco as recomendações do Senhor Arcebispo, consegui sorrir e lhe falei o mais mansamente possível:*

*— Minha filha, você daria a este velho cura o prazer de escutar sua confissão?*

*A jovem estremeceu, olhou em volta com visível ansiedade e disfarçou em um sorriso a voz menos firme com que me respondeu:*

*— Certamente que sim, Padre. Para mim, o desejo do sacerdote é ordem santa, pois é a vontade do unguido de Deus. Todavia, não me submetereis novamente a um Processo como aquele, espero!*

*As pessoas sorriram, e eu também, embora contrafeito. Como o povo em volta parecesse não saber o que fazer, pedi que permitissem a ela confessar-se a sós, sem ser perturbada. A jovem mostrou algum alívio e reforçou meu pedido, prometendo vê-los todos mais tarde, e convidou-me gentilmente para entrar, tentando sem muito sucesso disfarçar o receio.*

*Dentro da casa, trouxe-me um banco para sentar, pedindo desculpas por não dispor uma cadeira para me oferecer; julgou que eu tinha sede e me ofereceu vinho, prevenindo-me da simplicidade dele, ao que eu, ansioso por acabar logo com aquilo, gentilmente recusei; falou do tempo quente e tornou a perguntar se não desejava mesmo beber outra coisa, falou mais uma vez de sua devoção e obediência ao sacerdote, como unguido de Deus que era, pediu-me licença para sentar-se num baú próximo e, como não tivesse mais como protelar, sorriu sem graça e concluiu:*

*— Terei o máximo prazer em atender às ordens de Vossa Paternidade, como vos disse. No entanto, não sei se estou realmente preparada para um ato tão sagrado, pois a verdade é que, como não estava prevenida para isso, não fiz exame de consciência.*

*Dominei minha própria angústia, tirei meu crucifixo e coloquei-o sob sua mão direita, depois do quê, falei-lhe, solene:*

— *Minha filha, a misericórdia divina contenta-se com a boa vontade do pecador. Lembro-lhe que sua mão está sobre a Cruz do Senhor, diante do Seu sacerdote. Sendo assim, pela salvação de sua alma, peço-lhe diga-me a verdade e apenas a verdade.*

*Ela empalideceu, seus lábios tremeram e sua testa cobriu-se de suor, enquanto eu lhe dizia, desta vez mansamente:*

— *Sabe quem sou eu, filha?*

*Estranhando a pergunta, sorrindo receosa, respondeu negativamente, ao que prossegui no mesmo tom:*

— *Tampouco sei quem você é. Todavia, por isso mesmo, sei perfeitamente quem você não é.*

*Ela me encarou e empalideceu, seus olhos se encheram de lágrimas, tentando replicar sem encontrar palavras. Por fim, caiu aos meus pés, soluçando:*

— *Perdão, Padre! Perdão, meu Deus! Tende piedade de mim, porque pequei! Confesso que pequei, não me condeneis!*

*Tive sincera pena dela e respondi, afável:*

— *Não tema. Estou aqui para confessá-la, não para condená-la.*

*Ela continuou soluçando, até que lhe perguntei:*

— *Por quê, minha filha?*

*Ela então tornou a sentar-se, enxugou as lágrimas e falou com tristeza e revolta:*

— *E por que não, Padre? Por que a única vida a que uma mulher tem direito é viver trancada em casa, obedecendo aos pais, ao marido, à Igreja, aos nobres, ao Rei, tendo que pedir permissão até para ir à missa; bordando e gerando filhos homens para herdarem o nome dos maridos? Por que eu também não posso vestir roupas bonitas, montar belos cavalos, ser recebida em castelos e palácios, receber as homenagens do povo e toda aquela pompa? É um pecado tão grande assim eu também gozar um pouco daquilo que a vida tem de bom?*

*Olhei para ela, sinceramente condoído, enquanto buscava uma resposta. A jovem, talvez estranhando meu silêncio, perguntou de chofre:*

— *Vós me entendeis, Padre?*

— *Sim, eu a entendo.*

*Mas, antes que eu pudesse acrescentar: “não aprovo, mas entendo”, ela uniu as mãos em rogativa:*

— *Então, não me denunciéis, eu vos suplico! Afinal, será mesmo por tão pouco tempo!... Mas é tão bom ser **ela**! Tudo o que consegui de bom na vida foi sendo **ela**<sup>340</sup>!... Credes que de outra forma teria conseguido casar-me com um nobre?...*

— *Você é casada?! — perguntei com momentâneo sentimento interior de alarme, de decepção, ante a simples possibilidade de que a Donzela de Orléans pudesse ter deixado de ser donzela.*

— *Esposa do Cavaleiro Robert des Armoises, Messire de Tichemont.*

---

340 Talvez outra licença histórica, pois se supõe que fosse filha da pequena nobreza lorena. Mas a verdade é que pouco se sabe de concreto sobre suas origens.

— Minha filha, qual o seu nome?

Ela hesitou, vacilou, tremeu, olhou em volta e falou com voz apenas audível:

— Claude...

A seguir, repetiu erguendo um pouco mais a cabeça e a voz:

— Jehanne-Claude des Armoises...

— Filha, não vim para denunciá-la. A confissão é coisa sagrada e secreta...

Enquanto falava, não pude deixar de me lembrar de como l'Oiseleur tratava a santidade e o segredo da confissão durante o Processo, tratamento este que o Reverendíssimo Senhor Arcebispo exigia de mim agora. A jovem pareceu aliviada, o que apenas aumentou minha sensação de indignidade, mas prossegui:

— ...porém, você não sabe o que está dizendo. Você só viu belos vestidos, belos cavalos, belas casas, só as coisas boas, mas não tem sequer ideia de tudo o que **ela** teve que suportar durante todos aqueles meses. **Seu** corpo vivia coberto de equimoses, espancada por defender **seu** pudor de virgem; passava horas e horas seguidas sendo interrogada, carregando correntes, sem receber sequer uma caneca d'água para aplacar a sede; foi ameaçada e perseguida por todos os meios e modos que a imaginação humana pôde inventar para fazê-la sofrer. Por ser verdadeiramente enviada de Deus, **ela** pôde resistir com todas as forças de **sua** fé, mas isto só **lhe** serviu para prolongar mais e mais o suplício de cada dia. Tanto sofreu que, por fim, afirmou que preferia a morte a suportar por mais tempo o suplício do cárcere.

Ela arregalava os olhos diante de minhas palavras e perguntou:

— Como é possível que saibais de todas estas coisas, Padre?

Foi a minha vez de hesitar antes de responder:

— Pela mesma razão que me faz saber que você não é **ela**.

Novamente hesitei, mas, diante do seu olhar ansioso, concluí em voz sumida:

— Fui um de **seus** Juízes.

Ela arregalou os olhos:

— Padre!... Tivestes coragem de condená-la!?

Baixei os olhos ao responder:

— A covardia, melhor dizendo. Tivesse eu uma migalha de coragem, teria subido a fogueira com **ela**, antes de concordar com a sentença.

A jovem me olhava, sem saber se chorava ou se fugia horrorizada. Uma lágrima desceu pelas rugas do meu rosto e **lhe** perguntei:

— Também você me condena, filha?

Ela estranhou a pergunta e respondeu:

— Quem sou eu para condenar alguém? Ainda mais um padre...

No intervalo de silêncio que se seguiu, olhei novamente para a moça, a me perguntar como é que pude crer, por um momento embora, que uma fosse a **outra**. Por fim, ela me perguntou, receosa:

— Qual será minha penitência?

Eu me surpreendi com a pergunta, pensei um pouco e respondi:

— Não, filha. Eu **lhe** darei antes um conselho, que eu daria à minha própria filha: não insista nessa fraude. Deus deu este destino a **ela**, porque sabia que apenas **ela** teria forças para suportá-lo. Uma cruz, mesmo enfeitada de flores, nem por isso deixa de ser



*uma cruz. Não queira tomá-la. Se eu, se tantos outros não fomos capazes de suportá-la, creio que tampouco você a suportaria.*

*Ela enxugou os olhos, sorrindo tristemente. Então eu lhe falei, melancólico:*

*— Também eu me confessei a você...*

*A jovem pareceu chocada com a ideia, não sabendo o que dizer. De repente, olhou bem para o meu rosto e me pareceu muito próxima ao me dizer:*

*— Perdoai-me a ousadia, Padre, mas há tanto sofrimento em vossos olhos...*

*Aquela frase me surpreendeu. Por um rápido instante, cheguei a crer que era **ela** quem falava por intermédio daquela jovem. Olhei então para um ponto acima de sua cabeça e perguntei, emocionado:*

*— Tu me perdoaste, filha?*

*Ela estranhou meu gesto e olhou para cima, tentando ver o que supôs que eu estaria vendo, e quase logo se voltou para mim, entre surpresa e receosa, repetindo:*

*— Vós não me condenastes. Quem sou eu para condenar alguém?*

*Ficamos então em silêncio, até que, como esperasse algo de mim, fiz sobre ela o sinal-da-cruz e me levantei, fazendo menção de me retirar, dizendo-lhe:*

*— Fique em paz, filha. Que o Senhor a abençoe. Eu a absolvo.*

*A jovem beijou minha mão enrugada mais uma vez, depois do que me dirigi para a saída. Antes, porém, que o fizesse, estaquei e voltei-me, ao ouvir de sua boca a mesma frase que ouvi de outros lábios tantos anos antes:*

*— Obrigada, Padre. Bendito sejais.*

*Por um instante fiquei extático, embevecido, maravilhado, como se numa fração de instante houvesse visto outra pessoa naquele rosto bonito, mas vulgar. Todavia, antes que eu pudesse esboçar qualquer reação, ela retirou-se apressadamente para o interior da casa. Fiquei olhando em sua direção, até que desaparecesse. Depois, saí, dirigi-me à igreja mais próxima e ali fiquei por várias horas a rezar, pedindo a Deus que me guiasse o pensamento e me mostrasse o que fazer.*

*Deveria partir já no dia seguinte, no entanto, enojava-me a ideia de retornar a Rouen e submeter-me ao papel de um l'Oiseleur. Assim, acabei protelando o retorno, a pretexto obter mais informações, que de fato acabaram chegando aos meus ouvidos: segundo disseram, na mesma noite ela compareceu a um banquete em sua homenagem; porém, logo ao fim dos primeiros brindes, tendo escutado o anúncio de que o Rei estaria à caminho da cidade, a um pretexto qualquer despediu-se de repente e partiu às pressas de Orléans, para susto e surpresa geral.*

*De posse dessas notícias, finalmente pus-me a caminho. Não de Rouen, na verdade. A resposta que eu pedira em prece viera em forma de uma ideia louca, mas que me permitiria fugir do papel odioso que, de outra forma, estaria condenado a representar tantas vezes quantas me fosse ordenado, até o fim da vida. Vaguei em direção ao sul, sem rumo certo, evitando as cidades, até que cheguei a uma aldeia onde fui recebido como um enviado dos Céus, pois o cura local havia morrido há um ano. A felicidade daquela gente convenceu-me, e julgando que dificilmente meus superiores teriam meios de saber quem exercia o curato de um lugar tão retirado, iniciei ali minha nova vida, abdicando de todas as ilusões e buscando na distância e no silêncio apenas a paz do esquecimento, onde, por meu desejo, teria prazerosamente ignorado tudo quanto se passou depois.*

*Mas os fantasmas dos acontecimentos não mo permitiram e vieram me buscar ainda aqui. No ano seguinte, mascates, como de praxe, apareceram para vender suas quinquilharias e anunciar novidades ainda mais impressionantes, que deveriam ter dissipado todas as dúvidas, minhas e de meus superiores:*

*Charles VII, com quem ela mantinha correspondência, por fim fê-la comparecer diante dele, e, desconfiado, cobrou da jovem o segredo que a Donzela lhe havia revelado em Chinon quando se viram pela primeira vez. Diante disso, tirou ela mesma a máscara antes que lha arrancassem, confessando a impostura e implorando por misericórdia, que o Rei concedeu somente sob a condição de uma retratação pública, à qual ela se submeteu em presença da Universidade de Paris, para a seguir desaparecer no anonimato.*

*Contudo, não seria a única nem a última vez que nossa vítima se mostraria ressurrecta dos mortos. Verdade que nenhuma das pretendentes posteriores conseguiu ser tão bem sucedida como a supracitada. Mesmo assim, como soe acontecer em casos tais, nem por isso deixaram de colher frutos mais ou menos abundantes na vasta messe da credulidade alheia até que se provasse a fraude, e, por vezes, mesmo depois. Por isso mesmo, linhas acima usei o termo “deveriam”, pois a verdade é que ainda hoje há quem sustente que Madame des Armoises é realmente *ela*<sup>341</sup>. O que, na verdade, não chega a ser surpresa alguma num mundo como o nosso, no qual, à imitação do grande Cícero, podemos dizer que nenhum disparate é tão absurdo que não encontre um filósofo para defendê-lo<sup>342</sup>.*

---

341 Volta e meia revisionistas históricos ressuscitam esta teoria. Entre as obras mais recentes, *Jeanne d'Arc - La légende et l'histoire*, de Marcel Guimard, em 2004; e *L'affaire Jeanne d'Arc*, de Marcel Gay e Roger Senzig, em 2007.

<sup>342</sup> Menção ao dito *Nihil tam absurdum dici potest quod non dicatur ab aliquo philosopharum*. **Marco Tulio Cícero**, grande orador, advogado e político romano. O poeta Mário Quintana também ilustrou o tema ao dizer que

*Como um burrico mourejando à nora  
O mundo sempre as mesmas voltas dá:  
Tolice alguma nos ocorrerá  
Que não a tenha dito um sábio grego outrora.*

## X

...Sim, Capitão, e o mundo  
Logo acreditará em minha missão; pois o Senhor  
Fará que se avolume a indignação, e verterá  
Sua ira sobre os opressores, e eles morrerão.

Robert Southey

*Inegavelmente, a maior parte de nós, se não todos, de uma forma ou de outra nos emocionamos com a beleza esplêndida e trágica de **sua** curta existência, que passou por nossas vidas como uma dessas estrelas cadentes que nos deslumbram por alguns instantes, riscando o céu de nossas almas com sua luz divina e pura, a fim de nos mostrar tudo aquilo de bonito e bom que éramos capazes de ser. Nem poderia ser de outra forma. Impossível que uma criatura como **ela** passasse por qualquer pessoa sem deixar, mesmo a seu mau grado, u´a marca indelével.*

*Nada disso, contudo, impediu que retornássemos à mesma vida de antes, tão logo a luz se apagou. Não obstante os sentimentos que nos afetaram ao longo deste Julgamento, na primeira oportunidade estendemos a mão a fim de recebermos nossos pagamentos. Naturalmente, os valores variavam, tanto quanto as reações. Por exemplo, le Maistre, que recebeu vinte “saluts” de ouro como paga pelas dores, trabalhos e diligências que sofreu durante o Julgamento, disse-me em particular que Judas era um péssimo negociante, aceitou muito menos para vender o próprio Deus; que tinha vergonha daquele dinheiro, usá-lo-ia para celebrar missas em memória **dela**, e o restante daria aos pobres. Todavia, não posso jurar que o tenha feito. Afinal, num mundo como o nosso, até mesmo o Santo Padre curva-se diante do indulgente e perdoador poder do ouro. Pensando assim, Erart, por sua vez, ao assinar o recibo de suas trinta e uma libras tornesas, nele escreveu: julgo-me satisfeito e bem pago. Por outro lado, Manchon, que não recebeu nada além do pequeno salário a que fizera jus, gastou-o todo na compra de um belo missal que me apresentou. Para orar por **ela** todos os dias, segundo me disse. Apenas o velho Alespée não foi contemplado, certamente por causa das palavras que pronunciou ao meu lado, e por isso mesmo não ousou reclamar. Ademais, era rico o bastante para que esta perda significasse grande coisa.*

*Mesmo eu não me recusei a receber o pouco que me coube, e, como todos os demais, também tentei viver os anos seguintes como se nada demais houvesse acontecido, embora suportando interiormente as lembranças que pesavam sobre a minha alma como pedras de moinho, anos estes nos quais nada há digno de nota até 1438, quando me vi convocado para dois julgamentos em matéria de fé.*

*O primeiro tinha como acusado um de meus antigos colegas de 1431, Gilles Deschamps, pelo pecado de haver feito oposição ao Arcebispo. O olhar com que ele me encarou depois de tantos anos, fazendo o sinal-da-cruz e apontando para o alto, foi tão doloroso que quase não pude suportá-lo. Felizmente para todos nós (ele, inclusive), morreu na prisão antes mesmo que o julgamento chegasse a ser realizado.*

*O segundo, no ano seguinte, envolvia certa Jehanne Vaneril, acusada de feitiçaria, e a coincidência fez-me sentir como que uma pancada no peito, por mais que a acusada,*

*afora o nome, nada mais tivesse em comum com sua xará de Rouen, e foi pouco à vontade que me vi obrigado a voltar ao inevitável cemitério de Saint-Ouen a fim de fazer um protocolar sermão acusatório, depois do qual o processo teve seguimento semelhante à quase totalidade dos da época.*

*Nesse meio-tempo, a História continuou seu curso:*

*Tentando reduzir o impacto da sacração de Charles VII (por que não dar-lhe o título, agora?), o Duque de Bedford fez coroar em dezembro de 1431 o jovem Príncipe Henry rei de França e Inglaterra. A cerimônia, que o Cardeal fez questão de celebrar, foi o mais estrondoso fiasco político que se possa imaginar. Já começou mal por ter sido em Paris, e não em Reims conforme a tradição. O Duque de Borgonha, tendo assinado uma trégua de seis anos com Charles VII, não compareceu nem se fez representar (na última hora, substituíram-no por um dublê, que não enganou ninguém). Ao fim da cerimônia, os membros do Parlamento e da Universidade foram convidados para o banquete, mas, como estavam espremidos na igreja repleta de populares, houve tumulto na saída, para alegria dos partidários do provérbio segundo o qual a ocasião faz o ladrão. Quando, finalmente, conseguiram chegar ao banquete, encontraram o local já ocupado por funcionários e servidores, o que provocou muita luta e muita discussão para se conseguir lugar. E, para os que conseguiram, foi o pior que poderia ter acontecido, pois a comida, feita três dias antes, havia se deteriorado apesar do inverno. Os amigos de Jehanne d'Arc teriam rido às gargalhadas se o tivessem visto...*

*De qualquer modo, tanto a coroação do rei-menino quanto a morte **dela** não foram bastante para levantar os ânimos ingleses, tampouco para alterar o curso da guerra, o qual se complicou ainda mais com a morte da Duquesa Anne em novembro do ano seguinte, a qual por si só já afrouxava em grande parte os laços da aliança anglo-borgonhesa, essencial para as esperanças daqueles; e o que já não andava bem ficou pior ainda quando o viúvo, de cinquenta e dois anos, deu-se pressa em casar-se novamente com uma jovem de dezoito, Jacqueline de Luxemburgo, filha do insignificante Conde de Saint-Paul, mas sobrinha do Bispo de Thérouanne. Seja pelo aborrecimento por o Duque de Borgonha não ter comparecido à coroação, seja por receio da reação deste à notícia, o noivo se esqueceu de convidá-lo, o que não ajudou em nada a melhorar as relações entre ambos.*

*Ao mesmo tempo, os armagnacs começavam a fazer a limpeza da casa, varrendo nossos peões infiltrados, a começar por la Trémoille. Vítima de uma tentativa de assassinato em 1432, sua massa de banha salvou-lhe a vida, mas não a carreira, sendo logo substituído por Arthur de Richemont <sup>343</sup>, nomeado Condestável, o qual, para infelicidade dos ingleses, apesar de todos os oferecimentos com que foi tentado, mostrou-se competente e patriota, conduzindo o rumo da guerra de forma tão segura e eficaz que convenceu Philippe le Bon à assinatura do Tratado de Arras, pelo qual a Borgonha*

---

343 Conde de Richemont, mais tarde Duque da Bretanha. Lutou em Agincourt, onde foi aprisionado, e mais tarde sob as ordens de Joana d'Arc na campanha do Loire. Como Condestável, varreu os bandos que devastavam a França, recuperou Paris em 1436, sufocou a *Praguerie* (grande revolta dos senhores feudais) em 1440, retomou Rouen em 1449 e por fim cobriu-se de glórias ao vencer a batalha de Formigny no ano seguinte, recuperando toda a Normandia (1393-1458).

deixava a Inglaterra a sós na condução do barco da guerra, que visivelmente já adernava. Bem que *ela* disse: a paz com a Borgonha só seria obtida à ponta de lanças...

A partir de 1435 os ingleses conseguiram finalmente sair do marasmo, apenas para entrarem claramente na derrota, a começar pela morte do Duque de Bedford, pois quando muitos governam, ninguém governa: as disputas entre o Cardeal e o Regente da Inglaterra não tiveram mais freio e se arrastaram até 1447, quando o último acabou preso e morto misteriosamente em fevereiro. Não ousou dizer que foi por ordem de Sua Eminência, tampouco ousou negar. Como quer que tenha sido, em abril do mesmo ano este igualmente morreu. Louco, oferecendo à Morte, no delírio da agonia, todo o Tesouro da Inglaterra em troca de sua vida. Um simples olhar nas finanças inglesas e Ela teria visto quão pouco lucrativa era a proposta. Num último esforço para reverter a situação, em 1437 o Conde de Warwick foi nomeado Tenente de França, com amplos poderes. Todavia, envelhecido e doente, desta vez o máximo que conseguiu fazer de notável foi morrer dois anos depois, de causas naturais.

Pode ter sido apenas coincidência, mas tampouco nós pudemos nos furtar dos giros em contrário que a roda da Fortuna aplicou aos nossos aliados.

Alespée foi o primeiro de nós a partir desta vida, em agosto de 1434. Nenhuma surpresa, já era bastante velho. Coitado, no íntimo não era um homem mau. Por sua vontade, teria passado a vida no silêncio das bibliotecas a inventariar bons livros, sua grande paixão. Ouvei dizer que em seus últimos momentos chamava por *ela*, mas isso é mais uma dessas coisas que todos dizem, mas ninguém afirma.

Midi participou do Concílio de Basileia em 1432 e, no ano seguinte, finalmente recebeu o tão sonhado título de Reitor. Não da Universidade de Paris, mas de Louvain. Apenas chegou a desfrutar da realização de seu grande sonho, e quase a seguir a Justiça Divina lembrou-se dele: no ano seguinte foi acometido pela lepra, como me disse l'Oiseleur, a qual encerrou sua carreira, mas não sua vida, que se arrastou até 1440.

Erart obteve o título de Mestre em Teologia e, graças aos Duques de Bedford e de Borgonha, foi nomeado Cônego de Notre-Dame de Paris em 1434, e em 1437, Capelão do Rei; todavia, também teve pouco tempo para usufruir tão alto e cobiçado cargo: dois anos depois, fez a grande viagem que já levou grande parte de nós e que devo estar muito perto de fazer também.

O mesmo pode se dizer de Pierre Maurice. Depois de tantos esforços, conchavos e manobras, foi representante de Henry VI no Concílio em 1434 e finalmente obteve a sonhada nomeação para Vigário-Geral <sup>344</sup> de Rouen em dezembro de 1436, unicamente para morrer tão logo o Ano Novo havia passado. Mal chegou a sentir o gosto de ser chamado de Monsenhor.

Poucos de nós tiveram ou terão morte tão feia quanto a do Promotor d'Estivet: em 1438 foi encontrado caído dentro de um esgoto junto a uma das portas de Rouen. Nunca foi esclarecido, ao menos até o presente, se a morte foi natural ou provocada. Levou mais este segredo consigo.

---

344 Principal representante do Bispo (ou Arcebispo) na diocese em termos de autoridade administrativa ordinária, inclusive fazendo jus, enquanto no cargo, ao título de Monsenhor.

Mesmo não tendo recebido a mitra de Arcebispo de Rouen, Monsenhor continuou envolvido com a política da guerra, mantendo-se ativo em negociações entre França, Inglaterra e Borgonha. No ano seguinte ao Julgamento, o Papa nomeou-o Bispo titular de Lisieux, (em lugar de Zanon de Castiglione, transferido para Bayeux), o que foi seu último bom sucesso, pois a partir daí também para ele a roda da Fortuna passou a girar em sentido contrário. Em 1435 tomou parte no Concílio, onde, ao invés de brilhar como no de Constança, teve o dissabor de ver-se publicamente cobrado, e até ameaçado de excomunhão, por somas devidas à Santa Sé. No mesmo ano, foi um dos representantes da Coroa inglesa na conferência de Arras<sup>345</sup>, onde sustentou com todo o seu talento, mas em vão, o exclusivo direito de Henry VI à Coroa francesa.

Em março do ano seguinte estava em Paris com seus pares de Therouanne, de Paris (Jacques du Châtelier) e Meux (John Brion), quando os armagnacs, agora a comando de Richemont, marcharam rumo à cidade. Monsenhor mostrou-se a favor de negociar, mas Louis de Luxemburgo, animado com a chegada de tropas inglesas a comando de Lord Willoughby, dispôs-se a organizar a defesa. No entanto, a população pensava de outra forma e, apesar de todas as juras anteriores de fidelidade a Henry VI, abriu as portas aos sitiados aos gritos de “Viva a Paz! Viva o Rei da França e o Duque de Borgonha! Malditos sejam os ingleses!” Muitos julgaram que era a hora do acerto de contas, mas a sorte lembrou-se de Monsenhor uma última vez e ele conseguiu refugiar-se a tempo no bastião de Saint-Antoine<sup>346</sup> com seus pares e partidários. Por sua vez, Richemont, já de posse da cidade, não via motivos para empenhar-se em uma dura batalha apenas para capturá-los, e depois de uma rápida negociação, permitiu-lhes deixar a cidade sem mais danos que o confisco dos bens e as vaias e apupos com que o povo escoltou-os até a saída. No mês seguinte, a Universidade enviou nosso colega Guillaume de Conti<sup>347</sup> a Charles VII, a fim de apresentar as congratulações da nobre Instituição ao legítimo Rei da França por seu triunfo em Paris!

Todavia, a partir de 1440 Monsenhor passou a ficar mais tempo do que de costume quieto em sua diocese. Dizem que espicaçado pelos remorsos, do que pessoalmente duvido. O fato é que custeou a construção da belíssima Capela da Virgem para a catedral de Saint-Pierre. Em dezembro de 1442, enquanto o barbeiro tosava-o, morreu de repente. Do coração, disseram. Mas não creio. Não se pode morrer daquilo que não se tem. Foi enterrado na mesma capela que construiu, a qual cheguei a visitar.

Mas a morte não lhe trouxe paz nem esquecimento. Apesar de todas as cobranças, morreu sem ter saldado a dívida com a Santa Sé, e não por outra causa o Bispo, a quem o Papa Martin V chamava de mui querido filho Pierre Cauchon, louvando-lhe

*...a honestidade de costumes, a prudência nos assuntos espirituais bem como a habilidade nos temporais; e outros dons de múltiplas virtudes, claramente demonstradas por testemunhos dignos de fé..*

---

<sup>345</sup> Vide página 9.

<sup>346</sup> Fortaleza mais tarde conhecida universalmente como “a Bastilha”, cuja tomada em 1789 marca o início da Revolução Francesa.

<sup>347</sup> Mestre em Artes, Deão da Faculdade de Direito e participou no Concílio de Basileia.

*acabou excomungado post-mortem pelo Papa Calixte III. E, como se não bastasse, ouvi dizer que teria tido fim semelhante ao de d'Estivet: o povo, assim que soube da reabilitação de sua mais famosa vítima, tê-lo-ia arrancado de seu túmulo para atirá-lo a um esgoto*<sup>348</sup>.

*Seu cão de guarda l'Oiseleur não foi mais bem tratado pelo Destino. Convocado para o Concílio, como tanto havia sonhado, compareceu, todavia, somente em 1435, justamente quando este estava no auge, bem como os atritos com o Papa, então Eugène IV. Aderiu aos conciliares, como toda a Universidade de Paris e o clero de Charles VII, mas assim malquistou-se com a Coroa inglesa e com o Capítulo de Rouen, que apoiavam o Sumo Pontífice.*

*Em 1437, este se sentiu forte o bastante para ordenar a dissolução do Concílio e a convocação de um novo em Ferrara*<sup>349</sup>. *Os papistas acataram prontamente a decisão da Santa Sé, e em janeiro do ano seguinte acontecia a primeira sessão do novo Concílio em Ferrara, na qual se declarava encerrado o anterior; mas os conciliares, tendo à frente o Cardeal Louis Aleman, recusaram-se a obedecer, alegando que ...o Concílio exerce o seu poder diretamente inspirado por Deus, e portanto, ninguém pode transferi-lo ou dissolvê-lo, ainda que seja o Papa... e mantiveram-se reunidos em Basileia (onde Courcelles passou a fazer galas de uma retórica tão brilhante que foi chamado “a luz do Concílio” e “o segundo Gerson”).*

*Em resposta, foram excomungados pela Santa Sé em fevereiro de 1438 (l'Oiseleur, chamado de volta à Inglaterra, bem que lançou mão de todo o seu talento em busca do apoio da Coroa para Basileia, mas tudo quanto obteve foi o tratamento usual àqueles que escolhem o lado errado). Devolveram o golpe em junho de 1439 declarando Eugène IV apóstata e deposto, e em novembro elegeram o ex-Duque Amedeo VIII di Savoia (então um simples eremita da Abadia de Ripaglia) como Papa Félix V. L'Oiseleur novamente uniu-se a eles e foi um de seus representantes na Dieta de Mainz em 1439. Com dois Papas e dois Concílio Ecumênicos trocando excomunhões recíprocas, pareceu-me que havíamos voltado aos dias do Cisma do Ocidente, sobretudo depois que as Pragmáticas Sanções de Bourges e Mainz validaram algumas decisões de Basileia. Contudo, o esperado apoio político não veio, transformando a resistência numa prolongada agonia, o Concílio rebelde foi se esvaziando pouco a pouco e em 1440 Roma cobrou de l'Oiseleur o preço por ter escolhido o lado perdedor, cassando-lhe o rendoso cargo de Cônego de Rouen.*

*Passado algum tempo, refugiou-se novamente em Basileia, sem que ninguém soubesse ou quisesse dizer com que objetivo, e lá morreu. Por estranha coincidência, quase na mesma época que seu amo, não muito depois da visita que me fez. Segundo ouvi dizer, encontraram-no caído diante do altar de uma igreja, inchado, mas sem qualquer sinal de luta ou ferimento, de forma que tudo o mais é mistério, pelo menos até o momento em que estas linhas estão sendo escritas.*

---

348 Isto foi afirmado repetidas vezes. Todavia, em 1931, graças aos esforços de Étienne Deville, uma equipe da Sociedade dos Amigos das Artes de Lisieux encontrou seu presumido cadáver, intacto na mesma sepultura onde fora enterrado.

349 Vide nota 24.

*Beaupère seguiu caminho parecido e quase teve destino semelhante. Também apoiou o Concílio de Basileia, e no fim teve igualmente cassado seu cargo de Cônego de Rouen. Contudo, mais discreto e menos comprometido, conseguiu manter amigos influentes o bastante para jurarem não apenas sobre sua ortodoxia e fidelidade à Santa Sé (o que lhe permitiu recuperar o cargo) como também sobre sua condição de bom e leal súdito francês (quando a cidade voltou às mãos de Charles VII).*

*Zanon de Castiglione foi nomeado Bispo de Bayeux em 1432, como já disse, e em 1434 representante de Henry VI no Concílio. Depois da morte de Pierre Cauchon, substituiu-o no Conselho Real e na política, tendo gozado de grande prestígio entre os ingleses, os quais lhe confiaram diversas missões diplomáticas importantes. Todavia, nada disso impediu-o de abandonar o barco ao percebê-lo afundando, e em novembro de 1449 alegremente jurou fidelidade a Charles VII. Mais tarde foi feito Bispo de Pavia em 1453, Cardeal em 1456 e posteriormente Legado Papal.*

*E, mesmo diante de tudo aquilo que tem sido a nossa vida e nossos feitos, ainda continuamos a repetir até a exaustão ao povo ignorante quase o mesmo argumento de que se valeram os rebeldes Coré, Datan e Abiram para desafiar o profeta Moisés<sup>350</sup>: a Igreja é santa, seus membros são todos santos e o Senhor está no meio dela...*

*“Nosso fiel aliado” Jean de Luxemburgo durou mais tempo do que as dez mil libras tornesas com que se regalara. Tendo se recusado a concordar com o Tratado de Arras, indispôs-se com seu amo, o Duque de Borgonha, que o abandonou, e com isso viu-se lutando a sós contra o Rei, já que os ingleses não tinham condições, nem especial interesse em ajudá-lo. Segundo informações por cuja veracidade não respondo, terminou por se enforcar em 1440.*

*Também Guillaume de Flavy não fora esquecido pela Justiça Divina. Se é verdade o que se diz, era tão bom marido para Blanche d’Overbuc quanto leal companheiro de nossa prisioneira<sup>351</sup>, e por isso aquela acabou seduzida ou seduzindo um simples barbeiro, o qual, movido pela paixão, deu-lhe em 1449 a prova de amor que ela mais desejava: a viuvez.*

*Vendo o destino que coube a todos esses personagens desse drama, comecei a temer por mim. Se a nobreza, a inteligência e o poder de tão grandes homens não bastaram para evitar a sentença de condenação do Onipotente, como poderia eu evitá-la? À semelhança do profeta Jonas<sup>352</sup>, tratei-me afastar de tudo e todos buscando refúgio numa esquecida aldeia do sul, tentando fugir de mim mesmo, tentando em vão apagar da minha memória a única coisa que gostaria de esquecer e que estou forçado a recordar dia após dia, pelos séculos dos séculos.*

*Tanto quanto sei, minha atitude não inspirou ninguém. Tão grandes os interesses mundanos, tão tentadoras as vantagens oferecidas e tão áspero o caminho de retorno, que precisaríamos da coragem dos heróis e o desprendimento dos santos; mas, como bem dissera le Maistre, não éramos capazes de ser senão aquilo que sempre fomos.*

---

350 Velho Testamento, Números, 16:1-35.

351 Apesar de seu papel no mínimo discutível por ocasião da captura de Joana d’Arc, não há provas conclusivas de que teria agido por deliberada traição, e o assunto ainda é polêmico entre os historiadores.

352 Velho Testamento, Jonas, 1:3.



*Admito que não poucas vezes eu mesmo me questioneei sobre minha decisão, a me perguntar se não fora um tolo sentimental. Por vezes, ainda hoje travo ferozes lutas comigo mesmo, quando penso que eu poderia ter sido muito mais do que apenas o cura l'Advenu, esquecido numa aldeia perdida no meio do nada e cuja morte será tão sentida pelo resto do mundo quanto a de um pé de alface. Meu único e verdadeiro consolo é pensar que para essa pobre gente, tão isolada do resto do mundo quanto eu mesmo, sou importante e posso dar algo de que sentem necessidade. E ao menos este é um posto que não terei que disputar com ninguém.*

## XI

*Aquele 1431 foi o ano que jamais terminou. Por mais que a areia escorra na ampulheta do tempo, tudo é tão nítido e vívido como se houvesse acontecido ontem mesmo. Por mais que às vezes tente convencer-me de que tudo isso não passou de um sonho estranho provocado por vinho com mandrágora, manhã após manhã ainda me surpreendo de acordar num canto qualquer do mundo que não seja a cela onde ficava meu leito durante aqueles meses em Rouen.*

*Quinze anos se passaram desde então. Por fim, depois de uma ferrenha luta interior, criei coragem e me dirigi para um lugar onde jamais estive em toda a vida, e mesmo assim passei a considerar tão sagrado como a Belém de Judá para o cristão fiel, ou como a Meca para os bárbaros muçulmanos.*

*Foi assim que cheguei à aldeia de Domrémy. Acostumado ao tratamento cordial que os padres em geral recebem dos camponeses das aldeias de todos os lugares, estranhei a fria reverência com que fui recebido. Tendo conseguido um lugar para dormir na pequena igreja, perguntei onde ficava a casa **dela**. A resposta custou a vir e foi acompanhada de um olhar invernos.*

*Dirigi-me para lá. Deparei-me com uma casa de teto único, bastante simples, porém grande, frente ampla, espaçosa, encoberta pelas árvores que há muito tempo não eram podadas. Apurei os ouvidos e não escutei qualquer sinal de pessoas. Avancei a passos silenciosos e cheguei à porta, batendo levemente. Como não recebesse resposta, repeti o gesto por duas vezes, com o mesmo resultado, e para minha surpresa e satisfação, concluí que a casa estava desocupada.*

*Forcei um pouco e a porta cedeu. Entrei sem fazer barulho, receoso, e me deparei com uma sala cujo interior estava limpo e cuidado, sem qualquer sinal de abandono. O piso estava bem varrido, as paredes limpas e as janelas com pergaminho oleado recente. Mas a lareira vazia e as paredes nuas diziam que há muito não era habitada. À direita, um quarto onde uma escada levava a um sótão. Mais à frente, deparei-me com duas alcovas, numa das quais flores frescas ao lado de um crucifixo quebravam o vazio de todo o resto. Ajoelhei-me diante deles e me pus a orar e a cismar se aqueles cômodos ainda guardariam a lembrança daquele corpo que ninguém imaginava destinado à guerra, à glória, à fogueira...*

*Fiquei nessa contemplação silenciosa, fixando mais atentamente o crucifixo rústico diante do qual me pus de joelhos, a orar. Ali fiquei sem me dar conta do tempo, até que fui interrompido por uma gargalhada alegre de criança vinda de fora, acompanhada por uma voz feminina a chamar:*

*— Jehannette! Jehannette!*

*Pareceu-me, por um momento, que havia voltado no tempo e teria diante dos olhos a criança que ali morara antes de se tornar a grande guerreira que fora. Ainda de joelhos, vi entrar uma criança vivaz e animada, loira e linda, rindo sempre. Pareceu surpresa ao me ver, mas não mostrou medo algum, sorrindo para mim antes de voltar correndo a chamar pela mãe.*

*Levantei-me lentamente, enquanto a criança voltava puxando a mãe pela mão e apontando para mim. Quando nos encaramos, fiz sobre ambos o sinal-da-cruz, ensaiando*

um sorriso, enquanto a mulher fez uma rápida reverência com a cabeça, encarando-me a seguir como a um intruso indesejado. Não era jovem, os cabelos louros e lisos eram presos à cabeça por um pano grosseiro, e o trabalho incessante e duro dos camponeses pobres deixava marcas em sua pele clara, mas não lhe havia tirado ainda todos os vestígios da beleza juvenil.

A mulher tomou a criança no colo como que tentando protegê-la, e dirigiu-se a mim. Sua voz soou dura e hostil ao perguntar:

— O que deseja Vossa Paternidade?

Hesitei e respondi com uma pergunta óbvia:

— Era aqui que **ela** morava?

Não precisei explicar a quem me referia. Os olhos da mulher fizeram-se mais invernosos ao me responder com um simples aceno afirmativo de cabeça. Insisti:

— Por acaso a senhora conheceu-**a**... pessoalmente?

Ela custou a responder, olhando-me sempre do mesmo jeito acusador:

— Não me chameis senhora, Padre. Sou apenas Menguette. Esposa do lavrador Jean Joyart.

E ao fim de uma pausa pesada, prosseguiu:

— Éramos amigas inseparáveis desde a infância. **Ela**, Hauviette e eu. Sendo que eu fui a última pessoa de quem **ela** se despediu, antes que partisse.

Hesitei, tentando encontrar um jeito de apaziguar sua hostilidade:

— Então, deve tê-la conhecido melhor do que quase todos...

— Sim, Padre, eu **a** conhecia muito bem. Eu e Hauviette **a** conhecíamos talvez melhor do que **seus** próprios pais. Sempre que podíamos estávamos juntas, brincando, fiando ou conversando, e **ela** nos dizia o que se passava no **seu** coração.

Queria continuar falando, mas não sabia como acalmar a animosidade contida daquela mulher que parecia adivinhar meu papel em toda aquela trama. Tentei então:

— Imagino o quanto devem ter sofrido aqueles que **a** amavam...

Seus olhos apenas me fixaram, em silêncio. Insisti:

— Como era **ela**... enquanto estava aqui?

A camponesa perguntou, desconfiada:

— Por que quereis saber, Padre?

— Porque significa muito a opinião de quem **a** conheceu tão bem...

— Que importância tem o que pensa a filha de um camponês, a esposa de um lavrador?

— Só quem sabe o que se passa no coração de alguém pode entender esse alguém — respondi, tentando mostrar afabilidade.

— Pena que nenhum de vós tenha pensado nisso antes!

A voz daquela mulher, cheia de rancor, atingiu-me como a uma chicotada. Ela pareceu chocar-se com o que disse e teve medo, fechando a boca com a mão livre. Repliquei-lhe, afável:

— Não tema, filha. Não lhe farei qualquer mal. Sou padre.

— Os que **a** condenaram também eram!

*Meus olhos ficaram rasos d'água, o que pareceu chocar e surpreender minha interlocutora, que, contra a vontade, pareceu-me, deixou as palavras fluírem aos borbotões num tom desta vez mais aflito que hostil:*

— *Eu não sei mais o que pensar! Perdoai-me se eu estiver em pecado, mas verdadeiramente não sei mais o que pensar de tudo isso! Eu a conheci quase desde que nasceu; crescemos, brincamos e nos tornamos moças, sempre juntas, e juro pela salvação de minha alma, Padre: Jehannette sempre foi a melhor pessoa que conheci na vida, amei-a sempre, mais até do que meus próprios pais! Ela sempre frequentava a igreja, obedecia aos seus pais e amava a todos nós! Quando via algo de errado era bastante enérgica ao tentar corrigi-lo, mas também sabia ser bastante doce e carinhosa! Se amávamos a Igreja, era porque ela insistia conosco que isso era bom e agradável a Deus!*

*Ela como que perdeu o fôlego, fez uma pausa respirando fundo, e depois prosseguiu com o mesmo ardor:*

— *Agora, a mesma Igreja que ela tanto amava queimou-a, e os padres nos repetem todo o tempo que Jehannette era cruel, bruxa, herege e mais todas essas coisas más que disseram dela; que duvidar disso é duvidar da Igreja, e duvidar da Igreja é duvidar de Deus. Porém não acredito nisso, Padre, ninguém em Domrémy que a conheceu acredita, por mais que finja para não ter aborrecimentos! E eu também finjo, vou à igreja como antes, confesso e comungo como sempre, mas eu acredito em Jehannette como acredito em Deus e na Virgem Santíssima! E se a Igreja diz que aquela adorável menina era feiticeira e má, eu nego-o com toda a minha alma, com todas as minhas forças e digo-vos que é a Igreja quem está errada, e não Jehannette!*

*Aquele furioso desabafo surpreendeu a nós dois. A camponesa refreou-se, assustada com o que dissera, enquanto eu baixava a cabeça, arrasado, pensando em todo o mal que nós fizemos; entre outras coisas, devastamos a fé boa e sincera daquela gente simples. Ela parece ter adivinhado o que eu pensava, pois continuou:*

— *Antes, tínhamos absoluta confiança de que o padre era sempre um enviado de Deus, em quem poderíamos confiar sem receio, a quem poderíamos recorrer em qualquer situação. Entretanto, depois de tudo o que se passou, já não tenho mais certeza disso. Deus me perdoe se estou em pecado, mas é o que meu coração diz.*

*Fiquei um tempo que me pareceu nunca acabar, pensando no que dizer a ela. Por fim, em voz baixa lhe respondi:*

— *Filha, não acuse a Igreja pela maldade dos homens. Imagine: se o Rei confia uma missão a um servo de sua confiança, e esse homem vale-se disso para cometer crimes e torpezas, o Rei não tem culpa. Foi também vítima do abuso de sua confiança. Não concorda?*

*Ela pensou no que eu disse e respondeu:*

— *Sim, mas nesse caso o dever do Rei é investigar e punir este homem, não obrigar os demais súditos a concordar com o que o mau servo fez.*

*Aquilo me surpreendeu, e depois de pensar bastante, respondi:*

— *A Igreja o fará, filha. Mais cedo ou mais tarde o fará. Tenha paciência.*

— *Será possível, Padre? — perguntou a mulher, ansiosa.*

— *Sim. Tenho certeza de que, por meio dessa mesma Igreja, Deus fará justiça a ela — respondi, menos convicto do que demonstrava.*

— *E aos seus Juízes também?*  
 — *Sim. Aos seus Juízes também — confirmei eu, abatido.*  
*Ela me olhou, surpresa, e me disse um tanto chocada:*  
 — *Vós pareceis acreditar na inocência de Jehannette tanto quanto eu, Padre!*  
*Fiz que sim com a cabeça, temeroso de ouvir minha própria voz confirmá-lo. A aldeã desarmou seu espírito e me disse, mais afável:*  
 — *Vós pareceis um homem bom, Padre. Agradeço-vos o ter me ouvido. Há muitos anos tudo isso me pesava no coração, e agora ele parece estar mais leve. Dai-me vossa bênção.*  
*Fiz sobre ela o sinal-da-cruz, sentindo dentro do peito um peso como o de uma pedra de moinho. A fim de tentar vencer a emoção que ameaçava fazer-me confessar o papel que tive em todo esse drama, olhei para a menina que olhava sorrindo para mim o tempo todo e fiz a pergunta óbvia:*  
 — *Sua filha?*  
 — *Minha filha mais velha — disse, beijando a criança.*  
 — *É uma linda menina.*  
*A mãe sorriu, lisonjeada, e me animei a perguntar:*  
 — *Ela também já brinca sob a Árvore das Fadas?*  
*O sorriso desapareceu dos lábios da mulher e um misto de susto e dor empanou seu rosto:*  
 — *Como sabeis disso, Padre? Vós também conhecestes Jehannette?*  
*Engoli em seco as lágrimas que insistiam em molhar meus olhos, e murmurei:*  
 — *Sim, filha. Eu a conheci.*  
 — *Ela vos contou isso?*  
 — *Sim — disse num sussurro.*  
*Aquilo doeu fundo no meu peito e me preparei para me humilhar diante daquela camponesa implorando seu perdão. Uma lágrima escorreu antes que eu pudesse retê-la. A mulher vacilou, e depois de alguma hesitação disse mais para si mesma que para mim:*  
 — *Não, certamente não fostes um de seus juízes. Se chorais por ela é porque sois bom e não teríeis feito o que os outros fizeram. Se um só deles tivesse sido como vós...*  
*Engoli em seco outra vez, mas não pude impedir outra lágrima de cair. Ao fim de uma breve pausa ela prosseguiu, sombria, voltando-se de novo para mim:*  
 — *Não, Padre. Ninguém mais poderá brincar sob a velha e querida Árvore das Fadas. Depois da morte de Jehannette, vieram autoridades eclesiásticas ordenando que ela fosse cortada, porque a Igreja afirmava que era usada para a prática de feitiçarias...<sup>353</sup>*  
*A aldeã deixou cair algumas lágrimas também e depois prosseguiu:*  
 — *Bem que tentamos evitar, mas não apenas não pudemos, como ainda fomos todos obrigados a ouvir o sermão no qual estas autoridades afirmaram que Jehannette era má, que ali fazia bruxedos e por isso Deus a castigou por seus pecados, e todos os que a considerassem boa iriam para o Inferno com ela. Como ninguém quisesse derrubar a*

---

353 Outra licença histórica. Segundo Colette Beaune, a Árvore das Fadas teria vivido ainda pelo menos até o século XVI e Montaigne a teria visto em 1580.

árvore, ameaçaram tanto, puseram-nos tanto medo, que acabamos tendo que obedecer, sob coação. Foi um dos dias mais tristes de nossa aldeia...

Lutando contra os soluços, perguntei:

— E... onde está a família dela, agora?

— Os rapazes, na guerra. A mãe **dela**, pouco depois disso, foi embora. Veio despedir-se de mim e de Hauviette, chorando. Nós lhe perguntamos para onde iria, e ela respondeu: Orléans. Lá celebram missas pela alma da minha filha, lá **ela** não é chamada de herege, nem de feiticeira. Então, prometemos a ela cuidar da casa enquanto vivêssemos ou até que voltasse.

Voltei desta viagem chorando todas as lágrimas que poderia ter chorado, tentando em vão imaginar alguma penitência capaz de aplacar o meu remorso. Já perdi todas as ilusões da vida, e este mundo nada tem de melhor para me oferecer que o gozo de encontrar alguma gratidão nos olhos dos aldeões de minha aldeia. Por isso, dedico cada dia do resto de minha vida a essa pobre gente que me tem na conta de um verdadeiro santo, mal podendo imaginar que seu bom padre tem as mãos manchadas pelo sangue de Abel.

Não tenho outro conforto. Pois, quando não ouço a voz de meus paroquianos a me dizer: “bendito sejais, Padre!”, escuto aquela voz terrível que sem descanso grita no fundo de minha alma: Caím, Caím, que fizeste de teu irmão<sup>354</sup>; e quando não vejo um sorriso de gratidão no rosto deles, ferreteia minhas pupilas sem cessar o corpo cheio de equimoses da Donzela amarrada ao poste do martírio, clamando pelo Justo do qual nos proclamávamos representantes.

Tudo quanto me motivou e seduziu um dia, hoje tem o mesmo valor de uma sublime melodia executada para um surdo. Nem a mitra, a tiara, ou o barrete me arrancariam sequer um único suspiro. Renunciei, no meu coração, a todos os títulos com que sonhei um dia, pois nada significam para esta pobre gente e nada mais significam hoje para mim. Um único anseio ainda faz vibrar minha alma, um só desejo: o de rojar-me ainda uma vez aos pés da Donzela e suplicar-lhe um perdão que, tenho certeza, **sua** alma diamantina e pura há muito concedeu a todos nós. Um perdão que sei que não mereço, e, todavia, ninguém mais, nem mesmo o Santo Padre pode dar-me ao ponto de me devolver a paz perdida.

Há alguns dias fui confessar um pobre criminoso que seria levado à pena última. Cheio de piedade por ele e por mim, falei-lhe com tamanha devoção e tão grande fervor que, por fim, o infeliz se rojou aos meus pés, rogando-me, em nome de Deus e de suas vítimas, que eu lhe concedesse o perdão.

A voz me falhou. Como dizer-lhe que eu era tão ou mais criminoso do que ele próprio; que também tinha as mãos manchadas de sangue inocente e por isso era indigno até mesmo do próprio hábito com o qual cobria a nudez do corpo, mas não da alma? Por fim, pude lhe assegurar, desde que seu remorso fosse verdadeiro e sincero, que ele estava verdadeiramente perdoado. Então ele abraçou meus joelhos e sorriu chorando, dizendo-me que agora podia enfrentar o cadafalso em paz e sem temor.

---

354 Velho Testamento, Gênesis, 4:10.

*Quando tudo terminou, eu me afastei chorando, de vergonha. Sufocado pela inveja que me causava aquele criminoso infeliz a receber um perdão pelo qual eu era capaz de dar tudo o que eu ainda tivesse para dar, e mesmo assim o Senhor me negava. Mas reconhecia que era justo, já que, por causa de minhas vestes sagradas, eu era infinitamente mais culpado que aquele criminoso cuja ignorância era poderoso atenuante para seus crimes. Não deixava, todavia, de ser irônico eu ser o instrumento da misericórdia do Todo-Poderoso que eu mesmo não conseguia receber.*

*Que coisa horrenda fizemos nós!... Vimos a luz brilhar diante de nossos olhos e mesmo assim preferimos as trevas. Se vivêssemos ao tempo do Senhor Bendito, certamente teríamos imitado Anás e Caifás. Amaldiçoamos os judeus por terem crucificado o Salvador, e em que fomos melhores que eles? Queimamos uma Santa, e agora hipocritamente proclamamos sua inocência. E o pior de tudo, a certeza de que, se Deus a ressuscitasse dos mortos na mesma situação, tudo teríamos feito igual. Nossos pais assassinaram os profetas, e nós lhes adornamos as tumbas<sup>355</sup> ...*

## EPÍLOGO

*JOANA: Os homens se lembrarão de mim, mesmo quando houverem esquecido onde era Rouen!...*

*Minha espada ainda triunfará — a espada que nunca feriu!*

Bernard Shaw



## Basílica de Latrão, 1455

Aquela deveria ser uma cena particularmente estranha, não fosse a plena consciência de seus participantes. Em seu dormitório particular, sentado na cadeira acolchoada, o velho Papa Nicolas V falava a sós com o Cardeal assentado à sua frente, deixando-lhe claro o pleno conhecimento que tinha dos conluios feitos à sua sombra.

— Porém já nos conhecemos o bastante, portanto, são dispensáveis as máscaras de decepção, surpresa ou indignação. Deixemo-las para os ingênuos, que alimentam a pretensão de evitar o inevitável. Afinal, desde que haja dois homens juntos, há relação de poder, e onde há poder, há conspiração, e aquele que não conspira hoje, conspirou ontem ou conspirará amanhã. Inevitável, tão inevitável quanto o nascer do sol — concluiu o Pontífice, em voz cansada.

O Cardeal limitou-se a aguardar em silêncio, de olhos baixos. Consciente da inutilidade de quaisquer argumentos para justificar o óbvio, e temendo o pior não sem fortes razões, tentava preparar-se para o que quer que estivesse à sua espera, cômico também de que naquele ambiente o *pior* tinha capacidade ilimitada de superar as mais temidas expectativas. Sua Santidade olhava-o fixamente em prolongado silêncio como que degustando o perverso prazer de mantê-lo na expectativa, e por fim tirou lentamente de dentro das vestes uma chave que lhe estendeu, recebida com visível hesitação:

— Não é nenhuma das chaves confiadas a Saint-Pierre, **ainda** — falou em tom de ironia, apontando para um pequeno e despojado baú que se interpunha entre ambos. — É apenas a de um baú especialmente particular. Este.

Diante do Cardeal, que segurava a chave como se não soubesse o que fazer com ela, Sua Santidade prosseguiu:

— Aí guardava documentos... perigosos. Fui lidando com todos, até que restou apenas um, aguardando solução há muito tempo. Não sei qual o valor político, mas diz-me o coração que não deve esperar mais tempo.

O Cardeal suspirou, meneando de leve a cabeça. O Papa retrucou, cansado:

— Sim, podes pensar quão velho, tolo e sentimental tornei-me por falar num órgão que em política não passa de um trambolho. Pouco me importa, não te ordeno acreditar em mim. Afinal, mais dia ou menos dia nada disso será mais assunto meu. E quando o *Triregnum* passar da minha cabeça para a tua, descobrirás por ti mesmo que seu peso não é menor que seu poder...

O Cardeal perguntou, entre a curiosidade e o receio, apontando para o baú:

— Devo abri-lo agora, Santidade?

O velho Pontífice retrucou, algo impaciente:

— Abra, não tenha medo! Afinal, dentro de pouco tempo, será teu, como, aliás, este palácio e todo o resto!

O futuro Papa Calixte III abaixou-se, não sem antes um olhar de viés para o rosto irônico do interlocutor, destrancou o baú e abriu-o. Havia bolor e mofo no solitário maço de papéis deitado do fundo. Por um momento, expressou novamente receio no olhar que devolveu ao velho Pontífice, que riu um riso cansado ao dizer-lhe:

— Não precisas temer, desta vez não é nenhum tipo de veneno. É apenas mofo.

Pelo sim, pelo não, o Cardeal limpou-o cuidadosamente com a manga da veste e começou a ler:

*u Frei Martin l'Advenu, humilde e submisso filho da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, pertencente à Ordem dos Frades Pregadores, afirmo sob juramento que esta confissão, escrita e selada pelo finado Padre Nicolas l'Oiseleur, foi-me confiada pelas próprias mãos do*  
**E** *supracitado com o objetivo de fazê-la chegar às mãos de Sua Santidade a fim de revelar-vos a verdade sobre o conluio em que, contra a verdade, a justiça e a sã doutrina, todos nós nos enleamos para, à sombra da Igreja, condenarmos em julgamento eclesiástico a ré Jehanne d'Arc...*

*s anotações que se seguem trazem o selo do Padre Martin l'Advenu, mas não se encontram entre os escritos originais que foram mandados a Sua Santidade, dos quais não se teve mais notícias, e ninguém certamente ousará pedir satisfações ao Vigário do Cristo na Terra. Estes*  
**A***reclamos certamente foram escritos após o Padre l'Advenu ter dado seu depoimento no Tribunal de Reabilitação, e após sua morte, foram descobertos dentro de seu travesseiro por um seu criado, e mais tarde confiados à Igreja.*

## Rouen, 1456

Não gritaremos mais: "Por São Denis",  
Mas Joana, a Pucela, é quem será  
Padroeira da França!

Shakespeare

Durante cerca de vinte anos, houve uma espécie de conspiração de silêncio a alimentar a esperança de que nossa infâmia ficasse adormecida na efêmera memória dos homens, e o vaticínio que eu fizera à camponesa Menguette não se cumprisse antes que meu corpo houvesse baixado à sepultura. Afinal, graças às influências de George la Trémoille, Camareiro do Rei, e de Regnault de Chartres, Arcebispo de Reims, o Rei da França, mais do que tudo preocupado com a validade de sua sagração, parecia particularmente ansioso em apagar qualquer vestígio de seu vínculo anterior com aquela que aos olhos da Igreja ainda era oficialmente feiticeira, apóstata, herética e blasfema.

Todavia, estava escrito nos desígnios da Divindade que não nos seria permitido sequer o consolo de morrermos ocultando a própria infâmia no interior de nossas sepulturas. Eu o pressenti desde a queda de la Trémoille, e a conseqüente assunção do Conde de Richemont, como disse linhas atrás. Parece que a nossa vítima viu mais longe que todos e jogou de tal maneira que continuou a influir nos acontecimentos mesmo depois de *sua* morte. Pois, segundo rezam as crônicas, por obra das maquinações de la Trémoille, Richemont estava em desgraça junto ao então Delfim, e foi *ela* (sempre *ela!*) quem promoveu a difícil reconciliação entre ambos.

Todavia, mais anos se passaram, e cheguei a pensar que, às voltas com a condução da guerra, o Condestável teria esquecido definitivamente o assunto, mas foi apenas uma amostra de sua habilidade. Ele esperou até a morte do intocável Arcebispo de Reims, ocorrida em 1445; e a queda de Rouen em 1449, com a conseqüente retomada da Normandia. Suponho tenha sido ele quem terminou por convencer o Rei de que somente a nulidade do nosso Julgamento poderia legitimar sua coroação, pois os ingleses, enfrentando agora a derrota nos campos de batalha, insistiam em proclamá-la inválida, como obra e graça de uma mulher cujos atos haviam sido oficialmente condenados pela Igreja.

Em conseqüência, por decreto emitido em 13 de fevereiro de 1450, Messire Guillaume Boillé<sup>356</sup> recebeu ordens do Rei para conduzir um inquérito sobre a condução do julgamento feito contra a Donzela *por nossos velhos inimigos, os Ingleses*, os quais *contra a razão deram-lhe morte cruel*. Assim, para minha angústia, o nome *dela* uma vez mais voltou à baila, e todos nós, o pugilo de sobreviventes da infâmia do século, começamos a ser convocados para fazer frente ao fantasma de nosso passado.

Não obstante, a justiça de todos os tempos e lugares tem grande aversão a rever suas decisões, sobretudo quando há risco de ferir interesses. As autoridades eclesiásticas, incertas quanto ao futuro da guerra, e por isso temerosas de ferir as susceptibilidades inglesas, protestaram com veemência, alegando que nenhuma autoridade secular, nem

---

356 Foi Reitor da Universidade de Paris, Deão da Faculdade de Teologia, Deão de Noyon, Membro do Grande Conselho e Embaixador em Roma.

mesmo o próprio Rei, tinha poderes para questionar a validade de um processo em matéria de fé aprovado com louvores tanto pela Santa Inquisição como pela Universidade de Paris (...*fonte inesgotável de toda sabedoria, verdadeira luz da Igreja...*), e foi assim que, para meu grande alívio, apesar dos pareceres favoráveis de diversas autoridades leigas, o inquérito não teve andamento.

No entanto, em abril de 1452 meu coração pulsou mais forte, pois o assunto ressuscitou. O Cardeal Guillaume d'Estouteville<sup>357</sup>, baseado no pedido formal de Isabelle Romée (mãe *dela*), deu início a um novo inquérito. Graças a esta manobra, o Processo passou a ser uma apelação meramente particular, o que lhe tirava todo e qualquer aspecto político; dessa forma, a revisão da sentença poderia agradar aos interessados sem ofender oficialmente a ninguém, uma vez que, dos Juízes anteriores, Monsenhor e d'Estivet já estavam mortos, e Jean le Maistre, convenhamos, não era pessoa que inspirasse temor nem sequer a seu cão. Nesta condição, fomos chamados mais uma vez para depor<sup>358</sup>.

Jean le Fèvre, apesar da idade avançada e de ser agora Bispo de Demetriadés, não se furtou de responder ao novo Tribunal. Trouxe à baila o episódio de 24 de fevereiro com amargura e acrescentou:

— *...Jehanne respondia com grande prudência às perguntas que lhe eram feitas, exceto aquilo que dizia respeito às revelações que recebera de Deus. Era questionada sobre assuntos de grande profundidade e respondia-os com elevada inteligência. Durante cerca de três semanas eu acreditei que **ela** era inspirada...*

Lástima que ninguém lhe tenha perguntado por que deixou de acreditar depois.

Jean de Fave<sup>359</sup>, em seu depoimento, causou penosa impressão ao afirmar que:

— *Ao fim da primeira pregação, quando **ela** foi levada de volta à torre onde era prisioneira, alguns dos soldados agrediram-na, e seus chefes permitiram-lhes fazê-lo...*

Thomas Marie<sup>360</sup>, em seu depoimento feito apenas daquilo que ouviu dizer, surpreendeu-me bastante, contudo, ao afirmar que:

— *Eu ouvi muitas pessoas dizerem que viram o nome de Jesus Cristo escrito nas chamas em que **ela** foi queimada...*

Pois, por mais que eu forçasse a lembrança, não me recordava de ter visto ou ouvido nada sequer de semelhante. Não obstante, suas palavras seguintes falaram algo com que certamente todos concordamos:

— *...se os ingleses tivessem uma mulher assim, eles a teriam coberto de honras, ao invés de tratá-la dessa maneira.*

Igualmente, pude concordar com as palavras expressas por Richard Grouchet ao afirmar que ele próprio, Pigache e Pierre Minier:

— *...tínhamos dado nossos pareceres unicamente sob o terror das ameaças... chegamos mesmo a pensar em fugir...*

---

357 Legado Papal de Nicolas V e Decano do Colégio dos Cardeais (1403-1483).

358 Os depoimentos não estão em ordem rigorosa. Particularmente os de l'Advenu, Manchon, Massieu, Pierre Miget e la Pierre, que depuseram mais de uma vez, foram condensados em um só bloco a fim de facilitar a narrativa.

359 Mestre em Artes e Licenciado em Direito. Esteve presente ao sermão em Saint-Ouen.

360 Bacharel em Teologia, Prior de Saint-Michael, perto de Rouen. Não participou do Julgamento.

Não obstante, tudo isso de pouco serviu. Sua Santidade Nicolas V, receoso de malquistar-se com a coroa da Inglaterra (cuja ajuda esperava obter para uma nova Cruzada contra os bárbaros muçulmanos) bem como com a Universidade de Paris (que poderia reacender os conflitos do Concílio de Basileia), lançou mão de mil manobras protelatórias e evasivas graças às quais o Processo, mesmo sem ser anulado, não deu um passo em direção alguma e aos poucos minha ansiedade mais uma vez foi dando lugar ao alívio.

No entanto, se as coroas de França, Inglaterra e Roma preferiam ignorar o assunto, o povo francês pensava de outra forma, e sua voz, irradiando-se a partir de Orléans, foi crescendo paulatinamente até que se tornasse clamor em todo o Reino. Assim mesmo, foi preciso que Sua Santidade morresse, para que seu sucessor, Calixte III, finalmente assinasse o documento que se lê abaixo:

*Calixte, Bispo, Servo dos Servos de Deus, aos nossos veneráveis irmãos o Arcebispo de Reims, os Bispos de Paris e de Coutances, saúde e bênção apostólica. Ouvimos com agrado as humildes*  
**C***petições daqueles que se dirigem a nós e concedemos-lhes favorável mercê. Da parte dos nossos caros filhos Pierre e Jean d'Arc, laicos, e a nossa prezada filha em Jesus Cristo, Isabelle, sua mãe, e também de alguns seus parentes da diocese de Toul, foi-nos requerido o seguinte:*

*Se bem que outrora Jehanne d'Arc, irmã de Pierre e de Jean e filha de Isabelle, sua mãe, houvesse durante toda a sua vida detestado toda a espécie de heresia, em que ela jamais acreditou, se mantivesse afastada de tudo o que pudesse ser considerado herético e observasse as tradições da fé Católica e da Santa Igreja Romana; apesar disso o falecido Guillaume d'Estivet <sup>361</sup> ou um outro, então Promotor dos assuntos criminais junto da Corte Episcopal de Beauvais, mui possivelmente por ordem de certos inimigos de Jehanne, de seus irmãos e de sua mãe, entregou um relatório falso a Pierre, Bispo de Beauvais, de boa memória, assim como a Jean le Maistre, ainda vivo, Mestre da Ordem dos Frades Pregadores, então Vice-Inquisidor da Perversidade Herética para este reino, dizendo que Jehanne, que residia nesse momento na diocese de Beauvais, era culpada de heresia e outros crimes contrários à fé.*

*O Bispo e Jean le Maistre, baseando-se nessa falsa informação, começaram um inquérito contra Jehanne. Encerraram-na então, sem que a isso fossem obrigados pela evidência dos fatos, ou por suspeitas com fundamento, ou ainda por clamores da opinião. Enfim, se bem que por um tal inquérito não tivesse sido constatado (nem isso era possível) que Jehanne fosse culpada de heresia ou tivesse procedido contrariamente à fé, e se bem que ela não tivesse cometido nenhum crime ou excesso desse gênero e que não tivesse praticado nenhum erro contrário à fé, atendendo a que as acusações não eram nem oratórias nem verdadeiras, e se bem que Jehanne tivesse pedido ao Bispo e a Jean le Maistre que lhe permitissem sustentar que jamais dissera qualquer coisa contrária à fé, ou que entregassem o assunto ao exame da Sé Apostólica para ser julgada, eles, entretanto, tirando a Jehanne todo e qualquer meio de provar a sua inocência, não tendo em conta as regras do Direito e não fazendo senão a sua vontade e procedendo de forma inválida, terminaram pronunciando contra ela uma sentença definitiva iníqua, pela qual julgaram-na herética e culpada de todos os crimes e excessos de que foi acusada.*

*Em virtude desta sentença, Jehanne foi iniquamente entregue ao último suplício pelo poder temporal (e isso com grande perigo para as almas dos que a condenaram), para a ignomínia e o opróbrio, para a ruína, a ofensa e a injúria de sua mãe, de seus irmãos e outros parentes. Por consequência, os irmãos, a mãe e os referidos familiares, desejando antes de tudo recuperar a sua honra e a de Jehanne e apagar a marca da infâmia que daí resultou injustamente, com toda humildade nos suplicaram confiar a*

---

361 O erro no nome de d'Estivet consta no documento original.

*causa da nulidade de que se trata e da reabilitação de Jehanne a pessoas que tomem a seu cargo conhecer e resolver segundo o Direito.*

*Nós, pois, acolhendo favoravelmente esta súplica, mandamos pelas presentes cartas apostólicas a Vossas Fraternidades, que vós, ou dois de vós, ou um só — depois de ter-se-vos juntado um representante da Inquisição para o reino da França, ter sido chamado para a causa o atual Vice-Inquisidor estabelecido na diocese de Beauvais, assim como o Promotor dos assuntos criminais da Corte da dita diocese de Beauvais, e também depois de ter sido chamado para a causa todos aqueles que são de se ouvir em semelhantes casos — depois de ter ouvido as duas partes, sobre tudo quanto acaba de ser dito, e isso sem apelo, façais o que vos parecer justo; e que o que tiverdes decidido, mandamo-vos fazer e observar com firmeza sob a sanção das censuras eclesiásticas.*

Nesse ínterim, toda a nossa dedicação à causa inglesa não impediu que, com o passar dos anos e dos fatos, fôssemos paulatinamente tornando-nos leais súditos de Sua Majestade Charles VII e bons franceses. Afinal, uma das mais antigas verdades políticas de todos os tempos é que a maior prova da santidade de uma causa está na vitória, e dessa forma, quantos se converteram à causa inglesa após Agincourt voltaram como filhos pródigos ao regaço da França após as batalhas de Formigny e Castillon.

Foi assim que a 7 de novembro de 1455, na Igreja de Notre-Dame de Paris, houve uma grande assembleia na qual todos comparecemos (eu, pelo menos, conformado com o inevitável), onde foi solenemente declarado aberto o caso. Ao fim da leitura do decreto do Santo Padre, uma anciã, rosto vincado de fundas rugas, cabelos branco-acinzentados e em vestes de camponesa, atendeu ao chamado e avançou a passos tão firmes quanto a avançada idade lhe permitia em direção ao Legado Papal e, gemendo, ajoelhou-se com alguma dificuldade. A um gesto gentil deste, disse em voz surpreendentemente vigorosa:

*— Eu tive uma filha de um matrimônio legítimo, crescida entre os campos e os pastos. Eu a batizei, crismei e eduquei no temor a Deus. Ensinei-a a respeitar as tradições da Igreja tanto quanto me era dado fazer em função de sua idade e a modéstia de sua condição social. Fui tão bem sucedida que ela passava muito de seu tempo na igreja, nunca deixando de se confessar e receber a santa Eucaristia todos os meses. Como as pessoas do povo sofriam muito, tinha grande piedade para com eles em seu coração e, apesar de sua juventude, orava e jejuava por eles com grande fervor e devoção. Jamais pensou, falou ou fez coisa alguma contra a fé.*

Ela fez uma pausa, olhou diretamente para nós por um instante e prosseguiu:

*— Apesar disso, determinados inimigos denunciaram-na em um julgamento religioso. Não obstante seus desmentidos e suas apelações, tácitas e explícitas, sem poder contar com nenhuma ajuda para sua defesa, foi julgada por meio um processo pérfido, violento, pecaminoso e falso. Os juízes condenaram-na como falsa, herética e criminosa, e fizeram-na morrer cruelmente por meio do fogo, para danação de suas almas e uma perda ruidosa, infame e irreparável para mim Isabelle, e à minha família... Eu reclamo que sua honradez seja conhecida e restaurada.*

Enquanto ela falava, quase todos os presentes olhavam-nos de soslaio. Meu rosto queimava, sentia-me como se eu fosse o réu, e suponho que meus comparsas deviam sentir a mesma coisa. E quando, autorizada, fez menção de levantar-se, gemendo de dor e dificuldade, o próprio Legado Papal, num gesto instintivo, estendeu-lhe gentilmente a mão,

fazendo-a chorar. Em seguida, o Arcebispo de Reims voltou-se para Madame Romée e lhe disse pausadamente:

— *Ouvimos com piedade e compaixão os comoventes apelos que nos foram dirigidos, e sendo assim não faremos senão obedecer à vontade da Santa Sé, à doutrina das Sagradas Escrituras e aos ditames naturais da consciência humana ao examinarmos com solicitude e equidade às queixas formuladas. Não obstante, é nosso dever vos avisar que, por não terdes experiência de julgamento, não tendes conta das dificuldades da questão em pauta, e das demoras que os debates sofrerão. Sendo assim, guiai-vos pelo bom senso e tomai sentido para não vos deixardes levar por um zelo indiscreto, tendo em vista o quanto vossa dor de mãe ficará agravada caso as conclusões do Processo, em vez de serem anuladas, sejam confirmadas, e se, por consequência, ao invés de uma reabilitação, se der uma nova condenação. Reparai, pois, que, se é fácil começar um julgamento, concluí-lo é muito mais difícil e perigoso. Assim sendo, concedemo-vos um prazo para que reflitais maduramente, até o dia 17 de novembro do corrente ano, quando retornareis diante de nós, e caso persistais em vossa decisão, o Processo então terá prosseguimento.*

Aquelas palavras foram música para os meus ouvidos. Por mais que aquelas augustas autoridades se dissessem dispostas a obedecer, pareceram-me ainda mais dispostas a deixar as coisas como estavam, intimamente ansiosas para que a querelante aceitasse a sugestão implícita e nos poupasse de toda a canseira e todo o constrangimento que aquele novo processo prometia. Eu, pelo menos, intimamente alimentava ainda outra esperança: de que, antes do fim do prazo dado supra, a Natureza fosse razoável e cobrasse à idosa senhora o tributo que todo ser mortal deve necessariamente pagar-lhe.

O resultado, ao menos para mim, foi uma dupla decepção: no dia marcado ela retornou, em companhia de um verdadeiro séquito oriundo de Órleans, e, ao invés de *guiar-se pelo* (nosso) *bom senso* e sem se preocupar com *as dificuldades da questão em pauta* ou com *a indiscrição de seu zelo*, ratificou a firme decisão de prosseguir. Em seu nome falou o advogado Pierre Maugin, o qual procurou deixar claro, em sua súplica pela revisão da sentença, que sua acusação era dirigida unicamente contra o Promotor e os Juízes do primeiro Julgamento, não contra os Assessores, validando a tese de que estes:

— *...foram induzidos a conclusões erradas devido a documentos truncados contendo falsas deduções...*

pelo que lhe sou infinitamente grato. E concluiu dizendo:

— *...importa menos a condenação dos culpados (muitos dos quais já estão mortos!) do que a reabilitação de Jehanne; e, acima de tudo, nada mais senão o triunfo da Verdade e da Justiça, pois o sangue imaculado da inocência oprimida brada diante do trono do Senhor!*

Diante do clamor que se seguiu em apoio, o Arcebispo de Reims e o Bispo de Paris declararam-se prontos para, em conjunto com o Inquisidor do Reino, Jean Brehal, assumir a condição de Juízes deste Julgamento de Reabilitação, o qual, não obstante, teria continuidade num local cujo nome deu-me calafrios ouvir: o Palácio Arquiepiscopal de Rouen. Felizmente, contudo, também por lá não havia mais borguinhões nem armagnacs,



mas sim unicamente franceses<sup>362</sup>, e o novo titular da mitra, Cardeal d'Estouteville, tinha coisas mais importantes para dar atenção.

A Corte requereu à igreja de Poitiers uma cópia dos registros do Inquérito realizado em 1429. Mas recebeu de volta a estranha e surpreendente notícia de que eles haviam simplesmente desaparecido, sem que se pudesse explicar como. Ante a insistência dos Juízes (afinal, um documento dessa importância não desaparece assim, sem explicações!), por fim acharam um sumário contendo as conclusões dos clérigos, cuja cópia fora enviada na época ao Rei. No entanto, o Inquérito propriamente dito nunca mais tornou a ver a luz do dia. A única e plausível conclusão a que pude chegar é que fora destruído, muito provavelmente por ordens do antigo Arcebispo de Reims, desejoso de agradar ao Cardeal de Winchester como de manter as boas graças das coroas de França e Inglaterra.

Quando aos escritos que eu enviara a Roma há tantos anos, contendo a confissão de l'Oiseleur e meus reclamos pessoais, até então não haviam sido citados de forma alguma, nem sequer indiretamente, para minha estranheza e decepção. No entanto, ao término de uma sessão, mal acabava de deixar o Palácio Arquiepiscopal quando ouvi meu nome. Voltei-me tão rápido quanto me permitia a idade e a espinha dura e dolorida, deparando-me com um desconhecido, o qual repetiu o chamado:

— Padre Martin l'Advenu?

— Sim, meu filho. Em que posso servi-lo?

— Meu amo convoca Vossa Paternidade à sua presença neste momento — respondeu-me, mais enigmático do que a Esfinge.

Estremeci ao ouvi-lo, mas a voz do estranho transmitia tamanha autoridade que não ousei discutir, nem mesmo para questionar quem seria seu amo. Limitei-me a segui-lo de volta, rogando em silenciosa oração pela graça de Deus. Andamos em silêncio por aqueles corredores silenciosos, atravessamos algumas portas e tremi ainda mais quando me deparei com as fisionomias fechadas dos Legados Papais, do Arcebispo de Reims, do Bispo de Paris e do Inquisidor do Reino. Tal foi meu susto que nem sequer me dei pela conta do desaparecimento daquele que me trouxera. Apressei-me a saudar aquelas augustas autoridades, lutando contra a garganta que se fez seca. Meus receios aumentaram quando, ao invés de me estenderem seus anéis para que eu os beijasse, os primeiros miraram-me de alto a baixo, enquanto os demais se entreolhavam interrogativamente. Por fim, o último dirigiu-se a mim com formal afabilidade:

— Irmão l'Advenu, sabe por que foi chamado?

— Não, Reverendíssimos Senhores — respondi em voz sumida.

Os demais me olharam com desconfiança, enquanto Jean Brehal prosseguia:

— O prezado irmão enviou há alguns anos, por meio de um emissário altamente conceituado pela Santa Sé, relevantes documentos sobre o caso em questão, ao Papa Nicolas V, de boa memória.

Assenti silenciosamente, ao que o Inquisidor do Reino continuou, afável:

---

<sup>362</sup> Por ocasião da retomada de Paris, o rei concedeu indulto geral e, para apagar os vestígios da guerra civil, proibiu dali em diante o uso dos termos *borguinhão* e *armagnac*.

— O Santo Padre Calixte III manda-nos agradecer tão relevante serviço prestado à Fé. Tais escritos facilitaram grandemente ao Santo Padre tomar a decisão mais justa e mais católica neste caso.

Curvei-me silenciosamente, à guisa de agradecimento. Achei prudente nada dizer, já que nada me era perguntado, mas pela primeira vez em muitos anos consegui durante um breve instante desfrutar de alguma sensação de reconforto. No entanto, ele continuou:

— Não obstante, Sua Santidade entende que a revelação deste documento seria deveras... desaconselhável no presente momento. Por esta razão não foi, nem deverá ser citado, nem no todo nem em parte, no presente julgamento.

Entre decepcionado e receoso, estremei mais uma vez, tentando adivinhar o que viria a seguir. Olhei de soslaio para a janela, temendo mesmo que estivesse vendo pela última vez a luz do sol. O Inquisidor do Reino, como quem perguntasse algo banal, porém olhando-me atentamente, indagou-me:

— Sabe se o finado autor daqueles escritos teria feito alguma cópia deles?

— Desconheço, Monsenhor Inquisidor — respondi com voz sumida.

O Arcebispo de Reims interrompeu-nos, mais firme e menos afável:

— Certamente Sua Santidade ficará sumamente contrariado caso alguma cópia deste documento comece a circular por entre os leigos.

Não sei se empalideci, suponho que sim, mas meu coração pulsou mais depressa e senti alívio quando o Inquisidor do Reino retomou a palavra:

— Por acaso o finado Padre Aucupis sugeriu, mesmo vaga ou indiretamente, haver alguma cópia destes documentos, ou qualquer coisa parecida?

— Ele nada me disse a respeito, Monsenhor Inquisidor, nem vaga ou indiretamente. Deduzi por isso que aquele seria o original e que não haveria cópias. No entanto, não posso jurá-lo. Afinal... ele não era alguém cuja palavra eu considerasse um penhor da verdade.

Diante do peso de todos aqueles olhos sobre mim, esbocei um sorriso nervoso ao dizê-lo, mas seus rostos não demonstraram nem mais severidade nem mais descontração do que antes. Entreolharam-se como se dialogassem com os olhos, e por fim Jean Brehal tomou uma grossa Bíblia, pô-la sob a minha destra e voltou-se para mim, afável de novo:

— cremos que o prezado irmão compreendeu bem a gravidade do que está sendo tratado, e o quanto uma palavra indiscreta seria embaraçosa aos interesses da Santa Madre Igreja e prejudicial aos seus. Portanto, julgamo-lo digno de nossa confiança, e contamos com sua prudência e discrição.

— Sem dúvida, Reverendíssimos Senhores. Deus me guarde de decepcionar-vos — apressei-me a responder, vencendo o nó da garganta.

Os demais me olharam, rostos fechados, mas satisfeitos, e só então me estenderam seus anéis para que eu os beijasse. Obedeci com visível alívio, depois do que tive permissão para me retirar, o que fiz tão depressa quanto possível sem trair o nervosismo.

Embora a Corte houvesse ordenado repetidamente que os representantes dos Acusados se apresentassem, somente em 20 de dezembro compareceu Jean de Gonnys, Cônego de Rouen, representando os herdeiros do antigo Bispo de Beauvais. Contorcendo-se em medidas e explicações, afirmou que seus clientes não tinham o menor interesse em um Julgamento que não lhes dizia respeito, por ter ocorrido quando eram ainda muito

crianças, ou nem sequer eram nascidos; que Jehanne d'Arc fora vítima do ódio dos Ingleses e que, em consequência, a culpa deveria recair sobre eles; e que, por fim, invocavam os benefícios da anistia outorgada pelo Rei após a reconquista da Normandia, para que não fossem prejudicados por eventual reabilitação da Donzela.

Em 16 de fevereiro se apresentaram Mestre Réginald Bredouille, Promotor da diocese de Beauvais, em nome de Monsenhor Guillaume de Hellande, atual Bispo de Beauvais; e Jacques Chaussetier, Prior do Convento de Évreux e dos Dominicanos de Beauvais (mesma ordem a qual pertencia o já finado Jean le Maistre). Vinham, em tese, representar a autoridade eclesiástica dos Acusados; no entanto, ainda que se submetessem (visivelmente a contragosto) às ordens da Corte, Mestre Bredouille deixou clara a posição de ambos em relação ao Julgamento anterior declarando que:

— *Parece-nos incrível que Monsenhor Pierre Cauchon tenha usado de procedimentos tão iníquos como aqueles que estão registrados... porém, seja como for, não nos sentimos com competência bastante para opinar, e por isso reportamo-nos à sabedoria do presente Tribunal.*

Foi assim que aqueles de nós que sobrevivemos até este dia fomos convocados ainda uma vez para comparecer diante do novo Tribunal. Não mais como Assessores, porém oficialmente como testemunhas, e no fundo de nossos próprios corações como réus, sensação esta que aumentou ainda mais dentro de mim ao ouvir os depoimentos daqueles que mais de perto haviam convivido com **ela**; sobretudo, pesou em meu peito como uma pedra de moinho as palavras ingênuas, porém duras, do velho Padre Jean Pasquerel, que havia sido o **seu** confessor:

— *Surpreende-me sobretudo que tão grandes clérigos como os que causaram sua morte possam ter ousado tão grande crime quanto o de matar tão pobre e simples Cristã, com tais requintes de crueldade e sem razões suficientes para isto... parece-me que eles assumiram a responsabilidade por um julgamento injusto...*

Como se alguma força estranha me obrigasse a isso, ergui o rosto e foi com angústia, vergonha e mais uma gama de sensações penosas mais fáceis de sentir do que definir, que me vi sob os olhos de meus antigos companheiros, e eles sob os meus. Chocado com as marcas implacáveis que o tempo tinha imputado a cada um, precisei de uma força tremenda para saudá-los com um simples aceno de cabeça e desviar os olhos. Mas aquilo se repetiria muitas e muitas vezes ao longo daquele Processo, pois, por mais que tentássemos evitá-lo mantendo-nos afastados uns dos outros, falando-nos unicamente quando obrigados pela mais imperiosa necessidade, era quase impossível não prestarmos a mais viva atenção a tudo o que cada qual dizia.

Achei no mínimo curioso que o Reverendíssimo Bispo de Noyon, apesar de não ser tão velho assim, fosse vítima de tão impressionantes lapsos de memória. Em seu depoimento, dizia-se incapaz de lembrar-se de ter dito ou ouvido qualquer coisa. Sobre as Cartas de Garantia, assinadas em sua presença, afirmou, por exemplo, que:

— *...acredito que estava mesmo presente, embora eu não me recorde bem disso...*

Todavia, ele não foi o único. Nicolas Caval foi outro que parecia ter perdido a capacidade de recordar. Foi um verdadeiro milagre o fato de ele ao menos lembrar-se que:

— *...ela foi queimada, disso sei bem; contudo, se justa ou injustamente, reporto-me às leis e ao presente Tribunal...*

Surpreendente também o depoimento do Prior de Longueville-Giffard, Pierre Miget. Entre lacrimoso e evasivo, falava de sua piedade pela acusada, da terrível pressão exercida pelos ingleses e do quão injustas a atuação do Bispo e a sentença final, empolgando-se ao dizer que:

— *...não se pode tachar de herética uma mulher tão somente porque tenha feito uso vestes masculinas, antes pelo contrário: quem afirma semelhante coisa deveria ser punido com a pena de Talião!...*

Ao que alguém cochichou ao meu lado:

— Belas palavras, pena que com vinte e cinco anos de atraso...

Causou-me ainda mais viva surpresa ouvi-lo afirmar que:

— *Cheguei a ser acusado diante do Cardeal de ser partidário de Jehanne, mas me justifiquei perante ele, temendo por minha vida...*

Não estou afirmando que não foi assim. Digo apenas que ele era um assessor assíduo e, por mais que eu force a memória, não consigo me lembrar de nada parecido, tampouco de algum momento no qual ele tivera deixado transparecer estes sentimentos de que nos falava agora por meio de palavras tão comovedoras e sensíveis.

O depoimento de Ysambard de la Pierre foi um dos que mais me causou surpresas. Ao me deparar com a envelhecida figura de meu antigo companheiro, a quem não via desde quando me isolara em minha aldeia no sul, senti prazerosa sensação de alívio. Todavia, suas declarações causaram-me de imediato penosa impressão. Afinal, lembrava-me bem de quão nítida era sua simpatia por *ela*, naquele tempo como agora, e, no entanto, foi um choque ouvi-lo em dado momento dizer que:

— *...Quando ela falava do reino e da guerra, julgava-a movida pelo Espírito Santo; porém, quando falava de si mesma, dissimulava muitas coisas; não obstante, eu penso que não deveria ter sido condenada como herética...*

Assim que encontrei uma oportunidade, fui ao seu encontro com um franco sorriso nos lábios, fazendo menção de lhe estender os braços, mas estaquei ao vê-lo saudar-me apenas formalmente, com inequívocos sinais de desgosto ao me perguntar com uma frieza invernososa:

— O que desejas, irmão?

Hesitei por um momento, criei coragem e prossegui:

— Ouvi teu depoimento. Lembraste bem de tudo quanto passamos...

— Para nossa maior desgraça — retrucou secamente.

— Sim, é verdade. Tudo quanto disseste é a mais pura verdade. De uma única coisa apenas não me recordo: o que *ela* dissimulava sobre si mesma?

Ele me respondeu secamente:

— Acerca de *suas* Vozes. Sempre se recusou a falar delas. Por que perguntas?

— Parece-me que neste caso *ela* não dissimulou, apenas recusou-se a responder...

— E que diferença isto faz agora?

— Bem... os tempos mudaram, e agora estamos livres para falar toda a verdade.

Seu olhar era indefinível ao me perguntar:

— Acreditas realmente nisso?

Afligi-me por sua pergunta e me apressei a responder:

— Bem, e não é assim? Não compreendo!...

— Compreendes perfeitamente. Afinal, conhecemos por experiência própria a natureza dos julgamentos eclesiásticos, e, salvo se fores ingênuo como uma criança, sabes perfeitamente que este julgamento é tão político quanto o anterior, apenas o objetivo é outro: antes, era condená-la pelo bem da Coroa da Inglaterra; agora, é reabilitá-la pelo bem da Coroa da França. E, num caso como noutro, o que menos importa é se *ela* era de fato culpada ou inocente, e, agora como antes, estamos prontos para pôr a mão direita sobre as Escrituras e dizer sob juramento exatamente aquilo que querem ouvir de nós. A maior prova disso está bem diante de nossos olhos, ou antes, é aquilo que deveria estar e não está: nosso velho conhecido Beaupère, tanto quanto sei, ainda está vivo e são. Por que não se lembraram de chamá-lo para depor mais uma vez?

De fato, só então dei pela ausência daquele padre que no inquérito de 1450, não obstante as marcas que o tempo impusera a seu corpo, enfrentara o Tribunal de cabeça erguida e voz firme, olhando com desprezo e superioridade para nós outros, sustentando ainda a mesma posição que assumira durante a condenação da Donzela, insistindo que as visões *dela* nada tinham de milagrosas, e, sobretudo, quanto à inocência da acusada, que *...ela se defendeu com a astúcia típica das mulheres.*

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, prosseguiu com irritação:

— Jamais esperaria que eu fosse capaz de me sujeitar a tudo quanto me sujeitei naquela ocasião! Mas, depois que nos rebaixamos e nos conspiramos tanto, crês que algo ainda pode haver de justo e verdadeiro para uma laia como a nossa?

— Todavia...

— Sim, sou tão culpado quanto tu mesmo e todos os demais! Neguei ao Cristo, conspiruei a própria batina quando não cumpri minha obrigação, como Padre, de sustentar a verdade quaisquer que fossem as consequências! Serei agora menos culpado, menos covarde, menos infame, se admitir perante todos que eu sabia que *ela* era enviada de Deus, e mesmo assim preferi dizer amém à mentira, à falsidade e ao crime, unicamente para salvar a própria pele a qualquer preço?

Suas palavras me assustaram e tentei responder de forma afável:

— Irmão, não pretendia causar-te tamanha contrariedade...

Ele mais uma vez me interrompeu e as palavras vieram em catadupa:

— Não? O que esperas que eu possa sentir ao ver alguém... daquela época? Saudades? Quando olho para ti, para qualquer de nossos cúmplices, sabes o que me vem à memória? Aquela noite em que Monsenhor nos disse tudo quanto disse! E o pior de tudo é que sou forçado a admitir que ele tinha razão!..

Fechei os olhos, tentando em vão não escutar mais uma vez a poderosa voz do Bispo reverberando em meus ouvidos aquelas mesmas palavras que, mesmo depois de tantos anos, pareciam me esmagar ainda agora:

— *Piedosos hipócritas, cujas virtudes são feitas tão somente de palavras, cujo amor à justiça é digno de Pilatos, não vai um palmo além das próprias conveniências!...*

Buscava desesperadamente um argumento qualquer para responder, mas antes que encontrasse, ele me olhou profundamente contrariado e prosseguiu, agora irônico:

— O pecado mexe com nossas almas de forma deveras interessante, Irmão l'Advenu. Da primeira vez, choramos e nos desesperamos tal como uma jovem solteira ao se dar conta de que perdeu a virgindade. Depois, ao vermos que o castigo dos Céus não se

abateu sobre nós e que o mundo em nada mudou por causa dele, passamos a aceitá-lo com grande naturalidade, como parte da própria vida.

Não encontrei resposta. O olhar de la Pierre nevava ao continuar:

— Já que eu respondi à tua pergunta, responda-me também: uma vez que, segundo dizes, agora estamos livres para falar toda a verdade, por que olhas com tanta insistência para o assento dos Juízes?

Aquela pergunta me chocou deveras. Não pensei que aquele gesto insignificante houvesse chamado atenção, por mais que me incomodasse o fato de não poder evitá-lo. Respondi de mau humor:

— Sim, eu, como tu, como todos os demais! E que importância tem isso?

Ele devolveu-me um sorriso tão gelado quanto seus olhos ao responder:

— Toda a importância. Eu to direi: é porque, no fundo do coração, como eu, como todos nós, estranhas não ver Monsenhor de Beauvais ali! Pois temes que ele ainda esteja lá, fulminando-nos com seu olhar, impondo-nos a sua vontade com apenas um gesto de sua mão, como antes!

Fechei os olhos, como se uma punhalada me atravessasse o peito, e murmurei:

— Ele está morto.

— Sim, ele está morto, mas seu fantasma está aqui, tu sentes isso, todos nós sentimos! Sua presença é tão real quanto a nossa própria, vemo-lo pelos olhos de nossos corações, na tribuna dos nossos remorsos, dos nossos medos, de nossa indignância moral!

Abri os olhos e repeti num fio de voz:

— Ele está morto, bem morto, e queira Deus que bem no fundo do Inferno!

Seu rosto era invernoso ao replicar:

— E porventura crês que iremos para algum outro lugar?

Hesitei e disse:

— Irmão... sustentaste a cruz diante dos olhos *dela*...

— E tu deste *lhe* a Comunhão. Crês que isto basta para lavar nossas culpas?

Como eu não encontrasse o que dizer, prosseguiu:

— Porém, que seja mesmo assim. Ao menos teremos o consolo e a satisfação de *lhe* jogar na cara que ele terá ficado no Inferno pelo menos uns catorze anos a mais do que nós.

Passei os olhos para o assento dos Juízes, depois para la Pierre e tornei a fechá-los, sentindo ódio de mim mesmo ao pensar que continuaria a temer o Bispo excomungado, mesmo refocilando com ele na mesma lama no Inferno. Tentando raciocinar, lutando contra o desespero íntimo, retomei o debate, murmurando:

— Lutamos juntos por encaminhá-la ao Papa e ao Concílio!

— Sim, nós o fizemos — disse ele, esboçando nos lábios um sorriso que nevava, — convictos de que assim iríamos salvá-la da fogueira. Isto demonstra apenas uma coisa: o tamanho da nossa ingenuidade.

— O que queres dizer com isso? — retruquei, com voz sumida.

— Isto foi há um quarto de século, l'Advenu. Tempo mais do que suficiente para deixarmos de lado as ilusões e as fantasias. Ou ainda acreditas que, se tivéssemos tido êxito, *ela* realmente teria sido salva? Achas mesmo que a Santa Sé de nada sabia? Foi lá que se refugiou Lohier, e o Papa tomou-o a seu serviço! Ainda és inocente ao ponto de crer que Sua Santidade hesitaria entre um Bispo de tão notável influência e uma reles

camponesa, por mais santa que fosse? Nenhum Papa o faria, exceto o próprio Saint-Pierre, que, por isso mesmo, acabou na cruz e não num trono.

Fez uma pausa, e sempre com a mesma expressão no rosto, prosseguiu:

— Quanto ao Sagrado Concílio... lá estariam Monsenhor, l'Oiseleur, Beaupère, Courcelles, Midi, em suma, boa parte, ou antes, a pior parte de nós. E não apenas estes, mas principalmente o próprio clero que então se dizia francês, o qual, diga-se de passagem, fez mais por condená-la do que nós, pois simplesmente se omitiu quando lhe bastava pouco mais que pronunciar uma palavra. Em suma, talvez tenha sido mesmo melhor assim, pois tudo quanto poderíamos ter feito seria prolongar ainda mais a agonia daquela infeliz.

— Aquela infeliz... — repeti, incrédulo — não crês que *ela* fosse uma santa?

— Fala baixo — sussurrou-me ele em tom estranho, olhando em volta... — esta palavra é altamente imprópria...

— Qual palavra? — murmurei no mesmo tom, sem percebê-lo.

— Santa.

— Para mim, *ela* o foi — disse-o, a tremer.

— Então, guarda-o para ti mesmo, para o teu próprio bem, pois no momento esta palavra é politicamente muito imprópria. *Ela*, inocente, resolve todos os problemas: Monsenhor arca sozinho com toda a culpa, a Inglaterra cometeu apenas um lamentável engano e Charles VII é o legítimo rei da França. Fica o dito pelo não dito e podemos tranquilamente esquecer-la depois. Mas, santa, põe em xeque a infalibilidade da Igreja, torna a Inglaterra culpada de hagiocídio<sup>363</sup> e faz de Charles VII um legítimo ingrato. Quem sabe daqui a alguns séculos...

Após penoso silêncio, ele prosseguiu:

— Afinal, o que ganham os santos num mundo como o nosso? No início, desconfiança e sarcasmo; depois, quando mostram a que vieram, perseguições e ódios; por fim, auréolas e altares, mas só depois de mortos, quando não ferem mais os interesses de ninguém. Com *ela* não seria diferente, pois, em qualquer lugar que não o Reino dos Céus, o peso dos interesses políticos é sempre muito maior do que o de uma santa viva, que, como todo verdadeiro santo, tem o hábito incômodo de dizer verdades que a maior parte das pessoas não deseja ouvir...

Ao fim de prolongado silêncio, perguntei-lhe, pensamente:

— Foi inútil tudo o que fizemos, então?

— Não, meu caro l'Advenu. Serviu ao menos para iludirmos nossas próprias consciências. No futuro, é provável que os ingênuos e sentimentais ponham uma auréola sobre nossas cabeças, enquanto os fiéis católicos se consolarão supondo que o Papa ou o Concílio ter-lhe-iam feito justiça. Com isso, talvez tenhamos ajudado a Igreja a sair desse episódio um pouco menos conspurcada, pelo menos aos olhos dos homens.

Tentei achar algo para responder, mas nada me ocorria. Ele me olhou com uma expressão que eu não soube dizer se era de dor, desprezo ou ambos. Saudou-me formalmente outra vez e se afastou em silêncio. Não tentaria mais falar a nenhum dos meus cúmplices de outrora.

---

<sup>363</sup>

Assassinato de um santo.

Houppesville também depôs, deixando claro todo o rancor havia em sua alma. Os anos que se passaram não o fizeram esquecer os dias que ficou numa prisão, pois o tom de suas palavras demonstrava mais ódio pelo Bispo excomungado do que pena de nossa vítima, ou o desejo de justiça, ao enfatizar que:

— *...eu o vi de retorno das negociações sobre Jehanne falando disto com o Regente e o Conde de Warwick; ele estava exultante e cheio de regozijo... segundo me pareceu na ocasião, e me parece até hoje, o Julgamento de então seria melhor considerado uma perseguição intencional e calculada, do que um Processo judicial...*

Por sua vez, o envelhecido físico de la Chambre disse que:

— *...não dei nenhum parecer durante o Julgamento, mas tive que permitir que apusessem minha assinatura, sob coação do senhor Bispo de Beauvais. Eu alegava que o assunto não dizia respeito à minha prática e por isso sentia-me inabilitado para opinar, mas ele coagiu-me a subscrever, tanto a mim quanto a outros...*

Era possível, mas a memória já me falhava e não podia ter certeza. Tanto quanto me lembro, a maior parte de nós buscava estar presente ao maior número de sessões possível, já que o pagamento seria contado por sessão. Todavia, não ousei desmenti-lo, uma vez que, afora o episódio do envenenamento, não me recordava de tê-lo visto falar fosse o que fosse.

O velho torturador Maugier le Parmentier, tão castigado pelos anos que custei a reconhecê-lo, trouxe à nossa memória e ao conhecimento dos demais a cena da tortura, deixando claro, por sua atitude, a grandeza do seu alívio por não ter tido que executar a tarefa para a qual fora convocado naquele distante 9 de maio.

Os escrivães Manchon, Boisguillaume e Taquel também viveram o bastante para contar sua parte da história. O primeiro, sobretudo, causou sensação ao comentar que:

— *...jamais **ela** renegou suas Vozes, ao invés, manteve-se fiel a elas, do início ao fim... Jehanne respondia com grande prudência e simplicidade, como pôde ser visto no Processo. Não poderia ter-se defendido diante de tão grandes Doutores se não fosse inspirada...*

O mesmo se pode dizer de Massieu, o qual, coisa estranha, foi um dos poucos cuja memória não parecia ter sofrido o mais leve prejuízo. Graças a ele, muitos detalhes de todo esse drama, que de outra forma estariam completamente esquecidos, foram ressuscitados. Se com plena exatidão, não ousei afirmar. Também não ousei negar, já que suas palavras foram a expressão exata daquilo que todos no Tribunal (exceto, é claro, nós), queriam ouvir.

Todavia, o depoimento mais ansiosamente esperado de todo o Julgamento foi uma decepção completa. Eu próprio não teria acreditado, se não tivesse visto e ouvido por mim mesmo, que aquele homem, cuja voz tremia e gaguejava tentando justificar-se de forma tão patética, era o mesmo Courcelles a quem chamavam “*a luz do Concílio de Basileia*”, “*o segundo Gerson*”. Ele, que após o Julgamento, por ordem de Monsenhor transcrevera as minutas em francês para o latim, também foi vítima da amnésia seletiva que parecia grassar como a peste entre nós. Apenas por um breve momento foi possível vislumbrar-se o brilhante retórico de costume, quando argumentou que:

— *...Jehanne é o mesmo que era antes. Se então **ela** era herege, continua sendo-o...*



apenas para, quase logo, sentir meu rosto vermelho e quente ao ouvir aquela voz de ouro afirmar que:

— ...sustentando o testemunho de minha consciência perante Deus... jamais dei positivamente a opinião de que *ela* fosse herege... na primeira deliberação houve muitas discussões e dificuldades entre os que foram consultados para se decidir se *ela* devia ser considerada como tal..... tampouco opinei por encaminhá-la à tortura...

Quanto a mim, pouco mais precisei fazer do que confirmar tudo quanto foi dito, bem como enfatizar aquilo que eu mesmo fiz, sobretudo no dia da morte *dela*. Mas a memória me traiu (afinal, já sou um homem velho!) e precisei de ajuda para me lembrar de coisas que desejava mais do que tudo esquecer. Quando o desconhecido cura Jean Riquier foi chamado para depor, procurei vê-lo melhor, movido pela curiosidade, e então casualmente nossos olhos se encontraram. Foi como se eu novamente voltasse àquele dia fatídico, estivesse outra vez junto ao velho Alespée ouvindo sua frase assustadoramente sincera, e novamente sentindo o peso dos olhos acusadores daquele jovem que se fizera padre e agora trazia seu testemunho.

Em resumo, quase todos nos arvorávamos em vítimas da mão pesada de Monsenhor de Beauvais, quase tanto quanto *ela* própria. *Piedosos hipócritas, cujas virtudes são feitas tão somente de palavras...* contudo, por mais que esta voz ainda ecoasse dentro de nossos corações, hoje era a voz de um bode expiatório, ainda por cima, morto. Assim mesmo, prestara um último e inestimável serviço à Igreja ao morrer antes do novo Julgamento, pois, como os mortos não podem defender-se, nem houve quem manifestasse interesse em defender sua memória, foi solução boa e fácil transformá-lo no grande vilão do drama, visto que *a um leão morto até as lebres insultam*. E se eu dissesse que não fiquei muito satisfeito com isso, estaria mentindo descaradamente.

Indiscutivelmente, este Processo foi longo, muito mais que o nosso. Precisamos de cinco meses para condená-la à fogueira, enquanto foi preciso esperar vinte e cinco anos para dar início, e mais nove meses para que a reabilitação fosse oficializada. Mas a justiça humana é mesmo assim. Finalmente, em 7 de julho de 1456, a Corte apresentou sua decisão, cuja sentença final, depois dos preâmbulos oficiais, assim dizia:

*...em primeiro lugar, nós afirmamos de acordo com o que exige a mais estrita Justiça, declaramos que aqueles Artigos que começam com as palavras "Uma certa mulher", os quais são encontrados insertos dentro do pretenso Processo por instrumentos da pretendida sentença aplicada contra a referida Finada, devem ser considerados sem nenhum valor, por terem sido extraídos do pretenso Processo e de pretensa confissão da Falecida, por meio de corrupção, calúnia, dolo e malícia;*

*Que em determinados pontos a verdade de sua confissão foi omitida; em outros, a forma exata das palavras foi adulterada, frustrando a que o pensamento dos Doutores e Mestres então consultados pudessem ter o benefício de uma opinião diferente;*

*Que nestes Artigos foram acrescidas erradamente muitas circunstâncias agravantes que não fazem parte das Confissões supracitadas, enquanto muitas circunstâncias relevantes e justificativas foram deixadas em silêncio;*

*Que a forma e o conteúdo de determinadas palavras foram adulterados.*

*Em vista disso, como estes mesmos Artigos são falsos, caluniosos, e obtidos de forma fraudulenta, e ao avesso das verdadeiras Confissões da Acusada, nós julgamo-los negados, nulos e*

*cassados; e, como por isso eles não deveriam ter sido envolvidos no Processo, nós decretamos, por esse atual Julgamento, que sejam juridicamente rotos.*

*Em segundo lugar, depois de investigarmos cuidadosamente a outra parte do mesmo dito Processo, particularmente as duas sentenças que ela contém, designadas através das opiniões "Herética" e "Relapsa" e em seguida, além disso, tendo gasto longo tempo analisando a qualificação das opiniões e de todos aqueles sob cuja guarda a dita Jehanne estava presa;*

*Depois de termos visto as recusas, as submissões, os apelos e o pedido, muitas vezes repetido, pelo qual a citada Jehanne declarou que submeteria a sua pessoa, assim como todos os seus atos e palavras, à Santa Sé Apostólica e ao nosso mui santo senhor, o soberano Pontífice, pedindo insistentemente em muitas ocasiões que o Processo lhe fosse comunicado, com as afirmações de sua submissão a ele;*

*Depois de termos também examinado uma pretensa abjuração, repleta de falsidade e de má-fé, obtida pelo terror e pela força, em frente ao carrasco e sob ameaça de fogueira, sem que a dita Finada tenha podido sabê-lo ou prevê-lo;*

*Tendo levado em consideração as consultas e os tratados supramencionados, de prelados e notáveis Doutores versados em Direito Canônico e Civil, os quais declararam que os crimes de que Jehanne é acusada na fórmula das referidas sentenças não podem ser comprovados pela matéria do Processo, tampouco nele estão de modo algum implicados, e isso nas decisões em que se encontram muitos acontecimentos pertinentes sobre a nulidade e injustiça resultante desse ponto, e de outros semelhantes;*

*Depois de termos diligentemente dado a nossa atenção à totalidade e a cada uma das coisas que havia para ver e estudar sobre o assunto;*

*Nós, Juízes, com assento em nosso Tribunal e tendo apenas Deus diante dos olhos, por esta sentença definitiva, afirmamos, pronunciamos, decretamos e declaramos os ditos Processo e Sentença repletos de iniquidades, irresponsabilidades e manifestos erros, tanto na Fé quanto no Direito;*

*Que tanto a Abjuração, como a Execução, e tudo o mais que foi feito em relação a elas, foram, são e serão consideradas como inválidas, não-existentes, sem valor ou efeito.*

*Não obstante, dentro de toda a extensão que se faça necessária, conforme é preciso e determina a razão, nós cassamo-las, anulamo-las, desmentimo-las e declaramo-las sem valor;*

*Declaramos que a dita Jehanne e seus parentes, Suplicantes no Processo atual, não têm, no que diz respeito ao presente Julgamento, contraído nem incorrido em nenhum mancha ou estigma de infâmia; nós declaramo-los livres de todas as consequências daquele supracitado Processo; nós declaramo-los, tanto quanto se faça necessário, inteiramente livres de tudo isso a partir deste momento, para o presente e para o futuro.*

*Nós ordenamos que a execução e solene publicação de nossa atual Sentença deverá ser anunciada imediatamente e da maneira mais adequada, dentro desta cidade, em dois diferentes locais, a saber: dentro da Abadia de Saint-Ouen, logo após uma Procissão Geral e um sermão público; e no Velho Mercado, posto no mesmo lugar onde a dita Jehanne foi sufocada através da cruel e horrível morte pelo fogo, também com um sermão público e com a colocação de uma bonita cruz para a perpétua memória desta Sentença e para a salvação de sua alma...*

No fim de tudo, pareceu-me que a preocupação prioritária de todo o Tribunal foi a de agradar a Coroa francesa sem causar melindres à inglesa e sem arranhar a reputação da Igreja (a qual representávamos na época). Pelo menos foi a impressão causada, uma vez que, afora a sensação da própria indignidade dentro de nossas almas, em nada mais fomos molestados.

Em outras palavras, o Rei da França valeu-se dos esforços da família *daquela* a quem tudo devia para validar a própria coroação, sem que tivesse de se envolver diretamente. Não há razão para se surpreender com isso. Afinal, como o ex-Bispo de Beauvais afirmara tantas vezes (e agora devia estar sentindo na própria pele), Política não conhece nacionalidade, religião, ética ou moral, nada que não seja a sua própria conveniência. É apenas aquilo que sempre foi e sempre será, enquanto Deus permitir que o mundo dos homens seja governado pelos homens.

Em cumprimento da sentença, um exemplar da sentença anterior foi trazida aos Juízes e apresentada à assistência, para ser formalmente rasgada diante de nossos olhos. Entre sorrisos e lágrimas discretos, os amigos de Jehanne mostraram a imensa alegria que sentiam, enquanto eu tentava em vão definir exatamente o que se passava dentro de mim. Por um lado, uma formidável sensação de alívio somado ao desejo ardente de que o Bispo excomungado pudesse estar lá para assistir... por outro, uma aguda sensação da própria miserabilidade moral.

Quase a seguir, em obediência às ordens da Corte, seguimos em procissão ao cemitério de Saint-Ouen; e, no dia seguinte, à praça do Velho Mercado, onde foi repetida a leitura da sentença de reabilitação, experiência que me foi particularmente dolorosa. Pois, se tentava me concentrar nas palavras do sermão, parecia-me ouvi-las na voz de Pierre Midi; se corria os olhos em torno, assombrava-me de não ver na multidão de estranhos aqueles que, ao meu ver, *tinham* que estar ali, aqueles como o Bispo ou o Cardeal; por fim se fixava os olhos na bonita cruz do presente, era-me impossível não vê-la de permeio com a pira monumental de um quarto de século atrás.

Em determinado instante, senti um choque quando uma voz anasalada, estranhamente familiar, em dado momento interrompeu o sermão dizendo sem gritar, mas num tom alto o bastante para ser ouvido pelos que estavam perto de mim:

— Pena que não tinha homem pra dizer isso vinte e cinco anos atrás...

Foi uma interrupção de instantes, todavia ninguém identificou o importuno e a solenidade continuou. Terminado o sermão e inaugurada a Cruz em memória *dela*, tudo o que eu desejava era sair dali o mais depressa possível, quando novamente ouvi aquela mesma voz dizendo numa roda de populares:

— Dá pra entender? Vinte e cinco anos atrás, mandaram **ela** pro Inferno em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém. Agora, tiram **ela** de lá pra mandar pro Céu em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém. Se continuarem mudando de ideia desse jeito, nem a Santíssima Trindade saberá mais o que fazer com **ela**!

Aquilo me deixou indignado, furioso, e invadi rudemente o círculo de populares que se riam. Interromperam-se bruscamente ao me ver, e perguntei, ríspido:

— Quem disse isso?

Olharam-me com medo e baixaram a cabeça. Olhei bem a todos, um por um, tentando identificar o dono daquela voz, mas não ousaram me responder. Continuei então:

— Ela é uma Santa, nunca esteve no Inferno! Como ousam dizer uma coisa dessas?

Um popular mais velho se adiantou e descobriu a cabeça para me falar. Voltei-me para enfrentá-lo, porém não tinha a voz anasalada que eu esperava ouvir:

— Com permissão de Vossa Paternidade, não fomos nós que dissemos isso.

— Como não? Eu os ouvi perfeitamente, não sou surdo!

— Sim, Vossa Paternidade ouviu. Mas não fomos nós que dissemos isso.

— Então, quem foi?

Ao fim de breve hesitação, ele respondeu:

— Vós, padres, até ontem. Nós apenas acreditamos naquilo que nos foi mandado acreditar.

Enquanto lutava para achar uma resposta, outro homem se animou, cuja voz também não reconheci, e continuou:

— Até ontem *ela* era herege e estava no Inferno. A partir de hoje, *ela* nunca esteve lá. Se vós, que sois padres e bispos, não vos entendeis sobre isso, como esperais que nós outros possamos entender alguma coisa?

Não encontrei o que responder. Fiz meia-volta e me afastei bruscamente, sem ver direito para onde ia, e foi assim que, sem que eu tivesse provocado e muito menos desejado, deparei-me com o grupo formado pelos familiares e amigos da Donzela, tendo ao centro, entre outros, Madame Romée, seus filhos Pierre e Jean, e uma camponesa que me pareceu familiar, embora não a tenha reconhecido de imediato. Abraçavam-se, sorriam enquanto enxugavam os olhos discretamente, mas, ao me verem, detiveram-se e me encararam com indisfarçada hostilidade. Esta última, sobretudo, lançou-me um olhar tão invernoso que quase me escapou um grito indiscreto ao reconhecer naquela mulher tão gasta e acabada a camponesa Menguette.

Madame Romée prontamente agarrou-se aos braços dos filhos, e os demais prontamente rodearam-na numa atitude defensiva, enquanto Pierre d'Arc, fitando-me com uma expressão que receio definir, disse-me entre dentes:

— O que desejais ainda de nós, Padre?

Não fui capaz de responder. Sempre agarrada ao filho, Madame me olhou fixamente nos olhos e me disse com voz dura, apontando para o chão:

— Vós fizestes isso!... Neste mesmo local!...

— Sim... nós o fizemos — respondi com voz sumida.

— Sabíeis que *ela* era boa e pura, que era inocente...

— Sabíamos...

— E vós os fizestes mesmo assim?!...

— Desgraçadamente, é verdade!...

— A minha menina... a minha querida e adorável Jehannette... *ela* não merecia isso.

— Não merecia...

— Mesmo assim, vós o fizestes! — disse a velha, os olhos úmidos, quase gritando.

Eu não sabia mais o que dizer, a garganta se travava e eu também tinha os olhos úmidos.

— Sim, nós o fizemos! *Mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa!* — disse, batendo com os punhos no peito, a voz travando na garganta.

Ela me olhou surpresa e me perguntou:

— E o que mais quereis de nós agora, Padre?

Sem pensar no que fazia, ajoelhei-me e disse:

— Vosso perdão, Senhora! Pelo amor de Deus e de vossa filha, o vosso perdão!

A idosa mulher ficou largo tempo a me olhar, surpresa, estática. Por fim sua voz pareceu mais severa ao retrucar:

— Minha filha era uma Santa, Padre. Mas eu não. Não passo de uma mulher velha.

Ainda ajoelhado, soluzei e as lágrimas caíram dos meus olhos. Baixei a cabeça como o criminoso no cepo. Não consegui me levantar nem dizer mais uma palavra, e embora as lágrimas me turvassem a vista, pude ver que seu filho tomava-a pelo braço buscando afastá-la. Ela fez menção de ir, depois se voltou para mim de novo, passou a mão pelos olhos enrugados e me falou com dificuldade:

— Eu vou tentar, Padre. Por amor a *ela*, vou tentar.

A seguir, se afastou a passos rápidos, amparada pelo filho. Ainda fiquei ali, estático, até que todos se retiraram, e no dia seguinte, tratei de voltar para a minha aldeia.

No entanto, algo ainda aconteceu.

## Algum Ponto na Estrada, 1456

Voltava para a minha aldeia, montado em minha mula. Dada a insegurança das estradas, viajava apenas durante o dia, apesar de isto oferecer apenas relativa segurança. Partes delas havia tão ermas, tão entregues a si mesmas, que pouco mais tinham a oferecer ao viajante senão aquilo de que dispunha a natureza, para alegria dos bandoleiros, que podiam fiscalizá-las a seu talante, sem ser importunados por nada além do sol e da chuva.

Meu coração pulsou mais forte ao ver que adentrava uma delas, e, como na ida, encomendei-me à proteção de Deus, única com a qual me seria dado contar, rezando para que, como da outra vez, nada de mal se-me sucedesse, e, fazendo o sinal-da-cruz, avancei. *Alea jacta est*, disse para mim mesmo, embora estivesse muito longe de ter a audácia de um Júlio César.

Segui sozinho por um largo trecho sem cruzar com viv'alma, e quando o Sol começava a se pôr, tratei de buscar algum abrigo para mim e minha única acompanhante. Ao redor, nem sombra de um albergue, uma hospedaria, nem sequer um bordel, que, naquela altura, seria mais acolhedor do que o relento. Nisso, pareceu-me divisar ao longe um vulto, sentado em um tronco caído.

O coração bateu mais forte, sem saber se de alegria ou de temor. Aproximei-me por inércia, pensando comigo mesmo que, se fosse um bandoleiro, não estaria só, e que, na presente circunstância, ainda que fosse uma emboscada, fugir para onde? À medida que me aproximava, reconhecia as vestes talares negras que o estranho vestia, embora em lastimável estado, e respirei aliviado, embora ficasse a pensar no que um clérigo estaria fazendo num local daqueles.

Quando estávamos perto um do outro, o estranho avançou para mim de braços abertos, como quem visse um amigo ou um salvador, bradando:

— Irmão! Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo que vos envia a mim!

— Louvado seja — murmurei, sem saber o que pensar daquela expansão. — Em que um simples cura de aldeia pode ser-vos útil?

Observei mais atentamente aquele clérigo ainda bastante jovem, cujas vestes, embora andrajosas, causavam-me uma ponta de admiração. Quantas vezes olhava com inveja para os demais assessores do Julgamento, os quais puderam cursar uma universidade e ornar seus nomes com títulos que jamais o simples cura Martin l'Advenu teria o orgulho de possuir!

Seus traços muito magros, provável produto de jejuns e penitências, eram, não obstante, regulares e inspiravam simpatia, embora seus olhos e o sorriso de seus lábios davam-lhe ao rosto um ar de garoto traquinas que não deveria estar na face austera e sisuda de um clérigo. Por alguma razão, lembrei-me da primeira vez em que me deparei com l'Oiseleur.

— Ah, irmão, não podes imaginar a felicidade de ter-vos diante de meus olhos!

— Qual a vossa desventura, irmão? E por que um clérigo se encontra num local deste, e neste estado? — falei num misto de real empatia e forte curiosidade.

Ele suspirou fundo e começou a caminhar comigo, fazendo-me prestar tamanha atenção em suas palavras que acabei não me dando conta de para onde estava indo.

— Ah, prezado irmão, Deus, em Sua sabedoria suprema, dispõe de estranhos caminhos para guiar a humanidade. Nem sei como percebestes que já fui membro daquela que é chamada a mãe dos estudos, o sol do conhecimento, a cidadela da fé Católica, a filha primogênita dos Reis, a Universidade de Paris.

— Pelas vestes. Sempre sonhei usar uma destas, mas não foi este o caminho que o Senhor reservou para mim. — respondi, melancólico, ao que ele retrucou no mesmo tom:

— Ah, sempre desejamos carregar a cruz dos outros! Por que também não fui um simples cura de aldeia? Conquistei o título de Mestre em Artes. Mas, de que me valeu isto, quando *a sabedoria de Deus é loucura diante dos homens*<sup>364</sup>? E, como se não bastasse a incompreensão do mundo, também Satanás valeu-se da soberba que a conquista deste título me causou para desviar-me do caminho reto e ortodoxo. Então, o Senhor, misericordioso em Sua severidade e amoroso em Sua justiça, disse-me: *Grande é o teu pecado diante de Mim, tornando-te merecedor do Inferno; mas, aos grandes pecadores, as grandes expiações: dar-te-ei a missão de levar a Minha Palavra aos mais ásperos e renitentes pecadores do mundo*. Assim sendo, condenou-me a ser o pastor das almas da mais dura e rebelde paróquia do reino.

Atento à sua narrativa, perguntei:

— Há uma paróquia por aqui? Onde ela fica?

— Convido-vos a pernoitar nela, já que a noite cai.

Recebi a notícia com júbilo, quase logo transformado em receio, sobretudo quando olhei em volta e só então me dei conta de que estava fora da estrada, numa trilha que o bosque cercava e que me era totalmente desconhecida, onde não havia o menor sinal de habitação em volta. Por outro lado, a falta de alternativa fez-me acreditar nas palavras do clérigo que me guiava e ainda agradecer-lhe a generosidade.

— Mas há igreja aqui, irmão? Nunca soube da existência de qualquer aldeia nesta região!

O outro pensou um pouco, sorriu como um menino traquinas e respondeu:

— Bem depressa o prezado irmão há-de vê-la e maravilhar-se com seus próprios olhos, ao ver do que Deus, em sua grandeza, é capaz de fazer. A propósito, vosso nome?

— Martin l’Advenu.

— François Villon<sup>365</sup>, vosso irmão em Cristo. A propósito, de onde vindes?

— De Rouen.

Sorriu então, perguntando-me em tom cheio de entusiasmo:

— Não é lá que está acontecendo um grande julgamento eclesiástico?

Aquilo me fez estremecer e respondi, no tom mais neutro que consegui:

— Venho dele. O julgamento de reabilitação de Jehanne d’Arc.



François Villon

364 Novo Testamento, I Coríntios, 3:19.

365 Clérigo, Mestre em Artes, ladrão, boêmio, ébrio, e, sobretudo, um dos maiores poetas franceses da Idade Média, tendo inclusive despertado a atenção dos literatos para a linguagem chula da rale, o chamado “jargon” (1431 ou 1432- desaparecido em 1463).

— Ah, a boa lorena a quem a França abandonou, a Borgonha vendeu, a Inglaterra torturou e a Igreja condenou. E só agora se lembraram *dela*! Então, estivestes presente ao Julgamento?

Às primeiras perguntas, tratei de desviar o assunto, que me incomodava, o que ele deve ter percebido e não insistiu. Seguimos mais um pouco, e admito que, conforme a noite caía, meus receios aumentavam, sobretudo porque, por mais que avançássemos, nem o menor vestígio de algo que se parecesse ao menos com uma aldeia. Ao fim de longa caminhada, por fim consegui divisar na escuridão da noite a luz de uma fogueira, para a qual visivelmente nos encaminhávamos.

Por fim, chegamos a ela, em torno da qual uns cinco ou seis homens e outras tantas mulheres pareciam estar à nossa espera. Mal nos viram e se levantaram, saudando-nos com risos grotescos e palavras de baixo calão que tornavam suas cataduras ainda mais assustadoras. Meu primeiro impulso foi o de recuar, fiz o sinal-da-cruz e olhei para meu acompanhante, que prontamente ergueu as mãos:

— Irmãos, moderai vossa alegria. Trago-vos hoje um irmão em Cristo, um sacerdote.

Voltando-se para mim, prestou reverência em tom formal:

— Sede bem-vindo, prezado irmão, à humilde paróquia de Conqueville<sup>366</sup>!

Aquele nome tirou-me todas as dúvidas sobre em que mãos estava, e a maneira como me olharam fez-me pensar que julgavam ser eu alguma iguaria que espetariam para rodá-la no fogo, enquanto saudavam-me com indisfarçada ironia beijando minhas mãos:

— Bem-vindo seja Vossa Paternidade. Vossa bênção.

Olhei para meu guia, entre a irritação e o medo, murmurando entre dentes:

— Deveras original vossa paróquia, irmão!

Mas ele me ouviu e respondeu amavelmente:

— Ora, o Senhor mesmo disse: *não são os sãos que precisam de médico, e sim os doentes*<sup>367</sup>! Porventura os salteadores de estrada não são também filhos de Adão? Como enfermos da alma, não precisam, ainda mais que os outros, ouvir a Palavra de Deus?

Não me sentia em condições de enfrentar uma discussão teológica, e mantive o silêncio, enquanto o outro prosseguia:

— Quem, senão eu, dispõe-se a trazer-lhes a luz da salvação, o pão bendito dos ensinamentos do Senhor? Afinal, se Ele próprio não julgou os ladrões indignos de Sua companhia na hora da morte, quem sou eu para pretender companhia melhor ao longo da vida? Ou deveria recusar o cálice que nosso Pai deu-me para beber<sup>368</sup>?

— E onde a igreja de que me falastes no caminho? — perguntei-lhe, irônico, olhando em volta.

— Estais cego, irmão? Vede ao redor, nem mesmo uma catedral seria tão gloriosa! Vede, milhares de estrelas iluminam sua abóbada, as aves nela entoam hinos de louvor a Deus e as majestosas árvores sustentam sua nave celeste melhor do que o fariam as mais

---

366 Ou “Cavalheiros do Punhal”, vide nota 127. Aqui, trata-se especificamente da célebre quadrilha, da qual François Villon chegou a ser membro destacado.

367 Novo Testamento, Mateus, 9:12.

368 Paráfrase a João, 18:11 (Novo Testamento): *Não hei de beber o cálice que o Pai me deu?*



belas colunas gregas. Contemplai este conjunto de maravilhas, irmão, e concluais que não há templo mais majestoso, nem mais digno da grandeza do Criador, do que a Natureza, obra direta de Suas mãos.

Olhei em volta, olhei novamente para as pessoas que me rodeavam, sem saber o que pretendiam de mim. Procurando demonstrar uma coragem de que em verdade carecia, fiz um gesto de desdém e perguntei:

— Bem, e o que fareis de mim agora? Bem podeis ver que nada tenho, sou um simples cura de uma pobre aldeia no sul cuja única riqueza é não ter riqueza alguma para ser cobiçada, nada tenho que seja digno sequer de ser tomado...

Meu guia logo tomou a palavra, como que escandalizado:

— Não faleis tal coisa, irmão! Sois possuidor do único e verdadeiro tesouro, aquele que a *traça e a ferrugem não corroem, nem os ladrões minam e roubam*<sup>369</sup>, e o que vos pedimos é que dividais com essa pobre gente um pouco desse tesouro que enriquece a quem o recebe sem empobrecer aquele que dá!

Tentei entender o sentido destas palavras, mas não consegui:

— Como assim? O que esperais que eu faça?

Ele voltou-se para mim, de mãos unidas, súplice:

— Peço-vos, prezado irmão em Cristo, como único sacerdote a quem posso pedi-lo, que me ouçais em confissão. Afinal, embora clérigo, não cheguei a tomar ordens.

Aquilo me surpreendeu deveras. Meu primeiro impulso foi o de recusar, mas ao mesmo tempo vários pensamentos contraditórios passaram pela minha cabeça. De um lado, o receio do que poderiam fazer comigo. De outro, que Deus teria algum desígnio ao me fazer cair nas mãos daquela gente. Lembrei-me também do irmão *dela*, recusando-se a me ouvir, apesar das minhas súplicas. Por fim, vencendo mil hesitações, respondi com dificuldade:

— Se, como parece, esta é a vontade de Deus, assim seja.

Quase logo, todos sorriram e passaram a me olhar com atitude visivelmente mais simpática, enquanto Mestre Villon se ajoelhou, batendo no peito com uma entonação tocante, ao murmurar, de cabeça baixa, a frase protocolar:

— Irmão, dai-me vossa bênção, porque pequei...

Interrompi-o, surpreso, olhando para os demais:

— Mestre Villon... não seria melhor um lugar mais reservado?

Esperava que os demais rissem, no entanto, surpreendi-me ao ver como pareciam levar bastante a sério o momento, perguntando mesmo com respeito:

— Se desejais, podemos nos afastar...

Mas o clérigo respondeu, sorrindo melancolicamente:

— Para quê?... o que hei de confessar, que já não saibam? A propósito, não me chameis Mestre. O único verdadeiramente digno deste título foi Aquele que, por amor a nós, deixou-Se crucificar pelos nossos pecados. Dai-me tão somente o título de irmão.

Foi uma experiência estranha para mim, ouvir aquela confissão de uma vida de roubos e devassidões, crimes e blasfêmias, que fluíam dos lábios daquele jovem clérigo cujo rosto, naquele momento, mostravam a candura de uma criança, em cujos olhos

---

369 Novo Testamento, Mateus, 6:20.

brotavam lágrimas que não chegavam, todavia, a cair. Os demais ouviam-no dentro do mais respeitoso silêncio, algumas mulheres abafavam soluços com as mãos. Mal, contudo, pronunciei o “et ego te absolvo a peccatis tuis<sup>370</sup>”, levantou-se, rindo e batendo palmas, no que foi acompanhado pelos demais, para minha surpresa.

— Meus camaradas, comemoremos! Façamos uma grande festa em homenagem a tão magno acontecimento! Preparemos uma ceia para o nosso visitante!

Num instante, toda uma azáfama animada e vivaz tomou conta de todos, que se puseram a fazer mil coisas ao mesmo tempo, enquanto meu anfitrião sentava-se junto a mim, com a felicidade de uma criança:

— Meu prezado irmão l’Advenu, coisa maravilhosa é a confissão! É como tornar a nascer, puro como uma criança mais uma vez!...

Olhava para ele, incrédulo, murmurando:

— Não sei se posso compreender-te, Mestre... irmão.

— Também eu não me compreendo, mas que importa? Brindemos!

A seguir, encheu duas canecas de vinho, deu-me uma, brindou-me e esvaziou a sua quase de um trago só. Acompanhei-o bem mais lentamente, enquanto botavam uma ave depenada num espeto, para rodar, e, aos poucos, iam se assentando em volta de nós. Aquele vinho devia estar “temperado” com mandrágora ou alguma droga parecida, pois aos poucos um calor gostoso se difundia por meu corpo, enquanto eu me sentia cada vez mais à vontade no meio daquela gente a qual, a cada caneca bebida, parecia-me cada vez mais amistosa e simpática.

Em pouco tempo, conversávamos aninhados em volta do fogo como velhos amigos, tratávamo-nos uns aos outros por “tu” e eles me contavam suas histórias de gente simples, às quais a guerra trouxera finais bem tristes às suas esperanças na verdade bem simples.

— Ah, Padre, não sabes quantas lágrimas derramamos em cada gargalhada, quantos gemidos abafamos em cada caneca de vinho ou de cerveja! — dizia-me um deles, resumindo. — Que Saint-Dismas, patrono dos bandoleiros, compadeça-se de nós, porque sabemos que, mais triste do que a vida que vivemos, só mesmo a morte que teremos.

O clérigo novamente se ergueu, abriu os braços e sua voz tornou-se grave e melancólica ao declamar<sup>371</sup>:

*Homens, irmãos que a nós sobreviveis,  
Não nos tenhais o coração fechado;  
A pena que por nós demonstrareis  
Mais cedo Deus terá de vosso estado.  
Aqui nos vedes juntos, cinco, seis;  
Nossos corpos, demais alimentados,*

---

370 “Eu te absolvo de teus pecados”, em latim, fórmula pela qual o sacerdote absolvía o penitente.

371 Os poemas constantes deste capítulo constam em sua última obra conhecida, *Testamento*, datada de 1461: a *Balada dos Enforcados* (tradução de Ivo Barroso); a *Balada das Damas dos Tempos Idos* (tradução de Modesto de Abreu); e a *Balada das Coisas Sem Importância* (tradução de Ferreira Gullar).

*Agora estão podridos, devorados,  
E os nossos ossos vão ao pó volver.  
Que não se ria alguém de nossos fados,  
Mas peça a Deus que nos queira absolver!*

*Se de irmãos vos chamamos, não deveis  
Mostrar desdém, embora condenados  
Por justiça. Contudo, bem sabeis,  
Nem todos são os homens assisados.  
Junto ao Filho da Virgem bem podeis  
Interceder de coração lavado:  
Não haja a graça para nós secado  
E do raio infernal nos possa haver.  
Mortos, noss'alma já nos tem deixado;  
Pedi a Deus que nos queira absolver!*

*Eis que a chuva nos gasta e lava, e eis  
Que o sol nos enegrece e tem secado.  
Pega ou corvo dos olhos nos desfez  
E tem-nos barba e cílios arrancado.  
Nossos corpos agitam-se, revéis,  
Daqui, dali, ao vento balançados,  
Sem cessa a seu prazer; de aves bicados,  
Chegamos com dedais nos parecer.  
Não queirais ser dos nossos congregados,  
Mas pedi que Deus nos queira absolver!*

*Príncipe Jesus, Mestre incontestado,  
De nós não se haja o Inferno apoderado,  
Que ali não temos que pagar nem ver.  
Homens, nada vai nisto de zombado:  
Rogai a Deus que nos queira absolver!*

Aquele clima melancólico principiava a permear todo o ambiente, talvez por isso o poeta buscou novos assuntos, e por fim tornou a perguntar algo que fez bater mais depressa meu coração:

— É verdade que vens de Rouen, do julgamento da boa lorena?

Respondi apenas com um aceno de cabeça, enquanto ele olhava para o céu e comentou:

— Uma alma de leão num corpo de gazela. Ah, imagino como seria conhecê-la pessoalmente. E onde estará *ela* agora? Aliás, onde estarão todas as demais?

De repente, olhou para o céu, e sua voz melodiosa recomeçou a declamar:

*Dizei-me em que terra ou país*

*Está Flora, a bela romana;  
Onde Arquipiáda ou Taís,  
Que foi sua prima germana;  
Eco, a imitar na água que mana  
De rio ou lago, a voz que a aflora,  
E de beleza sobre-humana?  
Mas onde estais, neves de outrora?*

*E Héloïse, a mui sábia e infeliz  
Pela qual foi enclausurado  
Pierre Abélard em Saint-Denis,  
Por seu amor sacrificado?  
Onde, igualmente, a soberana  
Que a Buridan mandou pôr fora  
Num saco ao Sena arremessado?  
Mas onde estais, neves de outrora?*

*Blanche, a rainha, mãe de Louis  
Que com voz divina cantava;  
Berthe Pé-Grande, Alix, Beatriz  
E a que no Maine dominava;  
E a boa lorena Jehanne,  
Queimada em Ruão? Nossa Senhora!  
Onde estão, Virgem soberana?  
Mas onde estais, neves de outrora?*

*Príncipe, vede, o caso é urgente:  
Onde estão elas, vede-o agora;  
Que este refrão guardeis em mente:  
Onde estão as neves de outrora?*

Uma mulher sorridente, cujas linhas gastas do rosto falavam do seu passado remoto de esposa de lavrador e recente de caftina, disse-nos, amarga:

— Queimaram-na porque não *se* sujeitou ao cabresto. *Ela* é que estava certa, viver não é só costurar, fiar, cozinhar e parir. Pena que a maior parte de nós não tenha coragem pra isso. Quisera tê-la visto com meus próprios olhos dizer todas as verdades que disse na cara dos “goddams”...

Nisso, meu anfitrião saltou de seu lugar, assustando-nos ao gritar:

— Pois verá, por que não? Nosso convidado deve estar queimando em curiosidade por saber a outra metade da história! Voltemos vinte e cinco anos no tempo e mostremos-lhe como foi o Julgamento de Condenação de Jehanne d’Arc!

Aquilo premiu meu peito, mas, diante da empolgação do clérigo, não me senti capaz de lhe dizer quão pouco ardia em curiosidade pelo assunto. Guardei silêncio, bebendo mais vinho, enquanto meu anfitrião bateu palmas e prosseguiu:

— Grande ideia! Preparemos a sala para o Julgamento de Jehanne d’Arc! Brindemos a isso, irmão!

E me serviu mais vinho, com o qual tentava acalmar a angústia que me fazia o coração bater mais forte, enquanto os demais se agitavam exibindo euforia e Mestre Villon gritava para a caftina:

— Mas, Madre Abadessa, onde está nossa heroína?

— Jehanne! Jehanne! — chamou em altos brados a caftina.

— Aqui, Reverenda Madre! — respondeu saltando uma moça, a qual, encoberta pela noite, parecia bastante jovem; no entanto, mais à vista e perto do fogo, eram visíveis as marcas da vida que levava desde que sua aldeia foi invadida, seu noivo morto, sua casa entregue às chamas e ela própria raptada e estuprada até cansarem-se dela e abandonarem-na, quando foi acolhida por nossa “madre superiora”. Foi recebida com aplausos pelo poeta, que disse:

— Excelente! Já temos a nossa Jehanne d’Arc! Mas, onde a espada da nossa heroína?

Rapidamente, um rapaz (a quem uma das vistas fora vazada por um simples capricho de seu suserano) cortou um galho de árvore, limpou-o e pô-lo prontamente nas mãos da mulher, que o empunhou como a arma.

— Não prefere uma lança? — perguntou, sarcástico, um antigo sacristão, fugitivo desde quando esfaqueara o cônego que insistia em usá-lo para saciar o vício da sodomia.

— Não! — replicou aquela, dramática — Já me basta o ter que ganhar a vida segurando muitas todos os dias!

Riram-se da malícia, e surpreendi-me a rir também, enquanto o clérigo protestava:

— Mas, que santa guerreira é essa, sem elmo e sem armadura?

Num piscar de olhos, cobriram a cabeça da jovem com uma panela, e seu corpo com um avental de cozinha, sendo que um jovem aproveitou-se para palpar-lhe os seios. A jovem deu-lhe uma tapa na mão, gritando:

— Respeita-me! Agora eu sou Jehanne d’Arc!

E empunhou bem alto o galho, à guisa de espada. Batemos palmas, enquanto o poeta dizia-nos:

— Vede! Nossa Jehanne d’Arc está armada e ajaezada. Agora, o tribunal! Onde está esse escrivão?

— Lá está! — dois deles responderam, apontando para a minha mula.

A um aceno de concordância de minha parte, um dos homens trouxe o animal e amarrou-o numa árvore mais perto de Mestre Villon. A seguir, chegou o ouvido próximo à boca do luar, acenando afirmativamente e dizendo-lhe:

— Como? Sim, Vossa Paternidade, sim, eu lhes direi — voltou-se então para nós e falou, apontando para a mula. — Messires, o reverendo padre escrivão nomeou-me seu assistente.

— Sabeis ler e escrever corretamente? — perguntou o clérigo.

— Tanto quanto o reverendo padre escrivão meu amo, sendo que conheço o latim ainda melhor do que ele!

— Verdade? Dai-nos então, sábio homem, uma amostra de vosso domínio da língua de Virgílio.

— Sim, Messire!

A seguir, pôs-se a latir, imitando um cão. O clérigo fechou os olhos, deliciado:

— Nem mesmo dentro da Universidade ouvi latim mais puro. Reverendos irmãos, o que achais?

— Está aprovado! — dissemos todos.

— A propósito, Reverenda Madre Abadessa, onde está o reverendíssimo senhor Bispo nosso juiz? — perguntou meu anfitrião à caftina, que bateu palmas e quase logo um porco enfeitado foi trazido por uma corda, grunhindo e fuçando, enquanto o clérigo gritava:

— Messires, em pé para recebermos Vossa Reverendíssima!

Com firmeza apenas relativa, pusemo-nos todos em pé prestando reverência, enquanto amarravam o animal junto a um tronco. Mestre Villon imediatamente pôs-se em pé, e assumindo um gesto de solenidade forçada, voltou-se para o suíno e disse-lhe:

— Reverendíssimo senhor Bispo, peço-vos a permissão para inquirir a prisioneira!

Como o animal se limitasse a fuçar o chão, o clérigo deu-lhe um pontapé, o que me despertou feroz satisfação. Ante os grunhidos de dor do animal, o “inquiridor” voltou-se para nós e prosseguiu:

— Ouvistes a ordem de Vossa Reverendíssima! Trazei-nos a acusada!

A jovem avançou, e meu anfitrião novamente falou:

— A acusada deve fazer o juramento. Na falta da Bíblia, poderá jurar sobre uma relíquia sagrada. Trazei-nos uma.

Um dos mais moços, que acabava de roer um osso, apresentou-o à “Jehanne d’Arc”, que perguntou:

— Que diabo de relíquia é essa?

— Não estás vendo? — retrucou o jovem. — É um osso do próprio jumento que conduziu Jesus em sua entrada em Jerusalém na Semana Santa!

— Tem certeza que não é da sua própria canela? — perguntou a jovem

— Não, é uma relíquia verdadeira! — disse meu anfitrião — tão verdadeira que fê-lo, pela primeira vez na vida, conhecer o sentido deste estado maravilhoso chamado sobriedade. Mas, prossigamos. Peço à acusada Jehanne d’Arc, aqui à minha frente, para que responda com a absoluta verdade. Minha jovem, sois realmente virgem?

— Sim, reverendíssimo. Nasci em setembro.

Rimo-nos, e o “inquérito” prosseguiu:

— Frequentais a igreja?

— Freqüento a igreja de Conqueville, como fiel devota de Saint-Marie-Madeleine<sup>372</sup>. Antes da conversão, é claro.

— Bom, muito bom, aqui temos uma moça casta, virgem e devota. Sendo assim, por que segurais tão insistentemente a vossa espada?

— Porque a de “Vossa Paternidade” perdeu o fio há muito tempo! — replicou a jovem, ácida, provocando risos, inclusive os meus, para minha grande surpresa.

Mestre Villon, fazendo-se de irritado, disse-lhe:

---

372 Ou **Santa Maria Madalena**, a quem a tradição (não as Escrituras) diz ter sido uma prostituta antes de conhecer Jesus Cristo. É a padroeira das pecadoras arrependidas.

— Lembrai-vos de que estais numa assembleia santa, composta por homens pios e consagrados a Deus...

— Grato pela parte que me toca! — aparteou a caftina.

— ...e isso é uma blasfêmia que pode levá-la à fogueira. O que o reverendíssimo juiz tem a dizer a respeito? — disse o “inquiridor”, fazendo reverência ao porco.

Como o animal não entendesse nossa língua, levou um segundo pontapé e novamente grunhiu de dor, ao que o clérigo prosseguiu:

— Ouviste, cara senhora, as sábias advertências de Sua Reverendíssima? Escrevão, o que escreveste?

— Nada. Também a pena dele há muito tempo não tem tinta! — disse a jovem outra vez.

— Não foi o que você disse na semana passada, “Donzela de Orléans”! — retrucou este.

— Na semana passada eu era Jehanne, mas não Jehanne d’Arc.

— E o que vieste fazer na França? — tornou a perguntar o “inquiridor”.

— Mandar os goddams de volta para as “santas” que os pariram...

— Mentira! Eu não sou mãe deles! — retrucou a “madre abadessa”, sob novos risos.

— Veja o que você está fazendo, minha jovem! Arrisca-se à fogueira. Mas se você confessar e se arrepender, podemos perdoá-la, impondo-lhe uma salutar penitência para que possa purgar seus pecados e nunca mais cair neles.

— E que penitência é essa? — perguntou a “acusada”.

— Trabalhar de graça para este digno sacerdote de Jesus Cristo! — disse o poeta.

— Nem que me pagasse! Prefiro a fogueira! — retrucou a jovem, sem perceber que aquela palavra evocava coisas que, mais do que tudo, queria esquecer.

— Ora, e por quê? Ainda por cima dou-lhe a absolvição antecipada desse pecado!

— Que pecado?! Espada sem fio não corta nada!

— Você não reclamou dela antes!

— Sim, mas antes eu não era Jehanne d’Arc, nem tu eras padre!

— Vamos logo a essa fogueira de uma vez! Vai ser onde? — perguntaram alguns, enquanto a angústia tornava a crescer dentro do meu peito.

— O bosque é muito grande, não falta lugar! — replicou a mulher mais velha.

— E quem vai ser o carrasco?

— Eu, de muito bom grado! — disse o mesmo jovem que levava a bofetada na mão.

— Sei como fazê-la “pegar fogo” bem depressa, minha “tocha” é das melhores!

— Comparada com o quê? — perguntou a jovem.

No entanto, a angústia tomava cada vez mais conta de mim, enquanto diziam a rir:

— Cuidado! Ela é uma santa e vai nos castigar!...

Em dado momento, não pude mais, levantei-me e gritei, entre soluços:

— Basta! Por piedade, meus irmãos, basta!

Todos se calaram e me rodearam prontamente, parecendo preocupados. Mestre Villon perguntou-me:

— O que sentes, irmão?

— Tende piedade de mim, irmãos! Parai com isso!

Meu anfitrião pareceu assustar-se, e os demais pareciam desajeitados. Agarrei-me àquele como uma criança ao pai:

— Irmão, não sabes quem sou eu, não vistes o que vi! Pois eu estava lá! Eu estava presente naquele dia, eu vi!...

As lágrimas desceram, a garganta se fechou e não pude prosseguir. Ele tomou minha mão na sua e falou como um amigo a outro:

— O que posso fazer por ti, meu irmão? Apenas, pede!

— O mesmo que fiz por ti! Ouvi-me em confissão, por caridade!

— Claro, sem dúvida! Afastai-vos todos, por favor!

— Não! — gritei — Ficai todos, sabeis todos quem sou eu e o que fiz!

Deram-me então mais vinho, que teve o dom de me acalmar, sentamo-nos ao redor do fogo e contei-lhes toda a minha participação naquele drama, enquanto os homens viravam o rosto ou piscavam os olhos, ao passo que as mulheres deixavam as lágrimas descerem livremente. Ao terminar, Mestre Villon tomou a palavra:

— O Senhor disse: *Aquele que estiver sem pecado, atire a primeira pedra*<sup>373</sup>. E quando mandou nos confessássemos uns aos outros, não foi para nos arvorarmos em juízes das consciências alheias, mas para compreendermos uns aos outros, pois somos todos pecadores, todos necessitados da infinita misericórdia do Deus Altíssimo, que não quer a morte do pecador, mas que se arrependa e viva<sup>374</sup>. A esse que, no meio de nós, abriu seu coração, sua alma, que lhe diremos? “Vá-te, miserável”? Ou “sê bem-vindo, irmão”?

Todos me olharam com afeto, a jovem que interpretara Jehanne d’Arc voltou-se para mim com os olhos rasos d’água e me disse:

— Se eu pudesse, apenas por um instante, ser realmente *ela*, já estarias perdoado! — e tomou minha destra, beijando-a com unção enquanto meu anfitrião abraçava-me, dizendo-me:

— Se, cheios de pecados como somos, não te condenamos, o Deus Santo, o Deus infinitamente misericordioso não será menos clemente do que Seus mais indignos devotos.

Pus-me a chorar então, aos soluços, e logo os demais me abraçavam, me afagavam, todos me diziam palavras de afeto, de bom ânimo. Acalmadas as emoções, conversávamos novamente, sob o efeito daquele vinho generoso de que nos servíamos em doses não menos generosas, até que, por fim, começamos a nos render aos seus efeitos e passamos a procurar um canto para o descanso, sendo que me deixaram mais próximo do fogo, lamentando não ter uma coberta decente para me oferecer, enquanto eu me rendia ao doce e brando sono.

No outro dia, despertei com a cabeça pesada, nauseado e tonto. Levantei-me com dificuldade, e de repente estranhei ao dar com tudo em volta vazio. Teria concluído que tudo não passou de um sonho, se os carvões e as cinzas da fogueira apagada não estivessem ao meu lado. De repente, dei-me conta de que não estava mais com meu hábito, e sim, com as vestes talaras negras de meu anfitrião na véspera. Olhei em volta, procurando instintivamente por minha mula, embora adivinhasse o seu destino antes mesmo de ver vazia a árvore onde ela esteve amarrada.

---

373 Novo Testamento, João, 7:8.

374 Velho Testamento, Ezequiel, 33:11.



Não esperava encontrar mais nem sequer a sacola em que levava meus poucos pertences; no entanto, aqui estava ela junto de mim. Abri-a. Não tinha mais nenhuma das minhas coisas. No entanto, não estava vazia. Em lugar daquelas, sobras do pão e carne da noite anterior, e perto das cinzas da fogueira, uma caneca ainda com vinho. À falta de opção, usei-os para o desjejum. De repente, um papel caiu da sacola. Catei-o do chão e comecei a ler:

*Ao meu prezado irmão e Mestre em Artes Martin l'Advenu:*

*Conheço se há moscas no leite,  
Conheço pela roupa o homem,  
Conheço o tédio e o deleite,  
Conheço a fartura e a fome,  
Conheço a mulher pelo enfeite,  
Conheço o princípio e o fim,  
Conheço pela chama o azeite,  
Conheço tudo, menos a mim.*

*Conheço o gibão pela gola,  
Conheço o rico pelo anel,  
Conheço o fiel pela sacola,  
Conheço a monja pelo véu,  
Conheço o porco pela tripa,  
Conheço o irmão pelo latim,  
Conheço o vinho pela pipa,  
Conheço tudo, menos a mim.*

*Conheço a mula e o cavalo,  
Conheço o carro e a carreta,  
Conheço a galinha e o galo,  
Conheço o sino e a sineta,  
Conheço a flor pelo talo  
Conheço Abel e Caim,  
Conheço o pote e o gargalo,  
Conheço tudo, menos a mim.*

*Irmão, conheço tudo em suma,  
Conheço o branco e o carmim  
E a morte que o fim consuma,  
Conheço tudo, menos a mim.*

*Do teu irmão em Jesus Cristo,  
François Villon, cura.*

Por fim, retomei o caminho e, após alguma dificuldade, encontrei novamente a estrada, e o restante do percurso foi sem incidentes dignos de nota, até que cheguei à minha aldeia, onde fui capaz de sorrir ao ver a alegria com que meus paroquianos me acolheram. Nos anos que se seguiram, nunca deixei, nas minhas orações, de me lembrar desses exóticos companheiros de uma noite ainda mais exótica.

Hoje, o que posso dizer, depois de tudo o que se passou? Já os cabelos que me restam estão todos brancos. A vista falha. E quase todos os meus comparsas estão mortos ou bastante doentes, prestes como eu a partir rumo ao Grande Julgamento. E tremo ao pensar nisso. No próximo e definitivo Julgamento que nos aguarda para breve. Meu verdadeiro e único real consolo é a certeza de que, por mais duro e severo que possa ser, certamente será muito mais justo e misericordioso que o nosso para com *ela*.

Quando releio as memórias do meu infeliz irmão da Igreja e cúmplice l'Oiseleur, procuro lembrar-me particularmente do relato que me fez de seus primeiros anos como padre. Talvez porque goste de pensar, ou imaginar, que todos nós, hipócritas da batina, e por isso mesmo criminosos ainda mais detestáveis que os da Conqueville, um dia fomos puros em nossa fé, verdadeiros crentes no sagrado Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, tendo-o por base e pilar da Igreja e de nossas vidas.

E o que aconteceu a cada um de nós, que outrora nos emocionávamos com as palavras e atos de heroísmo dos Velhos Profetas, do Senhor e Seus Apóstolos? Nós, que um dia sonhávamos segui-los, para quem o martírio em nome de Deus seria uma suprema glória, o que fez com que nos degradássemos ao ponto de arrastarmos à fogueira aquela que sabíamos ser enviada pelos Céus?

E como Deus tratará Sua Igreja, depois desse acontecimento? Sim, pode-se dizer que a Barca de Saint-Pierre não é culpada pelo que alguns de seus membros fizeram em nome dela, tanto assim que um novo Julgamento proclamou a inocência da acusada, atirando sobre nós, seus primeiros Juízes, o peso do repúdio e da execração universais.

Sim, somos os criminosos do século e os réus de toda a Eternidade. Mas nós, os facínoras, nós cujo Processo *deve ser tido por repreensível e detestável*, temos o direito de perguntar se não será esta outra manobra tão casuística quanto a primeira, visando livrar a Barca de Saint-Pierre das responsabilidades que pesam sobre ela. Afinal, que voz autorizada dentro da Igreja contestou a validade do Julgamento enquanto estava em execução? Quem, em nome da santa obediência, nos ordenou que parássemos? Afinal, os sacerdotes, mesmo sendo como somos, não são ditos os unguídos de Deus? Porventura não é o Espírito Santo quem inspira a Igreja quando julga? Bem se pode perguntar que inspiração é esta que primeiro condena, depois absolve.

Sim, nós, os Juízes de Jehanne d'Arc, arrostaremos pelos séculos dos séculos esse labéu de infâmia eterna. Seja assim, merecemo-lo. Mas temos o direito de perguntar: e os demais? Onde todos aqueles que permitiram e mesmo coagiram-nos a fazê-lo como o fizemos? Onde os que se beneficiaram de nossa atitude? Em nome da Justiça, por que somente sobre nós terá que recair o peso da infâmia que, analisando-se friamente, divide-se por igual medida sobre a Igreja tanto quanto sobre as coroas de França e Inglaterra? Ainda que se possa dizer que nosso brado por justiça merece a mesma confiança que as juras de fidelidade de uma prostituta...

Por que somente sobre nós terá que recair o fardo da execração universal? Em que é menos culpado Charles VII, que não esboçou sequer uma única tentativa, entre tantas possíveis, de livrar a heroína a quem devia o próprio trono? Ou Regnault de Chartres, que, à semelhança de Pilatos, simplesmente silenciou, quando lhe bastaria tão somente uma palavra? Se somos culpados, então todos os participantes deste drama igualmente o são.

Seja como for, em nome da santa obediência, calar-me-ei, confiando meus pensamentos talvez blasfemos a estes pergaminhos que provavelmente nunca serão lidos por mais ninguém. Poderia alegar em defesa própria que me limitei a cumprir com exato rigor as ordens daqueles que eram meus superiores hierárquicos, consoante manda o voto de obediência. Seria um argumento convincente, se não soasse todo o tempo em meus ouvidos a voz daquela jovem heroica, a quem sacrificamos por ter proclamado que Deus tem que ser servido em primeiro lugar, quaisquer que sejam as consequências. Afinal, a obediência cega às ordens superiores pode até justificar-nos perante a lei dos homens; jamais, porém, perante Aquele que afirmou que quem O negasse diante dos homens, também Ele o negaria perante Seu Pai que está nos Céus<sup>375</sup>.

O fato é que cometemos um crime hediondo. Para com *ela*, para com Ele, para com a Igreja, para com nós mesmos. De todos, talvez o pior tenha sido o que fizemos com a Igreja, que nos confiou o hábito sagrado para o serviço da glória de Deus. Afinal, Jehanne d'Arc sofreu durante algum tempo apenas, tenho certeza que agora está na eterna glória dos Céus e da comunhão com os Santos aos quais foi fiel ao preço da própria vida. Mas nosso crime trouxe mácula indelével para a instituição que confiou em nós. Por nossas mãos, a Igreja queimou uma enviada dos Céus, uma Santa. Como será possível continuar a merecer o beneplácito do Todo-Poderoso? Como poderá continuar sendo um instrumento confiável de Sua vontade na Terra?

Queimando Jehanne d'Arc, talvez tenhamos queimado o elo de união entre Deus e Sua Igreja. Bem pode Ele rejeitá-la, como rejeitou Israel diante de sua infidelidade e perversão. Quem poderá dizê-lo? E não deixa de me ocorrer que nos comportamos como os vinhateiros homicidas<sup>376</sup> da parábola... E — ai de nós — mais criminosos que os judeus que sacrificaram o Senhor, nós muito bem sabíamos o que estávamos fazendo<sup>377</sup>...

Talvez tenhamos queimado com *ela* tudo aquilo que este século de sofrimento e guerra eterna poderia ter de mais bonito e bom. Ou não? Talvez seja menos doloroso pensar que a pira de Jehanne d'Arc foi uma fogueira santa onde queimamos todo o mal e todo o pecado que havia em nossos corações. Se o Senhor julgar sinceros os nossos remorsos e conceder-nos a graça do Seu perdão, terá sido graças ao sublime e heroico sacrifício daquela jovem a quem imolamos. Se é que o perdão divino pode ser alcançado mediante o sacrifício dos justos e dos inocentes.

Mas são perguntas que somente os séculos responderão.

*M.L., MCCCCLVI*

---

375 Novo Testamento, Mateus, 10:33.

376 Novo Testamento, Mateus, 21:23-41.

377 Menção a Lucas, 23:34 (Novo Testamento): *Pai, perdoai-lhes; porque não sabem o que fazem.*

## Resende, Quinhentos e Cinquenta Anos Depois

Joana, doce Joana, agora que saíste fora do mundo, fora do tempo, pertences a quem quer que tenha um pouco de fé ou imaginação para te invocar. Sinto neste momento a tua presença... Que importa que os outros homens digam que eu sonho? Que importa que muitos afirmem que tu sonhavas?...

Érico Veríssimo

É noite avançada, e estou sozinho com meus escritos, sozinho com meus anseios e meus fantasmas, revisando, relendo e refazendo linha após linha, o coração cheio de amor e de incertezas. Quisera sentir também *tua* presença, como o grande escritor gaúcho, mas me parece ousadia demais, pretensão demais... faço uma pausa e vou até a janela, ouvindo os movimentos dos carros que riscam o silêncio azul-marinho da madrugada, olhando para as estrelas no céu, imaginando se estarás nalguma delas...

Podes me ouvir, doce Joana?

Mais de meio milênio se passou desde aquele fatídico maio de 1431, e nesse intervalo muita coisa mudou. Hoje as mulheres do Ocidente podem vestir-se como bem entenderem e adotar a opinião religiosa que acharem melhor. Podem até mesmo chefiar homens (o que, neste Terceiro Milênio, vem se tornando cada vez menos raro), e nada disto é mais escândalo para a sociedade ou para a religião, nada disso faz necessário um julgamento semelhante ao *teu*.

E entre nós, quanta coisa também mudou!... Como tão lucidamente previu o Bispo excomungado, a mesma Inglaterra que pela pena de Shakespeare *te* cobriu de insultos, glorificou-*te* pela pena de Robert Southey, e desde então, vem reverenciando *teu* heroísmo e *teu* sentimento de Pátria tantas vezes, de tal forma, com tão viva emoção, que poderia fazer qualquer pessoa menos avisada pensar que eras tão inglesa quanto o próprio Henrique V.

Da mesma forma a Igreja, que, em nome da fé ortodoxa, em 30 de maio de 1431 repudiou-*te* como “*membro podre que não deve infectar os demais membros do Corpo Místico do Cristo*”, em 16 de maio de 1920, por meio da bula *Divina Disponente*, declarou

*...em honra da Santa e Indivisível Trindade, para o incremento e a glória da fé católica, com a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, e Nossa, com meditada decisão... que a Bem-Aventurada Beata Joana d'Arc é Santa...*

Sim, querida Joana, por mais que isto possa surpreender-te, da fogueira destinada aos hereges, onde *teu* corpo foi consumido até as cinzas, foste transladada aos altares, ao lado das mesmas Santas que veneravas outrora em tua igreja de Domrémy. Hoje, de joelhos diante da imagem que representa aquela que condenamos como feiticeira, herética, cismática, relapsa, dizemos com unção: Santa Joana... certamente, Deus não terá julgado necessário esperar quase meio milênio para considerar-*te* como tal.

Por fim, és hoje a Padroeira da França, da mesma França a qual *teu* estandarte deteve à porta do cemitério dos Estados mortos para que se tornasse uma Nação, e mesmo assim abandonou-*te* à própria sorte. Da mesma Pátria que salvaste com *tua* espada e geraste com *tuas* cinzas, para que no decorrer dos séculos seguintes *te* insultasse pela pena de Voltaire, Thalamas e Béranger, e *te* glorificasse pelas páginas de Michelet, Jules Fabre e Henri Martin.

Todas estas apreciações, filhas volúveis da limitada compreensão humana que nos faz sacrificar os heróis para depois glorificá-los, levam-me a pensar que todos estes títulos talvez para *ti* sejam tão pouco importantes quanto o de Dama du Lys que o Rei *te* concedeu e jamais usaste. Mas, para aqueles que *te* amam, tudo isto, mais do que homenagem, é tão somente justiça, vinda com mais de meio milênio de atraso.

Ao mesmo tempo, todos aqueles que, por ação ou omissão, foram enaltecidos e recompensados por *te* queimarem viva aos dezenove anos de idade em nome da ortodoxia da fé, tornamo-nos os criminosos do século, que, quando não gozam a bênção do esquecimento, têm seus nomes evocados unicamente para, em nome da Justiça, serem expostos à execração pública no pelourinho eterno da História.

E mesmo assim, quanto mais estudo os fatos, quanto mais mergulho no tempo em que viveste, vejo quão pouco certas outras coisas mudaram. Hoje como ontem, os homens enaltecem a verdade e pactuam com a mentira. Hoje como ontem, os novos Carlos VII continuam muito ocupados para salvar aqueles que os salvaram; os d'Estivets do presente *te* amam, mas *te* deixam morrer; os le Maistre atuais *te* veneram no escuro da cela, mas *te* condenam na praça pública para salvar a própria pele; e os l'Advenus e os la Pierres de todos os tempos ainda buscam modos de agradar a Deus sem desagradar ao Diabo.

Fosse possível, e gostaríamos todos de sorrir maneirosamente e nos desculparmos, alegando que, premidos pelas necessidades políticas, havíamos cometido um terrível engano que lamentávamos profundamente. Porém, sabemos que não foi assim. Todos os silogismos e sofismas possíveis não podem esconder a brutalidade do fato que não houve engano algum: sabíamos muito bem a quem estávamos levando à fogueira e por quê. Em consequência, amada Santa Joana, a única verdadeira coisa que podemos hoje dizer-*te*, de joelhos, é uma palavra só: perdão...

Mas me consola pensar que nem só de sombras vive a atualidade. Também os la Hire e os Xaintrailles, de hoje como de outrora, ainda farão de tudo para libertar-*te*. E nas Orléans no mundo a gratidão não é esquecida. E, mais importante ainda é saber que a sentença final de Deus, pela voz da História, mais cedo ou mais tarde corrige e retifica todos os julgamentos humanos. Porque, acima de tudo, esse Deus, a quem amaste de todo o coração, jamais deixou de enviar Suas Vozes às pessoas que se dispusessem a ouvi-las de coração aberto e boa vontade.

Tantas perguntas ficaram no ar desde aquele tempo, entregando-se aos séculos a missão de respondê-las, e ainda hoje, depois de mais de meio milênio, não sei se tenho as respostas certas para dar. E, como não me sinto capaz de dizer-*te* nada melhor, tomo por empréstimo as palavras de alguém maior do que eu, que também *te* amou<sup>378</sup>:

*Infelizmente, doce Joana, ainda não podes voltar ao mundo apenas com teu vestidinho vermelho de camponesa, com a roca na mão e um sorriso nos lábios. Terás que usar de novo a tua rija armadura forjada em Tours, tua espada e o teu grito de guerra...*

Podes me ouvir, doce e gentil Joana?

Fiz esse romance pensando em *ti*. Por isso, foi escrito com todo o meu amor, mas também com todas as minhas limitações e todos os meus sentimentos contraditórios a me acusarem todo o tempo. Simultaneamente, todavia — por que não confessar? — por mais que o negasse a mim mesmo, no fundo ousei alimentar a esperança, absurda mas verdadeira, de que eu, que não tenho sequer a sombra da erudição profunda de Quicherat ou de Michelet, do gênio de Mark Twain ou de Bernard Shaw, e menos ainda da grandeza espiritual de Léon Denis, seria capaz de escrever uma obra que pudesse receber ao menos um *teu* olhar de aprovação, um único sorriso de *tua* alma diamantina e gloriosa.

Ah, que absurda pretensão a minha, menor apenas que o *teu* amor capaz de *te* tornar mãe de uma nação inteira! Tive a esperança de sentir, ao menos mais uma vez, *tua* presença perto de mim, como na minha tão recuada infância, quando pude ver-*te* em sonhos naquele hoje distante distrito de Morsing, acordando com as lágrimas ainda escorrendo quentes pelo meu rosto de menino de oito anos.

Porém, não foi *tua* alma luminosa e pura que senti roçar por mim ao longo da feitura deste livro, e sim as sombras tristes, lutuosas, de todos aqueles que, por ambição, vingança ou covardia, permitiram que *teu* corpo, cheio de vida e força dos seus dezenove anos de idade, fosse consumido nas chamas da fogueira. Reunidos mais uma vez para, em forma de romance, prestarmos nossos depoimentos perante o juízo de Deus, a fim de que, pela voz da posteridade, fôssemos acusados e condenados mais uma vez.

Quisera ter algo de bonito e bom para *te* oferecer. Eu *te* daria o meu próprio coração, e todo o meu amor com ele, se já não fossem *teus*. Mas, o que pode ser um sentimento assim vulgar e tão material, para aquela que abrigou dentro do próprio seio virgem um amor capaz de abarcar dentro de si a França como um todo? Que tenho para *te* oferecer que seja digno de um instante sequer de *tua* atenção? Que valor pode ter para o Sol a mísera luz que uma mesquinha vela lhe ofereça?

Nada tenho para *te* oferecer, Donzela de Orléans e Mãe da França, que seja digno sequer de um *teu* olhar. E, mesmo assim, eu *te* ofereço este romance, pois meu talento é muito pobre para ousar mais altos voos. Sabendo embora que, para o glorioso Espírito que tu és, os mais vibrantes panegíricos deste mundo soam como a flauta do indígena para quem conhece a Nona Sinfonia de Beethoven.

Sem mais nada a dizer, Santa Joana d'Arc, minha alma culpada escuta o chamado de um Juiz mais justo e imparcial do que nós fomos, e me levanto para, de cabeça baixa, apresentar meu depoimento perante o severo e incorruptível tribunal da própria consciência. Sem mais nada de melhor para oferecer, eu *te* dedico o meu próprio testemunho.

*Mário Cuervo*

## **ANEXOS**

Segue-se em anexo a íntegra de alguns textos citados ao longo da narrativa, para melhor compreensão de seus significados e sua importância para os fatos e para a época.

## Bula “Unam Sanctam Ecclesiam Catholicam”

Bonifácio, Bispo, Servo dos Servos de Deus, para a futura memória dos fatos.

Incitados pela fé, nós somos obrigados a crer e sustentar que a igreja é Una, Santa, Católica, e também Apostólica, e que firmemente e com simplicidade nós acreditamos e confessamos que fora dela não há salvação nem remissão dos pecados, como foi proclamado pelo esposo nos Cânticos [Cânticos 6:9]: “*uma única é minha pomba imaculada, a única de sua mãe, a eleita daquela que a gerou*”, a qual representa um corpo místico único cuja cabeça é Cristo, e a cabeça do Cristo é Deus [1º Coríntios 11:3]. Nela há então um único Senhor, uma única fé, um único batismo [Efésios 4:5]. Uma única, sem dúvida, foi a Arca de Noé nos tempos do Dilúvio, prefigurando-a uma só Igreja, que a Arca, sendo terminada em uma única edificação, teve somente um piloto e guia, isto é, Noé, e nós lemos que, fora desta Arca, tudo que subsistia na terra foi destruído.

Nós veneramos esta Igreja como única, acerca da qual o Senhor diz pela boca do Profeta: “*salva meu pescoço da espada e a minha pessoa das patas do cão*” [Salmos 21:20]. Ao rogar por sua alma, isto é, por si mesmo, fê-lo com a cabeça e com o corpo; e este corpo único é realmente a Igreja, a esposa verdadeira e fiel, pela unidade dos sacramentos e da caridade da igreja.

Este é a túnica inconsútil do Senhor, a túnica sem emenda, que não foi dividida, mas decidida pela sorte [João 19:23-24]. Consequentemente, nessa única igreja há um corpo e uma cabeça, não duas cabeças como um monstro; isto é, o Cristo e o Vigário de Cristo, Pedro e os sucessores de Pedro, desde que o Senhor fala ao próprio Pedro: “*apascenta meus cordeiros*” [João 21:17]. Meus, Ele o disse em seu sentido mais abrangente, sem particularizá-los, uma vez que a Si caberia distinguir as diversidades. Consequentemente, se os gregos ou outros disserem que não estão confiados a Pedro e a seus sucessores, devem confessar que não são cordeiros do Cristo, desde que Nosso Senhor diz em João: “*haverá um só rebanho e um só pastor*”.

Nós somos informados pelos textos dos Evangelhos que nesta Igreja e em seu poder estão duas espadas, a espiritual e a temporal. Pois quando os Apóstolos disseram: “*Temos aqui duas espadas*” [Lucas 22:38] isto quer dizer, na Igreja, uma vez que era o Apóstolo quem estava falando, o Senhor não respondeu que havia demasiadas, mas suficientes. Certamente quem nega o poder temporal de Pedro entendeu mal a palavra de ordem do Senhor: “*Guarda a espada na bainha*” [Mateus 26:52]. Assim, isto quer dizer que ambas estão em poder da Igreja, a espada espiritual e a material; esta deve ser administrada para a Igreja, mas aquela pela Igreja; o anterior nas mãos do sacerdote; a última pelas mãos dos reis e dos soldados, desde que de acordo com a vontade e o consentimento do sacerdote.

Ocorre ainda que a espada está sob a espada, e a autoridade temporal sujeita ao poder espiritual. Pois, desde o Apóstolo disse: “*não há nenhuma autoridade que não venha de Deus e as que existem, foram instituídas por Deus*” [Romanos 13:1-2], não haveria ordem se uma espada não fosse subordinada à outra e se a inferior, enquanto tal, não fosse elevada pela outra.

Pois, de acordo com São Dionísio, é uma lei divina que as coisas mais baixas alcancem o lugar mais elevado por meio de intermediários. Então, de acordo com a ordem do universo, todas as coisas não são conduzidas à ordem igualmente e imediatamente, mas ao mais baixo pelos intermediários, e ao inferior pelo superior. Daqui nós devemos reconhecer mais claramente que o poder espiritual ultrapassa na dignidade e na nobreza todo o poder temporal, ou seja, as coisas espirituais ultrapassam as temporais.



Isto nós vemos muito claramente não somente pelo pagamento, bênção e consagração dos dízimos, mas da aceitação do próprio poder e pelo governo mesmo das coisas. Testemunhando em nome da verdade, pertence ao poder espiritual estabelecer o poder temporal e julgá-lo se não for bom. Assim é realizada a profecia de Jeremias a respeito da Igreja e do poder eclesiástico: “*Hoje eu vos tenho estabelecido sobre as nações e reinos para arrancar e arrasar, demolir e destruir, construir e plantar*” [Jeremias 1:10].

Consequentemente, se o poder terreno se desvia, será julgado pelo poder espiritual; mas se um poder espiritual menor se desvia, será julgado por um poder espiritual superior; mas se o mais elevado de todos os poderes se desvia, somente pode ser julgado por Deus, e não pelo homem, de acordo com o testemunho do Apóstolo: “*O homem espiritual julga a respeito de todas as coisas e ele mesmo não é julgado por nenhum homem*” [1º Coríntios 2:15].

Esta autoridade, entretanto, embora dada ao homem e exercitada pelo homem, não é humana, porém a mais divina de todas, concedido a Pedro por uma palavra divina e reafirmada a Pedro e seus sucessores pelo próprio Cristo, que o confirmou como a pedra firme, dizendo ao próprio Pedro “*tudo quanto ligardes na terra, será ligado também no Céu*” [Mateus 16:19].

Consequentemente quem quer que resista a este poder ordenado por Deus, resiste às ordens de Deus [Romanos 13:2], a menos que creiam como os Maniqueus em dois princípios, o que julgamos como falso e herético, desde que de acordo com o testemunho de Moisés, não há princípios, mas um princípio, Deus, que criou o Céu e a Terra [Gen 1:1]. Em razão disto nós declaramos, nós afirmamos, proclamamos, definimos e pronunciamos como absolutamente necessário à salvação que cada criatura humana esteja sujeita ao Pontífice Romano.

Dada no Vaticano, no oitavo ano de nosso pontificado XVII de novembro de Mil CCCII.

## **Carta endereçada pela Universidade de Paris ao Santo Padre o Papa, ao Imperador e ao Sagrado Colégio dos Cardeais.**

Nós cremos, Sacratíssimo Pai, que o vigilante empenho em prevenir a contaminação da Santa Igreja pelo veneno dos erros de falsos profetas e homens malignos é necessário e o será até que venha o fim do mundo, como medicina anunciada para as nações nestes perigosos tempos que são chegados, quando bem perto de nós pessoas pretenderão defender suas convicções, pois eles se desviarão da verdade e serão convertidos às fábulas. Os Evangelhos também dizem: “*Haverá falsos Cristos e falsos profetas, que farão sinais e maravilhas tais que, se possível, enganariam os próprios eleitos*”.

Assim, quando assistimos novos profetas se levantarem proclamando ter recebido revelações de Deus e dos Santos do Paraíso, quando vemo-las anunciar às pessoas o futuro e coisas que excitam efêmero entusiasmo ao pensamento humano, realizando audaciosamente atos novos e exóticos, torna-se adequado à nossa pastoral solicitude aplicar toda a nossa energia em preveni-los antes que esmaguem o povo, sempre ávido em crer nas novidades e doutrinas estranhas, antes que os espíritos dos quais eles pretendem ter vindo tenham sido confirmados.

Seria realmente fácil para estes astutos e perigosos semeadores de enganosas invenções infectarem o povo Católico se todos, sem a aprovação e o consentimento da Santa Madre Igreja, fossem livres para inventar revelações sobrenaturais a seu bel-prazer, usurpando a autoridade de Deus e de Seus Santos.

Sendo assim, Sacratíssimo Pai, a vigilante diligência recentemente demonstrada pelo reverendo Pai em Cristo, o senhor Bispo de Beauvais, bem como do Vigário do Inquisidor da Perversidade Herética, apontado pela Sé Apostólica para o Reino de França para a proteção da religião Cristã, mostrou-se em extremo louvável. Por seus esforços e sofrimentos em examinar cuidadosamente certa mulher capturada dentro dos limites da diocese de Beauvais, vestindo roupas e usando armas próprias de homens, trazida perante nós para ser julgada por falsamente inventar revelações divinas, ofendendo gravemente a nossa fé ortodoxa, estes homens demonstraram a verdade do que havia por trás de suas ações.

Depois de eles nos terem informado acerca do curso do julgamento e solicitado a nossa opinião sobre certos artigos emitidos por essa mulher, aos quais nosso silêncio não podia acobertar o que era preciso fazer para a exaltação de nossa fé, resolvemos informar Vossa Alteza do que tínhamos recebido. De acordo com as instruções recebidas pelos senhores Juízes, esta mulher, que se chamava Jehanne a Donzela, de sua própria vontade, durante o julgamento confessou muitos pontos, os quais, avaliados por atento exame de muitos prelados, maduramente considerados por Doutores e muitos outros instruídos nas leis canônicas e civis, submeteram suas decisões ao alvitre de nossa Universidade, tendo provado que ela era falsa profetisa, supersticiosa, evocadora de demônios, idólatra, blasfema acerca de Deus e de Seus Santos, cismática e em erro acerca da fé em Jesus Cristo.

Cheios de aflições e mágoas pela alma desta miserável pecadora presa na armadilha de muitos crimes, seus Juízes, por meio de frequentes e caridosas exortações, fizeram todos os esforços no sentido de mostrar a esta mulher quão necessário lhe era abandonar os seus erros e submeter-se ao julgamento da Santa Madre Igreja. Mas o espírito de perversidade que se-lhe tinha fixado no coração por tão longo tempo fê-la rejeitar tão salutares admoestações com dureza de coração, recusando-se a se submeter a

pessoa alguma, qualquer que fosse a sua dignidade, mesmo ao Sagrado Concílio, não reconhecendo nenhum outro Juiz que não Deus. Como resultado de tão perseverante labor, nada mais obtiveram os ditos Juízes senão menosprezo e presunção. Em ouvindo seus conselhos, *ela* negou verbalmente e abjurou seus erros perante grande multidão, tendo assinado a fórmula de abjuração e retratação. Poucos dias após, porém, esta desprezível mulher mais uma vez tola e tola voltou atrás em seus erros os quais havia denegado.

Em consequência, os sobreditos Juízes condenaram-na definitivamente como herética e relapsa, entregando-a à sentença do poder secular. Então, quando esta mulher viu próxima a destruição de seu corpo, *ela* confessou diante de nós, lamentando profundamente, que tinha sido enganada e arruinada pelos espíritos que lhe haviam aparecido visivelmente diante *dela*; e, como penitente diante da morte, pediu perdão por tudo e entregou a vida. Estes motivos foram reconhecidos por todos como perigosos e pavorosos, como o é dar crédito às modernas fantasias que durante algum tempo trouxeram perturbações ao Cristianíssimo reino, não somente por esta mulher, mas muitos outros homens também; e todo crente fiel da religião Cristã precisa se acautelar destes maus exemplos não somente agindo prontamente depois de terem confessado, mas também ouvindo os ensinamentos da Igreja e as instruções dos sacerdotes mais do que as fábulas e superstições femininas. Pois, se formos até o fim de nossas faltas chegaremos ao ponto em que feitiçarias e falsidades serão profetizadas em nome de Deus sem Sua permissão, seremos guiados antes por pessoas frívolas do que por pastores e Doutores a quem o Cristo dissera outrora: “Ide e pregai a todas as nações”, e por fim a religião perigará, a fé entrará em decadência, a Igreja será calcada aos pés de Satã a dominar todo o Orbe. O que possa Jesus Cristo prevenir, e sob a feliz direção de Sua Santidade, guardando Seu rebanho de toda nódoa e contaminação.

## **Íntegra da Sentença de Reabilitação de Joana d’Arc.**

Em nome da Santa e Indivisível Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, Amém.

A Providência da Eterna Majestade, o Salvador, Cristo, Nosso Senhor Deus e Homem, instituiu para reger Sua Igreja Militante, o Bendito Pedro e seus Apostólicos Sucessores. Fê-los Seus principais representantes e, à luz da verdade que lhes fora manifesta, deu-lhes por missão ensinar aos homens o caminhos da justiça, em todo o Orbe protegendo os bons, aliviando os oprimidos, e por um julgamento justo e digno, trazer de volta ao caminho reto aqueles que se transviaram.

Investidos desta Apostólica autoridade no assunto em questão, nós Jean de Reims, Guillaume de Paris e Richard de Coutances, por graça divina Arcebispo e Bispos; e Jean Brehal, da Ordem de São Domingos, Mestre em Teologia Sagrada e um dos Inquisidores da Perversidade Herética no Reino de França, todos os quatro Juízes especialmente delegados por Sua Santidade o Papa atualmente reinante;

Tendo visto o Processo solenemente trazido diante de nós em virtude de Apostólico Mandato que nos foi confiado e respectivamente por nós aceito, concernente à mulher honesta, a viúva Isabelle d’Arc, mãe; Pierre e Jean d’Arc, seus filhos naturais e legítimos, irmãos da Falecida Jehanne d’Arc, de boa memória, conhecida como A Donzela;

O caso foi apresentado em nome deles contra o Vice-Inquisidor da Perversidade Herética da diocese de Beauvais, contra o Promotor oficial da diocese de Beauvais e também o Reverendo Pai em Cristo e Senhor Guillaume de Hellande, atual Bispo de Beauvais, e contra todos os demais e cada um em particular que possam estar interessados no assunto como Acusados, tanto em conjunto quanto separadamente;

Tendo sido vista em primeiro lugar a peremptória citação e execução desta citação contra os ditos Acusados, como foi requerido não somente pelos ditos Suplicantes como também pelo Promotor de nosso Ofício apontado por nós, jurado e nomeado para esta causa, a fim de que os ditos Réus pudessem comparecer ao dito Re-exame, ouvir as conclusões contra eles, e respondê-las; e para proceder conforme julgassem razoável;

Atendendo ao pedido dos ditos Suplicantes, seus motivos e conclusões redigidos nos escritos por eles apresentados sob a forma de artigos que concluíram numa declaração da nulidade, da iniquidade, e da fraude encontradas em um pretense Julgamento para a Fé, formado e executado nesta cidade contra a mulher acima nomeada, agora morta, pelo finado senhor Pierre Cauchon, então Bispo de Beauvais; por Jean le Maistre, então Vice-Inquisidor da diocese supracitada; e por Jean d’Estivet, Promotor, ou pelo menos atuando nesta função: o dito pedido que objetiva e que pressupõe ainda destruir e anular o Processo na questão e de tudo que lhe seguiu, à reabilitação da dita Finada, e a todas as finalidades restantes nisso enumeradas;

Tendo, lido, relido e examinado os registros originais, os instrumentos, os meios, atos, notas e protocolos do dito Processo, mostrados e enviados a nós, em virtude das letras compulsórias, pelos escrivães e por outros cujos selos e escritos foram, preliminarmente, reconhecida em nossa presença;

Em seguida estudando em toda a extensão todos estes originais, não somente com os ditos escrivães e outros oficiais apontados no Processo citado, mas também com os aqueles dos Juízes que foram chamados ao mesmo Julgamento, aqueles, ao menos, quem nós pudemos trazer diante de nós;

E em seguida tendo ordenados e comparados o texto final com a minuta própria do dito Processo;

Considerando também os inquéritos preparatórios, anteriores, que foram conduzidos pelo Mui Reverendo Pai em Cristo o senhor Guillaume d'Estouteville, Cardeal de Saint-Martin-les-Monts, então Legado da Santa Sé Apostólica no reino de França, assistido pelo Inquisidor, após o exame que tinha sido feito dos livros e dos instrumentos apresentados então;

Mais tarde, considerando o inquérito preparatório conduzido no começo do Processo atual por nós ou por nossos comissários;

Considerando também os diversos estudos feitos pelos mais célebres e autorizados Prelados, Doutores e estudiosos, os quais, depois de estudarem em toda a extensão os livros e os instrumentos do dito Processo, solucionaram os pontos duvidosos que necessitavam ser elucidados, cujos estudos a seguir elaboraram e publicaram, a maioria por ordem do mui Reverendo Pai supradito ou por nós;

Considerando os quesitos e os interrogatórios a que foram submetidas as testemunhas, apresentadas a nós em nome dos Suplicantes e do nosso Promotor, e ao fim de muitas convocações admitidas por nós como prova;

Considerando o conjunto dos testemunhos e os depoimentos das testemunhas no assunto dos ditos Artigos e Inquéritos na vida da dita Finada no lugar de seu nascimento; em sua partida; em sua inquirição diante dos diversos Prelados, Doutores, e outros que se têm conhecimento dos fatos, na presença notável do mui Reverendo Pai Regnault, então Arcebispo de Reims e Metropolitano do dito Bispo de Beauvais, a qual teve lugar em Poitiers e arredores; na libertação maravilhosa da cidade de Orléans; na viagem à cidade de Reims e da coroação do Rei; e as diversas circunstâncias do julgamento, das qualificações, dos Juízes, e do procedimento;

Considerando, além das cartas e depoimentos dos testemunhos acima mencionados, outros documentos, instrumentos, e medidas, enviados a nós, descobertos e examinados à luz do Direito, sem que se lhes tenha sido feito oposição;

Tendo mais tarde nosso Promotor, que, considerando estes resultados e aquelas declarações, declara ele mesmo terminada a juntada no que diz respeito aos Suplicantes:

Tendo ouvido os outros pedidos e ressalvas feitas por nosso Promotor, em seu próprio nome bem como no dos Suplicantes, e que foram por nós admitidos e recebidos dentro do tempo em que as razões da lei devem ser formuladas, de forma também a poder influir em nossas mentes;

Depois do Caso ter sido concluído, em nome do Cristo, e este dia ter sido designado para ser exarada a sentença;

Em seguida tendo com grande maturidade pesado, examinado todas e cada uma das coisas acima ditas tão bem quando necessário, bem como determinados artigos que começam com estas palavras "**Uma certa mulher, etc.,**" os quais os Juízes no primeiro Processo pretenderam ter extraído das confissões da dita Finada, os quais foram submetidos por nós a um grande número de pessoas notáveis para opinar; Artigos estes que nosso Promotor, tanto quanto os Suplicantes ditos acima, criticaram como iníquos, falsos, obtidos por fraude e em descordo com as confissões de Jehanne;

Que nosso presente julgamento pode ser considerado como diante da própria Face de Deus, Este que julga os espíritos, único árbitro perfeito, único juiz infalível em Suas conclusões, que castiga onde tem conhecimento do mal, e frequentemente escolhe o fraco para confundir o forte, nunca desamparando aqueles que confiam Nele, mas sendo sua sustentação em seus sofrimentos e em suas tribulações;

Em seguida tendo deliberado maduramente, tanto quanto no assunto dos Inquéritos Preliminares quanto na decisão própria, com o auxílio de pessoas tão experientes e sábias quanto escrupulosas;

Considerando suas decisões solenes, formuladas nos estudos realizados de maneira concisa, com numerosas consultas:

Tendo considerado suas opiniões, escritas ou verbais, fornecidas e dadas, não somente na forma, mas também no conteúdo do Processo, e de acordo com o que as ações da dita Finada são considerados dignas de louvor e não de condenação, faz com que o julgamento dado contra ela, na forma como no conteúdo, deve ser tido por repreensível e detestável:

E porque na questão das revelações é muito difícil oferecer julgamento correto, o Bendito Paulo que tinha, no assunto de suas próprias revelações, dito não saber se lhe vieram no corpo ou no espírito, e neste ponto reportava-se a Deus:

Em primeiro lugar, nós afirmamos de acordo com o que exige a mais estrita Justiça, declaramos que aqueles Artigos que começam com as palavras “**Uma certa mulher**”, os quais são encontrados insertos dentro do pretense Processo por instrumentos da pretendida sentença aplicada contra a referida Finada, devem ser considerados sem nenhum valor, por terem sido extraídos do pretense Processo e de pretensa confissão da Falecida, por meio de corrupção, calúnia, dolo e malícia;

Que em determinados pontos a verdade de sua confissão foi omitida; em outros, a forma exata das palavras foi adulterada, frustrando a que o pensamento dos Doutores então consultados e dos Juízes pudessem ter o benefício de uma opinião diferente;

Que nestes Artigos foram acrescentadas erradamente muitas circunstâncias agravantes que não fazem parte das Confissões supracitadas, enquanto muitas circunstâncias relevantes e justificativas foram deixadas em silêncio;

Que a forma e o conteúdo de determinadas palavras foram adulterados;

Em vista disso, como estes mesmos Artigos, são falsos, caluniosos, e obtidos de forma fraudulenta, e ao avesso das verdadeiras Confissões da Acusada, nós julgamo-los negados, nulos e cassados; e, como por isso eles não deveriam ter sido envolvidos no Processo, nós decretamos, por esse atual Julgamento, que sejam juridicamente rotos.

Em segundo lugar, depois de investigarmos cuidadosamente a outra parte do mesmo dito Processo, particularmente as duas sentenças que ela contém, designadas através das opiniões como "Herética" e “Relapsa” e em seguida, além disso, tendo gasto longo tempo analisando a qualificação das opiniões e de todos aqueles sob cuja guarda a dita Jehanne estava presa;

Depois de termos visto as recusas, as submissões, os apelos e o pedido, muitas vezes repetido, pelo qual a citada Jehanne declarou que submeteria a sua pessoa, assim como todos os seus atos e palavras, à Santa Sé Apostólica e ao nosso mui santo senhor o soberano Pontífice, pedindo insistentemente em muitas ocasiões que o Processo lhe fosse comunicado, com as afirmações de sua submissão a ele;

Depois de termos também examinado uma pretensa abjuração, repleta de falsidade e de má-fé, obtida pelo terror e pela força, em frente ao carrasco e sob ameaça de fogueira, sem que a dita Finada tenha podido sabê-lo ou prevê-lo;

Tendo levado em consideração as consultas e os tratados supramencionados, de prelados e notáveis Doutores versados em Direito Canônico e Civil, os quais declararam que os crimes de que Jehanne é acusada na fórmula das referidas sentenças não podem ser comprovados pela matéria do Processo, tampouco nele estão de modo algum implicados, e isso nas decisões em que se encontram muitos acontecimentos pertinentes sobre a nulidade e injustiça resultante desse ponto, e de outros semelhantes;

Depois de termos diligentemente dado a nossa atenção à totalidade e a cada uma das coisas que havia para ver e estudar sobre o assunto;

Nós, Juízes, com assento em nosso Tribunal e tendo apenas Deus diante dos olhos, por esta sentença definitiva, afirmamos, pronunciamos, decretamos e declaramos

os ditos Processo e Sentença repletos de iniquidades, irresponsabilidades e manifestos erros, tanto na Fé quanto em relação ao Direito;

Que foram, são e serão, tanto a Abjuração, como a Execução, e todo o feito em relação àquele devem ser considerados como inválidos, não-existentes, sem valor ou efeito.

Não obstante, dentro de toda a extensão que se faça necessária, conforme é necessário e determina a razão, nós cassamo-los, anulamo-los, desmentimo-los e declaramo-los sem valor;

Declaramos que a dita Jehanne e seus parentes, Suplicantes no Processo atual, não têm, no que diz respeito ao presente Julgamento, contraído nem incorrido em nenhum mancha ou estigma de infâmia; nós declaramo-los livres de todas as consequências daquele supracitado Processo; nós declaramo-los, tanto quanto se faça necessário, inteiramente livres de tudo isso a partir deste momento, para o presente e para o futuro:

Nós ordenamos que a execução e solene publicação de nossa atual Sentença deverá ser anunciada imediatamente e da maneira mais adequada, dentro desta cidade, em dois diferentes locais, a saber: dentro da Abadia de Saint-Ouen, logo após uma Procissão Geral e um sermão público; e no Velho Mercado, posto no mesmo lugar onde a dita Jehanne foi sufocada através da cruel e horrível morte pelo fogo, também com um sermão público e com a colocação de uma bonita cruz para a perpétua memória desta Decisão e para a salvação de sua alma.

Reservamo-nos o poder de mais tarde executar, noticiar, e para a honra de sua memória anunciar com aclamação a nossa dita sentença nas cidades e outros lugares do Reino que se considerem adequados, enfim, para quaisquer outras formalidades que possam ter efeito duradouro.

Esta atual Sentença é apresentada, lida e promulgada através dos Senhores que julgaram em presença do Venerável Pai em Cristo o Senhor Bispo de Demetriade, de Hector de Coquerel, Nicolas du Boys, Alain Olivier, Jean du Boc, Jean de Gonnys, Guillaume Roussel, Laurent Surroau, Cônegos; de Martin l'Advenu, Jean Roussel, e Thomas de Fanouilleres.

Messire Simon Chapitault, Promotor; Jean d'Arc e Prevostoau, representando os demais querelantes.

Feito no Palácio Arquiepiscopal de Rouen, em 07 de julho do ano de Nosso Senhor de 1546.

## ILUSTRAÇÕES

As imagens foram obtidas, na quase totalidade, do site da WIKIPEDIA, e com direitos autorais expirados. Exceto quando discriminado abaixo, são obras de autores contemporâneos aos retratados e de autoria desconhecida.

Figura 1: Charles VI .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 2: Patíbulo de Montfaucon, <i>do Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle</i> , de Eugène Viollet-le-Duc, 1856.	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 3: Jean Gerson .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 4: Henry V .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 5: Pierre Cauchon, Bispo de Beauvais .....	74
Figura 6: Armas do Bispado de Beauvais .....	81
Figura 7: Armas da família Du Lys .....	95
Figura 8: Galero .....	113
Figura 9: Regnault de Chartres, Arcebispo de Reims .....	113
Figura 10: Jean Dunois, o Bastardo de Órleans .....	114
Figura 11: Charles VII .....	116
Figura 12: Filipe, o Bom, Duque de Borgonha com a Ordem do Tosão de Ouro. <i>Óleo sobre madeira, de Rogier van der Weyden, posterior a 1450</i> .....	118
Figura 13: Jean de Ligny, Conde de Luxemburgo .....	123
Figura 14: Jean de Lancaster, Duque de Bedford .....	140
Figura 15: Henri Beaufort, Cardeal de Winchester. <i>Trabalho da Escola Inglesa do século XVIII, gravado por J. Parker</i> .....	140
Figura 16: Ponte de Mathilde. <i>Imagem obtida do site <a href="http://www.stejeannedarc.net/dossiers/jeanne_a_rouen.php">www.stejeannedarc.net/dossiers/jeanne_a_rouen.php</a></i> .....	455
Figura 17: François Villon .....	503



## BIBLIOGRAFIA:

### NÃO-FICÇÃO

1. AYROLLES, J.B.J. **L'Universite de Paris au temps de Jeanne d'Arc** et la cause de as haine contre la libératrice. Bibliothéque Jeanne d'Arc, Ancienne Maison Gaume et Cie X. Rondelet et Cie, Éditeurs, Paris, 1901.
2. BARRETT, W. P. **The Trial of Jeanne d'Arc**, translated into English from the original Latin and French documents with an essay on the Trial of Jeanne d'Arc and Dramatis Personae, biographical sketches of the trial judges and other persons involved in the Maid's career, trial and death by Pierre Champion, Gotham House, New York, 1932.
3. BEAUNE, Collete. **Joana d'Arc Uma Biografia**, Editora Globo, São Paulo, 2006.
4. BERTIN, Claude. **Os Grandes Julgamentos da História – Volume 4: O Processo de Joana d'Arc**, Otto Pierre Editores, São Paulo, 1970.
5. DEFURNEAUX, Marcelin. **A Vida Quotidiana nos Tempos de Joana d'Arc**, Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1959.
6. DENIS, Léon. **Joana d'Arc, Médiu**m, Federação Espírita Brasileira, 6ª Edição, Rio de Janeiro, 1959.
7. DUBY, Georges. **História da Vida Privada – volume 2: A Europa Feudal / A Renascença**, Companhia de Bolso (Companhia das Letras), São Paulo, 2009.
8. DUBY, Georges y Andrée. **Los Procesos de Juana de Arco**. Universidad de Granada y Universitat de València. Universidad de Granada, 2005.
9. DUFAUX, Ermance (psicografia). **A História de Joana d'Arc ditada por ela mesma**, Centro Espírita Léon Denis Editora, Rio de Janeiro, 2003.
10. EYMERICH, Nicolau e LA PEÑA, Francisco de. **Manual dos Inquisidores**, Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1993.
11. FRANCE, Anatole. **Vida de Juana de Arco**, Editora Futuro, Buenos Aires, 1945.
12. GIES, Frances. **Joana d'Arc A Lenda e a Realidade**, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1982.
13. GUITTON, Jean. **Problema e Mistério de Joana d'Arc**, Dominus Editora, São Paulo, 1963.
14. HANAWALT, Barbara A. and WALLACE, David. **Medieval Crime and Social Control**, University of Minnesota Press, Minneapolis and London, 1999.
15. **Joanna d'Arc Encyclopedia pela Imagem**, Lello & Irmão Editores. Porto, 1925.
16. KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras (Malleus Maleficarum)**, Editora Rosa dos Tempos, 10ª Edição, Rio de Janeiro, 1993.
17. MICHELET, Jules. **Joana d'Arc**, Editora Vecchi, 5ª Edição, Rio de Janeiro, 1957.
18. MOULIN, Léo. **A Vida Quotidiana dos Estudantes na Idade Média**, Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1994.
19. PANDOLFO, Maria do Carmo Peixoto. **Joana d'Arc Semiologia de um Mito**, 2ª Edição, Editora Grifo, Rio de Janeiro, 1978.
20. PERNOUD, Régine e CLIN, Marie-Veronique. **Joana d'Arc uma das maiores heroínas-mártires da história**, Publicações Europa-América Lda. Mem Martins, Portugal, 1986.

21. QUEIROZ, Eça de. **Cartas Familiares e Bilhetes de Paris**, Lello & Irmão Editores, Porto, 1951
22. SACKVILLE-WEST, Victoria. **Santa Joana d’Arc**, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1994.
23. SPOTO, Donald. **Joana d’Arc Uma Biografia**, Editora Planeta do Brasil, São Paulo, 2009.
24. TEIXEIRA, Sebastião Meirelles. **Joana d’Arc Processo de Condenação**, Editora Rideel, São Paulo, 1996.

## FICÇÃO

1. ANOUILH, Jean. **A Cotovia**, Editora Presença, São Paulo, 1964.
2. CLAUDEL, Paul. **Joana d’Arc Entre as Chamas**, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1963.
3. SHAKESPEARE, William. **Henrico VI** (primeira parte), Colección Clásicos Inolvidables, Teatro Completo, Shakespeare tomo II, Librería El Ateneo, Buenos Aires, 1953.
4. SHAW, Bernard. **Santa Joana e Pigmalião**, série Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura, Editora Opera Mundi, Rio de Janeiro, 1971.
5. SCHILLER, J. C. Friederich. **Dramas – Maria Estuardo - La Doncella de Orleans - Guillermo Tell**. Editora Iberia S.A., Barcelona, 1984.
6. SCHWOB, Marcel. **Vidas Imaginárias**, Editora 34, São Paulo, 1997.
7. TWAIN, Mark. **Reminiscências Pessoais de Joana d’Arc**, Editora Record, Rio de Janeiro, 2001.
8. VERÍSSIMO, Érico. **A Vida de Joana d’Arc**, Editora Globo, Porto Alegre, 1956.

## SITES:

1. **stejeannedarc.net**: [www.stejeannedarc.net/](http://www.stejeannedarc.net/)
2. **Joan of Arc Archive** (by Allen Williamson): [www.archive.joan-of-arc.org](http://www.archive.joan-of-arc.org)
3. **Saint Joan of Arc Center**: [www.stjoan-center.com](http://www.stjoan-center.com)
4. **Joan of Arc Portraits of a Saint**: [www.saint-joan-of-arc.com](http://www.saint-joan-of-arc.com)
5. **Wikipedia**: [pt.wikipedia.org/wiki/Joana\\_d'Arc](http://pt.wikipedia.org/wiki/Joana_d'Arc).
6. **Joan of Arc Society / Société Internationale de l'étude de Jeanne d'Arc**: [www.jeanne-darc.dk/](http://www.jeanne-darc.dk/)

## FILMES:

1. MÉLIÈS, Georges. **Joana d'Arc**. França, 1899.
2. DE MILLE, Cecil B.. **Joana, a Mulher**. EUA, 1917.
3. DREYER, Carl. **A Paixão de Joana d’Arc**. França, 1927.
4. UCICKY, Gustav. **A Donzela Joana**. Alemanha, 1935.
5. FLEMING, Victor. **Joana d’Arc**. EUA, 1948.
6. ROSSELLINI, Roberto. **Joana d’Arc**. Itália/França, 1954.
7. PREMINGER, Otto. **Santa Joana**. EUA/Reino Unido, 1957.
8. BRESSON, Robert. **O Processo de Joana d’Arc**. França, 1962.
9. CHRISTIAN DUGUAY. **Joana d’Arc**. EUA, 1999.
10. BESSON, Luc. **O Mensageiro: A história de Joana d’Arc**. França, 1999.

## ÍNDICE:

<b>EM DEFESA PRÉVIA.....</b>	<b>II</b>
<b>CENÁRIO HISTÓRICO .....</b>	<b>VI</b>
<b>INTROITO.....</b>	<b>1</b>
<i>Basílica de Latrão, 1449 .....</i>	<i>2</i>
<i>Uma Aldeia Qualquer no sul da França, 1442. ....</i>	<i>5</i>
<b>PARTE I O PADRE .....</b>	<b>15</b>
<i>Uma Vocação Sacerdotal .....</i>	<i>16</i>
<i>Um Cura de Aldeia.....</i>	<i>28</i>
<i>Vede e Julgai, Senhor!.....</i>	<i>34</i>
<i>Secaram, Porque Não Tinham Raízes.....</i>	<i>39</i>
<b>PARTE II O CÉTICO.....</b>	<b>45</b>
<i>Alea Jacta Est.....</i>	<i>46</i>
<i>Uma Nova Vida .....</i>	<i>55</i>
<i>O Cigano .....</i>	<i>65</i>
<i>Do Capitólio à Rocha Tarpeia .....</i>	<i>78</i>
<i>A Mesma Aldeia, Algum Tempo Depois .....</i>	<i>94</i>
<b>PARTE III O JUIZ.....</b>	<b>99</b>
<i>Novembro de 1428.....</i>	<i>101</i>
<i>Reviravolta .....</i>	<i>113</i>
<i>Captura.....</i>	<i>121</i>
<i>Cartas .....</i>	<i>127</i>
<i>Início do Julgamento .....</i>	<i>140</i>
<i>Reclamos do Padre Martin l'Advenu .....</i>	<i>161</i>
<i>Entrevista na Prisão .....</i>	<i>153</i>
<i>1º Interrogatório Público — 21 de fevereiro.....</i>	<i>162</i>
<i>2º Interrogatório Público — 22 de fevereiro.....</i>	<i>169</i>
<i>3º Interrogatório Público - 24 de fevereiro.....</i>	<i>176</i>
<i>Violência.....</i>	<i>184</i>
<i>4º Interrogatório Público — 27 de fevereiro.....</i>	<i>189</i>
<i>5º Interrogatório Público — 1º de março.....</i>	<i>196</i>
<i>6º Interrogatório Público — 3 de março.....</i>	<i>204</i>
<i>Reclamos do Padre Martin l'Advenu II.....</i>	<i>220</i>
<i>1º Interrogatório Secreto - 10 de março .....</i>	<i>223</i>
<i>2º Interrogatório Secreto - 12 de março, pela manhã.....</i>	<i>226</i>
<i>3º Interrogatório Secreto - 12 de março, à tarde .....</i>	<i>230</i>
<i>4º Interrogatório Secreto - 13 de março .....</i>	<i>231</i>
<i>5º Interrogatório Secreto - 14 de março, pela manhã.....</i>	<i>235</i>
<i>6º Interrogatório Secreto - 14 de março, à tarde .....</i>	<i>239</i>
<i>7º Interrogatório Secreto - 15 de março .....</i>	<i>241</i>
<i>8º Interrogatório Secreto - 17 de março, pela manhã.....</i>	<i>246</i>
<i>9º Interrogatório Secreto - 17 de março, à tarde .....</i>	<i>249</i>
<i>Reclamos do Padre Martin l'Advenu III .....</i>	<i>253</i>
<i>Intervalo .....</i>	<i>257</i>
<i>Leitura dos 70 Artigos.....</i>	<i>267</i>
<i>Continuação dos 70 Artigos .....</i>	<i>276</i>

<i>Reclamos do Padre Martin l'Advenu IV</i> .....	286
<i>29 de março</i> .....	291
<i>Reclamos do Padre Martin l'Advenu V</i> .....	302
<i>31 de março, à noite</i> .....	303
<i>Reclamos do Padre Martin l'Advenu VI</i> .....	308
<i>1º de abril</i> .....	309
<i>Os Doze Artigos</i> .....	313
<i>Envenenamento</i> .....	324
<i>Admoestação Pública</i> .....	332
<i>Vésperas</i> .....	340
<i>Na Câmara de Torturas</i> .....	347
<i>Uma Confissão</i> .....	358
<i>19 de maio</i> .....	365
<i>Outra Entrevista</i> .....	373
<i>Visita dos Bispos</i> .....	378
<i>Remorsos</i> .....	386
<i>Término do Julgamento</i> .....	392
<i>A Cena no Cemitério</i> .....	399
<i>Relapsa</i> .....	410
<i>A caminho da fogueira</i> .....	417
<i>Reclamos do Padre Martin l'Advenu VII</i> .....	422
<i>O Post-Scriptum</i> .....	435
<b>PARTE IV RECLAMOS DO PADRE MARTIN L'ADVENU</b> .....	<b>452</b>
<i>VIII</i> .....	453
<i>IX</i> .....	459
<i>X</i> .....	467
<i>XI</i> .....	474
<b>EPÍLOGO</b> .....	<b>480</b>
<i>Basílica de Latrão, 1455</i> .....	481
<i>Rouen, 1456</i> .....	484
<i>Algum Ponto na Estrada, 1456</i> .....	502
<i>Resende, Quinhentos e Cinquenta Anos Depois</i> .....	516
<b>ANEXOS</b> .....	<b>519</b>
<i>Bula “Unam Sanctam Ecclesiam Catholicam”</i> .....	520
<i>Carta endereçada pela Universidade de Paris ao Santo Padre o Papa, ao Imperador e ao Sagrado Colégio dos Cardeais</i> .....	522
<i>Íntegra da Sentença de Reabilitação de Joana d’Arc</i> .....	524
<b>BIBLIOGRAFIA:</b> .....	<b>529</b>
<b>ÍNDICE:</b> .....	<b>531</b>